



IHRGS



FAHIMTB



ACANDHIS



RI Rio



RI Bragança



RI Moura



RI Extremos



Dragões de
Rio Pardo



RI Art Rio



RI São Paulo



RI S. Catarina



RI e Art RGS



Guerrilhas

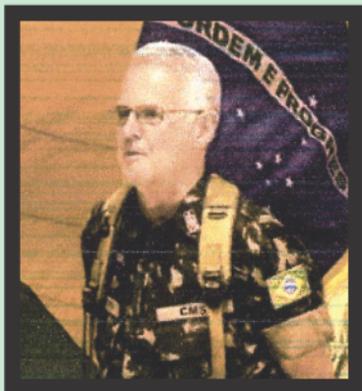


Esquadilha do
Brasil Colônia

1774 - 1776

A GUERRA DA RECONQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL AOS ESPANHÓIS, PELO EXÉRCITO DO SUL E SUAS GUERRILHAS E PELA ESQUADRILHA NAVAL DO VICE REINADO DO BRASIL

Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO



Como Comandante Militar do Sul, sinto-me honrado em redigir as abas do livro **1774-1776 - A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos Espanhóis, pelo Exército do Sul e suas Guerrilhas e pela Esquadriha Naval do Vice Reinado do Brasil**, de autoria do Coronel Cláudio Moreira Bento, do qual fui aluno de História Militar na AMAN em 1978 e do qual tive a honra de prefaciá-lo, como Comandante Militar da Amazônia, a 2ª edição do livro **Amazônia Brasileira Conquista, Consolidação, Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia (1616-2017)**. E juntos planejamos o bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio, em Canguçu-RS, onde ele atuou como capitão de 1945-1949, na consolidação da Paz Farroupilha.

Desde o século XVI, a Bacia do Prata foi alvo da disputa entre Portugal e Espanha. Os jesuítas da Companhia de Jesus, apoiados pelos espanhóis, fundaram os Sete Povos das Missões, dominando parte dos atuais territórios da Argentina, Uruguai e do Rio Grande Sul. Por sua vez, Portugal ameaçou a hegemonia espanhola no Rio da Prata com a fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, defronte a Buenos Aires.

No século XVIII, os tratados entre lusitanos e hispânicos buscaram redefinir os limites de acordo com a ocupação efetiva de cada nação. Os vários acordos descontentaram os castelhanos, que fundaram Montevidéu em 1726 com portenhos.

Em contrapartida, e visando garantir o controle da região sul, em 1737 o Brigadeiro José da Silva Pais, à frente de Dragões de Minas e soldados de Infantaria, desembarcou no Continente do Rio Grande sob a proteção

de tropeiros do Coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, instalando o presídio Jesus-Maria-José, primeiro núcleo oficial do Rio Grande do Sul.

Considerado um dos mais importantes acordos diplomáticos do século XVIII, o Tratado de Madri, de 1750, reivindicou o princípio do "uti possidetis" para a definição das fronteiras lusas e espanholas. Pelo tratado, Portugal cedia a Colônia de Sacramento, recebendo em troca os Sete Povos das Missões.

Esse acordo gerou as Guerras Guaraníticas, entre 1753 e 1756, causada pela recusa dos jesuítas e indígenas a se retirarem para oeste do Rio Uruguai, abandonando as Missões, ou aceitar o domínio português.

Novo conflito entre Portugal e Espanha, levou o General Pedro de Ceballos, Governador de Buenos Aires, e opositor ao Tratado de Madri, a atuar militarmente para conquistar parte do território luso-brasileiro no Rio Grande de São Pedro.

Nesse momento histórico, se insere a epopeia do General João Henrique Böhn, Comandante do Exército do Sul, com a contraofensiva para a reconquista de parte do território luso-brasileiro. Essa Guerra da Reconquista do Rio Grande (1774-1776) compreende a expulsão dos espanhóis de São Martinho, do forte de Santa Tecla e da Vila do Rio Grande.

Para resolver essas contendas, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, anulando o de Madri. Mais uma página interessante sobre a história do Rio Grande, cujos episódios definiram, pelas armas, o destino brasileiro do Rio Grande do Sul.

A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis é uma verdadeira aula da história do Rio Grande, na qual a participação da expressão militar é inegável, sendo uma fonte idônea para civis e militares interessados em obter uma compreensão mais detalhada da história militar terrestre do Brasil meridional, a qual o autor desenvolveu em 21 livros no **Projeto História do Exército no Sul** com parcerias nas quais se destacou o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, que prefacia a presente obra.

Gen Ex Geraldo Antônio Miotto
Comandante Militar do Sul

O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive.

Padre Antônio Vieira

Um livro aberto é um cérebro que fala. Fechado e um amigo que espera. Esquecido, uma alma que perdoa. Destruido, um coração que chora.

Dito Popular

Não cora o livro de ombrear com o sabre. Nem cora o sabre de chamá-lo irmão.

Castro Alves



FAHIMTB



IHTRGS



ACANDHIS

1774-1776
A GUERRA DA RECONQUISTA
DO RIO GRANDE DO SUL AOS
ESPAÑHÓIS, PELO EXÉRCITO DO
SUL E SUAS GUERRILHAS E PELA
ESQUADRILHA NAVAL DO VICE
REINADO DO BRASIL

CLAUDIO MOREIRA BENTO

1ª Edição
2019

Gráfica Drumond
Barra Mansa - RJ

2019 - Copyright© do autor
1ª edição - Claudio Moreira Bento

Composição da capa: Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf
Bento. Grande Colaborador da FAHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila

Revisão: Manoelina G. F. de Carvalho

Pedidos desta obra:

Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil
Rua Alfredo Whately, 365 Bl. 2 Apto. 603 - Cond. Porto Aquárius
Campos Elíseos - Resende - RJ
Tel: (24) 99924-7757
E-mail: bento1931@gmail.com

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**

POUPEX
Associação de Poupança e Empréstimo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP-Brasil

BENTO, Claudio Moreira. 1774-1776 - A guerra de reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis, pelo exército do sul e suas guerrilhas e pela esquadilha naval do vice reinado do Brasil. Barra Mansa, RJ: Gráfica Drumond, 2019.

460-p 21cm

ISBN: 978-65-5031-0196

- 1- Brasil História Militar 1774-1776
- 2- Rio Grande do Sul História Militar 1774-1776
- 3- Santa Catarina História Militar 1774-1776
- 4- Böhn, João Henrique 1708-1782

CDD 981.65

Sumário

Descrição das capas.....	13
Prefácio.....	14
Apresentação	16
Tenente General João Henrique Böhn.....	20
Introdução	25
Antecedentes	26
Paulistas fundam Laguna e inauguram o ciclo dos tropeiros	28
A Frota de João de Magalhães 1722.....	28
Governo de São Paulo incentiva o estabelecimento de estâncias.....	29
Paulistas apoiam por terra a fundação do Rio Grande	24
Estâncias e hervalis jesuíticos no Rio Grande.....	35
Paulistas e Cariocas no Exército Demarcados.....	35
A primeira invasão do Rio Grande do Sul - 1763	36
Paulistas reforçam o Rio Grande ameaçado de invasão	36
Fundação de Santa Tereza	37
Rendição de Colônia do Sacramento.....	37
Morte de Gomes Freire de Andrade.....	37
Dragões e paulistas na vitória de Monte Grande	38
Vice Reino no Rio – Desamparo de Santa Tereza.....	39
A culpa pela perda da Vila de Rio Grande	41
Forte do Estreito de Taquari	42

Assalto frustrado à Vila de Rio Grande.....	43
Reconquista da margem norte – contribuição paulista (alegoria).....	44
A segunda invasão do Rio Grande do Sul - 1773-1774	45
A eficiência da Guerra de Guerrilhas.....	46
Invasão do Rio Grande – Fundação de Santa Tecla	46
Protesto de Vertiz y Salcedo contra as guerrilhas	48
Derrota de invasor em Tabatingá	49
Uma ação retardadora modelar	49
Fortes de São Martinho e Santa Tecla – Grandes Ameaças.....	50
Guerra de Reconquista do Rio Grande aos espanhóis pelo Exército do Sul e suas guerrilhas ao comando do Tenente General Henrique Böhn e pela Esquadilha naval do Vice Reino do Brasil.....	50
Reação a invasão em Portugal.....	50
O apoio das guerrilhas do Exército do Sul	51
Constituição e concentração do Exército do Sul.....	52
Apoio econômico de engenharia e naval ao Exército do Sul	53
Conquista do Forte São Martinho	54
Um insucesso naval - Explicação	55
Conquista de Santa Tecla.....	56
Momentos Críticos no cerco de Santa Tecla.....	57
Ataque a Vila do Rio Grande.....	57
Dispositivo inimigo em Rio Grande	58
Dispositivo português em São José do Norte.....	58

Destacamento de assalto 1ª Fase.....	59
Primeira fase de ataque	59
Ataque principal – o 2º Destacamento.....	59
Duas cabeças de praia na margem sul.....	60
Capitulação e evacuação da Vila de Rio Grande.....	61
Espanhóis retiram-se para Santa Tereza.....	62
Reação na Espanha à reconquista de Rio Grande	63
Dispositivo de Expectativa do Exército do Sul	63
O Tratado de Santo Ildefonso 1777 – Fim da Guerra.....	66
Período de Paz e Progresso no Rio Grande	67
O valor de um pensamento militar.....	68
Artigos de Guerra do Conde de Lippe	69
Memórias do Ten Gen John Henrique Böhn, sobre a Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis, no Comando do Exército do Sul e suas guerrilhas nas serras dos Tapes e Herval	74
Ano de 1774	74
A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul (1774-1776).....	75
Ano de 1775	90
Ano de 1776	156
Ano de 1777	226
Ano de 1778	272
Ano de 1779	309
260 notas do autor as cartas do Tenente General Böhn ao Vice Rei Marquês do Lavrado	315

Autoridades militares portuguesas de terra e mar atuando direta ou indiretamente no Rio Grande do Sul, quando de sua reconquista pelo Exército do Sul 1775/1778	388
Autoridades de terra	388
Autoridades navais	393
Autoridades militares espanholas de terra e mar, atuando no Rio Grande do Sul, quando de sua reconquista pelo Exército do Sul	394
Autoridades de terra	394
Autoridades navais	395
Análise Militar Crítica da Guerra 1763-1777 no Rio Grande do Sul e Santa Catarina atuais, com apoio na Memória do Ten Gen Henrique Böhn, à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar, constantes do capítulo 4 de meus livros editados pelo Estado-Maior do Exército: “Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro” edições de 1978 e 1999. A última disponível para ser baixada no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br	396
Operações militares.....	403
Análise militar crítica – a que produz Sabedoria Militar.....	404
Chefia e Liderança	410
Qualidades de Chefia.....	412
Disciplina da Tropa	413
Relacionamento entre Comando e comandados	414
Diversos	415
O Homem Brasileiro	417
Apoio Administrativo.....	419
Alimentação	420

Acampamento	422
Saúde	423
Artilharia de Costa	424
Artilharia de Campanha.....	424
Meios de Transporte	425
As Comunicações.....	425
Material de Transposições de Cursos D'água	425
Fardamento e Equipamento	426
Cavalos	427
Mobilização	427
Operações	429
Vias de penetração espanholas.....	429
Vias de penetração luso-brasileiras.....	433
Conclusões	437
Planos de defesa da Vila de Rio Grande em 1777, contra o general D. Pedro Cevalhos.....	438
Plano do Cel José Marcelino de Figueiredo.....	439
Plano do Tenente General Henrique Böhn	440
Referências Bibliográficas.....	441
Finalização presente trabalho	445
Posfácio	446
Currículo cultural do Cel Claudio Moreira Bento.....	453

Índice das Ilustrações

Peças de uniformes de soldados no sec. XIII, segundo História do Exército 1922	12
Guerra do Sul 1763-1777 – Situação Geral.....	24
Tratado de Tordesilhas.....	26
Colônia do Sacramento 1735	27
Fundação da Colônia do Sacramento 1680	27
Fundação do Rio Grande por Silva Pais	30
Forte de Jesus-Maria-José do Rio Grande	31
Fortificação do Estreito do Rio Grande de S. Pedro em invocação de Santa Anna	31
Operações do Brigadeiro Silva Paes no Rio Grande fev/out 1737	32
Os Dragões do Rio Grande.....	33
Tratado de Madri 1750	34
Alexandre de Gusmão	34
Gomes Freire de Andrade	38
Ceballos invade o Rio Grande em 1763.....	39
Invasão de Caballos 1763	40
Brigadeiro Fernandes Pinto Alpoim.....	41
Forte Taquari	42
Estância de Manoel Marques de Souza.....	43
Alegoria da expulsão dos espanhóis de S. José do Norte pelo Cel José Marcelino	44
Capa livro: O Brigadeiro José Custódio de Sá Farias	45
D. Juan José Vertiz y Salcedo	46
Invasão do Rio Grande por Vertiz Y Salcedo	47
Cel José Marcelino de Figueiredo.....	47
Alegoria da vitória de Tabatingá.....	49
Marquês de Pombal	50
Campanha do Rio Grande 1763-1777 – Concentração portuguesa	52
Ataque de surpresa ao Forte São Martinho por Rafael Pinto Bandeira.....	54

Capitão de Mar-e-Guerra George MacDouall.....	55
Conquista de Santa Tecla.....	56
Dispositivo espanhol e português	58
Reconquista da Vila do Rio Grande em 1º abril 1776 1ª fase.....	59
Ataque naval dos fortes do Triunfo e Ladino	60
3ª fase do Ataque – Final das Operações	61
Tedéum na Igreja São Pedro do Rio Grande	62
Rafael Pinto Bandeira	64
Mello no Uruguai.....	65
Rei D. José I.....	65
Rainha D. Maria I – A Piedosa.....	65
Tratado de Santo Ildefonso 1777.....	65
Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu	67
Situação atual face ao Tratado de Madrid 1750.....	68
Rafael Pinto Bandeira	97
Dragões do Rio Grande.....	99
Gaudérios vagabundos dos campos	100
Índios que eram usados como tropas militares.....	100
Vice Rei do Brasil – Marques do Lavradio.....	101
Carta da Vila de Rio Grande e sua ligação através de entrada com o sangradouro da Lagoa dos Patos, com o local onde desembarcou, Silva Pais em 1737	223
Alegoria de Rafael Pinto Bandeira “e su horror de negros valientes que el temor no conociam”	266
Marechal Diogo Jacques Funk.....	313
Invasão do RGS por Vertiz Y Salcedo 1773-1774	430
Via de Penetração.....	434
Vias de penetração portuguesas no território espanhol, ou Espanha no Rio Grande do Sul na Guerra 1763-1777	435
Fortificações e bases de guerrilhas no Rio Grande do Sul.....	444

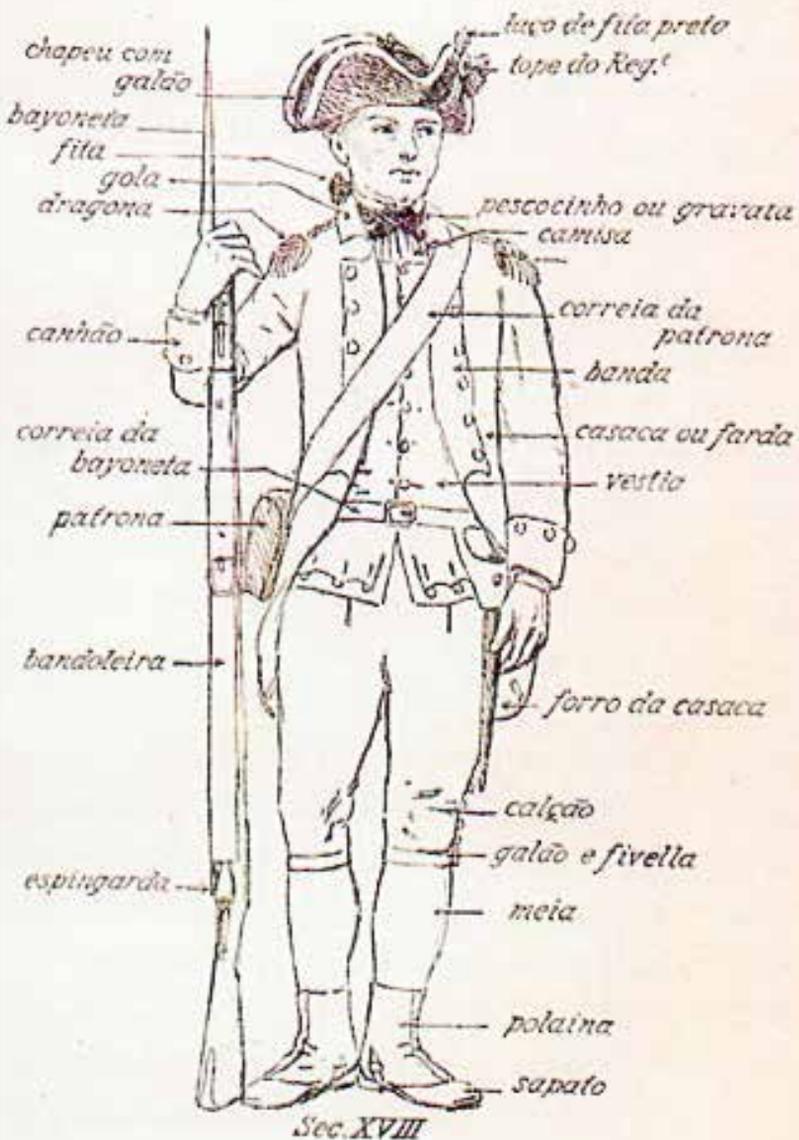


FIG. 3

Fonte: BARROSO, Gustavo et RODRIGUES WASTH. Uniformes do Exército Brasileiro 1922.

DESCRIÇÃO DAS CAPAS

Na primeira capa os uniformes das principais unidades que participaram da Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis em 1774-1776, com apoio na obra UNIFORMES DO EXÉRCITO BRASILEIRO 1730-1822. Paris: A. FERROUD - F. FERROUD, rua 127, Boulevard Saint Germain. Publicação oficial do Ministério da Guerra, comemorativo ao Centenário da Independência do Brasil. Aquarelas e Documentação de J. Wash Rodrigues e texto de Gustavo Barroso.

Na parte superior, da esquerda para a direita, os brasões do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e da Academia Canguçuense de História, entidades fundadas e presididas pelo autor e com expressivos acervos de História Militar Terrestre do Brasil, em especial do Exército Brasileiro. No conjunto de fotos de uniformes nesta parte, da esquerda para a direita, os regimentos de Infantaria do Rio de Janeiro. Enviados de Portugal, os de Bragança, Moura e Extremoz e, fardado com o uniforme de Brigadeiro, Rafael Pinto Bandeira, o mais destacado comandante das guerrilhas nas serras dos Tapes e Herval, onde atuou como Major dos Dragões do Rio Grande, com parada em Rio Pardo.

Na parte inferior, da esquerda para a direita, os uniformes dos Regimentos de Infantaria de São Paulo e Santa Catarina, o Regimento de Infantaria e Artilharia do Rio Grande do Sul, o Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro e o Regimento dos Dragões do Rio Grande do Sul.

Na quarta capa, as três fases do bem sucedido ataque pelo Exército do Sul à Vila de Rio Grande, há 13 anos sob domínio espanhol. Ataque que é explicado no interior do livro.

Nem todas as tropas que participaram da reconquista tiveram seus uniformes descritos no citado Uniformes do Exército. Os da Guarda do Vice-Rei e outras tropas serão apresentados no texto.

PREFÁCIO



Luiz Ernani Caminha Giorgis

Coronel de Infantaria e Estado-Maior

Presidente da Academia de história Militar Terrestre/Rio Grande do Sul

Entre 1763 e 1776, uma terça parte do território do atual Rio Grande do Sul esteve sob ocupação espanhola, sob ação do espanhol Governador de Buenos Aires Don Pedro Antonio de Cevallos Cortés y Calderón (1715-1778).

Desde 1680, quando foi fundada a Nova Colônia do Santíssimo Sacramento, às margens esquerdas do Rio da Prata, espanhóis e lusitanos terçaram armas em luta pelo poder na região.

Processo histórico que perdurou por mais de 120 anos e que dele, ainda depois, perduraram restolhos e desdobramentos importantes.

A parcial ocupação espanhola do território do antigo Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul durante 13 anos gerou reações e demandas de vulto por parte da coroa portuguesa, na época nas mãos do rei Dom José I e de seu Primeiro-Ministro Conde de Oeiras e Marquês do Pombal Dom Sebastião José de Carvalho e Melo que, de Lisboa, orientou a luta contra os espanhóis, na época sob a coroa de Dom Carlos III.

Como parte do processo, avulta de valor a reconquista da região de Rio Grande em 1º de abril de 1776. A análise desta batalha merece ser bem realizada, mormente porque envolve a travessia de um curso d'água

de considerável largura e o subsequente, e não menos importante, o ataque de surpresa às posições espanholas.

Destacaram-se na luta homens de relevante valor como José Marcelino de Figueiredo, General João Henrique Böhn, José Custódio de Sá e Faria, Rafael Pinto Bandeira, Manuel Marques de Souza I, entre outros e, vale dizer, dentro dos postulados doutrinários de um dos maiores reformuladores da doutrina e da disciplina do Exército Português o alemão nascido em Londres Friedrich Wilhelm Ernst zu Schaumburg-Lippe – o Conde de Lippe.

O historiador militar Coronel Cláudio Moreira Bento traz, relatos, críticas, apreciações, reflexões e propostas que, mesmo depois de 240 anos, merecem ser fonte de referência para formulações doutrinárias em operações anfíbias deste tipo.

A obra do Coronel Bento é pioneira e o assunto é relativamente desconhecido da maior parte da historiografia portuguesa da brasileira e da do Rio Grande do Sul.

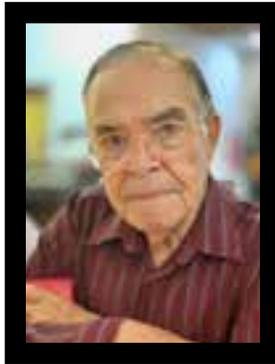
Utilizando-se de fontes primárias inéditas, como as cartas do General Böhn ao Vice-rei do Brasil Marquês do Lavradio, Dom Antônio de Almeida Soares Portugal, além da apresentação esquemática das ações bélicas, o autor esmiúça o emprego das forças luso-brasileiras nos combates.

As notas ao texto, do autor a partir da página 252, revestem-se de especial valor, posto que esclarecem pontos e passagens importantes do miolo do livro.

Mais uma obra da nossa Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil em seus 23 anos de atividade profícua que, em vias de extinção, procura para ter continuidade através de sua AHIMTB federadas agora independentes, deixa para os posteridade uma magnífica e preciosa obra de relevante valor histórico.

Parabéns Coronel Bento parceiro de tantas obras...

APRESENTAÇÃO



Cel. Cláudio Moreira Bento

Presidente da Federação de Academias de História
Militar Terrestre do Brasil

A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos Espanhóis nas Guerras do Sul (1763-1777), segundo classificação adotada pelo Estado-Maior do Exército em seu manual Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras, trata-se de episódio importante, porém pouco conhecido e pouco divulgado de nossa História Militar, ocorrido a tempo em que os Estados Unidos tornou-se independente da Inglaterra.

A Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos Espanhóis abrange a contraofensiva que culminou com a reconquista, aos espanhóis, da Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, seguida da consolidação dessa posição reconquistada; tudo ao comando do Tenente-General Henrique Böhn.

A contraofensiva foi conduzida com o Exército do Sul sediado em São José do Norte, e as guerrilhas atuando na campanha baseadas nas serras dos Tapes e Herval, e a consolidação da reconquista, com o mesmo exército estabelecido na Vila do Rio Grande e arredores.

As Memórias do General Böhn trata-se de fonte primária inédita, escrita em francês, no Brasil; em seu todo é pouco explorada. É básica e

de suma importância para a história do Rio Grande do Sul e para a História Militar do Brasil, naquele período. Esta guerra era pouco conhecida no Brasil, até 1976, quando o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), presididos, à época, pelo professor Pedro Calmon e pelo General Jonas Correia, respectivamente, promoveram o simpósio comemorativo deste histórico evento.

Naquela ocasião vieram a lume, em francês, as “Memórias do General Böhn”, até então inéditas, no seu todo, no Brasil. Achavam-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. De lá, foram trazidas, copiadas, para o Brasil, por Abeillard Barreto, grande autoridade em fontes históricas do Rio Grande do Sul, no Brasil e no exterior.

Anteriormente, havia sido realizada excelente e esclarecedora pesquisa sobre o assunto, pelo Coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro, então organizador e primeiro diretor do Arquivo Histórico do Exército.

Sua pesquisa, sob o título “Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul” (1763-1777), foi publicada na revista Militar Brasileira nos anos de 1935 e 1936. Com tiragem limitada, teve pouca difusão e aproveitamento, particularmente entre os historiadores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que não chegaram a conhecê-la. Rego Monteiro, nesta modelar obra não dispôs, das Memórias do Tenente-General Böhn, o que ressalta ainda mais, o seu valor.

As Memórias de Böhn só foram publicadas, em francês, em 1975, nos anais do simpósio comemorativo do bicentenário do Rio Grande. Rio: IHGB, 1975, 3v, pp. 9-230.

Visando colocá-la no Brasil a serviço dos interessados, estudiosos em geral, e pesquisadores das Histórias Militar do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo, iniciamos o nosso projeto, ainda em 1980.

Com o concurso do Coronel Nei Paulo Panizzutti, conhecedor do idioma francês, além de ser professor de português na Academia Militar das Agulhas Negras, onde éramos instrutores de História Militar, desde 1978, teve início a tradução das Memórias do Tenente-General Böhn, a par dos nossos conhecimentos de História Militar, para determinar o sentido de certos termos usados por Böhn, na terminologia militar, e

realizarmos uma análise militar crítica, à luz do fundamentos da ciência e arte militar, para deles colhermos sabedoria militar, sob a forma de ensinamentos sobre os erros e acertos cometidos, com potencial para contribuírem para o desenvolvimento da doutrina do exército, bem como da instrução dos seus quadros e tropa e preservação de seu valioso patrimônio histórico e cultural acumulado em cinco séculos.

Tendo em vista um melhor aproveitamento das memórias por parte dos leitores interessados e pesquisadores em Geral e, particularmente, dos ensinamentos militares que elas sugerem aos profissionais do exército brasileiro, relativos às operações comandadas por Böhn, introduzimos os seguintes elementos complementares:

- Índice Geral - o mais detalhado possível, para recuperar as informações contidas neste livro;
- Elaboração, à guisa de introdução, de uma síntese intitulada “A Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul, comandada pelo Tenente-General João Henrique Böhn e a que se refere as suas memórias”, com início no Tratado de Tordesilhas de 1494;
- Traços biográficos do Tenente-General João Henrique Böhn;
- Inclusão de 260 notas, com apoio em importantes fontes, citadas nas convenções às notas, o máximo de conhecimento sobre o assunto;
- Introdução de índice contendo os nomes das autoridades de terra e mar, portuguesas e espanholas, envolvidas na luta pela posse do Rio Grande do Sul;
- Introdução dos artigos de guerra do Conde de Lippe, que mantiveram a disciplina do Exército do Sul;
- Introdução, na medida do possível, de ilustrações esclarecedoras, a cores, de pesquisas realizadas pelo autor;
- Introdução de Análise Militar Crítica da Guerra de Reconquista do Rio Grande, à luz das Memórias de Böhn, dos pontos de vista: operações militares; chefia e liderança; o homem brasileiro e apoio administrativo. Ítens solicitados e apreciados pelo Estado-Maior do Exército em seu programa de pesquisas histórico-militares, no curso de História Militar da AMAN, em 1978;
- Comparação dos planos do Tenente-General Böhn, comandante do Exército do Sul, e o do Coronel José Marcelino de Figueiredo,

governador do Rio Grande, para reconquistar a Vila de Rio Grande; e

- O máximo de ilustrações possível.

Acreditamos firmemente que o presente trabalho represente significativa contribuição para melhor conhecimento, preservação e difusão da Cultura Militar Brasileira, no Sul e, particularmente, no Rio Grande do Sul desde então, admirável aos olhos do tenente-general Böhn, em que pese o Rio Grande do Sul possuir, na época, somente 40 anos de fundação portuguesa.

O que viu e anotou o Tenente-General Böhn, militar de escol, é por demais lisonjeiro à terra e à gente do Rio Grande.

Espero que este trabalho seja útil em tempos de internet, de inteligência artificial, ataques cibernéticos, 7D e de desenvolvimento tecnológico e descarte no mundo das lições da história quando ele mais delas necessita, segundo o conceituado historiador americano Timothy Snyder, professor de história em Yale, em entrevista ao programa milênio da TV Globo. Estaria este descarte da história ocorrendo no Brasil, e, em especial com a sua História Militar? Confirmação ou não que deixo a cargo de autoridades com responsabilidade constitucional pela preservação, pesquisa e divulgação da História do Brasil e, em especial, a de sua História Militar, intimamente ligada à Defesa Nacional, o que se, confirmado, seria um voo cego para um futuro insondável que poderia a nossa nação acordar escrava. Creio que é problema a merecer a melhor das atenções!!!

TENENTE-GENERAL JOÃO HENRIQUE BÖHN (1708-1783)

O autor das *Memórias*, personagem central do presente trabalho, passou a ser conhecido na História do Brasil, ao ter seu nome, alemão, Johann Heinrich Böhn, traduzido para o português.

Em sua correspondência particular, assinava - Joan Henri. Abeillard Barreto em sua monumental **Bibliografia Sul-Rio-Grandense** o trata de João Henrique de Boehn, talvez por ser ele Barão de Böhn.

Significação histórica

Coube-lhe organizar e comandar o Exército do Sul, que atuou no Rio Grande do Sul (1775-1779), na Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul (1774-1776), expulsando os espanhóis de São Martinho (1º de outubro de 1775), Santa Tecla (1776) e Vila do Rio Grande (1º de abril de 1776), contribuindo assim, para definir, à época, e pelas armas, o destino brasileiro da mais meridional unidade da Federação. Destino confirmado pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1774.

Naturalidade, contratação e perfil militar

Böhn nasceu na cidade de Bremen, no ano de 1708. Cidade que governou militarmente a serviço da Inglaterra, em 1764, como coronel e barão, antes de ser contratado, em caráter definitivo e vitalício, aos 57 anos, pelo Exército de Portugal, como assessor militar do Marquês de Pombal. O contrato concedeu-lhe a condição de conde honorário e marechal-de-campo, por Portugal, com 3.000 cruzados/ano e ajuda de custo/ano de 200 moedas de ouro, de 4.800 réis, pagáveis em Londres, Amsterdam e Bremen, conforme seu desejo. Teria, ainda, o direito, em caráter permanente, a uma pequena carruagem com cavalos e mais alguns de montaria para

lazer e exercícios de equitação. Böhn chegou ao Brasil em 5 de outubro de 1767, para aqui introduzir a Doutrina do Conde de Lippe, seu mestre, ao lado do qual lutara na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) na Europa e que auxiliara em Portugal, quando o Conde de Lippe foi contratado para reorganizar o seu Exército, ao ser invadido pela Espanha em 1762. Lippe o indicou a Portugal por tê-lo na conta de "enérgico, valente e disciplinador".

Ao ser enviado ao Brasil, foi acompanhado do perfil militar traçado por Pombal: "é um guerreiro consumado, por ciência, experiência, valor, probidade e cortesia". Chegou ao Rio em companhia da esposa, Agnes Judith Sibilly von Dinklage, que faleceu no Rio, por volta de 1775. Veio investido das funções que exerceu até morrer: Inspetor Geral, Comandante e Administrador de todas as tropas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia do Vice-Reino do Brasil, tendo como superior imediato o Vice-Rei, desde que este não contrariasse instruções que recebera de Portugal.

Missão militar do Tenente-General Henrique Böhn no Brasil

Integraram a comitiva de Böhn três regimentos de Infantaria (os de Moura, Bragança e Extremoz) e cerca de 70 oficiais já familiarizados com a Doutrina Militar do Conde de Lippe, aprovada por Portugal e a ser introduzida no Brasil, corporificada em cerca de 13 regulamentos. Segundo Henrique O. Wiedersphan, "foi uma verdadeira Missão Militar" visando a uniformizar e unificar o Exército Colonial do Brasil e subordiná-lo a um Comando Geral Superior - o Vice-Rei. Até então o Exército Colonial do Brasil não possuía uma Doutrina Militar padrão. Ela seguia as indicações, caprichos e conhecimentos de cada comandante de tropa, além das nuances de cada capitania. Böhn baseou seu plano de manutenção do Rio Grande na fortificação das bases militares terrestres e navais do Rio de Janeiro e Ilha de Santa Catarina. A primeira, com o concurso dos engenheiros militares Marechal Jacques Funck, Coronel José Custódio Faria e Capitão Francisco Roscio, teria sido transformada na praça mais bem protegida do mundo.

A influência cultural militar que exerceu Böhn por 16 anos na evolução doutrinária do Exército Brasileiro é expressiva e ainda não abordada em toda a sua plenitude.

A ação na reconquista do Rio Grande do Sul

O Tenente-General Böhn deixou o Rio de Janeiro em 1774, no comando do Exército do Sul, com a missão de, a partir de bases em São José do Norte, Porto Alegre e Rio Pardo, expulsar os espanhóis do Rio Grande do Sul, que o dominavam parcialmente há 13 anos, com bases na atual cidade de Rio Grande, em Santa Tecla, próximo a Bagé, e em São Martinho, próximo de Santa Maria atual.

De sua ação, que resultou na reconquista definitiva do Rio Grande do Sul, deixou escrita em francês a valiosa e pouco explorada fonte primária sob o título em português "Memórias Relativas à Expedição do Rio Grande (do Sul) da qual foi encarregado pelo rei D. José I, de 1774 ao final em 1779, contendo (51) cartas que escrevi ao Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Brasil".

Elas contêm aspectos inéditos sobre o Rio Grande do Sul, vistos por um espírito superior e um excelente cabo-de-guerra, já septuagenário, quando da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em outubro de 1777, que assegurou a paz no Sul.

Retorno do Rio Grande e morte no Rio

Retornando do Rio Grande, Böhn viveu quatro anos no Rio. No dia 17 de julho de 1782, quando fazia, aos 75 anos, seu costumeiro exercício de equitação pelos arredores do Rio, seu cavalo rodou. Em consequência, o velho cabo-de-guerra sofreu graves ferimentos aos quais sobreviveu por mais um ano. Por esta graça, converteu-se ao catolicismo, oito dias após. O fato teve grande repercussão no Rio, em todas as classes sociais. Foram celebrados diversos *Te Deum* em várias igrejas. A Irmandade dos Militares mandou celebrar missa, em ação de graças, muito concorrida, que contou com a presença do Vice-Rei e do Bispo do Rio Janeiro.

Ao falecer, foi sepultado no Convento de Santo Antônio, tão ligado às tradições militares no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, e a cristianização daquela região, até a criação do bispado com sede na mesma. Convento que abriga o altar de campanha que pertenceu ao Duque de Caxias e os restos mortais do ajudante-de-ordens do General Böhn, no Rio Grande, e que guiou o ataque principal à Vila do Rio Grande, em 1º de abril de 1776, o então Tenente de Dragões Manoel Marques de Souza, que pelos 50 anos seguintes foi um dos maiores fronteiristas do Rio Grande. Foi relevante a ação militar de Böhn, na definição do destino brasileiro do Sul e no processo evolutivo da doutrina militar terrestre brasileira que, com ele, viveu um dos seus maiores momentos. Ação Doutrinária que se prolongou por cerca de 30 anos após sua morte, até ser substituída pela do Marechal inglês Guilherme Carr Beresford - Duque de Elvas, implantada no Brasil e Portugal no contexto da luta para livrar Portugal da influência de Napoleão (1808-1815) e que foi adotada no Brasil até 1821.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil homenageou os 16 anos de relevantes serviços militares do Tenente-General Böhn, fazendo-o patrono de uma de suas cadeiras.

As 50 cartas que recebeu do Marquês do Lavradio, em resposta, estão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, (códice, 1-7, 4, 6) e publicadas no **Boletim do Centro Rio-grandense de Estudos Históricos**, nº 1, p.1-160.

Cel Claudio Moreira Bento

INTRODUÇÃO

A Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis, comandada pelo Tenente-General Henrique Böhn, à qual ele se refere em suas *Memórias*.

(À guisa de introdução às *Memórias* do Tenente-General Henrique Böhn, apresentamos uma síntese para melhor compreensão e aproveitamento por parte do pesquisador e do leitor interessados pelas informações nela contidas).

De 1763 a 1777, o Rio Grande do Sul foi envolvido, pela primeira vez, numa guerra. Sofreu duas invasões. Estas chegaram a controlar a maior parte de seu atual território. Ao final, houve forte e vitoriosa reação de Portugal, que conseguiu restaurar a soberania portuguesa na área e projetá-la, como a definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Para a reconquista do destino brasileiro da área, concorreram no esforço de guerra, sob o comando do Tenente-General Henrique Böhn, autor das *Memórias*, objeto principal deste trabalho, os atuais Estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Santa Catarina e Paraná e o Rio Grande do Sul.

Destaque-se a contribuição militar de civis paulistas, enviados durante a guerra, num fluxo contínuo para a fronteira do Rio Pardo. Unidos a um pugilo de civis rio-grandenses e, lado a lado, ombro a ombro, com bravos do Regimento de Dragões do Rio Grande (em Rio Pardo), ajudaram a conduzir a modelar guerra de guerrilhas contra o invasor, traduzidas pelas vitórias militares de Monte Grande - 1763, reconquista de São José do Norte - 1767, Santa Bárbara e Tabatingá - 1774, São Martinho - 1775 e Santa Tecla - 1776. As guerrilhas, por 10 anos, mantiveram as invasões circunscritas. Criaram condições para o Exército do Sul, com o concurso de guerrilhas nas serras dos Tapes e do Herval e de uma Esquadilha Naval, tudo ao comando do Tenente-General Henrique Böhn, completar a reconquista com a reconquista da Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776.

ANTECEDENTES

Bandeirantes rompem a linha do Tratado de Tordesilhas no Sul

Pelo Tratado de Tordesilhas de 1494, o Rio Grande teria sido domínio da Espanha.

Durante a união das duas coroas, 1580-1640, cinco bandeiras, de 1639 a 1641, numa operação de varredura, percorreram, sucessivamente, os vales dos rios Taquari, Jacuí, Ibicuí, Icamacuaã e Ijuí. Destruíram as 18 reduções jesuíticas que constituíam a Província do Tape. Marcaram o início da penetração, reconhecimento e exploração portuguesa do Rio Grande.



Em 1680, Portugal fundou a Colônia de Sacramento defronte a Buenos Aires. Em torno de sua posse, Portugal e Espanha lutaram, com denodo militar e diplomático, por 97 anos.

Da necessidade de aproximar o apoio militar do Rio de Janeiro a Colônia, decorreu o progressivo processo de devassamento, exploração, povoamento e conquista portuguesa do Rio Grande do Sul. O Rio de Janeiro o fazia por via marítima e São Paulo por via terrestre.



Paulistas fundam Laguna e inauguram o ciclo dos tropeiros

Dentro deste contexto, paulistas de São Vicente fundaram Laguna, em Santa Catarina, em 1688. Foi o primeiro centro populacional português da Região Sul do Brasil e, por muitos anos após, centro irradiador e base de apoio, para a exploração, povoamento e conquista do Rio Grande do Sul.

Em 1703, foi estabelecida a ligação terrestre Colônia-Laguna.

De 1705 a 1715, Colônia ficou em poder da Espanha. Em consequência, inaugurou-se o ciclo dos tropeiros. Ciclo caracterizado pela preia de manadas selvagens de cavalares e vacuns, das campanhas do atual Uruguai para Laguna, para onde eram transportadas inicialmente.

Após 1715, a atividade de preia de gado chimarrão intensificou-se. Objetivo: suprir, complementarmente, com força animal e alimentação, a atividade de exploração do ouro em Minas e Goiás. Para escoar a riqueza representada pelo gado do Sul, foram abertos caminhos pela Serra Geral. Eles integraram o litoral do Rio Grande ao restante da Colônia, a partir de Sorocaba-SP.

Nesta fase, destacou-se o grande tropeiro, mais tarde Coronel de Ordenanças, Cristóvão Pereira de Abreu. Prestaria relevantíssimos serviços, de grande projeção na integração do Rio Grande ao Brasil, nas fases de reconhecimento, exploração, conquista, fundação portuguesa e demarcação do Tratado de Madri.

Em 1723 fracassou a tentativa portuguesa de fundar Montevidéu.

Os portugueses foram desalojados. O local foi ocupado definitivamente por crioulos espanhóis, fato que, segundo alguns historiadores, contribuiu para definir o destino uruguaio da Região.

A Frota de João de Magalhães

Em 1722, partiu de Laguna uma pequena expedição terrestre. Ela passou à História como Frota de João de Magalhães. Acampou por cerca de dois anos na região de São José do Norte. Passou a

controlar todo o território litorâneo até Laguna e estabeleceu ligação com Colônia.

A frota protegeu o sangradouro da Lagoa dos Patos da interferência dos índios Tapes e dos espanhóis. Melhorou as condições, a proteção e os meios de travessia do sangradouro. Estabeleceu aliança com os índios Minuanos que habitavam o litoral e cobrou impostos de passagem de gado no registro que ali estabeleceu.

Governo de São Paulo incentiva o estabelecimento de estâncias

A partir de 1733, teve início, sob o incentivo do governo de São Paulo, a fixação em torno da região denominada genericamente de Viamão, das primeiras estâncias. A palavra viamão seria a corruptela da expressão "Eu vi a mão", alusão à semelhança apresentada pelo Rio Guaíba e seus formadores, com uma mão humana. O primeiro estancieiro foi o citado João de Magalhães. O segundo, Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael Pinto Bandeira, ambos com relevantes serviços militares prestados na guerra que iremos evocar. A segunda estância foi na região de Sapucaia do Sul.

Paulistas apoiam por terra a fundação do Rio Grande

Em 1736, os espanhóis submeteram a Colônia a rigoroso cerco. Do Rio partiu, em seu socorro, uma expedição ao comando do Brigadeiro Silva Pais com três objetivos: expulsar os espanhóis de Montevideu, livrar a Colônia do cerco espanhol e fundar o Presídio Jesus-Maria-José no Rio Grande atual. Foi apoiado por terra por estancieiros de Viamão e paulistas ao comando do Coronel Cristóvão de Abreu, que tinha por missão ocupar e manter o local da cidade do Rio Grande atual e estabelecer pontos de vigilância, à distância, nas regiões de Chuí e São Miguel. E ainda, reparar e enviar carne salgada para a expedição de Silva Pais em operações no Prata.

Por fatores ecológicos e militares adversos, Silva Pais não desalojou os espanhóis de Montevideú. Conseguiu fazer o inimigo levantar o cerco da Colônia. Então, retornou para cumprir o seu terceiro objetivo.



Ao entardecer do dia 19 de fevereiro de 1737, Silva Pais desembarcou no local da atual cidade do Rio Grande; logo após, encontrou a posição de Cristóvão de Abreu e 160 de seus bravos estancieiros viamonenses, tropeiros e aventureiros paulistas.

Conseguiu transpor a barra, somente com as galeras *Bonita* (capitânea) e *Santana* e o bergantim *Piedade*. Transportavam 260 homens de sua expedição.

Ao desembarcar, com seu Estado-Maior e religiosos, Silva Pais foi saudado com 36 disparos das armas de fogo, únicas disponíveis das tropas de Cristóvão de Abreu, e de 3 dos 4 pequenos canhões do fortim erigido no local, primeira fortificação portuguesa no Rio Grande.

Este fato é marco da fundação oficial portuguesa do atual Rio Grande do Sul. Contou com a decisiva cooperação de mineiros, paulistas e cariocas.

Presídio Jesus-Maria-José



A base militar fundada tomou o nome de Presídio Jesus-Maria-José. Seu fundador tratou de consolidá-la. Ergueu em terreno arenoso o Forte de Jesus Maria-José (da Praia).

A seguir, empenhou-se na construção da Fortaleza Nossa Senhora do Estreito, cuja planta original integra o acervo do Exército. Sua finalidade era proteger o Presídio pela retaguarda. Posteriormente, junto a ela, localizou-se a guarnição militar.

Reforçaram-se os redutos estabelecidos próximo do Presídio do Arroio e o da Mangueira e, mais distantes, Taim e Albardão.

Expedição ao Chuí e fundação de São Miguel



Silva Pais expedicionou ao Chuí de setembro a outubro de 1737. Seus objetivos eram ampliar a conquista e criar segurança, à distância, para o Presídio.

Seguiu por água, em acidentada viagem que incluiu dois naufrágios da falua que mandou construir para navegar a Lagoa Mirim. Acompanhou-o um contingente de infantaria. Por terra, a cavalo, seguiu Cristóvão Pereira, conhecedor da região, junto com seus homens e 15 dragões de Minas. Em São Miguel erigiu o forte de mesmo nome. Guarneceu-o com 30 soldados de infantaria da Expedição, originários do Rio de Janeiro.

No Arroio Chuí estabeleceu uma guarda com 15 dragões de Minas da sua Expedição. A ambas guarnições mandou pagar soldo dobrado, além de deixá-las apoiadas por homens de Cristóvão Pereira, conhecedores da região e, em grande número, tropeiros paulistas.

Ao retornar do Chuí, Silva Pais conheceu o Armistício de 16 de março de 1737, entre Espanha e Portugal, que estabelecia (cláusula

4ª): "As coisas na América ficarão como estão, ao lá chegarem as ordens de suspensão das hostilidades".

Portugal passou a dominar toda a faixa litorânea do Rio Grande.

Aproximou o apoio militar terrestre de Colônia do Sacramento. Os jesuítas haviam retornado ao Rio Grande por volta de 1680 e fundaram os Sete Povos das Missões.

Os Dragões do Rio Grande



Com Silva Pais teve início a formação do legendário Regimento de Dragões do Rio Grande, com uma companhia ao comando do 2º estancieiro a fixar-se em Viamão - Francisco Pinto Bandeira. Fora o subcomandante da força de Cristóvão de Abreu e feito Tenente de Dragões por Gomes Freire "por sua destacada capacidade", segundo Silva Pais. Em 1739, foi concluída a organização desse Regimento, cuja história se confundirá com a do próprio Rio Grande nos próximos 95 anos.

Tratado de Madri - Obra de um paulista de Santos



Alexandre de Gusmão - seu busto no Senado Federal

Em 1750, foi celebrado o Tratado de Madri, obra a qual muito se deve ao paulista de Santos, Alexandre de Gusmão, como Secretário Real de Portugal.

O Rio Grande, em razão de Portugal abrir mão de sua Colônia

de Sacramento, seria acrescido dos Sete Povos das Missões, cujos índios aldeados pelos jesuítas, deviam evacuá-los com todos os seus pertences. Seriam substituídos por imigrantes portugueses dos Açores. Estes formariam núcleos populacionais com 60 casais jovens, com uma espingarda por casal, entre outros itens. Evidência da preocupação com a defesa do território, além de seu povoamento.

Estâncias e hervais jesuíticos no Rio Grande

Em cerca de 70 anos de trabalho, os jesuítas estabeleceram no Rio Grande os Sete Povos ou Missões de São Nicolau, São Luiz, São Lourenço, São Borja, São Miguel, São João e Santo Ângelo e mais 11 estâncias, além de quatro hervais explorados pelos Sete Povos. Quatro estâncias eram exploradas pelos povos de mesmo nome do lado ocidental do Rio Uruguai. A revolta causada pela perda desse trabalho iria causar a Guerra Guaranítica de 1754-1756, deflagrada pela reação armada dos índios missioneiros, liderados pelos jesuítas, aos exércitos demarcadores de Espanha e Portugal.

Paulistas e cariocas no Exército Demarcador

Sob o comando do General Antônio Gomes Freire de Andrade e Castro, Capitão-General e Governador de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, atuou no Rio Grande por 6 anos e meio, o Exército Demarcador. Era constituído, além do Regimento de Dragões local, pelas seguintes unidades, num total de 1.600 homens: Regimento de Infantaria Velho do Rio de Janeiro (raiz histórica do Regimento Sampaio), Regimento de Infantaria Novo do Rio de Janeiro, contingente de Infantaria de Santos e duas companhias de aventureiros paulistas, sendo uma ao comando do intrépido Capitão Francisco Pinto Bandeira.

A reação guarani foi neutralizada nos combates de Caiboaté - 10 de fevereiro de 1756 - e Churiebi - 10 de maio de 1756.

Gomes Freire, ao retornar ao Rio em 1759, deixou plantadas

no Rio Grande as Fortalezas de Santo Amaro e Rio Pardo do Jacuí, assim como a de São Gonçalo, no Rio Piratini.

Como lembrança da permanência no Sul, do Exército Demarcador, existem quatro cartas panorâmicas, desenhadas pelo Coronel Miguel Ângelo Blasco, seu sub-comandante, até hoje conservadas pelo Arquivo Histórico do Exército em seu acervo.

Tenho-as explorado, largamente, como fontes primárias de alto valor, inclusive sobre os trajes civis usados pelas companhias paulistas que integraram o Exército Demarcador.

A PRIMEIRA INVASÃO DO RIO GRANDE DO SUL - 1763

Paulistas reforçam o Rio Grande ameaçado de invasão

Eventos adversos que culminaram com a invasão de Portugal em 1762, pela Espanha e pela França, a presença do General Pedro Ceballos, como Governador de Buenos Aires e Demarcador do Tratado de Madri, que tudo fez para torpedeá-lo, além de preparar-se militarmente, com tempo e ostensivamente, para conquistar Colônia e o Rio Grande, causou grande preocupação ao General Gomes Freire de Andrade.

Ameaçado estava todo o Brasil. Para remediar o desamparo militar do Rio Grande do Sul, impedido de socorrer, com suas melhores tropas coloniais localizadas no Rio, o General Gomes Freire de Andrade conseguiu arregimentar no Rio Grande cerca de 800 homens (dragões, milicianos e aventureiros), que seriam reforçados com 200 aventureiros paulistas; estes últimos, com assinalados serviços prestados na fundação do Rio Grande, na Demarcação no Sul e na Guerra Guaranítica.

Baseado na sua experiência de seis anos e meio no Sul, Gomes Freire ordenou a seguinte articulação: 1 - Deslocamento *do* grosso *do* Regimento dos Dragões do Rio Pardo para o Arroio Chuí. Era a única tropa de linha do Rio Grande, desde 1754 transferida da Vila de Rio Grande para o Rio Pardo. No Chuí, ficaria em condições de avançar e construir uma fortaleza, em Castilho, no caso de

um ataque à Colônia. 2 - Deixar, em Rio Pardo, 100 dragões mais experimentados e conhecedores da campanha rio-grandense e 200 paulistas que chegariam ao Sul.

Fundação de Santa Tereza

Após 12 dias de marcha forçada, por terra, do Rio Pardo ao Chuí, um contingente de dragões, ao comando do Coronel Thomaz Luiz Osório, atingiu seu destino em 10 de setembro de 1762, com 400 homens e 10 canhões pequenos.

Em 10 de outubro de 1762, o Coronel Osório, ao saber que o General Ceballos havia cercado a Colônia de Sacramento, deu início à construção de uma fortaleza em Castilhos. Batizou-a cinco dias após, como o nome de Santa Tereza, por consenso entre seus oficiais.

360 alquebrados dragões e 640 civis improvisados em militares defendiam uma extensa faixa de fronteira com início em Rio Pardo e término em Santa Tereza.

Rendição da Colônia do Sacramento

Ceballos atacou a Colônia de Sacramento em 1º de outubro, que rendeu-se cerca de um mês após, apesar dos socorros enviados do Rio.

Em Portugal, o despreparo material e moral do Exército, esquecido das glórias passadas de Aljubarrota e índias, resultou numa marcha triunfal do invasor. Cerca de 50 fortalezas caíram em poder do inimigo, sem resistência, apesar da reação ser dirigida pelo renomado técnico militar, Conde de Lippe, mandado pela Inglaterra em socorro a Portugal.

Morte de Gomes Freire de Andrade

Em 1º de janeiro de 1763, morreu no Rio de Janeiro, Gomes Freire, por desgostos acumulados em consequência da perda da

Colônia e pressões de comerciantes locais por aquele fato.

O General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador e Capitão-General do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, desde 1733, fora, por 29 anos, o arquiteto do processo da progressiva conquista portuguesa do Rio Grande, local onde permaneceu quase 1/4 do *seu* governo.

Abaixo, Gomes Freire.



Dragões e paulistas na vitória em Monte Grande

No dia da morte de Gomes Freire, sob o comando do Capitão Francisco Pinto Bandeira, tropas da fronteira do Rio Pardo, Dragões e 200 paulistas obtiveram retumbante e brilhante vitória em Monte Grande, nas proximidades da atual Santa Maria. Dentre os paulistas, muitos eram descendentes de bandeirantes e com experiência de lutas contra índios no Centro-Oeste. Confirmaram seu valor provado na fundação do Rio Grande e Demarcação. Entre eles despontaria a intrépida e legendária figura do Capitão Cipriano Cardoso Barros Leme que, junto com outros paulistas, prestaria relevantes serviços na guerra de guerrilhas contra o invasor, que foi decisiva para a reconquista.

Vice-Reino no Rio - Desamparo de Santa Tereza

Em 27 de janeiro de 1762 foi criado o Vice-Reino do Brasil, com Sede no Rio de Janeiro. Deslocou-se o centro do poder da Colônia, para fazer face, inclusive, à ameaça sobre o Sul.

A morte de Gomes Freire, menos de um mês antes, deixou a isolada trincheira de Santa Tereza desamparada militar, moral, administrativa e economicamente. Sua guarnição dependia do governador Eloy Madureira, na Vila de Rio Grande. Em Santa Tereza, o Coronel Osório, seus velhos e desmotivados dragões, com 32 meses de soldo em atraso, e um pugilo de improvisados militares, estavam cômnicos da adversidade da situação e de que pouco poderiam contar com o apoio, na conjuntura militar adversa, vivida por Portugal e seus domínios na América.

Ceballos invade o Rio Grande em 1763



D. Pedro Ceballos



Em sua marcha, Ceballos chegou a Santa Tereza. Seu comandante, por deficiência de informações e em função de ordens superiores que classificou de "infernais", perdeu a oportunidade ideal de retirar-se.

Decidida a resistência, 80% da guarnição de Santa Tereza desertou, em pânico, na noite de 18/19 de abril. Em 19 de abril, a trincheira capitulou, com os 150 homens que permaneceram fiéis ao Coronel Osório.

Com 3.000 homens, Ceballos prosseguiu. Conquistou o Forte de São Miguel. Em 24 de abril de 1763, ocupou a Vila de Rio Grande, que estava abandonada. O Governador Eloy Madureira também fugiu, sem ao menos tentar fortificar-se em São José do Norte, conforme ordens recebidas da Junta Governativa que substituíra Gomes Freire. Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida para uma penetração mais profunda.

Esta invasão foi uma humilhação para o Rio Grande. Posteriormente, foi aberta uma Devassa para apurar as responsabilidades do governador Madureira, já falecido, e do Coronel Osório, prisioneiro dos espanhóis.

A culpa pela perda da Vila de Rio Grande

Para enfrentar o poderoso inimigo com poucos meios, foi necessário atribuir missões aos nossos que tirassem o máximo partido do terreno rio-grandense. A solução foi a adoção da guerra de guerrilhas pela Junta Governativa do Rio. Em 6 de junho de 1763 ela baixou a seguinte ordem assinada pelo Brigadeiro Fernandes Pinto Alpoim.



"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais, sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e, ainda, trazê-los em contínua e persistente inquietação".

O papel relevante executado por estas guerrilhas, até agora, era pouco conhecido em toda sua projeção. Suas bases localizavam-se em Encruzilhada do Duro (atual Canguçu) na Serra dos Tapes, a cargo de Rafael Pinto Bandeira e, nas guardas da Encruzilhada (atual Encruzilhada do Sul) na Serra do Herval, inicialmente a cargo de Francisco Pinto Bandeira e, após a sua morte, do intrépido e heróico paulista, Cipriano Cardoso de Barros Leme.

Fortes do Estreito e Taquari

Em março de 1764, o Coronel José Custódio de Sá e Faria assumiu, em Viamão, o governo do Rio Grande. Imprimiu novo ritmo à guerra.

Em agosto concluiu o Forte São Caetano da Barranca do Estreito. Entregou seu comando ao Capitão Francisco Pinto Bandeira. O forte foi reforçado por quatro companhias paulistas enviadas pelo governo de São Paulo.



Em Taquari atual, erigiu o Forte de Tebiquari. Junto a ele aldeou deslocados da invasão. Com ele e o São Caetano, cobriu as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão: São José do Norte - Viamão - Rio Pardo - Viamão.

O Coronel José Custódio implementou as guerrilhas contra o invasor para a cobertura de Rio Pardo nas direções:

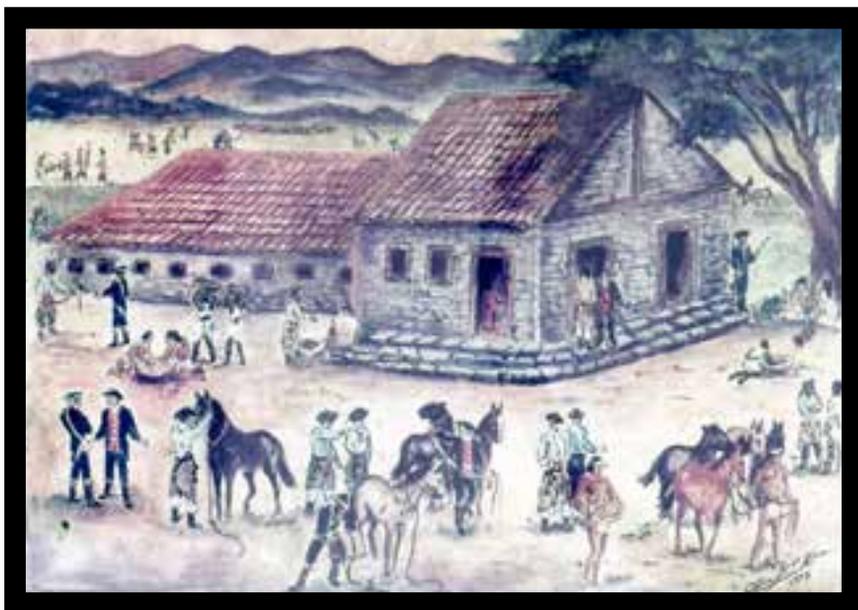
Missões - Rio Pardo; Bagé (atual) - Rio Pardo e Rio Grande - Rio Pardo.

Para a liderança dessas guerrilhas foram destacados dois oficiais dos dragões, já referidos, Capitão Francisco Pinto Bandeira e seu filho Rafael Pinto Bandeira.

Assalto frustrado à Vila de Rio Grande

Na noite de 28 para 29 de maio de 1766, sob a liderança do Tenente-coronel José Marcelino de Figueiredo, proveniente de Portugal e que assumiu o comando do Forte São Caetano, fracassou o assalto à Vila de Rio Grande. Ventos fortes e cerração dispersaram os barcos com as forças de assalto. Marcelino fora mandado para o Brasil com o nome trocado, em razão de haver morto em duelo um oficial inglês. Passou a se chamar Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda.

Tentava-se aproveitar situação favorável resultante da atração, para o Forte de São Gonçalo, atual Pelotas, por contingentes dos Dragões do Rio Pardo e de guerrilhas baseadas na estância de Luiz Marques de Souza, atual Canguçu, de forças espanholas da guarnição do Rio Grande. Localizamos as ruínas desta estância, pertencente ao irmão de Manoel Marques de Souza, por sua vez, parente próximo, e mais tarde, segundo versão não comprovada, padrinho de nosso Almirante Tamandaré e herói desta guerra, como se verá.



Reconquista da margem norte - Contribuição paulista

No dia do fracassado assalto a Rio Grande, os intrépidos Capitães Marques de Souza e Cipriano Cardoso atacaram a base espanhola em São José do Norte. Aprisionaram sua cavalaria e 19 soldados.

Em 5 de abril, novo ataque comandado por Marcelino de Figueiredo. O inimigo retirou-se. Na madrugada de 6, aniversário de D. José I, Portugal ficou senhor da margem norte, há três anos em poder de Espanha. Paulistas que reforçaram São Caetano tiveram destacada atuação nestas ações.



Alegoria da expulsão dos espanhóis de São José do Norte pelo Cel José Marcelino

A SEGUNDA INVASÃO DO RIO GRANDE DO SUL 1773-1774

Consequências dos ataques a Rio Grande e margem norte

Esses dois eventos repercutiram negativamente em Portugal. Contrariaram esforços do Marquês de Pombal, junto à Espanha, no sentido de, unidos, pressionarem o Papa a extinguir os jesuítas, responsabilizados pelo fracasso da Demarcação no Sul e Guerra Guaránítica.

Em consequência, caiu o Vice-Rei; o Coronel José Custódio foi chamado a Lisboa para responder por seu "fogoso desatino". Marcelino foi afastado do Rio Grande. Felizmente, não foi cumprida a ordem de devolver-se São José do Norte.



Livro sobre a vida e obra de José Custódio o inocentando.
Prefácio do autor

A eficiência da guerra de guerrilhas

Passaram-se sete anos. As guerrilhas, neste período, causaram grandes prejuízos aos espanhóis. Em junho de 1773, José Marcelino reassumiu o Rio Grande e transferiu a sede do Governo para Porto Alegre.

Os espanhóis ficaram insistentes e incisivos. Queriam São José do Norte de volta e providências contra as guerrilhas. Começam a correr boatos de invasão. Em consequência, o Vice-Rei elevou a guarnição do Rio Grande, de 401 homens para 714, assim articulados: São José do Norte 424; Rio Pardo 263 e Porto Alegre 27.

Invasão do Rio Grande - Fundação de Santa Tecla



D. Juan José de Vertiz y Salcedo

Em novembro de 1773, o Governador de Buenos Aires, o mexicano General Vertiz y Salcedo, invadiu o Rio Grande pela Campanha. Fundou o Forte de Santa Tecla. Ao seu encontro, das Missões, deslocou-se força com importantes recursos logísticos destinados a manter a mobilidade de seu exército (Armada), para executar o seguinte plano: conquistar, sucessivamente, Rio Pardo, Taquari, Porto Alegre e Viamão. A partir daí, atacar São José do Norte, após varrer as bases de guerrilhas nas Serras do Tapas e

Herval. Enfim, expulsar os portugueses do Rio Grande.



Medidas defensivas adotadas pelo governo do Rio Grande



Cel José Marcelino de Figueiredo

Em consequência, o governador Marcelino decidiu:

- Vigiar os passos do São Gonçalo e Rio Camaquã, na direção Vila Rio Grande - Rio Pardo.

- Vigiar passos do Jacuí e afluentes do Norte, na direção Missões - Rio Pardo.

- Fortificar os passos do Piquiri, Tabatingá e do Rio Pardo, defronte ao forte do mesmo nome, na direção Santa Tecla - Rio Pardo.

- Reunir os milicianos da Fronteira do Rio Pardo.

- Reunir a Cavalaria Ligeira (guerrilhas), sob o comando de Rafael Pinto Bandeira e Cipriano Cardoso, respectivamente, nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul.

- Transferir canhões do Forte São José do Taquari para o Forte Rio Pardo.

Em 2 de janeiro de 1774, Rafael Pinto Bandeira, com 100 guerrilheiros e Dragões, bateu e aprisionou, em Santa Bárbara, a coluna proveniente das Missões, com valiosos reforços logísticos.

Protesto de Vertiz contra as guerrilhas

Em 5 de janeiro de 1774, Vertiz recalcou a guarda do Piquiri, defendida por 21 homens do paulista herói de Monte Grande, Capitão Miguel Pedroso Leite.

Eufórico, Vertiz enviou extensa carta às autoridades do Rio Grande, da qual destaco a parte referente às guerrilhas, atestado da eficiência das mesmas:

"Viamão, Rio Pardo, sul da Vila de Rio Grande e do Rio Jacuí (Serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Montevideu, Maldonado, Soriano, Baças, Santa Fé, Corrientes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalcadas das nossas estâncias do Oriente dos Rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuadas e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos, ao verem suas fazendas destruídas".

As fontes primárias sobre estas guerrilhas são raras. Elas foram decisivas e tenho procurado interpretar seu papel, em exaustivo estudo dessa guerra.

Derrota do invasor em Tabatingaí



Alegoria da Vitória de Tabatingaí

Prosseguindo em seu avanço, em duas colunas, a maior sofreu fragorosa derrota em Tabatingaí, em 10 de janeiro de 1774. Ao conhecer este fracasso e desconfiando do atraso da coluna das Missões, Vertiz abrandou suas exigências. Comprometidas a mobilidade e a alimentação de seu exército (Armada) decidiu recuar, célere, em busca de abrigo na base militar mais próxima - a Vila de Rio Grande. Retornou através dos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, bases das guerrilhas responsáveis por suas derrotas em Santa Bárbara e Tabatingaí.

O Forte do Rio Pardo, projeto do Coronel Alpoim, projetista dos Arcos no Rio de Janeiro, passou a fazer jus ao epíteto "**Tranqueira Invicta**". Alpoim era chefe da Junta que ordenou a guerra de guerrilhas, "a estratégia do fraco contra o forte", uma estratégia muito usada pelo Brasil.

Uma ação retardadora modelar

Foi decisiva para a vitória a ação retardadora, muito bem planejada e conduzida por José Marcelino de Figueiredo. Ela foi executada pelos Capitães José Carneiro da Fontoura, comandante ao sul do Jacuí, Rafael Pinto Bandeira e Cipriano Cardoso. Em Santa

Bárbara, Rafael reeditou feito de seu pai, Francisco Pinto Bandeira, em Monte Grande, há 11 anos passados. Seu pai falecera há pouco. Foi substituído pelo paulista Cipriano, conforme já mencionado.

Em Tabatingá, guarda fundada por seu pai, Rafael foi o inspirador do ardil que transformou uma derrota certa numa vitória retumbante, ao fazer o inimigo cair numa armadilha, preparada pelos Capitães Carneiro da Fontoura e Cipriano Cardoso.

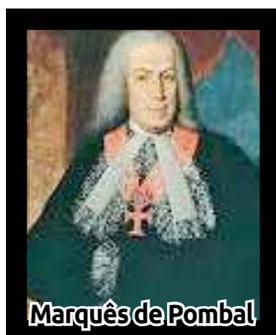
Fortes São Martinho e Santa Tecla - Grandes ameaças

As tropas de Cavalaria Ligeira, nome oficial das guerrilhas, eram constituídas em grande parte por paulistas enviados em socorro ao Sul, por estancieiros rio-grandenses e gaudérios. Estes marcariam, daí por diante, sua presença militar histórica como sentinelas no Sul, em defesa da integridade e soberania do Brasil.

Vertiz deixou plantados no Rio Grande os Fortes de Santa Tecla e São Martinho. Ambos, bases de partida para ataques a Rio Pardo; barreiras às incursões de nossas guerrilhas e instrumentos de domínio de grande parte do atual Rio Grande do Sul

GUERRA DA RECONQUISTA DO RIO GRANDE AOS ESPANHÓIS PELO EXÉRCITO DO SUL E GUERRILHAS AO COMANDO DO TENENTE-GENERAL HENRIQUE BÖHN E ESQUADRILHA NAVAL DO VICE REI

Reação à invasão em Portugal



A invasão de Vertiz repercutiu em Portugal. O Marquês de Pombal decidiu em relação ao Rio Grande do Sul:

- concentrar, na área, o Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Böhn. Este, estava desde outubro de 1767 no Brasil, como Inspetor-Geral de nosso Exército Colonial, com a missão de organizá-lo e adestrá-lo, segundo a doutrina do Conde Lippe, que teve tarefa idêntica no Exército da Metrópole, e autor das **Memórias**, objeto do presente trabalho; e

- determinar a Böhn: estudar o terreno no Rio Grande; ocupá-lo vantajosamente e manter a paz, se possível. Do contrário, atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande.

Do estudo do terreno, Böhn conclui pela Ofensiva.

Objetivos do esforço ofensivo do Exército do Sul

O esforço ofensivo deveria ser conduzido sobre três pontos fortes e nesta sequência, segundo intérpreto:

- **Forte São Martinho**, por barrar o acesso português às Missões e ameaçar o flanco de Rio Pardo;

- **Forte Santa Tecla**, por barrar o acesso português às campanhas de Maldonado, Montevidéu e Colônia, ameaçar Rio Pardo e possibilitar intercâmbio de reforços com as Missões;

- **Vila de Rio Grande**, por barrar o acesso português ao Sul, pelo litoral, e base de partida, para ataques sobre Porto Alegre e Laguna.

Böhn escolheu como posição mais vantajosa e principal **São José do Norte**, cujo comando passou a exercer pessoalmente .

Confiou o comando da Fronteira do Rio Pardo e da Base Logística, em Porto Alegre, ao Governador do Rio Grande, Cel José Marcelino de Figueiredo.

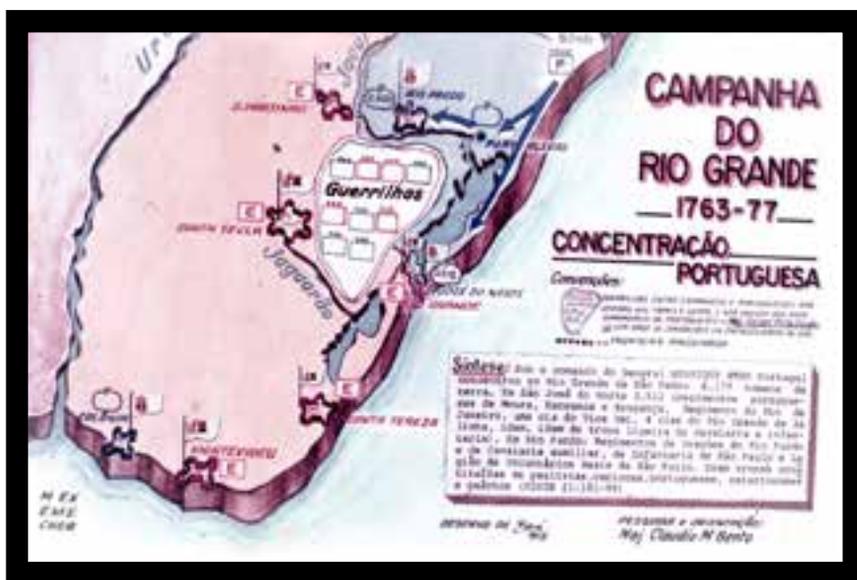
O apoio das guerrilhas do Exército do Sul

O Exército do Sul, após concluída sua concentração, atingiu o efetivo de 4.102 homens, assim distribuídos:

São José do Norte..... 3.365 homens (82%)
 Porto Alegre..... 27 homens
 Rio Pardo..... 710 homens

Destes últimos, 300 guerrilheiros nas bases de guerrilhas nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada. Eles deviam cumprir a seguinte missão: Arreadas dos gados cavalar e vacum sobre os prováveis caminhos de invasão, incidindo sobre Rio Prado.

Constituição e concentração do Exército do Sul



A concentração teve início ao final de 1774, com o desembarque, em Laguna, de tropas provenientes do Rio de Janeiro. Dali marcharam, por terra, pelo litoral, até São José do Norte.

O Rio contribuiu com 135 artilheiros e o Regimento de Infantaria, o velho, atual Sampaio, de gloriosas tradições desde a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, com uma das duas

companhias do Esquadrão de Guarda do Vice-Rei, onde serviria Tiradentes, raiz histórica dos Dragões de Brasília. Unidade que se cobriu de glórias e pagou o maior tributo de sangue, ao comando do Major João Calmon, na Batalha do Passo do Rosário.

Portugal contribuiu com o Regimento de Bragança e com os Regimentos de Moura e Estremoz, aos quais estaria reservado grande papel na Reconquista.

O Rio Grande, além dos Dragões de Rio Pardo, Cavalaria Ligeira e Caçadores Índios, participou com um Batalhão de Infantaria e Companhia de Artilharia, distribuída em Rio Pardo e São José do Norte. Uma Companhia de Infantaria de Santa Catarina guarneceu Porto Alegre.

Apoio econômico, de engenharia e naval ao Exército do Sul

Ao plano militar foram destinados todos os rendimentos das províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, subsídio voluntário e literário da Angola, 200.000 cruzados anuais e o equivalente ao soldo de dois regimentos enviados da Bahia.

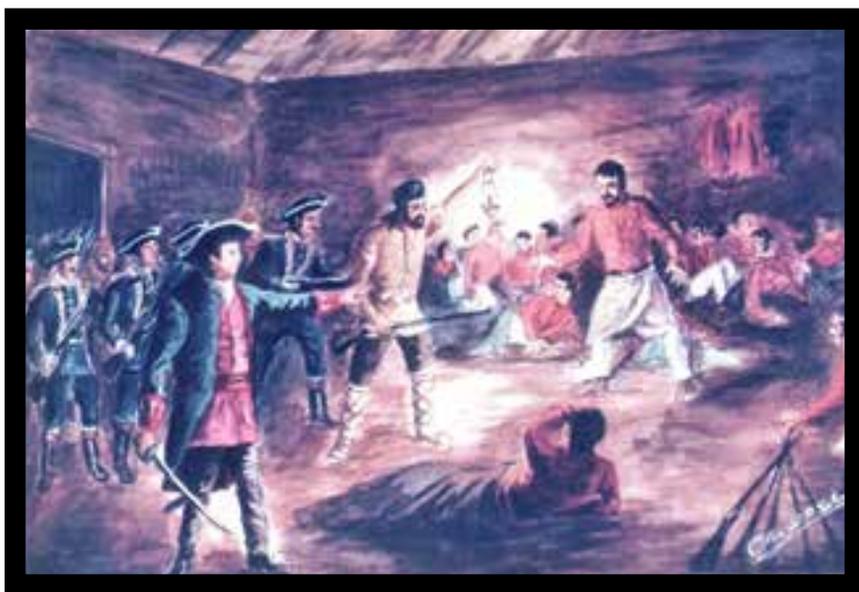
Direta ou indiretamente, participaram, com tropas e recursos, do esforço de reconquista do Rio Grande Sul: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina, Angola e Portugal.

O apoio de Engenharia consistiu na melhoria dos caminhos terrestres Laguna - Porto Alegre e Laguna - São José do Norte, com pontes e balsas e um roteiro dos mesmos, com indicação de recursos locais. Este apoio foi prestado pelo Marechal Jaques Diogo Funck e por Francisco Róscio, que mais tarde governaria o Rio Grande (1801).

Em São José do Norte, fundeou a Esquadilha Naval de Hardcastle com seis unidades, das quais, a **Belona** e a **Invencível** foram construídas em Porto Alegre. Concluída a concentração, começou, ao final de 1775, a ofensiva para reconquistar o Rio Grande do sul.

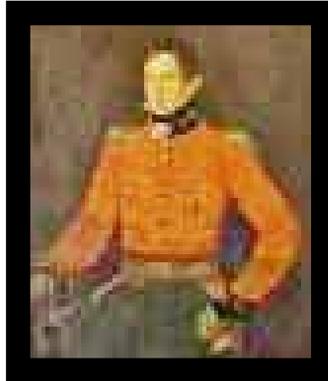
Conquista do Forte de São Martinho

Em 31 de outubro de 1775, o Forte São Martinho foi conquistado de surpresa e arrasado por 205 Dragões e guerrilheiros do Rio Pardo, ao comando de Rafael Pinto Bandeira. Na impossibilidade de um ataque frontal, durante nove dias foi aberta uma picada na mata. Por ela os atacantes chegaram à retaguarda de São Martinho. Foram feitos 40 prisioneiros e tomados preciosos recursos logísticos, entre os quais 7.100 cabeças de vacuns e cavalares.



Ataque de Surpresa por Rafael Pinto Bandeira.

Um insucesso naval - Explicação¹



Capitão de Mar-e-Guerra George MacDouall, Organizador e comandante da esquadilha do Vice Reino Do Brasil em apoio ao Exército do Sul

Em 19 de fevereiro de 1776, malogrou a tentativa do Capitão-de-Mar-e-Guerra MacDouall de destruir, com sua esquadilha naval de nove unidades, a esquadilha espanhola com sete unidades que defendia a Vila de Rio Grande, e para criar condições favoráveis ao assalto desta praça pelo Exército do Sul. O malogro de MacDouall, após cinco horas de combate, é assim explicado:

- faltou-lhe rapidez para abordar os barcos espanhóis e anular os fogos de três fortes inimigos, nos quais eles se apoiaram;
- haver adotado dispositivo de combate, como se estivesse no mar, não levando em conta a correnteza do canal e a das marés;
- não ter sido socorrido pela Esquadilha de Hardecastle, impossibilitada de intervir por ventos contrários; e
- disputa do comando do barco pernambucano **Graça**, em pleno combate, vago por morte de seu comandante em ação. Apesar da perda de três unidades e de 45 baixas contra 39 espanholas, as duas quadrilhas reuniram-se. Böhn passou a contar com 12 unidades que seriam decisivas para a vitória final e mais 13 jangadas construídas no local, com madeira e gente de Pernambuco.

1 *Do autor: Aspectos da época da criação da Escola Naval. In: **Diário Popular**, Pelotas, 25 de novembro de 1982 e **Revista do Clube Militar**, maio/junho de 1983, p. 21.

Conquista de Santa Tecla



O passo seguinte seria Santa Tecla, próxima a Bagé. Fortaleza de torrão, defendida por 250 homens apoiados em oito canhões com potência total de 30 libras, com destacamento de segurança externa, água e charque para resistir a cerco prolongado. Seu valor militar foi subestimado pelo Vice-Rei e pelo General Böhn.

Para conquistá-la, de surpresa, a missão foi atribuída a Rafael Pinto Bandeira, auxiliado pelo Major Patrício Correia da Câmara, recém-chegado de um Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro e que se tornaria um grande fronteiro riograndense, até o limiar de nossa independência.

José Marcelino de Figueiredo organizou uma força de 619 homens, dos quais 366 Dragões do Rio Pardo, ao comando de Patrício, 193 guerrilheiros da Cavalaria Ligeira, com suas bases nos atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada, e uma Companhia de Infantaria de Caçadores Índios organizada em Rio Pardo.

Rafael recebeu a ordem de atacar Santa Tecla, com suas base de Encruzilhada do Duro, na Serra do Tapes e Encruzilhada,

em Encruzilhada do Sul atual, locais para onde convergiam os castelhanos. Após atravessar o Camaquã e reunir-se nas Guardas de Encruzilhada, na Serra do Herval, com Cipriano Cardoso, marchou para o Piquiri. Caminhos de transposição do Rio Camaquã.

Momentos críticos no cerco de Santa Tecla

Do Piquiri partiram Rafael e Correia Câmara, para surpreender Santa Tecla. A tentativa falhou. Santa Tecla foi submetida a cerco durante 26 dias. Em 25 de março capitulou sob condições. Em 26, seus defensores a evacuaram pelo portão dos fundos, rumo a Montevideú. Em 27, suas muralhas foram arrasadas pelos portugueses. Durante o cerco, a situação dos sitiados ficou crítica, pelo desgaste da cavalaria, após um mês de operações, patrulhamento intenso e confinamento em reduzidas e raspadas pastagens de verão. Ela teve, então, de alimentar-se de raízes e ervas. Isto foi informado ou interpretado pelo Marquês de Pombal, como sendo a tropa que alimentou-se de ervas e raízes, o que desgostou José Marcelino de Figueiredo que havia fornecido à coluna atacante 4.000 vacuns para alimentação, bem como ao Tenente-General Böhn e ao Major Patrício.

Expulsos os espanhóis de Santa Tecla e São Martinho, faltava a reconquista da Vila de Rio Grande.

Ataque à Vila de Rio Grande

Para reconquistá-la, além de seus fortes e esquadrilha, era preciso vencer, com meios descontínuos, a enorme distância fluvial entre São José do Norte e Rio Grande. Para isto, fundamentalmente, serviram as 13 jangadas.

O ataque à Vila de Rio Grande foi decidido para as 3 horas do dia 1º de abril de 1776, dia seguinte ao aniversário da Rainha, festejado ruidosamente com salvas e embandeiramentos pelo Exército do Sul e Esquadrilha Naval. Tudo para iludir os espanhóis em Rio grande.

Dispositivos espanhol e português



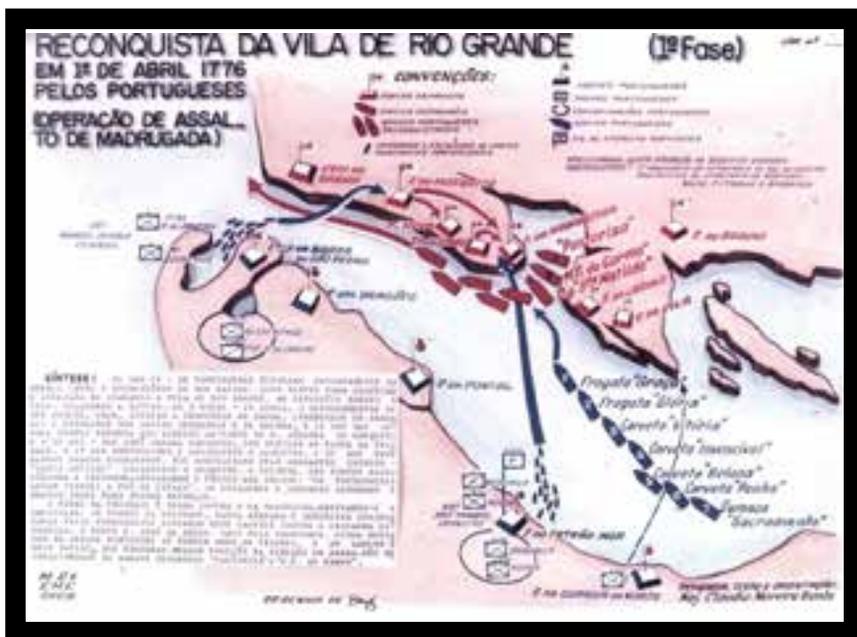
Dispositivo inimigo em Rio Grande:

- Efetivo estimado: 1.500 homens de terra, afora os de mar.
- Esquadilha Naval com 8 unidades.
- Fortes: da Barra, Mosquito, Novo, Trindade, Mangueira, Ladino, da Vila e do Arroio.
- Potência de fogos esquadilha e fortes: 674 libras.

Dispositivo português em São José do Norte:

- Efetivo: 4.385 homens de terra e mar.
- Esquadilha Naval — 12 unidades. Participaram das ações as fragatas **Graça** (de Pernambuco) e **Glória**, corvetas **Vitória**, **Invencível**, **Belona**, **Penha** e sumaca Sacramento (7 unidades). O quartel-general do Exército do Sul estava no Forte do Patrão-Mor.
- Potência de fogo da esquadilha, cerca de 800 libras.
- Potência de fogo total fortes mais esquadilha: 956 libras.

Destacamento de assalto



Primeira fase do ataque: às 3 horas da madrugada, dois destacamentos, da primeira vaga de assalto, deixaram os Fortes da Barra e Patrão-Mor para a conquista de seus objetivos - **Fortes espanhóis do Mosquito e Trindade**. Um terceiro destacamento ficou em condições de, mediante ordem, partir do **Forte Guarda Norte** e atacar a Vila de Rio Grande. **Objetivo: fixar efetivos inimigos na Vila.**

Ficaram em reserva, junto ao **Forte do Patrão-Mor**, cinco unidades navais.

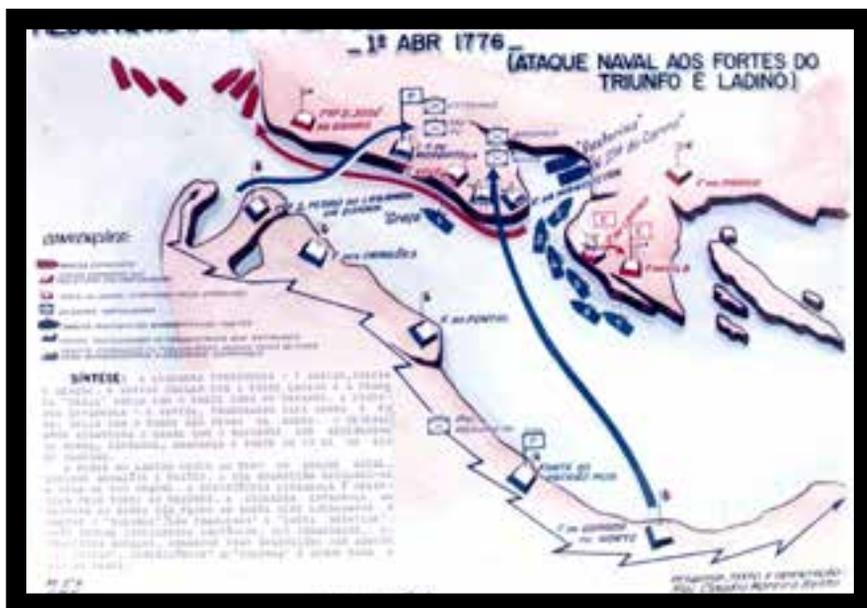
Ataque principal - O 2º Destacamento - Major Manoel Carneiro, com 200 granadeiros dos **RI de Bragança e de Moura**, que tiveram a seu cargo o **ataque principal**. Este foi guiado pelo Tenente Manoel Marques de Souza, ajudante-de-ordens do General Böhn e, mais tarde, padrinho do Marquês de Tamandaré e avô do Conde de Porto Alegre.

Sua missão: ultrapassar, à noite, sem ser presentido,

a Esquadilha inimiga ancorada junto aos Fortes Trindade e Mangueira. Após conquistá-los, ao amanhecer, voltar os canhões dos mesmos contra a Esquadilha naval inimiga.

Este Destacamento deixou a base de partida embarcado em lanchas da esquadilha naval e jangadas. Os ruídos, produzidos por algumas lanchas que encalharam, foram pressentidos pelo barco inimigo **Santa Matilde**, que abriu fogo contra elas. Isto obrigou seus ocupantes a desembarcarem com água pela cintura, **"com espada presa nos dentes e com o bernal de granadas na cabeça"**.

Duas cabeças de praia na margem sul



Segunda fase do ataque: o Forte da Trindade foi conquistado com auxílio dos canhões do **Mosquito**. Os retirantes de ambos incendiaram os barcos **Pastoriza** e **N. S. do Carmo**. Ao amanhecer, o General Böhn já havia atravessado o canal na segunda vaga de assalto e conquistado três fortes e, com eles, **duas sólidas cabeças-de-praia**.

Das 6 às 9 horas, os atacantes, com os canhões dos fortes

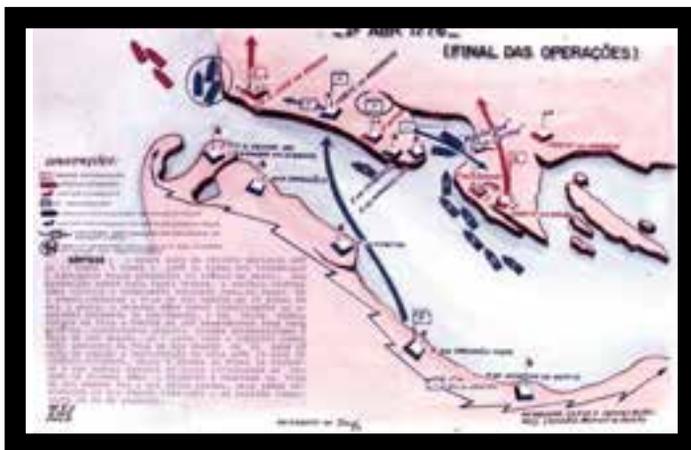
conquistados, bombardearam a **Esquadriha inimiga** que, surpresa, levantou ferros e rumou na direção da barra, à procura de melhores ventos. Às 8 horas, manobrou perigosamente para escapar dos fogos do **Forte de São Pedro da Barra**. Perdeu, por encalhe, 3 unidades.

A **Esquadriha de Hardecastle** bombardeou os **Fortes do Ladino e Novo**. O primeiro cedeu à pressão; o segundo ofereceu heróica resistência, particularmente a agressiva e brava corveta **Graça**.

Capitulação e evacuação da Vila de Rio Grande

Terceira fase do ataque e final das Operações: das 9 às 15 horas de 1º de abril registrou-se a rendição dos Fortes Novo (18 horas) e Barra (21 horas). Ultimatum à Vila de Rio Grande, às 18 horas e resposta de capitulação às 21 horas. Partida da esquadriha inimiga para o sul, com três unidades das sete que possuía. Evacuação espanhola da Vila, na madrugada de 2. Ocupação da mesma no início da tarde.

E, assim, terminou, após 30 horas, a operação de reconquista da Vila de Rio Grande. Vitória maiúscula e feliz, na qual foi tirado o máximo partido dos princípios de guerra: **Objetivo, Surpresa, Manobra e Segurança**.



TeDéum em ação de graças pela reconquista



Em 7 de abril foi cantado um **TeDéum** em ação de graças pela feliz reconquista da Vila de Rio Grande, após 13 anos sob domínio espanhol. Participaram da cerimônia o Exército do Sul e a Esquadilha de Hardecastle. O TeDéum teve lugar defronte a atual Catedral de São Pedro. Böhn reservou, vazia, uma cadeira simbólica para o Vice-Rei, Marquês do Lavradio.

Espanhóis retiram-se para Santa Tereza

Foi levantada a planta da Vila de Rio Grande pelo Marechal Jacques Diogo Funck, auxiliar do General Böhn, em Engenharia e Artilharia, o abordo em meu livro *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*. Ele prestou assinalados serviços à reconquista do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro a sugerir a ligação, por águas interiores, de Torres - Porto Alegre - Rio Grande, mapear e descrever o litoral riograndense de Torres a São José do Norte, levantar a Ilha da Pólvora e Itapoã, no Rio Guaíba e a planejar o Forte São Diogo da Torres, em Torres-RJ, quando

o Exército do Sul foi ameaçado pela invasão da ilha de Santa Catarina em 1777, pelo General Pedro Ceballos, Os espanhóis se retiraram para a **Fortaleza de Santa Tereza**, hoje tombada como monumento histórico, graças ao trabalho de Horácio Arredondo, grande preservador da memória do Uruguai. O Tenente General Böhn, por não dispor de Cavalaria, não efetuou a perseguição dos espanhóis em Retirada.

Reconquistado o Rio Grande do Sul, as duas bases militares portuguesas voltaram a ser Rio Grande e Rio Pardo, ambas ligadas por um caminho terrestre balizado pelas atuais cidades de Pelotas, Canguçu e Encruzilhada.

Reação na Espanha à reconquista de Rio Grande

A reconquista repercutiu na Espanha. Criou-se o Vice-Reinado do Prata, para o qual foi designado o General Ceballos. Este partiu de Cádiz, com 9.000 homens de terra e mar para cumprir o seguinte plano:

Conquistar, sucessivamente, a Ilha de Santa Catarina, para isolar o Exército do Sul, e a Vila do Rio Grande e Colônia do Sacramento.

Ceballos conquistou Santa Catarina. Fracassou no ataque a Rio Grande, por ter sua esquadra sido dispersada por fortes ventos. Conquistou definitivamente a Colônia de Sacramento. Idealizou esmagar o Exército do Sul, em Rio Grande, através de um movimento de pinça, por forças provenientes de Santa Catarina e Santa Tereza, segundo o General Tasso Fragoso.

Dispositivo de expectativa do Exército do Sul

O Exército do Sul concentrou-se em Rio Grande. A Fronteira de Rio Pardo foi reforçada pela Legião de Voluntários Reais de São Paulo e por um Regimento de Infantaria de São Paulo. A cobertura de Rio Grande, ao norte, foi feita em Torres, com a construção do Forte São Diogo, segundo projeto do Marechal Diogo Funck. Foi

guarnecido pela companhia de Granadeiros do Regimento de Infantaria de Santos. Ao sul, no Albardão e Taím, pela Companhia de Cavalaria do Vice-Rei e Dragões do Rio Pardo; e entre Estreito e São José do Norte (atual) por uma Companhia de Cavalaria da Legião de Voluntários de São Paulo.



Rafael Pinto Bandeira

Nesta ocasião, o Forte de Santa Tecla foi reocupado pelos espanhóis, em razão de **razias** feitas por gaudérios, “sem lei e sem rei”. Rafael Pinto Bandeira, agora coronel de uma Legião de Cavalaria Ligeira, estabeleceu a cobertura da Vila de Rio Grande, face à direção de Santa Tecla, na Serra dos Tapes, na atual Canguçu. Nesta época, ali esteve quase à morte, tendo de ser transportado de maca. Mas, mesmo assim permaneceu atuante. Ativou as **arreadas**, a busca de informações militares nas imediações de Santa Tereza, Maldonado, Montevidéu, Colônia e vigilância de Santa Tecla. Passou a usar, como via de acesso para suas operações, a direção atual: **Canguçu - Piratini - Herval do Sul - Cerro Largo (atual Mello, no Uruguai)**. Esta direção passaria a ser bloqueada, na guerra de 1801, com o **Forte do Cerro Largo** (Mello atual).



Mello no Uruguai

Consequências da “Viradeira”



Rei D. Jose I



Rainha D. Maria I - A Piedosa

Quando Ceballos se preparava para atacar Rio Grande, aconteceu em Portugal a **“Viradeira”**, em consequência da morte de D. José I, provocando a queda do Marquês de Pombal e a subida ao trono de D. Maria, acompanhada de importantes reflexos para o Brasil e, particularmente para o Rio Grande.

O Tratado de Santo Ildefonso - Fim da guerra

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1º de outubro de 1777, pôs fim a esta guerra. Santa Catarina foi devolvida a Portugal. A Colônia do Sacramento, após 97 anos de disputa, passou definitivamente ao domínio da Espanha.

No Rio Grande foi estabelecida uma faixa neutra, entre os domínios das duas coroas. Começando ao sul da Vila de Rio Grande, abrangeu todo o atual município de Santa Vitória do Palmar que, na época, segundo Böhn, era um deserto povoado de **“tigres e cavalos selvagens”**.



Período de paz e progresso no Rio Grande

Seguiu-se um período de grande progresso no Rio Grande. O trigo, introduzido para alimentar as tropas vindas de Portugal, se desenvolveu. As estâncias expandiram-se sobre os terrenos devassados e explorados pela guerrilha. Em 1776, foram estabelecidas as charqueadas na atual Pelotas. Em 1783, a Real Feitoria do Linhocânhamo foi sediada na atual Canguçu, base de guerrilhas de Rafael na última guerra.



Todo este processo foi dirigido pelo General Veiga Cabral que governaria o Rio Grande de 1780 a 1801, ano de sua morte, após planejar e conduzir, de seu leito mortuário, em Rio Grande, a Guerra de 1801. Dela resultou a incorporação dos Sete Povos das Missões e ricos territórios entre o Piratini e Jaraguão. Veiga Cabral foi o comandante, como coronel, do destacamento que ocupou a Vila de Rio Grande em 2 de abril de 1776. Foi o sucessor do avô do futuro Duque de Caxias no comando do Regimento de Bragança, uma das raízes históricas do Regimento Sampaio. Era muito apreciado por seus superiores, pares e subordinados, por sua fidalguia e camaradagem.

O valor de um pensamento militar

Comparando o Tratado de Madri com a configuração atual do Rio Grande, constatamos que ele compensou, com vantagem, entre o Quaraí e o Ibicuí, o que se perdeu ao sul de Jaguarão, além de apoiar-se em acidentes naturais como o Quaraí, o Jaguarão e o Chuí e não numa linha seca, onde se pretendeu estabelecer a Fortaleza de Santa Tereza.



Configuração que muito se deve ao pensamento militar de nossos ancestrais, assim sintetizado pelo porto-alegrense General Francisco de Paula Cidade:

“Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar, ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.”

Pensamento decorrente da política de Portugal na época - **Dilatar a fé e o Império** - tão presente e viva na obra **Os Lusíadas**, de Camões, o imortal poeta e soldado. A este pensamento político, muito deve o Brasil suas dimensões continentais, particularmente em seus desdobramentos nos campos militar e diplomático.

ARTIGOS DE GUERRA DO CONDE DE LIPPE

As tropas que atuaram na reconquista do Rio Grande do Sul estavam sujeitas a este regulamento disciplinar, cujos processos estavam a cargo dos auditores de cada Unidade e as condenações da alçada do Vice Rei.

Art. 1º - Aquele que recusar, por palavras ou discursos, obedecer às ordens dos seus superiores, concernentes ao serviço, será condenado a trabalhar nas fortificações; porém se si opuser, servindo-se de qualquer arma ou ameaça, será arcabuzado.

Art. 2º - Todo o oficial de qualquer graduação que seja, que estando melhor informado, der aos seus superiores, por escrito ou de boca, sobre qualquer objeto militar, alguma falsa informação, será expulso com infâmia.

Art. 3º - Todo o oficial de qualquer graduação que seja, ou oficial inferior que, sendo atacado pelo inimigo, desamparar o seu posto, sem ordem, será punido de morte. Porém, quando for atacado por um inimigo superior em forças, será preciso provar perante um Conselho de Guerra, que fez toda a defesa possível, e que não cedeu senão na maior e última extremidade; mas se tiver ordem expressa de não se retirar, suceda o que suceder, neste caso nada o poderá escusar, porque é melhor morrer no seu posto do que deixá-lo.

Art. 4º - Todo o militar que cometer uma fraqueza escondendo-se, ou fugindo, quando for preciso combater, será punido de morte.

Art. 6º - Todos são obrigados a respeitar as sentinelas ou outras guardas; aquele que não o fizer será castigado rigorosamente; e aquele que atacar qualquer sentinela, será arcabuzado.

Art. 7º - Todos os oficiais inferiores e soldados devem ter toda a devida obediência e respeito aos seus oficiais, do primeiro até ao último, em geral.

Art. 8º - Todas as diferenças e disputas são proibidas, sob pena de rigorosa prisão; mas se suceder a qualquer soldado ferir ao seu camarada à traição, ou o matar, será condenado ao carrinho, perpetuamente, ou castigado com pena de morte, conforme as circunstâncias correntes. Porém, aquele que matar seu camarada, ou qualquer outra pessoa à traição, será punido com pena de morte, sem remissão. E esta pena de morte será ainda agravada, conforme as circunstâncias do caso, isto é, se o morto for seu superior, ou concorrer qualidade, que agrave o homicídio.

Art. 9º - Todo o soldado deve achar-se onde for mandado, e à hora que se lhe determinar, posto que lhe não toque, sem murmurar, nem por dificuldades; e se entender que lhe fizeram injustiça, depois de fazer o serviço, se poderá queixar, porém sempre com toda a moderação.

Art 10º - Aquele que fizer estrondo, ruído, bulha, ou gritaria ao pé de alguma guarda, principalmente de noite, será castigado rigorosamente, conforme a intenção com que o houver feito.

Art. 11º - Aquele que faltar a entrar de guarda, ou que for à parada tão bêbado, que não possa montar, será castigado, no dia sucessivo, com cinquenta pancadas de espada de prancha.

Art. 12º - Se algum soldado se deixar dormir, ou se embebedar estando de sentinela, ou deixar o seu posto antes de ser rendido, sendo em tempo de paz, será castigado com cinquenta pancadas de espada de prancha, condenado por tempo de seis meses a trabalhar nas fortificações; porém, se for em tempo de guerra, será arcabuzado.

Art. 13º - Nenhuma pessoa, de qualquer grau ou condição que seja, entrará em qualquer fortaleza, senão pelas portas e lugares ordinários, sob pena de morte.

Art. 14º - Todo aquele que desertar ou que entrar em conspiração de deserção, ou que sendo dela informado e não delatar, se for em tempo de guerra, será enforcado; e aquele que deixar a sua companhia ou regimento, sem licença, para vir ao lugar de seu nascimento, ou a outra qualquer parte que seja, será castigado com a pena de morte, como se desertasse para fora do reino.

Art. 15º - Todo aquele que for cabeça de motim ou de traição, ou tiver parte, ou concorrer para estes delitos, ou souber que se urdem, e não delatar a tempo os agressores, será infalivelmente enforcado.

Art. 16º - Todo aquele que falar mal de seu superior nos corpos de guarda ou nas companhias, será castigado aos trabalhos da fortificação; porém, se, na indagação que se fizer, se conhecer que aquela murmuração não fora precedida somente de uma soltura de língua, mas encaminhada à rebelião, será punido de morte, como cabeça de motim.

Art. 17º - Todo o soldado se deve contentar com a paga, com o quartel, e com o uniforme que se lhe der, e se opuser, não querendo receber, tal e qual se der, será tido e castigado como amotinador.

Art. 18º - Todos os furtos, e assim mesmo todo o gênero de violências para extorquir dinheiro, ou qualquer gênero, serão punidos severamente; porém, aquele furto que se fizer em armas, munições, ou outras coisas pertencentes à nação; ou aquele, que roubar a seu camarada, ou cometer furtos com evasão, ou for ladrão de estrada, perderá a vida conforme as

circunstâncias, ou também se qualquer sentinela cometer furto, ou consentir que alguém o cometa, será castigado severamente, e conforme as circunstâncias, incurso em pena capital.

Art. 19º - Todo o soldado que não tiver cuidado com suas armas, no seu uniforme, em tudo que lhe pertencer; que o lançar fora, que o romper, ou arruinar de propósito, e sem necessidade; e que o vender, empenhar ou jogar, será pela primeira e segunda vez preso, porém à terceira será punido de morte.

Art. 20º - Todo o soldado deve ter sempre o seu armamento em bom estado, fazer o serviço com as suas próprias armas; aquele que se servir das alheias, ou as pedir emprestado ao seu camarada, será castigado com prisão rigorosa.

Art. 21º - Aquele soldado que contrair dívidas às escondidas de seus oficiais, será punido corporalmente.

Art. 22º - Todo aquele que fizer passaportes falsos, ou usar mal de sua habilidade, por qualquer modo que seja, será punido com rigorosa prisão; porém, se por este meio facilitar a fuga a qualquer desertor, será reputado e punido como desertor.

Art. 23º - Todo o soldado, que ocultar um criminoso, ou buscar meios para se escapar àquele que estiver preso como tal, ou deixar fugir; ou sendo encarregado de o guardar, não puser todas as precauções para este efeito, será posto no lugar do criminoso.

A seguir, nas memórias do General Böhn, comandante da Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul, colheremos suas preciosas impressões e lições do episódio.

O autor sobre o tema publicou os seguintes artigos relacionados com o assunto disponíveis no site www.ahimtb.org.br.

Em “Conflitos” em “Livros e Plaquetas”:

A Guerra a gaúcha. Participação de São Paulo na reconquista aos espanhóis do Rio Grande do Sul e Bicentenário da Conquista do Forte São Martinho.

Em Personalidades, em Livros e Plaquetas:

Tenente-General John Henrique Böhn 1708-1783. Brigadeiro José Custódio de Sá e Farias.

Em Rio Grande do Sul, em Livros e Plaquetas:

Fortificações e fortificadores do Rio Grande do Sul.

Bicentenário de Rio Grande-RS.

O Forte de São Gonçalo.

E em BENTO, Claudio Moreira. A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul. In: AXT, Gunther, **As Guerras dos Gaúchos**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

Em BENTO, Claudio Moreira. **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/IEL, 1976.

Conde de Lippe p.19/28. Ten Gen John Henrique Böhn p. 29/38. Marechal Jaques Diogo Funk p. 235/247. Ten-general Camilo Maria Tonelet Mena p. 181/182.

Em BENTO, Claudio Moreira, **Comando Militar do Sul 1953-1995**. Porto Alegre: 1995.

Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira - o 1º oficial general nascido na área do CMS p.3 9/52.

Em BENTO, Claudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: Ed.Pallotti, 2002.

Ten Gen Graduado Patrício José Corrêa da Câmara p. 68/74 e também a conquista do Forte de Santa Tecla p. 68/74.

Em BENTO, Claudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **8ª Brigada de Infantaria Motorizada**. Porto Alegre: 2001.

Ten Gen Manoel Marques de Souza 1º p. 26/39.

Em BENTO, Claudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha Giorgis. Escolas Militares de Rio Pardo. Porto Alegre: Genesis, 2005. p.36/46 dados diversos sobre a guerra de reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis, com ênfase em Patrício Correia da Câmara e o Forte do Rio Pardo.

No site www.ahimtb.org.br em o O GAUCHO nº 45, O Marquês de Pombal.

A seguir, Memórias do Ten General Böhn:

MEMÓRIAS DO TEN GEN JOHN HENRIQUE BÖHN SOBRE A GUERRA DE RECONQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL AOS ESPANHÓIS NO COMANDO DO EXÉRCITO DO SUL E SUAS GUERRILHAS NAS SERRAS DOS TAPES E DO HERVAL

NOTA: O autor as apresentará colocando em negrito dados que chamaram a atenção para que historiadores possam melhor explorá-los no futuro, em especial historiadores militares.

ANO DE 1774

As diferenças que subsistiam há muito tempo entre as Cortes de Lisboa e de Madri, a respeito de suas possessões na América, os ciúmes comerciais e vários outros atritos, que não me dizem respeito, haviam de tal forma corroído os espíritos dos Soberanos e de seus governos que um adoçamento deste ódio, já nacional, uma reconciliação entre ambos parecia difícil.

A disputa principal localizava-se na extremidade sul do Brasil, onde este confina com o governo espanhol de Buenos Aires.

A Corte da Espanha, guerreando contra Portugal em 1761 e 1762, ordenou, ao mesmo tempo, ao General D. Pedro de Cevallos, então em Buenos Aires, que atacasse os portugueses no Brasil, expulsando-os da parte do Continente do Rio Grande, que se

estendia de Castilhos até além do Rio Grande, assenhoreando-se de seus Fortes Santa Tereza e São Miguel, na fronteira, e de Vila do Rio Grande, residência dos governadores portugueses. Todos os infelizes habitantes desta região fugiram com tal precipitação, que perderam a maior parte de seus bens, bastante consideráveis, e enorme quantidade de gado.

Pelo Tratado de Paz de 1762, a Espanha comprometeu-se a restituir a Portugal suas conquistas num e noutro continentes. Isto realmente ocorreu em Portugal, mas não na América.

A GUERRA DA RECONQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL (1774-1776)

Embora as tropas espanholas se tivessem retirado da margem norte do Rio Grande, em 1767, para livrar-se das inquietações dos portugueses e para maior comodidade de abastecimento, continuaram os espanhóis como os únicos donos da margem sul, porque o Rio Grande, da entrada até uma légua acima, é navegável apenas junto à costa sul. Mantiveram sob seu domínio tudo o que haviam conquistado no sul (margem); o que é comprovado pela construção dos fortes, pela quantidade de artilharia que trouxeram de Montevideú, pelas corvetas que penetram na barra e pela quantidade de tropas bem superior à que os portugueses possuíam; isto demonstra que os espanhóis não intencionavam liberar sua presa, nem permitir aos portugueses a navegação pelo sangradouro da Lagoa dos Patos.

Contentando-se com a reaproximação do rio, os portugueses mantinham-se tranquilos sobre a sua margem norte. Mas tiveram de suportar mil afrontas. Os espanhóis apoderaram-se de uma sumaca carregada de víveres, fora do rio, e provocando-os em todas as oportunidades, em tom autoritário.

A situação chegou a tal ponto, que o General D. Juan José Vertiz y Salcedo, Governador de Buenos Aires, marchou, em fins de 1773, com o corpo de tropas de Montevideú, por Santa Tecla, para o Rio Guaíba (Jacuí), pondo em fuga todos os colonos portugueses

que tinham pequenas propriedades entre o Guaíba (Jacuí) e o Camaquã.

Declarou em manifesto mandado ao Governador do Rio Grande, o então Tenente-Coronel José Marcelino, que todos os portugueses deveriam evacuar, não apenas aquelas terras, mas também as que se encontravam entre os Rios Pardo e Jacuí, por pertencerem ao Rei Católico “os Rios Guaíba e Pardo, limites de suas terras com as dos portugueses”.

O general espanhol continuou sua marcha até duas léguas, do Guaíba (Jacuí) e outro tanto da povoação do Rio Pardo onde o governador José Marcelino ofereceu resistência com um punhado de tropas, alguns milicianos e meia dúzia de velhas peças de artilharia. Antes hostilizou os espanhóis, em sua marcha, por pequenos destacamentos de Cavalaria. Após pequena permanência no mesmo lugar, o general resolveu limitar suas explorações àquela área. Levantou acampamento e retornou pacificamente à sua base. Quando do seu retorno, as tropas leves do Rio Grande, comandadas pelo Capitão (Pinto) Bandeira, tomaram-lhe um comboio expressivo de gado que lhe fora enviado das Missões e, ainda, bateram-lhe a escolta (Combate de Santa Bárbara) **(1)**.

A Corte de Portugal, ofendida por tantas incursões, irritada com a lentidão da Corte espanhola em lhe restituir aquelas Províncias e, ainda, informada que no reino da Espanha organizavam-se grandes preparativos para uma nova expedição, resolveu reagir e prevenir-se contra semelhantes ameaças e fazer justiça por suas próprias mãos.

Foi no mês de julho de 1774 que o Marquês de Pombal, então Primeiro-Ministro de Portugal, informou, desta resolução, ao Marquês do Lavradio, Vice-Rei do Brasil, “em carta que vem copiada em primeiro lugar entre aquelas que o Vice-Rei escreveu-me em seguida, apenas com parte do plano que determina as forças a serem empregadas e o número e qualidade das tropas de que o Rei se dignou confiar-me o comando. Omito os outros artigos que dizem respeito a mim nesta carta e nas outras vindas, porque eles se acham quase *ipsis verbis* na instrução que me deu o Vice-

Rei, na véspera do meu embarque. Recebi, ao mesmo tempo, uma carta do Primeiro Ministro (com quem havia até então mantido correspondência direta), que me participou a vontade de Sua Majestade. Para o restante enviou-me polidamente ao Marquês Vice-Rei que, em seguida, mostrou-me a carta de Sua Majestade dando-lhe total liberdade e plenos poderes para agir em seu nome.

Estas duas cartas foram-nos trazidas pelo Capitão-de-Alto-Mar Robert MacDouall que entrou a 19 de setembro de 1774 no Porto do Rio de Janeiro, na fragata **Nazaré**. Este oficial acabara de ser nomeado chefe da Esquadra que se devia formar no Rio de Janeiro. Se encontrava (para fazer na Marinha, os arranjos, mudanças e promoções que julgasse necessários), revestido de poderes tão amplos, que talvez nenhum homem do mar obtivera, antes, em Portugal **(2)**. **O objetivo dessa esquadra também era o de atacar os espanhóis e facilitar as operações das tropas terrestres.**

Calo-me a respeito de todas as conferências que tivemos a seguir, o Senhor Vice-Rei, o Comandante da Esquadra e eu, sobre o modo pelo qual deveríamos atacar os espanhóis por mar e por terra, expulsá-los da fronteira meridional do Rio Grande e de toda a Província **(3)**.

Os informes que tínhamos da posição dos espanhóis e de suas forças eram demasiados vagos e incertos para que aqui, tão distante, se pudesse fazer um plano razoável. O Vice-Rei, sem nunca ter estado lá, e o Comandante da Esquadra desconhecendo as características do Rio Grande e as dificuldades de entrada e da costa, só argumentavam mal. Assim sendo, todas estas conferências não levaram a nada. O Vice-Rei resolveu mandar construir barcos a vela e a remos que exigissem 6 ou 7 pés de água, armá-los e no-los enviar quando eu estivesse no Rio Grande.

Silêncio sobre as inumeráveis discussões que tive com o Vice-Rei a respeito do estado em que se encontravam, então, os três regimentos de Infantaria da Europa **(4)**. Recrutados recentemente de uma leva de 400 a 500 homens, vinda de Lisboa, em que quase todos **eram criminosos e desertores tirados das prisões, muitos já velhos e enfermos, e outros, doentes; também silêncio a**

respeito da Subsistência; a respeito dos Transportes das tropas e a respeito da Artilharia.

Resultou de todas estas discussões que se faria uma seleção entre os soldados dos três regimentos da Europa; ficando a última leva, na maior parte, no Rio de Janeiro, com velhos e enfermos. Eu seguiria para o Rio Grande com as tropas cuja organização segue abaixo, e que foram equipadas conforme o plano explica.

Obtive, por favor, um tesoureiro das tropas, adido ao meu Estado-Maior. Mas, um secretário português que pedi, foi-me recusado; ou, o que dá no mesmo, não se pôde encontrar.

Relação das tropas que deveriam preparar-se para seguir para o Rio Grande:

1. Uma Companhia de Dragões de Guardas do Vice-Rei, comandada pelo Capitão Camilo Maria de Tonnelot61 homens.

2. O Regimento de Estremoz*, do Brigadeiro José Raymond de Chichorro, com a Companhia de Artilharia de Lagos a ele adida.....685 homens.

3. Um Destacamento do Regimento de Bragança, comandado pelo Tenente-Coronel Luiz Antonio Pinto de Vasconcelos.....350 homens.

4. Um Destacamento do Regimento de Moura, sob o comando do Major José da Nóbrega Botelho350 homens.

5. Um Destacamento do Regimento de Artilharia, do Rio de Janeiro, comandado pelo Capitão de Especialistas Manoel da Cunha53 homens.

Total 1.499 homens.

(*) Embora no original esteja grafado “Estremos”, o nome da cidade é Concelho Estremoz.

MEMÓRIAS DO Ten Gen BÖHN RELATIVAS À EXPEDIÇÃO AO RIO GRANDE

Uma pequena Equipagem de Artilharia de Campanha:

2 peças de 12 libras.

2 peças de 9 libras.

6 peças de 6 libras.

4 peças de 3 libras com varais e rodos.

2 obuseiros de 6 polegadas, com 300 tiros por peça e as carretas e carros respectivos.

Todos os **Avant-train*** das peças, das carretas e carros eram preparados para tração a cavalo. Tinham vindo também de Lisboa arreios destinados a grandes cavalos de tração. Como no Brasil não se usam tais cavalos, pus de lado os arreios e fiz transformar as flechas para usar bois, ficando, então, bem equipado logo que eles chegassem.

As tropas acabavam de receber fardamento.

Eu havia conseguido meios para dotar de sabres as três Companhias de Granadeiros. Há tempos, havia mandado confeccionar lanças, para delas servir-me quando se apresentasse ocasião. Machados, enxadas, pás e outras ferramentas, **bem como boas marmitas de cobre pertenciam, também, à minha Infantaria.**

Porém, as armas que haviam sido fornecidas aos Regimentos da Europa, em 1763, achavam-se em mau estado. Esperava que se lhes dessem armas novas, enviadas para eles mesmos por Lisboa. Mas eu estava bem longe da realidade. O Vice-Rei considerava as armas ainda bastante boas, dizendo-me que devia também guardar alguma coisa para as tropas que ficaram no Rio de Janeiro. **No dia seguinte, ele forneceu armas novas ao Regimento de Estremoz e mandou trocar as piores dos Destacamentos de Moura e de Bragança.**

Com as barracas acontecia pior ainda. Os Regimentos de Estremoz e de Moura haviam-nas recebido na Europa em 1764, e lá elas foram utilizadas em três ou quatro campanhas e exercícios pelas tropas do Marechal-General Conde de Lippe. Trouxeram-nas depois, podres e fomos obrigados a entrar em campanha com elas. Ao Regimento de Bragança, forneceram-se outras que já haviam sido utilizadas no Rio Grande, por um Destacamento do Segundo Regimento do Rio de Janeiro **(5). Tal foi o armamento,**

tais foram as barracas com que se dotaram as tropas enviadas à guerra numa região onde não havia cidade, nem vila, nem oficinas.

(*) Avant-train - Constitui-se de uma viatura hipomóvel, o eixo dianteiro com duas rodas, uma articulação com o eixo traseiro e uma flecha para atrelar os cavalos. Para bois, caso normal e tração de canhões **no Rio Grande, à época, foi necessário trocar a flecha por cambão e os arreios por cangas. (Veja-se o apelido do 1º Regimento de Artilharia, na Guerra do Paraguai: Boi de Botas).**

Não obstante, acabaram de chegar ao Rio de Janeiro armamentos novos para os três Regimentos da Europa; e dois, diferentes, para os Regimentos do Rio de Janeiro. E, ainda, barracas novas para três mil homens de tropas regulares.

Quanto aos meios de transporte e de subsistência das tropas naquele deserto, só havia promessas vagas de que nada faltaria e **que ordens, as mais rígidas, haviam sido dadas para que eu fosse apoiado prontamente no caminho da Ilha de Santa Catarina e direto por mar. Que tudo o que existia naquele Continente do Rio Grande estava à minha disposição, e o governador às minhas ordens. Omito destas Memórias todos os desgostos e recusas que tive que suportar até 4 de dezembro de 1774, quando o Vice-Rei veio a minha casa já à tarde.** Tendo-me perguntado se as tropas (cujas bagagens já estavam a bordo) podiam embarcar à tarde. Recebeu minha resposta que sim! Determinou que o embarque se daria após as três horas da tarde. Só então entregou-me uma grande pasta lacrada, contendo as instruções gerais, cuja cópia se encontra ao fim deste livro. Minha permanência depois disso, foi tão cheia de ocupações, que não tive tempo de abri-lo, menos ainda de conferi-lo com o Vice-Rei **(6)**.

As tropas, cujos oficiais e sargentos tinham recebido o que se chama ajuda-de-custo, embarcaram na hora marcada. Às 7 horas estava a bordo tudo o que pertencia aos corpos. No dia seguinte, 5 de dezembro, o Vice-Rei acompanhou-me a bordo do navio que ele havia deixado à minha escolha. E nele, por ordem sua, fui tratado da melhor maneira possível. O Marechal Funck aí se encontrava,

também, com seu ajudante-de-orden5 o Capitão Schierling, que se retirou para a terra por não querer participar da Campanha do Rio Grande. Eu só tinha comigo meu ajudante-de-ordens o Major George Luiz Teixeira, o Tenente-Coronel de Cavalaria Auxiliar Joaquim José de Ribeiro e o Ajudante do Regimento de Artilharia José d’Affonseca Vidal. Escolhi estes dois oficiais dentre os que se ofereceram para acompanhar-me, e um cirurgião, Major André da Costa.

Atribuo apenas, à minha confusão, o fato que minha partida neste mesmo dia tinha sido uma surpresa para os quadros, **porque supus que teria tempo ao menos de ler as instruções, onde poderia encontrar artigos que exigissem esclarecimentos.** Deixei os principais oficiais na mesma tranquilidade. Quando o Vice-Rei saiu de minha casa, eu não tinha ainda nada de bagagem a bordo e quase nada empacotado. **Tudo se fez com precipitação e desordem, e as coisas mais necessárias foram esquecidas. Não pude despedir-me de ninguém, afora o Senhor Bispo. Mal tive tempo de preparar uma resposta ao Marquês de Pombal, da qual não pude tirar cópia.**

Não me referi aqui à Companhia mencionada dos Guardas do Marquês Vice-Rei, comandada pelo Capitão Camilo Maria Tonnelet. **Ela embarcou vários dias antes de mim e içou velas, com 61 homens e igual número de cavalos.**

No mesmo dia 5 de dezembro do ano de 1774, às 7 horas da manhã, levantamos âncora, saímos do porto do Rio de Janeiro, recebemos ventos favoráveis, **e chegamos, os quatro navios, a 10 do mesmo mês, aos arredores da Ilha de Santa Catarina, onde lançamos âncora.**

Não se teria podido fazer viagem mais agradável, nem encontrar homem do mar mais polido, mais atencioso e mais amável que o comandante de nosso navio, Senhor Tristão da Cunha de Meneses. E o que é mais digno de admiração é que ele pertence a um dos mais ilustres troncos de Portugal.

Enquanto as tropas deviam baldear para barcos pequenos, para serem transportadas à Vila de Laguna, não perdi tempo para

ir à residência do governador a fim de combinar com ele os meios.

O governador chamava-se Francisco de Souza Meneses. Havia servido na Cavalaria, onde a sua última função foi de capitão da guarda a cavalo do Primeiro-Ministro, Conde de Oeiras, **que, como prêmio, confiou-lhe aquela função para a qual ele não tinha nenhuma propensão; pelo contrário, nutria um forte desejo de se afastar, mas lá permaneceu.** Pareceu-me um grande e bom homem. Sou-lhe devedor da assistência que me prestou, embora uma erisipela o retivesse no leito. Assim que os Regimentos de Moura, de Bragança e o de Artilharia e o Parque se encontravam, à tarde do dia 13, **embarcados nas sumacas, puseram-se à vela para a Vila de Laguna onde chegaram no dia seguinte.**

Posteriormente, dei ordens a fim de que o Regimento de Estremoz pudesse seguir em pouco dias e resolvi transportar-me por terra com os principais oficiais que haviam vindo comigo, conforme escrevi ao ViceRei.

Durante minha estada nesta ilha, aproveitei as horas vagas para passear pelos arredores da Vila Nossa Senhora do Desterro, residência dos governadores. **Tive ocasião de ver algumas das fortificações vizinhas que só inspiram respeito pelo título que possuem. Vistas de perto, é bem pouca coisa e se encontram de tal modo esparsas que é difícil vislumbrar a ideia de um plano de defesa que o construtor tenha tido em mente (7).**

O interior desta ilha me pareceu bastante agradável. As cabanas com suas hortas e jardins, por pobres que sejam, apresentam aspecto de ordem e limpeza, o que comprova o gosto dos seus habitantes pela vida campestre e suas inclinações para o trabalho. **Porém, o medo geral é de que se lhes tirem os meios; levem seus filhos para o Serviço Militar (onde eles amolecam, à falta de pagamento e de fardamento, regularmente) e se obriguem os pais a trabalhar nas obras públicas (sem lhes dar a mínima coisa) e os impostos; de maneira que a terra, embora fértil, produz pouco.**

Na Vila Nossa Senhora do Desterro se nota mais a miséria e o abatimento dos seus pobres habitantes. Não se vê nenhuma casa

boa, ou que pareça acabada, nem rua pavimentada, nem igreja própria, **O palácio, mesmo, tem um aspecto muito lúgubre. Estas gentes se ocupam com a pesca, fazem toalhas e guardanapos em pequena quantidade e muito pouco comércio. Seus trabalhos, tanto quanto os do pessoal do campo, são utilizados e explorados por meia dúzia de sanguessugas, que deles sabem aproveitar-se em benefício próprio. Tiram-se as farinhas dos pobres camponeses para alimentar a Colônia, prometendo pagamento.**

Tendo feito embarcar com as tropas tudo o que me pudesse não causar embaraço, agradei ao governador a hospitalidade e passei, a 16 de dezembro, para a outra margem da Ponta de Araçatuba. Dali prossegui a caminho de Laguna, que dista 13 léguas de lá **(8)**.

Como os habitantes ao longo da costa têm a comodidade de se comunicar pelo mar e são extremamente pobres, não cuidam nem um pouco de seu caminho por terra. Assim, após o Rio Imbaú, até Vila Nova, mais de 8 léguas, há muitos desbarrancamentos e nas passagens do morro de Siriu (?) e dos Morrinhos, muitos perigos a enfrentar. **É preciso, nestas passagens, servir-se de mulas da própria região, que estão acostumadas a subir montes, têm o casco muito pequeno e duro e pisam com maravilhosa segurança. Custou-me caro ter recusado um destes pequenos animais e montado um bom cavalo de meu ajudante-de-ordens.**

De Vila Nova o caminho segue pela praia até uma boa légua de Laguna, **quando ele se afasta e se encontram areias tão profundas em que os cavalos, afundando-se até o pescoço, parecem nadar.** Esta passagem é extremamente perigosa quando o vento sopra forte. Cheguei a Laguna no dia 18. Os Regimentos de Moura e de Bragança saídos pela manhã, tinham passado o rio. Foram acampar em Garoupaba onde há um armazém do Rei **(9)**.

Esta vila deve seu atual estado à invasão dos espanhóis em 1763. Os portugueses deste Continente tendo perdido o Rio Grande e, conseqüentemente, a comunicação por mar com a Ilha de Santa Catarina e o Rio de Janeiro, passaram a utilizar-se do caminho de Laguna; desta passagem contínua e de seu comércio

subsistem os seus habitantes, e muito bem.

No segundo dia após minha chegada, também chegou o Tenente de Dragões Manoel Marques (de Souza) que o Governador José Marcelino me mandou, com o conjunto de carroças, bois e cavalos que se encontravam em Garoupaba, para o transporte das tropas e da Artilharia. **Era demasiado pouco, tanto de um quanto de outro, em comparação ao que se costuma fornecer para marchas numa região deserta, onde é preciso levar consigo tudo, pois não há a quem recorrer. Não há vila, vilarejo, nem povoação depois de Laguna até a margem do Rio Grande, ao longo de cem léguas de caminho, nem albergue de espécie alguma. No entanto, foi preciso aproveitar o que se tinha e não perder tempo.** A região não podia fornecer mais, pois sofrera muito no começo deste mesmo ano, durante a marcha do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, do Destacamento de Cavalaria e de Infantaria Ligeira do Major Gaspar José de Matos, ajudante-de-ordens do Vice-Rei, e do retorno do último Destacamento, em maio, após quarenta dias de campanha.

Vi-me obrigado a deixar, no geral, mais da metade das bagagens em Laguna, à guarda do Comandante Manoel Gonçalves Leite, para enviá-las por mar ao Rio Grande. **A operação de passar a Artilharia a Garoupaba, por água, tomou-me 9 dias,** durante os quais o Regimento de Estremoz veio juntar-se a nós. **Só a 28 pude partir de Laguna.** De tudo isso, dei parte ao Vice-Rei. Os Regimentos de Moura e de Bragança, que eu havia feito partir de Garoupaba dois dias antes, foram detidos a duas marchas de lá. **O Rio Araranguá estava tão cheio e sua corrente tão rápida que eles não puderam passar.**

A 28 de dezembro, ao despontar do dia, fiz partir de Laguna o Regimento de Estremoz, para o lugar onde o rio é menos largo e **aí passá-lo sobre a ponte móvel construída sobre barcos.** Embarquei na própria Vila, com os oficiais de minha Companhia. Fomos direto ao ponto onde se encontravam os cavalos para a marcha. Aí chegando, encontrei a testa da Companhia de Granadeiros. Mandei-a fazer alto num lugar cômodo, para nele esperar o resto

do Regimento.

Como havia ordenado que a metade da Artilharia partisse nessa mesma manhã de Garoupaba, adiantei-me para ver como este deslocamento se executaria com bois.

Chegando a um quarto de légua de Garoupaba, encontrei minha Artilharia pesada. **Os carpinteiros do Rio de Janeiro haviam utilizado madeira tão pouco apropriada que os cambões e cangas haviam-se quebrado.** Assim, tive que mandar os bois de volta ao posto, deixar a Artilharia onde se encontrava e **“dar tratos à bola” para achar uma solução.**

Enquanto tomava providências quanto a isso, chegou-me preocupante parte; dizia que a Companhia dos Granadeiros e a Companhia do Coronel do Regimento de Estremoz estavam cruzando o rio. E mais, que o major, para acelerar a transposição, havia feito passar duas companhias sobre a ponte, apesar da oposição dos barqueiros. E ele mesmo havia subido nela, por último. A ponte ficou sobrecarregada sobre a parte traseira, pesando demais sobre os barcos que a estruturaram. Assim, os primeiros barcos se encheram de água. Isto fez abaixar tanto a ponte, desse lado, que os soldados, não se podendo manter de pé, escorregavam para baixo, amontoando-se. **Caíram no rio, bastante profundo, e afogaram-se o major com um subalerno, 6 sargentos, 39 soldados e um tambor da Companhia de Andrade. O restante desta companhia e a do major, que se encontravam na parte dianteira da ponte, passaram, felizmente.**

Este funesto acidente causou grande consternação. Deu o que fazer, para resgatar e enterrar os mortos, e mais ainda, para refazer o moral dos sobreviventes. Somente a 31 de dezembro, à tarde, foi que o regimento pôde reunir-se no acampamento de Garoupaba. A partir daí, começou-se a dar às tropas que se deslocaram para o Rio Grande (afora a farinha) duas libras de carne por dia. Esta ração foi-lhes mantida durante todo o tempo em que lá estiveram, até o seu retorno a este mesmo lugar.

Não devo continuar mais, sem antes dizer duas palavras da região aonde iria conduzir as tropas, por ser bem pouco conhecida.

Esta província, a mais meridional do Brasil chama-se Continente do Rio Grande. **Sua maior extensão, tal como Portugal a possuía, então se estendia do Rio Araranguá (28 graus e cinquenta minutos de latitude sul) até a margem setentrional do Rio Grande (que nas cartas geográficas traz o nome de Rio de São Pedro) que se lança no mar a 32 graus e 8 minutos de latitude sul.**

Do Araranguá ao Rio Grande a primeira metade é bastante larga, ultrapassa 60 léguas, do Oriente ao Ocidente, em diversos lugares, **como do Quintão ao Rio Jacuí. Mas a segunda metade é uma língua de terra entre o mar e a Lagoa dos Patos, até as margens do Rio Grande, não possuindo mais do que 6 léguas de largura em qualquer ponto e, em certos lugares, apenas 1 légua.**

Para melhor entendimento, **a carta do Brigadeiro José Custódio de Sá Faria, embora tenha defeitos, é a melhor, no geral, deste Continente, que se dispõe até o momento e que se encontra no início destas Memórias (10).**

Toda a extensão do caminho que vai de Araranguá à margem do Rio Grande, mesmo depois que se deixou o terrível caminho da praia, é uma região plana onde se vêem poucos bosques. É uma região quase deserta. Nela só se encontram pobres camponeses, cujas pequenas e tristes cabanas mostram sua miséria e algumas "terras" ou "bens", "fazendas" de pessoas que vivem da pecuária. **E esta região seria ainda menos deserta, se aí não se tivessem estabelecido uma parte dos infelizes que perderam terras e bens que possuíam do outro lado do Rio Grande, quando da invasão do General D. Pedro de Ceballos, em 1763.**

Nada é mais triste do que viajar por estes sítios. Não apenas é preciso levar consigo as menores bagatelas, mas também tem-se dificuldade de se encontrar em algumas destas cabanas extremamente acanhadas, um lugar onde colocar uma cama. Não possuem nem cadeira, nem mesa. Não se vê nada de vidro; nem um pouco de sal ou de vinagre. Apenas uma vasilha d'água que se preferiria bebê-la em outro local.

Indo de Leste para Oeste, do Quintão para o rio Jacuí, a região é mais amena, cortada por rios, coberta de belas florestas com boas

madeiras e muito mais habitada. Encontra-se nesta linha, **Viamão, situada sobre uma eminência, no meio de uma paisagem fértil e agradável. Os governadores, desde a perda de sua residência, em Rio Grande, pela invasão de 1763, aí se haviam estabelecido, bem como os principais habitantes daquela vila que haviam fugido com medo de serem maltratados, após abandonarem quase todos os seus bens às tropas espanholas.** Os governantes e povo formaram, com os salvados de suas fortunas em Rio Grande, uma nova residência à qual souberam dar um ar de abundância e de regularidade que encanta a vista e agrada infinitamente, mais do que a que se havia perdido.

O Governador José Marcelino, com o intuito de desenvolver o comércio, aproximou-se da água e estabeleceu-se, com aprovação do Vice-Rei, à borda de uma bela e espaçosa bacia que recebe 4 rios, que depois de reunidos, algumas léguas abaixo, formam a Lagoa dos Patos **(11)**.

Esta mudança de residência ocasionará, naturalmente, a ruína de Viamão, cuja decadência já é previsível. Mas, Porto Alegre não aumentará, à proporção que Viamão declina. Os seus habitantes não são suficientemente ricos para erigir, em poucos anos, tão variados estabelecimentos (12).

De Porto Alegre, subindo o Guaíba **(13)** como os espanhóis chamam o Rio Grande (por causa da quantidade de outros rios que têm suas nascentes de um lado, nesta cordilheira que limita os Campos de Vacaria, e de outro, nas montanhas para o lado de Camaquã e vêm jogar-se sobre seu leito), encontra-se a 30 léguas do povoado do Rio Pardo, na margem oriental do rio do mesmo nome, próximo de sua embocadura no Guaíba (Jacuí). É a colônia mais numerosa deste Continente do Rio Grande, mas também a mais desagradável. **Nada há mais deplorável do que ver esta quantidade de gente que construiu casas sem seguir a menor ordem, cada um onde lhe agradou. E mais, num terreno irregular e desigual. O Conde de Bobadela, Vice-Rei do Brasil, retornando das Missões, foi seu fundador (14).**

Não falo de várias paróquias que se acham neste Continente;

a maior parte delas, de pouca importância.

Nossa Senhora dos Anjos,(atual Gravataí) a 3 léguas de Viamão, é um grande vilarejo à margem do rio Gravataí. **É uma das mais belas partes do Continente, onde o Conde de Bobadela fixou grande quantidade de famílias de naturais do Brasil (índios). Nomeou um comandante para dirigi-los, e outras pessoas que julgou capazes, para lhes ensinar o Cristianismo e civilizá-los, a fim de aumentar o número de vassalos de Sua Majestade, e os tornou úteis ao Estado.** Mas até agora, todo o trabalho e despesas foram, infrutíferos para tirá-los do embrutecimento em que se encontram, ainda que o Governador José Marcelino nisso tenha posto um zelo de fanático.

O Rei fez-lhes dar com o que se cobrir e lhes distribuiu a cada um, homem ou mulher, duas libras de carne; e às crianças, uma. Quando eles trabalham para o Rei ou particulares, são tratados de modo diferente. Encontra-se um vilarejo semelhante, perto do Rio Pardo, mas demasiado inferior a este para que se mencione. **Há, nesta província, gado em abundância; e haveria mais e muito melhor, se fosse cuidado. Não faltam porcos. Haveria ovelhas se quisesse. Igualmente, toda espécie de aves, como perus, galinhas, marrecos e patos, que se multiplicam consideravelmente.**

A única caça de porte (pois não se pode incluir nesta classificação os porcos que se encontram nos matos) é o veado que não excede em altura um lebreiro comum, e as corças, menores, mas cuja carne é de ótimo paladar. Quanto à caça, encontra-se a perdiz, de duas espécies, igualmente delicadas. As menores são como as da Europa; as outras, o dobro delas (15). Há nhambus, mas não galinholas. E mais, macucos e jacus. **Há pouco, tanta caça miúda quanto caça média, porque os tigres e as aves de rapina, abundantes na região, as destroem.** Ainda se encontraria menos, se os habitantes do Continente se interessassem por eles. Mas a maioria deles não come, senão por necessidade. Nem um peixe e nem legumes! Seu principal e quase único alimento é a carne de boi, que eles utilizam **meio assada sem sal e sem pão.**

Juntada à ração de carne que o Rei manda dar a todos os que

o servem, no meio eclesiástico, no civil e no militar, faz-se dela um grande consumo. Pode-se acrescentar ainda que se faz disso um gasto incrível. Mas seria demasiado longo para detalhar.

A Corte, demonstrando grande interesse por este Continente, enviou para cá grande numero de famílias das Ilhas de Açores (16) constituindo melhor e mais útil parcela de seus habitantes. São um povo laborioso, frugal, simples e ordeiro. Têm suas vacas de leite, do qual extraem manteiga e queijo; e alguns bois para o trabalho. Cultivam a terra, que lhes dá com usura o trigo, o milho, ou a mandioca que aí plantam. A cada família se dá, ordinariamente, um quarto de légua quadrada de terra. Estes homens fariam grandes progressos na agricultura e enriqueceriam a região se fossem ensinados e incentivados. Mas, apossando-se de suas colheitas por conta do Rei, que para isso nada faz, e colocando seus filhos nas fileiras do Exército, em contraposição às formais garantias do Soberano, que os obriga a impostos de toda a espécie, eles não se sentem motivados.

Os outros habitantes da Campanha vivem do gado, com o que comerciam, conduzindo-o a São Paulo ou à Ilha de Santa Catarina. As pessoas possuem terras de grande extensão, mas poucos cultivam a sua parte. Os principais estabeleceram-se além do arroio dos Palmares, até o Jacuí. Encontram-se muitos arruaceiros entre eles, que cometem desordens dentro e fora do Continente (gaudérios) . Sua paixão por enriquecer e adquirir gado de qualquer maneira é talvez uma das fontes ou causas da desinteligência entre os dois Soberanos, parentes e vizinhos. Mas não se deve tocar neste ponto!

Há também pessoas que vivem do carreiro e ter-se-iam enriquecido se não fossem obrigados, por vezes, à condução das tropas e outras coisas pertencentes ao Rei. **Eles têm carretas de duas rodas, bastante altas como as do Triquebalie. Nelas carregam até três mil libras de peso, com dez bois atrelados, às juntas. Quando vão a Laguna, levam sempre dois conjuntos de reserva, de sorte que é preciso computar trinta bois por carreta.**

Não se exporta, até agora, outra coisa que senão couros; dos quais saem anualmente vários milhares. O trigo, a manteiga e o queijo que saem deste Continente o são em reduzidas quantidades. **Tudo o que faz parte do vestuário, assim como o vinho, a cachaça, as especiarias de toda a espécie, óleo, vinagre, pimenta, sal, as ferragens e quinquilharias lhes vêm, na maior parte, do Rio de Janeiro.** Nesta região não existem ainda fábricas de qualquer espécie, embora o governador esteja bastante interessado em estabelecê-las. **O ar é são. O clima é bom. Mas a grande poeira sufoca e cega. Os ventos do Sul e Sudeste são intoleráveis, principalmente no inverno, quando sopram e fazem estragos. Mas, eis aí, o bastante, para me recordar deste Continente!**

ANO DE 1775

Tendo distribuído carroças e cavalos pelas tropas, com o máximo de igualdade, e tomado todas as medidas possíveis, pus-me em marcha, **a 3 de janeiro de 1775**, de Garopaba com o Regimento de Estremoz e o resto da Artilharia. Havendo alguns rios a passar nesta estrada, eu havia julgado de bom- alvitre fazer deslocar-se em duas partes a Infantaria para que não se embaraçasse com a Artilharia e retardasse suas marchas. Dei a cada uma um guia que me haviam sido recomendados como tal. E tomei a dianteira, com meus oficiais para apressar a ajuda de que a Artilharia tanto necessitava e para encontrar o mais cedo o governador que eu sabia ter partido de Porto Alegre para juntar-se a mim.

No dia seguinte encontrei, às margens do rio Araranguá, o Major- engenheiro Róscio ocupado com a transposição da metade de minha Artilharia, que o Tenente Joaquim Gomes de Campos conduzia. **O Vice-Rei para aí o havia mandado, para construir uma ponte flutuante que serviu muito bem.** Os Regimentos de Moura e de Bragança haviam-na cruzado no dia anterior. Três dias depois cheguei às margens do rio Mampituba. Vendo aí apenas dois barcos, perguntei onde estavam os outros barcos de passagem, mas não

havia mais o que esperar.

Confesso que não compreendia como, antes, seria possível passar ao outro lado de um rio, mais largo que o Reno, tantos homens, bagagens, carros e carroças. Nós outros, europeus, temos sempre à mão pontes fixas ou rolantes; pelo menos, pontes de equipagem, ou barcos grandes. Por esta razão, não atinei, de imediato, com um meio que nos tirasse daquele embaraço. Esta gente, a quem faltam todos os meios, (que um país povoado e policiado apresenta) está habituada com as dificuldades e tem o espírito pródigo em recursos (17).

Quanto aos cavalos e muars, todos nadam. Tira-se-lhes a sela; um homem, a cavalo, vai à frente, entrando na água. Outro homem impele os demais animais que também entram na água o que fazem por si mesmos. Seguem sempre o primeiro cavaleiro, que os conduz ao lugar que quiser, do outro lado. Assim, dois homens sozinhos baldeiam mais de cem animais. Se houver entre eles alguns que estejam fatigados, se afogam, caso a corrente estiver um tanto forte. As carretas são descarregadas. As bagagens passam em primeiro lugar nos dois barcos que eles amarraram previamente, de tal modo que puderam sobre eles colocar uma carreta e passá-la. E tudo isso com uma rapidez admirável! Vi mais! Passaram uma carreta pesada a nado, puxada por seus próprios bois. A única diferença é que os desatrelaram da lança e os enviaram à frente. Como eu levava cordas comigo, amarraram-nas, bastante longas, às pontas dos chifres, para dirigi-los. Assim, os bois seguiam sem esforço e puxavam a carreta atrás deles. Foi um espetáculo completamente novo para mim, ver aquela procissão de bois, dos quais se viam apenas os chifres e um pouco da cabeça fora d'água, seguidos pela carreta.

Minha cadeira e meus carros de bagagens lhes causaram pouca dificuldade. Enfim, toda minha pequena comitiva passou em menos de duas horas e meia. Podemos tornar a montar a cavalo e continuar o deslocamento que, a bem da verdade, parecia de uma extensão insuportável, durante o tempo em que se marcha pela praia. Ou seja, mais de trinta léguas. Ver, durante todo o dia,

apenas, de um lado o oceano cujas ondas, sempre impetuosas e espumantes, vêm, às vezes, banhar os pés do cavalo e nos deixam aturdidos com seu marulhar contínuo e, do outro lado, elevações arenosas (dunas), que o vento constrói e destrói a seu gosto. Ainda por cima, é-se obrigado a fazer marchas curtas para poupar os animais. Pois são más as pastagens, e assim mesmo, apenas em certos lugares perto da praia, bem como as aguadas.

Encontra-se, entretanto, sobre o caminho da praia, um quarto de légua muito agradável, devido a dois altos rochedos com um mais baixo ao meio. Eles se elevam à beira do mar, protegendo e escondendo os terrenos que lhe estão por trás. São todos cobertos e todos verdes. Seus encantadores bosques refrescam o viajante e o fazem esquecer o sacrifício da subida. Há, no meio, um vale que encanta pela vista pitoresca destes rochedos aos quais, como a todo o lugar, deu-se o nome de **Torres**. Estes são os únicos rochedos ou montanhas que se encontram ao longo da costa, desde Laguna até o arroio Chuí. **E, de lá, para o Sul, não se acham mais nem pedras, nem seixos, nem mesmo areia.** O que parece ser areia é uma terra leve e tão fértil que quando se a protege com uma cerca de modo que o vento não possa carregar a superfície onde se planta, ou trazer outra que abafe as plantas, produz mais que qualquer terra da Europa.

Ao sair da praia, encontrei o Governador José Marcelino que me participou que a farinha e os bois de corte para as tropas já se encontravam distribuídos ao longo do caminho. Fiquei mais tranquilo, no que diz respeito às provisões necessárias para a marcha. Nesta região não se fala de forragem seca porque dela nada se dá aos pobres animais. Chegados ao lugar do acampamento, ou de parada, desatrelam-se os bois, tiram-se as selas dos cavalos. Uns e outros são deixados aos cuidados dos condutores que o juntam a suas reservas e os conduzem às pastagens, onde permanecem com os animais, guardando-os. Com os bois de corte, procede-se do mesmo modo depois de se ter separado os que serão mortos (carneados) neste dia.

Este modo de marchar, quase à moda tártara, exige uma

grande quantidade de bois e cavalos e, também, de condutores. Um simples condutor se chama “**peão**”. O que dirige vários, um “**capataz**” ou “**peão cabo**”.

Soube, pelo governador, que quase toda a **farinha de guerra** que havia no Continente se consumiria na marcha e que a ajuda do Rio de Janeiro tardaria a chegar. A notícia me contrariou e não deixei de representar ao Vice- Rei, do qual eu recebera cartas neste mesmo dia, tendo respondido de Cidreira, a 13 de janeiro. Daí mesmo destaquei o Coronel Roncalhy a ir a Porto Alegre passar em revista o seu Regimento de Dragões, e que lá se encontrava, e dar-me parte por escrito. Escrevi ao Major Rafael Pinto Bandeira para que viesse juntar-se. O Major Rondon devia ficar em **Cidreira** para receber, do Capitão Manoel da Cunha, 4 peças de Artilharia de 3, portáteis, e conduzi-las a Porto Alegre.

De minha viagem posterior não há o que contar. Um dia seguiu-se a outro, numa região que daí, até a margem do Rio Grande não oferece a menor variação. Nenhum objeto que possa chamar a atenção ou a curiosidade. Assim, eu só fiz acostumar-me à miséria e a estas horríveis circuntâncias. A seca foi tamanha, este ano, que a água faltava nos lugares normais , o que me obrigou a mudar a ordem de marcha para as tropas e enviar-lhes um mensageiro para que acampassem noutros lugares, diferentes dos que eu havia determinado.

Cheguei a 19 de janeiro 1775, com o governador Marcelino , à Fronteira do Norte (18). chamado o local onde o principal oficial, com o grosso das tropas , estabeleceu-se desde que os espanhóis se retiraram da margem nordeste rio. Cada destacamento que aí chegou, sem encontrar onde alojar-se , construiu seu quartel com materiais da região. A armação é de péssimo material. Ela só é boa para queimar. **As várias peças se unem por correias cortadas dos couros dos bois. O telhado é feito de um junco tirado do banhado que nunca perde seu mau cheiro. As paredes são feitas de esterco misturado ao barro.** Ou melhor dizendo, com a lama dos banhados, que causa um fedor execrável que nunca desaparece. **As portas são de couro ou de junco, igualmente ligadas por correias.**

Uma porta portilhada de madeira é até um luxo. Uma fechadura denota um palácio, sobretudo se aí se encontram quadros cobertos de tela (empanadas) em lugar de janelas. Entretanto, encontrei uma casa com três quartos assoalhados, tal como não se conhecia lá, graças aos cuidados do Coronel Sebastião Xavier da Veiga, comandante das tropas neste quartel, e providência do Governador Marcelino de Figueiredo. Assim achei-me bem mais à vontade do que em nenhum lugar do caminho. A gente acostuma-se com tudo, com o tempo, vendo o exemplo dos outros. O que me dava pena era que não se encontravam semelhantes casas vazias, para nelas alojar o pessoal que **devia chegar com as barracas rasgadas.**

As tropas deste quartel eram:

- O Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro
.....799 homens.
- Duas Cias do Batalhão do Continente, recentemente recrutados170 homens.
- Um Destacamento de Artilharia do Rio de Janeiro
.....29 homens.
- Um Destacamento de Dragões do Rio Grande99 homens.
- Total**1.097 homens.

Eu havia deixado, por ora, a Companhia do Vice-Rei, do Capitão Camillo Maria, com o tesoureiro, a uma légua de lá, onde ele se encontrava antes de minha chegada **(19)**.

Havia tanta gente destacada em diversos postos ao longo do rio e outros tantos trabalhavam na construção das fortificações, que quase não vi ninguém. Contudo, ordenei ao coronel-comandante que não fizesse a menor modificação no serviço, pois eu pretendia aproveitar os dias que me restavam, até a chegada das tropas, para me orientar um pouco. **Nossos soldados haviam saído do Rio de Janeiro, que é uma ótima guarnição em comparação com o restante; lá há quartéis excelentes, comparáveis aos da Europa. Os soldados são bem pagos, bem fardados e bem armados pelos habitantes. Lá todo o necessário é barato. Não podiam, pois, acostumar-se de imediato a uma vida miserável, de marchas**

contínuas e forçadas. Além disto, bois e cavalos não eram capazes de andar mais.

O que se chama Depósito do Rei, seja de farinhas, seja de munições de guerra, seja de pólvora, são, assim como a igreja e o hospital, da mesma arquitetura que as outras casas. Em menos de meia hora eu tinha visto tudo. Os víveres consistiam em 400 alqueires (**1 alqueire = 13,8 litros**) de farinha de mandioca. O resto, excetuada uma centena de armas, metade espanholas, metade portuguesas, mais algumas pistolas, estava muito mal cuidado. Algumas ferramentas, nem valia a pena ver. **Velhas barracas apodrecidas, que tinham servido ao Conde de Bobadela, vários uniformes em farrapos, instrumentos cirúrgicos enferrujados compunham a ornamentação de alguns potes e vidros de produtos farmacêuticos.** Nenhuma madeira, nem ferro de reserva. Imagine-se o que eu sentia, vendo estes belos preparativos para guerrear. Para o serviço das tropas e para ajudar nos trabalhos de fortificação, havia somente dois carros de bois.

A “Marinha” consistia na chamada fragata **Belona**, um barco forte, bastante bom, com uma dezena de peças boas e mais: (20) dois caiaques ou pequenos barcos, três barcos e três lanchões.

As assim chamadas fortalezas eram:

1) A da própria Fronteira:(São José do Norte atual) o **Forte José**, com uma bateria de duas peças de 6, fechada na parte traseira por paliçadas;

2) O **Forte do Patrão-Mor**, a meia légua de lá, com igual armamento e qualidade, exceto que, dentro das paliçadas, há quartéis para a guarnição;

3) A **Fortaleza da Conceição**, a pouco mais de meia légua do **Patrão-Mor**, recentemente construída, com 5 peças de diferentes calibres;

4) A **Fortaleza da Barra**, mais propriamente do **Lagamar**, com 6 peças.

Não perderei tempo em descrevê-las. Basta dizer que seus parapeitos podiam ter quatro pés de grossura, no máximo. Nenhuma plataforma, por medíocre que seja. **Todas as peças**

são rebotalho, excetuadas as 4 que o Vice-Rei para lá enviou no ano passado. Há duas peças de 8, de bronze, toleráveis, mas sem berço em condições. A pólvora, está com grande risco de se perder.

Na carta hidrográfica do Rio Grande, aqui juntada, o posicionamento destas informações está claramente marcado (21).

Minha primeira saída se dirigiu para o mar. Porque desse lado me deviam vir os principais mantimentos que este Continente não pode fornecer. **É humanamente impossível trazê-los por terra para alguns milhares de pessoas. Por um caminho muito cansativo, de duas boas léguas, chega-se à beira-mar.** Lá há o **Lagamar** que a Providência parece ter feito, a fim de que pudéssemos ser socorridos, apesar de nos faltar o rio. Sumacas e pequenos barcos podem nela entrar e encontrar um bom abrigo. **Este pequeno porto me pareceu da maior importância e o meu principal objetivo era assegurá-lo (22).**

Encontrei, à entrada, do lado da terra, uma bateria de canhões de grosso calibre, sobre uma plataforma feita pelo Capitão-engenheiro Alexandre José Montanha (23) para se proteger da água e para não se afastar demais da praia, ficando, em consequência, mais perto dos espanhóis. Era uma ideia bastante nova; entretanto, pareceu-me que ela não resistiria por muito tempo. Quis esperar a chegada do Marechal Funck, engenheiro e professor, para saber sua opinião; resolvendo-me, afinal, a fazer uma boa posição defensiva para o **Lagamar (24).**

O **Forte da Conceição**, por fraco que seja, tinha dado bastante trabalho, porque foi necessário construir um dique de mais de seiscentos passos, através de um banhado, para chegar à beira da água onde este forte se encontrava, mas era pouca coisa.

A intenção de impedir a navegação dos espanhóis pelo rio tinha sido boa. Continuei, em seguida, a visitar toda a margem do rio até a Ponta Rasa, acrescentando um porto aos que o Coronel Veiga Cabral havia colocado, dos quais o último era a **Ponta do Mendanha.**

Os espanhóis, do outro lado, tinham construído um forte, perto

da vila, mais próximo do rio. Um outro, junto da Mangueira, onde o terreno faz um ângulo, para atirar sobre o rio e para defender a entrada da Mangueira. Duas corvetas e uma presa portuguesa; e o forte, **chamado de Forte Barra, a alguma distância perto do qual eles tinham ainda uma bateria baixa que atirava à flor da água.** O que eles tinham a mais, não pude ver então. Mas estes quatro estavam à vista. No dia seguinte à minha chegada, sendo aniversário do Rei Católico, os espanhóis deram salvas com seus fortes.

Viu-se ainda no saco (**da Mangueira**) uma construção que parecia fortificada e vários outros barcos. Conforme as informações do Governador, tudo aquilo está armado e **as forças espanholas podiam chegar a 1.500 homens**, tanto de Infantaria quanto de Dragões, de Artilharia e de mercenários, ou de tropas da América. Tudo comandado pelos **Coronéis D. Miguel Texada e D. José de Molina.**

Refletindo sobre a importância do **Lagamar**, para a subsistência das tropas e sobre a proximidade dos espanhóis, sua posição e seus efetivos nessa Fronteira, determinei-me a estabelecer meu quartel nela, embora eu não pudesse ter o Conselho de Finanças (a Junta da Fazenda Real) perto de mim, sem produzir um grave descompasso. Pensei em tornar segura a outra **Fronteira, a do Rio Pardo**, com a melhor parte das tropas desta região e dar o seu comando ao Governador José Marcelino.



Rafael Pinto Bandeira

Estas resoluções foram logo tomadas e postas em execução. Fiz partir, logo, o **Major Rafael Pinto Bandeira para o Rio Camaquã**, onde deveria estabelecer seu posto. Este oficial tinha vindo verme conforme eu havia ordenado. Sua figura denotava um homem jovem e muito robusto. **Sua fala, a de um homem de bom-senso que conhece uma grande parte deste Continente, que, antes, havia percorrido com seu pai. Seus atos falam muito de seu zelo pelo serviço do Rei.** Ordenei-lhe que se mantivesse tranquilo, sem que os espanhóis ouvissem falar dele, nem soubessem onde ele estava. **De os espionar de todas as maneiras e me comunicar imediatamente as novidades.**

Não podendo o governador remediar o que me faltava não me era da menor utilidade Preparei o dispositivo das tropas naquela **Fronteira do Rio Pardo** e lhe dei, após, para assiná-lo, juntamente com uma ordem às tropas daquela Fronteira que eram:

- o Regimento de Dragões do Rio Grande **(25)**;
- o Corpo-de-Tropas leves do Major Rafael Pinto Bandeira;
- uma Companhia do Regimento da Ilha de Santa Catarina; e
- um pequeno Destacamento de Artilharia, do Rio de Janeiro, para Obedecer-lhe na minha ausência, até ordem em contrário. E ele partiu a 24 de janeiro para Porto Alegre.

Pelo fim de janeiro entrou uma sumaca pelo **Lagamar**, sem que tivesse atirado sobre ela do forte dos espanhóis. A navegação deste rio tem uma grande desvantagem **para os navios que vêm do Norte não poder entrar com o mesmo vento com o qual vieram. É preciso lançar ancora fora da barra e esperar o (vento) Sul ou Sudeste para entrar; estes ventos são, de ordinário, acompanhados de tempestade.**

Quando se foi descarregar a sumaca, constatei as grandes dificuldades que enfrentaram para conduzir a carga à Fronteira, por duas léguas de péssimos caminhos de areia (já mencionado antes) muito profunda. Embora já tivesse mandado comprar dez boas carretas com bois, previ grandes dificuldades. Desejei encontrar um terreno mais favorável para prover as tropas e onde pudesse me estabelecer. Após muitas marchas e contramarchas

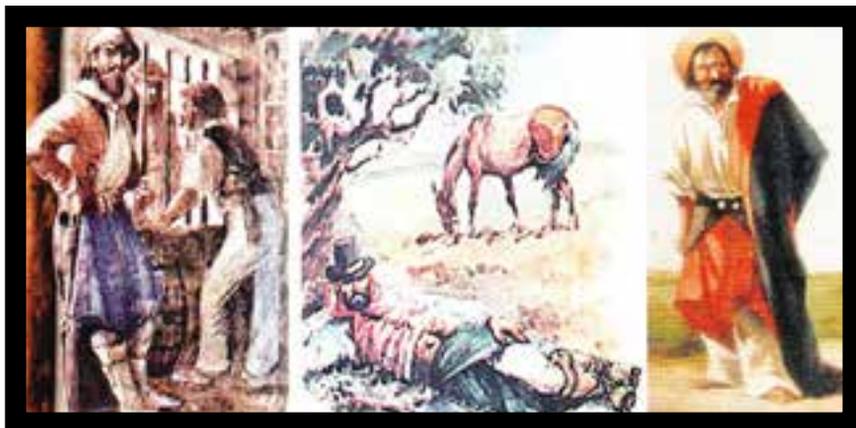
e das impossibilidades e perigos apresentados, optei por uma posição também à margem do rio. Foi justamente no meio, entre a Fronteira e o Lagamar, na terra do Capitão de Ordenanças João da Cunha.

Este oficial me alertou sobre inundações que ali ocorriam todos os invernos, e tive o cuidado de escolher, sempre, a principal elevação para traçar a planta de um armazém que pudesse guardar **5 a 6 mil alqueires de farinha**. Tendo encontrado, na Fronteira, algumas madeiras vindas de Porto Alegre, pus-me a trabalhar com afinco, constatando que era tudo do bom. E não recuei mais diante das dificuldades.

No começo de fevereiro chegaram os destacamentos de Moura e Bragança, comandados pelo Tenente-Coronel Luís Antonio Pinto de Vasconcellos, e parte da Artilharia. Escrevi ao Vice-Rei. Não guardei cópias das cartas escritas no caminho, eram cinco.



Uniforme de um oficial a cavalo e de um soldado Dragão do Rio Grande, que a tradição consagrou - Dragões do Rio Pardo.



Gaudérios, vagabundos dos campos. Fonte: Silva, Juarez Nunes da. **A Terra dos 4 ventos**, p. 33



Índios que eram usados como tropas militares. Pinturas. Fonte: Zattera, Vera Stétila. **O Gaucho. Vestuário Tradicional e Costumes.** Caxias do Sul: 2003, p.24 e 31.



CARTAS DO GENERAL BÖHN AO VICE-REI MARQUÊS DO LAVRADIO



Vice Rei do Brasil
Marques do Lavradio

Carta 1, de 9 de fevereiro de 1775

Senhor, Saindo de Cidreira a 13 de janeiro, cheguei à Fronteira Norte a 19. Creio não ter perdido um instante para pôr-me a par da situação dos negócios deste Continente e esperando que pela assistência do General Funck (cuja chegada espero dentro em pouco), Vossa Excelência pudesse receber informações mais sólidas, tomo a liberdade de pôr estas preliminares em sua presença.

Quanto a fortaleza (realmente falando), não existe uma só em toda: esta parte. Não são, na maior parte, senão baterias muito mal construídas, mal guarnecidas, mal arruinadas, abertas na retaguarda ou fechadas por algumas paliçadas.

O porto de Lagamar, sendo de importância no presente momento, lá fui no dia seguinte e encontrei uma obra bastante curiosa: uma bateria de canhões de grosso calibre posta sobre um estrado, de sorte que o mar estando alto, suas ondas passam por baixo.

Para não ser longo, junto o plano do autor. Encontravam-se no **Lagamar**: 2 peças de 24 libras; 2 peças de 1; uma de 8, de bronze, e uma pequena, de 1. A guarnição, metade em cabanas e metade em barracas, era de 186 homens, comandados por um capitão.

O **Forte de São Jorge** há muito tempo não serve mais. As cabanas servem de corpos-de-guardas aos Dragões que patrulhavam ao longo da praia.

O **Forte de Nossa Senhora da Conceição** é também uma construção muito notável, feita com muito trabalho, sobre a extremidade de terra. Ou antes, do banhado que se atravessa por um caminho em relevo. Tomando sobre a escala da planta do Major Roscio, 2.500 braças. Depois, com o pé do compasso, no centro do **Forte do Lagamar**, deixa-se cair a outra ponta sobre a margem norte e tem-se o ponto exato. A planta dá a posição. A guarnição é de 92 homens, com 5 peças de Artilharia. Estas duas obras foram feitas no tempo do Coronel Veiga Cabral e apenas acabadas. Planta e execução são do Capitão Montanha (26). Subindo o rio para este povoado, encontra-se o **Forte de São Francisco Xavier, ou do Patrão-Mor**, que é de idêntico valor e com 2 peças de 6 libras.

A fragata **Belona**, que se encontra ancorada no meio do rio, onde o canal faz uma forquilha, parece manter os barcos espanhóis em respeito. Ela está armada com 4 peças de 8; 7 (peças) de 6; 4 (peças) de 4; 1 (peça) de 3; 2 peças de 2; e 6 (peças) de 1/2 pedreiros (peças lançadoras de pedras), ao todo, 24 peças. E, como me diziam, tendo por guarnição 1 capitão e 100 homens, que fazem ao mesmo tempo o papel de marinheiros. Dois caíques são mantidos armados e prontos, perto do **Patrão-Mor** para socorrer a fragata em caso de ataque (27).

A guarnição destes postos chega perto de 600 homens e excede o principal, que se acha neste povoado, protegido e defendido pelo **Forte de São José**, guarnecido por duas velhas peças de ferro e fechado por uma fila de paliçadas meio apodrecidas. As tropas deste Continente do Rio Grande é o **Regimento de Dragões**, de 380 homens.

Esta tropa, a julgar pelo destacamento que se encontra aqui

e pelos que vi em marcha, é composta de gente muito bem feita, esportiva, de uma agilidade e inteligência raras. Até o soldado é hábil a cavalo, como os árabes. Ela é capaz de uma ação de surpresa como de, em força. Mas é muito impróprio que se a chame de Dragões. Ela é, antes, Guarda do Estado. É por ela que esta Província, tão extensa, se governa e se mantém em rédeas. O Coronel Roncally que os passou em revista, em Porto Alegre, louvou muito seus homens (28). Mas o coronel se lamenta da inutilidade das armas.

No Corpo do Major Roberto Rodrigues, de 305 homens, há bons oficiais e vários bons sargentos. Mas os soldados são muito novos, demasiado jovens e demasiado inconstantes, para constituir uma boa troa. Não será fácil recompletá-los sem tirar gente do trabalho. Isto pode causar grande prejuízo ao Estado. O armamento não vale nada.

Os Corpos-de-Tropas leves, do Major Rafael Pinto Bandeira, têm, segundo a parte dada, 190 homens. O comandante me diz que sua Companhia de Voluntários a cavalo é boa, em matéria de pessoal, bem fardada, cavalos por conta dos próprios homens, mas muito mal armada, tanto em carabinas como... A Segunda Companhia, do Capitão Cipriano Cardoso, de carabineiros a cavalo, está fardada de novo. O Major Rafael me diz que o pessoal é ótimo, mas lhes deram velhas armas dos Dragões (29).

Quanto à Terceira Companhia, chamada de Caçadores, os seus componentes possuem apenas o fuzil e um poncho para cobrir-se; são indivíduos de toda a região, sem fé nem lei e perigosos.

A Quarta é constituída de índios. Não digo mais sobre estas duas últimas porque o Coronel Veiga já manifestou sua opinião a respeito delas.

O Corpo de Cavalaria Auxiliar, que a Corte considera tão bom ou melhor que as tropas pagas - 500 homens, não existe, nem pode nunca ter existência. O governador mostrou-se espantado quando lhe falei disso.

O Primeiro Regimento do Rio de Janeiro me parece melhor

que nunca, exceto nos uniformes. Eu ousou suplicar à Vossa Excelência que mande fardar esta boa gente. Eles bem o merecem, aceitando com constância que se os empreguem em várias ocupações que não são propriamente de sua obrigação. A ausência de Auditor, de Ajudante e de Quartel- Mestre se faz sentir bastante (30).

Logo que o Auditor do Regimento de Estremoz tiver chegado, farei funcionar o Conselho de Guerra na causa do Tenente-Coronel Manuel Maria Leite e seus acusadores.

Tive já a honra de dizer à Vossa Excelência que minhas primeiras medidas se dirigiam para esta Fronteira Norte, por julgá-la de maior importância. Entretanto, para ter algumas informações das outras partes do Continente, enviei de Cidreira o Coronel Roncalhy a Porto Alegre, para lá passar em revista o seu Regimento de Dragões, como também as tropas do batalhão de Roberto Rodrigues. **Ao mesmo tempo, mandei ordens ao Major Rafael Pinto Bandeira de juntar-se a mim no caminho, o que ele fez. V. Exia tendo ouvido falar desse oficial permitir-me-á que o apresente. É um homem na força da idade. É educado tanto como um nobre tártaro. É robusto e cheio de saúde. De expressão aberta mas séria, ainda que seus olhos mostrem vivacidade. Ele não tenta impor-se. Fala pouco mas responde espirituosa e francamente. Talvez ele não possua o furor de um granadeiro livre, mas creio que é um homem cuja cabeça dirige o braço (31).** Não sei como é possível hesitar entre Rafael e José Caneiro. Gosto do último. É um estimável oficial. Mas, ainda que ele fosse meu irmão, eu não colocaria Rafael sob suas ordens.

Que os espanhóis fortificam o posto de **Santa Tecla** e não deixam ninguém de lá aproximar-se a grande distância, está fora de dúvida. Não se sabe dizer se é uma cobertura do posto para vir de lá atacar o Rio Pardo, para onde, pelos últimos informes, fazem marchar o General Vertiz y Salcedo.

Pareceu-me apropriado deixar, para a defesa do Rio Pardo e suas dependências, as tropas da própria região: os Dragões, as tropas de Rafael e parte do batalhão de Roberto Rodrigues.

O Coronel Roncally vai comandar a fronteira do Rio Pardo,

onde terá seu Regimento de Dragões (exceto um destacamento de 30 homens, que fica comigo) e mais a Companhia Leve dos Índios, com um destacamento de Artilharia e as 4 peças de Montanha.

O Major Rafael Pinto Bandeira se dirigirá com seus voluntários a cavalo e a metade dos caçadores para o Camaquã. **Ordenei-lhe procurar toda a espécie de meios para obter notícias dos espanhóis, bem como servir-se de emissários disfarçados e não tomar qualquer iniciativa, antes de receber minhas ordens.**

O Capitão Cipriano Cardoso encontra-se no Piqueri, com os carabineiros e a outra metade dos caçadores (32). No Jacuí, um destacamento de Infantaria da ilha de Santa Catarina (33). Em Porto Alegre, como **Depósito Geral**, dentro do próprio Tribunal da Fazenda Real, encontra-se um destacamento dos Dragões e uma Companhia de Infantaria da Ilha de Santa Catarina.

Ao Governador José Marcelino de Figueiredo, que já voltou a Porto Alegre, dei este dispositivo, para que o colocasse em execução. Deleguei-lhe autoridade para aí fazer, na minha ausência, as mudanças que não admitissem demora. Esta repartição feita baseada nas relações, está juntada à **Comissão do Governador** - perfil de um reparo montado, aqui não reproduzido.

A disposição (das tropas), aqui feita, está conforme as circunstâncias, em oposição às tropas espanholas. Há, assim, um grande número de postos, e não se pode diminuir-lhes as guarnições porque ficam sem defesa (33).

O Forte de Lagamar é uma grande preocupação. É preciso trabalhar nele sem cessar. Mas é a única defesa de um posto onde se encontram atualmente três sumacas, das quais **duas estão ainda carregadas de farinha vinda de Laguna.**

Foi providencial, conforme a grande prudência de Vossa Excelência, **enviar-nos mais de tudo para cá.** Se demorasse um mês apenas, morreríamos de fome ou estaríamos obrigados a viver como nossos colegas da criação, as onças e os abutres.

Vossa Excelência pode imaginar minha admiração quando, em aqui chegando, encontrei, em verdade, um bom quartel para mim, mas nada para as tropas. Nos armazéns do Rei, 400 alqueires

de farinha, (cerca de 7.200 litros). Um hospital desprovido do necessário. Os meios de transporte reduzidos a duas carretas insuficientes para o transporte das coisas necessárias **à reparação dos estragos que o mar fez no Lagamar. E sem poder descarregar os navios que nos trazem víveres.**

Espero que as tropas cheguem logo. **O Regimento de Moura e o de Bragança** estão acampados perto daqui, ao alcance de um tiro de mosquete. Metade da Artilharia é comandada pelo Tenente Joaquim Gomes de Campos; tenho notícias de que ela se encontra a uma légua daqui. **Do Regimento de Moura perdeu-se um homem por estar entre duas carretas, donde não pôde sair. Não houve deserção durante o deslocamento.**

Fronteira do Norte, 9 de fevereiro de 1775.

Prosegue Böhn em sua narrativa:

Fiz várias experiências para dar pão às tropas. Mas faltaram moinhos para transformar o trigo em farinha; padeiros em número suficientemente grande para produzir tantos pães; fornos, lenha. Desta maneira, fui obrigado a renunciar a este projeto. Continuei minhas providências para a construção do **Depósito de Farinha**, a meio caminho entre o Lagamar e a Fronteira Norte.(São José do Norte).

De 7 a 15 chegou o resto das tropas e Artilharia vindas comigo do Rio de Janeiro. Mandei acampar umas e outras, como também a **Companhia de Dragões do Vice-Rei, de Camillo Maria Tonelet**, perto da entrada da Fronteira. Mostrei ao Marechal Funck os fortes, sobretudo **o do Lagamar**. Combinamos ver por algum tempo a resistência que faria aquela bateria, sobre o estrado, esperando que se possa tomar medidas mais apropriadas a um fortim. Pelo fim de fevereiro, fiz render os postos pelas tropas recém-chegadas. Escrevi ao Governador José Marcelino, ao qual havia já recomendado, quando encontrou-se comigo, remeter-me madeira de todos os tipos, pranchas, caibros, pranchões, pedindo-lhe apressar o envio. E, como há uma carpintaria em Porto Alegre e, nas bandas do Rio Pardo boas madeiras e em abundância, ordenei-lhe que fizesse construir uma meia dúzia de barcos chatos, cada um

podendo conter de 100 a 150 homens, para que eu tenha alguma possibilidade de atravessar o rio (Sangradouro da Lagoa dos Patos).

Março

A 16 de fevereiro, nomeei o **Conselho de Guerra** para atuar contra os acusadores do Major Manuel Meixia Leite, por falta cometida no tempo em que comandava as **4 Companhias do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro**, na cidade de Santos, Capitania de São Paulo, de acordo com as ordens do Marquês Vice-Rei, de 4 de dezembro passado. Seu presidente é o Brigadeiro Chichorro.

No começo deste mês, fiz marchar o **Regimento de Estremoz** para o campo de João da Cunha. Tal era a miséria, que não houve carretas ou transportes para deslocar estas poucas tropas de uma vez só. Escrevi para dar conhecimento ao Vice-Rei da chegada de todo o destacamento.

Carta 2, de 6 de março de 1775

Senhor

Tive a honra de receber pelo mesmo correio as cartas de Vossa Excelência, de 12 e de 26 de janeiro, igualmente desvanecedoras para todos nós, pelo interesse tão visível que V. Ex digna-se tomar por nossos sucessos. A oposição dos espanhóis (de que as cartas do Brigadeiro José Marcelino falam **contra a entrada de nossos barcos no Lagamar** já cessaram, porque seria atirar para o ar. **Entretanto, nossa bateria de Artilharia pesada é a única defesa e a chave do Lagamar.** Ela mantém na rédea os barcos espanhóis, para que não possam disputar a entrada com os nossos. **Porém, dizer que nossos canhões de 24 tenham feito tanto mal aos inimigos do outro lado do rio, parece-me um conto inventado para enganar os bobos.**

O envio de duas peças de 36 e uma de 24 é, numa Província onde se encontra apenas uma meia dúzia de boas peças, um esforço bastante considerável e tão digno da providência de Vossa Excelência, bem como o dos barcos novos, a vela e a remo,

carregados de recrutas, de víveres, e de tantas coisas úteis, sobretudo de ferro. Não encontrei um só cravo aqui. Foi necessário tirar as ferragens de algumas velhas rodas de berços de canhão para fazê-los.

A chegada de um oficial de Marinha será de grande utilidade. Assim ele poderá dar-me algumas luzes sobre o emprego da fragata **Belona**, melhor que o comandante atual, que só serviu como mestre de navios mercantes. O resto da guarnição são soldados de terra **(34)**. A raridade das subsistências para as tropas não era exagerada. A colheita ainda não tinha sido feita. Entrou apenas uma **sumaca no Lagamar**, com farinha; as de Laguna estavam distribuídas ao longo do caminho para a subsistência das tropas. Havia tão pouco que, se viesse um batalhão a mais, elas não bastariam.

Em sua última carta, de 26 de janeiro, Vossa Excelência me participou ter recebido da Corte ordens reiteradas e positivas, não somente para a **defesa desta Fronteira**, mas para procurar, logo que possível, a reivindicação de todas as terras de sua Majestade, injustamente ocupadas pelos espanhóis. E, como este assunto é da maior importância, deve ser decidido por um Exército que me terá como comandante. Sua Majestade está decidido a retomar, nesta ocasião, não somente o que lhe pertence incontestavelmente, **mas também ver restabelecida a reputação e honra de suas tropas, que há tantos anos têm sido abatidas pelo pouco engenho dos que as comandam.**

Sinto, Senhor, todo o valor da boa opinião que a Corte se digna ter de mim. Tratarei de conservá-la, em tudo o que me for possível.

Quanto ao primeiro ponto - que as fronteiras devem estar em condições de defesa, já tomei a liberdade de expor à Vossa Excelência a situação deste lado. Este posto de mar e a margem deste rio não estão defendidos nem protegidos de represália sem a presença das tropas. Por tal razão, eu não poderia tirar nada daí. Não falo da Fronteira do lado do Rio Pardo, porque não a vi ainda. Mas, de todas as informações que me dão de lá, **não pude chegar a outra conclusão senão a de que lá não há nenhuma defesa. Nem as fortalezas e nem os postos fortificados, de que falam as**

cartas da Corte, existem.

A Corte supõe que haja aqui um **Corpo de oito mil homens, dotado de munição de guerra e de boca, transportes e meios necessários às operações militares.** Deve-se considerar neste momento a grande diferença entre o número suposto e o efetivo (real) das tropas que aqui se acham, que não alcançam a metade do primeiro. **E, nesta metade, incluo os naturais da região, em parte muito diferentes do que se imagina. Sem equipamento, as barracas apodrecidas sem transportes e sem víveres, pergunto-me: nesta situação, poder-se-á tentar a passagem de um rio, sem outros barcos que não os que temos? Apresentar-se ao inimigo, diante de suas fortalezas? Creio que esta seja a medida mais absurda que se poderia tomar. Adotada, arruinaria as tropas e exporia à perda certa os territórios atuais do Rei. É minha opinião. Entretanto, estou pronto a obedecer a qualquer ordem positiva, para tentar mesmo o impossível.**

A **Junta da Fazenda Real** aqui participou-me a 16 de fevereiro, ter eleito Comissário de Víveres, das Munições de Guerra e Diretor dos Hospitais, o Almojarife José Barbosa da Silva, encarregando-o, ao mesmo tempo, de uma Caixa da qual se deve tirar o dinheiro para quaisquer compras. **Não é fácil conceber a inabilidade deste homem tão condecorado e encarregado de Comissões tão diferentes (35).** Deu-se-lhe, por ajudante, Luís Marques Fernandes, natural desta região, de onde saiu ainda bem jovem, tendo sido educado no Rio Janeiro, em um ambiente bem diferente.³⁵ Um segundo assistente do Sr. Comissário é o escriturário Francisco de Souza Azevedo, um jovem que foi caixeiro aqui mesmo.

O Comissariado de Transportes e Cavalos foi dado ao Capitão de Auxiliares Simão Soares. Pelo menos, demonstra boa vontade e conhece o Continente deste lado **(36).**

Destas quatro pessoas, e ousou dizer o mesmo dos membros da Junta, não há um só que conheça os deveres desses diferentes cargos, que foram dados com a mesma facilidade com que foram aceitos. Tais são, Senhor, meus novos companheiro e

conselheiros!

Julgando pelo que senti, posso imaginar a tristeza que a desgraça acontecida com o Regimento de Chichorro causou à Vossa Excelência que tanto se esforçou para remediar esta perda e suavizá-la.

O Marechal Funck (37) que ainda não tem ajudante-de-ordens, pediu-me o Capitão Montanha, para esta função. Concedi, esperando ordens de Vossa Excelência, pois não tenho autoridade para tanto. **O Tenente de Dragões Manuel Marques de Souza me acompanhou desde Laguna e foi-me de grande valia por seus conhecimentos da região. Arrisquei-me a conservá-lo junto a mim. Pago-lhe de minha bolsa 12.000 réis a mais por mês, até que eu saiba da determinação de Vossa Excelência a respeito (38). Não querem pagar o soldo do Major Rafael Pinto Bandeira; mas apenas o soldo de major de auxiliares, motivo pelo qual pede a minha intercessão, o que não lhe posso recusar.**

Fiz publicar a promoção, de acordo com as ordens de Vossa Excelência. Devo informar-lhe que o Tenente-Coronel Alexandre Cardoso me parece um homem de boa vontade, obediente, de boas maneiras, bom companheiro, **talvez mais malicioso que intrigante.** Não duvido que cumpra seu dever. Mas, parece-me pouco saudável, pouco aplicado e pouco afeito aos negócios. É o nosso Luís Manuel, porém mais bem educado.

Os soldados novos do Regimento Estremoz começam a desertar. De resto, as tropas se mantêm bem, graças a Deus. A Companhia de Guardas de Vossa Excelência honra seu comandante. Todos os meus camaradas pedem comigo a proteção de Vossa Excelência.

Fronteira do Norte, 6 de março de 1775.

Às 9 horas da noite do mesmo 6 de março chegou, inopinadamente, a este quartel o Capitão-Tenente Hasselberg, da fragata do Capitão Schmerkel (39) destacado pelo Comandante de Esquadra MacDouall, para escoltar o Governador Francisco José da Rocha à Colônia. Veio para saber se ele devia atacar os espanhóis no Rio da Prata. A carta do Capitão Schmerkel estava em alemão.

Respondi-lhe que devia seguir as ordens que tinha do Marquês Vice-Rei, pois, quanto a mim, resignava-me a aqui chegar e me encontrava separado dos espanhóis por um rio o, sem meios de passá-lo. O capitão-tenente voltou na mesma noite ao Lagamar, tomou sua chalupa e reembarcou na fragata.

A 8 deslocou-se o Batalhão, composto de 3 Companhias do **Regimento de Moura** e de 3 do Regimento de Bragança ao novo acampamento, à direita da casa de João da Cunha, onde se encontrava a **Companhia de Guardas do Vice Rei**. Mandei marchar com ele 2 peças de bronze de 6, com (também) o **Regimento de Estremoz**. Como o novo armazém de farinha se encontra perto do Regimento de Estremoz, fiz aumentar seu tamanho. Assim, com uma separação, **pode-se de um lado alojar e tratar os doentes deste Regimento. Este hospital é muito útil.**

A 16 chegaram à barra 7 barcos portugueses, que reconhecemos claramente no dia seguinte. **Eram três corvetas que o Vice-Rei havia prometido mandar e quatro sumacas.** Mas, nesta mesma noite, levantou-se uma tempestade tão forte que as sumacas foram arrancadas de suas âncoras. **Duas deram à terra do lado espanhol.** As corvetas, tendo bons cabos, mantiveram-se ancoradas. Parti, logo de manhã, **para o Lagamar**; impotente ante o triste quadro, sem poder socorrê-las, **nem salvar as sumacas das mãos dos espanhóis. Eles tiraram proveito de uma, à minha vista, embora continuasse a fazer um tempo horrível.**

A 19, pelo meio-dia, entrou a corveta **Invencível**, comandada pelo **Capitão George Hardcastle, no Lagamar (40)**. No dia seguinte, as duas outras. A **São José**, comandada pelo Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos, e a **Sacramento**, pelo Capitão-Tenente Pedro de Marins. Após estarem bem seguros, vieram, à noite do dia 20, ao meu quartel. Ali os felicitamos todos por sua feliz chegada. **Os espanhóis não atiraram sobre eles.** Julgando-os pouco necessários à **defesa do Lagamar**, determinei logo que remontassem o rio, na primeira ocasião, e viessem lançar âncora perto daqui, e da fragata **Belona**.

Escrevo ao Rio de Janeiro.

Carta 3, de 20 de março de 1775

Senhor

Pela carta de 14 de janeiro com que Vossa Excelência me honrou, vejo que se admira, justamente, de não ter recebido notícias minhas, quando lhe escrevi de **Cidreira**, a 12 de janeiro, e duas vezes daqui, em fevereiro e a 6 de março, participando tudo o que aconteceu. Na mesma noite em que remeti esta última carta, vindo ao meu quartel, chegou do **Lagamar** o Capitão-Tenente Hasselberg, da fragata **Graça**, do Capitão Schmerkel. Ele me entregou uma carta dizendo que tinha sido enviada pelo **Comandante da Esquadra MacDouall**. Desejava saber se devia atacar os espanhóis no Rio da Prata, na ocasião em que escoltaria o Governador Francisco José da Rocha à **Colônia**. Respondi-lhe que devia executar as ordens de Vossa Excelência, pois eu me achava na impossibilidade de atacá-los por não ter meios de atravessar o rio que se encontrava entre nós. Mandei de volta o capitão-tenente à fragata que estava ancorada fora da barra. A 16, fui avisado da aproximação de 7 barcos que pareciam ser portugueses; três dentre eles eram as corvetas que Vossa Excelência teve a bondade de fazer construir e comprar para servir aqui. Fui ao **Lagamar**, a 17, vê-los. Os ventos não lhes permitiram entrar. À noite, levantou-se tal tempestade que os cabos de 4 sumacas se romperam. Na manhã seguinte, pude ver as três corvetas ainda ancoradas, mas em grande perigo. Os ventos continuavam a soprar, e das quatro sumacas não vi senão uma que havia dado à terra perto do forte dos espanhóis. **Eu os vi ocupados a dela salvar artigos e homens. Uma outra parecia ao longe naufragada, sem que eu pudesse dar-lhe assistência ou remédio.**

O **furacão** sacudia o mar de forma tão violenta que suas vagas causavam danos e comprometiam a bateria sobre a plataforma. À noite de 18, o tempo acalmou um pouco. O vento amainou, favorecendo a entrada da corveta **Invencível** no dia 19, antes do meio-dia, no **Lagamar**. O mesmo ocorreu à 20, com a **São José** e com a **Sacramento**, sem que os espanhóis atirassem sobre elas.

Após terem protegido seus barcos, os três comandantes — Capitão George Hardcastle, Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos e Capitão-Tenente Pedro Marins vieram a este quartel, onde nos alegramos ao ver salvos os barcos do Rei. E não pouco tempo para disso dar parte à Vossa Excelência, recomendando-nos, todos, à sua proteção.

Fronteira do Norte, 20 de março 1775.

O Governador José Marcelino enviou-me o desenho de um barco chato, com o qual concordei. Pedi-lhe que mandasse construir pelo menos quatro, com urgência. Reuni todas as pessoas que pudessem dar informações sobre o canal navegável deste rio bastante perigoso e, baseado nelas, dar execução ao meu projeto: juntar as três corvetas à fragata **Belona**, a fim de cobrir-me melhor e os ter mais próximos a mim, para poder aproveitar alguma ocasião favorável.

A 22, fiz o Tenente-Coronel Alexandre Cardoso, comandante da **Fronteira**; escrevi uma carta ao Coronel Molina, que comanda os espanhóis. Carta esta para reclamar as cargas das duas sumacas perdidas. Ele respondeu com uma desculpa polida. Somente vim a saber que três sumacas se haviam perdido quando, a 25, a 4 entrou, **sem âncoras, no Lagamar. Na noite de 28 para 29 houve uma tempestade tão terrível que os quartéis do Lagamar ficaram submersos, as baterias completamente arruinadas, sem que, contudo, se perdesse um só homem.**

Abril 1775

No dia 4, nossas três corvetas saíram do **Lagamar**, subiram o rio e lançaram âncora perto *da Belona*, apesar do fogo intenso dos espanhóis. O Vice-Rei mandou para cá as 8 companhias dos **Regimentos de Moura e de Bragança** que haviam ficado no Rio de Janeiro. Eu não queria nesta Fronteira do Norte tão grande número de pessoas, composto não apenas da nova leva, **mas também de criminosos tirados das prisões de Lisboa. Assim, resolvi não trazê-los a este acampamento. Se o fizesse, as pessoas da mesma laia que o Brigadeiro Chichorro tinha incorporado a meu Regimento, teriam dado muito trabalho para impedir-lhes a deserção.** Combinei com o Marechal Antônio Carlos, General-

Comandante da Ilha de Santa Catarina **(41)** onde estas companhias já se encontravam, mandá-los para Porto Alegre, sob as ordens do Tenente-Coronel Nicolau Antonio; e encarreguei o Governador José Marcelino de os acomodar lá e tomar as medidas necessárias a seu transporte e subsistência durante a marcha. Apressei novamente o envio de madeira, a 3 de abril.

Como o mar arruinou, no mês passado, todas **as obras do Lagamar**, tornou-se necessário substituir este posto por outros menos vulneráveis. Consultei o Marechal Funck, para não tomar decisão sozinho, tendo resolvido, depois de muitos prós e contras, a respeito da qualidade do forte que ele projetou. **Na Fronteira, ficava demasiado longe para orientar os trabalhos e dar a assistência necessária. Assim, decidi construir uma cabana para mim a meio caminho, perto do Regimento de Estremoz.**

Os danos que os navios tinham recebido da Artilharia espanhola foram reparados.

O Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos passou a bordo da fragata **Belona**, e Mateus Ignácio, capitão-de-mar-e-guerra **ad honorem**, o substituiu. Observou-se espanhóis trabalhando no **Forte da Barra** e removendo terra no **Forte do Mosquito** que foi danificado durante as últimas tempestades. O restante do batalhão do Major Roberto Rodrigues chegou e passei-o em revista.

A 12 de abril foram vistos aproximando-se da barra 5 navios, dentre eles 4 de três mastros, que reconhecemos sendo espanhóis, no dia seguinte, quando lançaram fora da barra. Fundearam a 14, e na manhã de 15, 4 entraram, apesar de nosso fogo. **O capitânia se perdeu num banco de areja.**

Relação dos tiros que deram os nossos fortes, a 4 de abril:

Forte da Barra: de 30 libras.....	14
de 23 libras.....	18
Soma.....	32

Bateria Nova: de 24 libras.....	10
de 12 libras.....	14
Soma.....	24

Forte da Conceição: de 12 libras.....	23
de 8 libras.....	5
Soma.....	28
Soma dos tiros.....	84

Carta 4, de 4 de abril de 1775

Senhor

Tenho a honra de participar à Vossa Excelência que, após ter tomado, com o Capitão Hardcastle todas as medidas necessárias para atingir nosso objetivo, colocamos os melhores homens conhecedores deste rio bordo de nossas fragatas e corvetas. Ordens foram dadas tanto às baterias de terra, quanto às fragatas para responderem, com vigor, caso os espanhóis tentassem embaraçar-lhes a passagem. O vento resolveu-se, enfim, a nos favorecer. E foi hoje, 4 de abril, que todas as três saíram do **Lagamar**. Subiram o rio, apesar do fogo que os espanhóis fizeram sobre eles, muito perto dos **Fortes da Barra e do Mosquito** assim como, em seguida, o da bateria da **Mangueira**. Apesar das dificuldades que tiveram de enfrentar e, sobretudo, a **Invencível**, que bateu, várias vezes, em bancos de areia, todos vieram lançar âncora junto da **Belona**.

Não sei como louvar suficientemente o garbo e a bravura com que os três comandantes receberam os fogos e a eles responderam prontamente. Tivemos a felicidade de não perder um só homem. Os danos nas fragatas e equipamentos não são de monta. A relação anexa, que mandei o Ajudante Fonseca fazer, **indica o consumo de munição**.

Todo mundo, aqui, considera-se conhecedor do Rio Grande e de seu canal, bem como da situação e forças dos espanhóis. Falando a sério com alguém, este alguém crê que possa dar informações. Assim, nada era mais fácil do que subir este rio. No entanto, o prático mais hábil, por duas vezes, bateu em bancos de areia. Só se pode fiar-se naquilo que se vê com os próprios olhos e que se pode tocar. É preciso, a esta altura, retomar aos assuntos mais importantes para cientificar à Vossa Excelência que mandei

descarregar as duas peças de 36 e a de 24 com suas munições e plataformas no Lagamar, onde logo irei construir um parapeito e fazer cartuchos. Fiz com que outra bateria fosse construída rapidamente entre o **Lagamar e o Forte dos Dragões**. Dela atirou-se e, ao que pareceu, com alguns efeitos.

Na noite de 28 para 29 de março, um vento sudoeste levantou o mar com tal violência, que de todos os trabalhos, do **Montanha ao Lagamar**, restaram apenas vestígios. Não entro em detalhes da cena de horror e de confusão, na qual os pobres soldados e trabalhadores foram surpreendidos, no meio de uma noite escura, em suas cabanas, pelas ondas do mar, sem saber por onde salvar-se, com água pela cintura. Entretanto, Deus dignou-se fazer um milagre, pois não se perdeu um só homem. Esta mesma maré **arruinou o Forte da Conceição** e fez tombar grande parte do **Forte de São José**, no rio. Aprestei-me em levar a ajuda necessária, sobretudo no **Lagamar**, onde é preciso obra mais sólida, na qual se possa colocar uma guarnição com a necessária comodidade.

Mandei o comandante da Fronteira, Alexandre Cardoso, escrever ao Coronel D. José Molina, para reclamar os homens e os bens salvos de nossas sumacas naufragadas. O carrasco respondeu pelo original anexo (omitido). A quarta sumaca entrou, a 25 de março, **no Lagamar**, sem âncora; tendo-se salvado, na noite de 16, em direção ao mar alto. A experiência tem-me mostrado, pelo procedimento de **alguns indivíduos que se encontram no Regimento de Estremoz, serem eles muito indisciplinados e que não temem assumir qualquer risco para desertarem; um número considerável de tal gente, aqui, poderia causar as maiores desordens.**

Acompanhei o Capitão Hardcastle a bordo da fragata **Belona**, colocando-a sob suas ordens e o declarando **Comandante das Forças Navais de sua Majestade no Rio Grande**. Ele me propôs trocar os oficiais comandantes e colocar o Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos a bordo da **Belona**, que é grande ou o dobro das demais. Consenti, esperando que Vossa Excelência me honre com suas ordens, confirmando.

Fiz partir com a sumaca do Mestre José Joaquim Freitas, **desertores espanhóis que fugiram, a nado, a 24 do mês passado.**

Por promoção, no **Regimento de Dragões**, há uma vaga na **Companhia do Major Patrício José Corrêa da Câmara**. O Tenente Moraes de Castro apresenta-se aos pés de Vossa Excelência. Todo o mundo me fala bem dele, que ele é digno de ser promovido. Tendo morrido o velho Coronel Barreto, Vossa Excelência julgará se é necessário promover alguém a este posto. O Major Rondon apresenta humildemente seu requerimento e seus papéis à Vossa Excelência, como pretendente àquela promoção.

O Tenente de Artilharia Lourenço Caetano da Silva me tem sido muito útil aqui. É um trabalhador infatigável. Eu consideraria um grande favor se Vossa Excelência, na devida ocasião, se dignasse nomeá-lo capitão. **O Capitão de Transportes Simão Soares**, que eu havia enviado para fazer uma lista das carretas, bois e cavalos que se encontravam ao longo do caminho de Laguna, em poder de particulares, acaba de retornar e me surpreendeu com seu relatório sobre o lamentável estado e o descalabro em que se encontram tanto uns como outros. Todos arruinados pelas marchas. Não sei como farei de Porto Alegre; não poderia esperar nada porque de lá vêm apenas artigos comestíveis, no **“Barquinho del Rey”**.

As barracas voam pelos ares e a necessidade força nossa pobre gente a construir cabanas. Digne-se Vossa Excelência assistir-nos e salvar-nos da miséria. Eu tenho.

Fronteira, 4 de abril.

Anexo o Conselho de Guerra de três desertores do Regimento de Estremoz (omitido).

Carta 4, de 16 de abril de 1775

Senhor

A 12 deste mês, pela noite, fizeram sinal **do Lagamar**, da aproximação de 5 navios. A 13, de manhã, foi dado, de lá, um tiro de canhão de 36 (que me serviu de aviso de que se tratava de espanhóis). Dirigi-me lá para baixo e avistei os 5 barcos, dos

quais 4 eram de três mastros, vindos do Norte, ao longo da praia, parecendo procurar a barra, bordejando. Observei-os durante todo o dia. Eles se aproximaram, por volta de 5 horas da tarde, até meia légua da barra e a quase igual distância da terra, onde lançaram âncora. Os navios pareceram, a mim e a todos, de tal porte que não poderiam querer entrar neste rio. Imaginei que poderiam ter intenções de realizar um desembarque. Mandei vir o Capitão Camilio Maria Tonelet, com a Companhia de Guardas de Vossa Excelência, para patrulhar durante a noite ao longo da praia, manter vigilância sobre os navios e, vendo qualquer movimento deste lado, ou ouvindo ruído de remos, enviar, à toda pressa, um oficial informar ao Brigadeiro Chichorro. **As tropas do Lagamar** deveriam ficar em alerta; ordenei ao Brigadeiro Chichorro que fizesse atrelar a Artilharia e se mantivesse pronto para deslocar-se, ao primeiro aviso do Capitão Camilo Maria, para a praia, com o seu Regimento e o Batalhão composto.

A 14, todos os navios permaneceram na mesma posição. Chalupas iam e vinham. Grande quantidade de sinais eram trocados. Ao anoitecer, veio uma lancha grande da direção do Sul e pôs-se a fazer sondagens. A noite decorreu como a anterior.

Embora eu não acreditasse que aqueles navios tentariam entrar, trabalhou-se intensamente com o objetivo de nos socorrer da Artilharia e para fazer a abertura de qualquer maneira, sobretudo do **Lagamar**.

A 15 de abril, às 9 horas da manhã, os 5 navios levantaram velas; mas, tomaram uma falsa rota. O capitânea e dois outros deram num banco de areia, na nossa margem, de tal modo que os marinheiros que estavam comigo julgaram-nos perdidos, sem recursos. Fiz deslocar uma Companhia do Major Roberto Rodrigues, que se encontrava no **Forte de São Jorge**, para a praia, com uma pequena peça de artilharia. Enviei o Tenente-Coronel Joaquim José de Ribeiro, urgentemente procurar o **Regimento de Chichorro**, para me colocar em situação dominante e em condições de receber os novos hóspedes que vi saltar nas chalupas e cortarem as velas.

Mas, as esperanças se dissiparam. O céu pareceu dispor-se a

um milagre para salvar os navios. As águas subiam rapidamente. **Os espanhóis, trabalhavam com ardor, jogando grande quantidade de carga ao mar.** Dois barcos puseram-se a flutuar e só um se perdeu, salvando-se sua equipagem a bordo dos outros. **O navio capitânea ultrapassou a barra por volta de onze horas.**

De imediato, mandei retirar as carretas que até lá conduziam terra para os trabalhadores que elevaram parapeitos para proteger as peças e os artilheiros. Dei ordem ao Major Roberto Rodrigues, que comandava as baterias, para manter-se pronto a fazer fogo vivo sobre os navios espanhóis logo que chegassem ao alcance; mas de não atirar fora dele, o que foi rigorosamente executado.

Logo após os primeiros tiros de canhão dados por nossas baterias, os espanhóis começaram a fazer, **do Forte da Barra**, um fogo muito violento sobre nós, o que nos obrigou a responder-lhes. O navio entrou, não obstante, sem atirar. Recebeu nossos fogos (tanto das baterias do Lagamar quanto da nova que o Marechal Funck havia colocado junto à margem do rio). Antes do meio-dia, lançou âncora, pouco antes de chegar à altura do **Forte da Conceição**, de onde atirávamos também, mas sem causar-lhes danos. Os outros três entraram à noite, da mesma maneira e com a mesma sorte, sem que se pudesse notar se alguns deles tivessem sofrido danos suficientes para impedi-los de avançar, o que pareceu extraordinário. É preciso fazer justiça a todos os oficiais de Artilharia e aos artilheiros que trabalharam com grande sangue frio, embora muito mal protegidos contra o fogo violento do canhão espanhol que troava continuamente sobre eles e cujos projéteis caíam e passavam muito perto deles. **Neste canhoneio as nossas baterias lançaram 149 projéteis de 18 libras, sem contar os lançados do Lagamar, na lagoa à sua direita, ou no rio (canal).**

As tropas se haviam - por minha expressa ordem - deitado no chão, porque estavam totalmente a descoberto. E assim, Deus concedeu que não perdêssemos um só homem. Tendo o último dos quatro navios passado por nossas baterias e lançado âncora com os

dois outros perto do capitânea, fiz cessar fogo, da mesma forma que os espanhóis. Temi, várias vezes, pela vida do Tenente-Coronel Joaquim José Ribeiro, que viu a morte de perto, sem amedrontar-se. Sofremos danos apenas numa plataforma, numa roda de peça, nas cabanas e cozinhas de nossas tropas.

Ordenei ao Regimento de Chichorro e à Companhia de Guardas de Vossa Excelência retirarem-se para o acampamento; e à Companhia de Roberto Rodrigues, para o **Forte de São Jorge**.

Estabeleci postos para observar os navios. Fui dormir no acampamento do **Regimento de Estremoz**, para onde havia enviado minha barraca, decidindo-me não mais retornar à **Fronteira**, para que, presente, pudesse providenciar o necessário. Por esta razão, mandei construir uma cabana para mim. Custearei as despesas de meu próprio bolso. Vossa Excelência esteja persuadido de minha vigilância, de meu zelo e do profundo respeito com o qual...

Acampamento de João da Cunha, 16 de abril de 1775. Os navios espanhóis eram uma fragata, uma corveta e duas "sétias". Uma fragata se havia perdido no banco; dela só se avistava, no dia seguinte, a proa e o mar já cobrindo o resto. Nossos marinheiros tentaram salvar as ferragens, madeira, etc., que nos poderiam ser úteis. Demoramos em conjecturas. **De onde vinham os navios?** Eu não tinha dúvida de que viessem do Rio da Prata, onde eu supunha ainda estar nosso Comandante da Esquadra. Na verdade, eles estavam ancorados ao longo da margem espanhola e perto dela, entre o **Forte de Trindade e o de Mosquito**, conforme se pode ver na carta deste rio (anexa). Viu-se claramente que nossa Artilharia havia maltratado, pelo grande número de pessoas que se ocupavam em descarregá-los e neles trabalhar. Descarregaram muitas coisas, mas não se viram desembarcar tropas. Os espanhóis se encontravam, deste modo, bastante perto de nós, **consideravelmente reforçados por um número de chalupas e barcos pequenos, senhores do rio daquele lado**. Nossas fragatas não podiam dificultar seus planos. Foi preciso duplicar a vigilância. E mais, trabalhar muito para pôr nossos postos do Lagamar e da praia, ao abrigo de ataques e

surpresas que eles poderiam tentar a qualquer hora da noite. Foi difícil convencer o Marechal Funck a desistir de fazer projetos e planos impossíveis de executar **numa região onde não há pedra de espécie alguma, nem tijolos, nem cal, nem matéria-prima para os fazer, nem mesmo areia.** Tudo o que me pareceu existir, ao longo da praia, é uma areia fina. Há pouca madeira e de má qualidade, e nada com que **fazer faxina.** Não há operários, senão os que se acham engajados nas tropas, nem instrumentos, nem materiais.

Convimos, por fim, no plano de uma fortaleza, ou fortim, **no Lagamar,** que defenda este ponto, impeça a entrada da barra e esteja em oposição ao forte espanhol do outro lado. E que seja bastante espaçoso para nele alojar uma guarnição adequada e estocar as munições necessárias. Como não se encontrou, pelos arredores, nenhuma espécie de grama, o marechal quis utilizar para a construção desta obra (como Montanha já havia feito) as superfícies dos alagadiços que se encontram à margem do rio, bastante perto, **cortadas em forma de leivas, um pouco mais grossas. A terra negra ligada a estas ervas forma um lodo que ao endurecer com o tempo, pelo calor do sol, tornando-se uma base dura- doura.** Furneci, tanto quanto possível, trabalhadores de todos os regimentos. Para animá-los, fiz-lhes pagar 50 réis a cada um, além do soldo, por dia de trabalho. Furneci, também, todas as ferramentas, índios para tirar o barro e carretas para levar ao local; contudo, sem deixar em falta a descarga das sumacas que traziam farinha. **A obra foi iniciada poucos dias após a entrada dos navios espanhóis. O Capitão Montanha ficou no Lagamar, encarregado da execução das ordens e do plano do Marechal Funck.**

Como o frio já se fizesse sentir e as barracas estivessem todas apodrecidas, nossos soldados pediram permissão para construir cabanas eles próprios, cobertas com as ervas cortadas nos alagadiços. A necessidade de proteger estes pobres homens do rigor do inverno forçou-me a consentir, apesar do perigo de incêndio quando as ervas viessem a secar. Eles se puseram a

trabalhar nisso com afinco, observando a exata regularidade de um acampamento, com a única diferença de que as palhoças ficaram mais altas e um pouco mais largas, oficiais seguiram-lhes o exemplo (42).

Minha nova residência progredia. Os oficiais de meu quartel desejavam, também, construir cabanas perto da minha, que devia ficar pronta em primeiro lugar, pois não havia outras carroças para o transporte dos materiais, nem para se comprar, pelo preço que fosse. Todas as carretas estavam empregadas junto à construção do Lagamar ou ocupadas na descarga das sumacas. E ainda não bastavam, uma vez que deviam transportar a farinha até a Fronteira. Porém, o novo armazém que eu havia mandado construir, a meio caminho entre meu novo quartel e o Regimento de Estremoz, já estava sendo utilizado, **com capacidade para conter mais de seis mil alqueires de farinha.**

Tomei as maiores precauções ao longo de toda a praia; desde a **Ponta Rasa** até o mar. Aumentei as guarnições das fragatas, para qualquer eventualidade. A 24, os espanhóis deslocaram uma de suas antigas corvetas da Mangueira e juntaram-se às recentemente chegadas. **Do Forte da Conceição foram dados 31 tiros; porém, nenhum a atingiu.** Resolvido a não mais morar na **Fronteira Norte**(São José do Norte) fiz vir meu pessoal de lá. Meu novo quartel é bem mais apropriado, ao centro de tudo, podendo, eu, fiscalizar tudo que se faz. **Posso ver, de minha janela, o que fazem os espanhóis.** A outra casa pode servir de armazém para guardar o material para as tropas e para a Marinha e que o Vice-Rei começou a enviar-me **(43).**

Escrevi ao Governador Marcelino ressaltando que era de grande importância me enviasse, sem interrupção, o que lhe havia pedido; sobretudo, **madeiras de todos os tipos e em grande quantidade, tanto para as obras como para os armazéns, plataformas, rodagem e reparações das carretas.** Estas, na maioria, necessitando ser consertadas. Pedi-lhe não perdesse tempo em fazer construir barcaças chatas e enviar-me uma centena de índios e outro tanto de cavalos.

Carta 5, de 7 de maio de 1775

Senhor

A 16 de abril tive a honra de participar à Vossa Excelência a entrada de 4 navios espanhóis neste rio, apesar da nossa oposição. Junto, agora, uma relação à qual devo acrescentar que estes navios se encontram ainda na mesma posição, tão perto da margem deles que parece nela tocarem. Vê-se claramente que o canal, desde a boca do rio, marca o limite meridional até o Morro da Vigia, que fica fronteiro ao Forte da Conceição. Vê-se que eles trabalham não apenas na descarga dos navios, mas também no reparo dos danos que nossa Artilharia lhes causou, que me surpreendeu por não serem mais consideráveis.

Não se saberia adivinhar seus verdadeiros intentos, nem de onde vieram — se da Europa ou do Rio da Prata. Embora eu penda para a primeira opinião, porque mostraram desconhecer a costa e a barra, e o nosso Comandante de Esquadra encontra-se lá embaixo (Colônia). Imediatamente, após sua entrada durante a qual nossas fragatas haviam sido detidas pelo mesmo vento que favoreceu os espanhóis, fiz reforçar as guarnições, para que se pudessem melhor defender em caso de serem atacados, ou para aproveitar qualquer ocasião favorável que se apresentasse.

Foi preciso também efetuar mudanças em meu dispositivo de tropas de terra para colocar-se em segurança contra surpresas que eles poderiam tentar, dominando o rio desde o Forte da Conceição até a embocadura, e tendo quantidade de chalupas e pequenos barcos a tão pouca distância, e nenhum de nossos postos estando cobertos. Entretanto, creio que o redobramento de vigilância de nossa parte ao longo de todo o rio, desde o **rincão de Barbosa até o Lagamar** lhes impôs respeito e fez abortar seus intentos.

A 18 de abril, 1775, ao anoitecer, aproximaram-se quatro sumacas **do Lagamar**. Duas entraram bem. A presunção do Mestre Antônio Lopes fez perder a sua, carregada com 2.000 alqueires de farinha, em um instante, sem que se pudesse salvar nada além dos homens. A quarta entrou no dia seguinte. Os espanhóis não

atiraram sobre nenhuma delas. Por felicidade, estas sumacas chegaram tarde o suficiente para não cair em mãos do inimigo, que permanece atento ao deslocamento de nossas fragatas. Ao menor movimento, atiram com **sua bateria do Mangueira, reforçada por peças de grosso calibre.**

Nos acontecimentos do dia 18 de abril eles utilizaram apenas peças de 18. Trabalham sem descanso em seus fortes. **Levam a vantagem de que suas obras permanecem, enquanto o mar destrói as nossas.** Consomem munições de guerra e nós as devemos usar com sobriedade, com as peças de 36 libras de que só recebemos 100 tiros, dos quais perto da metade já consumidos. E uma das rodas veio sem as ferragens. Excetuadas as peças de grosso calibre e uma de oito libras, de bronze, **todo o resto da Artilharia que se encontra aqui é para mim inútil. Se Vossa Excelência puder dispor de algumas peças de 24 libras, haveria ocasião de as empregar.** Para poder ver tudo de perto e, até mesmo o que se passa com os espanhóis, alojei-me aqui, com meus oficiais que estão também em cabanas, entre o **Regimento de Estremoz, a Cavalaria e o Batalhão.**

Os destacamentos dos diferentes postos e das obras ocupam grande número de soldados. Ficaram poucos no acampamento para **fazer palhoças de palha, pois as barracas estão podres e o frio, já sensível, de modo que tenho de abrigá-los e não reservo nem uma guarda para mim. Vossa Excelência não conseguiria imaginar a miséria geral que reina aqui!**

Carretas, carroças e bois para o serviço indispensável são em reduzido número e já tomados aos particulares. Nem com dinheiro se as conseguem. Aquelas das quais os particulares se utilizam para trazer mercadorias do Lagamar vêm até de Viamão.

Os cavalos do Rei são, em parte, do tempo do Conde de Bobadela e mal bastam para o pequeno destacamento de Dragões. Não os havia para meus ajudantes-de-campo. Eles trouxeram os seus próprios do Rio de Janeiro. **Em carta de 25 de abril, assegure-me o Governador José Marcelino ter adquirido bois e carretas que virão para esta Fronteira e mais alguns cavalos e mulas para**

o serviço.

Nesta parte do Continente não há nada disso. Lá, há abundância e deve-se mendigar. Se eu quisesse fazer marchar um batalhão normalmente a seis léguas daqui, todo o trabalho teria de cessar e mal teria ele carretas e bois suficientes para o transporte. Parece mesmo que se quis cortar a comunicação com esta parte do Continente, pois sobre a Lagoa dos Patos há apenas uma pequena barca do Rei, já podre.

Não sei, Senhor, se minha decisão de deslocar por terra as oito companhias dos **Regimentos de Moura e de Bragança** que Vossa Excelência passou à minha disposição na Ilha de Santa Catarina, encontrará sua aprovação. Reconheço que as desgraças de que tenho sido testemunha e **a estação já um pouco tempestuosa**, fizeram-me tomar decisão que acreditei ser a mais segura, para não expor tanta gente à possibilidade de cair nas mãos dos espanhóis, ou de morrer. Tanto eles quanto suas bagagens chegaram otimamente, seja por mar seja por terra.

Como há, entre estas tropas, muitos recém-recrutados, dos que vieram de Lisboa, ano passado, achei melhor não os dever trazer logo para cá. Por supor, também, que não tenham sido instruídos, deixá-los-ei por algum tempo em Porto Alegre, para que recebam instrução sobre o serviço e a disciplina. Dei ao Tenente-Coronel Nicolau Antônio instruções relativas a este assunto, **como também para impedir a deserção.**

A Junta me participou ter um outro Comissário de Víveres para o Rio Pardo e ter contratado o fornecimento de carne para as tropas. Desejo que as presentes determinações sejam mais felizes que as anteriores e mais dignas da aprovação de Vossa Excelência.

Estando a escrever, tenho a honra de receber uma carta de Vossa Excelência, de 12 de abril. Estou encantado de ter podido, por algumas de minhas providências, merecer a aprovação de Vossa Excelência, como estou em desespero de lhe ter causado, com meus lamentos e meu detalhe muito especificado da situação dos negócios nesse Continente, um desprazer. Mas Vossa Excelência levará em conta minha posição. Ninguém pode fornecer-me o

menor remédio, nem há a quem eu possa recorrer. O Vice-Rei me perdoará aquilo que meu coração em confiança diz ao Marquês do Lavradio, que sempre me honrou com uma amizade que não mereço.

Acampamento de João da Cunha, 7 de maio de 1775.

Como se trabalhava com ardor no **Forte do Lagamar**, ele começava a tomar forma, não obstante o grande retardo que a falta dos elementos mais essenciais causava. Estando o Marechal Funck bastante inclinado a construir um forte mais sólido que o do Montanha, **dedicado à Nossa Senhora da Conceição**, não pude resistir a suas solicitações. Não que eu estivesse de acordo com ele, que nossa Artilharia pudesse de lá impedir a navegação dos espanhóis pelo rio; mas sim, porque concluía claramente que nossas peças de bronze de 12 libras, vindas de Lisboa, não os atingiram. Eu esperava, como ele, pôr os espanhóis em temor, para que não quisessem fazer algo contra os acampamentos e contra meu quartel que se encontravam no **Patrão-Mor**. Pela metade de maio recebi aviso de Porto Alegre, **da chegada das oito companhias dos Regimentos de Moura e de Bragança a este quartel**, a 8 deste mês. A 25 entrou no **Lagamar** uma sumaca pela qual o **Vice-Rei fez recompletar as munições de guerra consumidas por ocasião da entrada de nossas fragatas a 4 de abril**.

Pelo fim do mês chegaram de Porto Alegre, para o serviço nesta Fronteira, 102 bois de carretas muito bons, mas cerca de 100 cavalos como nunca vi, magros como esqueletos, nenhum podendo aceitar que se lhe ponha uma sela nos dorsos. Eram chagas vivas. Parecerá exagero fazer esta descrição.

Não podendo tolerar mais o procedimento da Junta e do Governador, nem destes retardos simulados e afetados, para me enviar tudo o que me era extremamente necessário aqui, e que eu tinha tantas vezes pedido, e quis, ao mesmo tempo, me convencer por meus próprios olhos de que havia em Porto Alegre e Rio Pardo, fortes e postos fortificados tão decantados. Então, resolvi arranjar meus negócios de sorte que minha ausência por algumas semanas não pudesse ser prejudicial.

Devendo os trabalhos nos fortes continuar com o mesmo ardor, autorizei meu ajudante-de-campo George Luiz Teixeira, a dar ordens aos comissários para o fornecimento das coisas necessárias. Não se devia alterar em nada o serviço das tropas, nem sua posição, o mesmo também valendo para a Marinha, sem um forte motivo. Neste caso, o Marechal Funck, o Brigadeiro Chichorro, o Coronel Veiga Cabral e o Capitão Hardcastle deviam reunir-se em Conselho em minha casa, (os três primeiros estavam acampados bem perto) com meu ajudante-de-campo, para tomar qualquer resolução. **(44)**

Os novos fornecedores começaram, a primeiro deste mês, a fornecer carne às tropas, a 2 libras por dia. Foi preciso dar-lhes assistência para os pôr em dia a fim de que tudo se fizesse em ordem.

Fiz os preparativos para minha viagem, tão secretamente quanto possível. E para não ter embaraços na viagem, escolhi para acompanhar-me apenas o Tenente-Coronel Joaquim José Ribeiro, o Tenente de Dragões e Ajudante-de-Campo Manuel Marques e o cirurgião André da Costa, cada um com o mínimo de bagagem possível. Como não se pode esperar achar a mínima coisa no caminho, fora a carne, **é preciso sempre levar algumas cadeiras, mesas, camas e a cozinha consigo, o que ocasiona muito embaraço.**

A 6, celebrei o aniversário do Rei, com tiros de canhão dados no meu acampamento e na fragata. Tendo os principais oficiais, tanto de mar quanto de terra, vindo cumprimentar-me em meu quartel e jantar comigo; coloquei-os a par de minha intenção e dei-lhes as ordens.

No dia seguinte, 7 de junho, pus-me em marcha para Rio Pardo.

Carta 6, de 7 de junho de 1775

Senhor

Desde minha última carta de 7 de maio, tive a honra de receber 3 cartas de Vossa Excelência. A primeira de 7 de maio, a segunda, de

9, pela sumaca do Mestre Manoel Cabral de Mello e, a cópia desta última, pelo general do Departamento da Ilha de Santa Catarina.

Sobre a ideia de manter um conjunto de fragatas nestas alturas, foi apresentado ao Comandante da Esquadra (logo que retornou do Rio da Prata) assim como à Vossa Excelência. Pois os espanhóis não teriam entrado aqui, onde eles mantêm, por sua posição, nossas fragatas em perigo.

Vossa Excelência mostra em tudo e por tudo, o mesmo espírito de providência e zelo pelos interesses do melhor dos Soberanos. **As munições consumidas a 4 de abril se acham deste modo duplamente recompletadas.** Participei, indiretamente, da honra que Vossa Excelência houve por bem conceder ao Comandante da Marinha daqui e aos capitães-tenentes e tenho o dever de repetir que eles se conduzem e ser de maneira tão distinta que se tornam dignos da estima de Vossa Excelência.

Uma vez que coloquei o Capitão-Tenente Joaquim José Cassão a bordo da fragata **Belona**, onde se encontram dois oficiais a quem ele deve convidar para as refeições, por decência acreditei dever-lhe mandar ir pagar os quatrocentos réis que Sua Majestade concede aos comandantes, dependendo da aprovação de Vossa Excelência.

Os gastos feitos até aqui com as obras não vão além de 60\$000 réis e garanto que em pouco terei acabado os **Fortes do Lagamar e da Nossa Senhora da Conceição.**

Garanto, por minha honra, que hesito antes de lançar qualquer coisa a conta do Rei, para não causar problemas com esta temível Junta, de quem até agora não recebi outra assistência **além de me ter dado comissários que são cem vezes piores do que se não houvesse nenhum.** É uma realidade clara como a luz do dia. A confusão anterior era bem menos prejudicial e eu me limito a considerar como é que se colocam em lugar de tamanha importância gente semelhante. Há dez dias recebi de Porto Alegre, após tanta procura, 100 bois muito bons e 98 cavalos, todos próprios para serem jogados fora.

Tais procedimentos e o pouco conhecimento que tenho dos

negócios deste lado do Rio Pardo e de todas estas fortalezas me fazem tomar a resolução, apesar do rigor do *inverno*, de fazer uma excursão por este lado, para me atualizar e para ver se poderei fazer qualquer mudança antes que tudo fique em desordem. Durante minha ausência, os trabalhos dos fortes devem continuar com a mesma intensidade. Na posição das tropas não se deve fazer nenhuma mudança.

Se os espanhóis ficarem tranquilos e, caso eles se movimentem, o General Funck, o Brigadeiro Chichorro e o Coronel Veiga, todos vizinhos neste mesmo acampamento, devem reunir-se em minha casa com meu ajudante-de-campo George Luiz Teixeira para tomar uma resolução. A estação bastante adiantada me garante, **tanto do lado do mar quanto do lado do rio**. Suplico à Vossa Excelência que continue a me honrar...

Acampamento de João da Cunha, 7 de junho.

Levei, eu mesmo, esta carta até **Barros Vermelhos**, donde a fiz conduzir à Ilha de Santa Catarina, tomando, com minha comitiva, à esquerda, para Palmares.

Como tudo o que merece minha lembrança durante a viagem está contido na carta que escrevi ao Vice-Rei após meu retorno ao acampamento de João da Cunha, não digo mais nada.

Na véspera de minha partida, o capelão da Fronteira, padre Francisco de Lima, solicitou-me permissão para me acompanhar e, tendo-lhe concedido com prazer, tive nele um agradável companheiro, durante toda a viagem.

Durante esta, não tive nenhuma surpresa muito agradável e me lembrarei sempre da alegria infantil que senti quando tornei a ver, **em Palmares, uma casa cujas paredes eram de tijolos, onde não senti aquele execrável fedor que fica naquelas que se constroem com excrementos de animais de toda espécie.**

Recebi numa carta do Senhor Vice-Rei, datada de 22 de junho, sua resolução a respeito **dos oficiais do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, que tinham acusado falsamente seu major comandante e que deveriam ser reformados.**

Carta 7, de 15 de julho de 1775

Senhor

Tive a honra de dizer à Vossa Excelência, em minha última carta de 7 do mês passado, que iria a Porto Alegre e de lá a ver uma parte das fronteiras do lado do Rio Pardo e o estado das fortificações daquelas bandas. Cheguei, a 12, à noite, a Porto Alegre. Fui no dia seguinte visitar os armazéns, a oficina (estaleiro), os quartéis e as tropas.

Embora Porto Alegre deva ser o **Depósito Geral**, não encontrei lá nenhum comissário. A Junta administrava tudo, servindo-se de um nomeado, José Bemardo Meirelies. Este havia conquistado a confiança do último almoxarife, recentemente afastado deste posto, mas que ainda desempenhava as funções e conservava as chaves dos armazéns onde se encontravam, principalmente, **o das ferramentas, tudo em grande desordem, e mal providos e cheios de lixo.**

Informei à Junta a incapacidade dos comissários que ela acabava de nomear para as funções de mais alta importância e as consequências prejudiciais que disso resultariam, indubitavelmente, solicitando-lhe seriamente que para isso desse solução. A resposta foi que todas as pessoas mais habilitadas existentes neste Continente, as mais probas e mais inteligentes, já tinham sido escolhidas e que era impossível encontrar outras melhores. Com efeito, o horror que todo o mundo tem nesta região de semelhantes empregos é tal que o último almoxarife estropiou sua mão direita para se livrar. Um outro, temendo ser nomeado almoxarife, tinha uma pessoa de confiança em Porto Alegre que deveria avisá-lo rapidamente caso o nomeassem. Ele tinha tudo preparado, de sorte que pudesse imediatamente fugir do Continente com sua família e seus melhores bens móveis, abandonando bens consideráveis.

Embarquei a 14 para o Rio Pardo. Cheguei, à noite, a Freguesia Nova, 12 léguas de Porto Alegre. Aí encontrei 4 peças de ferro de 2 libras, bastante más, sobre uma eminência às margens do Guaíba, perto da casa do vigário, e um oficial reformado de Dragões,

surdo, com 4 homens, para guarnecê-las. Era o primeiro posto fortificado para defender a passagem do rio, O senhor vigário aí governava. Também a bandeira lhe pertencia e lá fez as honras tão galantemente quanto se pode esperar.

A 15, subindo o Rio Guaíba, passei perto da Freguesia Nova, exatamente na embocadura do Rio Taquari, onde me mostraram um ponto elevado sobre o qual existiu uma bateria do tempo do Governador José Custódio, que as enchentes destruíram. Fui, neste dia, até o arroio dos Três Irmãos, a 4 léguas da Freguesia. Como o vento me era contrário e não mudou durante a noite, resolvi no dia seguinte, 16, acabar minha viagem ao Rio Pardo por terra, deixando os barcos subirem o rio com as bagagens. Lá cheguei à noite, mas não surpreendi **o Brigadeiro Roncalhy, que tinha seu Regimento de Dragões reunido, mas a pé, pois os cavalos se encontravam no pasto, em um rincão pouco distante do povoado, mas de alguma extensão, de sorte que é preciso algum tempo para reuni-los.** Encontram-se no quartel apenas um piquete, que veio ao meu encontro. Reservei-me o direito de ver o regimento montado ao voltar de minha visita ulterior e me satisfiz com o prazer de vê-lo a pé. **A Companhia de Índios do Major Rafael Pinto Bandeira me surpreendeu por sua capacidade de silêncio e seu aspecto sob as armas. Aqueles homens me pareceram de diferente aparência dos nossos índios do Rio de Janeiro.**

No dia seguinte, fui aos armazéns (**apenas de nome**) onde encontrei desordens ainda maiores que aqui mesmo, e nada do que lá se devia encontrar. **Um só homem estava encarregado do cuidado dos víveres, das munições de guerra, do transporte, do hospital e do pagamento das tropas.** Chama-se Antônio da Silveira d'Ávila e Mattos. Antes, tinha sido almoxarife, o que o havia arruinado de bom trabalhador que fora, pois era obrigado a ficar em Rio Pardo, não podendo cuidar de suas terras. **Este pobre homem me contou que não sabia nada de contas e pouco mais que garatujar o nome. Quando era preciso escrever algo, ele corria às lojas, pedindo a alguém que o ajudasse. Tal é o Comissário Geral e o Tesoureiro do Rio Pardo.** Entretanto, ele não deixa de

ter conhecimento das forças inteiras da região, sobretudo do Rio Pardo até Jacuí. Ele é alferes dos Auxiliares. **O ajudante que lhe deram não vale absolutamente nada, segundo a voz geral.**

O escriturário serviu de caixeiro no Rio de Janeiro; dizem que é bom, e ele o será, mas se encontra em uma esfera diferente. **Estes homens, por sua ignorância, poderiam ser extremamente prejudiciais se os armazéns, a caixa e o hospital se encontrassem supridos de acordo com as circunstâncias presentes. Mas, como tudo está vazio ou mal provido, sem nenhum planejamento, nem para o presente nem para o futuro, o Rei só perde com eles os seus salários.**

O Conde de Bobadela, chegando aqui em sua tão formosa expedição, entrincheirou-se sobre uma eminência à margem do Guaíba, para se pôr em segurança contra os índios que ele havia desalojado. Vê-se ainda o mastro da bandeira e um velho armazém da mesma época, algumas peças de ferro de alguma utilidade, sem grande risco. O palácio de então serve de alojamento ao **Destacamento de Artilharia do Rio de Janeiro e as 4 peças de bronze de 3 libras, com varais, que enviei de Cidreira, lá estão muito bem guardadas junto com sua munição e arreios — mas de fortificações não existe mais nada.**

Às margens do Rio Pardo, no lugar onde as pessoas costumam atravessar este rio com seus animais, parece que se quis colocar um par de peças em bateria, mas ficaram nisto e não pude notar nenhuma outra obra.

A 18, atravessei o Guaíba (Jacuí) em frente ao Forte do Conde de Bobadela, (Forte do Rio Pardo com meus oficiais e uma pequena tropa de Dragões para examinar os progressos que o General Vertyz y Salcedo fizera no ano passado, desde o Rio Piqueri até duas léguas do Rio Guaíba e da Colônia do Rio Pardo, onde estabeleceu seu último acampamento. Não abusarei da paciência de Vossa Excelência com o relato de uma viagem nestas terras desertas, embora férteis. O Brigadeiro Roncalhy quis acompanhar-me com o Ajudante Thomé de Almeida, embora o tempo, que me favorecia até lá, se tivesse tornado extremamente ruim; na noite anterior

passamos o Rio Tabatingaí, o D. Marcos e, à noite, passamos às margens do Iruí. Atravessa-mo-lo no dia seguinte e fomos ao Rio Piqueri, **onde encontrei um pequeno destacamento do Major Rafael, com 6 homens e alguns da Companhia de Caçadores que eu não saberia descrever por não saber a quem compará-los.**

Fiquei muito admirado de não encontrar em nenhuma destas passagens do rio (que as cartas da Corte julgaram estar tão bem defendidas), nenhum sinal de que desde um tempo remoto aí tenha havido uma obra qualquer. **Mas minha surpresa acabou quando me contaram que o que se chama "Passo" não é senão o lugar onde as pessoas costumam atravessar o rio, mas que, querendo, se pode passar estes mesmos rios ou arroios em centenas de outros lugares, tanto a montante (ou acima) quanto a jusante (ou abaixo).** Vossa Excelência pode julgar as dificuldades, pois, o general espanhol deslocou-se por toda a região sem que tenha sido obrigado a alargar uma passagem de rio, ou a construir uma ponte. Isto não daria muito trabalho, nem tomaria tempo, uma vez que todos estes rios estão bordados de árvores altas e bastante fortes para a tal finalidade servirem. **Parece-me que o General Vertyz não tinha desejo de atravessar o Guaíba (Jacuí) e entrar em nossas terras onde ele se daria mal, arriscando-se sem necessidade, pois a região é cortada de árvores. Nela, em tempo de seca, a falta de água devia fazer perecer os animais, e em tempo de chuvas, as enchentes dos rios os colocariam em dificuldades.** Seu último quartel fora a casa do Capitão Cipriano Cardoso, a 2 léguas do Guaíba, posto que ele não ultrapassou, com suas tropas acampadas ao seu redor.

O Major Rafael demonstrou, parece-me, habilidade, enganando sua vanguarda na passagem do Tabatingaí, no lugar que me mostrou. Este oficial viera procurar-me porque meu desejo era o de passar do Iruí ao seu acampamento, perto do Rio Camaquã. Mas, como o tempo ficou muito ruim e fortes chuvas começaram a encher os rios, segui o conselho que me davam. Voltei direto ao Rio Pardo. Levei comigo o major, cujo Corpo eu tinha grande necessidade de passar em revista. Isto

eu havia mandado fazer algumas semanas antes pelo Brigadeiro Roncalhy e outra pessoa de minha confiança, de sorte que o interior me era conhecido.

A 21, de manhã, **vi o Regimento de Dragões, montado**, fazer algumas evoluções. Apenas saberia repetir o que, a seu respeito, já tinha tido a honra de dizer à Vossa Excelência.

Não é nada do que consideramos, na Europa, como um bom **Regimento de Dragões**. O melhor soldado desta tropa não poderia servir em nenhuma tropa regular. **Mas, também, o melhor cavaleiro da Europa não valeria nada para o Serviço de Campanha aqui.**

Os cavalos não são de modo algum apropriados para nossa Cavalaria. É preciso um grande número deles, pelo menos três para cada praça, e peões para os conduzir ao pasto, tomar conta deles lá e os conduzir onde se tem necessidade deles. Depois, apanhá-los um a um com o laço e os distribuir, o que oferece mil inconvenientes bastante evidentes. E, ainda, este Regimento fica muito caro ao Rei, parece-me!

O único consolo é que os espanhóis — exceto o fato de que têm um maior número de cavalos — acham-se exatamente na mesma situação. Não falo mais dos oficiais nem dos soldados, dos quais já disse bastante. **Os melhores dentre eles não podem aguentar o tormento de uma guarnição. São de gênio demasiado vivo para sujeitar-se a uma grande uniformidade e regularidade de vida. E muito menos acostumar-se ao repouso. Antes desertar!**

As quatro companhias de tropas leves do Major Rafael Pinto Bandeira formaram um Corpo demasiado desigual e variado para que se possa dele tirar proveito. **Os caçadores, que nunca realmente o foram, são, na maior parte, a vergonha do militar. A Infantaria leve dos índios só serve para mostrar que eles podem aprender a manejar armas e que eles preferem estas ao trabalho; porém, jamais se conseguirá incutir-lhes o espírito de bons soldados, nem o de gente de bem.** E, se não se deixasse um terço deles ir para casa, a título de destacamento, por rodízio, esta Companhia talvez nem existisse mais. Creio que será melhor tirar das duas Companhias os melhores elementos para formar uma, a

cavalo, e juntá-la às outras duas, para que o major a instruisse sob suas vistas e tivesse assim um Corpo mais adequado para ele utilizar-se quando necessário, visto que a Infantaria não pode acompanhar a Cavalaria. **O major, Rafael Pinto Bandeira, com o qual discuti este plano, deu-me, à tarde, um espetáculo assaz bonito: o de uma tropa que chega às margens de um rio profundo, sem encontrar pontes ou balsas, nem meios de as fazer. Ela mata, imediatamente, alguns bois; tira seus couros e faz destes couros frescos uma espécie de balsas grandes e redondas dentro das quais metem suas bagagens e as amarram na parte de cima. Em seguida, põem estas balsas (pelotas) a flutuar; a elas ligam uma correia. Um homem assenta sobre cada pelota. Um outro, despojando-se das roupas, se mete na água, toma a correia entre os dentes e atravessa o rio a nado, com a pelota, que é descarregada no outro lado. Fazem também pelotas quadradas, abertas em cima, mas as redondas são mais seguras.**

O que mais me admirou foi a velocidade com que fizeram todas estas operações. E mais, a presteza com que esta gente se lança na água. Todos são bons campeiros e ao mesmo tempo bons nadadores. Este modo de atravessar um rio, que não tem largura expressiva nem corre com demasiada correnteza é bastante seguro. Os animais passam a nado, o emprego do transporte em carretas é desconhecido. Xenofonte, na História da Retirada dos 10.000 gregos, conta que certo dia os bárbaros, descendo um rio, trouxeram ao seu acampamento víveres carregados sobre peles de animais. Mas esta gente daqui certamente não leu, nem dele tirou a ideia de fazerem **pelotas (45)**.

O mau tempo fez-me renunciar à viagem até o Jacuí. Despedi-me do Brigadeiro Roncalhy e embarquei a 22 de junho. Iniciei meu retorno pela Freguesia de Santo Amaro, de onde fui, por terra, ao Rio Taquari. **Atravessei-o de bote, para ver do outro lado a fortaleza construída pelo Governador José Custódio, cujo lugar foi-me difícil encontrar. Não fosse o mastro da bandeira, que foi achado, não creio que o tivesse encontrado, de tal forma está coberto de mato. As águas do rio, que subiram alguns anos atrás**

e estiveram a mais de 20 pés acima do nível normal, tinham coberto toda a elevação e arruinado o forte, de maneira que aí nada mais existe.

As peças e outros destroços que se salvaram, em seguida, foram transportados a um armazém próximo da Freguesia de São José e de um arroio que se lança no Taquari, onde estive. Ali vi duas velhas peças de ferro de 3 libras, montadas sobre reparos de 6, alguns projéteis, algumas ferramentas e quatro barris de pólvora, com um destacamento e um almoxarife para os guardar, além do comandante, um tenente reformado, de Dragões, chamado Francisco Pinto. Desci o Taquari até a Freguesia Nova, onde encontrei, na casa do Vigário Clarck, o Major Rafael, com o qual embarquei no dia seguinte. Encontrei-me a 24, ao anoitecer, de volta a Porto Alegre. A 25, lá ocupei-me com o governador e o Major Rafael a fazer a reforma mencionada, no Corpo de Tropas Leves.

Dei ordens que me enviassem outros cavalos em lugar de matungos e conferenciei com a Junta a respeito de como obter tantas coisas que faltaram em meu quartel para as obras e para a descarga das sumacas, necessárias ao serviço das tropas. Recomendei que se apressasse o construtor para acabar a sumaca e as barcas em que já se trabalhava há bastante tempo. Via a sumaca, ou o **“Penque”**, uma barca no estaleiro.

A Junta fez-me bastante promessas para o futuro. Concordou comigo que o escrivão Sebastião Francisco Betâmio **(46)** me acompanhasse à Fronteira, para ter junto a mim alguém que me ajudasse a reparar o mal que a ignorância e a incapacidade total do comissário fez todos os dias e para pôr os armazéns em ordem, conforme o Vice-Rei já recomendara várias vezes, em pessoa. Ele me testemunhou a melhor boa vontade e achei o provedor um bom homem.

As oito companhias fizeram algumas evoluções e exercícios e não se desempenharam mal, para honra do Tenente-Coronel Nicolau Antônio e do resto dos oficiais. As tropas até então haviam-se conduzido muito bem e o testemunho do governador

diminuiu meus temores a respeito delas. Parti a 26 de Porto Alegre, cumulado das atenções e da hospitalidade do governador José Marcelino, que me alojou em seu palácio. **Tanto ele como as pessoas importantes do governo acompanharam me contra minha vontade, até Viamão.**

Continuei, a 27 de Junho, minha viagem e cheguei a 4 de julho, à noite, ao acampamento de João da Cunha com o senhor Betâmio, ao qual estou dando uma ideia exata de tudo o que lhe compete saber sobre minha situação.

Durante minha ausência, o mar causou danos ao novo forte. Os espanhóis, no dia seguinte à minha partida, se haviam posto a trabalhar sobre o Morro da Vigia, no lugar onde ergueram o **Forte de Trindade**, O marechal Funk, prevendo suas intenções, me propôs, em carta que recebi a caminho, fazer transportar nosso maior canhão para a **Fortaleza N. Sra. da Conceição** e pretende, com ele, impedir os trabalhos. Mas eu não concordei com isso, em vista do pouco efeito das peças de 12 libras nos movimentos do mês de abril e **da pouca munição de que dispomos**. Além disso, eles poderiam trabalhar à noite.

Desertaram 3 soldados de Estremoz, 1 sargento e 3 soldados do Batalhão de Roberto Rodrigues e grumetes da fragata Invencível, a bordo da qual se havia salvo, a nado, um guarda-armazém de um barco espanhol. Quatro outros desertores espanhóis chegaram à Fronteira Norte em 2 botes.

Anteontem, tive a satisfação de receber a carta de Vossa Excelência, datada de 22 de junho, executando suas ordens, no que concerne aos regimentos. O auditor do Primeiro Regimento será muito útil. **Estou encantado com as notícias que de São Paulo devem vir, não penas tropas, que julgo de qualidade apropriada para a guerra, mas também animais e outros víveres, pois no Lagamar não chegaram farinhas desde 25 de maio.**

Quanto ao resumo da carta da Corte, devo repetir o que disse sem juntar-lhe nada. Estou pronto a obedecer pontualmente à primeira ordem positiva, até lançar-me ao mar. Vossa Excelência sabe perfeitamente que não tenho barcos apropriados nem os

posso obter. Querem que se ataque os espanhóis no ponto em que estão mais fortes. **E, como sempre, na Europa que se designa o lugar e a forma de ataque a executar contra o Rio Grande, sem ouvir o general que se encontra no próprio local.**

Tenho a honra...

Acampamento de João da Cunha, 19 de julho de 1775.

Uma tempestade danificou o **novo Forte do Lagamar** que me enaideci de encontrar já acabado, à minha volta, mas o vigor com que se trabalhava fazia esperar o seu término em pouco tempo. **Mas a noite de São Bartolomeu destruiu tudo.**

Os espanhóis trabalhavam em seus novos **Fortes de Trindade e do Mosquito** sem que a água lhes causasse o mínimo dano. Vivia em contínuo temor, quando os ventos sopravam do Sul ou Sudoeste e de receber notícias de alguma nova ruína. **O Forte do Patrão-Mor** foi quase todo carregado pelas águas, na noite de 25 de abril.

No acampamento, também foi preciso trabalhar para se livrar das águas e para se ter comunicações em toda a parte. As grandes dificuldades que me causaram temor foram resolvidas com alguma dificuldade e todo o mundo preferia viver no acampamento a viver na **Fronteira Norte**.

Não faço menção à entrada e saída das sumacas no Lagamar, nem às promoções pequenas ou outros incidentes menores diários que não interessam em nada, apenas quando acontecem. Os principais fatos acham-se narrados nas cartas ao Vice-Rei. Não os repito.

A 14 de julho, dei permissão ao Major Roberto Rodrigues para ir à Fronteira, pois sua mulher estava gravemente enferma **(47)**. Designei, em seu lugar, comandante de baterias e tropas, o Major Manuel Soares Coimbra, do **Regimento de Estremoz**, que para lá transportou-se a 17 do mês. Encarreguei este oficial, particularmente, de observar com atenção os trabalhos dos espanhóis em seu novo **Forte do Mosquito**, sobre o qual tenho mantido rigorosa observação desde que começaram a construí-lo, sem que eu possa atinar com a razão, mais é a realidade **(48)**.

A 31 de abril mandei substituir as duas companhias do Roberto Rodrigues pela dos Granadeiros; e a do tenente-coronel do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro. Todas se fizeram naturalmente, sem qualquer outro objetivo. Se não falei, antes, sobre este projeto, com o Major Roberto Rodrigues, não foi por desconfiança, pois sou conhecedor do seu valor nos acontecimentos do dia 25 de abril. **Contava com a sua boa vontade, mas temia pela sua impaciência, e, também, um pouco, a sua língua.**

Carta 8, de 17 de setembro de 1775

Senhor

Tive a honra de escrever à Vossa Excelência a 18 de julho e a 20 de agosto, referindo-me a diferentes parágrafos das cartas recebidas de sua parte.

Na primeira, Vossa Excelência me participa a resolução de enviar, em quinze dias, duas fragatas, comandadas pelo Capitão de Alto-Mar Artur Philips, que deverá combinar comigo a execução das ordens de Vossa Excelência para livrar este rio dos espanhóis que o ocuparam com seus navios, de tal modo que nossa pequena Esquadra se vê muito constrangida, pois não se pode enviar uma chalupa lá em baixo no **Lagamar**, sem risco de se a perder.

Certamente, Senhor, deste lado não se pode fazer nada contra eles, com esperança de sucesso, antes de se obter igualdade de forças sobre o rio, onde eles possuem razoável quantidade de pequenos barcos empregados para impedir a passagem e aprisionar os nossos.

Os pequenos preparativos que pude fazer consistem em 5 lanchas boas e dois grandes botes, que foram recuperados, com todo o necessários, dois últimos foram aprisionados aos espanhóis. Comprei 4 chalupas ou lanchas. Fi-los calafetar por nossos marujos, como a do Rei. As ferragens foram feitas ou reparadas por nossos artifices de Artilharia. Os caíques que se acham aqui são demasiado pesados. As fragatas não podem desembaraçar-se de suas chalupas. De Porto Alegre nada veio ainda, nem o **"Penque"**, do qual se falava

já à minha chegada, nem as barcaças que lá se devem construir. Este retardo se encobre sob todos os protestos costumeiros, quando solicito alguma coisa. Mantenho o rio continuamente em observação. Observo-o com bastante atenção e disso tenho tido o cuidado de dar conhecimento à Vossa Excelência.

Os espanhóis mantêm sobre a margem deste rio, além do seu forte, à entrada, a cerca de 1.200 toesas* de lá, sobre uma elevação, um fortim guarnecido por 4 peças de Artilharia, tiradas há alguns meses de uma bateria mais antiga, chamada **Mosquito**, que eles destruíram depois da entrada de seus navios. Subindo o rio, a quase igual distância, eles trabalham sobre uma elevação arenosa que os portugueses chamaram de Morro da Vigia (Trindade); em seguida, há a Bateria de Mangueira, com 7 peças, ao que parece, para cobrir aquela baía, à entrada da qual acha-se uma corveta armada, e, dentro, uma outra e mais a sumaca que foi nossa, que eles também armaram.

(*) Uma toesa equivale a seis pés e um pé = 30,4 cm.

O canal de navegação não está onde supõe o Major Róscio, na carta. Logo que se passa o **Forte da Embocadura**, ele se lança para o lado dos espanhóis, estreitando-se, de sorte que as fragatas **Invencível e Sacramento** ficaram sobre a areia, além do canal aí indicado. Entre a segunda bateria dos espanhóis e a que estão agora construindo, **encontram-se cinco navios ancorados**, a quase igual distância um do outro e muito perto da margem. **Uma fragata de 3 mastros, duas corvetas e duas "sétias"**.

Nossas quatro fragatas estão ancoradas a meia légua do **Patrão-Mor**, um pouco mais acima. As três do Rio de Janeiro, vindas com o Capitão Hardcastle, se abastecem aqui desde que seus víveres se acabaram (**farinha e carne**). Mas não pude atender à **falta de mechas (morrão) (49)**. Vossa Excelência terá a bondade de enviar alguns quintais delas. **O pessoal de galé já está muito inquieto, pois não recebe pagamento. Já desertaram 6 para o lado dos espanhóis.**

NB - quando recebi explicações sobre o grande mapa deste Continente, com o Major Rafael Pinto Bandeira, no Rio Pardo,

constatei que este oficial conhecia grande parte desta região. Não só por havê-lo percorrido em pessoa, como por tê-lo aprendido de seu pai. Mostrou-me terras onde o gado abundara, sobretudo perto das Missões. Para o defender, os espanhóis aí mantinham um pequeno posto com um oficial e uns trinta Dragões, no lugar chamado **São Martinho**, que se acha anotado sobre esta mesma carta. Conversamos muito sobre a maneira de lá chegar e de atacar o posto e tomar o gado. Mas não lhe determinei nada ainda (50). **Como tudo me levava a fazer semelhantes expedições, as quais me pareciam roubo, resolvi dar-lhes um certo aspecto militar e refleti, também, sobre as outras informações que o major me deu, tudo em segredo.**

Não sei se o Capitão Artur Philips poderá formar alguma ideia desta imperfeita descrição, a qual devo acrescentar que os ventos sudoeste são terríveis por aqui, alterando, às vezes, o fundo na entrada do rio e trazendo areia para nosso lado, de tal maneira que no mês de agosto havia, apenas, **7 pés de água no Lagamar.**

Na segunda carta, de 20 de agosto, Vossa Excelência se digna participar-me a partida de **4 companhias do Regimento do Porto e de duas de Artilharia para a Ilha de Santa Catarina**, o que representa uma diminuição bem sensível na guarnição de tropas regulares dessa capital. Comunica-me, também, o conteúdo das últimas ordens da Corte, que me parece moderar um pouco o espírito das anteriores.

Pelas mudanças que propus no **Corpo do Major Rafael**, a Corte poderá julgar que, em parte, eu já tinha em vista o que quer se faça. Já dei ordens eventuais àquele oficial, desde minha estada em Porto Alegre, **de manter os olhos atentos nas Missões e nas povoações dos espanhóis, onde abunda o gado e, quando tiver desconfianças fundamentadas de que o reúnem, de cair sobre eles sem esperar ordem e de o tomá-lo.**

Aquele oficial parece-me indicado para expedições desta natureza. E, que eu saiba, não há senão tropas leves nesta região. Não quereria jamais, Cavalaria pesada aqui, coisa tão necessária nos exércitos e nas batalhas. **A circunspeção e tantas outras**

formalidades são um freio à vivacidade dos bons Dragões do Rio Grande, com os quais nunca se fará coisa boa, se os tomarmos pesados pelo equipamento. Seria um mal reprimir o ardor de homens de todas as graduações que se encontram entre eles. Vai ser tirada, deste Regimento, um pequena tropa escolhida para servir como tropa leve.

Suplico à Vossa Excelência autorizar-me a fazer todas as mudanças nas tropas, e prometo, por minha honra, não abusar disso e não fazer prevalecer senão o que o bem do serviço exigir. A Ilha de Santa Catarina só pode ganhar, e muito, pela escolha que Vossa Excelência dignou-se fazer de um de meus amigos para ser o governador. Devo-lhe meus melhores agradecimentos. Logo que recebi de lá aviso da chegada próxima do Regimento de Santos, ordenei que as oito companhias dos Regimentos de Moura e Bragança viessem a meu acampamento, para colocar o Regimento do Coronel Meixia em Porto Alegre; as providências relativas a esta movimentação já foram tomadas.

A variola que se manifestou na primeira tropa vinda de Santos para Ilha de Santa Catarina, já dizimou alguns soldados; a segunda companhia, saída do porto de Santos, ao mesmo tempo, ainda não chegou, o que me causa certa inquietação.

As cartas que recebi, tratando do estado dessas tropas, não são muito consoladoras. Pedi ao senhor Antônio Carlos que mandasse preparar, às custas do Rei, as barracas desta pobre gente que não se pode abrigar, a fim de que tenham ao menos um abrigo nas duras marchas por esta costa tão lúgubre e tão longe e que não oferece nenhum abrigo. Ouso, neste momento, lembrar à Vossa Excelência a grande necessidade que temos de barracas, nesta região deserta, onde é impossível dispensá-las nas marchas, e delas estamos em falta absoluta. Eu teria assumido o trabalho de fazê-las se aqui existisse a matéria-prima.

As ventanias e tempestades têm causado danos por aqui. A da noite de São Bartolomeu, sobretudo, ameaçou arruinar completamente nosso **Forte de Lagamar**, que eu estava persuadido que resistiria e estaria pronto em pouco tempo. Creio

agora que o teria, tendo em vista sua espessura e se tivesse tido tempo de secar bem. As partes externas dos três ângulos foram carregadas. Mas não houve danos internos, nem nos quartéis, nem nas plataformas. Opomo-nos com todas as nossas forças ao mar e a seus repetidos ataques.

A sumaca **Conceição** perdeu-se no dia 4 por covardia do Mestre Nicolau Gonsalvez Lima que, para se guardar dos tiros de canhão dos espanhóis, **saiu no Lagamar** antes do amanhecer e deu num banco de areia. Os homens salvaram-se todos.

Eu não faria embarcar na mesma sumaca os 4 oficiais do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro: o Capitão Octaviano Lassera, os Tenentes Leandro José de Moura e José Pedro de Meilo e o Alferes José Martinho Rosa, acusadores do Major Manuel Meixia, em consequência das ordens do Marquês Vice-Rei, de 22 de junho. Estes oficiais partiram para o Rio de Janeiro, por terra.

Soldados das oito companhias de **Moura e de Bragança** começam a desertar. Dos 7, apanharam-se 5, **dos quais junto o Conselho de Guerra. Coloquei-os trabalhando a ferros, sem nenhum soldo.**

Jamais vi pior composição que a do batalhão de Roberto Rodrigues. Abasefoitirado **Regimento da Ilha de Santa Catarina**; escolhendo pessoas com alguns anos de serviço. **Tornaram-se facínoras, para ali enviados e para outros regimentos, por crimes. Cometem desordens infindáveis. Mas eu os ponho logo a ferros, por não ter auditor que os processe. (52).**

Omito dois parágrafos sobre um desentendimento particular que o Major Roberto Rodrigues teve com o Capitão João Cardoso, que consegui apaziguar.

No restante, as tropas se conduzem bem; as botilhas são muito necessárias para não andarem todos de pés descalços. O inverno não aumentou, até o momento, o número de doentes. Nosso pessoal deu-se bem por ter feito cabanas.

Mas os animais, tanto bois quanto cavalos, sofreram bastante e se acham em estado lamentável. Me admiro de que

não tenham morrido todos, por falta de pastagem e de abrigo. Não me alongo mais sobre este último assunto, porque o Sr. Betâmio dele o informará. Ele conhece-o melhor. É um homem de cabeça bastante fria para deliberar e projetar. E bastante vivo para executar. Se ocupa em organizar os armazéns do Rei para evitar prejuízo. Beijo a mão de Vossa Excelência, por sua delicadeza de não me falar de um acontecimento cuja primeira notícia me cravou um punhal no coração (53).

Acampamento de João da Cunha, 17 de setembro de 1775.

Outubro

A 20 chegaram as oito companhias dos **Regimentos de Moura e de Bragança**, de Porto Alegre, conduzidas pelo Tenente-Coronel Nicolau Antônio, que as comandava honrosamente, para satisfação minha e dos outros. Para que as tropas não ficassem comprimidas, fiz o Coronel Sebastião Xavier da Veiga acampar com o seu regimento perto do Gaspar. Estes dois regimentos foram reorganizados com base em seus livros de regimentos; e os novos soldados, repartidos igualmente pelas companhias, **pois os 300 homens de cada um deles que se deslocaram comigo formavam uma elite.**

O Tenente-Coronel Nicolau Antônio de Almeida reuniu-se ao **Regimento de Estremoz**. Dei ordem geral de completar as **companhias de granadeiros com gente formada e segura. De não os destacar, a fim de que estivessem sempre prontos, e de se ter um cuidado todo especial com suas armas, sabres e munições. Fiz completar também tudo o que lhes faltava.**

O Governador José Marcelino repete-me, sem cessar, que em pouco tempo não haverá mais gado se eu não mandar apreendê-lo. Não pude resistir a tantas solicitações, embora soubesse bem que aquele gado não pertencia ao Rei, mas a particulares inocentes. Tive extrema repugnância em ordenar uma ação que não me parecia nada militar, de fazer guerra aos trastes dos pobres camponeses. Mas, todo mundo o queria. Dei-lhe, todavia, um certo aspecto militar, mandando que o major começasse por atacar o posto de São Martinho, sob protestos.

E, após tê-lo tomado, arrebanhar o gado de sua vizinhança como dependente do posto. O Corpo que lhe mandei dar para a execução foi bastante forte e apropriado (54).

O governador escreveu-me, do Rio Pardo, em meados de outubro, que tudo estava pronto para se pôr em marcha.

Carta 9, de 2 de novembro de 1775

Senhor

As cartas com que Vossa Excelência dignou-se honrar-me, em data de 12 de setembro, como também a cópia de um despacho ao Governador da Colônia, acabam de ser remetidas e anotei o que Vossa Excelência me determina a este respeito. Como Vossa Excelência me honrou muitas vezes, conversando sobre este assunto, tive a satisfação de constatar que minhas ideias combinam com as suas. Estou encantado pela resolução que considero muito importante para o governador.

O conteúdo das cartas precedentes de Vossa Excelência somado à necessidade de prover a subsistência das tropas e as notícias do aumento das tropas espanholas nos arredores de Santa Tecla, levaram-se a afrouxar um pouco a rédea ao Major Rafael. Assim, cedi às propostas, que me reiteraram tantas vezes, de mandar procurar uma quantidade considerável de gado antes que outros o tomem. Com efeito, o gado já se torna raro aqui, onde a carne de boi é um gênero de primeira necessidade.

Este Continente não fornece carne suficiente para tanta gente. **Só o consumo deste lado aproxima-se de 1.000 bois por mês. Eles faltam também para as carretas (carretagem). Com os cavalos acontece o mesmo.**

Quem quer que veja a relação de tantas centenas de cavalos espalhados a dez léguas e mais perto daqui, imagina que há grande quantidade de cavalos. Mas posso garantir, por minha honra, que se encontram bem poucos entre eles sobre os quais um homem decente montaria seu criado, na Europa. Se os montamos é por necessidade. E, com medo que ele fique no meio

do caminho e que caia antes que se tenha tempo de aprear. Minha guarda de cavalaria consiste num Dragão que muitas vezes volta a pé. Por mim, faço todo o possível por tratar deles.

Ninguém pode montar um cavalo do Rei, sem que lhe seja distribuído pelo Comissário. E este não pode dispor dele sem a minha ordem. Todavia, tem-se dificuldades de encontrar um cavalo para dar a um oficial, em caso de necessidade. É verdade que as más pastagens e a sua raridade, sobretudo aqui junto ao mar, em tempo de inverno arruínam os pobres animais. **Mas seus destruidores principais são aqueles mesmos que deveriam cuidar de sua conservação. Os capatazes e os peões, que montam sempre os melhores, os cansam sem misericórdia, sem falar dos roubos e do que chamam “sovar um cavalo”, prática de todas as pessoas da região, que faria enraivecer até a um santo (55).**

Se não se mudar de método, mantendo presos estes animais, tão necessários, eles nos faltarão sempre. E não se comerá, nunca, boa carne de gado e nem se montarão bons cavalos.

Cedendo assim à necessidade de carne, **tenho recomendado ao Major Rafael que “use mais a pele da raposa que a do leão”** e que não se exponha a uma surpresa. Mande tirar do Regimento de Dragões um Destacamento de 63 homens para melhor garantir as tropas leves, às quais ele já se incorporou, comandado pelo Tenente João da Costa Severino, excelente oficial.

A 19 de outubro chegou, enfim, o novo barco **O Dragão**, com uma barcaça de transporte muito boa. O primeiro é pouco menor que o **São José**. Ele poderia receber algumas peças de Artilharia, se as houvesse aqui. Esperando que me sejam fornecidas, nele mandei instalar alguns morteiros...

Vossa Excelência não teve a bondade de me responder sobre o pagamento dos marinheiros, **entre os quais desertaram mais alguns**. Devo repetir que o **“morrão”** é indispensavelmente necessário. Dizem que dele se encontra uma quantidade imensa nos armazéns daí. **Ao mesmo tempo suplico à Vossa Excelência que considere que não há aqui nenhum armazém para a Marinha, nem nada do que ela precisa e que me pede diariamente.**

A 20, perdemos uma boa lancha. Levava a bordo de uma sumaca, que se encontrava fora da barra, a guarda de costume e o piloto para fazê-la entrar. Mas, uma tempestade sobreveio. **Não se tornou a ver a sumaca. A lancha deu à praia, a seis léguas daqui, totalmente destruída.**

Vossa Excelência talvez não possa imaginar que haja dificuldades tão grandes para os navegantes. Com efeito, isto ultrapassa qualquer crença.

Eu não saberia descrever a destruição e os danos que o mar e os ventos fizeram, sobretudo na manhã de 23 de outubro. Fiquei petrificado vendo aquela cena de desolação. Parecia impossível que uma obra da envergadura **do Lagamar**, construída com tanta precaução, pudesse ser demolida em tão pouco tempo. **E que as ondas pudessem brincar daquela maneira com peças de 36 libras, cujas plataformas boiaram. Mas de fato, aconteceu. Perdendo completamente a esperança de construir um forte naquele lugar, resolvi construir uma simples bateria sobre uma pequena elevação arenosa, um pouco mais retirada, para, ao menos, cobrir o Lagamar.**

Em minha última carta de 17 de setembro, participei à Vossa Excelência as medidas para a próxima chegada do Regimento de Santos.

As oito companhias dos **Regimentos de Moura e de Bragança**, sob as ordens do Tenente-Coronel Nicolau Antônio, chegaram aqui a 20 de outubro. Já estão incorporadas a seus regimentos, cujas companhias foram reorganizadas na base em que estavam antes de escolher o pessoal para a Expedição. Nelas, os novos soldados foram distribuídos com igualdade; os veteranos estão em farrapos. **Deles, seis desertaram ao saírem de Porto Alegre.**

Todas estas companhias vieram com as mesmas pás e enxadas que lhes foram distribuídas na Europa, que não valem nada. E aqui não há solução. Afim de que Porto Alegre não fiquem sem guarnição, para lá enviei duas companhias do Batalhão Roberto Rodrigues. **Nele os malfeitores trabalham a ferros, conforme já tive a honra de participar, por falta de auditor e de tempo.**

Nestes regimentos houve deserções, conforme mostra o mapa do estado geral e, também, os Conselhos de Guerra.

A chegada do auditor do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro nos aliviará muito. O Alferes Pedro Nolasco beija as mãos de Vossa Excelência **por ter-se dignado consentir em seu casamento**. Quanto a mim, seria indigno do olhar de um homem honesto se fosse capaz de esquecer a profusão de favores com que Vossa Excelência se tem agradado cumular-me. Vossa Excelência dignar-se-á contentar-se com meu reconhecimento mudo, porém sincero.

Quando terminava a presente, tive a satisfação de receber a carta de Vossa Excelência, de 5 de outubro, cuja segunda parte data de 9 do mesmo mês e serve de resposta à minha de 17 de setembro. Ela me instrui sobre suas ordens dadas ao Comandante da Esquadra com as fragatas e as sobras de murrão que ele possui. Em segundo lugar, Vossa Excelência me ordena que o Capitão Hardecastle preste contas do que é devido aos marinheiros. Em terceiro, digna-se autorizar-me a fazer as mudanças nas tropas.

Quanto à remonta da Cavalaria de Vossa Excelência, empenho minha vaidade em que será boa, sem que o custo seja excessivo.

Sobre a dificuldade de atravessar o rio e de desalojar os espanhóis dos fortes que eles possuem até a embocadura, enquanto houver esta quantidade de navios, já me expliquei. Se o Comandante da Esquadra pudesse livrar o rio desses navios, poder-se-ia tentar o possível. Querer atravessá-lo, na presente situação seria, creio eu, enviar as tropas a uma perda quase infalível.

Tenho, sempre, determinado ao Capitão Hardecastle que dê ao Comandante da Esquadra uma ideia sobre este rio; sobre seu canal estreito. E mais, sobre o modo como os espanhóis aí estão colocados, de Sorte que nenhum navio possa ser atingido à queima-roupa. Que é preciso combatê-los, antes de se unir aos nossos navios e que, durante a ação não podem ajudá-lo, pois o vento que ele precisa para subir rio não permite que eles se ponham em movimento para descê-lo.

Entretanto, como estou bastante sujeito a errar, ficaria encantado se Vossa Excelência enviasse para cá alguém de sua

maior confiança para examinar, no próprio local, as duas opiniões diferentes e orientá-lo para que pudesse decidir-se.

Quanto às fortalezas ou postos a fortificar, devo adiantar que não vejo possibilidade, por falta de material. Não há nesta parte do Continente nenhuma grama. O barro não tem as propriedades que o Marechal Funck lhe atribuiu, como eu experimentei, para meu arrependimento. A terra reduz-se a poeira. A madeira foi quase toda consumida e o pouco mesmo que dela resta não vale nada. Pedras não existem até 50 léguas daqui. E, mesmo que as houvesse, duvido muito que se encontrasse nesta língua de terra um posto que não pudesse ser contornado. Não há defesa, senão com as armas na mão e nem outros meios de atacar (56).

Sobre minha própria devoção particular, Vossa Excelência pode contar. Além do meu sagrado dever com o Rei e minha honra, devo-lhe obrigações que não poderia pagar senão com a vida. Oferecê-la à Vossa Excelência, na minha idade e circunstâncias, é muito pouco.

Tenho a honra...

Acampamento de João da Cunha, 2 de novembro de 1775

Fui, a 6 de novembro, ao tesoureiro, para retirar alguns cavalos para meu quartel, e posso dizer, por minha honra, que tive dificuldade de encontrar 50 menos maus, entre 400 que lá me apresentaram.

Carta 10, de 9 de novembro de 1775

Senhor

Recebo neste mesmo momento notícia da captura feita pelo Major Rafael, no último dia (31 de outubro de 1775) do mês passado, quando teve ocasião de vingar várias afrontas feitas a pessoas do seu Corpo. Assim, não quis deixar de participar à Vossa Excelência e enviar-lhe a relação (57).

O lugar chama-se **São Martinho** e se acha sobre o mapa grande, perto das Missões. Não aconteceu, no ataque a este posto, outra desgraça que um soldado ferido; um outro machucado numa

queda e alguns cavalos de tiros.

O gado será vendido aos fornecedores de carne. Os bois mansos, assim como os cavalos, vêm muito a propósito para o serviço.

Através do governador, determinei ao Major Rafael, que se acha a caminho de Jacuí com sua presa, de manter-se tranquilo, mas alerta. E observar cuidadosamente os movimentos que os espanhóis farão após este alarma. Juntei, de meu próprio punho, algumas observações gerais sobre as precauções a tomar, com a mesma data da presente. Como este primeiro golpe deu resultado, nossas tropas levantaram o moral. Espero poder executar com as mesmas um projeto que tinha em mente há muito tempo. Para executar-lhe os preparativos estava esperando a reação que o golpe de **São Martinho** provocaria nos espanhóis. Mandei retirar as tropas leves do major e ordenei que se mantivessem nesta inatividade. Os prisioneiros, feitos naquela ocasião, serão conduzidos a Porto Alegre. Ali ficarão às ordens de Vossa Excelência.

As medidas falhas da Junta, para o transporte da farinha, de Guarupaba para este acampamento, puseram-me em situação extremamente precária, não obstante minhas recomendações de não poupar trabalho nem dinheiro. Eu estaria a ponto de falhar se não obtivesse em tempo certa quantidade de arroz. Entretanto, espero a chegada de alguma sumaca, da Ilha de Santa Catarina, carregada daquele gênero.

Suplico à Vossa Excelência que continue a honrar-me.

Acampamento de João da Cunha, 9 de novembro de 1775.

“Relação dos prisioneiros e da captura feita em 31 de outubro de 1775 (refere-se ao ataque a São Martinho, de 31 de outubro de 1775).

- 1 tenente - 3 oficiais inferiores - 20 dragões soldados - 40 armas - 19 pistolas - 16 traçados - 1 morteiro e mais alguns petrechos - 150 mulas mansas - 1.100 cavalos - 150 bois mansos - 200 éguas xucras - 2 burros - 6.000 gado vacum” (58).

Carta 11, de 11 de novembro de 1775

Senhor

Declarei ao Comandante da Esquadra que me parecia conveniente que ele mandasse para cá, por terra, um oficial de sua confiança para examinar o local e informar-lhe mais clara e exatamente do que se poderia fazer, por escrito (59).

A 20 deste mês chegou aqui o Capitão Antônio Januário. Veio conseguir os esclarecimentos necessários para poder, em seguida, formular um plano de desalojar os espanhóis deste rio onde eles não param de incomodar e dificultar. Ocupamo-nos nisso durante os sete dias que ele permaneceu por aqui; os oficiais da Marinha Real daqui o informaram sobre tudo.

Sou de opinião que uma Esquadra para cá enviada, deve entrar e combater. Ela deve ser composta de embarcações fortes, guarnecidas, ao menos, de peças de 6 libras, e ser acompanhada por barcos para um batalhão de granadeiros e poder passar o rio (capacidade de transportar um batalhão para outro lado).

A 21 foi-me enviada pelo comandante da Vila de São Pedro, Coronel Texada, uma carta do Capitão-Geral de Buenos Aires, que segue junto, com minha resposta. Recebi cartas do General Antônio Carlos, do Governador de São Paulo e do Coronel Meixia. **Umás e outras tratando da próxima chegada do Regimento de Santos, que chegará de duas em duas companhias. O Governador de São Paulo me disse que lhe custou muito completar estas tropas, pois o simples nome *soldado* horroriza esta região. Que as 4 companhias de voluntários à cavalo, montadas em grande parte sobre cavalos não castrados, deslocar-se-á por terra por caminhos por mim desconhecidos e que ele resolveu enviar as 6 companhias de voluntários a pé, por mar, com medo de deserções. Será que é com esta gente, de acordo com as cartas da Corte, enviadas pelo mesmo ardor marcial que seus ancestrais, que se deve e pode defender esta região? Suplico à Vossa Excelência que considere isto (60).**

Nota: Fui, eu próprio, com o Capitão de Alto-Mar a todos os

lugares ao longo da margem onde se pudesse descobrir algo. Deixei oportunidade de falar com todas as pessoas que pudessem dar-lhe informações, além dos oficiais da Marinha Real. **Mostrei-lhe todas as lanchas e botes, a fim de que considerasse a impossibilidade de fazer a transposição do rio com estes poucos meios**, além dos conhecimentos que pude transmitir-lhe. Por várias noites, ele manteve contato com o Marechal Funck, que lhe deu, também, conforme as probabilidades, as informações que podia. **Forneceu-lhe uma carta deste rio tão boa quanto a melhor que tínhamos. Enfim, ele foi informado clara e secretamente, e viu com os próprios olhos os fortes dos espanhóis, o de Trindade e o do Mosquito, já terminados e guarnecidos de Artilharia que parece grossa e numerosa, sobretudo no de Trindade.**

Os soldados novos dos Regimentos da Europa já nos dão bastante o que fazer. Todos os dias são novos complôs para descobrir, castigar ou prevenir.

Graças a Deus, a farinha chegou a tempo e as tropas não chegaram a sentir sua falta. Se as medidas tomadas pela Junta ou pelo governador tivessem atendido os meus pedidos eu não teria tido tanta preocupação. Mas isto é passado!

Lamentamos que o Comandante de Laguna tenha detido, sem causa nem razão, as carretas enviadas a Garupaba para conseguir farinha. Vossa Excelência terá a bondade de prevenir, através de suas ordens, para que não aconteçam semelhantes irregularidades para o futuro. Queria também permitir que o Sr. Sebastião Francisco Betâmio fique aqui, a fim de que eu tenha, pelo menos, um homem de boa cabeça junto a mim, que possa dirigir os comissários e com o qual eu possa conferenciar. Não pude trazer a Junta para perto daqui sem arruinar Porto Alegre, ainda em embrião, sem causar problemas neste Continente já tão assoberbado.

Tenho a satisfação de receber a atenciosa carta que Vossa Excelência houve por bem escrever-me a 31 de outubro, com uma cópia relativa à Colônia. Talvez poucas pessoas tenham previsto esta mudança de resolução, ao mesmo tempo que a notícia do lamentável sucesso da Esquadra Impecável, que devia destruir a

Vila e o Porto de Alger. Duvido de todas as narrativas espanholas que falam desta empresa tão tristemente falha, porque nelas não me parece haver nada de verossímil. **Um desertor espanhol contou-me em primeira mão esta história. Acrescentou que o General Orcilly estava em desgraça e que o General Ceballos iria comandar em seu lugar.** O primeiro comandou, em 1762, as tropas leves do Exército de Espanha. Ele é irlandês.

O que tenho tido a honra de dizer à Vossa Excelência, **relativo ao Regimento de Dragões, é exato. Os bons indivíduos são aptos a uma infinidade de ocupações, além daquela de soldado regular. Os que se sujeitam estritamente à disciplina não valem grande coisa aqui. Pode-se dizer quase a mesma coisa a respeito dos oficiais (61).**

O Brigadeiro Governador José Marcelino enviou-me o produto da venda dos animais e a lista das recompensas distribuídas a seu bel prazer, o que não causará admiração à Vossa Excelência, pois que o conhece há muito tempo. **Este oficial possui várias qualidades; mas custa a sujeitar-se às ordens, às quais ele sempre deseja aumentar, diminuir ou mudar alguma coisa.**

Entretanto, é de sua política deixar o comandante das tropas de lado, por razões que Vossa Excelência bem conhece.

A declaração do Capitão Fortes me surpreendeu e me obrigou a juntar os originais das cartas do Governador de São Paulo e do Coronel Meixia. Como o capitão declarou à Vossa Excelência o contrário do que me disseram estes dois senhores, eu me admiro mais porque Vossa Excelência se alegrou e eu me entristeci pelo mesmo motivo, que nos foi descrito tão diferentemente.

Escrevi ao Comandante da Esquadra esclarecendo que para livrar-se este rio dos espanhóis havia duas maneiras: **1) entrar com forças iguais e combater seus navios logo em seguida. 2) entrar, passar por eles, subindo o rio à vela, recebendo os fogos espanhóis de seus fortes e navios, lançar âncora junto da pequena esquadra do Capitão Hardecastle e esperar aí uma mudança de vento para atacar em conjunto os espanhóis. Independente da maneira que se escolha, sempre será necessário enviar navios**

fortes e bem armados, nenhuma peça de calibre menor que 6 libras. E mais: ser-me-ia necessário um número razoável de pequenos barcos, para poder colocar do outro lado do rio pelo menos um batalhão de granadeiros.

Minha veneração e devoção se consagram à Vossa Excelência, com meus votos mais sinceros por sua prosperidade.

Tenho a honra...

Acampamento de João da Cunha, 29 de novembro de 1775.

A 6 de dezembro, entrou no Lagamar a sumaca do Mestre Manoel da Cunha, trazendo as principais madeiras de Pernambuco para construir jangadas de 4 paus.

Carta 12, de 9 de dezembro de 1775

Senhor

O Tenente Cristóvão de Almeida, que chegou aqui a 6, trouxe-me carta de Vossa Excelência, de 18 de novembro, na qual constato a mudança de plano militar para o sul e os motivos que levaram Vossa Excelência a intensificar as operações **e determinar ao Comandante da Esquadra que enviasse para cá fragatas para o mar e pequenos barcos nos quais eu possa transportar as tropas para o outro lado do rio e lá atacar os espanhóis.**

Espero que neste momento Vossa Excelência tenha recebido minha carta de 29 de novembro, assim como a informação do Comandante da Esquadra, e as que o Sr. Antônio Januário transmitir-lhe-á. As opiniões a respeito dos principais pontos se resumem quase ao mesmo teor. Será supérfluo repetir aqui minha opinião sobre este assunto; não posso senão aguardar os acontecimentos e contribuir com toda a minha força para um feliz sucesso.

Entretanto, Senhor, permita-me dizer que se ficarmos neste continuo marasmo e temor de penúria, nada se fará. Tão logo livre-me da inquietação sobre este assunto, nele recai novamente porque não chega socorro nem por terra nem por mar. **O maldito comandante da Laguna dá outros destinos às carretas que para lá se enviam expressamente para buscar farinha.**

Suplico à Vossa Excelência que me tire desta dificuldade que torna impossível a execução de seus projetos, apesar de toda a sabedoria que Vossa Excelência coloca em suas providências.

A farinha de mandioca é o único gênero disponível para as tropas em campanha; mas, não se poderia dar-lhes pão, porque não há aqui nem padeiros, nem moinhos, nem fornos, nem madeira suficiente, embora se tenha o trigo.

Recebi uma segunda carta do General Vertyz, que junto à minha resposta, o que me dispensará, creio, do trabalho de lhe escrever uma terceira carta.

Os novos soldados dos Regimentos da Europa continuam a desertar, de vez em quando, apesar dos cuidados.

Rogo à Vossa Excelência que esteja persuadido de minha veneração sincera e de minha submissão a suas ordens, sendo, com o mais profundo respeito, Senhor...

Acampamento de João da Cunha, 9 de dezembro de 1775.

Senhor

O Governador José Marcelino continua a fazer reclamações quando determino alguma coisa, ou a opor dificuldades à sua execução. Escrevi-lhe a 10 de dezembro, pedindo-lhe responder-me categoricamente se queria ou não obedecer as minhas ordens. Que, neste caso, eu enviaria logo um oficial para comandar as tropas de lá, ficando ele com os encargos de Governador e Presidente da Junta. Recebi resposta imediata que ele deu-me satisfação e fez grandes promessas (62).

Em consequência, abri-me com ele, em carta de meu próprio punho, de 22 de dezembro, sobre meu intuito de tomar Santa Tecla aos espanhóis com as mesmas tropas que atacaram São Martinho, mas reforçadas para esta nova expedição. Este posto atrapalha nossa comunicação com o Rio Pardo, mesmo que Deus nos ajude a rechaçar os espanhóis da margem sul deste rio e nos torne senhores do Sangradouro Mirim. **Porém, alertei-lhe que este plano deveria ficar em segredo entre nós dois; que nem ao Major Rafael se deveria falar sobre ele e que o escondesse ao máximo do público.** Era preciso pensar-se que intentássemos

uma outra incursão importante lá para as bandas das Missões. Assim sendo, enviar para lá, frequentemente pequenas patrulhas uniformizadas a fim de fazer os espanhóis caírem na esparrela e concentrar toda a sua atenção para lá. Que ele (Marcelino) nunca falasse de Santa Tecla senão com receio de uma tal fortaleza **(63)**. Deu-me sua opinião sobre os Dragões, que poderíamos juntar às tropas leves, e sobre outros preparativos a fazer. A 30 de dezembro, o governador arcelino me respondeu prontamente. **Já havia dado ordens a respeito das patrulhas a serem enviadas para o lado das Missões. Mas, me garantiu que corria notícia de que nossas tropas leves queriam atacar um posto bem fortificado, do qual os desertores haviam dado informação.** Respondi-lhe a 3 de janeiro, admoestando-o, que minha ideia não era, de modo algum, que o Major Rafael atacasse aquele forte (que, de acordo com uma espécie de plano que ele me enviou, não é considerável e está em estudo). **Mas que o surpreendesse marchando somente à noite e chegando ao local pouco antes do amanhecer.** Pedi que o governador se deslocasse para o Rio Pardo, propusesse o plano ao Major Rafael, em segredo, e me enviasse sua resposta. Eu não via, em verdade, grande possibilidade de que as operações aqui e lá pudessem ocorrer simultaneamente. Mas, ao menos, poder-se-ia tentar que assim acontecesse. E uma boa sorte as poderia conduzir, razão por que apressei o governador.

ANO 1776

Carta 13, de 5 de janeiro de 1776

Senhor

Depois de ter tido a honra de responder a carta de Vossa Excelência, de 18 de novembro, **entrou uma sumaca no Lagamar, carregada de farinha,** da qual logo se comeu.

Uma outra trouxe 100 barracas e 100 tendas de campanha, diferentes das nossas, mas, boas. Vieram também várias sumacas de madeira leve, de Pernambuco, para fazer jangadas.

Como não se encontra aqui ninguém que saiba trabalhar na construção destas jangadas, pedi ao Senhor Antônio Carlos que me enviasse, do regimento daquela Capitania, alguns indivíduos que as saibam fabricar, manuseá-las e carregá-las. Disseram-me que morava no Capão Comprido um trabalhador, nativo de Pernambuco, que entendia de jangadas. Fi-lo vir e construir uma, embora ele não quisesse responsabilizar-se por sua perfeição. Ele fez uma pequena, não muito boa, como ele próprio confessou. Mas, se viessem construtores do Regimento de Pernambuco, este homem seria útil. Sua jangada movimenta-se bastante bem, tanto à vela quanto a remos, apesar de que todos os que a viram tenham rido do seu aspecto.

Grande parte das sumacas que para cá vêm não trazem nem farinha nem coisas verdadeiramente necessárias e úteis, **salvo o sal. Os negociantes do Rio de Janeiro, sonhando apenas em tirar das mãos dos militares o soldo que o Rei lhes dá, não mandam senão aguardente e um pouco de vinho.**

As fragatas que se acham continuamente armadas e cujas chalupas são utilizadas todos os dias, gastam seus equipamentos e solicitam madeira, ferro, velas, cordame e breu. Vossa Excelência sabe muito bem, nada disso se pode achar aqui, e se dignará no-lo remeter.

Desde o mês de junho, as fragatas se abastecem aqui de carnes e farinha de mandioca, (farinha de guerra). E as circunstâncias não permitem que se lhes restrinjam as rações, assim como às tropas da terra, o que nos tem salvo até agora. Mas, é necessário que nos enviem maior quantidade por mar. Para dar farinha às tropas daqui, ao Comissariado e aos índios trabalhadores, são necessários pelo menos três mil alqueires por mês; e para o Rio Pardo, depois da chegada dos voluntários de São Paulo, serão necessários, pelo menos, dois mil alqueires. Ao todo, 5.000 alqueires (cerca de 90.000 litros de farinha)

Para economizar farinha, estou planejando estabelecer, em meu acampamento, uma pequena padaria, às custas do Rei, para fornecer pão às tropas, à proporção que estes toscos moinhos possam moer o trigo da nova safra, da qual mandei tomar

informação exata. **Mas, devo repetir que o trigo não serve quando as tropas se deslocam.** Até agora estamos bem providos de carne. Os empreiteiros ou fornecedores merecem ser encorajados e ajudados de todas as maneiras. Mas, não sei se Vossa Excelência concordará com isto com relação a **Manoel Bento da Rocha, que é o principal fornecedor e Capitão-Mor das Ordenanças (65).** As próprias condições do contrato já lhe dão grande autoridade sobre o pessoal do Rei e seus bens. **O brigadeiro governador o propõe, Vossa Excelência decidirá.**

Há grande necessidade de peças de uniforme. É impossível fazer calçados para os soldados, porque ficam pelo dobro do preço do Rio de Janeiro, uma vez que o couro vem de lá. **Não há cortumes neste Continente.**

Como não há para mim maior satisfação que a de receber boas novas de Vossa Excelência, fiquei encantado com sua grata carta de 15 de dezembro do ano passado, e nela ver que Vossa Excelência se ocupa com afincos para nos colocar em condições de empreender algo por aqui, mandando armar barcos novos iguais à Sacramento. **O uso repetir que Artilharia de calibre inferior a 6 libras é imprópria, e que tenho necessidade de pequenas embarcações para atravessar o rio.**

As ponderações de Vossa Excelência sobre o risco do envio de farinha por mar são justas. Porém, Senhor, é impossível que a grande quantidade necessária para tanta gente se mande buscar por terra em Laguna. Uma carreta só traz 80 alqueires e só pode fazer 2 viagens por ano (66).

As prontas providências quanto à farinha são agora as mais necessárias, pois os avisos do Rio Pardo nos diziam que quase toda a colheita se perdeu lá, conforme carta anexa, do provedor. Por aqui, também, as chuvas têm feito estragos.

Vossa Excelência queira persuadir-se de que não poupo cuidado nem trabalho. Mas, a Providência não se agrada em secundá-los.

Em conformidade com as ordens de Vossa Excelência, participei ao Major Rafael Pinto Bandeira a sua satisfação por sua conduta na última expedição a São Martinho.

Quatro Companhias do Regimento de Santos chegaram, a 19 de dezembro, a Porto Alegre, com o Major Pedro da Silva. **Exortei-o a ter paciência e usar moderação com esta tropa nova. Ele me garantiu que tentará o melhor.** Espera-se da Ilha de Santa Catarina a chegada do resto deste regimento, com o Coronel Manoel Meixia.

Acaba de entrar no Lagamar uma sumaca que traz, segundo se diz, 60 barracas. Isto e o envio de uniforme novo do Regimento de Moura, que Vossa Excelência promete enviar, atestam seus cuidados paternais. Os prisioneiros espanhóis serão enviados, na primeira ocasião, à Ilha de Santa Catarina.

Receba, Senhor, a expressão de minha sincera veneração...

Acampamento de João da Cunha, 5 de janeiro de 1776.

Tendo os espanhóis **acabado seus Fortes de Trindade e do Mosquito,** puseram-se, no começo do ano, a trabalhar na reforma da **bateria da Mangueira. E 12 carretas iam e vinham continuamente do Forte da Barra, carregadas de grama,** ao longo da margem. Pouco depois, viu-se, de repente, um grande número de trabalhadores, do outro lado da Mangueira, à margem do rio, sobre uma elevação que se encontra no pântano, que começou a ser aplainada. Como estes dois lugares se achavam em frente à minha janela, e o segundo completamente exposto, eu os mantive continuamente em observação. **O último deles era habitado, no tempo dos portugueses, por um homem chamado Ladino. Garanti aos que me falavam de tantas fortificações, com a esperança de que, quanto mais fossem, mais facilidade teríamos em os desalojar (67).**

Carta 14, de 22 de janeiro de 1776

Senhor

Após ter tido a honra de escrever à Vossa Excelência, a 5 deste mês, **volto a fazê-lo para lhe dar ciência da consternação em que se encontram os fornecedores do contrato de carnes, em consequência da recusa que se fez no Rio de Janeiro de pagar suas contas.** Estou persuadido de que Vossa Excelência, dando uma

olhada neste negócio, verá a necessidade de se lhe dar solução.

Beijo as mãos de Vossa Excelência pelo material de acampamento completo que mestre Antônio da Costa Pinto nos trouxe há poucos dias.

Sobre a produção de trigo, não sei nada certo ainda. Eu havia escrito àquela Junta para que comprasse o trigo que sobrasse aos agricultores, após descontar sua própria subsistência e sementes, e fazê-lo recolher aos armazéns no centro do Continente, de modo que os espanhóis não possam encontrar quantidade considerável de trigo nesta extensão de terras entre o Rio Pardo e o Jacuí, de um lado, e entre o Guaíba e o Camaquã, por outro. Havia recomendado a mesma coisa a respeito do gado, que se poderia revender aos fornecedores, mas há, a respeito, lá, outras ideias bem diferentes (68). Confesso, como homem de bem, que devo muito ao provedor, que, enquanto o governador se encontrava no Rio Pardo, assistiu-me com uma prontidão extraordinária. A Junta continua a não querer entender. Talvez, algum dia, caia na realidade.

Fiquei surpreso ao receber comunicação de Porto Alegre de que não se encontra nos armazéns nenhum chumbo; pois, pareceu-me ter ouvido da própria boca de Vossa Excelência que o nos mandaria. Credo firmemente que ele foi embarcado num dos navios de guerra, antes de minha partida, pedi ao Sr. Antônio Carlos que mandasse verificar se ele ficou a bordo de um dos navios, ou nos armazéns da Ilha, de Laguna ou de Guarupaba.

Tenho a honra de apresentar o mapa das tropas atualmente neste Continente, **acrescentando que recebi aviso da Ilha de Santa Catarina da chegada dos uniformes para os três Regimentos da Europa e para a Guarda de Vossa Excelência, como, também, 3 meses de pagamento para as guarnições das fragatas.** O Comandante da Esquadra me participa já ter recebido um reforço e que só espera a chegada do restante para vir aqui executar nosso plano.

Remetendo os Conselhos de Guerra, solicito indulgência para o do Regimento de Bragança, onde não há Auditor; o do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro ainda não chegou. **Os prisioneiros a**

ferros atrapalham, tanto aqui como em Porto Alegre. Ofereci-os ao Sr. Antônio Carlos, mas ele agradeceu o presente.

Meus camaradas colocam, tanto quanto eu, seus interesses nas mãos de Vossa Excelência, mas com maiores obrigações.

Acampamento de João da Cunha, 22 de janeiro de 1776.

A 26, chegou ao meu acampamento um sargento do Regimento de Pernambuco, com 7 soldados que sabiam construir jangadas, que iniciaram o trabalho logo no dia seguinte. A madeira, mais porosa e mais leve que a cortiça, só é conhecida na Capitania de Pernambuco, onde o povo simples dela faz jangadas para pescar ao longo da costa; porém chegam, às vezes, bastante longe em alto mar. Já aconteceu de irem até à própria Bahia.

A construção é bastante simples. As peças de madeira, que já vieram cortadas no comprimento e são de mesma grossura são juntadas por cavilhas de madeira. Não entra ferro nesta construção. As velas são triangulares. O leme é o próprio remo, com o qual ela é impulsionada em tempo calmo.

Estas jangadas têm calado ínfimo e andam muito depressa. Entretanto, como pareceu que suas peças de madeira não estavam suficientemente ligadas umas às outras, nós juntamos ainda duas travessas por cima, além das cavilhas (69).

Mandei construir 4, na Fronteira, e também no Lagamar. Lá, sob o pretexto de ajudar a descarga das sumacas; aqui, o de transportar madeira da Fronteira ao acampamento, para acostumar os soldados, ao mesmo tempo, a lidar e a confiar nelas. Não só o Major Manuel Soares Coimbra, mas todo o nosso pessoal já estão despreocupados quanto à sua segurança.

Mandei transportar uma peça de 36 libras do Lagamar até o Forte da Conceição, por influência do Marechal Funck. Fiz reduzir a carga de uma terceira à metade do peso do projétil.

O Comandante da Esquadra, vindo dia 15 ao meu quartel, me surpreendeu. Sustentou, com toda a segurança, que os espanhóis fugiram, à vista de sua numerosa esquadra; ou, pelo menos, que eles o respeitariam o bastante para não atirar sobre ele quando quisesse entrar. Pediu-me que não atirasse sobre os espanhóis, o

que lhe prometi, aconselhando-o, contudo, a esperar um combate à sua entrada. Falando-lhe dos pequenos barcos para atravessar a Infantaria, ele me prometeu que quando os navios se aproximassem do Lagamar, deviam pôr todas as chalupas à minha disposição, para que lá não me faltassem meios para colocar do outro lado do rio duas companhias de granadeiros, a saber: a do Regimento de Estremoz e a do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, sob as ordens do Major Manoel Soares Coimbra, com o objetivo de tomar na mesma noite o Forte do Mosquito. Como esta empresa fora planejada em segredo, há muito tempo, o plano estava pronto e o pessoal escolhido, à mão, para o serviço de jangadas, botes e lanchas das sumacas no Lagamar.

Carta 15, de 23 de fevereiro de 1776

Senhor

É com imenso prazer que tomo a caneta para participar à Vossa Excelência o pequeno sucesso que teve nossa Esquadra, composta de 2 fragatas, duas corvetas, três sumacas, do bergantim do Rei e da chalupa **Expedição**; ao todo, nove navios.

O Comandante, a bordo do navio de guerra **Santo Antônio**, acompanhou esta Esquadra. Aproximou-se com ela de nossa barra, a 14 deste mês, até meia légua ao norte de sua entrada, onde lançou âncoras na mesma noite.

A 15, à noite, veio o Comandante à terra, para ver a situação, conversar comigo e determinar o modo de entrar. Ele acreditava que os navios espanhóis, vendo sua Esquadra a distância, tentariam escapar antes que ele se pusesse à entrada da barra. Ou, ao menos, que os espanhóis deixariam sua Esquadra entrar sem oposição. Acrescentou que não tinha ordem de atirar sobre eles, neste caso. Eu o avisei de que não se fiasse demasiadamente.

Proibi o meu pessoal, da mesma forma, de iniciar o tiro sobre os espanhóis; mesmo sobre seus navios, caso procurassem fugir, porque, o que eu mais desejava era ver-me livre deles.

Na manhã do dia seguinte, o Comandante retomou à Esquadra.

Neste e nos dois seguintes, o vento não lhe permitiu aproximar-se mais. Ele colocou a Esquadra exatamente à entrada da barra. O navio **Santo Antônio** colocava-se à frente.

Os espanhóis permaneceram tranquilos, colocando alguns homens a mais em suas baterias.

A 19, seis horas da manhã, nossa Esquadra levantou velas, com um vento fresco e favorável e entrou até o banco do Lagamar onde lançou âncoras novamente. **Como isto me parecesse estranho, fui ao Lagamar. Lá encontrei o Comandante a examinar não sei o quê. Ele me declarou ter-se detido para dar à fragata Graça Divina tempo de recolocar seu canhão em bateria, pois haviam-no tirado para poder passar sobre o banco.** O Comandante acreditava ainda que os espanhóis não ousariam atirar sobre nossos navios. Disse-me ele que fazia questão de entrar pessoalmente na chalupa **Expedição** e retornar à Esquadra, depois de dez horas, para comandar a entrada.

Cerca de meia hora depois, alguns de nossos navios começavam a levantar âncora e a desdobrar as velas. **Mas, Senhor, desde este exato instante, nossa Esquadra se pôs numa tal confusão que eu não saberia descrever. Pareceu que não se sabia remediar e que ela duraria até a noite. Não foi senão depois das três horas da tarde que os primeiros de nossos barcos entraram no rio e foram queimados pelos canhões dos espanhóis, logo que lhes chegaram ao alcance. Os navios espanhóis não tinham manobrado. Esperavam o ataque dos nossos, ancorados. Entrincheiraram-se nos escudos sobre o convés. Alguns de nossos navios atacaram com bravura, mas não puderam obter nenhuma vantagem razoável sobre os espanhóis, por não serem auxiliados convenientemente. E a vitória lhes escapou (71).**

Por não ser homem do mar, não entro na descrição do combate, que só terminou com o dia.

Sete dos nossos navios, assim que saíram do combate, juntaram-se aos do Capitão Hardecastle, ancorando. A chalupa Expedição afundou por volta das seis horas da tarde, foi grande consternação minha, pois supunha que o Comandante nela se

encontrasse. Sua guarnição foi salva à noite.

A sumaca Bom Jesus deu num banco em frente ao **Mosquito** e aí perdeu-se. A tripulação foi salva à noite, juntamente com 5 peças de Artilharia, pelo zelo do Major Manoel Soares Coimbra.

O resultado do combate estava muito pouco de acordo com minhas esperanças. A situação dos espanhóis em nada mudara; era, ainda, contrária à execução de meus planos. **Eu não sabia nada de positivo sobre nossas perdas.** Considerei o Comandante da Esquadra perdido junto com o pessoal da chalupa. A consternação era grande. Eu devia, pois, naturalmente, suspender os ataques já ordenados para a noite, que se fundamentavam na liberdade de cruzar o rio, sem temer os navios espanhóis. Dei contra-ordem a tudo. Se nossa Esquadra tivesse batido os espanhóis, meu intuito era não apenas atravessar o rio nesta mesma noite e tomar-lhes o Forte do Mosquito, mas também embarcar, perto do Patrão-Mor os granadeiros de Moura e de Bragança que deviam tomar o Forte de Mangueira. Para esconder esta intenção dos espanhóis, eu havia mandado pôr ao mar todas as chalupas que aí tínhamos; mais os botes e jangadas, que prolongaram a linha de nossas fragatas e se apresentavam bem guarnecidas de soldados, quase em frente à vila, para fazê-los crer que eu queria atacar. O Major Roberto Rodrigues recebeu ordem de se manter todo o dia nesta formação. E, uma hora após o sol se pôr, retirar-se para o Patrão-Mor com todos aqueles pequenos barcos, onde seria rendido. **Os desertores contaram que os espanhóis fizeram grandes preparativos lá e ficaram desconfiados.**

Enviei George Luiz a ver se conseguia obter notícias de nossa Esquadra. Ele voltou às 9 horas na noite com o próprio Comandante, que considerou nossas perdas muito grandes, e lastimou-se de muitas coisas, como não deixará de participar, ele próprio, à Vossa Excelência. **Disse-me, em seguida, que aqui não havia mais nada para ele fazer. Que estava encarregado, particularmente, da conservação e defesa da Ilha de Santa Catarina. Que voltaria a bordo do Santo Antônio.** Que o Capitão Hardecastle ficaria, como o mais antigo, **Comandante de toda esta Esquadra, que estava**

bastante estragada, e onde se encontravam numerosos mortos e feridos. Que lhe daria ordens quanto às guarnições salvas dos dois barcos perdidos. Não me opus a nada disso, deixando-o fazer os arranjos a seu bel-prazer, e partir quando lhe aprouvesse. **Ele permaneceu no dia seguinte e saiu a 21, à noite, do Lagamar. Foi-se, a bordo do navio de guerra Santo Antônio, pôs-se à vela, deixando aqui sete navios maltratados e muito mal providos para fazer reparações, com 760 homens a alimentar e escassos víveres (72).**

Tal é, Senhor, nossa situação e minhas preocupações atuais. Entretanto, esta desgraça não me desanima por nada deste mundo.

Nota (de Böhn) - Meti-me com todo o ardor possível a tomar as providências e fazer os preparativos necessários a desencadear um ataque com alguma esperança de sucesso. **Parecendo-me que o segredo é a alma desta empresa, tratei de esconder o conhecimento disso aos meus mais íntimos amigos e desviei sua atenção das verdadeiras intenções, a fim de que não houvesse possibilidade de os espanhóis adivinharem meu intuito.**

Nossa perda em homens não é considerável, não passando de 12, entre os mortos e afogados. Entre os primeiros, achase o comandante da fragata **Graça Divina**, Capitão-Tenente Frédéric Hesselberg (73). **Há 30 feridos, dos quais poucos com risco de vida.**

Fui, ontem, a bordo da Esquadra para ver os danos. **Não os considero muito importantes. Poderão ser reparados em um par de semanas, porque não foram causados pelo canhão de grosso calibre que, encontrando-se em bateria sobre uma elevação, fez pouco estrago.** Mas a Artilharia dos navios espanhóis, embora de calibre bem inferior, não deixou de fazer estragos nas velas e mastreação. Os mortos e feridos são resultados desta mesma Artilharia. **A Artilharia de nossas baterias fez muito barulho, mas não fez efeito.**

Os espanhóis não têm do que se gabar; estou persuadido de que suas perdas são maiores. Embora eles as escondam, seus desertores delas falam.

No dia seguinte ao combate, eles foram, com muitas chalupas, ao banco, para dele tirar a sumaca **Bom Jesus**. Mas não conseguiram e deixaram para o dia seguinte. **Dei ordem ao Major Coimbra que enviasse gente num pequeno bote até a sumaca para pôr-lhe fogo, o que foi bem executado.**

Às nove horas da noite já era avistada toda em chamas. E queimou assim até o amanhecer, quando o fogo se extinguiu, com a sumaca quase totalmente consumida. Escapara assim das mãos desses piratas que no dia precedente tinham nela já içado a bandeira de Espanha e a teriam exibido por sua presa.

Do lado de Santa Tecla, recebo todos os dias boas notícias. E espero que meus projetos não serão abortados completamente. Neste caso, será necessário correr o risco da temeridade. **Fio-me muito na amizade que estas tropas têm por mim, assim como o Capitão Hardecastle que, com efeito, é bom oficial e muito estimado (74).**

Nota do autor: O Governador José Marcelino, querendo dar um ar de importância a esta expedição a Santa Tecla, que não devia ser considerada senão como um golpe-de-mão, uma surpresa feita por tropas leves, propôs-me aumentar este corpo. Assim, se eu quisesse que a expedição saísse, devia ceder bastante à sua fantasia. E ele pôs mãos à obra!

Tenho tido todo o cuidado possível com os feridos. Mas não sei como vestir aqueles coitados da chalupa naufragada, que perderam tudo, como também a maior parte da guarnição da sumaca Bom Jesus.

Espero a assistência de Vossa Excelência em tantas necessidades, lhe suplico que se fie em meu zelo no serviço do Rei e no meu inalterável devotamento à Vossa Excelência: duas coisas que trago no coração, e que não perderei de vista jamais. A Divina Providência queira nos favorecer no restante.

Não tenho recebido ainda parte detalhada do estado da Esquadra, devido à ignorância de vários comandantes de navio, que nunca as deram. Eu não saberia apresentar uma descrição exata. Devo manter reserva, em decorrência.

Queira receber, Senhor, a reiteração de meus sentimentos de mais profundo respeito e reconhecimento com os quais...

Acampamento de João da Cunha, 23 de fevereiro de 1776.

Logo após a partida do Comandante da Esquadra, pus-me a conferenciar com o Comandante de nossa maltratada Esquadra sobre os meios para repará-la e repô-la em estado de utilização. Encontrou-se no armazém um pequeno depósito de cordas, alcatrás e velas, vindos, de tempos em tempos, do Rio de Janeiro, assim como pregos e ferragens... Nós tínhamos recolhido várias peças de madeira de navios naufragados... O mar as havia jogado sobre a praia. Possuía alguns pranchões de reserva para as plataformas; os negociantes tinham também vários materiais. Dispomos dos operários necessários, seja na Esquadra, seja nas tropas.

Em lugar, pois, de perder nosso tempo com choradeira, resolvemos pôr mãos à obra. **Começamos pelas duas fragatas e as duas corvetas, que, reparadas, nos colocariam em superioridade aos espanhóis, tanto em quantidade como em qualidade de navios.** Todo o mundo empenhou-se com igual vivacidade neste objetivo. A maior dificuldade era encontrar âncoras. Mas remediou-se o caso, tirando de uns e emprestando aos outros.

Os espanhóis, por seu lado, trabalharam muito em Mangueira e, também, para acabar seu novo Forte do Ladino que parece ser alguma coisa. Dele atiraram alguns projéteis sobre nossos navios a 19 de fevereiro. Não considerando seus navios, nem sua margem, bem defendidos com tantas obras, começaram, a 23 de fevereiro, um outro, mais rasante, quase no meio do espaço entre Trindade e Mosquito, no centro de sua Esquadra. Era um formigueiro de gente que trabalhavam em toda a parte (76). A 27 de fevereiro, tiraram ainda uma pequena sumaca da Mangueira e a puseram em linha com os 5 navios no rio.

Todos os seus trabalhos, sobretudo a última sumaca, deixaram nossa Esquadra um tanto alarmada. O Comandante veio dizer-me que aquele deveria ser um barco incendiário e que eles tentariam pôr fogo em nossos navios, conforme vinham

ameaçando há muito tempo. Tratei de tirar-lhe esta ideia da cabeça, mas ela me pareceu verossímil.

Carta 16, de 11 de março de 1776

Senhor

Finalmente, recebi as partes bastantes obscuras dos comandantes de navio do combate de 19 de fevereiro. Não demorarei apresentá-las com a relação das munições de guerra, cuja quantidade gasta é considerável, porque de todos os navios atirou-se indiscriminadamente sobre as baterias espanholas. Segundo toda a verosimilhança, nenhum projétil lhes fez estragos, porque elas se acham sobre elevações.

A perda de âncoras e de cabos é a mais sensível e de mais difícil solução. Mas fazemos o melhor possível!

A fragata **Graça Divina**, que foi a que mais sofreu, está quase toda reparada. Quem, ignorando o acontecido, diria, vendo-a agora, que ela não participou do combate. Espero, mesmo que dela obtenhamos serviços essenciais, visto pequenos arranjos que fiz com o Comandante.

À fragata de Pernambuco e às duas corvetas falta pouca coisa. da-me pena não ter com que pôr a corveta **Vitória** em estado um pouco mais decente. **Não há, nos outros navios, uma prisão mais suja que a sala do seu Comandante, o Capitão-Tenente José Corrêa. Ela merece o nome de Azeiteira. Mas é forte.**

Tendo-me intrometido por toda a parte, encontrei meios de fornecer a estes quatro navios pólvora e projéteis para 50 tiros por peça. Empréstarei ainda à **Graça Divina**, duas peças de 8 libras, de bronze.

Uma pequena reserva de madeira que eu tinha serviu admiravelmente, assim como tudo o que havíamos salvo dos navios naufragados, tanto espanhóis quanto nossos: quilhas, vergas, mastros e ferragens.

Todos estes navios vieram bastante mal providos e irregularmente, tanto de munição de guerra como de víveres e do

restante. **Alguns não tinham qualquer espécie de luz a bordo, nem lampião, nem óleo. A fragata *Graça* só tinha farinha a bordo para três dias e a de Pernambuco só até fim de fevereiro.**

A 24 de fevereiro apareceu fora da barra uma corveta que mandou seu piloto à terra para obter notícias do Comandante da Esquadra. Era a **Conceição**, vinda da Colônia. **Nós lhe mandamos lanchas e pedimos cabos, âncoras, velas, breu... Mas o Comandante não nos remeteu senão 4 peças de ferro, de 6 libras e se foi (77).**

Recebi cartas do Rio Pardo. O Major Rafael já se encontra com seu Corpo em Santa Tecla, tendo cercado os espanhóis e tomado seu gado e cavalos, o que me dá a esperança de que eles se renderão em breve.

O Major Rafael, em sua carta, diz que se desloca com 437 homens, tropas e 180 gaudérios (que é um eufemismo que se usa em lugar de ladrões), espanhóis índios e escravos, ao todo com 617 homens e dois falcões; isto pareceu muito bonito para o Governador Marcelino. Sendo nossa tropa muito superior, os espanhóis não podem manter-se por muito tempo; também porque não têm nenhuma esperança de socorro (78).

O Coronel Meixia chegou a primeiro deste mês a Porto Alegre, com as três últimas companhias de seu Regimento, com deserções no deslocamento. **Deixou mortos na praia e doentes de varíola por toda a parte.** Mandei vir aqui o Tenente-Coronel João Alves que me havia elogiado muito, para dele obter informações no tocante à região do outro lado do rio. Mas perdi as esperanças logo que o ouvi e já o enviei a Porto Alegre.

O Tenente-Coronel Henrique José de Figueiredo chegou também com duas companhias de voluntários a pé, ao todo 90 homens. O restante se encontra na estrada de São Paulo, nos hospitais. Das outras companhias, ainda não tenho notícias (79). **De acordo com a ordem de Vossa Excelência, de 27 de janeiro envio o Tenente-Coronel Alexandre Cardoso, sob guarda a essa Capital do Brasil. De suas qualidades militares, não poderia dizer nem bem nem mal. Por seu caráter, pareceu-me mais frívolo que**

maligno.

Quando me encontrava em plenos preparativos, duas coisas levaram-me a desorientar! No meio do mês de março, **o Marechal Funck propôs-me um plano para atacar os espanhóis, baseado em informações de pessoas incapazes de lhes dar.** O plano diferia um pouco do que o Brigadeiro José Custódio havia feito. A minuta, de seu próprio punho, encontra-se entre os papéis que o marechal me deu. Se o plano houvesse sido bem digerido, ainda conteria as falhas de todos seus outros projetos, pois que não existem os meios para executá-lo. Entretanto, como julguei oportuno comunicá-lhe o meu, por conhecer seu espírito de contradição, agradeci-lhe e prometi estudá-lo. **Em seguida, recebi uma carta do Marquês Vice-Rei onde se encontrava cópia de algumas linhas de uma carta do Senhor Martim de Mello (Marques de Pombal), que se referia a mim em termos tão ofensivos e imprudentes que não pude manter-me calmo. Mas, considerando a ignorância e o estado do autor, julguei mais prudente desprezá-lo. E tratei da minha vida, sem a ela responder, por enquanto.**

Tenho a honra de anexar o mapa do estado geral das tropas que, ha algum tempo, estão mais tranquilas. É preciso fazer justiça aos comandantes e aos outros oficiais que **não poupam trabalho ou sacrifício para prevenir deserções e desordem.**

A **Pérola Real**, único barco que navegava na Lagoa dos Patos, está totalmente arruinado; faltando-nos este meio de comunicação. Se Vossa Excelência permitir que o São José, que tem pouco calado, sirva em seu lugar, seria uma solução **(80).**

Continuo com minhas obrigações e cuidados. O Capitão Antônio Pegado e os outros feridos vão-se restabelecendo. Uma meia dúzia já voltou aos navios e apenas 3 morreram.

Desejo, do fundo do coração, oportunidade de dar à Vossa Excelência notícias agradáveis. Queira dignar-se, Senhor, a receber com bondade os meus protestos.

Acampamento de João da Cunha, 11 de março de 1776.

A 19, chegou uma sumaca enviada pelo Comandante da Esquadra, com alguns materiais para a reparação dos navios.

A fragata **Graça Divina** e a de Pernambuco assim como as duas corvetas estando reparadas tanto quanto possível, nelas repartimos a Artilharia, de modo que a variedade de calibres num mesmo navio não causasse problemas e, para inspirar segurança às guarnições, cobri-mo-las o melhor que pudemos contra a metralha e balas de pequeno calibre. O pessoal da chalupa **Expedição**, naufragada, consistindo em 70 homens escolhidos pelo próprio Comandante, tanto marinheiros quanto artilheiros, nos foi de grande ajuda. Tratando-se de uma elite, foram repartidos pelos quatro navios reparados. E serviram de exemplo aos marinheiros recrutas, a quem eles se puseram a instruir **(82)**.

As fragatas **Belona, a Invencível e a Sacramento** montaram também parapeitos e se juntaram aos quatro. **Desta forma, ficamos com 7 navios bons, em estado de entrar em ação.**

Preveni, em particular, ao Comandante, a quem todas aquelas baterias dos espanhóis provocavam constante inquietude, que eu procuraria meios para impedir que eles lhe causassem mal. **E que ele deveria manter, a bordo destes 7 navios, tudo em tal ordem que, na primeira oportunidade e à primeira ordem, se encontrassem pronto a atacar os espanhóis, o que ele me prometeu com alegria — desde que eu pudesse livrá-lo do fogo dos fortes e baterias. Trataria de nos vingar com a Esquadra (83).**

Como eu fosse frequentemente a bordo dos navios, observava sempre as obras dos espanhóis; sobretudo, a de Mangueira para onde continuaram a passar todos os dias muitas carretas sem que, de minha janelas eu pudesse distinguir tudo o que faziam. Mas, de bordo dos navios, via a obra de Mangueira por trás. **E me convenci que aquilo que me parecera uma coisa importante, era-o efetivamente. E mais, que nela eles poderiam ocupar-se ainda algum tempo. Pareceu-me, inclusive, estar sendo dirigida da Trindade. Não me ative ao primeiro exame. Mas tendo verificado bem, mudei minha ideia inicial de atacar Mangueira para atacar o Trindade.**

Mandei fazer tantas jangadas quanto a quantidade de madeira o permitia e, por fim, 7 delas se encontravam no Lagamar

e 6 na Fronteira. O pessoal de Pernambuco ensinou aos outros o modo de as dirigir e carregar.

O Major Manoel Soares Coimbra tinha, em uma relação secreta, os nomes de todos os homens que nelas deviam servir, independentes das tropas, assim como dos que haviam vindo com as lanchas da Esquadra e que se encontravam ainda no Lagamar.

Na Fronteira, eu havia encarregado o Capitão Lourenço Caetano de escolher, no Primeiro Regimento do Rio de Janeiro ou no Batalhão de Roberto Rodrigues, os homens mais adequados para dirigir as lanchas, botes e jangadas, que ele distribuiu proporcionalmente. Este pessoal deveria estar sempre presente na Fronteira.

Os comandantes não os poderiam destacar ou dispensar, para que, à primeira ordem, eles pudessem entrar com a flotilha no mar.

Nossos granadeiros achavam-se, há muito tempo, prontos a executar o que se exigisse deles e tinham seus sabres bem afiados.

Os do Primeiro Regimento só tinham sabres para a primeira fila.

Previ muito bem que não havia mais ajuda a esperar do Rio de Janeiro, nem da Ilha de Santa Catarina. O inverno se aproximava. Os nossos navios encontravam-se muito próximos uns dos outros, mal providos de cabos e âncoras e, assim, em grande perigo numa estação mais tempestuosa. Resolvi então fazer uma tentativa, na primeira ocasião favorável, de atravessar o rio durante a noite e surpreender os fortes de Trindade e do Mosquito. Eles abriam os flancos da Esquadra espanhola. Esta, no meu entender, não se poderia manter aí após a tomada dos fortes. Nossa Esquadra devia, ao amanhecer, ir atacá-los e tratar de os dominar. Para executar este plano, era necessário um vento nordeste que favorecesse, durante a noite, a passagem dos granadeiros e, de manhã que nossos navios se pusessem à vela.

As lanchas e jangadas que teriam de conduzir nossos granadeiros no ataque aos Fortes da Trindade e do Mosquito deveriam voltar à nossa margem e executar, num segundo

transporte, o Brigadeiro Chichorro, com 200 homens de seu Regimento, até o Mosquito; do Coronel Veiga, com 200 homens, até a Trindade, para que tivéssemos, no dia seguinte à transposição, 800 homens do outro lado.

Estando o Trindade quase em frente à minha janela, nenhum movimento dos espanhóis me escapava. Eu os mostrei, de meu quarto, a meu Ajudante Manoel Marques, quem destinava para acompanhar os granadeiros de Moura e de Bragança quando atacassem e a dirigi-los. Não somente porque ele tinha algum conhecimento da região do outro lado, onde se criou, mas também por ter eu provas de sua inteligência e bravura (84).

De um e outro lados, ele devia fazer atravessar, com os primeiros granadeiros, um oficial de Artilharia com alguns bons serventes de peça para utilizar, prontamente, a Artilharia que encontrassem nos fortes.

Por diversas vezes alertei os oficiais de que jamais deveriam fazer comentários sobre este plano que, na sua totalidade, era deles desconhecido; caso contrário, sem este cuidado, os espanhóis, tão próximos, poderiam dele tomar conhecimento (85).

A sorte me favoreceu particularmente, pois o vento soprou do nordeste na manhã do dia do aniversário da Rainha. Como todos os principais oficiais, tanto de terra como de mar, viriam a meu quartel para celebrar a data comigo, aproveitei, antes do jantar, a oportunidade de falar, em particular, mas sem despertar a atenção, com o Brigadeiro Chichorro, o Coronel Veiga Cabral e os majores Manuel Soares Coimbra, José Manuel Carneiro e Manuel Marques de Souza, sobre minha intenção de atacar, em breve, os espanhóis. Perguntei-lhes se os granadeiros estavam em condições, conforme eu havia ordenado, o que eles confirmaram. Indiquei-lhes, em seguida, o plano de execução e minha decisão já tomada; mostrei-lhes a facilidade do sucesso. **A passagem do rio, sobretudo dos granadeiros, dever-se-ia fazer no mais completo silêncio e tranquilidade para não atrapalhar os marinheiros condutores de jangadas e para não serem pressentidos pelos espanhóis, que devíamos surpreender.** Frisei que todas as embarcações

deviam conservar-se juntas umas das outras, sem confusão, com as tropas nelas embarcadas para que pudessem entrar em forma facilmente após o desembarque. Que, então, o tempo seria precioso pois era necessário, com rapidez, desembainhar os sabres e jogarem-se, parte sobre os fortes, parte sobre os quarteis. E, baixar o pau em todos os que não se rendessem logo. Não se devia permitir aos granadeiros atirar, pois estes tiros seriam demasiados incertos e não serviriam senão para dar o alarme ao inimigo, que se poria em guarda. Que logo que se conquistasse algum forte, o oficial de Artilharia deveria examinar as peças, mandar carregá-las, se não estivessem carregadas, e voltá-las para o lado dos navios espanhóis. Que estes mesmos oficiais de Artilharia deveriam, imediatamente, cuidar da munição de guerra, sobretudo da pólvora. Os majores comandantes de granadeiros deveriam, prontamente, fazer retomar as embarcações para que o Brigadeiro Chichorro pudesse passar também para o Mosquito com 200 homens de seu Regimento e o Coronel Veiga Cabral ao Trindade com 200 homens. Devia-se servir a um e a outro com as mesmas lanchas e jangadas. Estes dois comandantes, após chegarem ao destino, tomariam o comando dos Fortes do Mosquito e Trindade.

Como perto do Forte espanhol da Barra e do Mosquito encontra-se de ordinário um destacamento de Dragões, o Major Coimbra fará embarcar com os primeiros granadeiros as duas peças de 3 com varais, para destacar-se delas, caso acontecesse reação ao seu desembarque. Todas as jangadas e lanchas devem ser devolvidas para o meu lado, após os comandantes terem passado, recomendei (86). Perguntei aos dois comandantes de Regimento e aos dois majores se me haviam compreendido bem. Recebendo resposta afirmativa, fi-los repetir. Só faltou definir a data.

O Comandante da Esquadra devendo responder com uma salva da fragata **Graça Divina** àquela que se deu com 4 peças de 6 colocadas diante do meu quartel, não pode vir senão para o jantar.

Pelas 5 horas da tarde, todo o mundo estava passeando e

se divertindo, em farda de gala, diante de meu quartel, o que os espanhóis viram distintamente de Trindade. Separei-me discretamente a alguma distância do restante com os dois comandantes e os dois majores já mencionados e o Comandante da Esquadra, George Hardecastle, de quem eu recebera comunicação de que nada faltava a bordo dos navios (87). Comuniquei-lhes minha decisão positiva de atacar os espanhóis.

O Brigadeiro Chichorro deslocar-se-ia às dez horas desta mesma noite com sua Companhia de Granadeiros e 200 homens de seu Regimento para o Forte de São Jorge. O Major Manuel Soares Coimbra, não só estava encarregado do ataque do Forte do Mosquito, mas também do dispositivo de passagem do rio. Ele devia, ao anoitecer, mandar deslocar todas as lanchas e jangadas, determinadas e prontas, do Lagamar ao Forte de São Jorge. Aí arranjaria tudo de modo que, duas horas após a meia-noite, pudesse embarcar com as duas Companhias de Granadeiros, do Estremoz e do Primeiro do Rio de Janeiro, e 2 peças de 3 libras. A seguir, passaria o rio, se possível, antes que a lua surgisse, desembarcando a pouca distância do Mosquito. Tudo no maior silêncio, sem ruído. Organizaria, então, seus granadeiros e atacaria o Forte do Mosquito do modo como lhe recomendei, com toda a vivacidade possível. Após a tomada do forte, ele lançaria ao ar três foguetes para me avisar do fato. Aí colocaria a Artilharia espanhola em condições de ser utilizada.

Após o retorno das lanchas e jangadas, que deviam voltar imediatamente após terem desembarcado os granadeiros, o Brigadeiro Chichorro nelas embarcará com a reserva, no mesmo local em que o major atravessará o rio. Juntar-se-á aos granadeiros e tomará o comando daquele posto. A maior parte das lanchas e jangadas deve ser enviada de volta. Delas só permanecerá alguma para levar mensagem.

Mandei chamar o Capitão de Artilharia Lourenço Caetano da Silva. Ordenei-lhe que fosse imediatamente à Fronteira e fizesse reunir, pelas sete horas, todos os soldados e outras pessoas destinadas a servir nas lanchas e jangadas que lá tínhamos. Devia

por elas distribuir os homens e descer o rio com todas as jangadas e lanchas até o Forte Patrão-Mor, para onde o Comandante da Esquadra enviará quatro chalupas à sua disposição. **Que ele devia cuidar de embarcar, em ordem e em proporção, as duas Companhias de Granadeiros que lá se encontrarão, comandadas pelo Major José Manuel Carneiro, duas horas após a meia-noite. Ordenei aos condutores das jangadas e marinheiros fazerem o menor ruído possível com os remos e retornar logo após terem desembarcado os granadeiros.**

A Companhia de Granadeiros do Regimento de Moura deve deslocar-se, às 10 horas da noite, de seu acampamento para o de Bragança. Ela se juntará, no caminho, à do Regimento de Bragança, ambas sob as ordens do Major José Manuel Carneiro.

O Coronel Sebastião Xavier da Veiga marchará até o local de embarque com este Destacamento de Granadeiros, um pequeno destacamento de Artilharia do Tenente Joaquim Gomes de Campos e o meu ajudante-de-ordens Manoel Marques de Souza, que lhe servirá de guia para atravessar o rio, indo direto ao Forte espanhol de Trindade. Descerão à terra a pouca distância dele. Formarão suas tropas e se deixarão conduzir por meu ajudante-de-ordens, por caminhos que os levem a tomar o forte pela retaguarda. Chegando a este, é preciso não perder tempo e muito menos atirarem, e sim, jogarem-se, sabre à mão, sobre o forte e seus quartéis, sufocar toda a resistência e, do resto, fazer prisioneiros. Após a tomada do forte, dar-me-ão sinal por três foguetes. O Tenente Joaquim Gomes cuidará logo da Artilharia inimiga e das munições.

Como a passagem do rio é mais extensa aqui em cima do que lá embaixo, as lanchas e jangadas poderão tardar a voltar. O Coronel Sebastião Xavier da Veiga embarcará, uma hora após a partida dos granadeiros, na barca grande e nos caiques, com 200 homens de seu Regimento. Vogará até a Trindade onde desembarcará. Juntar-se-á aos granadeiros e assumirá o comando daquele posto.

Os dois principais pontos a observar são a ordem e o maior

silêncio, sem os quais não se pode obter nada!

O Comandante da Esquadra, George Hardecastie, tendo disposto tudo nos 7 navios destinados e preparados para o combate, ficará atento. Ao ver o sinal de 3 foguetes tanto do Forte de Trindade como do Mosquito, pode ficar seguro de que eles já se acham guarnecidos por nossas tropas e que não há outro fogo a temer senão o do Forte do Ladino, demasiado afastado para fazer grande estrago. É que o Forte de Mangueira, achando-se em mau estado e dominado pelo fogo do Trindade, os espanhóis não se poderão manter nele e lhe fazer mal. Ele se porá à vela, ao nascer do dia, com os navios, para atacar os espanhóis, que não poderão manter-se, atacados de frente e de flanco por forças tão superiores.

Todos os oficiais convocados me prometeram firmemente executar com prontidão as ordens que eu acabava de lhes dar. Certifiquei-me de que nenhum dos não convocados tivesse prestado atenção e nem desconfiassem do plano. **Cada um se retirou e se deu a palavra às Ave-Marias, sem que se fizesse menção a este projeto (88).**

Abril, 1º (Dia do ataque a Vila do Rio Grande) (89)

A primeira parte foi executada pontualmente e, com a ajuda de Deus, sem grandes perdas nem desordens, apesar da multidão de pequenos barcos e da largura deste rio (Sangradouro da Lagoa dos Patos).

Antes do amanhecer, nossos granadeiros já eram senhores dos objetivos - os dois fortes. **O de Mosquito foi tomado em primeiro lugar. Ali perdemos 2 granadeiros de Estremoz e um artilheiro e tivemos oito feridos. Os espanhóis tiveram três mortos, 11 feridos e 16 prisioneiros. Os restantes escaparam. Entre os feridos encontravam-se o capitão- comandante, um tenente e dois cadetes.**

O Brigadeiro Chichorro teve, após haver saltado em terra, uma contusão na coxa direita, consequência de um tiro partido de um dos navios espanhóis que fugiam; mas, sem perigo **(90).**

Na tomada da Trindade só tivemos um soldado do Regimento

de Moura, ligeiramente ferido. Os espanhóis tiveram 1 morto e 14 feridos, entre os quais o capitão-comandante, e somente 2 prisioneiros; o restante escapou. **O Tenente Joaquim Gomes fez uma série de tiros de canhão sobre o Forte de Mangueira, de tal forma que, apavorada, a guarnição do forte evacuou antes de 8 horas e se retirou, passando pelo Forte da Mangueira para a Vila de São Pedro.**

A Esquadra espanhola vendo-se entre dois fortes, antes seus protetores, agora seus inimigos, não esperou o dia raiar. Cortou seus cabos e se pôs à vela antes que se pudesse ver as coisas. Procurou salvar-se pela fuga. Mas foi tão infeliz que três de seus melhores navios se perderem num banco de areia, pouco abaixo de seu Forte da Barra. Tentaram afastar-se demais de nossas baterias do Lagamar e da Nova, que não ficaram inertes. Eles salvaram, contudo, as guarnições. Os outros escaparam, embora houvesse muito pouco vento.

À uma corveta que tinham na embocadura da Mangueira eles puseram fogo, assim como à nossa sumaca que se encontrava no fundo daquela enseada.

Faltando vento à nossa Esquadra, ela não pôde velejar, senão quando os espanhóis já estavam bem longe. Não tendo nenhuma esperança de os alcançar, nem ordem de sair ao seu encalce, o Comandante mandou lançar âncoras perto da Mangueira. Alguns projéteis lançados do Forte do Ladino tinham danificado levemente nossos navios. Aí tivemos um artilheiro morto e 2 marinheiros feridos (91).

Estando eu a caminho do Lagamar, encontrei o Cadete José Faustino, do Regimento de Estremoz, quem o Brigadeiro Chichorro me mandara, com a participação do acontecimento. Mandei-o de volta, em seguida, com ordem ao brigadeiro de mandar tomar logo o Forte do Triunfo. Deste, os espanhóis continuavam a atirar, embora não tivessem alvo.

Ordenei que se enviasse ao Mosquito víveres para nossas tropas, assim como ao Trindade, donde já havia recebido parte, antes de me pôr a cavalo. Eu havia ordenado ao coronel que

mandasse ocupar o Forte da Mangueira.

Os espanhóis atiraram muito de seu Forte da Barra, sem nos causar mal. Mas eles haviam apavorado os condutores das jangadas e os marujos das lanchas. Elas se achavam sobre a margem, sem nenhum homem junto a elas. Custou muito encontrá-los!

Vi os três navios perdidos já sem recurso. Às 6 horas da tarde, de retorno a meu quartel, enviei ao Coronel Texada, na Vila de São Pedro, o manifesto ditado pela Corte. A ele anexei os motivos de queixa que os espanhóis nos haviam dado recentemente.

Viu-se, à tarde, para os lados da Vila de São Pedro, um grande fogo. Ao pôr do sol viu-se claramente que eles puseram fogo também no Forte do Ladino, apenas acabado. Ele queimou com violência extraordinária.

Todo este procedimento mostrava claramente que eles tinham intenção de se retirar. A guarnição do Triunfo se foi também às 5 horas da tarde. Depois da meia-noite, viu-se um grande fogo em seu Forte da Barra, que durou até o amanhecer.

Na manhã de 2, entregaram-me uma carta do Coronel Miguel Texada. Ele me pedia mais tempo para poder retirar-se e uma conferência. Escrevi-lhe logo a resposta, recusando ambas as coisas. Mandei o Ajudante do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro levá-la à Vila. Como não me quisessem acordar durante a noite, só então recebi a comunicação do incêndio do Forte espanhol da Barra. Não duvidando que o tivessem evacuado, corri ao Forte de São Jorge.

O Regimento de Moura e os restos do Estremoz e de Bragança receberam ordem de se manter prontos, como tinham estado desde o deslocamento dos granadeiros. Todo o mundo ficara de pé durante a noite. Desejavam tomar parte, a despeito do resultado do ataque e do possível destino que os movimentos conduziriam.

Atravessei o rio em bote. Ao chegar ao Mosquito, as notícias que aí me deram confirmaram a minha opinião de que o Forte da

Barra havia sido evacuado. Mandei tomar armas uma Companhia de Granadeiros e fui direto ao forte, com uma peça de 3 libras. Ordenei ao Brigadeiro Chichorro (que já se encontrava em condições de fazer esta pequena marcha) que me seguisse com o restante de seu Destacamento. Ele deixou uma pequena guarnição no Mosquito e no Triunfo, que ele havia ocupado.

Não encontrei espanhol algum, nem no caminho nem no forte. Ali foi difícil entrar porque uma parte dos quartéis queimava ainda. **A casa da pólvora tinha ido pelos ares. As plataformas e as carretas ou rodas das peças meio consumidas, exceto o bastião à esquerda de quem entra, onde o fogo não havia pegado.** Fui com o Marechal Funck e o Tenente-Coronel Ribeiro, que tinha vindo comigo, com o Comandante Hardcastle, que veio depois, e com o Major Manuel Soares Coimbra, até a muralha. **Mesmo com dificuldade, nela levantamos um mastro com a bandeira portuguesa. Colocamos a peça de 3 sobre o parapeito dando a salva real. Querendo conservar este forte, chamei-o de São José (92).** Dei ordens ao Brigadeiro Chichorro para utilizar as tropas presentes em apagar o fogo. Mandei vir do Lagamar o Capitão Montanha com operários e ferramentas para desentulhar a praça e salvar o que pudesse. **Estando as peças de Artilharia todas encravadas, para ali enviei outras.** Deixando o Brigadeiro Chichorro como comandante, embarquei na chalupa do Capitão Hardcastle para ver os fortes ao longo da praia. Encontrei, perto do Triunfo, boa quantidade de madeira para a Marinha.

Chegando ao Trindade, aí chegou também o Ajudante José Thomás e participou-me que, **querendo entregar minha carta ao Coronel Texada, encontrou a Vila evacuada pelos espanhóis. Destes, os últimos se haviam retirado às 10 horas da manhã.**

Ordenei ao Coronel Veiga Cabral que fizesse deslocar as duas Companhias de Granadeiros, de Moura e a sua, com o Major Carneiro, para Mangueira, sem demora. Para lá mandei passar também os barcos que se encontravam perto do Trindade. Escrevi ao acampamento que o Tenente-Coronel Luiz Antônio embarcasse com o restante do Regimento de Bragança e viesse juntar-se ao

Coronel Veiga.

Fui também à Mangueira, para verificar a passagem dos granadeiros que, tendo embarcado do outro lado, deviam deslocar-se pelo caminho feito pelos espanhóis, atravessando o pântano, guarnecer o forte e estabelecer-se na Vila. Quis atravessar por água para, a caminho, ver o Ladino. Mas não embarquei senão após ter visto chegarem os primeiros granadeiros do outro lado da Mangueira.

Fiquei bastante surpreso, chegando à Vila de Rio Grande, por não encontrar os granadeiros que eu supunha lá estarem há mais de uma hora, visto que não há, desde o lugar em que pareceram saltar em terra, até o forte, mais de um bom quarto de légua. **Mas havia algumas pontes no caminho, que os espanhóis haviam derrubado ao se retirarem, de modo que eles não chegaram senão após o Sol posto.** Assim, durante perto de três horas, não houve para guarda da Vila e do forte mais do que 4 oficiais de terra e 3 de mar, todos armados bem levemente (93). **Entretanto, passeamos pela Vila e dela fizemos fugir os ladrões vindos da vizinhança para o saque. Chegaram desertores melhor armados que nós.** Os espanhóis tinham acampado no Forte do Arroio, a poucas léguas.

Antes da retirada, eles haviam rolado na água os barris de pólvora e destruído as rodas dos reparos das peças do Forte da Vila, com grandes golpes de machado, encravando as peças.

Quando o Major José Manoel Carneiro chegou, atribuí-lhe a guarda do Forte da Vila. Mandeí-o colocar sentinelas nos armazéns e casas importantes da Vila. Deixei ordem ao Coronel Veiga de juntar, na manhã seguinte, estes granadeiros com duas outras companhias e vir assumir o comando da Vila. Meu ajudante-de-ordens, Manoel Marques por ser muito conhecido e aí tendo casa, deixei-o com os granadeiros e voltei ao acampamento de João da Cunha, bem tarde. Ordenei que no dia seguinte, 3, o Sr. Sebastião Francisco Betâmio, o Ajudante Fonseca, o Comissário Barbosa e dois escreventes passassem, bem cedo, à Vila para cuidar dos interesses do Rei e que nada se perdesse. A 3 tive o que

fazer no acampamento. Mandei passar o resto do Regimento de Estremoz, os cavalos de meu quartel e dos Dragões. E escrevi ao Vice-Rei.

Carta 17, de 3 de março de 1776

Senhor

Tenho a honra de participar à Vossa Excelência que tendo tudo pronto, nas tropas, na Marinha, para a execução de um plano, que não era conhecido por ninguém além de mim, e o vento se pondo favorável no dia dos anos da Rainha, o que celebrei em meu acampamento, aproveitei esta feliz circunstância de que todos os oficiais principais estavam reunidos em minha casa, sem afetação, para dar a última demão à obra e as ordens oportunas.

É-me impossível dar à Vossa Excelência ideia da alegria das tropas destinadas à ação e da nobre inveja dos que deviam ficar ainda comigo, o que tomei por um feliz augúrio. Os acontecimentos não destruíram minhas esperanças.

A surpresa foi completa! Nossos granadeiros só foram pressentidos pelos espanhóis quando se aproximaram por terra. A desordem com que uns acudiram e outros fugiram facilitou o golpe-de-mão. **Ele teve tão belas passagens, mas teria sido mais brilhante se nossa Esquadra, composta de maneira adequada, tivesse podido aproximar-se da espanhola, que estaria irremediavelmente perdida.**

Mas, faltando o vento, esta brava gente não pôde satisfazer ao desejo que eles testemunharam igualmente de tomar sua revanche do acontecido a 19 de fevereiro (94). Nossos granadeiros, assim como seus oficiais, são dignos de todo louvor e estima. Igualmente, seus comandantes. Ouso recomendá-los à proteção de Vossa Excelência.

O Major Manuel Soares Coimbra é um oficial não apenas bravo, cheio de zelo e infatigável, mas um homem inteligente como há poucos. Ao Major José Manoel Carneiro, não lhe falta valor, boa vontade e galantaria, conforme ele o demonstrou.

Os dois comandantes que os seguiram são tão conhecidos de Vossa Excelência que seria supérfluo fazer-lhe aqui qualquer elogio. O Brigadeiro Chichorro considera-se pago pela perda de seu relógio, que uma bala destruiu no bolso. Mas ele mesmo recebeu apenas contusão leve.

Todo o mérito desta ação pertence às tropas. Não contribuí senão com a simplicidade do plano e com o sigilo, antes do momento da execução. Minha vaidade ficou extremamente exarcebada vendo o amor das tropas por mim, a ponto de esquecer que sou estrangeiro (95).

Segui as ordens da Corte, enviando na mesma tarde do dia a cópia do Manifesto ao Coronel Texada, que se retirou pelo caminho grande de Taím. O comandante do **Forte da Barra** retirou-se pelo caminho da praia.

É-me impossível fazer, a esta altura, um relato mais detalhado, suplicando à Vossa Excelência...

Acampamento de João da Cunha, 3 de abril de 1776.

A 4 de abril, parti de meu acampamento para a Vila, para lá fazer os arranjos necessários, pois tudo estava na maior desordem. As casas abertas. Os trastes que alguns lá haviam deixado, expostos ao primeiro que deles lançasse mão. Fiz recolher, não somente o que pertencia ao Rei, mas também o que havia pertencido a particulares, **como os barris de vinho e de aguardente, e o sabão**, em proveito de Sua Majestade. A Marinha não ficou inativa, nem a Artilharia. **A Infantaria ajudava por toda a parte. Serviu principalmente para limpar as ruas e para queimar tanta carne apodrecida, capaz de espalhar a peste por toda a parte.** Custou muito encontrar um cavalo na minha primeira saída para o Forte do Arroio. Mandei colocar uma pequena guarnição e fazer uma relação da Artilharia que lá se achava. Não encontrei nem cavalo nem bois, no caminho. Mandei prosseguir adiante o Segundo-Tenente Joaquim de Souza para seguir a pista dos Coronéis Texada e Molina e reunir os animais. Dei, em seguida, a mesma missão a uma quinzena de voluntários que se ofereceram para ir com o Tenente Francisco da Silva de Assunção, dos Auxiliares. **Mandei**

reparar as pontes do caminho da Mangueira (96).

Mandei cantar um **Te Deum** e vir, do outro lado, a Infantaria da Europa e a do Rio de Janeiro com a Companhia de Dragões de Guarda e alguma Artilharia.

Por toda a parte se trabalhava com alegria, embora faltasse a carne que devia vir do outro lado. **Mas, se a substituía por feijão e outras coisas encontradas (97).**

Carta 18, de 11 de abril de 1776

Senhor

Havia prometido à Vossa Excelência um relato detalhado dos acontecimentos de 1º de abril e de seus felizes resultados; mas, tenho estado de tal forma ocupado por aqui, organizando as coisas deste lado do rio, que me tem sido impossível e o será ainda algum tempo.

A precipitação com que os espanhóis se foram é incrível. Para assegurar sua retirada, levaram consigo todos os animais, cavalos, carretas e homens e estragaram o caminho. Queimaram a pólvora. Encravaram as peças de Artilharia. Arruinaram os belos reparos, com fogo ou machado. Espalharam os projêteis ou os jogaram à água, como também grande número de barris de pólvora.

Nos armazéns das tropas, achavam-se alguns reparos novos e 300 a 400 armas de Infantaria, assim como cerca de 2.000 pares de sapatos. Deles nossos pobres soldados têm tanta necessidade que estou tentando lhos distribuir. Há também boa provisão de farinha de trigo e alguns víveres, mas pouco de cada espécie.

Nos depósitos da Marinha, eles deixaram coisas bem consideráveis: mastros, vergas, velas, cordame, capas, âncoras, diversas ferramentas, ferro em barras e breu.

O hospital é bastante bom, assim como a farmácia. Mas levaram a roupa branca. Nas ilhas dos Marinheiros e Marçal de Lima, deixaram as ferramentas para cortar a madeira e o começo de uma fábrica de tijolos.

O Coronel Molina não teve tempo de carregar seus papéis que remeto pela sumaca Monte (98).

De toda a sua Marinha, salvaram apenas o bergantim do Comandante, uma “sétia” e uma pequena sumaca que aos nossos pareceu uma embarcação incendiária.

O Comandante da Esquadra se ocupa, com os outros oficiais, em salvar os três navios espanhóis que ficaram sobre o banco de areia; também, dos dois que eles queimaram na Mangueira, salvar os mastros, antenas, velas, artilharia, assim como salvar as âncoras. Mandei vir o mestre Manoel Antonio e o encarreguei do armazém.

Os oficiais de Artilharia têm tentado desencravar as peças. Procuram as munições de guerra e o que concerne ao assunto.

O Sr. Betâmio, com todos os seus subalternos, se ocupa dia e noite em salvar e pôr em segurança tudo o que pertence à sua jurisdição.

Os espanhóis não cuidaram nem um pouco da manutenção das casas da Vila, bastante fracas de construção (de tabique). Assim, estão quase todas ameaçadas de ruína. Estão tão cheias de imundícies que é difícil acreditar-se que pessoas aí tenham morado. Sem excetuar a do Rei, onde ficou o Coronel Molina e que nela fazia bastante gastos. Mandei alugar, em proveito de Sua Majestade, estas casas desertas a nossos comerciantes e vendedores, a fim de que as limpem e as mantenham.

Estamos admirados de ver tão grande quantidade de ratos, que se tomaria por coelhos. Há carne de gado apodrecida nas casas e ruas, cujo fedor poderia causar a peste. Nomeei o Ajudante José d’Afonseca, Major da Praça, para fazer o policiamento (99).

Quanto às terras, o Coronel Molina delas fez uma tal repartição que será difícilimo regular todas as pretensões.

Tomei a liberdade de, no domingo de Páscoa, mandar cantar o Te Deum, nesta igreja, com uma cadeira vazia para Vossa Excelência, colocada no coro. As peças deste forte já desencravadas deram a salva real, como também a fragata **Graça Divina**. A Infantaria deu salva festiva. Dei uma pequena festa, conforme pude, sem parar o

trabalho.

Recebi, a 2, a notícia de que o Forte de Santa Tecla rendeu-se por capitulação. Embora não seja da maneira como eu quis, estou satisfeito de os espanhóis terem perdido aquele asilo, que foi arrasado (100).

Os originais anexos contam o que lá aconteceu. Espero ver chegar em pouco algumas companhias de Dragões das quais necessito.

Os espanhóis marcham em grandes jornadas para Santa Teresa, fortaleza na qual, dizem, eles trabalham desde algum tempo, nela fazendo grandes gastos. Faço os espionar discretamente pelo Segundo-Tenente Joaquim de Sousa com uma vintena de Dragões. Pretendia preparar-me para tentar desalojá-los de lá, se não houvesse tanta dificuldade para deslocar tropas através de sessenta léguas numa região devastada pelo inimigo.

Já se encontra deste lado do rio mais gente a alimentar do que Vossa Excelência possa imaginar. Esta Vila e os seus arredores era um verdadeiro deserto, não se encontrando nem habitantes, nem gado, nem carreta, nem cavalo, nem boi para comer.

Os espanhóis leveram tudo! É preciso mandar vir todos os dias a carne do outro lado. **Mas os bois não passam a nado, como fizeram os cavalos, um rio tão largo e perigoso como este. Embora tenhamos farinha, faltam padeiros.**

Os fortes espanhóis são, ao todo, oito, dos quais sete sobre o rio, desde a Vila até a embocadura. O oitavo, a duas pequenas léguas daqui, aquele chamado do Arroio.

Sempre achei perniciosa a ideia dos espanhóis terem um tão grande número de fortes; penso que se deverá conservar apenas dois ou três deles e mandar demolir o restante. Trabalha-se já com força na reparação do Forte da Barra, do qual não abro mão.

Suplico à Vossa Excelência que se digne enviar-me o que é necessário para tantos consertos, sobretudo de Artilharia da Marinha. **As coisas de que temos urgência são: pólvora, chumbo,**

lona, brim, pano de linho, óleo de linhaça e folha de flandres, assim como carpinteiros, ferreiros, pedreiros e torneiros.

O zelo e o desinteresse que encontro em todos os indivíduos em servir ao Rei não é demais louvar-se. **A amizade que nos une suaviza nossos trabalhos.** Os quatro Regimentos de Infantaria e a guarda de Vossa Excelência já estão do lado de cá.

Baseado na permissão de Vossa Excelência, promovi a segundo-tenente o Cadete José Faustino. Coloquei nos granadeiros o Segundo-Tenente Balau, ambos do Regimento de Estremoz e ótimos rapazes.

Ouso recomendar à respeitável proteção de Vossa Excelência todos os meus camaradas, tanto da Marinha como das tropas de terra. **Devo a todos uma dedicação que não mereço,** que somente a benevolência com que Vossa Excelência me distingue, faz-me merecedor dela.

Queria receber...

Vila de São Pedro do Rio Grande, 11 de abril de 1776.

Vistos que os espanhóis haviam arruinado totalmente o Forte do Ladino, com fogo, determinei ao Major Manoel Soares Coimbra que delá tirasse a Artilharia. Mesmo com os reparos mais queimados, para serem trazidos para cá. **As paliçadas e outras madeiras, que o fogo não tiver atingido, devem ser remetidos, por água, ao Forte de São José da Barra,** à disposição do Capitão Montanha. A ele entreguei um plano assinado para a reedificação do forte, ao qual ajuntei um talude. Escrevi a Porto Alegre determinando que os fornecedores devem enviar gado para Camaquã e para o Sangradouro Mirim **(101).**

Ocasionando dificuldades a quantidade de barcos, mandei sair 5, da Esquadra do Sr. McDouall, a 21 de abril. A 5, a fragata de Pernambuco e o bergantim do Rei para a Ilha de Santa Catarina. A corveta Penha e as sumacas **Monte e Belém,** para o Rio de Janeiro, **com alguns prisioneiros espanhóis, livros e papéis.**

Recebi aviso de que o Major Patrício José da Câmara chegaria, a 23, ao Sangradouro Mirim com um destacamento de Dragões. Mandei-os atravessar ao Passo da Beca e irem alajar-

se nos quartéis dos espanhóis, perto do Povo Novo (102).

Para lá fui no dia 25. **A vista dos homens deu-me tanto prazer, quanto a dos cavalos, desgosto. Mal podiam mover-se e estavam bastante feridos. Havia três cavalos e uma mula para cada homem. E sem as mulas, eles não teriam chegado, creio eu. Foi necessário dar-lhes repouso. Vi o Povo Novo que me agradou por sua regularidade. Fui até as Paulistas em meu retorno à Vila, que não é nada perto do primeiro. Percorrendos arredores deste vilarejo, fui avisado de que a pequena sumaca espanhola, que se salvou a 1 de abril, encontrava-se em grande perigo perto do Estreito. Mandaram o capelão e alguns homens à terra, pedir ajuda. Mas antes que se a pudesse enviar, meteram a sumaca num banco de areia e ali ela encalhou. Os homens, ao todo 64, foram salvos. Logo que cheguei à Vila, enviei o Major Rondon e dois auxiliares ao local para socorrer aqueles miseráveis que morriam de fome, fazê-los prisioneiros e conduzi-los para cá. Determinei que a corveta Vitória se mantivesse pronta para velejar para o Rio de Janeiro com uma parte desta gente.**

A 30, recebi cartas do Vice-Rei com ordem para a suspensão das operações e disso dar conhecimento ao Governador de Buenos Aires.

Maio

Dia primeiro - O Major Rondon trouxe os prisioneiros para cá. Deles, 34 foram mandados para bordo da corveta Vitória. O restante, para as outras fragatas.

Mandei o Capitão Camillo Maria para o arroio de Baeta. O Tenente de Dragões, Joaquim de Sousa, estabeleceu um posto, com os dragões, perto do arroio de Taím.

Mandei reformar os cartuchos, regulando a quantidade de pólvora a um terço do peso do projétil. Dei ordem, para isso, ao Major Roberto Rodrigues, assim como de levar de volta ao Lagamar a peça de 36 que o Marechal Funck havia deslocado para o Conceição, em fevereiro deste.

Dia sete - Saiu a corveta **Vitória** e recebi a agradável notícia da chegada do gado dos fornecedores ao Sangradouro Mirim.

Mandei entregar a Manoel Fernandes Vieira, um dos principais fornecedores, de bois e tudo o que ele pedia **(103)**.

Dia nove - Enviei o Capitão de Dragões José Carneiro, com minha carta ao governador, a Buenos Aires.

Carta 19, de 10 de maio de 1776

Senhor

Desde minha última carta, de 11 de abril, tenho visitado o **Forte do Ladino, onde se tem dificuldade de chegar. Acho-o de tal forma arruinado, que não há possibilidade de reparação. Só reconstruindo-o novamente! Os espanhóis descobriram a madeira do parapeito e da muralha, por toda a parte. Nela derramaram barris de breu, assim como sobre as plataformas e sob os reparos das peças.** Quando tudo isso pegou fogo, pareceu-nos o inferno, visto do acampamento de João da Cunha. **Mandei-o demolir pelo Major Manoel Soares Coimbra, dali retirar a Artilharia e remeter as paliçadas ao Forte de São José da Barra.** O Capitão Montanha trabalha bem em sua reedificação, segundo o plano que lhe dei. Com as modificações que se vão fazer, creio que ficará melhor do que era. Pelo menos, não poupo nada para isso.

Como os sete navios da Esquadra do Comandante causaram transtorno aqui, fi-los partir, a 5 e a 21 de abril. A fragata de Pernambuco e o bergantim do Rei, para a Ilha de Santa Catarina e a corveta **Penha**, com as sumacas **Belém e Monte, para a capital, com os prisioneiros de guerra espanhóis e um famoso patife desta região, chamado Francisco Garcia. Ele roubou o Auditor José Luís, do Primeiro Regimento e, ainda por cima, planejou matá-lo.** Na última sumaca **seguem também livros e papéis encontrados no gabinete do Coronel Molina, que me deixou um tesouro, esquecendo duas cartas topográficas do terreno que vai do Rio Grande ao Chuí, entre o Sangradouro, a Lagoa Mirim e o mar. Elas foram levantadas cuidadosamente e me servem de guia (104).**

Avisado da chegada do Major Patrício (105) com 200 dragões

que mandei alojar nos quartéis feitos pelos espanhóis perto do Povo Novo de Torotama, lá fui, dia 25, para vê-los. Encontrei homens muito bem feitos, mas mal vestidos. Muitos deles sem botas. Os cavalos, davam pena ver de tão magros e feridos. Ainda me asseguraram que foram escolhidos entre todos os de Rio Pardo. Devido à expedição de Santa Tecla, toda a cavallhada do Continente estava arruinada. Era necessário lhes dar repouso, para que as forças lhes voltassem. E, aos homens, tempo para reparar as armas. Encontrei no vilarejo com que alimentar os homens, e nos arredores, bastante e boa pastagem.

Tinha por objetivo, nesta mesma viagem, examinar as pastagens do Sangradouro Mirim (que os espanhóis chamam Rio de São Gonçalo Gazu) e ver os estabelecimentos novos feitos por eles. Estes não querendo que os portugueses morassem próximo à Vila, nem perto do rio, os fizeram sair de suas cabanas e os estabeleceram: (106).

- a maior parte, no Rincão de Torotama, onde fundaram o Povo Novo;

- uma outra parte, ao longo do grande caminho que vai da Vila ao Arroio Taím, e que se chama os Paulistas, devido ao nome do principal colono deste lugar, antes da invasão;

- uma terceira parte, porém menor, perto do Saco da Mangueira;

- por fim os carreiros, cujo estabelecimento começa a uma légua da Vila.

O vilarejo de Povo Novo é muito bem assentado, suas ruas bem largas, as casas (ou cabanas) vizinhas, sem embaraçar-se, uma bela praça no meio e uma segunda praça para a igreja. Quanto às terras que pertencem ao Rei, não haverá dificuldade. Mas não sei o que será das outras que pertencem a pessoas que se retiraram por ocasião da invasão e voltam agora a reclamar seus bens, nos quais se encontram novos colonos.

Uma coisa que me surpreende (em vista das despesas feitas para a conservação desta região) é não ouvir falar de nenhum direito ou tributo que estes camponeses tenham pago

ao Rei Católico. Eles eram obrigados a trabalhar, de tempos em tempos. Mas o produto de suas terras lhes foi pago a bom preço. O vigário recebe o dízimo, mas o Coronel Molina não tolerava que os humilhassem (107).

Entretanto, embora os espanhóis não lhes tenham tirado as vacas de leite, nem os bezerros, nem os porcos, nem seu trigo, estes pobres aldeões, não tendo nem bois, nem cavalos, nem mulas, nem carretas, nem homens, têm pouca utilidade no presente. Não se vêem senão velhos, mulheres, crianças ou doentes de varíola, que foi epidêmica neste lado do rio.

Encontrava-me no Povo Novo, quando me participaram da Vila que a pequena sumaca espanhola La Colondrina, que escapara a 1º de abril, se encontrava em perigo perto da margem, em frente ao Estreito, sem víveres e sem âncora. O comandante tinha enviado o capelão e alguns marinheiros em sua chalupa pedir socorro. Voltei logo à Vila, para assegurar a captura. Mas a guarnição, amotinada, por se ver na necessidade de comer couro, havia metido a sumaca sobre um banco de areia e se salvara em terra. Mandeí o Major Rondon para socorrer aqueles infelizes e os trazer, prisioneiros, pois haviam combatido contra nós aqui. Eram ao todo 64 praças.

Na corveta **Vitória**, que partiu a 7 deste mês, chegaram 34 deles a essa capital. Devo, neste ponto, fazer justiça ao **Capitão-Tenente José Correa**, que a comanda. Ele é um dos brilhantes oficiais do mar que conheço.

A 30 de abril, recebi ordem de Vossa Excelência para suspender as hostilidades. Fiquei bastante satisfeito por não terem chegado um mês antes.

Embora os cavalos da Companhia de Guardas não estejam ainda completamente restabelecidos, a eles juntei outros. Mandeí o Capitão Camillo ao arroio de Bajeta para lá estabelecer um posto. E o farei voltar com os granadeiros do Regimento de Dragões. Neste momento, ele só tem 30 dos seus. O Tenente Francisco Pereira está destacado com o restante, tendo estabelecido postos avançados numa e noutra margem.

Em conformidade com as ordens, escrevi ao Governador de Buenos Aires para comunicá-las a ele, dia 9. O Capitão José Carneiro levou a carta a Santa Teresa (108).

Recebi, neste mesmo dia, a agradável notícia da chegada do gado dos fornecedores ao Sangradouro Mirim (Canal São Gonçalo), **o que me livrou de uma grande inquietação, pois o gado não quer passar a nado como fazem os bois das carretas. Estes passam ainda que com um pouco de dificuldade. Os outros vão se deixando conduzir. Metem-se em desordem e a maior parte se afoga, preciso pois mandar vir a carne do outro lado. Nos dia em que sopra o vento oeste, ficamos sem comer carne.** Os negociantes de Porto Alegre pediram-me permissão para passarem as sumacas que vêm do Rio de Janeiro por conta deles, ou de outros lugares, para Porto Alegre. Autorização que só Vossa Excelência lhes pode dar, porque a navegação dos rios pertence ao Soberano, que a cede a particulares estipulando os direitos que devem pagar.

O Rei tem aqui barcas muito mais apropriadas para esta navegação. **As jangadas são o que há de melhor para atravessar pessoas e para ir a todos os lugares, tendo em vista a pequena profundidade que se encontra neste rio. Quando mandei fazer a primeira, o pessoal riu-se à socapa. Logo em seguida, aplaudiram o desempenho dela (109).**

Já não chegam mais desertores, nem condutores de carretas que os espanhóis conduziram à força.

Vendo o pouco efeito que produz o aumento da pólvora nas cargas de canhão, mandei refazer os cartuchos e diminuir a carga a um terço, como antes. O Major Roberto Rodrigues está cuidando disso.

Encarreguei o Major Manoel Soares Coimbra de levantar, conforme puder, as plantas dos fortes espanhóis porque não existe aqui oficial engenheiro que o possa fazer. O Capitão Montanha continua trabalhando no Forte da Barra. **O Marechal Funck, indisposto, pede que eu solicite à Vossa Excelência permissão para retirar-se, conforme o bilhete de seu próprio punho, anexo.**

Ficaria agradecido se Vossa Excelência o favorecesse. O Sr. Betâmio terminou o inventário, que remeto a V. Exa., do que se encontrou nas baterias por nossos granadeiros. **Espero que Vossa Excelência se digne determinar o prêmio que essa brava gente receberá (110).**

Anexo, ao mesmo tempo, as listas de artilharia, da munição, das armas, dos víveres, das lojas, como também das bagagens de marinha que os espanhóis deixaram aqui e que salvamos de seus navios e da sumaca Andorinha, naufragada próximo ao Estreito (Colondrina).

Pronto para fechar a presente, recebo a carta de Vossa Excelência, (de 22 de abril. Ela me cumula de satisfação e me confunde pelas demonstrações de benevolência por mim e meus camaradas, que por isso testemunharam o mais vivo reconhecimento. Considerar-me-ia feliz se me fosse permitido fazê-lo, dentro em pouco, de viva voz. Esperando, lenho a honra de...

Vila de São Pedro do Rio Grande, 10 de maio de 1776.

Através da confusão de cumprimentos contidos nesta carta, se nota a malícia e a intenção de vilipendiar esta ação; o Vice-Rei dizendo que esperava, dentro em pouco, minhas notícias de Santa Teresa.

A 16, mandei o Major Patrício deslocar-se com 2 Companhias para o Arroio de Taím, juntar-se ao Segundo-Tenente Joaquim de Sousa e assumir o comando daquele posto.

O Tenente Francisco Pereira, tendo-se desincumbido da missão de reunir o gado dos espanhóis reuniu-se com o restante dos Dragões do Rio de Janeiro ao Capitão Camillo. Mandeí fornecê-lhe dois cavalos por homem.

Encontra-se aqui o Mestre José Barbosa, do Sacramento, para efetuar a sondagem e examinar o Sangradouro de Mirim de um extremo a outro (111).

Os reparos a fazer nas armas aumentaram consideravelmente desde a chegada dos Dragões e com as armas encontradas nos armazéns, bem como as dos desertores. Exigem cuidado

especial. Decidi estabelecer uma casa onde se pudesse reunir todos os armeiros dos regimentos de Infantaria e aí trabalharem, porque em seus corpos-de-tropas eles produzem pouco mais que nada. Havia escolhido o Capitão Manoel Rodrigues Silvano para dirigi-los. Ao mesmo tempo, pus sob suas ordens todos os condenados a ferros para trabalharem onde poderiam ser úteis. Encontrei nele o talento apropriado para tal tarefa.

Estava com obras por toda a parte. **O grande depósito de farinha ameaça ruir.** O Capitão Manoel da Cunha dirigia os concertos dos reparos de Artilharia. **As forjas deram bastante trabalho (112).**

O Capitão Lourenço Caetano cuidou do carvão e do corte da madeira, tanto para a guarnição como para os outros habitantes, assim como para as construções. Foi também encarregado do concerto da ponte que aqui serve para a descarga. Foi necessário pranchear quase toda a ponte.

A 18, fui até o arroio de Taím para examinar o posto do Major Patrício José da Câmara e para lá regular tudo. **Analisei o terreno de acordo com as cartas geográficas do Coronel Molina e as achei boas em sua espécie. Não se encontra, após afastar-se a 6 léguas desta Vila, nem casa nem vestígio de cultura em 50 léguas de caminho até o Chuí.**

Como os pobres Dragões me davam pena, mandei fornecer-lhes tendas, coberturas, alguns ponchos, um pouco de aguardente, feijão e sal, sem que isso custasse muito.

Mandei o Brigadeiro Chichorro examinar o posto de Capitão Camillo, perto do arroio de Baijeta; e, ao mesmo tempo, a região, indo e voltando por estradas diferentes. A Companhia de Granadeiros do Regimento de Dragões deveria acompanhá-lo e ficar junto do Capitão Camilio, ao seu comando.

Aconteceu ao brigadeiro ainda pior. Após haver passado o arroio a 2 léguas daqui, não encontrou vestígio humano sobre todo o caminho até o posto do Capitão Camilio, nem em sua volta, de lá até a Mangueira. Enviei para a o Forte da Barra, cujo paiol se encontrava pronto, pólvora para 100 tiros por peça. Os ventos

de oeste destruíram, no fim do mês, os Fortes da Fronteira e do Patrão-Mor. Causaram muitos danos ao Lagamar e ao Forte da Conceição (113).

A 26 e 27, nada de carne.

Mandei preparar os destacamentos do Regimento de Estremoz, que deviam estar prontos para marchar à primeira ordem.

Chegou uma patrulha espanhola ao posto de Camillo com um salvo-conduto do Coronel Molina. Mandei avisá-los que jamais voltassem, pois seriam tratados como espíões. Escrevi de lá ao Coronel Molina.

A 8, determinei ao Brigadeiro Chichorro deslocar-se com seu Regimento para o Povo Novo, alojar a tropa nos quartéis feitos e deixados pelos espanhóis. Ao mesmo tempo, devia ajudar-me a governar e policiar o vilarejo.

NB - Como me vi por esta carta do Marquês Vice-Rei encarregado do Governo Civil e Político desta nova conquista, até ordem do Rei, **é preciso evitar as emboscadas e mais, armar-se para a defesa (114).**

Carta 20, de 10 de junho de 1776

Senhor

Duas cartas tenho a honra de apresentar à Vossa Excelência no original: **a primeira é uma resposta do General Vertyz à minha. A segunda é do Comandante de Santa Teresa, onde (conforme depoimento de desertores) se encontram 1.000 homens, e no forte, 14 peças de Artilharia de grosso calibre. O Capitão José Carneiro me disse que lá se trabalha para melhorar as construções, o que os desertores confirmam.**

Ninguém poderia ser mais sensível que eu à generosa confiança que Vossa Excelência dignou-se depositar em mim. E disso sou digno, ousou dizê-lo, por meu coração. Mas reconheço-me incapaz de a ela satisfazer por falta de luzes e habilidade de enfeitar a verdade, cuja nudez desagrada. **Assim, ao homem honesto que ousa**

levantar sua voz contra a de tantos adutores ou ignorantes, se torna desagradável e perde seu crédito. Entretanto, Senhor, espero que Vossa Excelência será um dia convencido de que tudo o que tenho tido a honra de lhe dizer, em relação a este Continente, suas forças interiores, suas “magníficas” fortalezas, suas tropas é a exata expressão da verdade. Que ainda hoje, não tendo dispensado ninguém, não estou em condições de poder marchar com alguns batalhões, ou um pequeno trem de Artilharia conveniente, para Santa Teresa **porque não se encontra em todo este Continente a quantidade de carretas, de bois, de víveres necessários para uma expedição nesta região deserta, onde se deve levar consigo todos os víveres e munição, sobretudo barracas. Acrescente a isto que não considere que o Marechal Funck, estando continuamente indisposto, é incapaz de me ajudar na mínima coisa. O Capitão Montanha tem boa vontade, mas falta-lhe a prática. Nunca viu abrir uma trincheira.**

Mandei afixar na igreja daqui o Edital anexo, em nome de Vossa Excelência. **Várias pessoas já se apresentaram, reclamando suas antigas posses. Outras têm solicitado terras para aqui se estabelecerem; mas estando domiciliadas do outro lado do rio e lá tendo suas barracas, pareceu-me impróprio despovoar a região de um lado, para ter colonos do outro.** Compete à Vossa Excelência decidir (115).

Sobre este assunto, há tantas considerações a fazer, que julgo absolutamente necessário seja nomeada uma Comissão imparcial, para examinar todo este Continente e determinar as coisas do maior interesse para a Coroa e o lugar de residência.

Obedeço, por enquanto, às ordens de Vossa Excelência tratando, tanto quanto posso, de prevenir para que não haja prejuízo aos interesses de Sua Majestade e evitando tomar medidas que logo tenham que ser mudadas (116). O Sr. Betâmio, que Vossa Excelência honra com sua benevolência, serve-me de conselheiro nestes assuntos. **Em minhas pequenas excursões, tenho-o levado sempre comigo, para que ele veja tudo com seus próprios olhos.**

Em meados do mês passado fui ao arroio de Taím, para lá

estabelecer o Major Patrício José da Câmara, com 200 Dragões. **Passei pelo caminho grande das carretas, pelo qual o Coronel Molina fazia vir de Montevidéu e de Maldonado os víveres para as tropas e a Artilharia com suas munições, e que, por ele próprio, retirou-se.** Ultrapassados os Paulistas, a cerca de 6 léguas desta Vila, não encontrei mais sinal de cultura até o Taím. **Nenhum animal além dos cavalos selvagens e sinais de tigres que já nos têm feito bastante mal (117).**

Mandei o Brigadeiro Chichorro com a Companhia de Granadeiros dos Dragões, ao arroio do Baijeta, para examinar e reforçar o posto do Capitão Camillo. **Ele informou que indo pelo Albardão de Juana Maria e voltando pelo caminho da praia, encontrou, desde o Forte do Arroio até a Mangueira, na sua volta, terras ainda mais agrestes e sem sinais de algum dia terem sido habitadas. Baseado na narrativa do brigadeiro, resolvi estabelecer o posto principal do Capitão Camillo no Albardão de Juana Maria, por onde passou a coluna dos espanhóis que se retirava do Forte da Barra e arredores. Fazendo de lá a guarda do passo do arroio de Baijeta. Esperava que eu lá pudesse ir vê-lo (anexo a narrativa do brigadeiro — omitida).**

Pelas informações que obtive, poucos colonos que faltam aqui foram levados à força. Foi o interesse que os levou a abandonar suas casas, levando tudo o que pudessem.

Como o vilarejo de Tororama, ou Povo Novo, tem certa importância e é o mais populoso, coloquei nos quartéis próximo a ele o Regimento de Estremoz e encarreguei o brigadeiro do policiamento e do governo.

Diminuí, ao mesmo tempo, o número de tropas nesta Vila, onde há muita dificuldade de provê-las. **A madeira é tirada, com bastante sacrifício, da Ilha dos Marinheiros.** E é preciso utilizá-la para manter as construções.

O fornecimento de carne não era menos difícil e sacrificado (embora os espanhóis tenham deixado bastante barcos e botes que já estão consertados). Soprando ventos de oeste ou de leste, era preciso passar por ela. **Mas esta dificuldade acabou, graças a**

Deus, pois no fim do mês passado chegou gado dos fornecedores, pelo Sangradouro de Mirim (118).

Mandei examinar e fazer a sondagem deste Sangradouro pelo Mestre José Barbosa. Ele encontrou grandes dificuldades, tanto à sua entrada aqui como à saída na Lagoa Mirim, por não haver lá mais de 3 pés de profundidade, embora no meio haja calado até para um navio de guerra. Os espanhóis não o utilizaram. Existem aqui marinheiros que nele navegaram, no tempo do Conde de Bobadela, vindos do arroio do Forte de São Miguel, descarregando e navegando duas vezes (119).

Mandei, também, executar a sondagem do rio principal, o que leva tempo.

O Forte de São José da Barra se encontra em melhor estado de defesa do que já esteve em outro tempo, por causa das pequenas modificações feitas e do talude que mandei acrescentar-lhe. Um adequado paiol para a pólvora, feito de tijolos, coberto de telhas e forrado de madeira já está pronto. Trabalha-se para construir quartéis para uma guarnição de 200 homens. O forte está equipado com muito boa artilharia, com 100 tiros por peça, do mesmo modo que a bateria do Lagamar que lhe fica fronteira. Assim, o rio parece bem defendido!

As últimas tempestades arruinaram totalmente os Fortes do Patrão- Mor e da Fronteira, que nunca valeram grande coisa. Não os mandei reedificar sem ordem expressa, nem trabalhar na conservação dos fortes espanhóis da praia, que só servem para cansar as tropas e causar despesas, que já sem isso, vão aumentando, em vista dos reparos indispensáveis.

Se Vossa Excelência mandar, posso remeter-lhe a artilharia supérflua ou a que lhe agrada escolher, como também o que pertence à Marinha, sem serventia aqui. Estas belas antenas... Todas estas caixas atrapalham, por falta de lugar seguro para guardá-las.

A fragata **Graça Divina** é pouco apropriada para este rio. Não pode entrar ou sair, senão com muita dificuldade. **A Invencível, a Sacramento e a São José são boas.** Esta última faz sua segunda viagem a Porto Alegre (120).

Tinha-me esquecido de pedir as ordens de Vossa Excelência quanto às bandeiras espanholas tomadas às baterias e tiradas de seus navios naufragados. Mandei-as guardar nesta Igreja (121).

Os senhores marujos são difíceis de contestar. Pedem coisas que só lhes poderiam ser fornecidas em Lisboa. Seus especialistas não gostam de trabalhar em terra, sem terem pagamento extra.

As últimas tropas de São Paulo acabam de chegar a este Continente. Anexo a carta do Governador José Marcelino, a fim de que Vossa Excelência faça ideia do estado da Cavalaria, sem cavalos, sem armas, sem dinheiro, sem cabeça e sem pés.

Conjuro Vossa Excelência a dizer-me seriamente, se crê que com tais tropas se pode guerrear. Estou convencido que a ausência de tantos homens trará mais prejuízo à Capitania de São Paulo do que vantagem, se é que se pode tê-la com sua presença aqui (122).

Quando recebi cartas sobre a evacuação de Santa Tecla, não tinha tempo nem para copiá-las. Por isso, as envio no original. Como elas continham acusações de alguns oficiais de Dragões, remeto também o extrato de uma carta do Brigadeiro Roncaly, (123) sobre o mesmo assunto, para que Vossa Excelência possa julgar o caso.

Há poucos dias, chegou ao posto do Capitão Camillo um oficial e alguns soldados espanhóis, com um passaporte do Coronel Molina. A este escrevi a carta anexa e mandei ameaçar o oficial de considerá-lo espião se voltasse outra vez deste modo.

As tropas do Rei se comportaram bem, graças a Deus, não obstante o grande frio deste inverno, que justifica bem as capas.

Volto a meus importunos pedidos, que Vossa Excelência não me deixe abandonado nesta região.

Ficarei satisfeito de todos os meus trabalhos, se Vossa Excelência aprovar o que faço. Nada me é difícil quando se trata de lhe mostrar minha devoção e o profundo respeito com que...

Vila de São Pedro, 10 de junho de 1776.

Eu havia encarregado o Brigadeiro Chichorro de fazer

o recenseamento dos habitantes do Povo Novo e uma lista de suas mulheres, crianças, cavalos..., presentes e dos que se haviam retirado ou tinham sido levados pelos espanhóis.

Encarreguei o Major Roberto Rodrigues de fazer a mesma coisa com os Paulistas. O Ajudante Manoel Marques, com os colonos de Mangueira. O Tenente-Coronel Joaquim José Ribeiro, com os carreiros. Deviam declarar na mesma lista os nomes e qualificações dos que abandonaram suas casas, que passam ao Rei, assim como suas terras (124). No mês de junho, chegaram de Santa Teresa 17 desertores (10 soldados e 7 índios).

Como o General Antônio Carlos me enviou 12 barris de cal e 3.652 tijolos, determinei ao arquiteto Joaquim José Vieira que fizesse uma reforma completa e segura no grande armazém de farinha, pois os espanhóis haviam negligenciado a tal ponto que estava preste a cair, embora tenha sido construído solidamente com tijolos e cobertura de telhas, antes da invasão, podendo estocar cerca de 18 mil alqueires de farinha (125).

Recebi aviso do Sr. Antônio Carlos sobre a chegada dos panos para os uniformes novos dos três Regimentos da Europa. Perguntei aos comandantes se queriam recebê-los, podendo, logo, confeccionar os uniformes, pois não se podia guardar a fazenda nos armazéns que estavam infestados de ratos. O Brigadeiro Chichorro, em carta de 6 de julho, me respondeu que não os poderia confeccionar. O Major Nóbrega também pediu que aguardassem, pela mesma razão. O Coronel Veiga Cabral pediu os do seu Regimento.

Carta 21, de 29 de julho de 1776

Senhor

Desde o recebimento da carta com que Vossa Excelência me honrou, a 22 de abril, somente recebi notícias dos 4 navios despachados. Envaideci-me porque a respeito de vários assuntos contidos em minhas cartas escritas deste quartel, Vossa Excelência dignou-se dar-me suas instruções para prevenir erros; mas como

não foram todos solucionados, volto a repeti-los.

Solicitei a decisão de Vossa Excelência a respeito dos fortes abandonados pelos espanhóis, que devo conservar e permissão para arrasar os que julgo supérfluos e prejudiciais.

Pedi permissão para distribuir, pelos Regimentos de Infantaria, cerca de dois mil pares de calçados encontrados nestes armazéns.

Desejo saber se a navegação neste rio e lagoa, desde a entrada até Porto Alegre, deve permanecer restrita ao Rei ou se qualquer um pode aí navegar e ter barcos a seu bel-prazer.

Perguntei à Vossa Excelência se os habitantes do vilarejo de Tororetama ou Povo Novo, devem ficar reunidos ou se devem ser dispersados, como estavam antes da invasão. Igualmente, se as pessoas que abandonaram suas terras, nessa mesma ocasião, devem ser readmitidas em sua posse, mesmo quando se estabeleceram em outro lugar, ou quando receberam datas de terra em forma de indenização.

Vossa Excelência queira considerar que não se poderá repovoar esta parte sem prejuízo de Viamão e Porto Alegre. Se os antigos proprietários das casas desta Vila para cá voltarem, aqueles dois povoados se despovoarão em benefício desta Vila. Basta o retorno da Câmara e Provedoria.

Estou interessado em saber se Vossa Excelência aprova o dispositivo das tropas e o mais que tenho feito, ou se devo mudá-lo. Estabeleci uma padaria por conta do Rei, que fornece ao hospital, vendendo-se o restante do pão ao povo. As farinhas deixadas pelos espanhóis são utilizadas desta maneira (126).

Dois barcos de travessia servem para manter a comunicação com o outro lado do rio. Os passageiros pagam 40 réis por cabeça.

Há escassez de madeira, que os particulares têm necessidade para cozinhar e para o conserto de suas casas. Os camponeses não podem conduzir a madeira para cá por falta de bois e carretas. Isto me obrigou a aumentar o número de soldados que a cortam na Ilha dos Marinheiros, para que o povo miúdo possa ser atendido sem que o Rei perca com isso.

Fomos felizes na fabricação de tijolos. Mas não aconteceu o mesmo com as telhas. Contudo, poderão no-las enviar de Porto Alegre, se quiser.

Nas diferentes ocupações, trabalham mais de 100 homens. Emprego nisso, tanto quanto possível, os soldados do Batalhão de Roberto Rodrigues, a fim de que após a partida das tropas vindas comigo, fique aqui gente afeita a tudo (127).

Faço trabalhar no Forte de São José da Barra, de acordo com que a estação permite. Embora a obra não se desenvolva como eu gostaria, tenho, ao menos, a consolação de constatar que as tempestades não lhe causam mal como do outro lado do rio. No mês passado, com o mar subindo com vento sudoeste até onde me parecia impossível que chegasse, tive o desprazer de vê-lo derrubar uma quina da obra do Lagamar que, pela segunda vez, transformei em simples bateria.

É incrível, para quem não o vê com seus próprios olhos, que o mar possa fazer os estragos que se observa do outro lado. **E as mudanças! Palavra de honra, tive dificuldade de reconhecer o terreno e quase o Lagamar.**

A ponte do molhe, sem o qual eu não poderia ficar, estava podre e impraticável; foi necessário reforçá-la e cobri-la totalmente com novas pranchas (128).

Uma casa que pertence ao Rei e todos os armazéns se encontram em péssimas condições. Eu não poderia deixar de os reparar, para prevenir uma possível perda dos bens que neles se guardam. Creio mesmo que já estariam reparados se a cal não tardasse tanto a chegar da Ilha de Santa Catarina. É preciso consertar as embarcações que os espanhóis puseram a pique, antes que se acabem.

Há muitas rodas, reparos de peças, armas de Infantaria e de Cavalaria por consertar. Equipamentos dos regimentos e suas ferramentas estão arruinados. Tudo isso ocupa muita gente e causa despesas. Tremi, no mês passado, quando verifiquei o saldo existente em caixa.

A manutenção das fragatas e suas contínuas reparações

também causam grande despesa. É preciso fornecer-lhes candeias com óleo de baleia, sal, arroz, vinagre, óleo de oliva... Nada disso se encontra nos armazéns do Rei. É preciso adquiri-los com os negociantes.

De Porto Alegre me escrevem que as remessas de dinheiro do Rio de Janeiro, após a chegada dos Voluntários de São Paulo, não são maiores que anteriormente. Veja, Senhor, se isto não me deve inquietar! Além do mais, o dinheiro, passando por Porto Alegre, lá se pagam primeiro os ordenados civis, os soldos atrasados e os índios. E mandam para cá o que querem. As despesas de hospital com os espanhóis prisioneiros, feridos e desertores, assim como os feridos e doentes das fragatas aumentaram consideravelmente.

Mas uns e outros já se acham curados, ou, ao menos, em estado de resistir ao transporte. Como se perde demasiado tempo em os mandar a essa Capital, em sumacas, resolvi enviá-los para aí, nesta estação favorável, com o Comandante Hardcastle, na fragata Graça Divina. Ela é um fardo demasiado grande e de pouca utilidade aqui.

Pelas contas do hospital e da caixa, Vossa Excelência verá que mandei dar aos prisioneiros espanhóis soldo e tratamento igual ao de nossos soldados, seguindo as instruções. Aos desertores, era costume pagar-se o valor das armas, barcos... que traziam. Tenho mantido o mesmo estado de coisa, quando me pedem dinheiro (129). Uns e outros se têm conduzido muito bem, sobretudo os oficiais. Mandei devolver ao Capitão D. Felix Yriarte sua patente, que ele obrigou-me a apresentar à Vossa Excelência ou a suas ordens. O Coronel Molina remeteu para cá, há três semanas, 500 pesos para este oficial e 150 para o Cadete D. Francisco Xavier de Rayna. Não vi nenhum inconveniente em liberar-lhes este dinheiro. Faço embarcar na mesma fragata outras pessoas, tanto incuráveis quanto inválidos, mencionados em lista separada. Coloquei o Capitão Figueiredo, do Regimento de Lagos, adido ao Regimento de Estremoz, a bordo de fragata, no fim do mês de março, por não se encontrar lá nenhum oficial de Artilharia; segue,

também, a pedido do comandante, o brigadeiro, não havendo necessidade disso. **Segue, ao mesmo tempo, o restante da Esquadra que aqui entrou a 19 de fevereiro passado. Eu ficarei um pouco aliviado.**

A sumaca do Mestre Antonio da Costa Pinto deve acompanhar a, fragata para ajudá-la a passar pelo banco de areia.

O Capitão Hardcastle pode dar à Vossa Excelência informações sobre a navegação neste rio, as dificuldades na entrada, as mudanças da corrente, o pequeno calado, as tempestades, a inconstância do tempo, como também do Lagamar. Este oficial teve a oportunidade de fazer suas observações em todas as estações. Considero-o um bom marinheiro piloto. Ele tem bom coração e honra. É mesmo um bom subalterno. Mas é difícil ser subalterno dele porque é muito cioso de sua autoridade e desconfiado. Quanto a mim, tive a oportunidade de ficar satisfeito com sua conduta. E é dever meu apresentá-lo à Vossa Excelência.

Nossa tropas se comportaram bem - Deus seja louvado - apesar da pouca comodidade que pude oferecer-lhes, sobretudo à Cavalaria. O Capitão Camilo honra seu posto. Restabeleceu-se de um ferimento que teve no pé, querendo montar um cavalo selvagem. O fardamento dessa bela tropa está bastante gasto.

Os três Regimentos da Europa têm, também, necessidade de serem vestidos. Eu teria feito vir a fazenda... da Ilha de Santa Catarina se viesse a possibilidade de confeccionar tantos uniformes numa região onde não há alfaiates, nem se pôde acabar as camisas que o Regimento de Moura tem a felicidade de receber feitas. **Todos os alfaiates que temos trabalham, há alguns meses, para o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, que se encontra quase nu, sem poder acabar seu novo uniforme.**

Se os homens resistem, de um modo ou de outro, ao frio extremamente sensível deste inverno, os pobres animais, tantos bois quanto cavalos se encontram reduzidos à agonia. Tanto que mal conseguem mover-se, não tendo abrigos nem pastos e se o tempo não melhorar, teremos uma grande perda. **Os tigres já nos**

causam tanta perda, que pedi Laçadores ao Governador José Marcelino (130).

As participações do Rio Pardo e do Tabatingá não são mais animadoras que as precedentes. **A varíola atacou também a Cavalaria dos Voluntários de São Paulo, cuja Infantaria se acha em triste estado, com os convalescentes sem poder retomar as forças. Soldados do Regimento de Santos também começam a desertar.** Mas não quero estender-me sobre assuntos tão pouco agradáveis.

Dos postos avançados do Major Rafael foram enviados ao Rio Pardo 300 cavalos, conduzidos por um espanhol chamado Mariano Ruivo (131).

O Governador José Marcelino pede-me opinião. **Deve comprar ou castigar os condutores?** Enviei-lhe as ordens de Vossa Excelência relativas à suspensão de hostilidades, que não são contrárias a outras particulares ou posteriores que ele possa ter recebido, sem que eu o saiba. **Ele é quem deve saber como governador.**

Em minha posição, nada mudou. Os postos avançados do Coronel Molina, comandante de Santa Teresa, vão atravessar o rio ou arroio Chuí.

Os desertores, que vêm de lá, se queixam da falta de carne e de madeira. Que os soldados as devem procurar a 8 léguas de distância. E, que os fazem trabalhar nas fortificações. Lá corre a notícia renovada de que dois Regimentos da Europa são esperados em Montevidéu. Está em andamento lá, diz-se, o Conselho de Guerra dos oficiais comandantes dos fortes abandonados, como também o do Coronel Texada que está preso.

Quanto à solução dos problemas daqui, não é possível levá-los avante sem saber a vontade de Vossa Excelência **e sem ter dinheiro. Este já me faltou duas vezes. Foi preciso pedir emprestado. Entretanto, posso garantir que economizo tanto quanto possível. Anteontem chegou o Segundo-Tenente Diogo Manuel, do Regimento de Estremoz, com o pagamento do mês.**

Para dar à Vossa Excelência (tanto quanto posso) uma ideia de nossas forças deste lado do rio, existentes nos quatro vilarejos, junto as relações delas, chego ao detalhe do que se encontra aqui atualmente e do que se perdeu. O habitante mais afastado mora a menos de seis léguas da margem sul do rio. A maior parte mora a menos de duas. **Além destes limites tudo é deserto. Para bem povoar esta região, bastante fértil, será necessário, todavia, que venham novos colonos das ilhas.**

O Marechal Funck continua a sofrer com o vento e o frio. Vossa Excelência não se dignou responder ao seu pedido de voltar para a Europa, nem às minhas propostas de confiar a Companhia de Granadeiros do Regimento de Bragança ao Capitão João de Barros e o lugar de ajudante ao Tenente Manoel Antonio. Também, sobre o fato de se dar algo aos granadeiros que tomaram os Fortes de Trindade e do Mosquito, cujo inventário remeti a 10 de maio.

Se eu soubesse a causa de esquecimento tão marcante e tão prejudicial, creio que poderia provar não tê-lo merecido voluntariamente.

Mandei colocar a bordo da fragata alguns livros e papéis que foram achados aqui. Eles não têm valor algum, mas não quis guardá-los porque poderiam imaginar que valem alguma coisa (132)

Dois carpinteiros e cinco ferreiros dos que Vossa Excelência mandou para trabalhar aqui, já chegaram; porém, em triste estado. Observe suas ordens a respeito deles.

Que me seja permitido recomendar à sua alta proteção e a meus camaradas, todas as tropas do Rei. Elas disso são dignas. Se houve faltas cometidas, não merecem levar a culpa.

Qualquer que seja a razão da frieza de Vossa Excelência comigo, protesto solenemente não a ter atraído, que eu saiba.

Minhas obrigações são muito fortes e o respeito muito profundo, para que possa a eles renunciar um só instante, tenho a honra.

Vila de São Pedro, 29 de julho de 1776.

Na pasta que o Capitão Hardcastle recebeu de minhas mãos

havia: 4 relações dos vilarejos; o estado das tropas; duas cartas da Junta; **dois Conselhos de Guerra**, com uma carta do Tenente-Coronel Henrique José de Figueiredo.

Agosto

Apostila à 2ª via, que foi enviada por terra a 11 de agosto:

O Capitão Hardeastle foi detido pelo vento contrário até ontem, 10 de agosto. Depois, a fragata saiu, felizmente, embora com bastante trabalho.

Recebi, nestes dias, outra carta do governador tratando dos 300 cavalos. Anexo-a aos papéis relativos. **Devo avisar respeitosamente à Vossa Excelência que este oficial tornou-se mais intratável após ter recebido suas ordens, em particular, as que teve a bondade de me comunicar dois parágrafos, para mostrar sua importância.** Não devo cansar Vossa Excelência com particularidades. Nunca teria tocado neste assunto se não previsse consequências desagradáveis no futuro.

Vila de São Pedro, 11 de agosto de 1176.

A 15, chegaram quatro carpinteiros e quatro serralheiros das Minas Gerais, mandados pelo Vice-Rei.

Após a saída do Capitão Hardcastle, o comando passou ao Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos Cassão **(133)** a quem determinei que tivesse sempre prontas para partir duas corvetas armadas, com provisões a bordo para 20 dias. Determinei as primeiras providências para se tirar do fundo a corveta **Matilde**, a nossa chalupa e sondar o rio **(134)**.

Fui ao Albardão de Juana Maria visitar o posto do Capitão Camillo. De lá, ao arroio de Bajjeta, voltando pela praia, passando o arroio de Marisco. Visitei o posto e o Forte São José da Barra. Dormi no acampamento do Coronel Veiga Cabral e voltei à Vila pelo caminho da praia.

Mandei publicar as promoções do Capitão de Dragões José Moraes, do Capitão de Granadeiros João de Barros e do Ajudante Manoel Antônio, estes últimos, do Regimento de Bragança.

Se a lentidão do Vice-Rei em escrever-me surpreende, sua carta de 8 de agosto me deu também o que pensar. **A frieza e o**

modo indireto com que respondeu a meus pedidos, esquivando-se a eles sem os satisfazer, me fez augurar mal para o futuro. Mas resolvi não o levar em conta (135).

Setembro

Carta 22, de 8 de setembro de 1776

Senhor

Vossa Excelência, por sua atenciosa carta de 8 de agosto, que recebi a 1 de setembro, **vem aumentar minha inquietude, já bastante grande, embora minha consciência não me acuse de ter dado causa à menor desconfiança. Vossa Excelência ficará convencido, um dia, de minha obediência a suas ordens e da veracidade do que tenho declarado em toda as minhas cartas. Vossa Excelência me conhece. Senhor! Não sei dissimular. Deveria eu, fingir com V. Exa? Com meu Vice-Rei? Com um cavaleiro ao qual devo favores extraordinários? Morra o monstro capaz de tal hipocrisia e ingratidão!**

Se Vossa Excelência aprova as medidas bastante materiais que tomei, paga-me todos os sacrifícios. Também só isso me poderia consolar. **Não duvidei de que Vossa Excelência deixaria de julgar prisioneira de guerra a guarnição espanhola da Colondrina que, não só havia combatido contra nós poucos dias antes, mas cujo comandante, que chegará na Graça Divina, é suspeito de ter afundado deliberadamente o navio, com a Artilharia, tendo podido entrar aqui.**

Nada mais justo que as reflexões de Vossa Excelência sobre a causa do estado ruinoso da Cavalaria. Com a necessidade de abolir o método seguido até aqui para formar o Regimento de Dragões. Adotar novo planejamento, de sorte que possa estar sempre pronto para o serviço, bem exercitado e montado em bons cavalos mantidos em baias.

Porém, Senhor, creio que não se conseguiria chegar a tal ponto, a menos que se faça uma reforma geral da economia campestre por aqui. Será difícil, e muito, mudar os habitantes

desta região, acostumados a uma vida meio tártara, ao trabalho de domar cavalos e bois e a trabalhar na lavoura. Há numerosos vícios radicais na constituição desta região que se opõem a esta ideia de V. Exma. (ao menos, no presente). As distâncias são grandes. A região é deserta. Nenhuma ajuda a esperar no caminho, nem estrebarias, nem cevada, nem feno, nem palha. Assim, não se poderia deslocar uma tal Cavalaria, igual a nossos regimentos na Europa, de um lugar a outro, sem levar consigo as forragens. Ajunte, Senhor, que há poucos bons cavalos aqui. Pelo menos eu não trocaria um dos velhos cavalos que montei no Rio de Janeiro por todos os que tenho utilizado neste Continente. Parece exagero, mas é a pura verdade! Não se terão nunca bons cavalos nem bons bois aqui, se a gente não quiser ter o trabalho de os prender e domesticar.

Ainda, considere Vossa Excelência, que de algumas centenas de famílias espalhadas por toda esta vasta região, muito poucas vivem do trabalho. E que a maior parte dos animais, às vezes comprados, não podem fornecer subsistência nem aos viajantes europeus. É que não há nos caminhos senão carne de gado para as pessoas e capim dos campos para os cavalos, que eles cortarão com os dentes (136).

O que agradar à Vossa Excelência ordenar, relativamente aos vilarejos tomados pelos espanhóis - e outras terras e propriedades - será cumprido à risca, a fim de que não haja precipitação neste assunto. Nomeei inicialmente uma comissão para examinar os títulos e papéis do bens perdidos pela invasão dos espanhóis, antes que os faça de novo emitir a posse. Tomo a liberdade de anexar cópia.

Nem o Sr. Betâmio, nem Pedro José d'Araújo, que me dá grande ajuda, aceitam a mínima coisa. Só o escrivão recebe pequenos emolumentos, conforme o trabalho. Dependendo da aprovação de Vossa Excelência.

Os habitantes continuarão sujeitos às mesmas leis. E se pagará o dízimo aos cofres do Rei, com o qual as ordens de caridade farão algo por esta região, assistindo os pobres. Entretanto, ela não

retomará sua forma antiga, assim como a Vila, se os proprietários das casas e das terras não retomaram a ela. Isto dificilmente farão, antes que a Câmara e a Provedoria para cá voltem **(137)**.

O provedor será necessário aqui para velar pelos interesses do Rei, nos armazéns. **O comissário José Barbosa tem tão pouca capacidade para isso quanto um cego para a farinha. Assemelha-se aos outros comissários que a Junta nomeou, conforme já várias vezes tenho-me queixado à Vossa Excelência. Se eu confiasse neles, tudo estaria perdido.**

Nossos soldados europeus gostam bastante de plantar e o têm demonstrado. Mas falta quem os empregue.

A opinião de Vossa Excelência sobre as jangadas é tão justa que, sem elas eu teria tido dificuldades para passar o rio. Ficaria encantado de receber mais madeira para fazê-las (138).

Como Vossa Excelência crê na inutilidade de tantos fortes na margem deste rio, mandarei demolir os que se encontram entre a Barra e a Mangueira. Deles retirarei a Artilharia e o que tiver de utilidade. Estou tentado a mandar construir um fortim deste lado da Mangueira, para defender o passo e garantir esta Vila; isto se me restarem materiais.

O Forte de São José da Barra, apesar de seus defeitos, admite uma boa defesa. Espero vê-lo acabado num par de meses.

A respeito da defesa da margem setentrional deste rio, para cobrir a retirada em caso de necessidade, creio me haver explicado bastante sobre as dificuldades. De tantos trabalhos, durante um ano inteiro, só resta à entrada do rio uma bateria de 4 peças de grande calibre. Não estou certo se o mar a deixará lá. **Sobre o Lagamar, não pode mais contar com ele. Sua entrada está fechada pela areia, de sorte que nenhuma sumaca lá pode entrar. Somente pelo rio nos pode vir ajuda de fora. O rio estará perdido logo que se abandonar a margem meridional. Quem quer que se encontre com tropas do outro lado, estará continuamente em risco de ver cortada sua retaguarda e fazer o que o inimigo quiser; o que não o caso daqui da Vila do Rio.**

Se os espanhóis voltarem a nos atacar, é preciso, creio eu,

defender-se aqui ou morrer (139).

O Brigadeiro José Custódio seria muito útil aqui, não só pelo conhecimento que tem da região, como do gênio de seus habitantes. Eles gostam muito dele e seria muito útil para a organização interior desta região reconquistada. Eu ficaria bastante satisfeito com a sua chegada (140). O Marechal Funck, antes de se aproveitar da permissão de Vossa Excelência, quer acabar a carta deste rio, já iniciada.

Os operários que Vossa Excelência mandou são muito úteis, sobretudo os ferreiros. Entre os carpinteiros acham-se poucos que sabem trabalhar em carretas; e há quantidade de rodas... a consertar. **Veio um torneiro muito bom.**

Quanto ao serviço dos Voluntários de São Paulo, sobretudo de Infantaria, creio que nos dois primeiros anos não se obterá nenhum e não vejo maneira de se utilizar essa Cavalaria montada e armada como está. Estou propenso a reenviá-la à Ilha de Santa Catarina para devolvê-la à origem. O Regimento de Santos começa a seguir o bom caminho. Já teria feito vir os granadeiros (se não temesse sua inconstância) para exercitá-los com os nossos (141).

Mandei publicar a promoção, por Vossa Excelência, do Tenente José Moraes a capitão de Dragões e tomei a liberdade de promover o Capitão João de Barros, a capitão de Granadeiros e o Tenente Manoel Antônio, a ajudante do Regimento de Bragança. Um e outro recebendo o soldo, desde que vagassem os postos. Tal me pareceu ser a instrução da carta de Vossa Excelência em favor de José Moraes.

O Senhor Bispo me enviou provisão para o padre vigário de Estreito, que deve assumir o vicariato da igreja daqui, construída por ele.

Tomo a liberdade de remeter à Vossa Excelência a conta do que entrou para os cofres do Rei durante cinco meses. Mas, Senhor, apesar de minhas pequenas economias, o dinheiro falta para tantas despesas correntes, sem falar dos extraordinários. Vossa Excelência mesmo o julgará facilmente. Dispensó-me de repetir o

que declarei em minha carta de 29 de julho.

Minha veneração é sincera; minha afeição, inviolável, e tenho a honra...

Vila de São Pedro, 8 de setembro de 1776.

A 11, chegaram sete carpinteiros e dois ferreiros, enviados do Rio de Janeiro. Comecei a demolir os fortes construídos pelos espanhóis na margem meridional deste rio, por ter o Vice-Rei consentido.

O Major Roberto Rodrigues foi encarregado de retirar deles a artilharia e a munição que serão transportadas para esta Vila. Tudo o que for madeira ainda boa deve ser mandado ao Forte de São da Barra e entregue ao Capitão Montanha. Fui ao Povo Novo e admirei a limpeza e o policiamento que o Brigadeiro Chichorro estabeleceu lá. Examinei a região até o Sangradouro e os postos que eram guarnecidos pelos espanhóis. (142).

Outubro

A 3, chegou do Rio de Janeiro, armamento novo para o Regimento de Dragões. As espadas, velhas. Os fuzis, longos. As pistolas, boas. Veio também o Reverendo padre Luiz de Medeiros para vigário, com permissão de trocar com o outro.

Mandei para o Rio de Janeiro a Artilharia espanhola do Forte de Trindade..., nas sumacas de Manoel da Cunha e de Antônio da Costa Pereira.

Como os proprietários das casas desta Vila não podiam retomar a suas posses, por se encontrarem ocupadas pelas tropas, decidi mandá-los acampar num lugar apropriado, perto do arroio dos Paulistas e mandei erguer um armazém de farinha bem perto de lá (143).

Carta 23, de 24 de outubro de 1776

Senhor

Tudo o que Vossa Excelência me honra em dizer, na sua carta de 14 de agosto, sobre o procedimento do Governador de Buenos Aires, é fundamentado na razão, nos fatos. Estou persuadido de

nada pode ser atribuído à Vossa Excelência e que não pode ser feita a mínima imputação pela qual V. Ex. a tenha de envergonhar-se por minha causa. **As capturas de gado foram feitas de armas na mão, quando mandei atacar os espanhóis em São Martinho e Santa Tecla.** E havia boas razões para o fazer. O resto se defende por si mesmo (144).

Como tenho a felicidade de me encontrar bem no espírito de Vossa Excelência, não temo nenhuma censura, nem trabalho algum me cansa.

Mandei afixar o segundo edital, aqui anexado. **E colocarei em prática todas as instruções relativas ao método de povoar estas terras desertas.** Não duvido de seus bons efeitos, uma vez que ninguém a elas se oponha, por ardis secretos de uma pessoa enraivecida, que ameça apelar ao Rei. **Acredita ter diminuída a sua autoridade. E meteu na cabeça invejar-me, a mim que daria o que me é mais precioso para me ver em presença de Vossa Excelência e bem longe daqui. Atribuo meu erro e minha falta a não ter reconhecido, no passado, que aquela vaidade, que então nos divertia, pudesse ser prejudicial ao serviço e aos interesses do Rei (145).**

Nossos soldados europeus seriam bem apropriados para trabalhar a terra onde falta quem a cultive. Creio mesmo que se encontre entre eles quem para isso se destinaria voluntariamente se estivéssemos seguros da paz. Na incerteza, quem ousará dispensar as tropas? Fora disso, por um só ano, ninguém pode meter-se a plantar. Custa muito engajá-los em fazer hortas.

Mandei embarcar nas sumacas dos Mestres Manoel da Cunha e Antônio da Costa Pereira, que se acham de partida para o Rio de Janeiro, **a Artilharia espanhola do Forte da Trindade, com seus reparos e 150 projéteis, por peça.** Posso continuar a remeter deste material à medida que partam as sumacas daqui.

Não poupo nada para acabar o Forte de São José da Barra e o pôr a coberto de um golpe-de-mão. Do lado do mar, pouco há de temer. Grandes navios não podem entrar. Seria necessária

uma cinquentena dos pequenos, para colocar 1.000 homens em terra e estes não fariam boa figura.

Barcos armados não entram em meu plano de defesa do porto porque me parece que são os navios no mar que podem defendê-lo e não os que encontram ancorados no rio; contudo, pequenas fragatas como a **Invencível, a Sacramento e a Belona** são boas para buscar notícias. Mandeí-as preparar para que possam sair à primeira ordem **(146)**.

Os dois capitães-tenentes comandantes são completamente dignos da alta proteção de Vossa Excelência.

O Governador José Marcelino propõe que se dê às tropas peixe salgado nos dias magros, em lugar da carne que começa a ficar rara. Creio que ficariam bastante contentes, porque a carne que os fornecedores nos entregam é de tal qualidade que não se a toca sem extrema necessidade. **Mas aquele oficial não ponderou que, para isso, é preciso numerosos pescadores, linhas, botes, pescadores entendidos, galpões para secar o peixe e armazéns para depósito. E mais que a pesca aqui é muito incerta.**

Os artesãos e operários que Vossa Excelência teve a bondade de enviar para cá, chegaram todos. Não foi fácil provê-los de instrumentos e ferramentas. Mas eles são de grande utilidade e merecem bem o que o Rei lhes dá, porque há bons mestres entre eles. Coloquei-os adidos à Companhia do Capitão Manoel da Cunha que dirige seus trabalhos **(147)**.

Sensibilizei-me muito com as graças que Vossa Excelência dignou-se dar a alguns oficiais de meu Destacamento, sobretudo aos de Sua Guarda. Espero que V. Exa me perdoará por ter cedido aos pedidos do novo Capitão Francisco Pereira, **que desejava prostrar-se a seus pés, aí escoltando os desertores.**

As propostas para o preenchimento de vagas foram todas atendidas. Por esta razão, não as menciono aqui.

Na sumaca do Mestre João de Sousa Guedes **chegaram 300 carabinas, 300 pistolas... penas, papel... Não tendo lugar para o armamento, nem pedido os outros artigos, mando tudo para Porto Alegre.**

No mesmo navio, chegou o Reverendo padre Luiz de Medeiros, que, com permissão do Senhor Bispo ficará nesta Vila e o Reverendo padre Manoel Francisco da Silva, no Estreito.

O Marechal Funck, tendo obtido permissão de retornar a essa Capital, desistiu. Ele quer acabar a sondagem do rio e espera resposta da Corte.

Como aqui não há quartéis, as tropas estão alojadas em casas arruinadas que os proprietários devem reconstruir ou reparar; como não o pudessem fazer enquanto ocupadas, eu as mandarei evacuar, não deixando senão uma Companhia para a guarda do forte e outra na Vila. Farei deslocar-se os Regimentos de Moura e o Primeiro do Rio Janeiro para um acampamento que escolhi, a três léguas daqui, entre os arroios de Luiz da Rocha e o do Pau. Naquele local há comunicação com a Vila, tanto por mar como por terra. Também os cavalos, os bois e o gado se acham à mão, assim como a lenha. Lá as tropas se acham mais perto dos postos avançados e junto deles estabelecerei meu quartel, logo que o Brigadeiro José Custódio de Sá Faria chegue. Na espera, partilharei meu tempo pelos dois.

Nossos regimentos se comportam bem, graças a Deus. O número de doentes diminui; mas o último recrutamento vindo de Lisboa nos dá desgosto, mesmo com os Conselhos.

Nas primeiras sumacas despachei 6 desertores de Bragança e 4 ladrões do Regimento de Estremoz, uns patifes. O chefe é um certo "Romano". Segue também um negro, escravo, que matou o comerciante José Rodrigues e um mulato muito mau, outrora cozinheiro do Coronel Veiga Cabral, e já exilado daqui, por crime.

Conquanto me seja extremamente desagradável falar de dinheiro, não me poderia dispensar de apresentar de novo a necessidade contínua em que me encontro e de suplicar à Vossa Excelência que queira me dar solução, como também, que ordene àquela Provedoria que envie o que esta lista contém.

Ajunte-se alguma coisa, como Vossa Excelência verá pela conta anexa, ultimamente esquecida. Reconheço que não é grande capital, mais fico contente que todas as despesas que

faço deste lado com a reedificação dos fortes, possam ser pagas.

Após o serviço do Soberano, nada me toca mais o coração que satisfazer os desejos de Vossa Excelência e de fazer brilhar...

Vila de São Pedro, 24 de outubro de 1776.

A 5, mandei deslocar o Regimento de Moura para o acampamento do arroio do Pau, e a 7, o do Rio de Janeiro. Para lá segui a 9, após ter acertado esta Guarnição.

A 11, recebi, na quinta, cartas do Vice-Rei, como também, do Primeiro-Ministro, Marques de Pombal que me escreveu por ordem do Rei. Dei conhecimento às tropas, com a satisfação de Sua Majestade, evas promoções do Brigadeiro Chichorro, Coronel Veiga Cabral e Coronel Rafael Pinto Bandeira.

O novo Marechal Chichorro veio ficar comigo na quinta, a fim de que haja um general no acampamento, nos meus deslocamentos à Vila. (148) Mandei vir os Granadeiros de Estremoz, do Povo Novo, para nos servirem de guarda.

Chegaram ainda armas e missões a cumprir (?)... do Rio Janeiro.

Minha resposta ao Marquês de Pombal, em 21 de novembro de 1776

Senhor

É com a mais respeitosa devoção que recebi os sinais tão distintos e tão poucos merecidos da benevolência Real para conosco, que Vossa Excelência honrou-me em comunicar, e que não demorei em a publicar, da forma ordenada.

Os oficiais que dela participam, unem-se a mim para suplicar à Vossa Excelência que deponha aos pés do Trono nossos protestos do mais profundo reconhecimento pelas graças tão pouco esperadas, que gostaríamos de resgatá-las com a própria vida.

Ouso, Senhor, lembrar à Vossa Excelência **a solicitação que fiz, há quatro anos, para obter minha saída da América, cujo clima, tão favorável à maior parte das pessoas que para cá são mandadas, minou minha saúde com males e incômodos contínuos que me perseguiram, de maneira tal que tenho o corpo e a alma igualmente enfraquecidos. (149).**

Meu dever e a honra me obrigam a confessar à Vossa

Excelência **o que devo esconder às tropas, para não perder sua confiança.** Lhe peço por favor que queira apoiar minha petição em tempo oportuno.

Não saberia alegar em meu favor serviços cujo não-valor conheço. Mas, Senhor, quanto ao zelo sincero pelos interesses de Sua Majestade, **quanto à retidão de caráter, quanto à obediência a suas ordens, quanto ao amor por suas tropas, ousou contar-me entre os primeiros.** E ninguém no mundo tem mais sincera veneração, nem mais profundo respeito pelas eminentes virtudes, ilustre personalidade e caráter elevado de Vossa Excelência, do que eu, que me vanglorio de ser...

Vila de São Pedro do Rio Grande, 21 de novembro de 1776.

Carta 24, de 21 de novembro de 1776

Senhor

Recebi com o mais profundo respeito os sinais tão distintos **com que Sua Majestade dignou-se honrar-me, aprovando minha conduta na ação de 1º de abril e** conferindo a meus estimados companheiros graças, das quais, tenho certeza, eles se tomarão dia a dia mais dignos. **Todas estas distinções ganham maior relevo, por serem comunicadas pelo Senhor Marquês de Pombal e confirmadas por Vossa Excelência, de modo tão envaidecedor.**

Mandei publicar logo, em meu acampamento, toda a Declaração Real, da forma presente, o que causou viva emoção às tropas. Em conformidade com essas mesmas ordens, escrevi ao Coronel Rafael Pinto Bandeira para aqui vir conferenciar comigo sobre os meios de recrutar esta nova Legião e, também, sobre a forma que ele julga conveniente dar-lhe, para a execução das ordens de Sua Majestade. Não deixarei de enviar logo em seguida o plano para a decisão de Vossa Excelência.

Não é por desobediência que não executo as respeitáveis ordens referentes à ocupação do Salto Grande, da Lagoa Curusucuçu e outros passos difíceis, neles mandando construir bons fortins equipados com artilharia de pequeno calibre; fortins que devem ficar abertos na retaguarda, para não servir contra

nós em caso de desgraça. É que não tenho nenhum conhecimento, nem as cartas geográficas trazem o nome de Salto Grande ou de Lagoa Curusucuçu. Entretanto, farei tudo para me informar.

No que concerne às pequenas fortificações que se devem fazer para a segurança do Rio Pardo, Viamão... sinto-me obrigado a enviar para lá o Marechal Funck. Não saberia acrescentar mais nada à defesa da entrada deste posto, pelos motivos que tenho tomado a liberdade de expor em diversas cartas, e que me parece apresentar grandes dificuldades.

No que concerne à praia do mar, Vossa Excelência pode julgar muito bem da impossibilidade de nela impedir seu desembarque, através de fortificações; pois ele se estende perto de sessenta léguas desde nosso Forte de São José da Barra até as terras de João Alves Mourão, ou arroio Chuí. E ainda mais do Lagamar e Guaroupaba. Eu não consideraria mais perigoso um desembarque inimigo nesta última praia, do que entre o Forte de São José e o Chuí. Mas não se pode estar em toda a parte ao mesmo tempo (150).

Vossa Excelência me diz que chegou a seu conhecimento, por carta do Major Patrício, que os espanhóis desertaram, em multidão, de Santa Teresa; e que havia Conselhos de Guerra para os Coronéis Texada e Molina, assim como para outros oficiais que aqui comandam.

Suplico-lhe lembrar-se de minha carta de 29 de julho. Nela tive a honra de lhe participar a notícia corrente da chegada próxima de dois regimentos da Espanha a Montevidéo. E que, em Buenos Aires, o Coronel Texada (151) respondia, com os outros comandantes, a Conselho de Guerra. Do Coronel Molina, não ouvi falar. Ele se encontrava, naquela época, em Santa Teresa, donde partiu, em seguida, para Montevidéo. Disseram-me e, também, por depoimento de outro desertor, remetido pelo Brigadeiro Roncaly, que ele se desloca de Montevidéo para Santa Teresa, com dois regimentos vindos da Espanha, em dois navios. Quanto ao número de desertores, mandei-os todos a essa capital, com exceção de quatro. Dois, casados no Povo Novo. Um carpinteiro

de navio e um carroceiro muito útil. Mas, enviá-los-ei se Vossa Excelência ordenar.

Tenho a honra de lhe apresentar a relação das tropas do Rei que servem neste Continente. Ouso suplicar, ao mesmo tempo que, caso Vossa Excelência não tenha já disposto da vaga de tenente-coronel do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, **dignar-se conferi-la ao Tenente-Coronel de Cavalaria Auxiliar, Joaquim José Ribeiro, com o título de coronel.**

Este oficial tem mérito pessoal. É tão incansável quanto intrépido, escravo do dever e sempre pronto. Devo muito a seus serviços e consideraria esta graça como conferida a mim mesmo.

As tropas se comportam bastante bem. O Primeiro Regimento do Rio de Janeiro apresentou-se a 29 de setembro em seu novo uniforme e a Companhia de Guardas de Vossa Excelência está satisfeita com a chegada do seu. Disponho das barracas para estes quatro Regimentos de Infantaria que têm, também, pás, machados e enxadas completamente novos.

A artilharia de campanha foi reparada, recompletada com que lhe faltava e encontra-se em estado de marcha com toda a sua munição.

Porém, Senhor, devo repetir que é impossível fazê-lo com tão poucas carretas de que disponho. **Só não posso deslocar com dois regimentos de cada vez. Entretanto, Vossa Excelência pode estar seguro de que, se não posso avançar, por falta de meios, sou também incapaz de abandonar este posto, que defenderei até o fim.** O Coronel de Mar MacDouall me escreve dizendo ter necessidade de um barco leve para as comunicações e me pede a **Sacramento**, que V. Excelência remeteu para cá. Mas não o pude atender sem ordem sua. O comandante é José Barbosa, no lugar do Capitão-Tenente Pedro de Marins, que passou, neste mês de fevereiro, para a bordo da **Invencível**.

Minha saúde se encontra, há cinco meses, bastante alterada em consequência de uma queda de cavalo, em princípios de maio último; e dela não pude refazer-me completamente. Não tenho quase montado neste tempo todo, a não ser em caso de

necessidade. Umas alucinações que me dão, fazem-me temer algum acidente. A esperança de me restabelecer e de acabar tudo aqui me impedem de participá-lo a Vossa Excelência. **Mas minha honra e dever me obrigam, presentemente, a declará-lo, embora o esconda da tropa. Minha vida é pouco sacrifício; não tenho motivos para amá-la bastante. Mas não posso prever a duração de minha saúde. Neste instante, anunciam-me a chegada do Coronel Rafael Pinto Bandeira.** Envio a presente para evitar a suspeita de ingratidão. Terei a honra de apresentar à Vossa Excelência o planejamento de nova Legião e do que será necessário para a sua formação, logo que tivermos acordado nisso.

Deixo de remeter mais material de artilharia até que saiba se Vossa Excelência quer que continue a remessa.

Os fortes construídos pelos espanhóis já foram demolidos e recolhidas as munições, conforme minhas cartas precedentes. O que neles se encontrou de aproveitável serve à reedificação do Forte de São José, da Barra que espero ver acabado até o fim do ano.

Minhas obrigações para com Vossa Excelência são infinitas. Minha viva gratidão não poderia nunca igualá-las. Tenho a honra de ser...

Vila de São Pedro, 21 de novembro de 1776.

Percebi, claramente, pela frieza da carta do Primeiro-Ministro para mim e por aquelas escritas ao Vice-Rei, **numa exaltação e louvores excessivos prodigalizados ao novo Coronel Rafael Pinto Bandeira, tão contrários ao que ele mereceu, que haviam chegado a Lisboa narrativas em desacordo com a verdade.** Os documentos originais que remeti ao Vice-Rei, minhas cartas ao Governador José Marcelino, suas respostas e o depoimento de todos os outros oficiais **mostram, com evidência, que, se a opinião do Coronel Rafael Pinto tivesse prevalecido, os espanhóis teriam permanecido em Santa Tecla e nossas tropas se teriam retirado, três dias antes que o comandante capitulasse. Além disso, ele falhou ainda mais no primeiro dia de sua chegada, por não ter atacado o comandante espanhol que cometeu a imprudência**

de sair a campo com a maior parte de sua guarnição, embora o Major Patrício lhe propusesse fazê-lo com os Dragões. Sem falar do modo ridículo como pretendia fazer um ataque geral, arrependendo-se, posteriormente. As negociações entre os dois comandantes e a garantia do Coronel Rafael de que não poria em risco a vida de um só soldado, o emprego que se fez dos dois falcões; enfim, mil outros absurdos que preferi esquecer, porque o governador me pediu, dizendo que esse oficial nos poderia ser útil em outras ocasiões, como constatei por mim mesmo (152).

Fiquei estarecido, vendo as novas instruções do Primeiro-Ministro Marques de Pombal sobre a recapitulação daqueles fortes sobre os Rios Pardo, Jacuí e Camaquã que a imaginação criara sem que eles jamais tenham existido. E mais, se existissem e estivessem completamente prontos, não poderiam nunca fechar a entrada desta região, deste lado. Pereceu-me impossível que tenham ficado embriagados com esta espécie de embustes de José Marcelino e de suas fanfarronadas, pois não deram nenhum crédito às minhas informações do ano passado. Deveriam ter tirado o Ministro de erro, se ele as tivesse recebido ou lido. Mas, tendo acontecido o contrário, não devo omitir nada que possa servir para lhe abrir os olhos e fazê-lo sentir a verdade. Assim, resolvi enviar aos locais o Marechal Funck, para examinar tudo.

Dia 24, recebi cartas do Vice-Rei, de 3 de novembro, segundo as quais desconfiava-se, na Corte, dos desígnios dos espanhóis sobre este Continente. Que se considerava muito necessário cobrir a praia do mar entre o Estreito e a Barra, ou o Lagamar, onde eles tentariam um desembarque. Confesso que isto me parece bastante improvável, ao menos com bom êxito, visto que conheço bem a impetuosidade do mar em toda esta costa, além das dificuldades de nela subsistir depois de realizar com êxito o desembarque. Mas, o Marquês de Pombal a isso se referiu tão positivamente que seria imprudência ou temeridade minha não aceitar suas ideias. Suspendi o estudo do plano para a nova Legião. Mandeí retornar o Coronel Rafael Pinto Bandeira a seu

acampamento, para reunir sua tropa e juntar-se à Companhia de Voluntários de São Paulo, do Capitão Garcia Rodrigues Paes Leme, tendo expedido ordem neste sentido. O coronel devia marchar direto para o Sangradouro Mirim.

Resolvi mandar o Brigadeiro Veiga Cabral, com seu regimento, atravessar o rio. Partindo do Forte de São José da Barra, devia acampar entre a casa chamada de Guarda-Mor e a praia do mar, para guardar este último e ligar-se, em seguida, ao Corpo que será postado no Estreito e no Lagamar.

Recebi carta do Major Patrício. Ele meteu na cabeça que a Corte, que havia exaltado de modo tão extraordinário o Major Rafael Pinto Bandeira, por causa dos acontecimentos de Santa Tecla, devia estar mal informada das verdadeiras circunstâncias. (153).

Recebi um bilhete do Governador de Colônia, sem data, que um espanhol tinha levado ao posto de Encruzilhada (atual Encruzilhada do Sul); ele continha aviso sobre a expedição dos espanhóis, da qual o Sr. Antônio Carlos me havia comunicado a 21 de novembro, como recebida daquele governador.

Mandei o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro deslocar-se do acampamento do arroio do Pau para o Forte de São José da Barra. Ali ocupa os quartéis feitos pelo Regimento de Bragança que atravessou o rio e marchou para seu acampamento no Patrão-Mor, O Tenente-Coronel Nicolau Antônio deslocou-se no mesmo dia do Povo Novo, com as Companhias do Regimento de Estremoz que lá tinham ficado. Veio para o acampamento do arroio do Pau, ocupando as barracas que o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro lá havia deixado.

Mandei o Marechal Funck (que acabava sua planta do rio, levantada com o maior cuidado) para Porto Alegre. Havia inserido na ordem que lhe dei, o parágrafo da carta ministerial onde se falava, em termos magníficos do Brigadeiro Governador José Marcelino, de suas grandes ações e obras de fortificações para a defesa da região. Encarreguei-o de examinar os locais corretos, para dar-me uma informação exata e completa (154).



Carta da vila de Rio Grande e sua ligação através de estrada com o sangradouro da Lagoa do Patos, com o local onde desembarcou em 1737, o Brigadeiro José da Silva Pais.

Carta 25, de 11 de dezembro de 1776

Senhor

Ocupava-me com o Coronel Rafael Pinto Bandeira, na formação do plano de sua nova Legião, quando recebi a carta de Vossa Excelência, de 9 de novembro, com avisos da Corte relativos aos desígnios presuntivos da Esquadra espanhola. Também, sua opinião de que a tropa do citado coronel, aumentada com todos os indivíduos que ele escolhesse, poderia ser da maior utilidade em caso de um desembarque inimigo na praia, entre o Estreito e o Lagamar. Lugar que se deveria considerar da maior importância!

Não hesitei, um só instante, em seguir esta diretiva. Fiz partir o Coronel Rafael para juntar-se à sua tropa, à qual anexei a Companhia de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo, do Capitão Garcia Rodrigues. Escrevi ao Governador José Marcelino

que fizesse deslocar para o Estreito a Companhia Leve de Índios, que o coronel me pedira, e que mandasse ocupar o posto de Encruzilhada por outras tropas daquela repartição, pois eu de lá retirei o Corpo do Coronel Rafael.

A fim de que não me acontecesse algum infortúnio, mandei o Brigadeiro Veiga Cabral atravessar o rio com seu regimento e duas peças de 6 libras, de campanha. Devia estabelecer seu acampamento na terra do Patrão-Mor, velar pelas passagens que lá existem, da praia ao Albardão, e garantir a bateria do Lagamar que mandei formar à toda a pressa.

Tomei as precauções determinadas para a segurança do Continente, do lado do Rio Pardo. Mandei o Marechal Funck aos locais para examinar os fortes e passos mencionados, a fim de que Vossa Excelência possa decidir de acordo com sua informação. Se eu pudesse obter informações do Salto Grande e da lagoa de Curusucuçu, teria destacado o marechal para aquele lado.

Durante estes novos arranjos, o plano de formação da Legião foi posto de lado; mas, retornando o coronel, o retomaremos.

O Governador José Marcelino veio, a 7 deste mês, para me falar, porque eu o havia desejado. Deu-me seu plano para a formação de uma nova Legião e o modelo de uma arma para a infantaria leve, que não é imprópria, embora malfeita, e o de uma cartucheira. (155). Enviarei um e outra na primeira ocasião, assim como a “planta deste rio”, baseada em sondagem do Marechal Funck.

Tive a honra de receber a carta de Vossa Excelência, de 11 de outubro. **Ela contém notícias opostas, na aparência, com suas ordens de “não me arriscar”; no caso de que tal já tenha acontecido, de me servir.** Segundo Manifesto. Como Vossa Excelência já sabe em que termos de algum encontro, seria tão supérfluo quanto cansativo repeti-lo.

A 1º deste mês, recebi, à meia-noite, um bilhete, sem data e sem local, do Governador de Colônia. Enviei-o logo em seguida à Ilha Santa Catarina, embora de lá mesmo tivesse já recebido quase

igual aviso, a 21 de novembro. **Ele fazia subir o número de soldados do General Ceballos (*sic*) a 20.000 homens, embarcados em 80 navios. Não sei se me tornei melhor cristão, mas agora tenho mais fé! Não me resta senão protestar à Vossa Excelência minha devoção inalterável, a mais pronta obediência e o mais profundo respeito, com quais...**

Vila de São Pedro, 11 de dezembro de 1776.

O Coronel Rafael Pinto Bandeira atravessou, a 19, o Sangradouro Mirim (na região da foz do rio Piratini) com seu Corpo e a Companhia de Garcia Rodrigues. Lá fui, no dia seguinte. Encontrei pessoal de bom aspecto; mas o armamento, em geral, em muito mau estado. À Companhia de Cavalaria de Garcia Rodrigues faltavam até as coisas mais essenciais. Determinei ao deslocar-se, após dois dias de repouso, para o vilarejo de Mangueira, a fim de ficar mais próximo do rio. Esperava que eu fizesse, perto do Forte do Mosquito, os preparativos necessários e para lá enviasse os barcos para atravessar o seu Corpo de um lado para outro do rio, O coronel não queria arriscar-se a passar seus cavalos a nado, como tinham feito todos os outros (pois os cavalos pertencem aos próprios componentes da unidade). Eu então lhes prometi tudo o que pediam. Levei o coronel comigo, para que escolhesse (156).

A Cavalaria de São Paulo, só tendo um cavalo por homem, não podia servir aqui, onde é preciso ter cavalos de reserva. Eu havia mandado fornecer-lhe dois cavalos do Rei, por cada praça; assim, ficaram com três. O Capitão Garcia Rodrigues possuía selas com armações de ferro que muito feriam os cavalos e que causava piedade vê-los.

Cópia de uma carta assinada por Francisco José da Rocha, sem data (ela me foi enviada a 1º de dezembro, à noite) ao Capitão Cipriano Cardoso, de Encruzilhada, onde a havia entregue um espanhol. Enviei o original a Antônio Carlos que já me havia participado a mesma coisa, em carta de 21 de novembro:

“Tenho certa notícia de que está a chegar uma Esquadra Espanhola com dezeseite mil homens que de passagem atacarão

Sta Catarina et Montevideo. Sairão duas naos carregadas de refrescos à encontrar-se com a Armada para lhe largarem estes e receberem todos os dantes que não estiverem capazes de entrarem naquela ação, e de que a mim me atacam por mar e terra antes de quinze dias, para o que já ontem principiarão de passar as peças e o mantimento para 5.000 paisanos e dois Regimentos pagos. Perdeo-se o Yate de S. M. chamado Falcão, na Costa de Castilhos e nos apanharão as vias, razão por que será preciso fazer-se dahi aviso, pois daqui não tenho com que Deus guarde... Seu F J. da R”

Tendo encontrado um acampamento melhor perto do Forte do Arroio, mais seguro, mais fácil de abastecer, mandei preparar um armazém de farinha, no próprio forte, para 600 a 700 alqueires de farinha. A 2 deste mês, mandei o Marechal Chichorro, com seu regimento e o de Moura, levantar acampamento do arroio do Pau e virem acampar neste novo (157).

ANO DE 1777

Senhor

Após ter tido a honra de participar à Vossa Excelência, a 11 de dezembro, que me preparava para executar as ordens que V. Exa dignou-se a dar-me a 9 e 11 de novembro, **devo acrescentar que o Coronel Rafael Pinto Bandeira chegou a 17 de dezembro, com seu Corpo de Cavalaria Leve, com 136 homens; e a Companhia de Voluntários de São Paulo, do Capitão Garcia Rodrigues Paes Leme, com 100 homens, à margem do Sangradouro Mirim. Ele o atravessou nos dias seguintes. Dali o enviei, a 22, para o Povo da Mangueira, para ficar perto deste rio e, também, para aproveitar o tempo favorável para a travessia. Furneci-lhe tudo o que pediu, para vê-lo o quanto antes do outro lado. Dali dista, apenas, 7 léguas até o Estreito, onde a Companhia Leve de Índios chegou, a 20 de dezembro. As medidas essenciais já foram tomadas.**

O armamento desta Cavalaria está bastante danificado pelas marchas. Sendo tropa destinada à defesa de uma região

que a Corte considera de suma importância, penso ser meu dever colocá-la, tanto quanto possível, em condições e agir. Mandei reparar as armas, sem perda de tempo e sem examinar se os soldados estão, ou não, obrigados a esta reparação.

A Companhia do Capitão Garcia Rodrigues não tinha nem bandoleiras para as carabinas nem cartucheiras para a munição. Mandei fornecer-lhe das últimas. Mandei fazer bandoleiras novas, como os Dragões têm.

Esta Companhia, embora composta de soldados novos, promete ser boa, um dia. Os homens são jovens, bem feitos, animados e mostram energia. Mas é preciso instruí-los (158).

Durante estas ocupações, retomei também o plano de formação da nova Legião e tenho a honra de apresentar-lhe o Coronel Rafael Pinto Bandeira, com o cômputo do soldo por mês, assinado por ele mesmo. Da mesma forma, o projeto do Governador José Marcelino tal como ele me deixou. **A arma para a Infantaria é como a baioneta em forma de faca de caça, com uma serra, que com a cartucheira já foram remetidas pelo Mestre Antônio da Costa Pinto.**

A perspicácia de Vossa Excelência lhe permitirá ver as facilidades ou dificuldades em executar um e outro planos e se eles estão de acordo com as ordens de Sua Majestade, assim como o que é necessário mandar para cá, para pôr a **Legião de pé e em atividade**.guardo respeitosamente suas ordens.

É inoportuno, Senhor, repetir tantas vezes a necessidade de dinheiro, mesmo independentemente do pagamento das tropas.

O descontentamento dos marinheiros e das guarnições das fragatas vai até a queixas de não terem com que vestir-se. Como não tenho o que lhes dar, eles já desertam, apesar das dificuldades e cautelas que se tomam.

O uniforme novo do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro foi feito aqui. Mas não veio dinheiro para pagar aos alfaiates nem o feitio das polainas, das camisas, nem para os calçados. O mesmo vem acontecendo com os outros regimentos. Não sei como remediar a situação.

A farinha de mandioca (Farinha de guerra) veio em tal quantidade que encheu os armazéns. **Também os 200 barris de pólvora que o General Antônio Carlos me avisa que o Comandante da Esquadra tem a bordo. Eles me deixam embaraçado, porque não há aqui armazéns, nem me encontro numa região onde se os possa fazer rapidamente, por falta de madeira, de tijolos, de cal e de pedreiros (159).**

Dos 32 contos de réis chegados a Porto Alegre, enviaram para cá a metade. Mas aqui é onde se encontra o dobro das tropas. Vossa Excelência há de julgar que estes 16 contos não bastam para dois meses de pagamento aqui.

As barracas para três batalhões de Infantaria, 100 carabinas, espadas, pistolas e o que falta para completar o armamento de uma tropa de cavalaria de 400 homens, chegaram. Passaram daqui para Porto Alegre dois terços das barracas.

O Sr. Antônio Carlos Governador da ilha de Santa Catarina me avisa também da **chegada de dois segundos-tenentes e 120 recrutas para os Regimentos da Europa. Solicitou enviar-lhe navios, que não tenho, por ser difícil fazê-lo por terra. (160).**

O Comandante da Esquadra enviou-me uma lista dos navios que devem compor a frota. Encontram-se entre eles a **Invencível**, comandada pelo Capitão-Tenente Pedro de Marins, e a **Sacramento**, comandada a esta hora, pelo Mestre e Piloto José Barbosa. Mas eu não pude dispor delas sem ordem expressa de V. Exa.

A raridade do gado e a impossibilidade que os fornecedores alegam em poder fornecer a carne com regularidade, foram o motivo de se salgar e secar peixes, para os fornecer às tropas nos dias magros. Mas, pescadores, salgadores... são gente pobre que não pode trabalhar sem receber pagamento.

O Marechal Chichorro propõe à Vossa Excelência o Tenente Francisco Antônio, de seu Regimento, para seu ajudante-de-ordens, por ser um oficial digno de sua confiança, hábil e disposto ao serviço. **Eu também o tenho como tal (161).**

Acabo de receber a carta de Vossa Excelência, de 9 de dezembro, na qual se encontra sua resposta à minha, de 24 de

outubro, e uma carta do Senhor Martinho de Mello, com suas ordens relativas a esta última.

Seja-me permitido relatar o seguinte: ao receber a carta de Vossa Excelência, de 20 de outubro, com a ordem expressa de formar incontinente, a nova Legião, mandei chamar o Coronel Bandeira, recém-chegado; mas, recebi ordens de Vossa Excelência, de 3 de novembro, (conforme os avisos e a opinião da Corte) mandando colocar o Coronel Bandeira, com o Corpo acrescido do pessoal que ele pedisse, no posto do Estreito. Ordenei, pois, partisse o coronel para encontrar-se com sua tropa. Ele se encontra, atualmente, aqui. Os seus cavalos já tinham atravessado o rio quando recebi hoje ordem de enviá-lo à captura do gado. Isto me confunde a ponto de não saber ao que atender.

As primeiras ordens me pareciam mais determinadas e positivas. Eu me arrisco sempre a conservar o Coronel Rafael Pinto Bandeira aqui, pois os avisos da Corte, que Vossa Excelência me deu a honra de comunicar ultimamente, indicam positivamente o Estreito e a praia até a Barra, como os lugares importantes onde os inimigos têm intenção de tentar um desembarque. Acrescento que o Coronel Bandeira seria bem apropriado para os defender. Eu não deveria hesitar, em consequência, em tomar esta decisão. Lendo a carta do Sr. Martinho de Mello, parece-me que a Corte tem opinião exatamente oposta. Que não há perigo algum deste lado. Assim urge mandar o Coronel Bandeira à captura e destruição de todos os animais (162). Que devo fazer diante desta aparente contradição?

Creio arriscar menos se não alterar o plano de defesa antes de receber, para isso, ordens mais positivas de Vossa Excelência, que não poderia saber, quando me escrevia, que o dispositivo estava tão adiantado. Que não ignora as incertezas e dificuldades insuperáveis encontradas na execução de um plano de ataque, quando não se dispõe dos meios necessários. Entretanto, remeto a presente para justificar minha conduta.

As fragatas Invencível e Sacramento por-se-ão à vela ao primeiro vento, para reunir-se à Esquadra (163). O Capitão-

Tenente Pedro de Marins: leva todas as nossas reclamações e é digno disto. Só o corsário São José fica aqui. O seu comandante não o pediu. Convém aos interesses de Sua Majestade que o Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos fique. Suplico à Vossa Excelência que fique persuadido do seu zelo, de minha pronta obediência e do profundo respeito com o que tenho...

Vila de São Pedro, 2 de janeiro de 1777.

Carta 27, de 27 de janeiro de 1777

Senhor

Tenho a honra de participar à Vossa Excelência que as tropas do Coronel Rafael Pinto Bandeira chegaram, dia 6, ao Estreito. Lá fui para examinar os pontos, dali desloquei-me até o Lagamar, para estabelecer comunicações e tomar as medidas relativas à defesa da praia. Disto encarreguei o Brigadeiro Veiga Cabral . Ele se acha com seu regimento ao centro, entre o Estreito e a bateria do Lagamar. Deste ordenei diminuir a frente e o fechar. Assim, ficou um reduto em pentágono, e cuja guarnição nele se encontra alojada. Como o Tenente-Coronel Manoel Soares Coimbra ficou encarregado da defesa deste posto, encarreguei-o também da sua retificação.

Mandei partir, a 9 deste mês, o Capitão-Tenente Pedro Marins com as fragatas Invencível e Sacramento para a Ilha de Santa Catarina, para reunirem-se à Esquadra. Meu dever e a amizade que tenho por este jovem, estimável oficial, obrigaram-me a o equipar o melhor possível (164). **Tendo recebido aviso do Major Patrício de que os espanhóis avançam seus pequenos postos de Cavalaria até o arroio do Rei (o que, entretanto, se comprovou ser falso),** aproveitei a ocasião em que enviara a carta de Vossa Excelência para escrever lá embaixo ao Governador de Buenos Aires.

O Ajudante de Dragões Thomé de Almeida, portador destas cartas a Santa Teresa, trouxe-me notícias. **Um coronel de Dragões comanda aquela praça onde se encontra também o Coronel Texada. Corre o boato em Montevidéu de que nosso Primeiro-**

Ministro foi à Corte de Madri. Este ajudante tomou caminhos diferentes para ir e vir, sem encontrar em parte alguma vestígio de posto. Mandam-se patrulhas, de uma parte e de outra, para impedir deserções ou para arrebanhar cavalos e bestas que, às vezes escapam. No arroio Chuí, ele encontrou um pequeno posto. Este o deixou passar até Coronilha, onde o oficial comandante e os outros o receberam polidamente e o trataram da mesma forma até a chegada da resposta assinada pelo Coronel Fabrer.

O Marechal Funck ainda não voltou. Mas recebi cartas suas, do Rio Pardo, com um plano dos lugares que ele examinou e suas reflexões sobre o assunto. Anexo ambos ao original. Quando ele tiver acabado sua viagem, terei a honra de lhe enviar o restante.

Embora não seja coisa de grande interesse, **tomo a liberdade de lhe remeter as plantas dos fortes e redutos feitos pelos espanhóis, dos quais nenhum existia aqui antes da invasão deles. Quem os desenhou e levantou, em parte, foi o Tenente de Granadeiros do Regimento de Santos, Manoel Martins Couto. Oficial muito habilidoso, mas que foi esquecido nas promoções por se encontrar em Igatimi.** Assim, quem antes era seu subordinado é hoje seu capitão. Mantive-o junto a mim.

Nota do autor: Em Canguçu entre o rio Camaquã (Passo da Real Armada) existe o local Iguatimi, local onde na Revolução Farroupilha houve uma escaramuça entre farroupilhas e imperiais. Talvez influência do Forte Iguatemi no Sul de Mato Grosso onde tinham servido paulistas. A confirmar!

Espero, em pouco, ver acabado o Forte de São José da Barra e apresentar-lhe a planta. Sei perfeitamente que não é uma obra considerável, mas, tal como está, o Capitão Montanha tem o mérito de sua construção e ousou interceder por ele, junto à Vossa Excelência, solicitando uma promoção a major. Tantos anos de serviço sofrido lhe dão mérito para isso aspirar. E a fortuna não o favorece muito na América (165).

Vossa Excelência me manda relacionar os outros oficiais que se distinguiram na manhã de 1º de abril de 1776. Quanto aos oficiais de granadeiros, todos cumpriram o seu dever.

Do arranjo das chalupas e das jangadas para a passagem dos granadeiros de Estremoz e Primeiro do Rio, para o ataque ao Forte do Mosquito, eu havia encarregado o atual tenente-coronel, então Major Manoel Soares Coimbra. Este se desempenhou, assim como os demais, satisfatoriamente. O Tenente de Artilharia João Cosme Damião aí cumpriu seu dever.

A passagem dos granadeiros de Moura e Bragança foi dirigida pelo Capitão de Artilharia Lourenço Caetano da Silva. A ele mandei assistir o Tenente de Dragões Manoel Marques de Sousa, que me serve de ajudante-de-ordens, por permissão de V. Exa. Enviei este mesmo oficial para guiar os granadeiros no ataque ao Forte de Trindade e ele desempenhou sua missão com muita honra. O capitão de Artilharia, então Tenente Joaquim Gomes dos Santos, lá também se saiu bem, como todos os outros que participaram destes ataques. Assim como o teria feito todo o restante das tropas de Sua Majestade, se os espanhóis tivessem dado tempo de terçar armas com eles.

As tropas se comportaram bem, graças a Deus; embora, de tempos em tempos, nelas se mostre algum mau elemento.

Seu dispositivo é tal que estamos a cavaleiro deste rio. O Regimento de Bragança, o Corpo do Coronel Rafael, aí incluída a Companhia de Cavalaria do Capitão Garcia Rodrigues, com 277 homens, e duas Companhias do Major Roberto Rodrigues do outro lado (norte). Os Regimentos de Moura, de Estremoz, o Primeiro do Rio, com a Guarda de Vossa Excelência e 200 Dragões, deste lado (sul).

A metade dos cavalos do Corpo do Coronel Bandeira, que possui 4 por homem, ficou deste lado. Assim, se eu tiver necessidade dessa tropa aqui, ela pode colocar-se em pouco tempo à margem do rio. Então, passam-se os cavaleiros e arreios. Montam sobre os cavalos descansados e podem logo combater, esperando que passem os cavalos com que se serviam do outro lado (166). A Companhia de Voluntários de São Paulo, até o momento, se tem conduzido muito bem.

A fragata **Belona** necessita de reparos no casco. Vai, ao

primeiro vento, a Porto Alegre; pois os carpinteiros e calafates foram-se todos. O governador me disse que é mais conveniente que a reparação se faça lá. Só resta aqui a **São José**, mas esta não me atrapalha (167).

Os fornecedores de carnes me pedem que interceda por eles a fim de que Vossa Excelência queira ordenar que suas letras sejam pagas no Rio de Janeiro. Eu me arrisco a ser importuno, porque parece-me - eles têm necessidade de dinheiro.

Não repito os enfadonhos detalhes de minhas necessidades. Limito-me a suplicar que Vossa Excelência me creia com...

Vila de São Pedro, 27 de janeiro de 1777.

Carta 28, de 8 de fevereiro de 1777

Senhor

Não devo atrasar o envio à Vossa Excelência da carta do Governador de Buenos Aires, que acabo de receber. **Ele me assegura que não houve inovação alguma, conforme tive a honra de dizer à Vossa Excelência em minha última carta, de 27 de janeiro, quando isto já era sabido.**

O Governador José Marcelino me participou que cinco índios minuanos, com seu comandante, chegaram ao Rio Pardo pedindo a proteção de S.M.F.F. para sua tribo e obrigando-se a conduzir o gado. Ele respondeu, parece-me, como devia. Vossa Excelência queira decidir, baseado nos documentos anexos.

Ontem, entrou a sumaca do Mestre da Cunha, do Rio de Janeiro, **em onze dias de viagem, sem encontrar ninguém. Traz fardamentos para as tropas de São Paulo.** Resta-me apenas suplicar que Vossa Excelência me honre com sua confiança e credite no mais sincero devotamento e no mais profundo respeito...

Vila de São Pedro, 18 de fevereiro de 1777.

Tomei - segundo meu julgamento todas as medidas, que estavam a meu alcance, contra uma surpresa e um desembarque na praia, entre o Estreito e o Lagamar. Pensei em tomar, também, precauções maiores quanto a esta língua de terra

entre a Lagoa Mirim e o mar. Fui a todas as guardas e postos avançados. Examinei tudo com cuidado e encontrei as tropas com muito bom moral. Vi-me obrigado a retirar o Capitão Camillo Maria de seu posto no Albardão de Joana Maria. Ele não se encontrava em condições de serviço, encontrava-se extenuado e sem forças; mas, procurou, com muito cuidado esconder-me sua incapacidade. Esta falsa noção de honra poderia ter tido consequências deploráveis (168).

Atribuí o comando daquele posto ao Tenente João da Costa Severino, com o título de capitão. Podia confiar neste oficial que colocara expressamente junto ao Capitão Camillo para o aconselharem qualquer ocasião, de sorte que tudo já estava sob sua direção.

Tendo a fragata **Belona** partido para Porto Alegre, chamei o Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos à terra e o encarreguei do que toca à Marinha.

A 27, recebi carta do Sr. Antônio Carlos, datada de 28 de fevereiro, com o primeiro aviso da aproximação da Esquadra espanhola, com cerca de 100 velas... Enviei uma ordem circular a todos os comandantes de ambas as margens do rio para dobrar a vigilância. Mandei pôr uma guarnição efetiva de 200 homens no Forte de São José. Ordenei ao Major Roberto Rodrigues de lá residir como governador. O mesmo foi feito no Lagamar, para onde desloquei o Tenente-Coronel Manoel Soares Coimbra. Reforcei o posto do Albardão com uma Companhia de Dragões.

Março

Dia 1º - Já perto da meia-noite, recebi aviso do Marechal Antônio Carlos, de 22 de fevereiro, que a Frota espanhola se encontrava ancorada entre a Ponta das Canavieiras e a Ponta do Vigia e que nossa Esquadra, tendo levantado velas, a 16, e enviado suas lanchas com os patrões à Vila de N. S. do Desterro, não havia mais aparecido. Que, entretanto, as tropas da Ilha, desde a primeira até a última estavam tão animadas que se defenderiam até o fim. Esta carta era cópia da que ele havia enviado ao Vice-Rei (169).

Dia 3. Perto da meia-noite, recebi uma carta do Marechal Antônio Carlos, datada de 25 de fevereiro. Ele me participava o desembarque dos inimigos perto das Canavieiras, a perda do Forte de São José Ponta Grossa, cujo comandante se havia retirado. E mais, a decisão, que ele e os principais oficiais tinham tomado, em Conselho; ou seja: abandonar a Ilha (que não poderiam defender contra forças tão superiores. e se porem a salvo, com as - tropas de S. M. em terra firme, o que executariam naquela mesma noite.

Nota do autor: Este ataque à ilha de Santa Catarina foi motivo de meu artigo **As fortificações da Ilha de Santa Catarina e sua conquista por Espanha e reconquista por Tratado** disponível em Conflitos em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br). Vale a pena ser consultado.

Nunca tive boa opinião do estado defensivo naquela Ilha, nem naquelas várias chamadas fortalezas (que, todas juntas não só nada valeriam, mas também eram extremamente prejudiciais) bem como da qualidade tão diversificada das tropas que o general tinha consigo. Entretanto, após haver-me dado, três dias antes, tão grandes garantias de se defender, não me entrava na cabeça que ele pudesse tão depressa passar de um extremo a outro. Respondi-lhe imediatamente para o encorajar. Enviei um oficial de confiança, das tropas do Coronel Rafael, para Laguna, a fim de obter notícias mais seguras da situação do Marechal Antônio Carlos. **Eu temia que o general espanhol não o deixasse por muito tempo em paz. Mas, antes da volta deste oficial, recebi, do Marechal Antônio Carlos, exatamente na data de 5 de março, de Cubatão, a infausta notícia de que ele se havia entregue como prisioneiro do General Pedro Ceballos antes que este o exigisse (170).**

Omito todas as circunstâncias deste acontecimento, que me pagueu estranho por não ter sido jamais consultado sobre este assunto, o Vice-Rei me fez segredo, assim como de seu plano de defesa do Rio de Janeiro e Colônia.

Estas notícias inesperadas da decisão extraordinária de abandonar a Ilha de Santa Catarina sem um tiro e, mais estranho

ainda, a de se entregar como patrimônio à discricção do general espanhol, que não exigira nem uma coisa nem outra, juntamente com tantas outras novidades que vinham de vários lugares, cada uma mais sinistra que a outra, e sucessivas, me assombraram, para não dizer me atordoaram.

O Marechal Antônio Carlos, em uma de suas últimas cartas, deu-me a entender que intentava deslocar-se para Laguna com suas tropas para juntar-se a mim. Deveria concluir, então, que lá havia o necessário para efetuar este deslocamento.

O general espanhol possuindo os meios e nada o impedindo, podia equipar, rapidamente, dois ou três mil homens, fazê-los marchar por terra para destruir Viamão e Porto Alegre; depois, marchar direto para cá, o Rio Grande, enviando, por mar, uma esquadra apropriada.

Avisei o Governador José Marcelino. Aconselhei-o a manter-se em guarda, não dispensar suas tropas, mantê-las reunidas tanto quanto possível, que estivesse em ótimas condições de executar uma boa defesa e que não avançasse postos os quais não pudesse socorrer imediatamente, ou que pudessem ser desbordados.

Destaquei o Capitão Cipriano Cardoso, com 10 homens do Corpo do Coronel Rafael, para Laguna, a fim de obter notícias dos espanhóis. Este oficial não deveria arriscar-se, apenas dar-me informes. Logo que estivesse certo de que os espanhóis se encontravam em marcha pela praia, deveria retirar-se, às pressas, para ter tempo de salvar todos os animais, desde a praia até o Capão do Meio, para Viamão. Todos os cavalos e gado que se encontravam do Capão do Meio até a margem norte deste rio serão trazidos à Fronteira e atravessados como se puder, para que o inimigo não encontre nem subsistência nem transporte (171).

Eu não temia um desembarque do inimigo entre o **Estreito e a Barra, menos ainda do Arroio do Estreito para o Tramandaí. Ali é maior a dificuldade por causa dos pântanos intransponíveis e da falta de madeira para preparar caminhos. Também, as tropas do Brigadeiro Veiga eram suficientes para opor-se a um**

desembarque onde ele se desse. E, podiam, ao mesmo tempo, socorrer o Forte do Lagamar.

O General Ceballos marchando por terra, de Laguna para cá, evitei que as tropas se expusessem ao risco de serem batidas por força demasiado superior. Elas formavam a quarta parte de minha Infantaria. **Não quis arriscar-me a ser batido em batalha, nem a enviar mais tropas para o outro lado. Estou decidido a me defender aqui (na Vila Rio Grande).**

Tantas foram as incursões aos pântanos que se acham entre a praia do mar e o Albardão, ou o caminho grande, que se descobriu uma vereda. Por ela o Brigadeiro Veiga Cabral poderia retirar-se com seu regimento, direto para o Forte da Conceição sem ser visto da praia nem do caminho grande e sem tocar um ou outro. Da Conceição, eu poderia mandar procurá-lo quando o quisesse.

A retirada que previ para o Coronel Rafael era direta à Fronteira. Ali, ele deveria cuidar de que todos os cavalos e gado que lá tivessem chegado — dos habitantes e das estâncias do Bonjuru e Capão Comprido — passassem o rio a nado, ainda que parte se afogasse. Era imprescindível que os espanhóis nada encontrassem. Seus cavalos também deveriam passar a nado. O seu pessoal, em botes e jangadas...

Perto do Forte do Lagamar eu teria barcos prontos a transportar para este lado a sua guarnição, caso se visse sem condições. Tais eram minhas ideias, embora não as comunicasse a ninguém e das quais nenhuma se tornou realidade (172).

O General Ceballos não desembarcou sequer um destacamento em terra firme, conforme eu soube depois. **O terror havia inventado todas estas histórias e feito fugir tanta gente sem ver inimigo nenhum.** Restou uma guarnição na Ilha de Santa Catarina. O General Ceballos, com o resto de suas tropas, levantou velas para o Rio da Prata em meados de março.

O Governador José Marcelino, em lugar de seguir minha orientação, conferenciou com o Marechal Funck. Estas duas cabeças, pondo-se de acordo, pariram um belo projeto de opor-

se ao general espanhol com a Companhia de Granadeiros do Regimento de Santos (toda de soldados novos, dos quais nenhum havia ainda visto um inimigo, nem em pintura). Eles a fizeram marchar 50 léguas de Porto Alegre a Torres. Ali o Marechal Funck lhes traçou uma bateria que o Tenente-Coronel João Alves devia construir... Era enviar o carneiro à goela do lobo. E, ainda, os espanhóis teriam podido lá chegar muito tempo antes deles. Mas, que fazer?! Todas já haviam partido, com 2 peças de 3 (libras) (173). O Capitão Cipriano, que tinha ordens de não se arriscar, fez exatamente o contrário. E o desembarque não foi tentado (174).

Pelo fim de março, recebi, por mar, uma carta do Vice-Rei, datada de 13. **Ela repetia novamente que eu devia enviar o Coronel Rafael contra o gado e os cavalos dos espanhóis, como se nossa salvação dependesse unicamente disto: guerrear contra os animais e os bens dos pobres particulares.**

Abril

Dia 1º - Mandei passar o rio, de volta, a Cavalaria Leve do Coronel Rafael. Os cavalos nadaram muito bem, desta vez. Ordenei escolher 12 homens da Companhia de Índios, a critério do Coronel Rafael, e alistá-los em sua Cavalaria. Determinei fornecer-lhes todo o necessário, melhor do que para os demais.

Tendo instruído o coronel sobre o que devia fazer, mandei provê-lo de farinha e da munição que ele me pediu, etc.

A 7, ele passou o Sangradouro Mirim, marchando para o Cerro Pelado. Ali se lhe ajuntaram aqueles estimáveis chamados gaudérios que o governador lhe enviara do Rio Pardo. (175).

A 9, uma tempestade furiosa arrancou e resgatou todas as barracas dos Regimentos de Moura e de Estremoz no acampamento de Arroio. Foi preciso construir cabanas, como no acampamento de João da Cunha, pois o inverno se aproxima e não há quartéis a lhes dar.

Resolvi retirar do Estreito a Companhia de (paulistas) do Capitão Garcia Rodrigues para colocá-la deste lado, nos pontos avançados, com o objetivo de que aqueles jovens aprendessem o

serviço com os Dragões. O capitão passou o rio, a 20. Felizmente! Fi-lo marchar para o Arroio do Taím, sob as ordens do Major Patrício (Corrêa Câmara).

Carta 29, de 25 de abril de 1777

Senhor

Desde minha última carta, de 8 de fevereiro que acompanhou a resposta do Governador de Buenos Aires, as circunstâncias não me têm permitido escrever à Vossa Excelência. Embora eu corra ainda risco, resolvi mandar partir a sumaca do Mestre José Joaquim de Freitas Lisboa. Ele mesmo mo pediu, para ter a honra de participar-lhe minha situação e acusar o recebimento de duas cartas de Vossa Excelência; uma de 13 de março, que me chegou a 28 do mesmo mês, e aquela de 10 de fevereiro, que só recebi na noite de 17 de abril.

Sabendo Vossa Excelência, com mais pormenores, o que se passou na Ilha de Santa Catarina, dispenso-me de falar sobre isso. Os acontecimentos foram tão rápidos, desde a aparição da Frota espanhola, que nenhuma de minhas respostas às 5 cartas sucessivas que o Sr. Antônio Carlos me escreveu, tiveram tempo de chegar a ele; devolveram-nas todas de Laguna. Ali, segundo as últimas notícias, nenhum espanhol se apresentou ainda. Nem tomariam qualquer posto em terra firme. A atenção do General Ceballos parece não ir além da Ilha e da pesca de baleias, cujo administrador retirou-se com alguns escravos, sendo que 70 outros negros fugiram para as montanhas. Dali os emissários do Governador José Marcelino ficaram encarregados de reunir os soldados fugitivos de Cubatão e enviá-los a Porto Alegre (176).

Os Regimentos de Moura e de Estremoz perderam seus uniformes que se encontram nos armazéns da Ilha de Santa Catarina; o Rei, 200 barris de pólvora que deveriam ter sido enviados para cá.

O Segundo-Tenente Antônio João Martins chegou, a 17, com 104 recrutas que foram distribuídos pelos três regimentos europeus.

Desde o mês de março, em diferentes ocasiões, do posto do Estreito e do acampamento do Regimento do Brigadeiro Veiga, **viram-se corsários espanhóis a pouca distância da costa. Indo até a Barra, a sumaca do Mestre José Alves Neves, que aí se encontrava ancorada esperando vento para entrar, uma noite, escapou de boa cilada dos espanhóis.**

A 28 de março, recebi a carta de Vossa Excelência, datada de 13. Nela, V. Ex insiste, positivamente, que eu envie o Coronel Rafael Pinto Bandeira à captura e destruição do gado... Considerarei-me obrigado a retirá-lo do Estreito no dia seguinte; designando a Companhia do Capitão Garcia Rodrigues para velar pela costa. Destaquei o Capitão Cipriano Cardoso, com 18 homens escolhidos, para Laguna, para obter notícias dos movimentos dos espanhóis, sem se engajar. Caso eles marchassem contra nós, deveria voltar e conduzir todas as bestas e cavalos encontrados no caminho até o Capão do Meio tanto animais do Domínio Real como os de particulares - para Viamão. O que se encontrasse do Capão do Meio até a margem norte do Rio Grande seria retirado para a Fronteira (São José do Norte atual).

Escrevi ao governador para providenciar a partida, do Rio Pardo, das pessoas escolhidas pelo Coronel Bandeira para juntarem-se a ele perto do Cerro Pelado (região de Pedro Osório atual) para ali mandarei deslocar-se. Mandei montar doze homens da Companhia de Índios, escolhidos pelo coronel, para reforçar sua Cavalaria. Enviei o restante de volta à sua aldeia.

O Coronel Bandeira, tendo recebido tudo o que pediu, tornou a passar, a 8 deste mês, o Sangradouro Mirim, (próximo da foz do rio Piratini) Não tenho notícias dele desde aquele dia. O objetivo de sua comissão é reunir à sua retaguarda o gado que abunda nestes vastos campos até além de Santa Tecla. Para isto ele se utiliza de paisanos voluntários chamados gaudérios. Estes só têm esta serventia e são dirigidos por elementos da tropa de Rafael. O coronel deve manter seu pessoal reunido, escondendo, quanto possível, seus movimentos. Deve enviar seus melhores exploradores para as bandas de Montevideu,

para me informar dos movimentos que lá se fazem. Deve cobrir sempre todo o Sangradouro. Ser-me-á permitido fazer aqui uma única reflexão? O Coronel Rafael tem toda a habilidade e pode assolar esta parte da América com toda a sua extensão, deixando após si o mais desolador deserto. Assim mesmo ele não conseguiria dificultar o inimigo de marchar de Montevideu, por onde quisesse, para Maldonado porque ele dispõe do meios bem à mão, à sua retaguarda. E assim não tem necessidade de procurá-los por estas bandas de cá. Porém, estando em marcha um corpo espanhol, a tropa do Coronel Bandeira poderia prestar um serviço relevante se ele tiver a missão de lhes tomar os rebanhos e cavalos que conduzem consigo. Isto poria os espanhóis em grande dificuldade. É em ocasiões como esta que ele pode ser muito útil. Suas corridas a esmo, que fazem a infelicidade de alguns miseráveis particulares que nelas perdem seus bens, não são sentidas pelo inimigo. A não ser como uma ofensa. Eles têm pouco interesse para com o Rei. Quanto à coragem e intrepidez destes homens rudes, após os exemplos destes tempos presentes, não ousou replicar! (177).

Vossa Excelência volta a referir-se à formação da Legião do Coronel Bandeira. Quer que ela se forme imediatamente, o que, na presente conjuntura, parece impraticável, pois todas as tropas estão engajadas, a postos, esperando o inimigo. Será necessário decompor todos os corpos já formados, para montar um novo com as peças descosidas. Este novo corpo deve reunir-se, ao menos, para o regulamentar, fardá-lo e armá-lo... Pode-se fazer tudo isto na véspera do combate com o inimigo? Quantos dos oficiais que o coronel propõe, conheço-os pouco.

Devo crer em sua boa fé. A respeito do pagamento da Legião só Vossa Excelência o pode determinar e fornecê-lo, assim como todo o restante das armas, uniformes e equipamento. Eu não quis contribuir para sua formação, senão com minha pronta obediência às ordens de Vossa Excelência, seguindo o plano que me virá aprovado pela mão do meu Vice-Rei, que fornecerá também os meios.

O Capitão-Geral de São Paulo me escreveu, a 22 de março. Ele enviará para cá, de 2 a 3 mil homens, para salvar-me desta situação embaraçosa... Mas, não me diz quem os pagará, quem os vestirá, quem os armará, quem os comandará e quem os alimentará. Isto me confunde (178). Tenho, apenas, com que fazer subsistir por três meses as tropas que se acham aqui comigo. Assim sendo, devo suplicar à Vossa Excelência que me socorra deste prazo.

Quanto ao projeto de atacar Santa Teresa, já tive várias oportunidades de apresentar à Vossa Excelência a impossibilidade de marchar daqui; nem com dois batalhões, por falta de viaturas para as bagagens e os víveres indispensáveis, num país desabitado. Não falo de outras dificuldades para conduzir a Artilharia ao ataque de uma praça em que os espanhóis trabalham há tanto tempo. Nela se encontra uma Infantaria bastante numerosa, com boa Artilharia e maior Cavalaria do que tenho comigo. Se pode esperar razoavelmente tomar uma tal praça de surpresa, disso faço juiz Vossa Excelência.

Se eu resolvesse marchar para Santa Teresa e os inimigos, na minha ausência, se apoderassem do Rio Grande? E, em consequência, de todo este Continente? Onde ficaria eu então? E que poderia dizer em minha defesa?

Digne-se Vossa Excelência considerar, ao mesmo tempo, que semelhantes ordens chegam a mim num momento em que, querendo-se corrigir um problema, faz-se nascer outros mais perigosos ainda (179).

Vossa Excelência me permitirá voltar ao mês de fevereiro para lhe expor que, quando fui visitar os postos avançados, encontrei o Capitão Camillo Maria Tonelet em estado próximo da morte. Este oficial, por uma questão de honra, havia-me escondido sua incapacidade e proibido todas as pessoas que para cá vinham de me falar do seu estado. Não podia manter-se em pé. Fi-lo transportar para cá, para ver se por um tratamento mais regular, ele pudesse ficar curado (180).

Para substituí-lo, designei o Tenente João da Costa Severino, a

quem nomeei capitão para lhe dar mais autoridade. **Por seu mérito ele já havia obtido o soldo deste posto há mais de um ano.** Tirei do arroio de Taim a Companhia de Dragões de Moraes, para que se pudesse, aqui, dobrar a vigilância sobre a praia, para o de Baeta, e mandei substituir esta Companhia pela do Capitão Carlos José da Costa, que se encontrava no Sangradouro Mirim.

O Forte de São José da Barra, estando pronto para receber guarnição, mandei guarnecê-lo. Designei o Major Roberto Rodrigues seu governador, com a Companhia de Granadeiros do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, à qual havia mandado distribuir armamento novo e sabres. A Companhia de Francisco José Franco, do Regimento de Estremoz, que tem bons artilheiros (1 tenente, 2 sargentos e 25 artilheiros do Regimento do Rio de Janeiro) como guarnição. Este forte se encontra pronto, presentemente, tal como a planta anexa o mostra.

O reduto do Lagamar recebeu também guarnição efetiva de 62 homens. O Tenente-Coronel Manoel Soares está encarregado de sua defesa. O Brigadeiro Veiga Cabra, de o socorrer.

Desde 7 de abril, tivemos ventos de oeste tão violentos que as barracas dos Regimentos de Moura e de Estremoz foram por eles rasgadas e não servem mais. Isto me entristeceu e me obrigou a mandar construir cabanas como no acampamento de João da Cunha.

O Regimento de Bragança se encontra quase na mesma situação. Como o inverno está chegando e os desembarques na praia não são mais temidos, deslocá-lo-ei do acampamento do Guarda-Mor para a Fronteira, onde estão os panos para a confecção de seus uniformes, para que possa fardar-se de qualquer modo.

Mandei retirar o Capitão Garcia Rodrigues do Estreito. Ele atravessou de volta, ontem, o Rio Grande. Deslocá-lo-ei para o arroio de Taim, para reforçar o posto do Major Patrício, e, ao mesmo tempo, para ver e aprender o serviço.

As últimas notícias de Lagamar dizem que o Marechal Antônio Carlos e o restante dos oficiais foram enviados, a 16

de março, para o Rio de Janeiro. E, que os espanhóis não têm, nem tiveram nenhum posto em terra firme. Dizem ainda que o General Ceballos pôs-se à vela, com sua frota, para Montevideu, a 29 de março, deixando na Ilha 2.000 homens e 4 fragatas. Que ele vai recompletar-se de víveres e que virá sobre o Rio Grande, por terra e por mar, com barcos de menor porte. Eu o esperarei. E espero que, juntamente com meus camaradas, saberemos cumprir nosso dever (181).

O número de fugitivos de Cubatão, conduzidos a Porto Alegre dia 17, já chegava a 141.

Não tenho palavras que expressem o quanto estou sensibilizado pela promoção do Tenente-Coronel Joaquim José Ribeiro ao posto de coronel. Garanto que nunca se mostrará indigno disso.

Tomei a liberdade de publicá-la a 20 deste mês. Não sou menos grato pelo que Vossa Excelência dignou-se fazer pelo Capitão Camillo. **Ele merece com tanta justiça minha amizade quanto minha particular estima por sua exemplar conduta. Começa a retornar suas forças; mas, temo que fique um tanto estropiado do pé ferido.** Beijo as mãos de Vossa Excelência pela honra concedida a estes dois oficiais, assim como, por ter atendido à proposta do Marechal Chichorro de solicitar um ajudante-de-ordens.

As tropas se comportam bem, graças a Deus Mas, mal o inverno se aproxima, mais dificuldades tenho para as arranjar a fim de que estejam prontas e ao abrigo de um clima rigoroso, cem vezes que o do Rio de Janeiro (182).

Desde meados de março que as tropas estão sendo pagas com dinheiro emprestado dos comerciantes e 10.000 cruzados recebidos de Porto Alegre. O Governador de São Paulo prometeu remeter o dinheiro. Sem isso não teria resolvido o problema do mês de maio, de modo algum. Mas, não tenho motivos para duvidar do socorro de Vossa Excelência no que tange à farinha nem ao dinheiro. **V. Exa. sabe perfeitamente o valor da continuidade do pagamento das tropas na presente situação.**

Com o mapa do estado geral das tropas, apresento, para

tristeza minha, 4 Conselhos de Guerra. Anexo, ao mesmo tempo, a lista dos oficiais promovidos em nome de Vossa Excelência e **o testamento do capitão espanhol morto aqui. O problema é saber se os bens do defunto pertencem aos granadeiros que o aprisionaram de espada à mão e lhe salvaram a vida, ou aos herdeiros nomeados num testamento anterior.** Tudo está guardado em depósito, conforme o outro documento o mostra. **O Capitão D. Felix Yriarte não falava disso.**

Vossa Excelência não se dignou ainda de determinar a recompensa devida aos granadeiros que tomaram os redutos de Trindade e do Mosquito. Há cerca de um ano tive a honra de lhe remeter o inventário do que se encontrou.

Não me resta senão assegurar à Vossa Excelência para cumprir meu dever e para conservar o pouco de honra que possa ter adquirido em climas mais favoráveis para mim.

Minha devoção é sincera e não poderia acrescentar nada ao mais profundo respeito e ao mais perfeito reconhecimento com...

Vila de São Pedro do Rio Grande, 25 de abril de 1777.

PS. - Três dias atrás prendeu-se um oficial espanhol que se insinuara entre nossas guardas avançadas. Diz-se que o General Vertiz está acampado próximo ao Chuí, com 3.000 homens e que o Capitão Pierre, nas Missões, está reforçado por um regimento. Acabo de voltar do Taíim onde todos estavam inquietos. Mas creio ter acalmado tudo.

Esta carta foi enviada por terra a São Paulo, a 1º de maio. A segunda via, remetida a 5 de maio, pela sumaca do Mestre José Joaquim Lisboa.

O Forte de S. José da Barra já está guarnecido. Retirei de lá o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, cujos granadeiros fiz render por igual número escolhidos de outras companhias e vim para este quartel.

O Capitão Garcia Rodrigues, da Companhia de São Paulo, vendo a destruição dos cavalos de sua Companhia causada pelo uso de selas de ferro, pediu-me que o ajudasse com o necessário para fazer "lombilhos" para sua Companhia. Nela

há operários capazes de os fazer. A necessidade de proteger os cavalos me fez consentir. Ordenei ao Capitão Manoel Rodrigues Silvano que preparasse na oficina todo o material necessário. Os couros também foram fornecidos ao Capitão Garcia (183). Como as espadas dessa Companhia não valem absolutamente nada, mandei vir outras de Porto Alegre.

Quanto mais examinava o acampamento junto ao Forte do Arroio, mais achava conveniente lá reunir toda a Infantaria que não era necessária nos Fortes da Barra e do Lagamar. Ajudando um pouco a natureza do lugar, poder-se-ia ter uma excelente posição. Trabalhava-se, já, para tornar aquele forte um pouco mais respeitável, com um caminho coberto e com uma boa paliçada. Fiz deslocar para o acampamento todos os granadeiros. O Regimento de Bragança para lá irá medida que se encontrar uniformizado (184).

Escrevi ao governador recomendando que 4 Companhias do Regimento de Santos, inclusive os granadeiros, deveriam estar prontas para deslocar-se à primeira ordem.

O Marechal Funck, na véspera de sua partida de Porto Alegre, havia visitado, por ordem minha, o Estreito de Ytapuan (Itapuã) onde, começa a formar-se a Lagoa dos Patos. Me pareceu de importância para segurança de Viamão, Porto Alegre... Recebi sua informação, de 9 de maio, que ele detalhou mais ainda quando retornou, a 22 de maio. Para lá enviei o Segundo-Tenente Antônio Ignácio, do Batalhão de Roberto Rodrigues, para levantar uma planta mais exata e o perfil da Ilha do Governador, a fim de determinar o tipo de obra mais conveniente (185).

Carta 30, de 22 de junho de 1777

Senhor

Em apostila à minha última carta, de 25 de abril, que o Mestre José Joaquim Freitas foi portador, tive a honra de participar à Vossa Excelência, **foi aprisionado a 27 de abril pela guarda avançada do mesmo posto. Ele se havia insinuado, à noite, à retaguarda daquele posto, atravessando os pântanos com dois homens.**

Destes, um miliciano foi preso; o outro, um Dragão, fugiu. Como ele próprio confessou, viera espionar; não obstante o salvo-conduto que tinha do Coronel Faber, mandei-o recolher à prisão fechada (186). Ele declarou que o General Vertiz tinha marchado de Santa Teresa, por volta de 15 de abril, com 3.000 homens de Infantaria, bom número de peças de Artilharia, o Regimento de Dragões, reforçado por 200 homens, e grande quantidade de índios. Ele havia avançado até o Capão de Rodrigues Mendonça, que fica cerca de 20 léguas de lá, onde fez alto, sem que se saiba a razão.

O Tenente Palhares, de nossos Dragões, esteve no local, no princípio de maio. Informou-me que as declarações do Tenente Peralta parece não serem exageradas, visto as marcas de acampamento no terreno e a enorme quantidade de gado que lá havia sido morta.

Ao mesmo tempo que o Peralta veio espionar o posto do Capitão João da Costa, no Albardão, um grupo espanhol, comandado por um oficial, apareceu diante da guarda avançada do posto do Major Patrício, no Curral Alto. O inimigo havia dispersado uma patrulha volante de nossos Dragões. Fui, sem perda de tempo, aos dois postos para acalmar os espíritos. Dei ordens precisas a respeito das medidas que os comandantes daqueles postos deviam tomar de antemão, para sua segurança. Do Taim enviei um oficial com 25 homens para saber o que estava ocorrendo. Ele não encontrou os espanhóis, pois já haviam-se retirado. Foi até o Pastoreiro sem deles encontrar senão os restos de matança de gado onde eles haviam parado. Um pequeno destacamento do Major Patrício aprisionou, em seguida, dois soldados espanhóis. Eles dizem que sua frota sofreu perdas consideráveis, em tempestades, e que só uma parte dela chegou a Montevidéu. Que estes contratempos são a causa da retirada do General Vertiz (187).

Mandei uma ordem circular a todos os postos e fortes de ambos os lados. Se os espanhóis agissem manifestamente contra o Armistício, os nossos deviam considerá-los inimigos e se

defender deles até ao extremo. Decidi mandar vir uma segunda Companhia de Voluntários de São Paulo para reforçar a de meus postos avançados.

Se a conduta do General Vertiz é problemática, a do Comandante espanhol da Ilha de Santa Catarina não o é menos; às vezes, ameaça os habitantes de terra firme; outras, trata-os bondosamente e lhes faz promessas, ficando nisso. Isto encorajou aquela gente ao ponto de não temerem mais os espanhóis.

O Capitão Cipriano Cardoso, que eu havia enviado, a 28 de março com um pequeno destacamento, à Laguna, para colher notícias das operações do General Cebailos (conforme participei em minha carta de 25 de abril), foi mais adiante. Deixou-se persuadir pelo Comandante de Laguna a ir até Vila Nova. **Ali lançou-se sobre uma tropa de espanhóis que lá havia desembarcado. Fez 14 prisioneiros, o que deu coragem àqueles povos abatidos. Deste modo não falaram mais, senão de defender-se (188).**

A Câmara de Laguna tendo, logo após a perda da Ilha de Santa Catarina, implorado a proteção do Governador José Marcelino, lembrou-se, a 12 de maio, de recorrer a mim. Como a minha autoridade não vai além das ordens de Vossa Excelência, que não se referem às outras Capitânicas do Brasil, não havendo, pois, como atendê-la, escrevi a resposta anexa, que V. Ex. não desaprová. Soube depois que o Capitão Cristóvão d'Almeida lá chegou a 21 de maio, encarregado das ordens de Vossa Excelência, embora não me tenha dado notícias.

O Governador deste Continente resolveu criar um Corpo com 400 “debandados” de Cubatão, para que fique um monumento deste negócio. Propôs-me oficiais para este batalhão e, para o posto de major-comandante, um sujeito que há pouco tempo era furriel do Segundo Regimento do Rio de Janeiro. E o seria, talvez ainda, se não tivesse roubado a um homem, cuja filha queria desposar contra sua vontade, algum dinheiro com o qual obteve um lugar de oficial na Companhia de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo, do Capitão Garcia Rodrigues Leme. Vaga que ele

trocou, em seguida, com um tenente do Regimento de Santos.

Respondi-lhe que acreditava que, fora Vossa Excelência, nenhuma pessoa podia criar um Corpo novo nem decidir da sorte desta gente, se fizerem bem ou mal; que a maior parte, sendo encontrada sem armas, não mostrou grande desejo de bater-se; que me parecia perigoso colocar pessoas de tão variada disciplina num só Corpo; que o Regimento do Porto e o da Artilharia estando a pé, ainda assim ninguém podia engajar seus soldados; que do Regimento da Ilha encontra-se um destacamento deste Continente, ao qual os que lhe pertenciam podiam ser agregados e que Vossa Excelência talvez decidisse completar os regimentos daqui com o restante.

Acredito que ele pedirá ou aguardará ordem de Vossa Excelência, embora não espere nem meu conselho nem minha aprovação. **O que não lastimo são as humilhações sofridas para pedir dinheiro emprestado, dando a palavra de honra e a salvação da alma a pessoas quem a gente despreza.** Entretanto, confesso que eles têm dado de boa vontade o que possuem. Ouso pedir à Vossa Excelência que faça aceitar as letras que esta Junta deu a alguns deles.

A Caixa Militar daqui deve, fora estas letras e fora 10.000 cruzados vindos de Porto Alegre, mais de doze contos neste mês de maio e dois meses de soldo aos oficiais. Nesta situação, as remessas do Governador de São Paulo não chegam aqui. Não tenho o prazer de receber notícias de Vossa Excelência, pois esperava que, após a saída da frota espanhola da Ilha de Santa Catarina, a comunicação por mar seria menos difícil.

Todavia, as tropas de S. M. se mantêm razoavelmente num país em que são obrigadas, por toda parte, a construir alojamentos com as próprias mãos. Nesta Vila, mesmo, não se poderia alojar mais que uma companhia, pois as velhas cabanas vão caindo uma após outra por falta de manutenção (189).

No acampamento perto do Forte do Arroio, que se situa cerca de duas léguas daqui, encontra-se o Marechal Chichorro com o Regimento de Moura e o seu, e as Companhias de Granadeiros

de Bragança e do Primeiro do Rio de Janeiro. **O Regimento de Bragança ocupa ainda a Fronteira do Norte, com o seu uniforme novo. A este, quando pronto, o Brigadeiro Veiga Cabral se lhe ajuntará no mesmo acampamento.**

A perda dos uniformes dos Regimentos de Moura e de Estremoz é bastante lamentada. Se Vossa Excelência tiver a compaixão de nos remeter, pelo menos, a fazenda azul, para os culotes e os consertos, com os forros, se remediará de algum modo.

Mandei vir uma Companhia de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo, do Capitão Macedo, com a qual passei uma revista no Sangradouro Mirim e a considerei bem armada, os cavalos em melhor estado do que a primeira e com um belíssimo corpo de oficiais. Fi-la marchar para o arroio de Taím. Passei a Companhia do Capitão Garcia Rodrigues, de Taím para o Albardão, para reforçar aquele posto (190).

O Governador de São Paulo me informou, em carta de 30 de abril, da chegada da primeira coluna do pessoal de Minas Gerais. Fez uma descrição capaz de desanimar o homem mais resolutivo, tamanha a impossibilidade que uma corja de pretos, brancos, mulatos, de pés descalços, sem armas, sem disciplina, possa ser da menor utilidade e de não causar a ruína da região onde chegam, em lugar de a salvar. Eu não os poderia receber entre as tropas que estão comigo porque não tenho absolutamente com que alimentá-los, vesti-los, armá-los, pagá-los e nem oficiais para os disciplinar. Vossa Excelência está informado de todas estas circunstâncias e o conjuro a pôr fim a tais inconvenientes, pois deles poderá resultar alguma desgraça. Espero que as tropas que aqui se acham queiram sacrificar-se comigo na defesa deste território. Tanto mais que não há meios de empreender uma boa retirada por falta de condução, equipagem...

Vi-me na necessidade de remediar a falta de capitães no Primeiro Regimento do Rio de Janeiro. Ficaria lisonjeado por sua graciosa aprovação ao que tenho feito em seu nome. Resta ainda vaga na companhia do tenente-coronel e na do Capitão Sayão.

Tomei, também, a liberdade de preencher a vaga de quartel-mestre do Regimento de Moura. Falando deste Regimento, devo fazer justiça ao Major da Nóbrega. **Ele tem visto os mais modernos passarem à sua frente, sem que seja por sua culpa.**

A 6 de junho, recebi, enfim, uma carta do Coronel Rafael Pinto Bandeira que anexo a esta, por causa das notícias bastante diferentes das que chegam de Laguna.

A presa é toda de particulares. Os fornecedores guardarão 5.000 cabeças de gado. Os cavalos, de que necessito muito, não estão em condições de serviço; nem os do próprio Corpo, por alguns meses. Mandeí o coronel vir aqui, para combinar com ele suas últimas operações, a fim de impedir a marcha das tropas espanholas contra nós. Assim, sua expedição só obteve a tomada de algum gado e cavalos semi-selvagens pertencentes a pobres inocentes, sem fazer o menor mal aos inimigos. Contudo, ele me afirma conhecer um lugar onde se encontram milhares de cavalos comprados em nome do Rei Católico e destinados ao serviço de suas tropas. Garante poder tomá-los se lhe fornecerem, sem perda de tempo, 90 cavalos bons e descansados, do Rio Pardo, ficando obrigado a restitui-los. Já escrevi ao governador e espero sua resposta (191).

Como o Coronel Rafael já conhece os Auxiliares a Cavalos de Curitiba, colocá-lo-ei, assim como os outros de São Paulo, que têm cavalos, sob suas ordens, o que o deixou bastante satisfeito e para que possa agir com vivacidade. Preenchi, por delegação de Vossa Excelência, as vagas das três companhias de seu Corpo, que ele deve recrutar presentemente, de modo que fiquem completas, independentemente dos destacamentos dos "Registros", que são "Praças Suposas". O Corpo do coronel permanece além do Cerro Pelado (possivelmente em Canguçu atual) para refazer os cavalos fatigados naquelas boas pastagens.

A 7, chegaram ao Comissário Pagador daqui 40.000 cruzados dos 60.000 remetidos pelo Governador de São Paulo. Com uma soma tão módica não se pode reembolsar os pobres homens, que adiantaram seu dinheiro. E minha situação vai de mal a pior!

Os marujos me perseguem para que lhes dê dinheiro para vestir-se nesta estação. Citam-me seus camaradas de Porto Alegre, aos quais o governador manda pagar 10.000 réis por cabeça.

A farinha vai diminuindo, conforme tenho tido a honra de informar. Não há o suficiente para o mês de agosto. Vossa Excelência queira lembrar-se disso, e também, que falta tudo nestes armazéns, conforme tenho avisado, há muito tempo, e enviado a lista do mais necessário.

Esqueci de perguntar se os seis escravos espanhóis que a tropa de Rafael apreendeu junto com o gado devem ser postos em liberdade ou permanecerem escravos dos que os prenderam.

A 19, recebi uma carta do Capitão Cristóvão de Almeida participando a honra que Vossa Excelência lhe deu. E espero que V. Ex.a disso tenha um bom efeito.

O Governador de São Paulo me informou, com data de 7 de maio, a vantagem que nossa tropa obteve sobre os inimigos e as belas presas que fez. A Providência queira coroar todas as empresas de Vossa Excelência com sucessos sempre tão felizes, e que a má sorte não me impeça o conhecimento.

O Marechal Funck está de volta, desde 22 de maio. Tenho a honra de anexar suas últimas reflexões **sobre o estreito de Itapuã e sobre um forte a construir na Ilha do Governador.**

O Capitão Camillo Maria vai retomando suas forças. Deseja ardentemente encontrar-se aos pés de Vossa Excelência. Ele tem forte razão de querer ver-se fora deste inferno, embora não tenha nada a desejar aos maus espíritos que nele se encontram.

Escrevem de Laguna que o Marquês da Casa Tilly chegou à baía da Ilha de Santa Catarina, mas que, apesar deste esforço, os espanhóis não se aventuraram mais.

Informes do Rio Jacuí dizem que se encontra em S. Miguel um Corpo inimigo de 200 soldados europeus, uma Companhia de Dragões, 2.000 índios e 5 peças de Artilharia. Mas não é coisa de temer-se, sobretudo nesta estação. De Santa Teresa e de Montevidéu não tenho notícias mais recentes.

Digne-se Vossa Excelência lembrar-se de mim e de todos os meus camaradas militares e civis e nos honre com Sua Petição. Meus votos são pela prosperidade de Vossa Excelência e me vanglorio de ser...

Vila de São Pedro, 22 de junho de 1777.

PS - A presente, cujo original foi enviado a 22 de junho pelo caminho de São Paulo, não pôde partir senão hoje, por impedimento do Mestre Manoel da Cunha. A esta hora ele deseja partir. Embora tenham sido avistados diversos navios nestes últimos dias, fiando-me em sua habilidade, eu o despacho. **Devo repetir nossas necessidades mais urgentes; nada de farinha para o mês de agosto. As comodidades mais ordinárias da vida aqui começam a faltar. Poucos remédios se dispõe para o hospital. O farmacêutico não tem sido pago no Rio de Janeiro, nem fornecido nada de lá. Isto, sem falar do que falta nos armazéns.** Vossa Excelência queira imaginar nossa situação, da qual não digo mais, neste 29 de julho de 1777. Com esta carta fechada, escrevo a outra.

Carta 31, de 25 de julho de 1777

Senhor

Na própria tarde de 2 de julho, chegaram três barcos à Barra. Ali lançaram âncora, sem que os reconhecêssemos. Enviei, no dia seguinte, alguém para os examinar. **Recebi, à noite, a agradável notícia de que eram duas sumacas vindas do Rio de Janeiro, com a corveta Sacramento, carregadas de farinha.** Que a embarcação que se havia avistado ao sul da Barra era a sumaca do Mestre Antônio da Costa Pereira. Essas embarcações entraram com bastante facilidade. **Mas uma se perdeu neste rio, por ter maus cabos, salvando-se 600 alqueires de farinha.**

Embora haja recebido, nesta ocasião, os comunicados de Vossa Excelência acerca da farinha, fiquei entristecido por não receber nenhum relativo aos grandes acontecimentos de que me falam as cartas dos particulares. Mas Vossa Excelência deve ter, sem dúvida, suas razões de não nos comunicar, razões que não

me convém discutir.

O governador escreve-me e comunicou-me que o **Capitão Antônio Pinto Carneiro, Comandante da Aldeia dos Índios (192) morreu subitamente a 25 de junho**. Informou, também, que está enviando para Laguna as tropas de Cubatão que se encontram em Porto Alegre, por ordem de Vossa Excelência dada ao Capitão Cristóvão d'Almeida.

Anexo a esta a relação das tropas, a dos fortes e da sua munição, a relação dos cavalos de Rio Pardo e um Conselho de Guerra...

Encerrando a presente, recebo a carta inclusa do Coronel Rafael Pinto Bandeira. Ele me informa que a Colônia rendeu-se por capitulação. E mais, que o General Ceballos está em marcha para o Rio Grande. Anexo o original.

Nada me importa tanto quanto a lembrança de Vossa Excelência e suas boas graças. E ousa gabar-me de jamais ter desmerecido nem a uma nem às outras, honrando-me de ser com...

Vila de São Pedro, 8 de julho de 1777. O Mestre Manoel da Cunha partiu a 12.

Escrevi ao Governador José Marcelino, solicitando-lhe mandar deslocar imediatamente para este quartel as três Companhias de Estado-Maior, uma outra Leve e a de Granadeiros do Regimento de Santos, com o mínimo de bagagem possível; mas, manter em Porto Alegre o Tenente-Coronel João Alves, com duas Companhias Leves.

Pelos informes vindos de diversos lugares, se podia concluir que estávamos às vésperas de nos defrontar com o inimigo; nossos soldados são testemunhas que eu me dispunha a recebê-lo o melhor que podia, devendo-lhe confessar que nunca os vi mais alegres, nem mais animados. Cada um examinava suas armas e munições, continuamente. Os sabres foram bem afiados, assim como as lanças. Em todos os postos, testemunharam sua alegria o que me inspirou também e me pareceu de bom augúrio.

A 17 de julho, recebi uma carta do Vice-Rei. **Ele me informou, enfim, a morte do Rei D. José, como também o casamento do Príncipe herdeiro do Trono. Mas o que me causou estranheza**

foi não ter vindo nenhuma ordem se, ou de que maneira, se deveria portar luto. Por serem estas notícias tão grandes e tão importantes deveriam ser tornadas públicas, pois era justo que os povos disso fossem informados; contudo, nem uma sílaba lá de cima. Eu devia guardar-me de publicá-la por minha iniciativa. Um dia se saberá; portei sempre o luto, do modo como os mestres de sumacas nos informaram. Todos os oficiais igualmente o fizeram. (193).

Carta 32, de 20 de agosto de 1777

Senhor

Fiquei profundamente triste por não receber cartas de Vossa Excelência, com os 4 últimos barcos. Meu consolo, porém, foi receber, a 17 de julho, a carta com que V. Exa. honrou-me em data de 4 de junho. **Embora as grandes notícias nela contidas causem surpresa, de qualquer ângulo que se as encare. O Rei, à morte, assinalou os últimos dias de sua vida tão cheio de penas, por atos de demência e por cuidados tão marcantes para assegurar a paz de seu povo; cuidados que interessam à toda a alma sensível ao sofrimento dos infelizes. Sua memória será para sempre cara e respeitada.**

Possa Portugal gozar, sob este novo reinado, uma felicidade sólida, que sua feliz situação e os auspícios favoráveis parecem permitir-lhe. Possa Vossa Excelência receber a justa recompensa por suas obras. E possa eu ver-me afastado desta América, que me horroriza por tão fortes razões.

Desde minhas últimas cartas de 22 de julho, não tenho nenhuma notícia do inimigo e nada mudou em meu dispositivo, exceto que mandei vir para cá o Coronel Manoel Meixia Leite (194) com 5 companhias de seu regimento, aí incluídos os granadeiros, deixando duas em Porto Alegre. Ele chegou, a 6 deste mês, à Fronteira do Norte, **onde fui vê-lo. Sua tropa é toda constituída de jovens, dos quais um terço ainda em idade de crescimento. Em poucos anos será, creio, um bom regimento.**

O coronel faz o possível para discipliná-lo; sou obrigado a fazer-lhe justiça, assim como ao Major Pedro da Silva. Em verdade, este regimento está incompleto. **O armamento é muito ruim! O uniforme muito gasto. Já em minha última carta expus a grande necessidade que temos de fazenda, de forros para os Regimentos de Moura e de Estremoz. Suplico novamente à Vossa Excelência que se digne socorrer-nos.**

O Regimento de Bragança está fardado, conforme se pôde. Do Rio de Janeiro já veio fazenda vermelha para os “canhões” e “golas”. Colocaram-se os brancos. Faltaram tiras de “Serafina”. Completaram-nas com linho. Só havia botões para uma companhia e usaram-se os velhos. Cinco Companhias deste Regimento já se acham deste lado do rio. Mandarei juntarem-se ao brigadeiro, com as duas últimas, na primeira oportunidade (195).

O ajudante-de-ordens de Vossa Excelência, Camillo Maria Tonnelet, cujas forças já permitem apresentar-se, está ansioso de ir colocar-se a seus pés. Não posso recusar seu pedido para embarcar no corsário Sacramento, embora sinta a perda de um bom companheiro. Como este oficial comandou tropas a cavalo deste Continente, poderá dar à Vossa Excelência informações muito exatas sobre tudo o que toca à Cavalaria, o modo de a tratar, de alimentar os animais e a qualidade das selas e arreios mais convenientes ao seu desempenho e ao serviço que presta nesta região.

Remeto, nesta ocasião, uma carta exata do terreno desde a margem meridional do Rio Grande até os Fortes de Santa Teresa e São Miguel. Nela se encontram anotados os postos que nossas tropas ocupam, ao mesmo tempo que repito os motivos desta posição.

Logo que os espanhóis, após os acontecimentos de 1º de abril do ano passado, se retiraram precipitadamente, fiquei impossibilitado de segui-los com Infantaria. Eu só tinha, de Cavalaria, uma trintena de Dragões que se encontravam comigo na outra margem. Estes passaram o rio nos primeiros dias e

seguiram discretamente o Coronel Molina. Enviei também, atrás deles, uma vintena de paisanos voluntários, sob o comando de um tenente de Auxiliares, para reunir algum gado e cavalos, O oficial de Dragões devia postar-se perto do arroio Taím, para garantir os habitantes das povoações, interceptar os desertores espanhóis e impedir os nossos.

O Capitão Camillo Maria atravessou o rio com sua guarda, a nado, sem que morresse nenhum cavalo. Mas eles estavam abatidos. Esta Companhia, não tendo senão um cavalo por homem, não podia deslocar-se antes que eu tivesse meios para lhes fornecer mais.

Os 200 Dragões vindos do Rio Pardo, com o Major Patrício, só atravessaram o Sangradouro Mirim a 24 de abril, com os cavalos quase não podendo andar, sem lhes dar repouso. Aí os espanhóis já estavam longe.

Alguns dias após sua chegada (30 de abril), recebi ordem de Vossa Excelência para suspender as hostilidades. Como após tê-lo participado ao General Vertiz, qualquer atitude posterior se tornaria ilegal, limitei-me somente a estabelecer meus postos de maneira mais apropriada para garantir-me o melhor terreno e os habitantes que haviam ficado, assim como seu gado. **E, também, para impedir a deserção das tropas.**

Mandei o Capitão Camillo Maria, a 2 de maio, deslocar-se com mais da metade dos guardas para o arroio de Baieta. Posteriormente, mudei este posto, por causa da intemperança do ar e da proximidade da praia. **E, também, para melhor cobrir o Albardão de Joana Maria, que se estende desta língua de terra até o mar. Estabeleci o principal posto no Albardão, exato no lugar marcado. Há uma guarda avançada com um oficial subalterno a 7 ou 8 léguas de lá, na Estância de Marçal de Lima. Esta guarda manda patrulhas por uma vereda até o mar, bem adiante do arroio de Baieta.** A Companhia de Granadeiros deslocou-se a 25 de maio para reforçar este posto do Capitão Camillo.

Deste modo, a região, os habitantes e os animais estão bem seguros contra um ataque ou uma surpresa. Nossa Infantaria não

pode desertar facilmente para o inimigo, nem os paisanos dos Paulistas ou de Povo Novo, dos quais se tem razão de desconfiar, não podem fugir ou dar informações a seus antigos conhecidos (196).

O acampamento de nossa Infantaria está próximo ao Forte do Arroio, de costas para a enseada do mar e o forte à direita. Seu terreno é bastante alto para ser inundado em tempo das chuvas. Pode-se aí abastecer as tropas tanto por terra como por água.. **Os postos ficam próximos. Do acampamento se pode deslocar direto para socorrer o Forte de São José, ou ao Albardão, ou ao arroio Taím, qualquer que seja o lado para onde o inimigo dirija suas operações (197).**

É humanamente impossível a subsistência das tropas neste Continente sem que sejam abastecidas por mar; sendo, pois, absolutamente necessário que se tenha o domínio do rio, cuja principal defesa está evidentemente deste lado sul. Parece-me, conseqüentemente, necessário manter esta posição tal qual a temos e nela defender-se custe o que custar. Mesmo que se julgue pouco importante a pequena conquista feita por nossas tropas, é preciso considerar ainda que o Lagamar, onde nossas sumacas encontravam abrigo, encheu-se a tal ponto de areia que a menor embarcação aí não consegue entrar; isto, há mais de um ano. (198).

Quanto às tropas de S. M., o Sr. Camillo Maria viveu bastante tempo conosco e poderá dizer se elas estão satisfeitas, se têm razão de se queixar, se a gente se preocupa com sua manutenção, a lhes fornecer víveres com pontualidade, se se consertam suas armas... Se ele conhece, também, nossa marinha e (para utilizar uma palavra notável), a capacidade de nossas fábricas!

Como o segundo-tenente espanhol que veio espionar o posto do Albardão é conhecido pelo Sr. Camilio, enviá-lo-ei na mesma corveta, com o soldado que foi preso com ele. **Estes dois confessaram ter vindo para espionar.** Anexo os relatórios no original. **Vão ainda dois outros espanhóis presos por uma patrulha de Taím. Para sua segurança, segue uma dupla de**

Dragões armados e alguns veteranos dos Regimentos de Moura e Estremoz.

A Infantaria se comporta bem. Não se fala mais em deserção; mas os Dragões demonstram inconstância. **Da Companhia de Voluntários Paulistas de Garcia desertou o porta-estandarte Francisco da Costa Varela, roubando o que pôde, até os papéis de nobreza de seu tenente.**

O Governador de São Paulo me participou, com data de 4 de junho, que suspendeu a marcha do pessoal vindo das Minas Gerais, tanto por meu pedido como por causa de sua incapacidade. Ele me pediu o Capitão Francisco Nunes Ramalho, do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, dizendo tê-lo já participado à Vossa Excelência. Enviei-lhe este oficial, nomeando para seu lugar o Tenente de Granadeiros João Rodrigues Gago. Fui obrigado também a fazer uma pequena mudança no Regimento de Moura. **O Tenente de Granadeiros Francisco Rodrigues Sisnando perdeu quase por completo a visão.** Guardo a declaração para o dia dos anos de S.A.R., o Príncipe do Brasil.

Vejo-me na desagradável necessidade de renovar minhas queixas a respeito da falta de dinheiro, o que me faz tremer. Há apenas três contos de réis em caixa e mais nada a emprestar. Deve-se dez contos aos particulares que os emprestam. E, a todos os oficiais de Infantaria, cinco meses de soldo.

Falta dinheiro para a manutenção do hospital. Faltam remédios na farmácia.

A farinha de trigo, que encontrei nestes armazéns, da qual se tem feito pão para os doentes, acabou há alguns meses e é preciso comprá-la fora. Já se dá farinha de mandioca à maior parte dos doentes.

Um terço da ração de farinha tem que ser pago aos soldados em dinheiro.

Os operários também o pedem e eu não posso dispensá-los, pois foi necessário refazer as carretas e os cofres de Artilharia vindos do Rio de Janeiro, cujas rodas, quase todas, foram feitas de novo.

As barcas e outras embarcações têm de ser mantidas, senão em pouco, se as perderão. Os armamentos das tropas, continuamente em campanha, exigem grandes reparações. Há sempre o que fazer nos fortes, para conservá-los ou acabá-los; mil coisas a fazer e a comprar. Nada disso se pode fazer sem dinheiro.

Nos armazéns faltam ferramentas para os armeiros e uma infinidade de outras coisas, já muitas vezes solicitadas. As duas listas contêm o mais essencial.

A farinha de mandioca que se encontra nos armazéns só dá até o fim de outubro, embora tenham-se pedidos de 866 alqueires (199).

O Capitão Cristóvão de Almeida escreveu-me de Laguna informando que começam a faltar víveres para os espanhóis na Ilha de Santa Catarina, o que os reduzirá à penúria. Nada melhor concebido que o plano de Vossa Excelência de tomar-lhes os comboios vindos de Montevideu, se tivesse sido possível encontrá-los.

Desejo, do fundo do meu coração, que sucessos favoráveis possam fazer Vossa Excelência esquecer o passado e ser compensado por ele.

Está confirmado que a Colônia caiu em mãos dos espanhóis. E ajunta-se que D. Francisco Bruno Zevala (200) se prepara para vir das Missões sobre nossas Fronteiras daquele lado, assim como D. Pedro Ceballos marcha sobre o Rio Grande.

Para a defesa deste Continente, do lado do Rio Pardo, acham-se duas Companhias de Cavalaria de Voluntários de São Paulo; duas Companhias do Batalhão de Roberto Rodrigues; a Infantaria dos Voluntários de São Paulo e o Destacamento da Ilha, o que ultrapassa mil homens.

Espero, com a ajuda de Deus, que possamos fazer os inimigos se arrependarem de sua presunção. Visto que o dinheiro e víveres possam vir a faltar, uma e outra coisa poderiam ter consequências funestas.

Tenho a honra de anexar, além da carta da região e dos documentos mencionados acima, o mapa do estado geral das

tropas e o dos fortes, num estojo.

Resta-me apenas, Senhor, pedir para mim e para todos os meus camaradas a continuação de Sua Benevolência e assegurar à Vossa Excelência minha devoção inalterável e profundo respeito com que...

Vila de São Pedro, 20 de agosto de 1777.

O Capitão Camillo foi para bordo, neste mesmo dia, acompanhado por nosso pesar e nossos votos; mas a corveta **Sacramento** só saiu a 28.

O Segundo-Tenente Antônio Ignácio me entregou a planta e os perfis da ilha do Governador ao estreito de Itapuã; passei-os ao Marechal Funck, que me apresentou, a 23 de agosto, a planta de um forte a ser construído. A execução foi suspensa pela ordem de Armistício que recebi alguns dias após.

Carta 33, de 12 de setembro de 1777

Senhor

Tive a honra de receber, a 29 de agosto, as cartas de Vossa Excelência de 10 de agosto, **com as ordens para o Armistício** que fiz logo expedir e publicar por toda a minha jurisdição e **enviei o Tenente-Coronel Manoel Soares Coimbra, com as duas cartas, para o Vice-Rei de Buenos Aires, a quem eu participava já ter dado ordens para a suspensão de qualquer hostilidade.**

O tenente-coronel chegou, a 2 de setembro, ao arroio de Chuí. Ali foi detido pelo oficial comandante que se fez de ignorante sobre a suspensão das hostilidades e mandou avisar ao General Vertiz, Comandante de Santa Teresa, cujo ajudante-de-ordens veio, algum tempo depois, receber as cartas e passar recibo. Declarou que seu general não podia consentir que o tenente-coronel avançasse mais e que enviasse o despacho ao Vice-Rei. A 6, de manhã, recebi aviso do Albardão de que lá havia chegado o Marquês de Tabuertiga, ajudante-de-ordens do Vice-Rei, D. Pedro Ceballos, pretendendo, com seu salvo-conduto, vir aqui me trazer uma carta de seu general. Declarou que ele

havia recebido a minha a caminho do acampamento de Santa Teresa, onde havia chegado poucas horas depois, para declarar o Armistício. **Que se havia irritado com o General Vertiz por não ter deixado passar o Tenente-Coronel Soares Coimbra e que ele faria castigar o oficial comandante do arroio Chuí.** Mas, apesar de sua boas palavras, mandei para lá o Coronel Joaquim José Ribeiro para receber o despacho. Ele voltou no dia seguinte com a resposta do Vice-Rei, datada do acampamento de Santa Teresa, de 3 de setembro, e inclusas, a “Prego” e uma carta para Vossa Excelência que vem junto com a cópia do que eu havia escrito, assim como o original da resposta.

Apesar da cessação das hostilidades ter sido inculcada em todos o mais positivamente, recomendei a continuação da mesma vigilância e precauções até nova ordem. **Nada mudei no dispositivo das tropas, do qual, como de nossos territórios atuais neste Continente,** imediatamente comuniquei à Vossa Excelência em minha última carta de 20 de agosto, que confiei ao Capitão Camillo.

No começo deste mês, tive a satisfação de receber a carta de Vossa Excelência, de 2 de agosto. Ela me foi enviada pelo ajudante do Regimento da Ilha de Santa Catarina. Nela, Vossa Excelência se digna consolar-me a respeito de diversos pontos que muito me afligiam **(201)**. Rendo-lhe os mais vivos agradecimentos por esta bondade, **como também pelo socorro que vai nos enviar em panos... para vestir nossos soldados.**

Estou muito envaidecido, Senhor, por minha opinião ter-se igualado ao juízo de Vossa Excelência, **a respeito do valor do testamento do capitão espanhol morto quando prisioneiro de guerra aqui.** Os documentos já foram remetidos ao Tenente-Coronel Coimbra, a quem já comuniquei as ordens relativas ao assunto.

A 7 de setembro recebi, do mesmo ajudante, a duplicata do Armistício e uma carta que não envio ao Sr. Ceballos porque ele já recebeu o original e acusou o recebimento.

Do Coronel Rafael Pinto Bandeira recebi a carta anexa sobre a chegada dos índios minuanos para quem ele designou umas

terras perto de Santa Tecla. Creio que o Armistício não impede esta proteção, concedida anteriormente por Vossa Excelência; porém, além de participar ao coronel as ordens de suspensão das hostilidades, declarei-lhe que estes novos hóspedes devem observar as ordens de S. M. neste particular, tão pontualmente quanto os outros vassalos e pessoas. Que se lhes deve explicar bem e ficar de olho neles (202).

Tenho notícia de que o porta-estandarte Varella, desertor da Companhia de Garcia Rodrigues, matou, a caminho, um Dragão que o havia levado à força; que se declarando um oficial infeliz, foi bem recebido pelos espanhóis. Mas que, descoberta sua impostura, o Vice-Rei D. Pedro Cebalios o mandou pôr a ferros e o enviou para a Ilha de Martim Garcia.

Os 16 contos de réis que Vossa Excelência teve a bondade de enviar para esta Junta, dos quais 7 estão empenhados aos comerciantes deste quartel, são de pouca eficiência porque esta pobre gente já emprestou 14 contos para os gêneros comprados aos negociantes do Rio de Janeiro, baseados na promessa de Vossa Excelência, que lhes participei, quando das primeiras necessidades. Não sei o que será de 9 contos em letras, em mãos dos comerciantes de Porto Alegre. Minha aflição está aumentando. Eu ficaria bem infeliz se, por falta do pagamento, as tropas viessem a desertar.

Em conformidade com as ordens de Vossa Excelência, tenho a honra de lhe apresentar a lista dos oficiais promovidos desde minha chegada ao Rio Grande. Dela ignoro se as patentes foram expedidas. Nela não faço menção ao Tenente de Dragões Manoel Marques de Souza que, por ordem de Vossa Excelência, me serve de ajudante-de-ordens desde janeiro de 1775, sem haver obtido, por isto, o posto de capitão, embora seja mais antigo do que os Tenentes João da Costa Severino e Francisco Alves. Fico lisonjeado se Vossa Excelência quiser recompensar este oficial que realmente tem mérito, a fim de que ele não seja prejudicado por servir em meu quartel (203).

Não mencionei também o Ajudante de Artilharia José

d’Affonseca. Ouso suplicar à Vossa Excelência que lhe conceda a vaga de capitão, ainda que agregado àquele Regimento de Artilharia, pois é oficial digno disso.

Vossa Excelência **não ignora as dificuldades que decorrem da falta de dinheiro. Nosso oficiais estão muito atrapalhados. Não falo de mim; porém, devo interessar-me por aqueles que não têm solução por falta de crédito.**

Minhas lamentações são cansativas; limito-me a suplicar que Vossa Excelência não nos abandone e fique persuadido do inviolável devotamento e do profundo respeito com que tenho a honra...

Vila de São Paulo, 10 de setembro de 1777.

PS - Queira Vossa Excelência esclarecer se quer que os índios minuanos se retirem para as terras que pertencem, incontestavelmente, à S.M.F.F ou que fiquem onde foram colocados.

PS. - A 15 chegou o Capitão Lourenço Pereira que mando de volta logo, com a carta acima, o “Prego” (*sic*) de S. M., a carta do Vice- Rei de Buenos Aires, minha carta de resposta, 2 cartas do Coronel Rafael 1 e as 4 listas de promoções. PS... à cópia que vai por mar.

Os negociantes deste quartel ainda encontraram meios de adiantar 3:500\$000 réis e dos de Porto Alegre vieram 4:400\$000 réis em dinheiro.

Mandei pagar um mês ao Regimento de Santos a quem já se deviam dois. O restante se guardou para o pagamento da Cavalaria dos postos avançados. Nem à Infantaria nem à outra tropa se pode pagar. Nem aos oficiais. Queira o céu que não aconteça nada de mal. Espero que meus sacrifícios animem os outros.

Esta manhã entrou uma sumaca com 3.163 alqueires de farinha e 240 pares de sapatos.

Dos postos avançados não há novidade digna de se relatar.

Despacho o Mestre José Bernardes Silveira recomendando-me às boas graças de Vossa Excelência, com meus bons camaradas e sou com...

Vila de São Pedro, 25 de setembro de 1777.

Carta 34, de 8 de setembro de 1777

Senhor

A saída da sumaca, despachada a 25 de setembro, foi impedida por ventos contrários. **O Mestre José Bernardes veio à terra, por causa de um ataque de icterícia; morreu a 5 deste mês.** Os procuradores encarregaram o piloto da condução da sumaca. Dela, mandei retirar o saco para juntar à presente e participar à Vossa Excelência o recebimento de sua grata carta de 17 de dezembro, pela qual vejo, com sensível satisfação, que V. Exa. se digna compartilhar de nossas necessidades e nos faz esperar socorro.

Ouso suplicar-lhe que se lembre sempre da necessidade de dinheiro. Sua falta pode causar maior mal às tropas do que o que os próprios espanhóis lhe têm causado.

Recebi informe do Coronel Rafael, de 23 de setembro, que a maior parte de seus elementos, destacados para tomar os cavalos e bestas pertencentes ao Exército da Espanha (conforme minha carta de 22 de junho), voltaram com 700 cavalos bons e 1.046 potros, mulas e cavalos tomados em diversos lugares e ocasiões, sem ter podido chegar aos cavalos do Rei. Destes, há 50.000 no Rincão do Rosário, conforme a carta do Coronel Rafael. Porém, o general espanhol postou um brigadeiro com 500 cavalos e cavaleiros para guardar aquele depósito. Assim, nossa patrulha escapou de uma boa (204).

Não estou certo da época em que estas capturas foram efetuadas. Ordenei ao coronel que fizesse guardar todos estes animais em locais de boas pastagens até determinação de Vossa Excelência. Espero, também, decisão a respeito dos índios minuanos.

Nos postos avançados não há novidades, desde minha última carta.

É meu dever recomendar à Sua petição todos os meus camaradas e pedir que Vossa Excelência não se esqueça de mim, que lhe desejo felicidades sem mescla de amargura e um feliz término de seus grandes trabalhos. Tenho a honra...

Vila de São Pedro, 8 de outubro de 1777.

Avisaram-me de Laguna que os espanhóis se gabam de que em pouco tempo terão o Coronel Bandeira em seu poder e que o farão pagar por todo o mal que tem feito. Embora esta espécie de fanfarronada faça rir, dei conhecimento dela ao coronel. Lhe causou tão forte impressão que quando, por acaso, uma de suas patrulhas encontrou-se com um pequeno grupo espanhol, a 15 léguas de seu acampamento, ele ficou tão alarmado que levantou logo o acampamento. Enviou um oficial espanhol prisioneiro a Porto Alegre. Pôs-se a cavalo, para retirar-se ao segundo aviso. Apesar de saber que se alarmara falsamente, pois o grupo espanhol se retirou em seguida, não pôde tranquilizar-se. Pediu-me que lhe permitisse retirar-se para o Camaquã onde a pastagem é melhor e o seu Corpo ficaria mais à vontade para cobrir o Rio Pardo. Ele deixaria um pequeno posto no Cerro Pelado (205).



Alegoria do Cel Pinto Bandeira "e su horror de negros valientes que el temor no conociam", como excelente História do Rio Grande do Sul. Cerro Pelado foi parte de Canguçu, para cujas pastagens Rafael Pinto Bandeira recolhia o gado vacum, muar e cavalari de suas arreadas. Foi o local que no final de 1799 que o agora Tenente-Brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral criou a atual cidade

de Canguçu, como capela curada N.S. da Conceição, para ali tentar barrar os espanhóis na Guerra de 1801. Dados que abordo em meu livro Canguçu - Reencontro com a História... Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2007, disponível para ser baixado ao final de livros e plaquetas no site (www.ahimtb.org.br) Canguçu havia perdido sua História a qual resgatamos desde 1957, bem como a saga de Rafael Pinto Bandeira na História do CMS. Estudo de Cilka Silva com nossa pesquisa.

Carta 35, de 8 de novembro de 1777

Senhor

Despacho o Mestre da sumaca do Rei para relatar à **Vossa Excelência a penúria extrema a que me vejo reduzido. Não posso pagar a tão brava gente, cuja principal infelicidade parece-me ser a de ter-me como comandante.**

A Infantaria não recebeu pagamento nem em setembro nem em outubro. Aos oficiais se devem vários meses. Eu, com meu quartel, assim estamos há 8 meses.

Os Regimentos de Moura e de Estremoz, o de Santos, os Dragões e os Voluntários **estão quase nus. Já não há dinheiro a pedir emprestado. Os pobres negociantes que têm suas cabanas bem providas se arruinarão porque não há quem lhes possa comprar.** Assinaturas de vales para eles são de pouca utilidade, porque estão impossibilitados de os resgatar.

Embalei todo o mundo com a esperança de que a **Invencível** traria o remédio para nossos males, mais graves do que eu seria capaz de pintá-los. **Se essa fragata vier sem dinheiro em espécie, não sei o que será! Devo repetir que as tropas estão a ponto de desesperar. Há mais de um mês que acampo com elas. Sua miséria me toca sem que eles falem dela. Sou obrigado a lhes dar ração completa de farinha para evitar motins. Não haverá farinha suficiente para janeiro próximo.**

Dão-me notícia de que os paisanos do Rio Pardo, a quem se dá o nome honesto de "gaudérios", voltaram nos últimos dias de outubro com perto de 2.000 animais, dos quais já não temos quase nenhum (206).

O general espanhol ficou enraivecido com a continuação destas depredações após a suspensão das hostilidades. Deslocou 600 a 700 homens para Santa Tecla, com o Coronel Texada. Ele apanhou e matou alguns granadeiros. Conta-se que lá se entrincheiraram novamente.

As minhas ordens e recomendações ao governador e ao Brigadeiro Roncaly têm sido muito positivas: **conter estes homens cujas rapinas contínuas não deixarão nunca subsistir a paz entre os dois Soberanos. Eu não poderia fazer mais do que isto. Uma patrulha do Coronel Rafael encontrou, na noite de 31 de outubro, um grupo espanhol, com um oficial e 25 soldados, a um dia de seu posto. O coronel ficou alarmado crendo que queriam a ele. Preparou então a sua retirada para o Camaquã. Entretanto, enviou um oficial para alertar ao comandante do grupo espanhol que caso avançasse mais, isto seria tomado como ruptura do Armistício. Este voltou atrás, com protestos de que lhe haviam recomendado a harmonia com as tropas portuguesas, em caso de encontro. Dois Dragões desse grupo desertaram; em seguida, se juntaram ao coronel.** Seu depoimento segue com a presente, em cópia, assim como alguns parágrafos de cartas do dito coronel. Por eles Vossa Excelência pode ver a fermentação que existe nos espíritos, que parece, neste momento, estarem enciumados dele. Oficial a quem sempre estimei pelas qualidades que tem, sem louvá-lo pelas que não possui. Creio mesmo ter-lhe testemunhado uma amizade que me foi mal retribuída. Mas o mundo é assim!

Escrevi anteontem ao Vice-Rei de Buenos Aires a carta que anexo, em cópia.

Esperando, tomarei as medidas que me pareçam mais apropriadas à segurança desta região e das tropas de 5. M. Cabe à Vossa Excelência prevenir, pela mais pronta ajuda, as infelicidades que um abandono total poderia causar a tão brava gente.

Sou, com a mais viva e o mais profundo respeito...

Vila de São Pedro, 8 de novembro de 1777.

Esta carta seguiu com a sumaca do Rei. Mestre Joaquim Antônio partiu a 16. Uma cópia foi enviada por S. Francisco e outra

pela sumaca do Mestre Francisco Antônio dos Reis.

Conclui que não podia esperar que o Coronel Rafael Pinto Bandeira ficasse firme com seu Corpo; ele só gosta das ações sem risco. Concordei, então, com sua primeira proposta de se retirar do seu posto na Encruzilhada do Duro (Canguçu) (207) para além do Camaquã e lá retomar a seu antigo acampamento, **ficando uma pequena patrulha em Cerro Pelado (208) que me desse segurança para o Sangradouro Mirim.** Para evitar ataque ou surpresa daquele lado, fiz deslocar-se, a 13 de novembro, o Capitão Carlos José, com seu Esquadrão de Dragões de 50 homens, para o Sangradouro Mirim, para nele garantir os panos.

Carta 36, de 11 de dezembro de 1777

Senhor

Em minha última carta, de 8 de novembro, tomei a liberdade de relatar à Vossa Excelência **o lamentável estado em que se encontra a Infantaria do Rei, tanto oficiais como soldados, nesta região deserta, sem pagamento e sem encontrar alma viva que lhes empreste.** Tive, ao mesmo tempo, a honra de lhe participar ter escrito a 6 de novembro ao Vive-Rei de Buenos Aires protestando contra as operações militares e a marcha das tropas para Santa Tecla. Recebi, a 18 de novembro, a resposta, datada de 13 que segue anexa, em cópia.

A 16, a **Invencível** entrou neste porto. O Capitão José Maria Detel, que nela veio, se já encontra no Albardão, no comando de sua Companhia. Embora seja mais antigo que João da Costa Severino, optei deixá-lo como comandante daquele posto muito importante, ultimamente. O Capitão José Maria compreendeu, por si mesmo, as razões e Vossa Excelência não o desaprovárá, assim espero.

Não falarei nada da consternação geral quando se soube que não vinha dinheiro nessa fragata. Numa grande cidade há recursos, O soldado pode ganhar pelo trabalho, ou é ajudado por parentes amigos. Aqui, nada disso. Não há senão miséria. Se Vossa Excelência visse com seus próprios olhos o que sofre tão

brava gente, outrora, seus camaradas, que depositavam a confiança em Vossa Excelência, o seu coração sangraria de dor. Mas estamos aqui, longe de suas vistas (209).

Tudo o que Vossa Excelência teve a bondade de mandar vir para o hospital, a marinha e os oficiais foi recebido nos armazéns. E veio no tempo exato, porque já não se trabalhava por falta de ferro, de instrumentos ou de ferramentas.

Mandei distribuir logo, aos Regimentos de Moura e de Estremoz, o pano para as calças. E, aos Regimentos da Europa, o tecido para uma camisa e um par de meias, parte de algodão, parte de fio, a cada soldado. Trabalha-se para cobrir esta gente, embora durante o tempo em que me encontro nesta bela região **não tenha sido pago nenhum trabalho, nem uniformes, nem camisas, nem polainas...**

O que será destes infelizes oficiais, não sei. Nem se estas tristes circunstâncias os animarão bastante para fazer esforços em caso de ruptura, que Vossa Excelência considera possível.

Caso isso aconteça, devo repetir o que tenho dito tantas vezes. Estes regimentos que se encontram comigo não podem deslocar-se daqui ao mesmo tempo, por falta de condução e por não serem abastecidos de gêneros em nenhum lugar daqui. Se for de interesse de S. M. que eles se batam aqui *pro aris et focis*, (pelos altares e lares), espero que não me abandonem.

No tocante à Legião, devo expor à Vossa Excelência que em junho passado quis completar as 3 companhias de Cavalaria com o efetivo de 50 cada uma. Encarreguei o próprio coronel de enviar pessoas de sua confiança para engajar recrutas em Rio Pardo; mas só conseguiram dois, em três meses, conforme as cartas originais do governador e do coronel, anexas, o mostram. **Se há dificuldades para recrutar a Cavalaria, haverá mais para a Infantaria. E um corpo de tropas leves e de voluntários recrutados à força me parece contradição (210).**

Embora as tristezas contínuas me tenham tomado insensível à alegria, senti-me gratificado pela graça que Vossa Excelência dignou-se conceder aos oficiais, atendendo à minha proposta.

Estou persuadido de que V. Exa mandará julgar que eles mereçam receber o pagamento que, até então, receberam conforme seus antigos postos.

A 1º deste mês, entrou, felizmente, o corsário **Sacramento com dezesseis contos de réis, dos quais quase metade em dinheiro. Utilizei-me logo deste dinheiro para mandar pagar os sargentos e soldados de nossa Infantaria, em um mês dos três que lhes são devidos. E aos oficiais, um mês de seis. Este problema dos pagamentos, Senhor, causa a ruína das tropas de S. M. e faz a fortuna de alguns particulares.**

O dinheiro em letras, como já informei, é de pouco valor, na situação atual. Ele só serve para reembolsar as pessoas que o haviam já adiantado. Enviei 4 contos a Porto Alegre para pagar as tropas daqueles quartéis, às quais se deve na mesma proporção que às daqui.

Eu não queria fazer nenhuma despesa. **Mas, caso contrário, os doentes morreriam no hospital. Todo o carroto de Artilharia, o armamento da Cavalaria e o da Infantaria se arruinariam totalmente, em pouco tempo, assim como a maior parte dos armazéns e barcos grandes e pequenos, tão necessários para o serviço.**

Como vêm *“Serafina”* e botões no **Sacramento, verei se posso dar, aos Regimentos de Moura e de Estremoz, túnicas, embora sem divisas, porque não há pano vermelho, nem amarelo. Mas se fez o possível!**

Quanto aos remédios, encarreguei o Sr. Betâmio de seu cuidado para que não haja prejuízo para o Rei e que, ao mínimo deles se utilize. Anexo sua informação.

Já informei em minha precedente carta que com a farinha não passaremos o mês de janeiro. **O consumo excede, cada mês, os três mil alqueires.** (Cerca 54.000 litros)

A carne também faltará em poucos meses, pois os gaudérios de Rio Pardo não podem mais exercer sua função. Porém, estou persuadido de que as tropas ficariam muito satisfeitas se Vossa Excelência lhes mandasse pagar a ração de carne em dinheiro, ao preço dos fornecedores. Haveria assim gado em abundância.

Ante ontem recebi a carta anexa, do Vice-Rei de Buenos Aires para Vossa Excelência e a resposta junto.

O trabalho nas obras de fortificação cessou completamente; o Forte do Arroio pode ser utilizado como está.

A harmonia e a disciplina, assim como os exercícios, continuam para minha grande satisfação. As doenças diminuem, graças a Deus!

Ontem chegou a Santa Teresa a notícia de que o Regimento de Infantaria de Buenos Aires deslocou-se de lá para a sua praça. Que o Vice-Rei se acha em Montevidéu, onde mandou embarcar dois regimentos de Infantaria, cujo destino se ignora.

O oficial espanhol, portador da carta do Vice-Rei para Vossa Excelência, **devolveu, ao comandante de nosso posto avançado, a patente, as cartas de nobreza e 5 cavalos que o porta-estandarte Varella havia roubado do Tenente João de Castro e levado consigo.**

Vossa Excelência se dignará tirar esta tropa do abismo de miséria em que se acha e tomar as medidas necessárias à sua subsistência, a fim de que o ano próximo não seja tão funesto quanto este.

Minhas desgraças não apagam o meu reconhecimento à Vossa Excelência e tenho a honra de ser com...

Vila de São Pedro, 11 de dezembro de 1777.

A carta foi entregue a 12 ao Mestre José Joaquim Freitas, que partiu a 17.

A duplicata foi enviada a São Francisco a 13 de dezembro.

ANO 1778

Carta 37, de 6 de janeiro de 1778

Senhor

Vossa Excelência se compraz, em carta de 8 de dezembro, **em responder as minhas respeitadas informações sobre a falta de pagamento, de modo a fechar minha boca para sempre.**

Acreditei ser meu dever nada esconder à Vossa Excelência. Nem meus temores nem minhas esperanças para o futuro, de que V. Exa teria motivo de agastar-se se eu a isso faltasse.

Não acusei ninguém, nem soldados, nem oficiais, nem “os beneméritos que foram atendidos”, nem os outros.

Não entendo como Vossa Excelência pode julgar estas pessoas inocentes com tanto rigor, a ponto de as considerar a causa principal de seus aborrecimentos. Nem como é faltar à boa fé e ao reconhecimento pedir o necessário para elas! Não pedi nada para mim. Creio que minha conduta e meu caráter são igualmente irreprocháveis sob este aspecto. Gabo-me de que Vossa Excelência um dia ainda me fará justiça.

O Mestre Antônio da Costa Pereira entregou ao Capitão Francisco José Vieira **10 contos de réis e acaba de descarregar 218 alqueires de farinha.** No começo de janeiro, havia nestes armazéns 4.610 alqueires.

Dois oficiais espanhóis, um sargento, 2 soldados e 3 marinheiros foram enviados a Porto Alegre com uma guarda do Regimento de Pernambuco, constituído desta gente que me foi de grande utilidade aqui para a construção das jangadas (211). Seguem na *Invencível*, assim como o Furriel Luiz Manoel, dos Voluntários de São Paulo, que ofendeu seu próprio tenente. Como ele serviu bem, quando se encontrava na Guarda de Vossa Excelência, acreditei dever suspender seu processo. E o envio a essa capital. Sendo ele um pouco rude, tornou-se odiado pelos paulistas.

Acabo de receber a carta, anexa, do Coronel Rafael. **Vossa Excelência se dignará determinar o lugar onde se deve estabelecer estes índios minuanos, “que não trabalham”. É preciso alimentá-los ou deixar que roubem.** Vossa Excelência pode estar certo de que (sabendo que V. Exa se julga ofendido quando lhe exponho a verdade tal como se me apresenta) eu não saberia calar-me sobre assuntos desagradáveis, contentando-me com estar com o respeito devido ao Vice-Rei e ao representante de meu Soberano...

Vila de São Pedro, 6 de janeiro de 1778.

Não poderia deixar de ressaltar que o que mais chocou e fez sofrer no procedimento do Vice-Rei para conosco, que nos achamos neste Continente, foi o fato de, ao mesmo tempo, sentir-se melindrado por nossa insistência em pedir aquilo que nos era devido, sem o que não podíamos passar, e suspender o pagamento das tropas. Demonstrou, de todas as maneiras, o pouco caso que fazia disso. Por outro lado, fez declarar publicamente, a 17 de dezembro de 1777, por seu ajudante-geral, um pomposo elogio à obediência, valor e constância dos oficiais que tinham servido na Ilha de Santa Catarina, até a sua evacuação. E mais, todos os capitães e subalternos haviam provado claramente sua inocência. Que suas palavras empenhadas, ainda que por escrito, ao general espanhol, eram nulas. Que eles deviam ser empregados no serviço de Sua Majestade Fidelíssima... igualmente como os outros. E que se lhes devia pagar o soldo de acordo com suas patentes. Deu, de seu próprio bolso, dinheiro a pessoas que (conforme sua declaração) tinham provado sua inocência. Recusou dinheiro a outros que não mereciam lhes fosse recusado.

Para que esta resolução imparcial tivesse mais efeito sobre nós, seu Ajudante-Geral Gaspar José de Mattos ma comunicou, exaltando a generosidade do “Marquês, seu amo”, do “Marquês, seu Mestre” (212).

Carta 38, de 8 de fevereiro de 1778

Senhor

Em data de 11 de dezembro, tomei a liberdade de participar á necessidade de fardar os Regimentos de Moura e Estremoz. Os 4.000 côvados de pano azul não bastando, servir-me de uma parte do que havia vindo para o uniforme dos 200 voluntários de S. Paulo, a fim de dar aos dois Regimentos uma túnica e calças. Tudo já foi distribuído. Aqui se trabalha com o ardor que permite uma terra onde não se encontra nenhum alfaiate.

O Regimento de Moura terá golas e canhões amarelos,

graças ao Capitão José Maria que o trocou. O Regimento de Estremoz ficará todo azul. Todos os dois estão vestidos. Faltam as jaquetas que podem receber a seu tempo. Os Voluntários receberam pano para jaquetas e calças, de que necessitam (213). Esperam que Vossa Excelência mande enviar a fazenda que lhes tomei emprestada.

A 15 do mês passado foi a pique a sumaca do Mestre Manoel Martins d'Oliveira. **O Rei nela perdeu 256 alqueires de farinha. O pessoal foi salvo, como boa parte de sua carga, pois a sumaca ainda deu em terra.**

No mês de janeiro, o consumo de farinha foi de 3.372 alqueires. A 1 de fevereiro, achavam-se nestes armazéns 3.594. Devo repetilo, por que estamos próximos do inverno.

Os fornecedores têm encontrado grandes dificuldades para fornecer carne; **por isto, me vi obrigado a consentir que se lhes cedessem as milhares de cabeças de gado que os gaudérios de Rio Pardo tomaram, em fins de outubro, aos vassallos da Espanha, conforme narrei em carta de 8 de novembro (214).**

Com os dezoito contos de réis chegados em duas diferentes sumacas, continuou-se o pagamento às tropas. Quatro contos foram remetidos a Porto Alegre. Mas esta quantia não basta, pois faltou para os debandados de Cubatão, gente completamente inútil aqui. Para o destacamento da Ilha, veio dinheiro. De dois lados há despesas indispensáveis a fazer: com os hospitais, o Comissariado, capatazes e peões. Nada foi pago a esta gente, há vários meses.

No fim do mês de janeiro, **deviam-se aos oficiais do quartel-general, 6 meses de soldo. Aos oficiais de todos os regimentos de Infantaria, seis meses. Aos sargentos e soldados, três meses do soldo (215).**

As tropas se mantêm bastante bem. Houve uma pequena perturbação da ordem no Regimento de Moura, mas gabo-me de ter encontrado a solução para o caso.

Desejaria poder mudar o procedimento leviano e inconstante dos Dragões do Rio Pardo, que desertam sem o

menor motivo. Dois, dentre eles, levaram 14 cavalos do Capitão José Maria (216).

Já em 1775, tive a honra de informar à Vossa Excelência que o Major Roberto Rodrigues, (embora tenha muito boas qualidades para servir ao Rei), **não possui as de Comandante de Batalhão. Contudo, será muito apropriado para o comando de uma das fortalezas dessa capital.** Ouso solicitá-lo, com confiança maior do que quando Vossa Excelência, naquela época, respondeu-me poder empregá-lo nessa função (217).

O Capitão Francisco José Francisco, que tem sua mulher e seus poucos bens no Rio de Janeiro, deseja aí estabelecer-se. Se Vossa Excelência tivesse um posto de major nos Auxiliares para lhe conferir, eu suplicaria em seu favor. Devo declarar que ele não é indigno desta graça. É de grande probidade e não cede a ninguém quando se trata do zelo pelo serviço de S. M. Serviu cerca de dois anos fora de seu regimento, nos fortes, em funções onde não se poderia empregar qualquer pessoa. O Capitão Manoel Rodrigues Silvano não seria indigno de sua companhia. Ele salvou, por sua assiduidade, por seu zelo e por sua atividade, somas consideráveis do Rei.

O Segundo-Tenente José Maria Mena, do Regimento de Bragança, que mudou bastante de conduta, solicita-me levar à presença de Vossa Excelência, o pedido anexo.

O Segundo-Tenente Antônio José Freitas, do Batalhão de Roberto Rodrigues, adido há dois anos ao meu quartel, deseja transferir-se para o Regimento da Ilha de Santa Catarina. **Ali tem parentes de sua mulher e seus bens. É um estimável jovem e uso pedir-lhe esta graça por ele.**

Querendo obrigar os particulares a transportar sua bagagem nos navios de S. M., eles me apresentaram a representação anexa. Vossa Excelência determinará o que deve ser feito.

A 7 deste, entrou a sumaca do Mestre Francisco Antônio dos Reis. O Capitão Salvador Siqueira me entregou a carta de Vossa Excelência, de 23 de janeiro, com a cópia do tratado preliminar de paz e uma carta para o Vice-Rei de Buenos Aires, que lhe enviei no

dia seguinte.

Quanto à demarcação de limites, nada é mais fácil que começá-la sobre esta língua de terra, tirando uma linha do arroio meridional (São Miguel) que desagua no Sangradouro Mirim. **Mas, daí em diante, até o Jacuí, a região é desconhecida. Surgirão dificuldades que só engenheiros geógrafos podem solucionar.**

O Coronel Manoel Meixia Leite saberá valorizar a honra com que Vossa Excelência o distinguiu. Preparo as 5 companhias de seu regimento para a marcha a Laguna; lembro ao governador que os dois outros, que se encontram em Porto Alegre, estejam prontos para marchar, à primeira ordem **(218)**. Os indivíduos que quiserem servir ou estabelecer-se neste Continente ficarão aqui por ordem de Vossa Excelência; observarei a mesma coisa com as outras tropas que terão de se deslocar.

Comuniquei ao governador as ordens a respeito dos Auxiliares das Minas Gerais, dos quais ignoro quantos se encontram neste Continente. **Desejaria saber se os Voluntários de São Paulo devem retirar-se também para a Ilha de Santa Catarina.**

Vossa Excelência me permitirá lembrar-lhe as dificuldades para deslocar, por terra, todas estas tropas que estão comigo. **Uma parte pode ir para o Rio, por mar. A fragata Belona é um barco muito bom; está sendo equipado de novo e estará em condições de serviço no mês de março. A Sacramento estará pronta em poucos dias. O Dragão e a sumaca Madre de Deus podem servir também. Devo perguntar, ainda, se a artilharia espanhola deve ser enviada a essa Capital.**

O Mestre Francisco Antônio dos Reis **entregou ao capitão-tesoureiro dez contos de réis; farei descarregar a farinha que vem em sua sumaca. Ainda não tenho notícias da sumaca de Mestre Joaquim Antônio. Isto me inquieta por causa dos dez contos e da farinha, de que temos necessidade, e com a aproximação do inverno.**

Da Capitania de São Paulo, desde dezembro, **só um barco com 1.000 alqueires de farinha veio para cá. Custou muito persuadir o mestre que no-la deixasse sem o pagamento; de sorte que só**

temos esperança de sermos socorridos pelo Rio de Janeiro.

Causa-me vivo interesse a feliz notícia de que Vossa Excelência se acha em vésperas de retomar à Europa, para lá receber o merecido prêmio por seus relevantes trabalhos, do qual a promoção de Vossa Excelência ao Conselho de Guerra é um prenúncio. E preciso que após dez anos de aborrecimentos e das mais dificultosas ocupações, V. Exa respire, enfim, e desfrute duma situação mais tranquila nas graças de S. M. (219).

Todos os meus camaradas felicitam Vossa Excelência por isso, com tão grande respeito quanto sinceridade. Meu devotamento iguala meu reconhecimento...

Vila de São Pedro, 8 de janeiro de 1778.

PS. - Não recebi ordem de tomar público este Tratado Preliminar, mas todo o mundo dele teve conhecimento.

Esta ordem tão imprecisa de licenciar totalmente do serviço todos os soldados que o pedirem não deixou de causar tristeza nos comandantes de regimento. Com efeito, não é nada agradável ver passar livremente, à paisana, um soldado que se formou para servir numa tropa. Além disso, era de se temer que a maior parte do pessoal aproveitaria o pretexto de estabelecimento e de cultura para obter a baixa. E, encontrando-se em liberdade, ir para onde melhor lhe parecesse. Mas, era preciso cumprir a ordem (220). Entretanto, só a publicarei para o Regimento de Santos, que devia preparar-se logo para se deslocar. Estava considerando sobre os meios quando, a 9, recebi comunicado de terem chegado à Fronteira dez carretas carregadas de couros de bois. Decidi servir-me delas para o deslocamento do Regimento de Santos e conservar as poucas que tenho aqui.

Mandei o regimento passar para a Fronteira. Avisei ao governador providenciasse o deslocamento, de Porto Alegre, das 2 companhias desse regimento para se reunirem ao coronel, a caminho. **Escrevi ao Comandante de Laguna para que tomasse providências a fim de que nada faltasse às tropas, à sua chegada. Mandei fornecer ao regimento, farinha e bois para 40 dias.** Sem esperar ordem ulterior, fi-lo marchar a 16 de fevereiro. Deve chegar

a Laguna em 30 dias. O reforço de víveres deve servir para o caso de lá não haver ainda o suficiente. Espero que cheguem da vizinha Capitania de São Paulo.

Mandei vir do acampamento para este quartel a Companhia de Granadeiros e a de Mello e Lima, do Regimento de Moura.

Carta 39, de 1 de maio de 1778

Senhor

É meu dever participar à Vossa Excelência que a 15 de fevereiro **entrou, para minha grande alegria, a sumaca, tão esperada, do Mestre Joaquim Antônio, com 10 contos de réis e farinha. Fi-la descarregar imediatamente e preparar-se para voltar ao Rio de Janeiro, com a resposta que deve vir de Buenos Aires.** Na manhã do mesmo dia, havia partido para essa capital a sumaca do Mestre Antônio José Rodrigues, levando uma mala minha para Vossa Excelência com as cartas de 8 de fevereiro.

As cinco companhias do Regimento de Santos deslocaram-se, a 16 de fevereiro, da Fronteira do Norte para Laguna, com o estado-maior e levando farinha para 40 dias. As duas outras deslocaram-se, a 20, de Porto Alegre. Ficaram, voluntariamente, 7 destas 5 companhias e 16, das duas outras, segundo as cartas do brigadeiro-governador, **que me envia resultado da investigação feita sobre o súbito ataque cometido, recentemente, por índios vagabundos contra a casa de um de nossos colonos, perto de Jacuí.**

A Junta de Porto Alegre manda pedir dinheiro e farinha daqui. Do dinheiro que veio do Rio de Janeiro para esta Caixa Militar, mandei para lá a quarta parte, que é, proporcionalmente, mais do que ficou aqui.

Eu não poderia enviar-lhes farinha porque a que se encontra nos armazéns bastará apenas para o mês de março próximo.

Os Regimentos de Moura e de Estremoz acabaram de fazer suas túnicas e calças novas, e não ficaram mal, com um uniforme bem simples. Os oficiais ficariam muito mais contentes de o usar sempre sem os galões.

Tive a honra de dizer, em minha última carta, que esperava fazer cessar as deserções no Regimento de Moura. Mas enganei-me. Os ânimos estão muito exaltados e a animosidade vem de muito longe.

O major se queixa de que a maior parte dos oficiais se uniu contra ele e conspiram para afastá-lo.

A maior parte dos oficiais se queixa dos maus modos e do tratamento descortês que sofrem por parte do major, que por sua arrogância e orgulho os levou ao desprezo. Tudo isso permaneceu em segredo durante muitos anos. Nada transpirou fora do regimento. E eu o ignorava ainda se o major não fizesse explodir prendas de um oficial. Se este regimento tivesse os outros oficiais do estado-maior, eu poderia mandar investigar este fato. Neste momento, seria arriscar perder todo este belo regimento, porque o contágio atingiu até os soldados. Toda esta brava gente, inclusive os maiores culpados, me dá pena. São bons elementos e apenas culpados, diante de S. M., da animosidade e do silêncio que guardaram, por falso sentimento de honra.

Vossa Excelência pode cobrir-se de glória por salvar a reputação de todos os envolvidos e livrar essa tropa de uma pecha que lhe ficaria por muito tempo. Bastará uma pequena mudança. Dividi-o, discretamente. Mandei-o embarcar por companhias, em navios diferentes, para o Rio de Janeiro, onde será fácil corrigir tudo (221).

O Brigadeiro Roncaly propõe para uma vaga de tenente em seu regimento, o Segundo-Tenente Magalhães. Ele me parece um bom homem. Mas, Francisco José Ramos é mais antigo que ele e ambos foram mandados para cá numa época em que eram necessários homens escolhidos. Daí, julgo que não merece ser preterido. E, aliás, um excelente oficial e pronto a disso dar provas pela conduta que manteve aqui. Disseram-me que sua língua, um tanto solta, lhe valeu alguns inimigos.

No Regimento de Dragões encontram-se ainda os Segundos-Tenentes Salvador Moniz Pereira e Joaquim José de Cordova **que, por conduta vergonhosa, se tornaram indignos do serviço de S.**

M., conforme Vossa Excelência constatou nas informações do brigadeiro. Creio que seria um favor dar-lhes a demissão antes do retorno deste destacamento ao Rio Pardo, pois se os levarmos a Conselho de Guerra, serão punidos mais severamente (222).

O Capitão João Batista, do Corpo de Tropas Leves, almeja a demissão há muito tempo. Eu não poderia demorar mais a apresentar seu pedido à Vossa Excelência.

O governador, na carta inclusa, fala de um perdão de S. M., a todos os desertores, sobre o que faltam-me ordens de Vossa Excelência. **Ele está impaciente pela partida dos Voluntários de São Paulo, que eu não poderia retirar sem ordem de Vossa Excelência; ainda mais por não ter recebido notícias da retirada da tropas espanholas de Santa Tecla.**

A resposta do Vice-Rei de Buenos Aires, que demorou mais que o costumeiro, acaba de chegar esta manhã. A carta para mim vem em cópia. Mandeí embarcar imediatamente o Capitão Salvador Siqueira que foi para mim um inestimável companheiro. Ele terá a honra de lhe apresentar o mencionado documento. Nada mais acrescento senão a garantia do mais profundo respeito com o qual...

Vila de São Pedro, 7 de março de 1778.

Sendo impossível fornecer aos regimentos a quantidade usual de carretas, foi preciso introduzir um novo sistema, a começar pelo Regimento de Santos. **Mandeí proibir aos sargentos e soldados toda e qualquer bagagem que não pudessem carregar consigo, em marcha. A metade dos cartuchos, todas as pás, enxadões, assim como a bagagem supérflua dos oficiais, ficarão guardados aqui até a ocasião de os enviar por mar. Os soldados devem carregar consigo as marmitas, as machadinhas, os suportes e estacas de suas barracas, das quais a lona se transporta facilmente em duas carroças, para todo um regimento de Infantaria.**

A experiência nos demonstrou que o ar endurece, consideravelmente, o couro nesta região, **que os calçados estropiam o pobre soldado, que se descalça e vai de pé no chão**

quando se acha em liberdade. Propus ao Coronel Meixia que permitisse, em seu regimento, aos que quisessem, descalçar-se, pois todo o caminho até Laguna é de terra macia e leve, sem a menor mistura de pedras que possa feri-los.

Não enumerarei as reclamações que fizeram contra estas inovações. Direi apenas que tudo se executou ao pé da letra. **O coronel chegou, em 24 dias de marcha, da Fronteira do Norte a Laguna, sem retardatários, sem doentes, sem feridos; coisa fora do comum. E o soldado tinha o calçado guardado (223).**

A 14 de março recebi ordens de mandar deslocar, sem demora, as tropas da Companhia de São Paulo e os Guardas do Vice-Rei para Laguna. Mandei vir as Companhias de Voluntários de Macedo e de Garcia Rodrigues para o acampamento do Arroio. **Ali se acomodaram nas cabanas que mandei se conservassem das 3 Companhias de Moura, na espera de que seus cavalos passassem o rio. Os dois capitães resolveram fazê-los atravessar a nado. Os cavaleiros passaram em barcas. A bagagem pesada ficou aqui com uma pequena.**

O Capitão Macedo, oficial de mérito, zeloso, prudente, conhecedor do trato dos cavalos, recebeu o comando destas duas Companhias de Cavalaria de São Paulo, com o que fiquei bastante tranquilo. A 27, puseram-se em marcha do Estreito.

O Capitão José Maria Tonnelet fez a mesma escala com sua Companhia de Guardas. E partiu a 1º de abril, da Fronteira.

É de notar que o Coronel Rafael Pinto, com toda sua reputação de passar rios com suas tropas, não quis passar os cavalos a nado deste lado para o outro, no ano passado. Estes três capitães os passaram muito bem; principalmente o Capitão José Maria, que não perdeu um só no passo, embora em sua Companhia houvesse cavalos bem velhos (224).

Escrevi ao Governador José Marcelino para mandar deslocarem-se, também, as duas outras Companhias de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo e as 6 de Infantaria, para Laguna.

A 5, 6 e 7, passou o Regimento de Estremoz para a Fronteira do Norte, com o Marechal Chichorro.

Carta 40, de 22 de abril de 1778

Senhor

Não poderia deixar de informar à Vossa Excelência que o Regimento de Santos chegou a Laguna. Conforme suas últimas ordens de 15 de fevereiro, que recebi a 14 de março, mandei deslocar as duas Companhias de Cavalaria dos Voluntários de São Paulo, a 27, do Estreito e a Companhia de Guardas de Vossa Excelência, a 1 de março, da Fronteira do Norte, todas para Laguna, onde suponho que umas e outras já tenham chegado. De igual modo o restante dos Voluntários de São Paulo, que o governador fez partir de seus quartéis, por aquelas mesmas ordens, que lhe comuniquei logo que as recebi.

Destes Corpos de São Paulo ficaram cerca de 50 homens neste Continente (225). Os três Regimentos da Europa e o Primeiro do Rio Janeiro também estão prontos para partir. Fiz o possível para lhes fornecer barracas. Mas, será difícil encontrar para todos transporte por terra, **embora a bagagem pesada vá por mar com os doentes e os prisioneiros.**

O Regimento de Estremoz já passou o rio e se encontra na Fronteira do Norte. No quartel daqui estão o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro e 3 Companhias do Regimento de Moura. No acampamento do Arroio, o Regimento de Bragança e 4 Companhias do Regimento de Moura.

Os Dragões (do Rio Pardo) ocupam os postos avançados do Arroio Taím, do Albardão e do Sangradouro Mirim.

O Corpo do Coronel Rafael, a pedido do governador, foi para o Rio Pardo, deixando destacamento no Camaquã. Anexo as duas últimas cartas, no original, do coronel, respectivamente, de 8 a 16 de abril. Ainda não desloquei a Artilharia. Mas diminuí as guarnições dos Fortes da Barra, do Arroio e do Lagamar que já foi fechado. Abre-se uma nova barra, mais favorável, que mandei examinar **(226).**

O Capitão João Marcos Madureira, do Batalhão de Roberto Rodrigues me pediu, por várias vezes, que lhe concedi, a

oportunidade de se apresentar aos pés de Vossa Excelência.

Contando com a última farinha vinda na sumaca de Mestre José Francisco Mendonça, estamos supridos até o fim de maio.

No decorrer deste ano, **vinte contos de réis foram recebidos pela Caixa Militar, dos quais 6 foram remetidos a Porto Alegre. Assim, as dívidas vão a mais.**

Vossa Excelência julgará quando será tempo de nos socorrer.

O contrato dos fazendeiros que fornecem carne expira no mês de maio. Deixaria de importunar Vossa Excelência se não acreditasse que meu silêncio fosse criminoso. Faltar-me-ia reconhecimento se não beijasse as mãos de Vossa Excelência pela graça feita aos Capitães Manoel Marques de Souza e Afonseca.

Recomendo todos os meus camaradas e tenho a honra...
Vila de São Pedro, 22 de abril de 1778.

A mala foi para bordo da sumaca do Mestre Manoel José da Silva, a 23, e partiu a 29. A duplicata seguiu por terra, a 24.

A 31 de março foram publicados dois Decretos do Vice-Rei. Um declarando inocentes os oficiais da Colônia e ordenando que lhes sejam pagos os atrasados. O segundo, determinando meio pagamento aos oficiais do estado-maior da Ilha, que estão prisioneiros.

Esperando que o Vice-Rei mandasse navios para retirar uma parte das tropas por mar, conhecedor de que não havia barracas nem transportes, tomei as providências para não ficar em falta, caso acontecesse o contrário. **Determinei aos regimentos que se desfizessem de toda a bagagem supérflua porque não lhes podia fornecer carretas, senão aquelas necessárias para levar as barracas; nada mais para o soldado, que deve levar a parte de madeira delas. A metade dos cartuchos fica aqui, com as pás, enxadões e tudo o que for de alguma utilidade da bagagem dos oficiais com uma pequena guarda, para ser enviada por mar ao Rio de Janeiro.**

Para a marcha serão fornecidas: 2 carretas a cada regimento, para levar as barracas; duas carretas para conduzir toda a bagagem dos oficiais e do pequeno estado-maior e três carretas com farinha,

a meio alqueire por cabeça. Ao todo, sete carretas e se encontrar farinha em Cidreira... Serão fornecidos dois cavalos a cada oficial.

O Capitão Manoel Rodrigues Silvano trabalhou à toda a força. Utilizou toda a sua criatividade para preparar e acabar as barracas para 4 regimentos, embora só haja o suficiente para 3 nestes armazéns.

Havia, ainda, a dificuldade em carretas, que eu não tinha em número suficiente, apenas 16. Lembrei-me que havia, nos fortes do outro lado, grandes carroções cobertos, nos quais se guardavam as munições por falta de armazéns. Mandei-os examinar. Como as lanças, eixos e rodas são os mesmos que os das carroças, mandei transformá-las, tirando os caixões e guardando a munição. Assim com uma despesa módica, fiquei com 7 carretas a mais, muito boas, num total de 23 (227).

Estas ocupações foram interrompidas por outras que me preocupam bem mais. **O Major José da Nóbrega tomou-se de um amor estúpido por uma índia horrorosa, mulher de outro e amante de alguns guardas do gado dos fazendeiros; tinha o costume de visitá-la, quando sabia que seus rivais estavam ausentes, conduzindo gado para este quartel. Eles o descobriram! O ciúme os levou à vingança. A 29 de abril, o major, certo de suas ausências, dirigiu-se à cabana da índia, como de costume, só, a cavalo. Um deles, Antônio Garcia, voltou. Emboscou o major, quando este retomava ao acampamento. Lançou-lhe uma pelota de couro na cabeça (228) o que o deixou aturdido e o fez cair do cavalo. Antônio Garcia teve tempo de amarrar as mãos do major, antes que voltasse a si. Conduziu-o a um lugar afastado onde foi guardado até a noite. Então o mataram e queimaram todos os seus membros, de maneira bárbara, demasiado chocante para ser descrita. Deste modo, impediram a descoberta do corpo e sua sepultura, estendendo a vingança para além da morte.**

A 8, mandei passar as 4 Companhias do Regimento de Moura, 3 do Estado-Maior e a do Ribeiro, do acampamento para a Fronteira. A 16 de maio, a de Granadeiros, de Mello e Lima.

Carta 41, de 21 de maio de 1778.

Senhor

Depois da minha última carta, de 22 de abril, aconteceu aqui uma catástrofe: o Major Nóbrega, tendo saído na manhã de 29 de abril do acampamento, perto do Forte do Arroio, só, a cavalo, como fazia muitas vezes, não apareceu até a chamada da tarde. O Brigadeiro Veiga Gabral ficou apreensivo. Mandou procurá-lo durante toda a noite e o dia seguinte. Quando fui ao acampamento, a procura continuava, mas em vão. Nenhum vestígio do major e do seu cavalo!

Como não havia a menor aparência de que tivesse fugido, desconfiou-se de que tivesse caído em mãos inimigas. Algumas pessoas suspeitas, que serviam aos fornecedores do contrato de carnes, foram detidas porque pareciam preparar-se para a fuga. Um negro veio denunciá-las, por medo. Declarou ter ouvido em conversa que o major havia sido morto. E que um dos principais autores do crime se encontrava entre os que tinham sido detidos no dia anterior. Era o capataz Francisco José. Este denunciou também outros que haviam fugido. Precauções foram tomadas para que nenhum deles escapasse e os últimos foram aprisionados poucos dias depois. A enormidade do crime fez-me nomear, imediatamente, o Auditor Pedro José d'Araújo, do Regimento de Estremoz, para abrir o processo, conforme as Leis de S. M. Como o processo segue anexo, creio-me dispensado de narrar um fato que horroriza repetir e que eu não explicaria tão perfeitamente conforme está detalhado na Devassa (228).

Os assassinos seguem na corveta Sacramento, sob a guarda do Segundo-Tenente Manoel Moraes, do Regimento de Bragança, e de uma boa guarda, para receberem, no Rio de Janeiro, justa punição por seus crimes.

Como o Regimento de Moura ficou sem nenhum oficial de Estado-Maior, encarreguei o Tenente-Coronel Nicolas Antônio d'Almeida de seu comando, esperando as ordens de Vossa Excelência. As razões que me levaram a dar o comando deste

Regimento a um oficial de outro, foram, em parte, as que expus em carta de 7 de março, com as quais esta concorda.

O mais antigo capitão é Manoel da Gama Lobo. Oficial que não apenas se distinguiu à testa de sua Companhia, nos acontecimentos de 1 de abril de 1776, mas se apresentou em todas as ocasiões, em que se podia esperar perigo, com disposição, sem afetação. Ele é digno, por sua boa conduta, da graça que S. M. lhe queria fazer. Mas, tem visão um tanto curta. E eu não quis afrontá-lo, dando o comando do Regimento a um oficial mais moderno que ele.

Estando as tropas prontas para marchar, fiz atravessar o rio o Regimento de Moura e o de Estremoz. Eles estão acantonados na Fronteira do Norte, com o Marechal Chichorro. As carretas, bois e cavalos a eles destinados, já lá estão também... Mas não há farinha nos armazéns para o mês de junho, conforme minha carta de 22 de abril. Não sei o que nos acontecerá durante este inverno, cujos sinais já se fazem sentir.

Diz-me o governador ter tomado medidas para que a carne não falte. **Ele enviou para cá todos os prisioneiros condenados do Regimento de Voluntários de São Paulo e de Santos que me trazem embaraço. Vejo-me obrigado a me desfazer deles, enviando os que foram condenados à pena de morte ou de desterro em Angola, na sumaca do Mestre José Alves Neves, para essa capital.** Assim como, os dos Regimentos da Europa e do Rio de Janeiro, que não têm mais ocupação aqui, pois todos os trabalhos cessaram por falta de dinheiro.

O Senhor Bispo de São Paulo se interessou muito pelo Cabo Joaquim Gonçalves d'Escobar, do Voluntários de São Paulo, sentenciado à morte um tanto apressadamente, razão porque o separei do restante. Ouso pedir também em seu favor. Ele segue na Sacramento (229).

A 12, chegou o Coronel Rafael Pinto Bandeira, apresentando-me uma permissão de Vossa Excelência, para ir ao Rio de Janeiro, por seis meses, e partiu no dia seguinte.

A 16, fui avisado pelo Governador da Ilha de Santa Catarina da chegada do Brigadeiro Francisco Antônio da Veiga, à Freguesia de

São José, com o Coronel Veloso, que deve ir a Buenos Aires, com vinte contos de réis para estas tropas, o que prova não estarmos totalmente esquecidos, e que devemos esperar que chegue também farinha, embora eu não tenha sido honrado com carta de Vossa Excelência, desde 15 de fevereiro.

Tenho a honra de remeter o exame que o Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos Cassão fez na nova Barra, que é bem vantajosa.

Na sumaca do Mestre Francisco Antônio do Reis **seguem alguns doentes, incuráveis por falta de remédios, pois não veio ainda solução para a representação do Sr. Betâmio sobre os remédios enviados por essa Provedoria.**

As tropas de S. M. se comportam e se conduzem bem, graças a Deus. Se alguém quer desertar, é impedido.

Só me resta juntar a garantia do profundo e imenso respeito com que tenho...

Vila de São Pedro, 21 de maio de 1778.

Esta carta com a Devassa, os criminosos e outros papéis foi remetida a 28 de maio ao Mestre José Barbosa, da corveta que devia sair no mesmo dia e que só partiu a 3 de junho.

A duplicata seguiu a 24 de maio, na sumaca do Mestre Francisco Antônio dos Reis.

O transporte de farinha, da Fronteira do Norte a Laguna, destinada a subsistência das tropas durante a marcha, exige um grande número de carretas; pedi ao governador comprá-las no local. E, se possível, construir um armazém em Cidreira (que está a meio caminho), onde os Regimentos se possam abastecer, quando aí passar, economizando a metade das carretas. É preciso colocar gado no mesmo local, razão por que mandei avisar os fornecedores.

Ordenei ao Brigadeiro Veiga Cabral que fizesse demolir as cabanas que não têm serventia para o acampamento e recolher a madeira para ser empregada no caminho coberto do forte.

A 30, o brigadeiro chegou com 5 companhias de seu Regimento. Deixou uma de Guarda no forte e uma de Granadeiros

no acampamento, para a demolição das cabanas e queimar as palhas, a fim de que não fique nenhum vestígio do acampamento. Posteriormente, ele virá aquartelar-se junto a este Forte de São Pedro.

A 11, à noite, chegou o Coronel titular Vicente José Velasco. Ele gastou mais de um mês na viagem de Laguna e me entregou as cartas do Vice-Rei, datadas de 2 de abril, que poderia ter-me enviado logo que desembarcou; mas o Governador Francisco Antônio da Veiga me escreveu, por exibicionismo. Isto não me pareceu vir dele. **E manteve, nas atitudes como nas palavras, muita reserva e afetação, para que este atraso me parecesse accidental. Quis ganhar tempo. O Coronel Velasco tinha consigo o Major Pedro da Silva, dois sargentos e dois escravos (230).**

Carta 42, de 22 de junho de 1778

Senhor

Foi a 11 deste mês que o Coronel Vicente José Velasco aqui chegou, com o Major Pedro da Silva, e me entregou a carta de Vossa Excelência, data de 2 de abril, **que me fez esquecer, por alguns instantes, o desgosto da minha situação pelas expressões lisonjeiras e cheias de bondade que sufocam minhas queixas.** Enviei imediatamente sua carta, e a do Coronel Velasco, ao Vice-Rei de Buenos Aires, participando-lhe o que Vossa Excelência me ordena. Não falei dos postos avançados, pois não os tive nunca, fora dos limites da nova divisão e nem de Santa Tecla, uma vez que os Comissários regularão este assunto neste momento.

No que toca à formação da Legião, o plano original do coronel, assinado por ele mesmo a 23 de dezembro, deve encontrar-se numa Secretaria. Mande-o daqui com minha carta de 2 de janeiro de 1777. **O Coronel Rafael Pinto Bandeira, que suponho já chegado ao Rio de Janeiro, poderá fornecer todas as explicações, porque o plano é inteiramente seu. Eu pouco conheço os oficiais que ele propôs.**

Devo mais uma obrigação à Vossa Excelência, pela aprovação

das medidas que tomei quando da desunião no Regimento de Moura. Ficaria muito satisfeito se V. Exa aprovasse também minha solução, após a morte trágica do Major Nóbrega, que tive a honra de lhe participar em minha última carta, datada de 21 de maio. **As antigas animosidades parecem sanadas com o afastamento de alguns elementos perturbadores deste Regimento. Tudo ficará em ordem.**

A 26 do mês passado entrou, como se caída do céu, a sumaca do Mestre Joaquim Antônio, **com 1 .600 alqueires de farinha. Eu já havia esgotado a bolsa de meus amigos, para pagar 1/4 em dinheiro.**

O governador mandou pôr em Cidreira 800 alqueires de farinha, por pedido meu, para poupar o transporte. Nossos regimentos lá se abastecerão em marcha, para dez dias por cabeça. **Mas será difícil deslocar-se daqui sem que antes chegue mais farinha.**

Todas estas tropas, inclusive a pequena Brigada de Artilharia vinda comigo, estão prontas a executar ordens de Vossa Excelência. **E eu, mais que ninguém, tanto quanto minha saúde o permita. Ficarei muito grato à Vossa Excelência se me permitir voltar por mar em direção ao Rio de Janeiro, pois as vertigens me impedem de ir a cavalo, conforme já me determinara. Entretanto, obedeço.**

O Tenente João Quirino, do Regimento de Moura, deseja pôr-se aos pés de Vossa Excelência; envio-o com dois sargentos e sete soldados, que apresentaram necessidades urgentes, para conduzir a essa capital alguns prisioneiros; seguem na sumaca de Mestre Joaquim Antônio.

Anteontem, voltou o Tenente Palhares que eu havia enviado a Laguna procurar os **20 contos de réis. Eles foram enviados à Caixa Militar, onde não ficarão muito tempo, pois nossas dívidas indispensáveis a pagar são muito grandes e a necessidade, por ele são urgentes (231).** Meus camaradas se recomendam, comigo, à lembrança de Vossa Excelência, sem a qual estaríamos perdidos. Tenho a honra de ser...

Vila de São Pedro, 22 de junho de 1778.

Neste mesmo dia 22 **foram a bordo todos os prisioneiros**, sendo a carta entregue ao Tenente Quirino. A sumaca saiu a 26. Uma carta do governador foi enviada a bordo, a 25.

O Vice-Rei persistia em deter, apesar do tratado preliminar, o barco de guerra **St. Augustin, com os prisioneiros de guerra espanhóis, no Rio de Janeiro. Notou-se, claramente, que ele desconfiava (ou, pelo menos, que quis demonstrar sua desconfiança) da boa-fé do Vice-Rei de Buenos Aires, quanto a fazer as restituições estipuladas.** Este, entretanto, que havia retirado as tropas de sua expedição a Montevidéu, preparava-se para voltar à Europa, e que, seguindo notícias de lá, demonstrava muita impaciência. Isto me fez pensar que ele seria nosso libertador (sem ter, necessariamente, de sê-lo) das dificuldades em que nos encontramos (232).

Carta 43, de 25 de junho de 1778

Senhor

Chega, neste instante, a resposta do Vice-Rei de Buenos Aires, D. Pedro Ceballos que não demoro em enviar à Vossa Excelência. A carta que ele mandou está datada de bordo do navio de guerra **O Sírio**, pronto a retomar à Espanha. **Participa-me que o General D. João José Vertiz é o seu sucessor.** O Coronel Velasco teve resposta à sua carta e não deixará de informá-la à Vossa Excelência.

Devo reafirmar à Vossa Excelência, tão respeitosamente quanto possível, **a grande necessidade que temos de farinha, pois os 1.600 alqueires de Mestre Joaquim Antônio não bastam para um só mês.**

Eu me furtaria, não fosse esta penúria, de importunar Vossa Excia; mas a isso sou obrigado; tendo, por outro lado, a honra de...

Vila de São Pedro, 29 de junho de 1778.

A carta partiu, logo em seguida, por terra.

O fato do Vice-Rei D. Pedro Cebalios haver enviado o Coronel Velasco em missão, ao seu sucessor, ocasionou retardo.

Entretanto, incumbi o coronel de escrever imediatamente ao novo Vice-Rei. E enviei sua carta a Buenos Aires.

Julho

A cópia da minha carta de 22 de junho foi remetida a 4, em uma sacola, ao Mestre João Marcos Moreira, com os trabalhadores de Minas Gerais.

PS. - A ll via já fora enviada na sumaca de Mestre Joaquim Antônio: chegou-me, a 29 de junho, a resposta do Vice-Rei de Buenos Aires, que mandei, logo em seguida, para Laguna, com uma carta do Coronel Velasco e algumas linhas respeitosas para Vossa Excelência.

Nesta sumaca de Mestre João Marcos Moreira **seguem os trabalhadores de Minas Gerais, por não terem mais o que fazer. Três ficaram voluntariamente.**

Mandei pagar aos oficiais dois meses de seus atrasados. Aos sargentos e soldados, um mês e seis dias. Somando algumas dívidas mais prementes, não restam mais do que 5 contos dos 20 que foram recebidos no mês passado. O capitão-tesoureiro apresenta suas contas à Vossa Excelência.

Deus vela por nossa pobre gente, **enviando-nos a sumaca do Mestre Manoel José de Jesus com 1.400 alqueires de farinha.** Ele lançou âncora na Barra. Deus queria dar-lhe uma feliz entrada, neste 4 de julho de 1778.

Nota: Eu havia recebido três avisos diferentes a respeito da suma 400 alqueires; o Ajudante-Geral Gaspar, de 1.400. Mas, ela trouxe 5.400. O mestre se chamava Manoel da Costa Pereira, e, por fim, era uma corveta.

Portugueses feitos prisioneiros desde 1762, na província de Buenos Aires, começaram a ser postos em liberdade. A 12 de julho, 16 deles chegaram aqui, despachados, a maior parte, pelo Vice-Rei D. Pedro Ceballos. O salvo-conduto do Comandante de Santa Tecla só falava em 8. Haviam-lhes fornecido cavalos reíunos e víveres, no caminho. Esta gente havia sido feita prisioneira no mar, em Santa Catarina, na Colônia e aqui, em épocas diferentes. Havia entre eles, alguns vindos de Mendonza e do Vice-Rei do

Chile. Não sabendo o que fazer com eles, nem tendo o que lhes dar, pensei que pertencessem à Comissão do Coronel Velasco; mas ele se recusou a se lhes juntar. Eles declararam que o Tratado Preliminar fora declarado público, ao som de tambor, em todos os diversos lugares por onde passaram.

“Relaçõ da comitiva que passa a Buenos Ayres:

— Coronel Vicente José de Velasco Molina — Sargento Mayor Pedro da Silva — Sargento Manoel do Nascimento Chagas — Porta-Bandeira Joan Damasceno — Cabo Francisco José Barboza Soldado Luiz de Freitas — Ditto Sebastião Ferreira — Paisano Manoel de Medeiros Correa Escravos — Joaquim — Pedro — Paulo — Bartolomeu — Pedro — Narcizo — Remígio — Antonio — José — Joan”

Partindo o Coronel Vicente José Velasco com o Sargento-Mor Pedro da Silva e outras seis pessoas de sua comitiva, e mais onze escravos, deste quartel para os domínios de S.M.C., ordeno a todos os oficiais militares e civis que estiverem debaixo de minha jurisdição, assim como requeiro aos outros, que não só deixem passar livremente, mas queiram assistir o dito coronel, com tudo que precisar na viagem e me obrigo ao recíproco em semelhante caso.”

Vila de São Pedro, 7 de agosto de 1778.

Embora fosse extremamente penoso a todas as tropas verem-se ainda nestes desertos, quando as tropas espanholas da expedição já navegavam para a Espanha, nada causava maior prejuízo, em geral, do que a ordem dada pelo Vice-Rei, no começo deste ano, para estes regimentos se manterem prontos a marchar, à primeira ordem. Nesta situação, encontram-se eles desde o mês de março sem que essa ordem tenha sido relaxada, ou que, pelo menos, se tenha dado a entender que não foi extemporânea. Esta pobre gente, em consequência, perdeu muito; a miséria teria sido menor se eles tivessem continuado a plantar. As providências para a sua subsistência foram tomadas ao contrário, sem constituir culpa de alguém daqui.

Carta 44, de 6 de agosto de 1778

Senhor

Na ocasião em que o Coronel Velasco participa à Vossa Excelência a resposta do Vice-Rei de Buenos Aires e, também, sua decisão de lá ir, **tenho a honra de lhe comunicar que vários portugueses, detidos pelos espanhóis até o momento, chegarão a este quartel, despachados pelo Vice-Rei D. Pedro Ceballos. 31 já se encontram aqui e mais 54 estão a caminho. Anexo a lista de uns e outros. Esta gente me atrapalha sobremodo por não ter o que lhes dar: nem alojamento, nem víveres, nem dinheiro, nem condução posterior, e por não saber a intenção de Vossa Excelência a respeito.**

Entre os primeiros 19 acham-se um Dragão deste regimento. Ele desertou há mais de um ano, do Passo do Beca, com 5 outros, levando um bote que serviu para a passagem. Ele alega uma anistia geral, da qual nada sei. Faço-o trabalhar a ferros, esperando ordem de Vossa Excelência. Farei o mesmo com o outro que virá.

Nossa miséria é assunto que merece a atenção de Vossa Excelência. **Os 5.000 alqueires de farinha, vindos a 5 de julho, poderão durar até meados de setembro. Dinheiro já não há senão apenas para algumas compras miúdas, indispensáveis, e para o pagamento do pão para o hospital. O gado acabou. Já estou sendo obrigado a recorrer a meios extraordinários para não deixar faltar carne aos pobres soldados, que são dignos de comiseração, assim como os proprietários de quem se tira o gado.**

Não sendo minha intenção afligir Vossa Excelência pelo muito que sofremos, encerro esta carta assegurando-lhe o mais profundo respeito com que...

Vila de São Pedro, 6 de agosto de 1778.

A carta partiu para Laguna, com a do Vice-Rei, D. João José Vertiz, no mesmo dia. O Coronel Velasco partiu, a 8, deste quartel, com uma comitiva considerável. Nela se encontravam, fora o Major Pedro da Silva, 6 pessoas e 11 escravos. **Foi preciso fornecer-lhe**

para a viagem, três carretas, 66 bois e 43 cavalos, sem contar os peões e a farinha. Fi-lo acompanhar pelo Furriel de Dragões José Antunes Porciúncula (233).

A 15, recebi, do Governador da Ilha de Santa Catarina, a notícia de que o Comandante espanhol, Marechal Vaughan, a havia devolvido a 31 de julho e levantara velas para a Europa, com todas as suas tropas, a 3 de agosto. Quando, dela, mandei dar conhecimento, todo mundo preparou-se para partir imediatamente... **Durante o longo tempo em que estivemos sem a posse daquela ilha, era muito difícil retirar as tropas deste Continente. Mas, agora, ficou claro a todos que a primeira carta do Vice-Rei, que chegasse por mar ou por terra, seria como uma ordem de marchar, por ser o Tratado Preliminar muito positivo e, ainda, por ter o general espanhol retomado para a Europa com todas as tropas de sua expedição, enquanto nós nos mantemos ainda na mesma posição de antes do Armistício.**

A 22, o Governador da Ilha de Santa Catarina enviou-me cópia do Tratado de Aliança Defensiva entre as Cortes de Lisboa e de Madri, o que aumentou bastante as nossas esperanças.

Setembro

A 6, recebi uma grande sacola do Rio de Janeiro; mas nenhuma carta do Vice-Rei. Somente uma do ajudante-geral que me diz: “no dia 26 de julho entrou nesta capital uma embarcação de Lisboa. Nela vieram os papéis juntos que tenho a honra apresentar a V.E.” Um destes “papéis” era o Tratado de Aliança Defensiva entre SS. MM. Fidelíssima e Católica, sem acrescentar a este assunto uma só palavra. Contava-me que o Marquês seria substituído. Confesso francamente que caí das nuvens ao ver um assunto dessa importância ser tratado desta maneira, e por quem. E o Vice-Rei guardando silêncio sobre um Tratado já ratificado! Eu tinha pouquíssimas razões de ficar surpreso quando não recebi, anteriormente, a ordem para publicar a notícia da morte do falecido Rei, a subida de nosso soberano ao Trono, o casamento do herdeiro da Coroa e o Tratado Preliminar de Limites. Isto é o *non plus ultra*.

Carta 45, de 20 de outubro de 1778

Senhor

Apresso-me em enviar a carta do Coronel Velasco, que acabo de receber do arroio Taím, com a narrativa que me fez o Major Patrício, relativa a um excesso recentemente cometido em Maldonado, e das notícias que por lá correm.

Nestes últimos dias chegaram um cabo e sete soldados, do posto de Buenos Aires, e desertores de Santa Teresa. Enviá-los-ei na corveta que vai partir. Suas armas e cavalos serão guardados. Minha saúde é um assunto de pouco interesse para entreter Vossa Excelência. A nossa necessidade de farinha, de dinheiro e um pouco de carne já lhe é bastante conhecida para que eu a repita.

Só me resta assegurar à Vossa Excelência que, apesar de tudo o que acaba de me acontecer, não deixo nunca de ser, com o profundo respeito que lhe é devido...

Vila de São Pedro, 20 de setembro.

PS.- A última carta que tive a honra de receber de Vossa Excelência é de 2 de abril.

Na noite de 20, recebi uma carta do Vice-Rei, que me dizia em quatro palavras, que eu deveria enviar a carta inclusa ao Vice-Rei de Buenos Aires, sem demora, com data de 4 de setembro. **Nem uma palavra a mais; nem sobre a paz, nem sobre a marcha, nem sobre nossa miséria (234).**

Senhor,

Na saída desta corveta, **tenho a honra de participar à Vossa Excelência que os prisioneiros portugueses, vindos de Buenos Aires, por Santa Teresa, são em número de 134 (com mulheres, crianças e escravos) conforme a lista o mostra. Alguns que eram domiciliados aqui foram para suas casas. Outros irão apresentar-se à Vossa Excelência. O restante está aqui, esperando a decisão sobre seu destino.**

Desde 17 de agosto, tenho passado muito mal. Vertigens repetidas pareciam, às vezes, querer acabar comigo. Não

pude sair até agora, nem me avistar senão com as pessoas indispensáveis para a manutenção da ordem.

Desde a última carta de 2 de abril, acompanhada de **20 contos de réis, não fui honrado por nenhuma carta de Vossa Excelência, nem chegou mais dinheiro para estas tropas. A última partida de farinha chegou a 5 de julho; já acabou.**

Só se obtém gado à força e já anda raro. A carne que se fornece às tropas é tão ruim que parece impossível que homens a comam sem cair doentes. (235). Tais são, na verdade, nossas condições.

Os quatro regimentos de infantaria se encontram, há seis meses, prontos para marchar à primeira ordem. E eu a executar tudo o que Vossa Excelência queira confiar-me, tanto quanto o permitam minhas forças, sendo com...

Vila de São Pedro, 18 de setembro de 1778.

PS.- Recebi, a 19, uma carta do Coronel Velasco, que enviei a 20 à Ilha de Santa Catarina, acompanhada de algumas linhas de minha parte. Nessa mesma noite, recebi uma carta de Vossa Excelência para o Vice-Rei de Buenos Aires, que enviei no mesmo momento, conforme a ordem a ela juntada, por Vossa Excelência, de 4 de setembro. **Nesta corveta seguem os desertores espanhóis de 23 de setembro. A mala foi remetida no mesmo dia ao Mestre Antônio da Costa Pereira, que se pôs à vela no mesmo dia, mas não pôde ultrapassar o banco de areia senão a 30 de setembro.**

Mandei entregar a Sala de Armas e a fábrica do Comissário José Barbosa, pelo Capitão Manoel Rodrigues Silvano (236).

As dificuldades para o fornecimento de carne aumentam. Passam-se dias sem que as tropas a recebam. E isto, numa época de miséria em que eles não têm farinha, nem dinheiro. O gado vem sendo tirado das estâncias na vizinhança. Eu deveria assegurar, ao menos, este último e único recurso aos pobres soldados que mostram, na verdade, heroísmo, não perdendo a constância e a paciência quando submetidos a tão rudes provas. Minha indisposição não me permitindo sair, mandei chamar o Marechal Chichorro e lhe determinei que se deslocasse, com os Regimentos de Moura e de Estremoz, para Mostardas e acampar

lá, onde o governador lhe mandará fornecer gado. Caso contrário, ele mandará procurar o capataz da estância vizinha dos índios (que o governador queria manter ainda que custasse a ruína de tudo o mais). O Brigadeiro Veiga (Cabral) atravessará, com seu regimento, para a Fronteira do Norte. Se ficarmos todos juntos, a fome será inevitável. O pouco de víveres que se encontram por perto, acabam logo. Os soldados não podem se afastar para procurá-los. E os civis não os trazem, pois sabem que não há dinheiro. É necessário conscientizar-se disso e se aproximar dos lugares onde ainda se encontra alguma coisa, com uma parte das tropas. Os civis do Estreito e arredores, por serem afeiçoados ao Brigadeiro Veiga e ao seu regimento, não deixariam de assistilo, por crédito; o Primeiro do Rio de Janeiro, possuindo grande número de pescadores e botes, pode salvar-se com a pesca.

Carta 47, de 6 de outubro de 1778

Senhor

É meu dever enviar a carta inclusa, do Vice-Rei de Buenos Aires, sem perda de tempo. **E participar à Vossa Excelência que os armazéns se acham sem um grão de farinha há mais de 20 dias. A Caixa Militar, sem um real. O gado é tirado das terras vizinhas. E nós às véspera da fome.**

Vi-me forçado ao extremo de deslocar da Fronteira os Regimentos de Moura e de Estremoz; marcharam, a 2 deste mês, para Mostardas, lá acampando, **pois naquela região ainda se encontra gado a única coisa que se pode dar às tropas.**

O Regimento de Bragança acaba de passar para a Fronteira (Norte); eu fico aqui (ao Sul) com o Primeiro Regimento do Rio de Janeiro, esperando o dia 15 deste mês, se Deus nos enviar socorro. **Do contrário, a fome me obrigará a procurar, pelo menos, com que atenuá-la, arruinando os pobres habitantes da região mais do que algum inimigo o poderia fazer.**

Há mais de três meses não recebemos nada. Nem por mar, nem por terra (237).

A última carta de Vossa Excelência foi datada de 2 de abril. Com ela vieram também os últimos vinte contos de réis. **Aos soldados e sargentos se devem meses de soldo. Aos oficiais de Infantaria, 11 meses de soldo. Aos de meu quartel, 13 meses de soldo.**

Não devo acrescentar nada, nem deixar de ser com o mais profundo respeito...

Vila de São Pedro, 6 de outubro de 1778.

Isto se reflete seriamente sobre nossa situação. **Creio que, nunca, tropa alguma do mundo se tenha encontrado em semelhante situação. Os únicos regimentos portugueses no Brasil que talvez merecessem alguma recompensa foram tratados com a maior indignidade. Afora tantos meses de soldo que se lhes deviam, eles não receberam senão um par de sapatos durante perto de quatro anos. Foram obrigados a confeccionar, às próprias custas, um certo uniforme que lhes forneceram. E se lhes deviam vários, com túnicas... Construíram diversos alojamentos com suas próprias mãos, sem receber a menor gratificação. Fizeram prisioneiros com muita galantaria, sem receber a recompensa destinada Pelo Rei; nem, sequer, resposta ou promessa de recebê-la um dia. Ao contrário, parece que quanto mais eles se distinguiam, mais se pensava em humilhá-los e mortificá-los, exaltando-se mesmo, os que menos tenham merecido. Ficou estipulado pelo Tratado Preliminar, de outubro de 1777, que todas as tropas das expedições deviam ser imediatamente retiradas e retornar às suas províncias. As de Espanha já se encontram, talvez, retornando. As daqui permanecem longe de casa, excetuada a Guarda do Vice-Rei, de 60 homens. Ela foi recebida no Rio de Janeiro com regozijo. E, mais que ninguém, o Coronel Rafael Pinto Bandeira, que o Vice-Rei apresentou ao povo por toda a parte.**

O próprio público parece nos ter esquecido, pois há perto de seis meses não chega aqui nenhum navio de particularidades do Rio de Janeiro. Da Capitania de São Paulo, há mais de um ano. De sorte que não há sal, nem vinagre., nas lojas. O que parece um milagre!

Neste abandono tão completo, os soldados dão serviço com a mesma regularidade e se sujeitam à disciplina como se vivessem na maior abundância. Nem o menor roubo, nem violência se constata.

Exatamente nesta época em que nos falta o necessário, ainda vêm pessoas partilhar nossas misérias, acabando nossas provisões. Chegaram de Buenos Aires 132 portugueses postos em liberdade. Ao arroio Taím acabam de chegar 134, na maior parte militares.

Tive vergonha dos Dragões espanhóis, aos quais o Major Patrício não pôde dar nada para seu retorno a Santa Teresa, conforme o costume recíproco, pois somente havia um pouco de carne e muito má (238).

Carta 48, de 20 de outubro de 1778

Senhor

Na noite passada recebi a mala do Coronel Velasco para Vossa Excelência. O portador foi Antônio Silveira Peixoto, Capitão de Auxiliares de São Paulo. **Ele chegou anteontem ao arroio Taím, com 130 soldados de nossos prisioneiros de Buenos Aires e disse que em dez ou doze dias chegará o Governador da Colônia, com um número maior, para esta região faminta onde, desde o mês de setembro passado ninguém vê um grão de farinha. Nada além de uma ração de carne tão má que deveria ser jogada fora. E mesmo isto nos faltaria se eu não tivesse espalhado os quartéis, colocando o Marechal Chichorro, com dois regimentos, em Mostardas, conforme minha última carta de 6 de outubro.**

Estes prisioneiros vêm acompanhados por carretas e bem montados em lombilhos e cavalos “Reiúnos de Castella”. (239). Até o Taím, bem alimentados. De lá em diante, nada de condução para eles, nem quartéis, nem ordens quanto a seu destino, nem dinheiro, nem o necessário para comprar, nem sal, nem azeite, nem vinagre. Não tive, desde 2 de abril, nenhuma resposta às minhas cartas.

Confesso que não sei o que pensar de tudo isto. Entretanto, tenho a honra de ser com o mais...

Vila de São Pedro, 20 de outubro de 1778.

Esta pobre gente vinda de Buenos Aires ficou decepcionada com a recepção que se lhe fez; não havia o que lhe dar! E ainda a obrigam a vir para cá a pé. Como mais de 120 eram soldados e sargentos de diferentes regimentos — do Porto, Bahia, Pernambuco... - resolvi mandá-los em frente, para a Ilha de Santa Catarina e, de lá, para o Rio de Janeiro (240) O Capitão Antônio da Silveira Peixoto, que os havia conduzido até o arroio Taím, pediu-me permitir-lhe ficar algum tempo aqui para se refazer de uma indisposição, assim como o segundo-tenente porta-bandeira do Regimento de Colônia.

Designei o Capitão Joaquim José Proença, do Batalhão de Roberto Rodrigues, para exortá-los, dando-lhe um furriel e dragões **para evitar que esta gente, que só recebe, em marcha, a ração de carne, cometa desordens. Eles haviam chegado a 24 e o vento só lhes permitiu marchar a 28, acompanhados de duas carretas que, por sorte, tinham vindo da Fronteira. Como não há cavalos, deslocam-se a pé, como nossos soldados.**

Estes portugueses, postos assim em liberdade, acham-se quase no mesmo caso do povo de Deus que, fugindo da escravidão e dos ultrajes do Faraó, colocaram-se sob o comando de Moisés, no deserto, onde a fome os fez suspirar pela boa comida e ter saudades das cebolas do Egito.

Novembro

Carta 49, de 4 de novembro de 1778

Senhor

Acabo de receber a carta inclusa, do Vice-Rei de Buenos Aires, e uma mala do Coronel Velasco para Vossa Excelência, que faço seguir para a Ilha de Santa Catarina, repetindo nesta ocasião: - **que os quatro regimentos designados por Vossa Excelência estão,**

desde o mês de março, prontos a marchar logo que recebam ordem; as tropas do Rei se encontram, há muito tempo, sem soldo; - elas não têm farinha, há mais de dois meses; - nenhum outro alimento senão duas libras de carne por dia, que se tiram, à força, dos pobres colonos desta região. Os 130 prisioneiros de guerra portugueses, vindos de Buenos Aires, passaram por aqui. Deslocaram-se a 28 de outubro, sob a conduta do Capitão Joaquim José Proença, para a Ilha de Santa Catarina, a pé, sem que se lhes possa fornecer outra coisa além de carne, a caminho (241). O Governador de Colônia deverá chegar - dizem - dentro de alguns dias com igual número, para partilhar nossa miséria e aumentá-la.

Queira Vossa Excelência honrar-me com suas ordens, que executarei com o zelo e o profundo respeito do que não me separarei nunca. Tenho a honra... Vila de São Pedro, 4 de novembro de 1778.

Carta 50, de 17 de novembro de 1778

Senhor

Acabo de receber, pela sumaca do Mestre Miguel José Freitas, as ordens de Vossa Excelência, de 4 de novembro. **Não deixarei de executá-las tão logo venham as suas últimas ordens para a marcha, embora eu não tenha para a tropa, nem pão, nem farinha; remediar-se-á, como se puder, com o dinheiro.**

Avisei o Brigadeiro Roncaly da graça que Vossa Excelência lhe concedeu.

Ontem, chegou aqui o Governador de Colônia, Francisco José da Rocha, com intenção de passar à Ilha de Santa Catarina e, de lá, ao Rio de Janeiro (242).

Chegou de Buenos Aires, conforme a minha última carta, a quantidade de prisioneiros portugueses relacionados na lista anexa, com a carta do Coronel Velasco e o estado geral das tropas. Pedem, comigo, a assistência de Vossa Excelência, sem a qual não há nenhum remédio. Tenho a honra de ser, com o mais profundo

respeito...

Vila de São Pedro, 17 de novembro de 1778.

Entrou a sumaca do Mestre Miguel José Freitas, do Rio de Janeiro, trazendo-me a carta n° 49, do Marquês Vice-Rei, e nada mais. **Havia a bordo 500 alqueires de farinha de particulares, que mandei recolher aos armazéns.**

A 23, passou o Governador Francisco José da Rocha para o outro lado do rio (N). Como eu não podia dispor do número de carretas com que ele viera ao arroio Taím — cinco ao todo — ele se contentou com uma... **Resolveu deixar parte de sua comitiva, pelo menos as mulheres, na Fronteira do Norte. Dali ele partiu, a 28 de novembro, com suas próprias cadeiras, mulas e cavalos e uma carreta.**

Aos primeiros dias de dezembro fui fazer uma visita aos colonos estabelecidos de novo no Rincão del-Rey (243) desde a restituição das terras do Povo Novo ao proprietário, Manoel Fernando Vieira. E tive oportunidade de ficar muito satisfeito com a maneira pela qual o Capitão de Dragões, Carlos José da Costa, os havia restabelecido e arranjado. O número de famílias chegava a 112.

Dia 4 — Quando retornei, entrou a sumaca do Mestre Francisco Antônio dos Reis, **vinda do Rio São Francisco, com 1.100 alqueires de farinha, pertencentes aos proprietários dos primeiros 500 alqueires que mandei recolher aos armazéns, assim procedendo novamente. Dois dias após, ela foi distribuída às tropas de um e outro lado do rio, que se alegraram muito com o socorro.**

A 12 chegou uma tropa de **125 portugueses ao arroio de Taím, com passaportes do Vice-Rei de Buenos Aires. Assim como os precedentes, foram fornecidos, a caminho, de todo o necessário e em abundância.**

A 13 chegou o Brigadeiro Roncalhy, vindo do Rio Pardo para esta Vila de São Pedro (244).

A 14, mandei marchar para Laguna os 16 prisioneiros portugueses militares vindos de Buenos Aires — que aqui me causavam transtorno — sob o comando do Segundo-Tenente

Antônio José Freitas.

Resolvido substituir, antes do fim do ano, todos os oficiais que ainda se encontravam em postos de comando nas fortalezas e que deveriam retornar, com as tropas da expedição, ao Rio de Janeiro, fiz uma visita aos fortes de um e outro lado. E os encontrei em muito bom estado.

Escolhi, entre os oficiais que deviam permanecer no Continente do Rio Grande, os que considereei mais apropriados e lhes confiei os postos. Ao Major Roberto Rodrigues, Comandante do Batalhão de Infantaria do Rio Grande, a Inspetoria-Geral e a direção dos assuntos militares... do lado meridional do rio. Ao Capitão Lourenço Caetano da Silva, a Inspetoria sobre o Forte do Lagamar e a munição de guerra do outro lado deste rio — pois os dois oficiais já se distinguiram por sua habilidade e zelo. **O Forte de São José da Barra se encontrava em muito bom estado, como se tivesse recém-acabado, tanto fora como dentro; o armazém de pólvora, o de víveres, os alojamentos, os corpos de guardas... Pólvora para 25 tiros por peça; o resto foi retirado para o armazém da Vila de São Pedro (Vila de São Pedro do Rio Grande).**

O Forte do Arroio também estava muito bem mantido, assim como o do Lagamar. O da Conceição tinha sido abandonado antes. Mandei entregar ao Almojarife-Comissário José Barbosa toda a pólvora e o que o Capitão Manoel da Cunha, Inspetor da Oficina de Ferreiros e Serralheiros, tinha à sua disposição (245). Assim como todas as peças de artilharia, carretas, armas e munições. Tudo o que se encontrava nos fortes lhe foi remetido, em conformidade com o recibo que ele deu a todos os oficiais que estavam encarregados do material. Para facilitar tudo isso, tive o cuidado de deixar do outro lado do rio, isto é, ao norte dele, tudo o que o Comissário já tinha a seu encargo, antes de abril de 1776.

Estimulei o Sr. Betâmio a ajudar nas contas o Comissário Barbosa. Dia 18 — Entrou a sumaca do Mestre Antônio José Rodrigues, vindo do Rio de Janeiro, trazendo 889 alqueires de farinha, conforme eu fora avisado, há mais de 6 meses, pelo provedor do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1778.

Dia 21— À tarde, recebi carta do Vice-Rei, datada de 27 de outubro, **cuja apostila de 5 de dezembro contém a ordem de marchar logo que eu possa, com as tropas de minha Divisão para a capital. Decidi-me, imediatamente, não esperando a chegada dos 40 contos de réis (246).**

Mandei passar logo minha equipagem para o outro lado do rio (Fronteira Norte).

Ordenei ao Coronel Manoel Nunes Teixeira que fizesse colocar as bagagens de seu regimento no armazém perto do Forte de São Pedro, junto dos outros. E de se preparar para passar no dia seguinte à Fronteira do Norte com suas quatro companhias restantes. Mandei substituir os soldados de seu regimento e procurar os destacados.

Fui ao outro lado combinar tudo com o Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga, para que ele possa marchar, dois dias depois, isto é, a 23, com seu regimento e o do Rio de Janeiro, para Laguna. Mandei preparar as carretas necessárias e virem de Bojuru os bois, **cavalos e mulas, tanto para os regimentos como para meu quartel (247).**

Mandei ensacar farinha para 28 dias por cabeça, até Cidreira, onde se encontra mais, para outros dez dias.

Determinei ao Tenente-Coronel Manoel Soares Coimbra que distribuisse os soldados do Batalhão de Roberto Rodrigues de maneira que pudessem guarnecer o Forte do Lagamar e guardar os armazéns da Fronteira do Norte, porque não deixarei lá nenhum de nossos soldados.

Mandei ordem ao Marechal Chichorro para deslocar-se de Mostardas para Cidreira, providenciando a subsistência de sua Brigada, da melhor maneira possível, pagando eu todos os vales que deixar no caminho. Avisei o Governador da Ilha de Santa Catarina desta marcha. Participei tudo ao Governador José Marcelino. Retornei, em seguida, a meu quartel na Vila de São Pedro. Mandei procurar, ainda à noite, o Esquadrão de Dragões do Capitão Carlos José da Costa da Quinta, para guarnecer este quartel.

Dia 22 — Concluí minhas obrigações tão bem quanto possível. Deixei minha bagagem para seguir ao Rio de Janeiro na fragata

Belona, com alguns empregados domésticos. **Não levei comigo senão o que fosse de extrema necessidade e a cozinha.** Ordenei aos oficiais de seu quartel que quisessem acompanhar-me por terra, que se sujeitassem a esta mesma regra. Ou, que fosse por mar, porque eu não queria que carretas me atrasassem.

Encarreguei o Major Roberto Rodrigues do comando da Vila, do serviço, do cuidado dos prisioneiros portugueses mandados de Montevidéu, dos fortes, da munição de guerra e dos armazéns do Rei do lado sul do rio. Pus o que estava do outro lado aos cuidados do Capitão Lourenço Caetano da Silva.

Ao meio-dia, atravessaram as quatro Companhias do Primeiro Regimento do Rio de Janeiro. **O Coronel Manoel Nunes Teixeira pediu-me permissão para ficar ainda alguns dias, por causa de uma enfermidade numa das pernas. Dei-lhe permissão, pois prometeu-me seguir viagem em poucos dias.** Fiz-lhe fornecer uma carreta para sua maior comodidade. Concedi a mesma coisa ao Marechal Funck (248).

O Sr. Betâmio desejava também um prazo para pôr em dia as contas, o que consenti de muito boa vontade por estar bastante interessado em deixar tudo de forma que qualquer um possa, por inspeção dos livros, ver a situação dos negócios. Ordenei que toda a bagagem pesada dos Regimentos de Moura, de Estremoz e Primeiro do Rio de Janeiro, as pás, as enxadas, as lanças, todos os cartuchos, com exceção de 24 de que cada soldado ficara municiado, fosse depositado em local vizinho ao Forte de São Pedro. **Tudo será transportado, com os destacamentos que o guardam e os doentes dos regimentos que se acham no hospital, para o Rio de Janeiro, na sumaca do Mestre Antônio José Rodrigues, chamada Laranja.** Tudo o que pertence ao Regimento de Bragança irá na sumaca do Mestre Francisco Antônio dos Reis, direto à Ilha de Santa Catarina.

Determinei que, para a marcha, se fornecesse a cada regimento de Infantaria duas carretas para levar todas as barracas, com os soldados levando os paus; duas carretas para carregar as bagagens de todos os oficiais do regimento; dois cavalos de montaria para

cada oficial.

Tudo foi disposto e ordens dadas para que as tropas fossem supridas, durante a marcha, tanto de farinha como de carne.

Embora o Vice-Rei tenha deixado à minha escolhalha ir por mar ou por terra escolhi por mar este caminho e tudo estava pronto para isto. Resolvi pôr tudo em marcha e tomar, em seguida, a dianteira para aplainar as dificuldades, se encontrassem imprevistos.

Dia 23 — Despachei o Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos Cassão para partir, com o primeiro vento favorável, com a fragata Belona (249) e o corsário *Dragão*, com meu trem de artilharia e o destacamento de artilharia do Capitão Manoel da Cunha, para o Rio de Janeiro.

Os prisioneiros foram encaminhados com as declarações do Major Roberto Rodrigues, assim como os portugueses vindo de Buenos Aires, pelo Major da Praça José d'Afonseca, que recebeu uma carga.

O Coronel Joaquim José Ribeiro, o Major George Luiz Teixeira, o Capitão Manoel Marques de Souza, o Capitão José d'Afonseca Vidal, o Tenente Manoel Martins Couto, o Cirurgião-Mor André da Costa, o Brigadeiro Roncalhy, o Capitão-Tesoureiro Francisco José Vieira e o Capitão Simão Soares. O Brigadeiro Veiga havia saído às dez horas da manhã, deste quartel (250).

Dia 24 — **Pus-me em marcha com meu quartel, do qual todas as bagagens haviam sido carregadas em cavalos cargueiros. Eu não tinha senão duas pequenas carroças para nossa cozinha, o que era indispensável. Uma dúzia de Dragões me escoltava. Encontrei, perto do Estreito, o Brigadeiro Veiga com os dois regimentos, que passei em revista. E dei as últimas ordens ao brigadeiro. Continuei minha marcha até Capão do Meio, onde recebi cartas do Marechal Chichorro, que chegou na mesma noite a São Simão. Pedia-me ele sacos para a farinha que se devia receber em Cidreira; mandei adquiri-los na Vila de São Pedro (do Rio Grande).**

Dia 25 — Passei por Bojuru, Capão Comprido e as Guaritas.

Dia 26 — De lá, por Mostardas e a São Simão. Em Mostardas (onde os Regimentos de Moura e Estremoz tinham estado acampados mais de dois meses sem receber farinha do Rei) cheguei ao sair da missa.

Esperavam-me queixas e pedidos de dinheiro; mas fiquei bastante admirado porque vieram, de toda a parte, cumprimentos pela boa conduta das tropas. E que o povo testemunhava tristeza pela ausência delas. Ninguém abriu a boca para pedir algum pagamento. O padre assegurou-me, inclusive, que não se devia nada. Que o que os habitantes haviam fornecido às tropas, haviam ganho com seu trabalho. Isto me tocou vivamente e me deu extrema satisfação! (251).

Dia 27 — Fui até Barros Vermelhos. Ali encontrei, ao meio-dia, o Tenente Pedro da Silva, que o governador me mandou **para trazer os 40 contos de réis vindos do Rio de Janeiro. Ocupei-me todo este dia, até meia-noite, com o capitão-tesoureiro, fazendo a distribuição de modo que ninguém pudesse reclamar e que as dívidas mais urgentes fossem pagas.**

Dia 28 — Cheguei à noite, a Cidreira, pouco depois da Brigada do Marechal Chichorro. **Fiz-lhe pagar o dinheiro da farinha que lhe era devido. Aos oficiais, cinco meses de atrasados e aos sargentos e soldados, dois meses e meio. De sorte que os oficiais foram pagos até o fim do mês de março e os sargentos e os soldados, até abril de 1778. Enviei o capitão-tesoureiro para fazer, por toda a parte, o pagamento sem distinção entre as tropas do Continente do Rio Grande e as demais (252).**

Dia 29 — Fui até a outra margem do Tramandaí. O Capitão Simão Soares ficou junto à Brigada do Marechal Chichorro, para providenciar o que lhe faltasse e o pôr na praia.

Dia 30 — Passei pela “Tapera”, na Entrada de Campos, pela Meya Praya e parei nos quartéis de Torres.

Dia 31 — Passei o Rio Mampituba, o Arroio Grande, as Lagoinhas e atingi Conventos.

ANO 1779

Primeiro de janeiro — Atravessei o Rio Araranguá, a Barra Velha, o Arroio Urussanga. Fui até o armazém de Garopaba. Dali enviei parte de minha pequena bagagem por água.

Dia 2 — Desloquei-me por terra, deixando o morro de Santa Marta à direita, na Barra de Laguna. Ali embarquei e cheguei, ao meio-dia, à Vila de Laguna.

Dia 3—Detive-me nela, pois os cavalos, mulas e cadeiras **(253)** só puderam atravessar à noite, devido ao vento contrário. Encontrando uma sumaca nesse porto, fiz embarcar nela todas as nossas bagagens, que passaram por mar, com as da Brigada do Marechal Chichorro, à Ilha de Santa Catarina.

Escrevi ao Governador da Ilha participando-lhe minha chegada e as medidas que havia tomado para minha marcha até a sua residência.

Dia 4 — Marchei de Laguna, por Vila Nova, e cheguei, à noite, a Piraquera.

Dia 5 — Passei pelas florestas de Piraquera, de Garupeba, pelos Marinheiros, pelo Monte Sirim. Atravessei o Rio Imbaú e cheguei, à noitinha, à Ponta de Araçatuba. Ali embarquei às 11 horas da noite para a Vila de Nossa Senhora do Desterro. Nela não encontrei o governador que partira à noite para ir ao meu encontro. **Mas havia quartéis muito bem organizados para toda a minha comitiva.**

O governador chegou na manhã seguinte. Concordamos prontamente sobre os meios de deslocar as tropas para a Ponta de Araçatuba, embora isto até então parecesse impraticável. As tropas sempre tinham passado por mar, de Laguna à Ilha, e nós não tínhamos navios. Mas o governador, concordando com minhas ideias, tomou todas as medidas, com o zelo e a atividade que todo o mundo lhe reconhece. Tanto que as dificuldades desapareceram. **Os habitantes da Capitania da Ilha não têm nem cavalos nem mulas para tal transporte.** Assim é que enviei o Capitão Simão Soares a Laguna para conduzir de lá, sucessivamente, as duas brigadas de infantaria, com os cavalos e mulas do Rio Grande. E

avisei o Marechal Chichorro deste arranjo (254).

Como o governador devia remeter uma corveta ao Rio de Janeiro, com os portugueses enviados pelo Governador de Buenos Aires ao Rio Grande, escrevi, na oportunidade, ao Marquês Vice-Rei.

Carta 51, de 11 de janeiro de 1779

Senhor

Em virtude das ordens de Vossa Excelência, contidas em sua carta de 27 de outubro, com apostila de 5 de dezembro do ano passado, que recebi a 21 de dezembro, à noite, pus-me logo a organizar as coisas para que o resto das tropas da expedição, que se encontrava na Vila de São Pedro, pudesse passar o rio no dia seguinte. E o Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga se pusesse em marcha, a 23, para Laguna, com o Regimento de Bragança e o Primeiro do Rio de Janeiro **(255)**.

Escrevi ao Marechal Chichorro que marchasse, ao receber minha ordem, de Mostardas a Laguna, com os Regimentos de Moura e de Estremoz.

Avisei o Governador da Ilha de Santa Catarina desta marcha. Em consequência dela, todos os navios de transporte que povesse à Vossa Excelência enviar à Ilha deviam permanecer nela para receber a bordo as tropas que chegassem. Participei também ao Governador José Marcelino as ordens de Vossa Excelência.

A 23 passei à Fronteira do Norte. A 24 pus-me a caminho com os oficiais do meu quartel: o Brigadeiro Roncalhy e o capitão-tesoureiro. Encontramos, a 27, em Barros Vermelhos, o Tenente Pedro da Silva, enviado pelo Governador da Ilha com os 40 contos de réis.

A divisão se fez no papel, de sorte que todas as tropas que se encontravam ainda no Continente de São Pedro do Rio Grande fossem pagas em igualdade. Os oficiais, até o fim do mês de março de 1778. Os sargentos e soldados, até o fim do mês de abril do mesmo ano.

Mandei pagar, no dia seguinte, em Cidreira, à Brigada do

Marechal Chichorro, a quantia que lhe cabia. Remeti também o dinheiro para a farinha, que ela não havia recebido. Fiz voltar o capitão-tesoureiro para atender a Brigada do Brigadeiro Veiga e para quitar algumas dívidas indispensáveis e muito reclamadas, (256) na Vila de São Pedro. Que este dinheiro foi agradável às tropas, não tenha nenhuma dúvida Vossa Excelência.

A fim de que não se encontrassem dificuldades na marcha, tomei a dianteira. Cheguei a 5 de janeiro, à noite, à Ilha de Santa Catarina.

Como Vossa Excelência conhece o governador atual, será supérfluo dizer que tudo foi arranjado em pouco tempo (257).

As duas brigadas marcharam por terra, de Laguna até a Ponta de Araçatuba. Ali serão distribuídas pelos quartéis em terra firme até seu embarque para essa Capital. Só o Regimento de Bragança entrará na Ilha. Há farinha e bois nesta Capitania.

Só encontrei aqui a fragata **Princesa do Brasil**. Aproveitar-me-ei dela para satisfazer minha impaciência de ir apresentar meus respeitos à Vossa Excelência. Como ela pode, ainda, transportar algumas tropas, **farei embarcar comigo duas companhias do Regimento de Estremoz e o próprio Marechal Chichorro.**

O Marechal Funck virá com as últimas tropas. O Senhor Betâmio pediu-me para ficar algumas semanas mais na Vila de São Pedro, para acertar todas as contas e poder informar com mais precisão, o que parece convir aos interesses de Sua Majestade.

Ordenei, antes de minha partida do Rio Grande, à pequena fragata **Belona** e ao corsário **Dragão** para fazerem-se à vela para esta capital ao primeiro vento favorável. Os dois barcos levam toda a Artilharia e um destacamento, conforme tive a honra de participar. Os doentes e as bagagens dos Regimentos de Moura, de Estremoz e Primeiro do Rio de Janeiro seguem na sumaca chamada **Laranja** para o Rio de Janeiro; os do Regimento de Bragança, em outra, direto a esta Ilha.

Já havia feito deslocarem-se para a Ilha de Santa Catarina os militares que se encontravam entre os comboios de prisioneiros de

guerra, portugueses, remetidos de Buenos Aires. Eles chegaram aqui e serão enviados a essa capital ao comando do Capitão Proença. Suponho que aí já chegaram cinco soldados sentenciados que entreguei ao Capitão-Tenente Joaquim José dos Santos Cassão, a menos que este haja sido detido no Rio Grande.

Embora não tenha tido a satisfação de avistar-me com o Senhor Governador de quem, a caminho, recebi carta de despedida, espero que encontre lá embaixo as coisas em boa ordem quanto ao pessoal militar. E, sobretudo, o que toca aos interesses de S. M. O Senhor Betâmio poderá dar-lhe esclarecimentos e sanar dúvidas **(258)**.

Segundo cálculos meus, o Marechal Chichorro chegou no dia 10 a Laguna. Poderá chegar com as duas companhias, a 14 ou 15, à Ponta de Araçatuba e assim fazendo, embarcar logo. Neste caso, embarcarei, sem demora, a bordo da fragata. Se o vento nos favorecer, poderemos desfraldar velas a 17. Espero gozar, em pouco, a felicidade de exprimir à Vossa Excelência de própria boca, a devoção e o mais profundo respeito com o qual tenho a honra de ser...

Vila de Nossa Senhora do Desterro, 11 de janeiro de 1779.

Esta carta foi enviada ao Capitão Proença, na mala postal do governador. **Na sumaca iam 139 prisioneiros portugueses vindos de Buenos Aires, todos militares.** Aos primeiros, de Proença, haviam-se ajuntado 16 que tinham sido escoltados pelo Segundo-Tenente Freitas. Alguns dos primeiros que pertenciam ao Regimento desta Ilha, ficaram aqui **(259)**.

No intervalo entre minha chegada e a do Marechal Chichorro, com suas duas companhias, **tive a oportunidade de percorrer com o Brigadeiro-Governador Francisco Antônio da Veiga Cabral (militar, fidalgo e companheiro bem diferente de seus antecessores) os arredores de sua residência, os fortes e os armazéns, que os espanhóis restituíram como os haviam encontrado. Parte dos uniformes dos Regimentos de Moura e de Estremoz também se encontrava ali. Os soldados do Regimento da Ilha tinham todas as armas guarnecidas em latão, como os Regimentos da Europa. Havia em uma casa, perto de 400 armas do mesmo modelo que as tropas fugitivas tinham abandonado**

em diversos locais nas matas, quando em fuga.

Dia 13 — Chegou o Marechal Chichorro à Ilha; dia 14 — As duas companhias de Estremoz, à Ponta de Araçatuba. E dia 15, à Vila; dia 16 — Elas passaram a bordo da fragata. À noite, chegou a sumaca com as bagagens, vindas de Laguna; dia 17 — De manhã, fui para bordo com os oficiais de meu quartel.

O governador, durante minha estada, foi pródigo em atenções não só quanto a mim, mas para com todos os que me acompanhavam. Quis conduzir-me a bordo da fragata que estava ancorada a mais de 4 léguas de sua residência e **marcou nossa saída com grande solenidade. O Capitão de Alto-Mar Tomas Stevens nos recebeu de forma a melhor possível, tratamento que continuou durante toda a viagem.**

Dia 18 — Antes do amanhecer, nos pusemos à vela e chegamos após uma viagem cansativa de bonança ou de ventos contrários, que durou 14 dias.

Dia 31 — À noite de 31 de janeiro, chegamos ao Rio de Janeiro onde o Marquês Vice-Rei recebeu-me com todas as demonstrações de contentamento, atenção e amizade. O público, em geral, pareceu testemunhar satisfação por nosso retorno (260).



Marechal Diogo Jacques Funk que tão valiosos serviços prestou como engenheiro militar na reconquista do Rio Grande do Sul e que o focalizo em meu livro **Estrangeiros e seus descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** p.237/247. A ilustração ao lado consta da valiosa **Bibliografia Sul Riograndense** de Abeillard Barreto v.1, p,547/552, onde registra a sua vasta obra como engenheiro militar. Lamentavelmente não conseguimos nenhuma ilustração focalizando o Tenente General Henrique Böhn, mas a sua grande de comandar a grande operação de reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis e a definição de seu destino brasileiro. Obrigado Ten Gen. Böhn!!! em nome de todos os gaúchos.

Adiante comentaremos as 260 notas ao texto
destas Memórias.

CONVENÇÕES USADAS NAS NOTAS ÀS MEMÓRIAS DE BÖHN

ACANDHIS - Academia Canguçuense de História.

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras.

CFC - Conselho Federal de Cultura.

An. Bibli. Nac. v. 99, mss = Anais da Biblioteca Nacional. v. 99, 1976.

Manuscrito do IHTRGS - Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IGHMB - Instituto de Geografia e História Militar Brasil.

IGHE Paranaense - Instituto Geográfico, Histórico e Etnográfico Paranaense, Curitiba.

FAHIMTB - Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil.

Anais Restauração RGS. v ..., p Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776—1976). Rio, IHGB — IGHMB, 1979. 4v.

BARRETO, Bibliografia RGS. v. ... p. ... Barreto, Abeillard. Bibliografia Sulriograndese. Rio CFC, 1973 e 1976. 2v.

BENTO, Cláudio Moreira. Canguçu reencontro com a História — um exemplo de reconstituição de memória comunitária. P. Alegre, IEL, 1983, 2ª ed 2007.

_____. S.P e PR na reconquista do RGS p.... BENTO, Moreira, Cel "Participação Militar de São Paulo e Paraná na guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul". Boletim do instituto Geográfico, Histórico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1978. p. 77-104.

_____. Em torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa BENTO, Cláudio Moreira, Cel. "Em torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa" — Revista do instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 1977.

_____. Fortificadores RGS. BENTO, Cláudio Moreira, Cel. Fortificações e fortificadores do Rio Grande do Sul, **Revista da Sociedade de Engenharia do RGS**, 1975/76 2.

_____, Síntese Histórica das Forças Terrestres nos RGS. BENTO, Cláudio Moreira Síntese Histórica das Forças Terrestres na área da 3ª Região Militar. **Revista Militar Brasileira**. jul/dez 1973.

CEZAR, Guilhermino. **História do RGS - período colonial**. P. Alegre: Ed. Globo, 1970.

FAHIMB - Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil. DN - Defesa Nacional.

DP - Diário Popular, Pelotas.

RMB - Revista Militar Brasileira (atual Revista do Exército).

MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. Dominação Espanhola do RGS. "Dominação Espanhola do RGS" in: **Anais da Restauração RGS**. v. 4. NEVES, **Vultos do Rio Grande**. NEVES, Décio Vignoli, Vultos do Rio Grande da cidade e do município Santa Maria, 1982. Ed. Pallotti, 1980 v. 1.

RHEINGHANTZ. Povoamento RGS p. ... RHEINGHANTZ, Carlos Grandmasson, "Povoamento do Rio Grande e São Pedro (por colonistas) in: **Anais Restauração RGS** v. 2.

RIHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

RMB - Revista Militar Brasileira, atual Revista do Exército.

NOTAS ÀS MEMÓRIAS E CARTAS DE BÖHN

1 - A introdução do autor, ao tratar dos combates de Santa Bárbara e Tabatinga dá a versão correta. Vertiz y Salcedo, em função das derrotas acima, dirigiu-se ao Rio Grande, sob domínio espanhol, através do rio Camaquã, percorrendo os atuais municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul, perseguido por guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira, os quais atuaram sobre a Real Armada de Vertiz, no passo do Camaquã, desde então da Armada.

2 - Foi o encarregado de organizar a primeira Esquadra do Brasil que teve seu batismo de fogo, em 19 de fevereiro 1776, ao forçar e penetrar a Barra de Rio Grande. Isto depois de duro combate, com

navios e fortificações dos espanhóis, atuando em conjunto na Vila de Rio Grande. Sua ação descrevo em aspectos da época da criação da Escola Naval. *DP 25* maio de 1982, *Letras em Marcha*, dezembro de 1982 e *Revista do Clube Militar*, maio/junho de 1983. p21. ver nota 163 ao final dos dados sob: o comandante naval espanhol em Rio Grande. Ver An. Bibl. Nac. v. mss-123 e 131.

3 - Expulsá-los da Vila de Rio Grande, da Fortaleza Santa Tecla, em Bagé, e Fortim São Martinho, próximo a Santa Maria. Com elas os espanhóis dominavam cerca de 2/3 partes do atual Rio Grande do Sul. (vide introdução) Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss-112.

4 - Vieram da Europa para expulsar os espanhóis do Rio Grande do Sul, Regimentos de Infantaria de Moura, Estremoz e Bragança que iam efetivamente reconquistar a Vila de Rio Grande, de assalto, junto com o do RI do Rio de Janeiro. Gustavo Barroso em *Uniformes do Exército Brasileiro*, , fornece dados sobre eles e uniformes respectivos. Os quais apresentamos na 1ª capa do presente livro

5 - Estas barracas pouco adiantaram. As tropas foram obrigadas a construir ranchos de Santa-fé (capim), muito comuns até hoje no Rio Grande do Sul, ou algum outro tipo existente na área.

6 - O General Böhn recebeu ordens de embarcar o mais rápido possível. Recebeu instruções cujo teor omitiu em suas Memórias.

7 - O construtor foi o Brigadeiro José da Silva Paes, cerca de 1740-1742. Penso que elas seriam eficientes com apoio naval, em seus intervalos. Defendo o valor das fortificações da baía norteda baía norte no trabalho “Em torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa”, RMB, 1977 e RIFCH da UFRGS, 1977, p. 330-360.E recentemente.

8 - Ponta de Araçatuba parece referir-se a Garoupa atual, distante 16km, da cidade de Araçatuba.

9 - Garoupa, local próximo ao litoral, ao sul de Laguna, junto à Lagoa Garoupa.

10 - Coronel José Custódio de Sá Faria. Português, morreu em 12 de janeiro de 1792, em Buenos Aires, a serviço da Espanha e ao lado da sua única filha, com uma paraguaia. Veio, com 40

anos, para o Brasil, em 1750. Engenheiro, cartógrafo e arquiteto realizou alentada e relevante obra específica no Brasil, em 27 anos. Conhecia, como ninguém, a demarcação do tratado de Madri, no Sul e Oeste. Defendeu, então, com sólida argumentação, os interesses do Brasil. Percorreu durante 27 anos Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina, como demarcador e fortificador. Foi o 7º governador do Continente de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, de 1764-69. Construiu os Fortes do Estreito e Taquari, para barrar as direções estratégicas incidindo sobre Viamão e Rio Pardo. Dinamizou a guerra de guerrilhas contra os espanhóis. Era muito querido pelos continentinos. Em maio de 1766, planejou e dirigiu frustrado ataque à Vila de Rio Grande, ocupada pela Espanha. Em compensação, reconquistou São José do Norte atual. Sua ação teve profunda repercussão diplomática. Ele foi recolhido preso ao Rio para prestar contas de “seu fogoso desatino”. Inspeccionou a Fortaleza do Iguatemi, em São Paulo. Provou que ela existindo ou não, em nada contribuiria para a defesa do Brasil. Três meses antes da invasão espanhola da Ilha de Santa Catarina foi enviado para lá como assessor de fortificações. Sustentou que a ilha era indefensável. Foi o negociador da capitulação da Ilha ao Vice-Rei do Prata, Ceballos, que o levou preso para Buenos Aires. Lá passou ao serviço da Espanha e se encontrou com sua única filha. A anistia, em 1786, silenciou sobre sua situação. Culpado, traidor, ou inocente, eis o desafio que paira no ar. Ele não foi alcançado pela Justiça portuguesa relativamente à perda da Ilha da Santa Catarina para Espanha. Para maiores detalhes, consultar nosso ensaio “Em torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa” p. 355; BARRETO. v. 1 e An. Bibl. Nac. v. 99 mss-63, 69, 70, 74, 85, 94, 129, 330. **E o livro por nos prefaciado.**

11 - Refere-se à mudança da capital do Continente — atual Rio Grande do Sul — de Viamão para o que denominou Porto Alegre (ex-Porto do Viamão, Porto do Dorneles e Porto dos Casais). Isto, entre 24 e 25 de julho de 1773 pelo seu 8 e 10 governador, Coronel José Marcelino de Figueiredo, cujo nome verdadeiro era Manoel Jorge Gomes Sepulveda. A troca deveu-se ter morto, em Faro, por

questões de honra, quando capitão do Regimento de Voluntários Reais em Portugal, um oficial inglês. Foi mandado secretamente para o Brasil. Em 9 de março de 1769, foi nomeado pela primeira vez Governador do Continente e Comandante do Regimento de Dragões do Rio Pardo. Sua ação na expulsão dos espanhóis foi relevante como se mostra na introdução do General Böhn. Governou o Rio Grande por mais de 10 anos, até 31 de março de 1780. Possuía gênio forte. O final de seu governo foi marcado por incidentes com seus superiores. Ao chegar do Rio irrompeu intepestivamente e aos brados no gabinete do Vice-Rei, causando péssima impressão. Mas como ninguém é responsável pelo temperamento que possui, sua contribuição à definição do destino do Rio Grande do Sul é relevante, conforme mostra o próprio General Böhn. Marcelino de Figueiredo nasceu em Bragança (16 de abril de 1734) e faleceu em Lisboa, em 18 de abril de 1814, aos 70 anos e já com seu nome verdadeiro, após haver governado Bragança e ter sido promovido a brigadeiro de Cavalaria. Após servir no Rio Grande, casou aos 48 anos no Rio (24 de setembro de 1781), onde nasceu, em 17 de agosto de 1782, sua filha Maria Ignácia Correia de Sá e Sepulveda. Atingiu o posto de tenente-general. Ao final da Guerra do Sul, o valoroso e operoso Governador Marcelino estava confuso, cansado e doente. Envolveu-se em acidentes vários sem atentar para a hierarquia. Ao ser convidado para Comissário da Demarcação em 1778 escusou-se com sua precária saúde: “Estou com falta de respiração e achaques no peito e cheio de empingens. Meu maior embaraço é ter uma ruptura na virilha esquerda (hérnia) que não me deixa andar sem muito trabalho e sem funda. Por isso, posso dizer que quebrei no negócio que aqui vim fazer”. Noutra carta, queixou-se do abandono das tropas do Rio Grande, sem soldo há um ano, sem rações de farinha, há cinco anos, com um só fardamento. E resume-se em pior situação do que as tropas que entregaram a Ilha de Santa Catarina e Colônia. Por todas as suas contrariedades, em janeiro de 1779 pediu ao Vice-Rei que concorra para o tirar do Rio Grande “porque já não posso aturar mais trabalho”.

Abeillard Barreto *em Bibliografia do RGS*, v. 1 pp. 5 19-520,

forneceu bastantes indicações sobre Marcelino bem como MONTEIRO. *A dominação espanhola do RGS*. Ver nota 114 Memórias.

Marcelino fundou Porto Alegre, deu grande impulso à construção naval, à agricultura e estradas. Cézar. *História do RGS* p. 183 forneceu outras referências. Ver nota 173 e NEVES. *Vultos do Rio Grande* pp.l 45-148 e An. Bibl. Nac. v. 99 mss 105, 115, 120, 156 e 164.

12 - Böhn previu a decadência de Viamão, mas não acertou quanto à extraordinária iniciativa dos porto-alegrenses em erigir a nova capital, Porto Alegre. Iniciativa muito feliz do ponto de vista estratégico-militar. Cabeça forte, com seus punhos voltados para a sua defesa em Rio Pardo e Rio Grande. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 89, 93, 129, 168, 260 (Viamão).

13 - Na época, segundo Böhn o Rio Jacuí até o Rio Pardo chamava-se Guaíba. Esta seria a denominação espanhola, em função de seus numerosos afluentes de um lado e outro. A denominação Jacuí era a partir do Rio Pardo para o W. Assim é preciso distinguir no relato, o significado de Guaíba naquela época, para o de Jacuí atual.

14 - Rio Pardo anteriormente foi uma redução jesuítica, depois destruída pelos bandeirantes. Seu povoamento foi iniciado em 1754, com a construção do Forte Jesus-Maria-José, pelo Coronel Thomaz Luís Osório, fazendo a vanguarda do Exército Demarcador de Gomes Freire. Ao retornar do passo São Lourenço, no Jacuí, Gomes Freire de Andrade fez delinear Rio Pardo que ficou dentro da área das "estâncias jesuíticas do RGS" que estudo no DP, 26 de julho de 1970 e abordo em *Canguçu Reencontro*. Ver Fortificação Rio Pardo 1777. An. Bibl. Nac. v. 99 mss 144 (projeto do Marechal Funch).

15 - Eram as perdizes e os perdigões. Estes mais raros.

16 - Foram recrutados nos Açores para colonizar os Sete Povos das Missões que seriam evacuados dos índios, sob orientação dos jesuítas. Fracassada a troca, eles se espalharam pelo Rio Grande do Sul em torno de Porto Alegre, Rio Grande e ao longo do Rio Jacuí. WIDERSPHAN os estuda em *A colonização Açoriana do RGS*, Porto

Alegre, 1979. Vide introdução e Povoamentos An. Bibi. Nac. v. 99 mss 1, 2, 12, 16,93, 179 e 310.

17 - O general europeu se extasia com a criatividade dos brasileiros do *Sul*, ao transporem, com a maior facilidade, rapidez e com poucos meios, um rio mais largo que o Reno e o Mampituba.

18 - Fronteira Norte era chamada a margem norte do Sangradouro da Lagoa dos Patos e atual cidade de São José do Norte. Existia a Fronteira do Rio Pardo. Ali era o limite sul do Brasil de então.

19 - Camilo Maria Tonellet Mena. Veio ao Sul comandando a Companhia de Guardas do Vice-Rei. Atuou muito nos postos avançados, na altura do Taím e Albardão. Ao tentar domar um cavalo selvagem, feriu-se e esteve mal. Atingiu o posto de tenente general. Voltou ao Rio Grande do Sul, em 1825, no posto de tenente-general. Sua participação é destacada por Böhn. Ele é estudado por SILVA — *Os generais do Exército Brasileiro. 1822-1889*. Rio, Bibliex, 1940. 2led. Deixou o Rio Grande em 28 de agosto 1777, a bordo da Sacramento.

20 - A **Belona** foi construída em estaleiros de Porto Alegre. Ela desempenhou importante papel na reconquista da vila de Rio Grande. Foi o primeiro barco de guerra construído no Rio Grande do Sul. Integrou a primeira Esquadra organizada no Brasil. Ver indicações das notas 2 e 163. Em dezembro de 1778 viajou ao Rio, levando bagagens do Exército do Sul, ao comando do CT Cassão.

21 - Estas cartas redesenhadas estão publicadas em nosso trabalho. *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Palegre, IEL, 1975. p. 3 1-32.

22 - Ficava fora da barra, sob a forma de uma enseada no mar. Ele permitia o abrigo de pequenos barcos. Enquanto a barra foi dominada pelos espanhóis, o **Lagamar** permitiu que os portugueses recebessem suprimentos em São José do Norte, via marítima. Depois da conquista da Vila de Rio Grande, a Natureza, em seus desígnios, fez o Lagamar ser assoreado e inutilizado. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 128 (Planta Lagamar).

23 - Alexandre José Montanha (1730-1800). Lisboaeta nascido

a 23 de março de 1730. Serviu no Brasil (1776-1791). Engenheiro, projetou o Lagamar, os arruamentos de Taquari e de Santo Amaro, o levantamento de Porto Alegre (a primeira planta) e dos fortes construídos em Rio Grande pelos espanhóis, após a expulsão destes. Planejou e dirigiu melhoramentos nos Fortes de São José da Barra e do Arroio, como parte das fortificações da Vila de Rio Grande depois de sua reconquista. BARRETO *Bibliografia, RGS v. 2* pp. 947, dá indicações mais precisas sobre o Capitão Montanha. Böhn julgava Montanha sem prática em fortificações e “nunca ter visto abrir uma trincheira”. Ao final, Böhn o elogiou como construtor do Forte São José da Barra e pediu sua promoção a major; “por já haver trabalhado e sofrido sem encontrar a fortuna”. Ver an. Bibl. Nac. v. 99 mss e 147 (Fortes 5. José da Barra e do Arroio).

24 - O rio a que se refere Böhn é o Sangradouro da Lagoa dos Patos, ou canal de escoamento desta para o oceano. Ele divide as cidades atuais de Rio Grande (ao sul) e de São José do Norte (ao norte). Böhn usava expressões setentrional e meridional para designar o norte e o sul. Ver nota 163.

25 - A única tropa de linha organizada na fundação do Rio Grande do Sul em 1737. Em 1754 transferiu-se para o Rio Pardo. Sua história é balizada por De Paranhos Antunes. *Dragões do Rio Pardo*, Rio, Bibliex, 1954 e Fernando Osório. *Sangue e Alma do Rio Grande*. Pelotas, Globo, 1937.

26 - Ver nota 23.

27 - Complementa a nota 20, sobre o valor militar da fragata **Belona** construída em Porto Alegre. Ver notas 20, 163 e 167.

28 - É lisongeira a impressão que um experimentado cabo-de-guerra europeu, discípulo do Conde de Lippe, colheu da histórica e legendária tropa de linha do Rio Grande do Sul de então, que refiro à nota 25. Ver Conde de Lippe *in*: BENTO. *Estrangeiros e descendentes* p. 2 1-28.

29 - Foram as tropas leves, em realidade guerrilhas, que mantiveram os espanhóis nas suas raías, de 1763-1777, como se verá. Destacaram-se sobretudo, com Rafael Pinto Bandeira, nascido em Rio Grande em 1741 e lá falecido em 1795. Foi

secundado pelo Capitão Cipriano Cardoso Barros Leme, estancieiro ao sul do Jacuí, defronte ao Rio Pardo. A terceira companhia era de homens, segundo Böhn, **“sem fé, nem lei e perigosos”**. Eram, então, **chamados gaudérios, “homens sem lei e sem rei”**, fugitivos da lei de Portugal ou de Espanha e que deram origem ao gaúcho primitivo, cuja evolução para o gaúcho atual, ensaiamos em *“O gaúcho primitivo origens e evolução”*. *Diário de Pernambuco*, Recife, 8 de março de 1770. Böhn empregava muito o termo **gaudérios**. Seu significado, à época, era o vagabundo, parasita, andejo do pampa, sem lei, sem rei e sem fé, mas eles prestaram valiosos serviços militares a Portugal, como guerrilheiros, enquanto os interesses de ambos foram coincidentes.

30 - O 1º Regimento do Rio de Janeiro, por transformações sucessivas e o Batalhão Sampaio, que homenageia o Brigadeiro Antonio Sampaio, Patrono da Arma de Infantaria.

31 - Importante observação de um cabo-de-guerra europeu para compor o perfil da primeira espada continentina — Major Rafael Pinto Bandeira. Sua imagem tem sido deturpada na visão de um quadro que o apresenta gordo, redondo. O retrato que dele traça Böhn é o real e não o romanceado. Ver nota 29 e introdução. E. NEVES, *Vultos do Rio Grande*. p. 79-176.

32 - Cipriano Cardoso Barros Leme. Cap. Descendente de bandeirantes. Veio ao Rio Grande em 1754, integrando uma Companhia de Cavalaria ao comando de seu pai João Cardoso Fonseca Leme. Era da comarca de Itu. Destacou-se desde logo no comando de guerrilhas contra os espanhóis. Conseguiu escapar de Santa Tereza, em 1763, ao ser esta conquistada pelo invasor. Possuía estância ao sul do Jacuí, defronte a Rio Pardo, local onde acampou, por último, o Governador de Buenos Aires, Vertiz Salcedo, em janeiro 1774, antes de retirar-se para o Rio Grande.

Com a morte do Capitão Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael, Cipriano ficou encarregado da defesa ao norte do Rio Camaquã, tendo suas bases de guerrilhas em Encruzilhada do Sul atual. Participou, com destaque, das seguintes vitórias: Monte Grande (janeiro de 1762); Reconquista de São José do Norte (5 de

maio de 1766); Santa Bárbara (2 de janeiro de 1774); Tabatingá (10 de janeiro de 1774); São Martinho (31 de outubro de 1775) e Santa Tecla (25 de março de 1774). Rivalizava em valor, sagacidade e intrepidez com Pinto Bandeira. Descendia de bandeirante que atuou em Minas, entre 1690-1710. Ao ser mandado buscar informações sobre o invasor da Ilha de Santa Catarina, ele foi a bandeira em torno da qual se cristalizou a reação contra espanhóis que tentavam desembarcar no Continente. A 25 de abril de 1777 venceu o combate de Vila Nova contra um grupo de espanhóis. Sua fama repercutiu no Rio, pois, em 25 de junho de 1777, ele recebeu ordem do Vice-Rei de “continuar a socorrer e defender Santa Catarina com o concurso do Capitão Cristóvão Almeida”. Maior detalhes em: “Em torno da Fortaleza de São José”, pp.356-357.

33 - Aqui, possivelmente, uma posição entre Rio Pardo e Cachoeira atual. Pois, Jacuí ficava para Böhn acima de Rio Pardo.

34- A fragata **Belona** vinha sendo operada por um comandante mercante e soldados, após ser construída em Porto Alegre. Ver notas 20 e 27.

35 - Luiz Marques Fernandes. Era irmão de Manoel Marques de Souza, ajudante-de-ordens de Böhn. Ele estabeleceu estância, antes de 1763, no município de Canguçu atual, próximo a Vila Freire. Sua estância foi base dos Dragões e tropas de Rafael Pinto Bandeira, para atrair os espanhóis para o canal São Gonçalo, em 1766, e facilitarem o ataque a Rio Grande, tentado e frustrado em 5 de março de 1766. Sua estância está localizada em mapa da demarcação do Tratado de Santo Ildefonso que reproduzo, em parte, em **O negro e descendentes na sociedade do RGS**. P. Alegre, IEL, 1975. p. 185. Ele é considerado o primeiro estancieiro de Canguçu. Ficou na toponímia local o nome Rincão dos Marques.

36 - Capitão Simão Soares. Desempenhara importante papel no estado-maior de Böhn, como Comissário de Transportes e Cavalos. Nasceu em Rio Grande, em 4 de novembro de 1741 e faleceu em Pelotas (Boqueirão, hoje São Lourenço do Sul) em 11 de agosto de 1818. Casou com Josefa Maria Barbosa, filha do guardamôr João Antunes da Porciúncula. Deixou enorme descendência

em Boqueirão (São Lourenço), Canguçu, Pelotas, Bagé, Piratini e Jaguarão. **Foi sua tetraneta Alice da Porciúncula, madrinha do historiador Pedro Calmon e neta de Ezequiel Soares da Porciúncula. Este, irmão de David Soares da Porciúncula (1807-1841) que casou com Maria de Souza Mattos, irmã do Tenente-Coronel Theóphilo de Souza Mattos que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai e bisavô materno do anotador, conforme se concluiu de RHEINGANTZ, Alice.** Tinha cerca de 34 anos em 1775 e era muito conhecido no Rio Grande. Foram estancieiros em Canguçu os filhos de Simão Soares da Silva, Manuel, José e Felício e casaram, em Canguçu, com as filhas do Capitão José Sampaio. Tomou parte na demarcação do Tratado de Santo Ildefonso em 1801. Simão Soares da Silva e seu cunhado José Antunes da Porciúncula, dos Dragões, comandavam, respectivamente, as guardas do Taím e Albardão. Lideraram, então, a incorporação de Santa Vitória atual até o Chuí. Ver do autor. "Santa Vitória do Palmar na História Militar". *RMB* julho/dezembro de 1774.

Segundo Pedro Calmon, o seu padrinho Miguel Calmon Du Pin Almeida, casado com Alice, tetraneta do Coronel Simão da Silva, foi quem financiou todas as viagens do poeta Olavo Bilac, de propaganda do Serviço Militar Obrigatório. Assim, Miguel Calmon, o fundador da Liga de Defesa Nacional, com recursos de sua rica esposa pelotense, financiou a vitoriosa campanha do Serviço Militar Obrigatório. Segundo ainda Pedro Calmon, o nome Liga de Defesa Nacional inspirou-se na revista *A Defesa Nacional*.

37 - Marechal Jaques Diogo Funch (1715-1788) nasceu e faleceu em Estocolmo, Suécia. Em 22 de junho de 1767, aos 52 anos, veio para o Brasil, contratado como inspetor do gênio (Engenharia) e Artilharia do Brasil. Em 22 de julho de 1774 foi promovido a marechal-de-campo, posto em que veio ao Rio Grande do Sul onde permaneceu até aos 64 anos. Sua contribuição ao Rio Grande é notável. Sua obra foi relacionada por BARRETO. *Bibliografia do RGS*, v. 2 p.548. O estudo em *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Palegre, IEL, 1976p. 327-247. Deixou-nos mapa e

descrição do litoral, da Ilha de Santa Catarina até a barra do Rio Grande; levantamento em planta da barra do Rio Grande em 1776; plantas dos Fortes do Arroio, do Lagamar, Patrão-Mor, S. José da Barra, da Conceição, Santa Bárbara, Itapoã, Ilha do Governador (os dois projetados e suspensos em razão do Tratado de Santo Ildefonso) e plantas dos Fortes espanhóis do Ladino, da Vila do Rio Grande, da Mangueira e do Triunfo. Fez reconhecimento ao sul do Jacuí dos postos guarnecidos e passos dos rios. Seu nome liga-se à introdução do ensino de Engenharia do Brasil, ao dirigir, na Praia Vermelha, no Regimento de Artilharia, uma aula de Engenharia (gênio) e Artilharia. Suas descrições possuem valiosas informações para História do Rio Grande do Sul, como a que publiquei no livro citado, com apoio em Caviglia, depois de tornar seu pensamento claro e objetivo. Pois, como estrangeiro, possuía grande dificuldade em escrever na língua portuguesa. Ver nas *Memórias*, seu sofrimento com o frio, e nota 173, Forte com seu nome em Torres. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 108, 109, 118, 128, 133, 135, 137, 139, 141, 143-146. Funk retornou ao Rio em 1779, onde chegou com Böhn. BARRETO, A Bibliografia do RGS, publica seu retrato. Ele foi o primeiro a preconizar a ligação de Torres com Porto Alegre e Rio Grande por águas interiores.

38 - Manoel Marques de Souza, tenente-general (1743-1822). Foi um dos maiores fronteiros do Sul. Nasceu em Rio Grande, em 27 de fevereiro de 1743. Era filho de Antonio Simão e Quitéria Marques. Inicialmente, foi funcionário público. Na eminência da guerra, alistou-se nos Dragões, tendo se distinguido no combate aos espanhóis, de 1763-74. O General Böhn o tomou por ajudante-de-ordens, por seu valor e conhecimento amplo do Rio Grande do Sul. Tinha 32 anos, no ataque à Vila de Rio Grande em 1º abril 1776; dirigiu o ataque principal, em razão de seu conhecimento da Vila de Rio Grande, onde a invasão o colheu aos 20 anos. Retornou do Rio, em dezembro de 1778, na comitiva de Böhn. Na guerra de 1801 teve ação destacada para a expulsão dos espanhóis, ao norte do Jaguarão. Assumiu o governo do Continente, atual Rio Grande do Sul, em carácter interino. Em 1812, comandando a Fronteira do

Rio Grande, penetrou no Uruguai pelo passo N.S. da Conceição do Jaguarão (próximo a Centurión) fazendo a vanguarda do Exército Pacificador, de D. Diogo de Souza. Em 1816, destacou-se mais uma vez na Fronteira do Rio Grande, sob seu comando, na primeira guerra contra Artigas. Em 1822, assumiu interinamente o governo do Rio Grande do Sul pela segunda vez, O sábio francês Saint-Hilaire, ao passar por Rio Grande, deixou interessantes impressões do velho tenente-general. Era primo e amigo de Rafael Pinto Bandeira e casou com a paulista de Sorocaba, Joaquina de Azevedo Lima, filha do Capitão Domingos Lima Veiga”. Em outubro de 1821, às vésperas da Independência, foi acusado de tramá-la. Foi mandado, então, recolher-se à Corte onde faleceu sem ter vivido para ver a Independência que ocorreu acerca de seis meses a Souza 1º após. Foi sepultado no Convento de Santo Antonio, no Rio, local onde se encontravam, fazia 36 anos, os restos mortais do General Böhn. Marques de Souza era avô do futuro Conde de Porto Alegre e de mesmo nome que o seu, além de padrinho do futuro Marquês de Tamandaré. Foi estancieiro nos atuais municípios de Canguçu e Pedro Osório, na bacia do Rio Piratini. Foi o segundo filho do Rio Grande a governá-lo interinamente e o 1º efetivo. Forneço outros dados sobre ele em *Canguçu Reencontro com a História*. Ver NEVES, *Vultos do Rio Grande* pp. 163- 175. Foi estancieiro na Torotama. E na História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada da qual foi consagrado denominação história por nossa proposta e como Manuel Marques de Souza 1º para diferenciá-lo de seu filho e neto do mesmo nome.

39 - Dois estrangeiros a serviço de Portugal: Frederico Kasselberg — dinamarquês e Schmerhel — alemão. O primeiro encontrou a morte em 19 de fevereiro de 1776, quando a prestava na fragata **Graça**, um grupo para guarnecer o barco **Pastoriza**. Foi atingido por um tiro de mosquete do soldado espanhol Antonio Peres, da **Pastoriza** que o matou. (Joham Nicolao Schmerhell — Capitão-de-Mar-e-Guerra). E um dinamarquês mártir da reconquista do Rio Grande do Sul.

40 - Foi o comandante das Forças Navais do Rei de Portugal no

Rio Grande, que ajudaram reconquistar a Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776. Em 4 de abril de 1775 ele forçou com êxito a barra do Rio Grande com três navios, indo juntar-se à **Belona**. Passou, assim, o Exército do Sul a dispor de uma força naval de 04 barcos: *Invencível* (sob seu comando), *Sacramento* e *São José*. A esquadilha espanhola chegou dia 15 de abril 1775 - Ver nota 163.

41 - Antonio Carlos Furtado de Mendonça, Lisboaeta, filho do Visconde de Barbacena. Solteiro, nasceu-lhe, na Ilha, seu filho Luiz Carlos, mais tarde arcebispo de Braga-Portugal. Comandava a Ilha de Santa Catarina, em 1777, por ocasião de sua conquista pelos espanhóis. Acusou, por isto, o comandante de Esquadra CMG Robert MacDouall por havê-la desamparado. Anistiado, em 1786, foi proibido de exercer função pública. Governou Minas Gerais, antes, e veio da Europa comandando o Regimento de Moura. Ver do autor Em *torno da fortaleza São José, já citado* An. Bibl. Nac. v.99mss 114, 115, 121, e 134.

42 - A necessidade obrigou os soldados a fazerem ranchos mais largos e altos do que suas barracas para enfrentar o inverno. Esta foi uma realidade no Sul, por muitos anos e até na Guerra do Paraguai, conforme telas do pintor argentino Cândido Lopes, sobre a citada guerra.

43 - Böhn, inicialmente, teve seu QG em São José do Norte. A partir de maio de 1775 e até 2 abril de 1776, estabeleceu o QG junto ao Forte do Patrão-Mor na estância de João Cunha. Depois, na Vila de Rio Grande e Forte do Arroio, ao sul desta. (ex-sargento de Artilharia João Cunha).

Caso de um Conselho de Guerra nomeado para emergências:

— Marechal Diogo Jacques Funck. Inspetor de Artilharia e Engenharia — Ver nota 37.

— Brigadeiro José Raimundo Chichorro — Ver nota 90.

— Capitão-de-Mar-e-Guerra Jorge Hardcastle — Ver nota 40.

— Coronel Sebastião Veiga Cabral da Câmara (1742-1801) que estudo em *Canguçu reencontro com a História*. Ele foi o 1º governador do Rio Grande do Sul, então Continente do Rio Grande de São Pedro. Sua permanência à frente do governo só foi superada

por Antonio Augusto Borges de Medeiros. Nasceu em Santa Maria do Soutellos — Portugal, de família muito distinta. Era engenheiro geógrafo. Chegou ao Brasil com 25 anos, em 1767, como tenente-coronel do RI de Bragança, cujo comandante era um tio-avô do Duque de Caxias. Fez a vanguarda do Exército do Sul, da qual fez parte o 1º RI do Rio de Janeiro, que deixou em 26 de dezembro 1774. Dele escreveu o cirurgião-mor do 1º RI do Rio: “Amenizava nosso afastamento do Rio, virmos na companhia do Sr. Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, comandante das tropas do Sul, pelo seu gênio amável, pelas suas virtudes admirado e pelo seu ilustre nome respeitado”. Tomou parte saliente na reconquista da Vila de Rio Grande em 1 de abril de 1776. Assumiu o governo do Rio Grande do Sul de 31 de maio 1780 a 05 de novembro de 1801. Morreu durante a guerra de 1801, da qual foi arquiteto da vitória. Foi substituído, de 25 de janeiro de 1784 até maio de 1787, pelo Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, em carácter interino. Ao morrer estava nomeado capitão-general de Pernambuco.

BARRETO. *Bibliografia do RGS* v. 1, pp. 254-276, fornece valiosos dados sobre ele. Detalhes sobre a obra de engenheiro geógrafo demarcador do Tratado de Santo Ildefonso no Rio Grande do Sul. Obra ainda não analisada em profundidade. Veiga Cabral era filho de Francisco Xavier da Veiga Cabral, governador de Chaves, sargento-maior de Batalha e governador das Armas das províncias de Traz-os-Montes e Minho. Dedicou a sua vida ao Rio Grande do Sul, onde viveu mais de 25 anos. Segundo Abeillard Barreto “as grandes qualidades militares e administrativas que sempre evidenciou, colocam-no, como uma das maiores figuras portuguesas destinadas ao extremo sul brasileiro”. Ele é pouco conhecido no Rio Grande do Sul e, às vezes, injustiçado noutros trabalhos. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 156, 176, 178, 186, 187, 189, 194, 199, 210, 212, 214, 216, 220, 222, 224, 226, 228, 232, 246, 249, 250, 268, 269, 273, 274, 276, 283, 287, 292, 303, 307, 310, 312 e 314.

45 - Böhn usa um exemplo da História Militar grega, imortalizado por Xenofonte para comparar o feito e criatividade

dos soldados do Rio Grande do Sul. Refere-se à “Retirada dos 10.000” gregos, na qual eles traziam víveres sobre peles flutuantes, uma espécie de pelotas como as usadas pelo gaúcho, quase um milênio e meio atrás. Esta retirada dos 10.000 é referida pelo Dr. Angelo Dourado em *Voluntários do Martírio*, Martir Livreiro, 1977, quando revela o propósito de historiar a retirada de Gumersindo Saraiva, para o Sul, a partir da Lapa, no Paraná.

46 - Sebastião Francisco Betâmio, Lisboeta, filho do veneziano Pedro Betâmio. Teve a seu cargo a Logística do Exército do Sul, como secretário da Junta da Fazenda do Continente do Rio Grande. Seu desempenho foi eficiente. Casou, em Rio Grande, em 2 de janeiro de 1779, depois da expulsão dos espanhóis, com Maria Joaquina Dorotea, de Viamão. Em 15 de outubro de 1779, foi recolhido para o Rio. Em 1787, em Lisboa, era um dos diretores da Real Extração dos Diamantes. Veio para o Brasil como Tesoureiro-Mor do Erário da Bahia; a seguir, zelador da alfândega, em 7 de junho de 1791. Em 1795 aparece como escrivão da Junta de Administração e Arrecadação da Fazenda Real da Bahia. Abeillard Barreto o estuda em *Bibliografia RGS*. V. 1 p. 138-139. O aponta como um pioneiro na administração pública em sua obra “Notícia particular do Continente do Rio Grande do Sul”, publicada na RIHGB. 1858,3 tri v. LXXI pp.239-29S e finalmente *a História Econômica e Administrativa do RGS*. Ela possui sabor de geografia-militar econômica. Betâmio trabalhava sem vencimentos (p.l 16 — *Memórias*) V. An. Bibl. Nac. v. 99mss 163.

47 - Única referência a uma esposa. Ao final da campanha do Rio Grande é deixado por Böhn, a cargo do Major Roberto Rodrigues que comandava o Batalhão de Infantaria do Continente.

48 - Manoel Soares Coimbra, general. Nasceu no Brasil e faleceu em Desterro (Florianópolis) em 19 de setembro de 1807, sendo sepultado na Matriz. Atuou no Sul 1775-78, no Regimento de Extremoz. Em 1º de abril de 1776 comandou um destacamento de 400 granadeiros dos RI do Rio de Janeiro e de Extremoz no assalto vitorioso à Vila de Rio Grande, Foi prestimoso auxiliar de Böhn e promovido a coronel, por bravura, pela ação na reconquista da Vila

de Rio Grande. Em 1789 estava radicado e casado em Florianópolis, onde prosperou e comandando o Regimento da Ilha. Em 1791 é governador de Santa Catarina e lança a pedra do Quartel do Manejo, atual Instituto de Educação. Focalizo-o Em *torno da Fortaleza de São José da Ponta Grossa*, UFRGS. 1977 p. 355.

49 - Abeillard Barreto estudou "A presença da Armada na reconquista do Rio Grande de São Pedro" RMB, jan./jun 1976, pp.763. Complementa-a fonte indicada nota 2.

50 - Rafael Pinto Bandeira, brigadeiro (1740-1795). Nasceu na Vila de Rio Grande em 16 de dezembro de 1740, filho do lagunista que morreu como coronel de Dragões Francisco Pinto Bandeira e que fora o segundo estancieiro a fixar-se no Rio Grande do Sul, por volta de 1733, na região de Sapucaia do Sul atual. Fora, por outro lado, o comandante da Primeira Companhia do Regimento dos Dragões do Rio Grande, organizada logo depois da fundação do Rio Grande. Em 1763, por ocasião da invasão espanhola, Rafael já era experimentado soldado e bastante conhecedor das campanhas rio-grandenses e dos seus caminhos e assim "Tapejara" ilustre. Ao que parece, teve seu batismo de fogo em Monte Grande, 1763, sob o comando do seu pai e como tenente dos Dragões. Com a invasão ao Rio Grande do Sul, em 1763, pelos espanhóis, e do qual chegaram a controlar cerca de 2/3 partes, ele foi um dos líderes das guerrilhas ordenadas por Portugal contra a Espanha, usando a estratégia do fraco contra o forte. Suas guerrilhas como as comandadas por seu pai tiveram suas bases nos atuais municípios de Canguçu (Encruzilhada do Duro Coxilha do fogo atual) e Encruzilhada (Guardas da Encruzilhada). Nestes locais, convergência de caminhos, cobriam Rio Pardo de um ataque nessa direção. Foi figura central das vitórias de Santa Bárbara e Tabatingaí (1774) e de São Martinho (31 de outubro de 1775) e Santa Tecla. Depois da conquista do Rio Grande, usou Canguçu como cobertura do Rio Grande, base de partida para arreadas de gado vacum e cavalari em território espanhol e na busca de informações militares. Falava tupiguarani. Tomou-se um personagem legendário e romanesco e famoso em Portugal, na Espanha, no Brasil e no Prata. Sobre seu valor militar

os depoimentos de Böhn, que o teve sob suas ordens, são valiosos nas presentes **Memórias**. Assentara praça no Exército Demarcador em 1755. Foi alvo de intrigas e ciúmes de seus companheiros pelo prestígio recebido do Rei e do Vice-Rei. Viveu com Bárbara Vitória, filha do cacique Miguel de Caráí. Ao final da conquista foi mostrado pelo Vice-Rei, Marquês do Lavradio, em todos os locais, como um herói. Respondeu a rumoroso processo sob a acusação de apropriar-se de presas de guerra (gado). Mas foi inocentado. Retornou ao Rio Grande como comandante da Fronteira do Rio Grande, com sede em sua estância do Pavão, em Pelotas. Foi governador do Rio Grande do Sul em carácter interino e chamado a “primeira espada continentina”, por ser o primeiro filho do Rio Grande do Sul a brilhar na guerra, com repercussão internacional. Fatos novos que vêm surgindo, como as Memórias de Böhn, impõe seja reestudada sua vida e obra, a complementar estudo de Alcides Cruz, em 1909. Érico Veríssimo em *O Tempo e o Vento*, imortalizou Pinto Bandeira no romance. O estudo em *Canguçu reencontro com a História*. P. Alegre, IEL, 1983, como o desbravador de Canguçu e apresento fatos novos para o desenvolvimento de sua biografia. Faleceu em 9 de abril de 1795, sem descendência masculina. Seus restos mortais encontram-se na bicentenária Igreja do Rio Grande. Os locais de seus acampamentos eram em passos de rios e em locais estratégicos das Serras dos Tapes e Herval e ao norte do Jacuí. Ver MONTEIRO, *Dominação* p. 300, 324. NEVES. *Vultos do Rio Grande*, o estuda muito bem. Ao final da guerra, deteriorou suas relações com o governador. O desfecho foi a destituição do Governador Marcelino e o perdão a Rafael, conforme esta Portaria, de 2 de abril de 1780:

“Tendo sido presente a sua Majestade achar-se nesta capital o Coronel Rafael Pinto Bandeira, remetido debaixo de prisão pelo governador do Rio Grande José Marcelino e Figueiredo e estando muito presente na Real lembrança da mesma senhora o distinto comportamento do referido Coronel, em todo o tempo em que durou a Guerra do Sul, é a mesma senhora servida ordenar-me que o mande restituir ao Rio Grande e ao Posto que dignamente

ocupa, o que participo a Vossa Senhoria para que depois de fazer ler neste Conselho de Guerra, mandando ajuntar os outros do mesmo Conselho me remeta o mesmo antes”. D. Luiz de Vasconcellos e Souza Vice-Rei ao Senhor Marechal de Campo José Raimundo Chichorro”. Rafael governou o Rio Grande 8 anos e 4 meses descontínuos V. An. Bibl. Nac. v. 99 mss 120, 223, 244, 265, 282, 290, 293 e 305. Rafael Pinto Bandeira possuiu estância em Canguçu, região da Armada (NEVES. *Vultos*. p. 152) e foi o primeiro proprietário do Rincão do Canguçu.

51 - O Regimento de Infantaria de São Paulo e a Legião de Voluntários Reais vieram para o Rio Grande do Sul atacados por varíola. Epidemia que se iniciou ainda em São Paulo e acompanhou as tropas até o Sul. Em 1776 os cemitérios de Porto Alegre revelaram óbitos anormais de paulistas. A partir de elementos que foram fornecidos pelo padre Rubem Neis e com concurso paleográfico de Venício Stein Campos, de São Paulo, conseguimos dimensionar a presença de São Paulo e Paraná na reconquista do Rio Grande do Sul. Nosso estudo foi publicado no Paraná sob o título “A Participação Militar de São Paulo e Paraná na Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul”, *Boletim do IHGEPa*. 1978. p. 75- 106. Este estudo dá nomes, naturalidade e idade dos paulistas mortos por varíola. Recompõe, de certa forma, a organização militar de São Paulo, à época; unidades, nomes, oficiais, naturalidade etc. Na mesma época saiu a tese da professora Maria de Lourdes Ferreira Lins: *A Legião de São Paulo no Rio Grande do Sul*. São Paulo, USP, 1974. Ambos são complementares e resgatam a memória da contribuição paulista.

52 - Refere-se ao Batalhão do Rio Grande de São Pedro, a primeira Infantaria do Rio Grande do Sul. **“Quem era para mandar, mandou o pior”**. Ver nota 47.

53 - Parece tratar-se da morte da esposa do General Böhn, que ficara no Rio: Agnes-Judith.

54 - O atrativo econômico era o gado. Quando os grupos visavam o roubo, chamavam-se **razzias**. Diferia da operação com aspecto militar chamada **arreada**; esta visava retirar dos possíveis

caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul todo o gado vacum muar e cavalar nele encontrado. Com isto o inimigo era afetado em sua mobilidade e alimentação. O Governador Vertiz y Salcedo não atacou Rio Pardo, em 1774, porque seus reforços em cavalos e vacuns de tração e corte foram tomados em Santa Bárbara, em 2 de janeiro de 1774, por Rafael Pinto Bandeira. O Vice-Rei Lavradio e o Governador Marcelino Figueiredo estimulavam as **arreadas** e cobravam de Böhn a execução das mesmas, visando à alimentação da tropa. Elas foram oficializadas pelo Marquês de Lavradio para estímulo dos gaudérios e guerrilheiros de Pinto Bandeira, pelo **Bando de 3 de dezembro de 1774**, regulando as presas de guerra. Bando que Rafael leu no Irapuá a caminho de Santa Tecla. Por este Bando, as presas em gado vacum e cavalar arreadas ficavam dispensadas de pagar o quinto à Fazenda Real. O chefe da operação ou da arreada ficaria com 2/8. Entre os oficiais se distribuíam 2/8. Os restantes 4/8 seria distribuídos pelos soldados ou pessoas que fizessem a presa. O alimento seria recolhido aos depósitos ou armazéns, para fornecimento às tropas. Aos apresadores seriam dados 10% do valor. O material bélico apurado pertenceria à Fazenda Real e 20% de seu valor seria dado aos apresadores. Ao final, o governador determina uma prestação de contas de Rafael, que a faz, ver o prêmio correspondente à Esquadra. Nota 72. Com o Armistício, os gaudérios e aventureiros passaram, por conta própria, a conduzir razzias sobre as propriedades espanholas comprometendo a paz. Verifica-se que Böhn não entendia o alcance estratégico das arreadas, como especialista em guerra convencional.

55 - Aqui vem por terra o estereótipo formado do amor do gaúcho pelo cavalo e sua abundância naquela época, como a do gado vacum. E este costume continuou por longa data. E no dispor, ou não, um Exército de cavalhadas para deslocar-se, ou de alimentação autotransportável — o gado — para alimentar-se, residia a sua força. Era pois justificável a estranheza de um europeu.

56 - Análise realista da capacidade defensiva terrestre de São José do Norte e da escassez de material de construção. Para a

construção dos molhes de Rio Grande, um século depois, as pedras vieram de Capão do Leão e Monte Bonito próximo a Pelotas.

57 - A data da conquista de São Martinho foi 31 de outubro 1775, conforme assinala Böhn. Publiquei-a em artigo "Bicentenário da Reconquista de São Martinho", Fui contestado pelo professor Romeu Beltrão, através da "Coluna do Leitor" do *Correio do Povo*, Porto Alegre; respondida. Aí está a prova histórica do que afirmamos! V. An. Bibl. Nac. n. 99 mss -112 e 191.

58 - Ver nota 54. Bando sobre presas de guerra e o lucro que tiveram a Fazenda Real e Pinto Bandeira. Eles abriram a novas arreadas, as Missões e mais além.

59 - O Capitão de Marinha de Alto-Mar Antonio Januário Vale, enviado por terra pelo comandante da Esquadra, desde Santa Catarina, ajudou durante sete dias de reconhecimento, em caráter secreto, o planejamento do assalto ao Rio Grande. Obteve informações para a Esquadra forçar a barra. Começou a amadurecer o plano de Böhn, com base na necessidade de dispor de pequenos barcos para transportar um batalhão só de granadeiros para o outro lado. Ver nota 163 síntese e assunto Esquadra.

60 - Ver bibliografia indicada na nota 51.

61 - Outra lisonjeira visão dos Dragões do Rio Pardo, tropa de linha do Rio Grande, célula-mater da guarnição federal do Rio Grande do Sul. A observação cresce de valor ao partir do aluno dileto do Conde de Lippe. Não é falso nativismo de historiadores do Rio Grande chamar de heróico e legendário este Regimento. Ver notas 21 e 25.

62 - Böhn queixando-se ao Vice-Rei do comportamento do genioso e temperamental Marcelino de Figueiredo. Este relacionamento agravou-se até o final da guerra. Aqui Böhn comunica haver já combinado com Marcelino a conquista de Santa Tecla, para facilitar as ligações com Rio Pardo, que ele prejudicaria após a conquista do Rio Grande. Ligações através de Canguçu e Encruzilhada do Sul atuais.

63 - É um caso de contra-informações militares: Voltar as atenções espanholas para um ataque às Missões, silenciar por

completo sobre Santa Tecla e propagar o medo português da mesma. Não confiar o segredo nem a Rafael Pinto Bandeira. Ver. An. Bibi. Nac. v. 99 mss 76,102,130.

64 - Citando a produção do trigo no Rio Grande em plena guerra e a improriedade da farinha de trigo, ao contrário da de mandioca, ser usada em marcha. Segundo NEVES, *Vultos*, p.l 8. O início do plantio do trigo no Rio Grande foi no inverno de 1718.

65 - Manoel Bento Rocha foi o principal fornecedor de carne bovina. Aí é proposto para o posto de Capitão-Mor das Ordenanças. Era a 3ª Linha encarregada da defesa local. Manoel Bento Rocha aparece com estâncias em diversos locais do Rio Grande do Sul; Capão da Canoa, Pelotas (do Laranjal ao arroio Correntes), Santa, Vitória do Palmar (Curral dos Arroios) e São Lourenço, ao norte do Arroio Grande (ex-das Pedras, Canguçu e Turuçu). Pertenceram-lhes as estâncias dos Prazeres e da Graça no Laranjal (Estância de Luiz Simões Lopes). Estâncias herdadas por filhas do Capitão José Carneiro da Fontoura, em razão de Manoel Bento, casado com Izabel Francisca Silveira, não possuir filhos. A estância dos Prazeres foi um empório de trigo e centro econômico antes de existir Pelotas, atual, para o que foi cojitada como sede. Ver ASSUMPÇÃO, Heloisa Nascimento. *Arcaz de Lembranças*, Palegre, Martins Liv. 1982 e *Coletânea* — Pelotas, Aimara, pp. 130,144,149,170. Manoel Bento foi proprietário do Rincão do Canguçu e da Ilha Canguçu (atual da Feitoria) e Capitão-Mor das Ordenanças de Viamão.

66 - Isto dá a medida das dificuldades de suprir-se o Exército do Sul, a partir de Laguna. Em 365 dias uma carreta podia fazer duas viagens entre Lagunas e São José do Norte.

67 - Böhn planejava batê-los por partes, manobrando em linhas interiores, o que seria praticado com maestria por Napoleão, mais tarde. Em política, é uma variante do “dividir para reinar”; segundo Maquiável, ao que recorde.

68 - Aqui dá uma ideia da lavoura de trigo no Rio Grande do Sul em 1775. Na margem esquerda do Jacuí acima do Rio Pardo até Cachoeira do Sul atual. Entre o Jacuí e o Camaquã, São Jerônimo, Charqueadas. Guaíba, Tapes atuais. Ver nota 64.

69 - Böhn idealiza jangadas usadas no Nordeste para transportar parte dos seus granadeiros para o assalto a Rio Grande. Construirá 13 jangadas com madeira e pessoal de Pernambuco, que iriam prestar relevantes serviços, como ele mesmo descrevera com entusiasmo. Uma gravura delas está à pág. 26 *da* RMB jan/jun 76 em trabalho de Abeillard Barreto. (Ver nota 165 - Síntese: assuntos da Esquadilha).

70 - Falsa impressão de MacDouall. Estava reservada uma surpresa.

71 - Este combate foi uma vitória naval e atingiu seu objetivo: juntar-se à Esquadilha de Hardcastle. Destacaram-se o Capitão-de-Mar-e-Guerra Antônio José Pegado, comandante da fragata **Glória** (ferido à bala no braço) e o Tenente de Mar Agostinho da Silva, comandante da corveta **Penha**, que foi a vedete do dia, por seu heroísmo. Anais da Restauração v. 3, p. 247-268. Para penetrar na barra era necessária uma direção de vento que levasse os barcos até São José do Norte. Para atacar, a partir daí, era necessário outro vento, O canal passava junto à margem sul, onde os espanhóis colocaram seus barcos protegidos pelos fogos dos fortes. Restou a MacDouall cruzar estes fogos respondendo-os. E foi o que fez ele! Não havia condição dele bater os espanhóis. Isto viria no devido tempo. Esta ordem é complementar a seu plano de ataque publicado em MONTEIRO. *Dominação* p. 226-270. Ao final, como motivação, ele faz esta recomendação muito interessante de estímulo aos marinheiros à luta, uma variante do Bando que estimulava as tropas de Rafael a fazer presas ao inimigo.

Enfatizou MacDouall:

“Antes de principiar o combate fará V. Mercê publicar a toda a sua respectiva guarnição que o e Exmo Marquês do Lavradio, Vice-Rei deste Estado do Brasil, me declarou que cada embarcação que fosse tomada por qualquer dos nossos corsários pertencerá aos apesadores, pelos quais será repartido o valor da presa, conforme o que se pratica na Marinha da Inglaterra, reservando somente para o uso do seu serviço Real, a Artilharia e Armamento. Bordo da nau “Santo Antônio” de Sua Majestade, 14 de fevereiro de 1776.

Roberto MacDouall.”

Ver nota 54, os prêmios correspondentes às tropas de terra. Isto reforça a interpretação de que os guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira eram corsários dos Pampas. Ver. An. Bibl. Nac. v. 99 mss. 121, 123, 131.

72 - Robert MacDouall (1730-1816). Irlandês, pertenceu à Marinha da Inglaterra, 1759-1816. Ali atingiu o posto de almirante. Foi o organizador e comandante-em-chefe da Esquadra do Sul, destinada a recuperar o Rio Grande e com poderes no mar semelhantes aos de Böhn nas forças de terra. Böhn não se impressionava com suas atuações e análises de situação. MacDouall frisou que deixava o Rio Grande para ir para a Ilha de Santa Catarina onde estava encarregado da conservação e defesa da mesma. No entanto, em fevereiro de 1777, à aproximação da Esquadra espanhola que trazia o General Ceballos, como Vice-Rei do Prata, desamparou a ilha e foi refugiar-se na enseada das Garoupas. O Governador Antônio Carlos que governava a ilha quando esta foi invadida, tendo que capitular, responsabilizou MacDouall por isto. De igual forma, outros depoentes da Devassa. De Garoupas dirigiu-se ao Rio e foi destituído do Comando da Esquadra, submetido a inquérito e enviado para fora do Brasil. p. 248. A ele referem BENTO, “Em torno da Fortaleza de São José”. p. 357 e BARRETO, *Bibliografia*, RGS. v. 2, p. 860. Por sua ação, em 19 de fevereiro de 1776, em Rio Grande, foi promovido a coronel-do-mar Em 1781, no comando de uma fragata inglesa, apresentou-se em frente à barra do Rio de Janeiro, em atitude provocativa Ver nota anterior e MONTEIRO, *Dominação*. Sobre o seu plano de ataque, em 19 de fevereiro 1776 e resultados obtidos, consultar MONTEIRO, *Dominação* pp. 269-270 (plano) e 237-342. Ver nota 63. *Anais da Restauração*, v.3, pp.248 - 249, publica sua ordem para o ataque de 19 de fevereiro de 1776. Ver também An. Bibl. Nac. v. 99 mss 121, 123, 129.

73 - Era sueco, morreu em combate. Seu nome apareceu como KASSENBERG Ver nota 39, *Estrangeiros e decedentes*, do autor.

74 - George Hardcastle. Foi efetivamente quem comandou a

Esquadra no Rio Grande. Era inglês e seu posto era comandante de-mar-e-guerra. Böhn expede bons conceitos dele, tais como: “é bom oficial e muito estimado”. E mais adiante elogia sua liderança incontestada no Comando da Esquadra, deixada em frangalhos em 19 de fevereiro de 1776. Ele retomou ao Rio com o resto da Esquadra, em 20 de agosto 1776, e o seguinte conceito emitido por Böhn: “Este oficial teve a oportunidade de observar em toda as estações (a Barra do Rio de Janeiro). Considero-o um bom marinheiro-piloto. Ele tem bom coração e honra. E também um bom subalterno, mas é difícil ser seu subalterno, porque é muito cioso de sua autoridade e desconfiado. Quanto a mim fiquei satisfeito com sua conduta”. Mais detalhes, consultar BARRETO, Abeillard. “A Presença da Armada na Reconquista do Rio Grande”. RMB, janeiro/junho 1776.

75 - Mais uma farpa em MacDouall e um louvor indireto a Hardcastle que conseguiu, com recursos locais, criatividade e cooperação geral, recuperar a Esquadra do Sul. Ver notas 72, 73 e 74. Ver nota 163 (Síntese: Esquadra).

76 - Era o Forte do Triunfo ou Novo que desempenharia um importante papel no combate de 19 de fevereiro de 1776, como bateria de Santa Bárbara. Daí o nome Triunfo. Na reconquista do Rio Grande, em 1 de abril de 1776, será o último a silenciar. Ver fortes espanhóis. An. Bibi. Nac. v. 99 mss95, 108, 112, 130, 132, 329.

77 - Mais um depoimento eloquente do milagre realizado por Hardcastle com recursos locais e disposição de recuperar a Esquadra do Rio Grande. Ver notas 72 e 75, Ver Doe. 12. MONTEIRO, *Dominação*, p. 371, confirmação popular da afirmação e nota 163.

78 - Aqui ultimava-se a rendição de Santa Tecla e a visão de Böhn era correta. Böhn diz que gaudérios era um eufemismo para ladrões. Sobre gaudérios, ver nota 29; e sobre Santa Tecla, o que escrevemos no bicentenário.

79 - Ver nota 51, o início do drama dos paulistas.

80 - Divergências de Böhn com Funck sobre planos de reconquista e aborrecimentos causados por um intrigante, oportunista e ignorante que foi contaminado pela lepra, de nome

“Martim de Mello”; talvez o Tenente- Coronel Alexandre Cardoso Martim de Mello, que enviou preso ao Rio.

81 - Um caso de navegação regular na Lagoa dos Patos, em 1776, de Rio Grande a Porto Alegre. A *Pérola Real* substituída pela *São José*, transporte feito por *Barquinho*, *Corsário Dragão*, *Pérola Real* e *Santana*. Ver MONTEIRO, *Dominação*, p. 252.

82 - Böhn chamou a guarnição da chalupa *Expedição*, posta a pique pelos espanhóis no combate de 19 de fevereiro de 1776, composta de uma elite, tanto os marinheiros como artilheiros. E ressalta os serviços valiosos que prestaram no adestramento dos marinheiros recrutas. Outro aspecto revelante da atuação do CMG Hardcastle. Ver notas 75 e 77.

83 - Aqui assinala a introdução de parapeitos cobertos para proteger as tripulações de balas de pequeno calibre e a diversificação de calibres das peças. Revela a disposição da Esquadra de Hardcastle para luta próxima contra a espanhola. Ver notas 72, 75 e 163.

84 - Ver nota 38.

85 - Böhn levou a extremos a contra-informação para proteger seu plano de assalto. E um ensinamento valioso que ele transmite. E funcionou bem!

86 - O experiente cabo de guerra General Böhn; estas medidas de coordenação transmitidas a viva voz dão uma lição aos profissionais do presente e revela o seu valor como planejador, coordenador e líder de combate. Relevante a disciplina do silêncio que impõe para obter a surpresa e facilitar a comunicação dos remadores e entre os barcos. Outra recomendação importante: o desembarque das tropas, com os barcos, o mais próximo possível, para ganhar-se tempo na concentração, em benefício da rapidez do ataque aos fortes. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 123, 125, 131, 329.

87 - Detalhes que contribuíram para iludir os espanhóis, para não esperarem um ataque no dia do aniversário da Rainha. Ao longo da História, múltiplos são os artifícios para obter-se a surpresa. A reconquista de Corumbá, na Guerra do Paraguai, foi feita na hora

da sesta. Numa das últimas guerras, Israel atacou o Egito na hora em que este rendia as guarnições de operações de radares. O Egito, em resposta, atacou Israel noutra guerra, no dia do Perdão, data sagrada para este povo.

88 - Participaram deste Conselho de Guerra, convocado por Böhn, os comandantes Veiga Cabral e Chichorro, dos Regimentos de Bragança e Extremoz, e os comandantes dos destacamentos de assalto, Major Soares Coimbra e José Manuel Carneiro, e seu ajudante-de-ordens Tenente Manoel Marques de Souza, encarregado de guiar o ataque principal, por haver nascido e morado em Rio Grande.

89 - No bicentenário desse assalto, publiquei, a propósito, os trabalhos constantes da bibliografia em Rio Grande, Pelotas e *Defesa Nacional*. Ver. An. Bibl. Nac. v. 99 mss 123,125,131,329 sobre o assalto à Vila de Rio Grande.

90 - O Brigadeiro José Raimundo Chichorro era o comandante do Regimento de Extremoz, que sofreu grande perda, por afogamento, na travessia de uma ponte flutuante no Rio Araranguá. Foi um dos homens mais chegados a Böhn, inclusive por questões hierárquicas. Foi ferido na perna, no assalto a Rio Grande, atingido por uma bala atirada de um navio. Ainda no Sul, foi promovido a marechal-de-campo, sendo o substituto eventual de Böhn. Foi a primeira autoridade governamental e administrativa de Povo Novo, a partir de 08 de maio de 1776, onde acampou com o seu regimento. Fez bom trabalho. Ele reconheceu, por terra, da Vila do Rio Grande até o Taím e o Albardão. Seu relatório valioso devia estar na correspondência do Vice-Rei. Mais tarde, no Rio, presidiu o Conselho de Guerra que julgou Pinto Bandeira e o absolveu por ordem da Rainha.

91 - Na reconquista de Rio Grande, segundo Böhn, a Esquadra não pôde atuar por falta de vento. Foi fundeada junto a Mangueira, em local que fora ocupado pela Esquadra espanhola. Aí foi atingida por alguns disparos do Ladino. Ver nota 163. Ver Forte Ladino An. Bibl. Nac. v. 99 mss 132.

92 - No simbolismo da bandeira portuguesa arvorada nas

muralhas do outrora poderoso Forte da Barra, em presença do comandante do Exército do Sul, do Comandante da Esquadra em Rio Grande, do Marechal Funck, Inspetor de Engenharia e Artilharia, de Soares Coimbra, comandante de um destacamento de assalto, e do Tenente-Coronel Ribeiro, ajudante geral, concretizava-se a reconquista da Vila do Rio Grande e margem Sul do Sangradouro, há 13 anos em poder dos espanhóis. Coroava este simbolismo o denominar-se o Forte de S. José, homenagem ao Rei D. José 1 de Portugal. Ver An. Bibi. Nac. v. 99 mss 128, 138, 142, 205 (sobre o Forte São José).

93 - Böhn foi o primeiro a desembarcar em Rio Grande junto com três oficiais de terra e 3 da Esquadra. Ao desembarcar, julgava ali encontrar tropa amiga. E durante três horas ficou sozinho. Correu um grave risco! Antes de suas memórias, eu tinha ideia que o primeiro a penetrar fora o Coronel Veiga Cabral. Trabalhavam em Rio Grande, em apoio às tropas espanholas, 22 comerciantes ou vivandeiros. Mais tarde, ao tentarem, através de requerimentos ser indenizados, deram muitas indicações sobre a Vila de Rio Grande. Ver BARRETO. *Bibliografia*. V. 2 p. 1391.

94 - Esta manobra foi por nós introduzida no Curso de História Militar da AMAN, em 1979. Está publicada no livro-texto daquela Academia, então produzido. AMAN, *História Militar do Brasil*. Volta Redonda, Gazetilha, 1979, v. 1 (texto). p. 38-46 e v.2 (mapas) 15 a 18 e 21, 22 e 23. Até então era desconhecida. Da análise da manobra de assalto concluímos: Manobra ofensiva, tipo central, sob a forma de linhas interiores. A ação principal foi conduzida sobre os Fortes da Trindade e da Mangueira que, conquistados, teriam seus canhões voltados para a Esquadra espanhola próxima. Quanto aos princípios de guerra atendidos: **Objetivo**: estabelecimento de duas cabeças-de-praias na margem sul, dividindo o dispositivo inimigo em três partes e isolando-as da Vila de Rio Grande e entre si. **Surpresa**: assalto em dia e hora não esperados. **Surpresa quase total do destacamento de ataque principal** e surpresa da Esquadra espanhola ao receber fogos dos fortes destinados à sua proteção. **Massa**: foi atendido qualitativamente por ser lançado contra os

fortes os granadeiros do 4º Ri. **Segurança:** assalto realizado com tropa especializada. Não arriscou o Grosso na travessia antes da consolidação das duas cabeças-de-praia. Previsão de um assalto diversionário a Rio Grande para maior segurança nas cabeças-de-praia. Manter o Grosso em reserva. Operação realizada à noite para impedir a interferência da Esquadra. **Ofensiva:** ataques à noite, a sabre, precedidos de ação psicológica que os “portugueses iam passar os defensores a fio da espada.” Uso dos Fortes da Trindade e Mosquito, conquistados para neutralizar a Esquadra inimiga. A ação da esquadra destaca-se pela posição vantajosa e ataques aos Fortes do Ladino e Triunfo. Ação do Forte São Pedro sobre a Esquadra espanhola, cooperando para o encalhe de 3 barcos. E, finalmente, termos incisivos do ultimato de Böhn. **Manobra:** deslocamento dos destacamentos de assalto de uma margem para a outra e desta para outros objetivos na margem sul e depois em direção à Vila de Rio Grande. Deslocamento do Grosso das tropas para a margem sul e da Esquadra para posição estratégica, próximo ao saco da Mangueira, manobras que resultaram em colocar as forças de Böhn em posição vantajosa em relação às da Espanha. **Simplicidade:** dois ataques para dividir o dispositivo inimigo em cinco partes e a seguir batê-lo por partes. Este estudo foi por nós realizado pela primeira vez para fins didáticos visando a nacionalizar, progressivamente os casos históricos com o objetivo de colher ensinamentos em Ciência Arte da Guerra no Brasil. Ver An. Bibi. Nac. v. 99. mss 106, 111, 118, 170, 172, 188. Esta análise denomina-se História Militar crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e Arte Militar que reproduzo no capítulo 4 de meu livro publicado pelo Estado-Maior do Exército. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** edições de 1997e 1999 e por ele distribuído as suas escolas: Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. História Militar Crítica que aprendemos e praticamos na última Escola e a temos realizado sempre que possível em nossos livros a partir do **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar** já em sua 3ª edição. História Militar crítica introduzida na AMAN na década de 1960, pelo então

Ten Cel Francisco Ruas Santos, por orientação do então General Humberto de Alencar Castello Branco. História Militar crítica, a jóia da coroa da História militar, por agregar Sabedoria, fundamental para o desenvolvimento da Doutrina Militar e da Instrução dos Quadros e a Tropa, ao contrário da História Militar descritiva, muito importante por gerar conhecimento, mas não Sabedoria. Esta fundamental ao progresso do Exército.

95 - Por aqui se conclui do grande soldado e chefe que foi Böhn. Primeiro, ao dar o mérito para a equipe, reservando-se para si o ter concorrido com um plano simples e manutenção do segredo sobre o mesmo, até a hora da execução. Revela o profissional e chefe a sua alegria e orgulho específicos, ao constatar que a tropa o amava e confiava na sua capacidade, ao ponto de esquecer que ele era um estrangeiro. Creio que esta foi a maior recompensa que poderia ter recebido como soldado.

96 - Entre a Vila e os fortes, na margem sul, os espanhóis haviam construído alguns fortes que destruíram ao retirarem-se.

97 - O feijão, iguaria que os portugueses encontraram nos armazéns espanhóis, em Rio Grande, foi consumido pela Esquadra.

98 - Por este relatório constatamos que a retirada foi precipitada e que os espanhóis deixaram valiosos suprimentos, inclusive importantes documentos do comandante da Marinha e material para esta arma. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 170,172, v. 99.

99 - Preocupação de disciplinar a praça reconquistada, por nomear um major na Vila do Rio Grande para policiá-la.

100 - Böhn recebeu no dia seguinte ao assalto, ou seja, dia 2 de abril de 1776, a notícia da capitulação espanhola de Santa Tecla, o que completava a expulsão espanhola e assegurava as comunicações por terra entre Rio Grande — Rio Pardo, através de Canguçu e Encruzilhada do Sul. Sobre o ataque à Santa Tecla ver fontes na Introdução. Ver An. Bibi. Nac. v. 99 mss71, 102,103.

101 - Esta informação é importante. Böhn recomenda que o gado a ser fornecido a suas tropas, em Rio Grande, deve ser levado pelos fornecedores ao Rio Camaquã (onde atuavam os Dragões e tropas de Rafael Pinto Bandeira que conquistaram Santa Tecla) e

no Sangradouro da Lagoa Mirim (atual Canal São Gonçalo). Gado que seria reunido entre o Jacuí e Camaquã e nos arredores de Porto Alegre. Era um abastecimento complexo pela dificuldade de atravessar o gado pelo Sangradouro da Mirim. De Rio Pardo o gado era trazido para o Rio Camaquã e daí através dos municípios atuais de Canguçu, Pelotas e Pedro Osório para o corte em São Gonçalo. Junto a este, Rafael Pinto Bandeira possuiu a Estância do Pavão.

102 - Major Patrício Corrêa vinha da conquista de Santa Tecla após longa marcha através de: Encruzilhada do Sul, Vau dos Prestes (Camaquã de Baixo), Coxilha do Fogo (Encruzilhada do Duro), Canguçu (Arroio das Pedras), Morro Redondo, Cerro Pelado, Rio Piratini, Canal São Gonçalo (no Passo do Beca) e Povo Novo. Dessa marcha deixou-nos importante e esclarecedor *Diário*, publicado por De Paranhos Antunes, *Dragões do Rio Pardo*. Rio, Bibliex, 1954. p. 111-128. E fonte importante sobre a conquista de Santa Tecla. Ele menciona Encruzilhada do Duro, p. 125, sul do Camaquã, e não ao norte, como referiu Monteiro, em *Dominação espanhola*, ao confundir Guardas da Encruzilhada com Encruzilhada do Duro. Esta correção é importante.

103 - Aqui aparece o nome de um dos principais fornecedores de carne, Manoel Fernandes Vieira. Outro mais importante era Manoel Bento Rocha Capitão-Mor de Ordenanças. Ver nota 65. Segundo Hleloisa Assumpção Nascimento, em *Coletânea*, Pelotas, 1980, Manoel Bento foi até charqueador. A sede com igreja, capelão e uma larga rua ladeada de casas de agregados, escravos e um cemitério — p. 144, 149. Manoel Bento, em 1783, era proprietário das estâncias Contagem e São Lourenço que enquadravam o Rincão do Canguçu, entre os Arroios Correntes e das Pedras (Arroio Grande atual). Em 1783 foi desalojado de sua estância do Rincão do Canguçu, para nele funcionar a Real Feitoria do Linho cânhamo (1783-89) por mim localizada em Canguçu-Velho.

104 - José de Molina, brigadeiro espanhol da Andaluzia (1716/1780). Foi comandante militar espanhol da Vila do Rio Grande, durante a dominação, no posto de coronel. Em 26 de outubro 1777 foi promovido a brigadeiro. Casou em 1781, aos 71

anos, com Catharina Josepha Gil. Produziu valiosos documentos históricos, relacionados por BARRETO, *Bibliografia do RGS*, v. 2, p. 939-940. Dentre eles, em português, transcrevo o título de um, muito importante, referente à ação das guerrilhas levadas a efeito por Rafael Pinto Bandeira, contendo interessantes informações sobre a Serra dos Tapes, onde se assenta, entre outros, os municípios de Canguçu e Piratini atuais: **“Apontamentos sobre os roubos e incursões que fazem os portugueses no domínios do Rei da Espanha”**. Domínios situados à margem direita dos Rios da Prata, Uruguai e Paraná. **Apontamentos também sobre os estabelecimentos que os portugueses fizeram no território do Rei da Espanha, de 1769 a 1770, na Serra dos Tapes, ao sul de Rio Grande**, com meios que parecem proporcionais ao objetivo de reconquista. E importante esta fonte que BARRETO cita, mas não localiza. Sobre a perda de Rio Grande, seu relatório encontra-se publicado em **Campanha do Brasil — Antecedentes Coloniales**. Buenos Aires, Kraft, 1971 t. 111. pp. 377-38 1. Os roubos aos quais ele se refere respondia à diretriz da Junta do Rio de Janeiro mencionada na Introdução; com o subtítulo **“Guerra de guerrilhas contra o invasor”**. E interessante voltar a ela! Foi uma falta lamentável do comandante espanhol ao descuidar-se de importante documentação deixada ao inimigo, com as cartas sobre o território reconquistado e que de tanta utilidade seriam para o General Böhn. Molina ensina ao profissional das armas como não se deve proceder ao infringir uma regra importante de segurança da documentação em Contra Informação. O Coronel Molina fez a vanguarda do Exército de Ceballos que invadiu o Rio Grande em 1763 e que começou a ocupar a Vila de Rio Grande, em 21 de abril de 1763, onde permaneceu por 13 anos. Assinava e se considerava **Comandante de Fronteira e Porto do Rio Grande de São Pedro**. Ao Governador Marcelino, tratava de Governador do Viamão, conforme CESAR, *História RGS*, p. 183 (nota 83) e não Governador do Rio Grande de São Pedro. Na capitulação de Rio Grande, D. Molina usou como parlamentar com Böhn, no estabelecimento das convenções de entrega da Vila de Rio Grande, o Major D.

Agustin Ramon Pequera (MONTEIRO. *Dominação*, p. 254). Depois da capitulação D. José Molina enviou de Santa Tereza o Capitão D. Gabriel de Figueiroa para levantar, com detalhes, as baixas espanholas em Rio Grande, em 1 e 2 de abril de 1776. MONTEIRO, *Dominação*, p. 385. O Tenente de Dragões Sebastian de La Calie, após o término das hostilidades, **andava em patrulha, a partir de Santa Tecla, reocupada na região de Arroio das Pedras (Canguçu atual)**, onde recebeu em 1º de novembro de 1777, protesto enviado por Pinto Bandeira. MONTEIRO, *Dominação*, p. 383. Antes da conquista de Rio Grande, Bohn teve seu QG na Estância do Sargento de Artilharia João Cunha, ali estabelecido fazia algum tempo. BORGES. *Rio Grande*. Ver p. 70.

105 - Tenente-General Patrício Corrêa Câmara (1735-1827). Português, chegou ao Rio Grande, por volta de 1774, no posto de capitão. Havia servido no 1º Regimento do Rio de Janeiro e, antes, nas Índias. Fez carreira nos Dragões do Rio Pardo. Em 1776 tomou parte ativa na conquista de Santa Tecla, com um destacamento de Dragões, em apoio a Rafael Pinto Bandeira. De 1779-1781, interinamente, e de 1795-1806, efetivo, durante quatorze anos comandou o Regimento do Rio Pardo. Sua atuação foi importante na conquista dos Sete Povos das Missões, em 1801, e na expulsão dos espanhóis de Batovi (São Gabriel) e, na definitiva, de Santa Tecla. Atingindo o posto de brigadeiro, comandou a Fronteira do Rio Pardo onde lançou raízes e veio a falecer em 1827. O sábio francês Saint-Hilaire o visitou em 1821, em Rio Pardo, quando já em avançada idade, mas lúcido. Ele percorreu todo o Rio Grande do Sul. Ouvi, na infância, de meu pai, que grande parte de suas viagens ele as fez de carreta, por sofrer de gota. Era avô do bravo General Câmara, herói da Guerra do Paraguai, e Ministro da Guerra, quando da morte do Duque de Caxias. Com a Proclamação da República, foi o primeiro governador republicano do Rio Grande do Sul. Patrício, seu filho Bento e seu neto José Antônio — o Marechal Câmara — escreveram belas páginas de nossa História Militar no Sul. O General Rinaldo Câmara, antigo comandante da Escola Preparatória de Cadetes e conhecido carinhosamente como “Caquinho”, escreveu

a história de seus ascendentes na obra *O Marechal Câmara*, Porto Alegre, Globo, 1970, 3 v. Importante fonte da História do Rio Grande que os citados personagens ajudaram a escrever de 1770 a 1879. Ver nota 102.

106-O Canal São Gonçalo, ligando as Lagoas dos Patos e Mirim, segundo Böhn, é denominação espanhola. Para os portugueses era Sangradouro da Mirim, para distingui-lo do Sangradouro da Lagoa dos Patos. O primeiro, no sentido de ser a Mirim tributária da dos Patos e o segundo, no sentido de ser a última tributária do oceano. Na Guerra Guaranítica, 1754-1756, Gomes Freire estabeleceu, próximo a foz de São Gonçalo, na margem esquerda do Piratini, o Forte São Gonçalo. Talvez os espanhóis passaram a chamar de Rio Piratini de São Mirim e o Canal de São Gonçalo, Guazu ou Grande. A margem deste canal surgiria, dois anos depois, a Indústria do Charque, segundo interpreto. Ver. An. Bibl. Nac. v. 99 mss 59, 129, 530.

107 - Interessante artifício espanhol: afastar os portugueses, sob o seu domínio, da Vila de Rio Grande e do Canal da Lagoa dos Patos; tirar-lhes os meios de mobilidade e de transporte. Tratá-los bem, não permitindo que fossem humilhados. E um aspecto interessante de Administração de Assuntos Cíveis.

108 - José Carneiro da Fontoura, capitão de Dragões, comandou interinamente o Regimento de Dragões do Rio Pardo em 1774. Quando o regimento se deslocava, em 1763, para construir e guarnecer Santa Tereza, ele ficou em Rio Pardo. Ao receber a notícia da invasão, deslocou-se desde Rio Pardo, através dos municípios de Encruzilhada do Sul e Canguçu até a região de Pelotas, numa tentativa tardia de prestar socorros. Os espanhóis já estavam em Rio Grande. Quando da invasão da Campanha, pelo General Vertiz y Salcedo, coube-lhe muito bem comandar ação retardadora ao sul do Jacuí, da qual resultou a vitória de Tabatingai na qual tomou parte com Cipriano (Nota 32) e Rafael Pinto Bandeira (Nota 50). Isto, segundo se conclui de ordem recebida do Governador Marcelino. (MONTEIRO), *Dominação*, doc. 2, pp. 354-355. No ataque de Santa Tecla tomou parte, mas contrariado, por

certo, por divergir dos Majores Pinto Bandeira e Patrício Corrêa Câmara. (Nota n 105). Sobre ele escreveu Marcelino de Figueiredo (Nota 11) a Böhn, a propósito de sua atuação em Santa Tecla: "Neste ponto devo dizer que o Capitão José Carneiro declarou não gostar de sair a campanha com os primeiros. E que serve com desgosto, apeteendo qualquer outro ofício com descanso. Julgo que merece menos que reforma, salvo se for com a terça parte de seu soldo". (MONTEIRO, *Dominação*. Doc. p. 378). Era soldado da companhia do Capitão José Carneiro Felix da Costa. Dela saiu para fazer parte da Companhia de Granadeiros do Regimento criado para atuar contra fortificações como as de Santa Tecla.(MONTEIRO *Dominação*. Doc 3 p. 356-357). Felix da Costa era pai de Hipólito da Costa, fundador da Imprensa brasileira. Junto com o Capitão Carneiro se fixaram em torno de Pelotas. Do último descendem os Assunção e os Simões Lopes. E bisavô de Alice da Porciúncula, madrinha de Pedro Calmon, segundo se conclui de sua obra sobre Calmon Du Pin, esposo de Alice (Ver notas sobre Simão Soares e José da Porciúncula). Agora, no final da campanha, ele é enviado em missão de confiança por Böhn, até Santa Tereza, com carta importante aos espanhóis. De lá retornou com valiosas informações militares. Em nenhum momento Böhn pôs em dúvida o seu valor militar. O Capitão Carneiro recebeu sesmaria na região de Pelotas; ao que se presume, por sua descendência ilustre. E fato novo, o pai de Hipólito da Costa, que estudamos em 1972, ter sido soldado Dragão da Companhia do Capitão Carneiro. Tratamos de Hipólito da Costa em a *Defesa Nacional*, nº 643, 59-68, além de outros. Teve importante atuação na coordenação da Ação Retardadora, ao sul do Rio Jacuí, na derrota do Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo, que invadiu o Rio Grande em 1774. Ação que sintetizo na Introdução, com apoio em "Carta e instruções de José Marcelino de Figueiredo para o Capitão José Carneiro da Fontoura, em 1 de janeiro de 1774". Doc. 2 in: MONTEIRO. *Dominação RGS*. p. 354-355. Este documento regula uma Ação Retardadora. E de grande valor como caso histórico para o estudo de uma operação dessa natureza. O Capitão Fontoura deixou ilustre descendência

na Fronteira do Rio Pardo e em Pelotas. José Carneiro era filho de João Carneiro da Fontoura “patriarca-povoador da Vila de Rio Grande, segundo NEVES. *Vultos*, p.155. Suas filhas herdaram de Manoel Bento Rocha; Notas 5 e 103.

109 - Satisfação que Böhn revela com suas jangadas construídas com madeira e pessoal de Pernambuco e a facilidade das mesmas para navegar em águas rasas, tão comuns na barra. Jamais poderia imaginar que, hoje, jangadas sobre trilhos operam, para fins turísticos, sobre os molhes da barra do Rio Grande. Ver nota 69.

110 - A expressão “brava gente” era muito comum no General Böhn, ao referir-se à bravura e valor de seus comandados. Aliás, expressão incorporada ao Hino da Independência “Brava gente, brasileira, longe vai, temor servil...”

111 - Era a sondagem do, hoje, Canal São Gonçalo onde se assenta Pelotas, que três anos depois daquela sondagem experimentou um surto vertiginoso de progresso com a indústria do charque destinado a alimentar homens no mar e as grandes concentrações escravas em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro. Assunto que tratamos sob o título “As Charqueadas de Pelotas”, *Diário Popular*, Pelotas, 1 e 8 de março de 1970. Reproduzido em *O Negro na Sociedade do RGS*. Porto Alegre, IEL, 1976, p. 185 parte reproduzida em mapa e levantada sete anos da sondagem da área em torno do canal. A p. 93 reproduzo a visão de Debret de uma charqueada em Pelotas.

112 - O primeiro Arsenal de Guerra e o seu primeiro chefe, o Capitão Manoel Rodrigues Silvano. Ele resultou da reunião dos armeiros das Unidades sob a sua direção e de forjas. Para os reparos de Artilharia surgiu, como pioneiro, o Capitão Manoel Cunha. Uma solução criativa e objetiva do General Böhn e mais uma demonstração do seu valor militar.

113 - Os lusos brasileiros portugueses tiveram como inimigo o general “Vento” que por diversas vezes deitou por terra ou lambeu suas fortificações, além de destruir barracas e provocar efeitos semelhantes a tempestades de areia no deserto. Ver, do autor, a

“Barra Diabólica”, *Diário Popular*, Pelotas, 5,12,15 e 26 de abril de 1970. Ver sobre Barra do Rio Grande, An. Bibi. Nac. v. 99 mss 122, 190, 201 e 326.

114 - Böhn foi o primeiro governador civil e político da Vila de Rio Grande conquistada, por ordem do Vice-Rei, acumulando com o governo militar. Ver sua biografia no início.

115 - Início da recolonização da região da Vila de Rio Grande.

116 - Problemas de natureza estratégica, relacionadas com a colonização da reconquista, sobre os quais Böhn se aconselhou com Betâmio e transferiu a solução à consideração superior.

117 - Os espanhóis eram supridos na Vila de Rio Grande à base de carretas vindas de Montevideu e Maldonado transportando alimentos e munições. Este caminho é balizado hoje pela rodovia federal que atinge o Chuí, a partir de Rio Grande. **Há referência à existência de tigres e cavalos selvagens no hoje município de Santa Vitória do Palmar.** Ver Pericles Azambuja, em *História das Terras e Mares do Chuí*. Caxias do Sul, UCS/EST, 1978, que leva prefácio de nossa autoria e estuda a história desse município sob o qual publicamos a bibliografia nº 3, ver Introdução. Sobre o “Tigre no RGS” ensaiamos no *Diário Popular* Pelotas, 9 de agosto de 70 algumas achegas. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 149, 227, 240 (Chuí) e Taím (246, 254, 330).

118 - Em 1776, através do Canal São Gonçalo, o Exército do Sul em Rio Grande e Povo Novo passou a ser abastecido de carne. Com apoio na Nota 104, fazia 7 anos que o governador espanhol de Rio Grande **havia denunciado que os luso portugueses tinham se estabelecido com guardas e estabelecimentos na Serra dos Tapes, nos atuais municípios de Herval do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Canguçu. (Este, sobre o caminho histórico Rio Grande-Rio Pardo). Neste período, é de se acreditar, tenha havido clima propício e segurança para as tropas de Rafael Pinto Bandeira terem iniciado seus “estabelecimentos” naquela serra, com base em gado arreado aos espanhóis.** O fluxo de gado que vem ter ao São Gonçalo, em 1776, para alimentar o Exército do Sul, e a partir de 1780, para alimentar as charqueadas, está a

indicar que a pecuária se desenvolveu bem na Serra dos Tapes e, particularmente, em Canguçu, ao longo do caminho histórico Rio Grande-Rio Pardo. Rafael Pinto Bandeira, mesmo em 1784, ou 15 anos depois de começar a atuar na Serra dos Tapes, recebeu sua estância em local estratégico à margem oeste do Canal São Gonçalo, na estância do Pavão ao norte do Rio Piratini. Próximo dessa região, em Cerro Pelado, é que o Tenente Manoel Marques de Souza recebeu sua sesmaria. São achegas a serem consideradas à luz de elementos novos.

119 - O Brigadeiro Silva Paes foi o primeiro a navegá-lo ao que sei. Após fundar Rio Grande, viajou por água através do Canal e da Lagoa Mirim. Usou para tal uma falua que mandou construir para levar tropa para construir e guarnecer o Forte São Miguel. Assunto que abordamos em "Síntese da História das Forças Terrestres Brasileiras, na área da 3 RM (RGS)". *RBM* jul/dez 1973. p. 43-80 e que vai até o fim da Guerra Guaránítica. 1756. NEVES. *Vultos*, apresenta excelente estudo do fundador do RGS (Silvia Paes).

120 - A *São José* substitui o barco mercante *Pérola Real* na ligação Porto Alegre-Rio Grande.

121 - Indicação de que os troféus de guerra, bandeiras dos barcos e fortes espanhóis que caíram em poder dos portugueses foram recolhidos para a igreja de Rio Grande, onde estão os restos mortais de Pinto Bandeira. Onde teriam ido parar estes troféus?

122 - Böhn aqui revela-se irônico em relação aos marinheiros e seus pedidos e em relação às tropas de São Paulo. Ver Nota 51.
Mais tarde, ele elogiará os paulistas como se verá!

123 - **Coronel José Casemiro Roncaly. Foi o Comandante dos Dragões do Rio Pardo, na Guerra da Restauração (1777-1781). Em 1775, já bastante idoso, foi promovido a brigadeiro. No período de seu comando, de 1779-81, a major (sargento-mor). Patrício Correia Câmara respondeu por ele. Ver Nota 105.**

124 - Uma importante medida militar no campo de Assuntos Cíveis - levantar a população da área reconquistada, procurando estabelecer suas diferenças antes da invasão espanhola e agora. Na Guerra Holandesa, o Príncipe Maurício de Nassau mandou levantar

a população de Pernambuco. O objetivo principal era constatar nas diferenças, de um para o outro, os aumentos excessivos. Estes seriam explicados no final de Livros e Plaquetas pela presença no local das célebres Companhias de Emboscadas. Alguns autores viram nesta medida do dominador, alta administração e o festejam por sua visão e pioneirismo nisto. Ver do autor. *As Batalhas dos Guararapes*. Recife, UF, 1971, 2v. 2ed 2004 e 3ª ed 2018. Disponíveis para serem baixados ao final de Livros e Plaquetas no site (www.ahimtb.org.br), bem que citado site, muitos trabalhos do autor aqui citados.

125 - Importante providência logística destinada a armazenar farinha de trigo ou farinha de mandioca, **“alimentação ou munição de boca básica”**. Operação envolvendo um arquiteto, quase 4 milheiros de tijolos e 12 barricas de cal enviadas pelo Governador da Ilha de Santa Catarina. Tenho ideia que a capacidade do armazém era muito grande.

126 - Talvez tenha sido a primeira padaria estabelecida no Rio Grande do Sul. Mais outro exemplo da capacidade administrativa de Böhn e assessoria de Betâmio.

127 - Logística é prever e prover. Ao encarregar o Batalhão de Infantaria do Rio Grande das tarefas de apoio administrativo ao Rio Grande, visava, por outro lado, adestrá-lo para encarregar-se de tudo, sem solução de continuidade, quando do retorno do Exército do Sul ao Rio. É um exemplo remoto de Ação Comunitária e Ação Social a ser explorado pelos estudiosos.

128 - Ver Nota 113: o efeito dos ventos sudoeste.

129 - É uma tradição luso-brasileira o bom tratamento aos prisioneiros de guerra e desertores. Ambos recebendo soldo como se fossem/portugueses.

130 - O inverno castigando as tropas e, sobretudo, os animais, auxiliados pelos tigres. Curioso é o fato de necessitarem de caçadores especializados. Incrível, naqueles confins, o trabalho de alfaiates, os primeiros de Rio Grande a fardarem as tropas.

131 - No mapa da Demarcação do Tratado de 1777, reproduzido em parte em meu livro *O Negro na Sociedade do RGS*, 1976 p. 185,

aparece a estância de um Miguel Ruivo, ao sul de Piratini. Aí os gaudérios, aventureiros, homens sem lei e rei, começam a atuar por conta própria. Seus interesses deixam de coincidir com os do Rei de Portugal. Na visão de Böhn, gaudério era um eufemismo de ladrões de gado.

132 - Atitude de praça velha e de sabedoria castrense. Envia papéis que nada valiam para evitar que pensassem que os tinha sonogado, por valerem muito. Referia-se a papéis encontrados no gabinete do comandante espanhol D. José Molina, na Vila do Rio Grande.

133 - Capitão-Tenente Joaquim dos Santos Cassão, que comandara a fragata *Belona* feita em Porto Alegre. Passou a responder pela Marinha do Rei de Portugal, em Rio Grande. Ver Nota 163. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 107, 313, 110.

134 - Operação de retirada do fundo do canal da corveta espanhola *Santa Matilde* e da chalupa *Expedição*. Esta, posta a pique no combate de 19 de fevereiro de 1776, com MacDouall a bordo. Ver Nota 163.

135 - Luiz de Almeida Soares Portugal Alarcão Eça e Meio e Silva e Mascarenhas (1727-1790) segundo Marquês do Lavradio. Nasceu e faleceu em Lisboa, (27 de junho 1727 e 2 de maio de 1790), aos 63 anos. Foi o Vice-Rei do Brasil, por cerca de 10 anos (1769-1779). Foi ele quem conduziu e apoiou, no mais alto nível, no Brasil, a Guerra de Reconquista ao Rio Grande do Sul (1774-1778) que culminou com o Tratado de Santo Ildefonso. Ele substituiu o Vice-Rei anterior, comprometido na malograda tentativa de reconquista da Vila de Rio Grande, em 1769, sob a direção do governador Coronel José Custódio Faria (Notas 10 e 19). Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 63, 69, 70, 74, 85, 94, 95, 129, 329, 330 (Coronel Faria). Ao passar o governo ao seu substituto produziu importante relatório, mais tarde publicado na *RIHGB*, 1864, t. 27, p. 1, v. 28, pp. 241-249. Sua contribuição à definição do destino brasileiro ao Rio Grande do Sul foi notável. A revelação de sua correspondência, comprada pelo heurista Marcos Carneiro de Mendonça, por certo acrescentará fatos novos ao estudo da *Reconquista do Rio Grande*

do Sul e explicará o abandono de Böhn, no Sul, desinformado, com a fome rondando seu exército. Enfim, razões de Estado, ou a confirmação de dito popular: **“Fim de baile, músicos a pé”**. No entanto, é digno de admiração o apoio logístico que prestou ao Exército do Sul, o que se conclui das *Memórias* de Böhn. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 96, 100, 101, 104, 106, 107, 110, 119, 127, 136 e 175.

136 - Aqui parece que o Vice-Rei estava irritado com o mau estado dos cavalos no Rio Grande, ao julgar as coisas como na Europa. Böhn, com paciência e diplomacia, tenta convencê-lo quão falha era a impressão da realidade da Cavalaria no Sul, o que ele percebeu bem e aceitou ao dizer: “Aqui só existe carne de gado. Nos caminhos só há pasto para alimentar os bois e os cavalos”.

137 - Uma insinuação que, se aceita, a Vila de Rio Grande retornaria ao *status* de capital, com a vinda, para ela, da Câmara de Porto Alegre e a Provedoria.

138 - O Vice-Rei compreendeu a relevância das jangadas que Böhn mandou construir com madeira e pessoal de Pernambuco. E Böhn desejou fazê-las mais. Ver Notas 69 e 108.

139 - Interessantes, claras e objetivas observações de natureza estratégica de Böhn sobre a importância de conduzir a defesa, a todo o custo, na Vila de Rio Grande, por haver-se assoreado e desaparecido o Lagamar no norte, que dava condição de ali controlar-se parcialmente o canal. E que este só poderia ser mantido de Rio Grande. Ou, por outro lado, conduzir uma defesa ao norte sem o Lagamar era perder o Sangradouro da Lagoa dos Patos. E Böhn manteve esta estratégia. Ver Planos de Marcelino e Böhn em local próprio.

140 - Testemunho de que o Coronel Custódio de Sá Faria conhecia a terra e o povo continentinos e era apreciado por eles. Ver Notas 10 e 135.e mais o livro recente por nós prefaciado de autoria Sara Regina Poyares dos Reis e Francisco Javier Castiglione. O Brigadeiro José Custódio Sá e Faria de Portugal à América do Sul-uma trajetória.Florianópolis:Oficio,2018. Obra bilingue

141 - Böhn continua com muito boa impressão dos Voluntários Reais de São Paulo. Dá boas perspectivas para o Regimento de

Santos (ou São Paulo). Ver Nota 51

142 - Böhn vai ao Canal São Gonçalo e examina postos que haviam sido ocupados pelos espanhóis. Postos estabelecidos desde 1769, ao menos, para cobrir Rio Grande, à distância, no corte de São Gonçalo, de ação a partir da Serra dos Tapes (Canguçu atual) onde, segundo o Coronel José Molina, desde 1769 os portugueses haviam-se estabelecido. Eram as guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira. Patrício Correia Câmara, em seu relatório, citado à nota 102, refere-se à guarda grande, depois que atravessou o São Gonçalo. Ver "Serra dos Tapes". An. Bibi. Nac. v. 99 mss 102, 111.

143 - As casas de Rio Grande são evacuadas pelas tropas e entregues a seus proprietários de antes de 1763. Vão acampar na Barra, no Forte do Arroio e em Povo Novo. Ver "Forte do Arroio". An. Bibi. Nac. v. 99 mss 128, 147, 206.

144 - Era o problema das **razzias** sobre o que Böhn fornece forte argumento ao Vice-Rei, para que este respondesse ao Governador de Buenos Aires.

145 - Böhn entra em divergência com o Coronel Marcelino Figueiredo, Governador do Continente, por se ver este diminuído em sua autoridade relativamente ao povoamento do Continente. Tarefa, aliás, mais para um governador do que para um comandante militar. Ver Nota 11. Ver "Povoamento". An. Bibi. Nac. v. 99 mss 93, 179, 310.

146 - Muito lógicas, simples e objetivas as considerações de Böhn sobre a defesa de Rio Grande. Não temia um ataque por mar. Razões: navios grandes não poderiam penetrar na barra. E um desembarque exigiria muitos barcos para desembarcar um efetivo de 1000 homens no litoral, onde eles não conseguiriam muito. Sua preocupação era com uma surpresa terrestre. Assim, cobriu-se em todas as direções. Ver Nota 139.

147 - Capitão Manoel Cunha, do Batalhão de Infantaria do Rio Grande, atua como um elemento de apoio logístico. Reúne e administra um certo número de operários (carpinteiros, torneiros, etc).

148 - Böhn passa a ter um QG recuado, em Rio Grande, e outro,

avançado, em Quinta, para o sul. Seu dispositivo volta-se para o sul. Para fazer face a esta direção, articulou seus regimentos em Quinta (os RI de Moura e do Rio de Janeiro). Passou o Exército do Sul a contar, aí, com dois oficiais-gerais: Böhn e o Marechal Chichorro.

149 - Böhn escreve ao Vice-Rei queixando-se da saúde e dos males que minaram seu corpo e alma. Pede para ser retirado do Rio Grande. E daí por diante registra síncope com queda do cavalo. Sua morte, no Rio, possivelmente tenha sido consequência de uma síncope, seguida de queda do cavalo, com ferimentos que o levariam à morte em 22 de dezembro de 1783. Ver síntese de Böhn no início e p. 125 de suas *Memórias*.

150 - Böhn reage com diplomacia e uma ponta de ironia a diretrizes emanadas do Vice-Rei, no Rio. Diretrizes, até certo ponto, ridículas, dadas a um cabo-de-guerra competente. Entre elas, ordens de fortificar locais inexistentes no Rio Grande como **“Salto Grande da Lagoa Curubucubu”**. Outra era o de **“fazer fortes voltados para o inimigo e abertos atrás para evitar que fossem usados contra os portugueses se conquistados”**. Lembra a piada de um prefeito que **“prometeu acabar com as subidas e só conservar as descidas em seu município”**. E, por fim, o fato de desconhecer reiteradas observações de Böhn sobre a inutilidade de, numa imensa praia, construir-se fortes facilmente desbordáveis, como ele provou em relação aos espanhóis como defesa contra tropas. Era uma ingerência de quem podia fazê-la, mas que não devia. Aliás, fatos comuns na vida castrense sob o argumento de **“quem pode, pode, quem não pode se sacode”**, ou a variante **“manda quem pode e obedece quem tem juízo”**. Böhn revelou juízo ao ser paciente e Marcelino, não! Um permaneceu e outro iria cair na desgraça.

151 - Coronel Miguel de Texada, espanhol (1731-1808). Era comandante do Forte da Barra, em Rio Grande, quando do assalto à Vila de Rio Grande em 1º de abril de 1776. Comandou as tropas dali retiradas para o Forte Santa Tereza. Depois, comandou a recuperação de Santa Tecla. Era andaluz de Antiquera, como o Coronel José Molina, seu comandante em Rio Grande. BARRETO

Bibliografia do RGS v. 2, p. 1350. Fornece outras indicações de valor sobre sua missão na Vila de Rio Grande. Faleceu em Montevidéu, em janeiro de 1808, aos 77 anos. Ver Nota 104 sobre o Coronel Molina.

152 - A conquista de Santa Tecla, não entendida ou transmitida corretamente ao Marquês de Pombal, provocou mágoas no General Böhn, no Governador Marcelino e no Major Patrício. Pombal entendeu que as tropas do cerco alimentaram-se de raízes, quando, em realidade, foram os cavalos, ao permanecerem dias e dias confinados, para não serem roubados. Na premiação, Pombal exagerou a ação de Rafael Pinto Bandeira, e, à revelia deste, minimizou a dos demais. Böhn o critica em suas *Memórias* e Marcelino, em partes sobre o evento. Patrício, igualmente, esclareceu a questão em documentos transcritos por MONTEIRO, *Dominação*. p. 280-284 e 378, básicos para comprovar o ponto de vista de Böhn. Rafael foi promovido a coronel-comandante de uma Legião a ser criada. Publicamos o decreto em artigo sob o título: "Atuação de Pinto Bandeira na Destruição da Fortaleza de Santa Tecla". *Correio do Sul*. Bagé, 24 de março de 1970. Decreto que transcrevemos de documentos do IHGB (lata 79-Doc- 13). Aqui não se pretende desmerecer o intrépido guerrilheiro Rafael Pinto Bandeira, que não era um homem preparado para investir uma fortaleza num combate convencional. Mas, fazer justiça aos excelentes soldados Böhn e Figueiredo, esquecidos na premiação pelo Marquês de Pombal. Daí por diante, a Unidade de Comando passa a ser ameaçada. Pela ação de Rafael Pinto Bandeira, o Marquês de Pombal, em carta de 31 de julho de 1776 ao Vice-Rei, dizia entre outras coisas: por todos os serviços de Rafael Pinto Bandeira **"Sua Real Benevolência resolveu criá-lo Coronel de uma Legião Ligeira, privativa e exclusivamente composta de aventureiros do Rio Grande de São Pedro, Viamão, Rio Pardo e outros territórios que passem ao Sul até o Rio da Prata e ao Ocidente deste, até onde chegarem os finais do nosso continente (Rio Grande da sua época). Ao mesmo tempo houve Sua Magestade por bem, fazer mercê ao mesmo digno oficial do hábito das ordens de Cristo,**

com 20.000 cruzados de Pensão" (IHGB, Lata 79-Doc 13).

153 - Agora é o Major Patrício Correia Câmara o descontente com a exaltação anormal do Marquês de Pombal a Rafael Pinto Bandeira, em Santa Tecla. Este forte hoje é conhecido na sua configuração, da época, através de planta do furriel de Dragões, Manoel Carvalho de Souza, levantada, então. Por essa razão, Marcelino assim recomendou a Böhn: 'Tem igual préstimo e merecimento. Tem defeito na voz para comandar. Ficaria bem acomodado em capitão de engenheiros deste Continente ou, ao menos, em ajudante de engenheiros. Ele era padrinho do General Bento Gonçalves. Como tenente de Dragões, foi premiado com um sesmaria, em 1779, no local onde veio assentar-se a cidade de Pelotas, entre os arroios Pelotas e Santa Bárbara, segundo se conclui de MONTEIRO, *Dominação*, pp. 377 e 289. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 130 (planta original de Santa Tecla).

154 - Confusão provocada pelo Marquês de Pombal, com os elogios ao Coronel Rafael Pinto Bandeira, triplamente distinguido. Elogios que agitaram Böhn. Marcelino Figueiredo e Patrício Correia Câmara. E que provocaram o agravamento das relações Böhn/Marcelino, em função de informações que este teria enviado ao Marquês, exagerando as fortificações existentes na Campanha. Böhn envia o Marechal Funck para examiná-las e para provar os exageros. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 135, 137, 139 (Reconhecimento).

155 - Preocupação de Böhn e do Governador Marcelino em formar a Legião Ligeira de Rafael. Este projeto não chegou a concretizar-se por falta de homens desejosos de nela alistar-se. Ver Nota 152.

156 - Rafael Pinto Bandeira vindo do posto da Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo atual) atravessou o Canal São Gonçalo, com destino à margem norte do Sangradouro da Lagoa dos Patos. De Encruzilhada do Duro, enviou valiosas informações. Não quis arriscar os cavalos particulares na travessia. Do Sangradouro da Lagoa dos Patos.

157 - Os Regimentos de Moura e Estremoz deixam o

acampamento da Quinta e vão para o Forte do Arroio. O Regimento de Bragança foi para o Patrão-Mor, na margem norte, e o do Rio de Janeiro foi para junto do Forte São José da Barra. Rafael com seus homens foram vigiar o litoral na margem norte. Em Torres foi feito o Forte São Diogo das Torres, guarnecido com a Companhia de Granadeiros do RI de São Paulo. Böhn revela entusiasmo pelos homens da Companhia de Voluntários de São Paulo, do Capitão Garcia Rodrigues Leme. Ele estava muito mal-equipado e mal-armado. Possuía arcões de ferro que machucavam demais os cavalos.

158 - Talvez baioneta, imposta pela realidade operacional no Sul. Lembra, de certa forma, as facas de trincheiras de hoje.

159 - Faz parte de uma antiga manha castrense. Reclamar porque falta e por ter vindo a mais. Mas, nunca elogiar o apoio recebido, em tempo e lugar e, assim, estimular quem realiza o apoio logístico. Aliás, no caso em tela, tem sido bem eficiente até o momento. E o mérito é do Vice-Rei Marquês do Lavradio, com apoio dos Governadores Marcelino, do Rio Grande, e Antônio Carlos, de Santa Catarina.

160 - Além dos regimentos vindos da Europa, constatamos aqui um recompletamento europeu.

161 - Promovido a oficial-general, o Marechal Chichorro propôs seu ajudante-de-ordens, costume até hoje em vigor no Brasil.

162 - Böhn, em dificuldade para cumprir ordens conflitantes do Vice-Rei Marquês do Lavradio, de deixar Rafael Pinto Bandeira no litoral, entre a Fronteira Norte e Estreito, na cobertura de um desembarque espanhol ou de enviá-lo para proceder arreadas. Böhn vê-se, assim, bastante restrito em sua liberdade de ação. É um exemplo de falta de Unidade de Comando. *Estreito*. Ver An. Bibi. Nac. v. 99 mss 124 e 266 (Povoadores).

163 - Aqui vai um resumo de indicação sobre a Esquadra. Ela deixou Rio Grande, em 9 de janeiro de 1777, para se reunir à Esquadra ao comando do Coronel-de-Alto-Mar Roberto MacDouall, na Ilha de Santa Catarina, com os navios *Invencível* e *Sacramento*. Ficaram somente o *São José* e a *Belona*. Em MONTEIRO, *Dominação*

do RGS, encontram-se valiosos elementos sobre a Esquadra. A p. 374, sua composição, em 1º abril 1776, afora os navios na Ilha de Santa Catarina com MacDouall. A p. 371, a carta do marinheiro Manuel, sobre a ação de Böhn, em 1 de abril de 1776, e a de MacDouall em 19 de fevereiro de 1776. Considera 19 de fevereiro de 1776 uma vitória; o que acho, hoje, daquele evento. Não é lisonjeira em relação à chefia e liderança de MacDouall. Ver Notas 20, 22, 24, 27, 39, 40, 59, 69 (Jangadas), 70, 72, 75, 77, 83, 91, 97, 106, 108, (Jangadas), 119, 122, 133, 134, 138e 146. Da Esquadra que atuou em Rio Grande, os barcos tiveram as seguintes origens: as corvetas **Belona e Dragão** foram construídas e armadas em Porto Alegre, pelo Governador Marcelino. As escunas **Sacramento e São José** vieram com Hardcastle. As fragatas **Nossa Senhora da Graça e Nossa Senhora da Glória**, as corvetas **invencível e Nossa Senhora da Penha**, as escunas **Nossa Senhora do Monte e Nossa Senhora de Belém** e o bergatini **Bonsucesso** vieram com MacDouall. Para completar esta nota sobre a Esquadra convém referir o comandante da Esquadra espanhola, em Rio Grande: Tenente-General de la Armada de Espanha Francisco Xavier Morales (1732-1815). Cordobez, faleceu em Cadiz. Fez brilhante carreira após iniciado como guarda-marinha, em 18 de janeiro de 1747. Em 2 de setembro de 1792, foi-lhe dado o título de **Visconde do Rio Grande de São Pedro** e, três meses depois, também o de 1º Conde de Morales de los Rio. **O título relativo ao Rio Grande foi cancelado.** BARRETO. *Bibliografia RGS*, p. 95 1-952, fornece outros dados e indicações sobre valiosas fontes produzidas por Morales sobre sua atuação em Rio Grande, em 1776, desde sua entrada na barra de Rio Grande, em 13 de abril de 1775, onde fundeou entre 6 e 7 da tarde, até o combate de 1º de abril de 1776. Sua ação, em 19 de fevereiro de 1776, é contada em *Campanha dei Brasil — Antecedentes Coloniales*. Buenos Aires, Krafit, 1944, p. 353 e 355. Comandaram navios espanhóis, em 1º de abril, os comandantes D. José Emperama, D. Francisco Idiasques e D. Miguel Pando, que perderam seus navios por encalhe. E mais: D. Felipe Lopes e o próprio D. Morales, comandante do **São Tiago**.

164 - CT Pedro Marins aparece em MONTEIRO, *Dominação*, p. 374, como Pedro de Marins, comandando *Invencível*. Ele, como o CT Joaquim dos Santos Cassão, que passou a ser comandante naval em Rio Grande, da *Belona*, com a saída de Hardcastle, desfrutavam grande conceito com Böhn. Ver nota anterior.

165 - Ver Nota 23 que complementa esta informação.

166 - Interessante o dispositivo de Böhn. Na margem norte: 1º RI, 1º RI (—) e a Cavalaria Ligeira de Pinto Bandeira; na margem sul, 3º RI e umal Cia de Cavalaria. Rafael estava em condições de reforçar o sul, ao deixar cavalos de um lado e outro do Sangradouro ou canal da Lagoa dos Patos.

167 - A fragata **Belona** não seguiu com a Esquadra. Foi mudar velas em Porto Alegre onde foi construída. Ver Notas 20, 27 e 163. Seu comandante, CT Santos Cassão, ficou em terra assessorando Böhn em assuntos de Marinha.

168 - Ver Nota 19, síntese biográfica de Tonellet.

169 - Sobre esta invasão e suas consequências, realizamos o estudo "Em torno da fortaleza de São José da Ponta Grossa", publicado na *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, da UFRGS, 1977, e na *Revista Militar Brasileira* julho/dezembro de 1977, p. 23s. O primeiro é mais amplo. Foi aí que seguiu com o General Cebalhos, o Coronel José Custódio Sá Faria (Ver Nota 10).

170 - Pedro Cortez y Calderon Cevalios (ou Cevalhos), general de Espanha (1715-1778). Era vice-Rei do Rio da Prata e comandante da expedição que invadiu a Ilha Santa Catarina, de 20 de fevereiro até 05 de março de 1777. Expedição integrada por 8.194 infantes, 600 dragões, 100 artilheiros, 97 barcos mercantes e 22 de guerra. Estas 8 naus, com 60 canhões cada, 6 fragatas e 6 goletas formavam três divisões navais com cerca de 480 canhões ao todo. Ele nasceu em Cadiz, em 29 de junho de 1715 e faleceu em Córdoba, seis meses antes que a Ilha de Santa Catarina fosse devolvida, em 30 de julho de 1778. Foi profissional militar dedicado e competente. **Nunca casou; aliás, condição comum entre comandantes espanhóis e portugueses destacados para aquelas missões. Eram solteiros os Governadores Marcelino, Antônio Carlos,**

Custódio Sá Faria e Veiga Cabral, além de outros. É um aspecto interessante a pesquisar. Cevallos era profundamente religioso e ligado aos jesuítas. Suas ações como Governador de Buenos Aires e depois Vice-Rei do Rio da Prata tiveram profundas repercussões no Brasil no Sul e no Oeste. Combativo, tenaz, agressivo, provocou a criação de muitas fortificações fronteiriças para contê-lo. Em 1763 comandou o exército invasor do Rio Grande do Sul atual. Partindo de Buenos Aires conquistou, sucessivamente Colônia do Sacramento, Fortes Santa Tereza e São Miguel, Vila de Rio Grande e São José do Norte atual. Na presente expedição ele conquistou a Ilha de Santa Catarina. Falhou na tentativa de reconquistar a Vila de Rio Grande e conquistou definitivamente para Espanha, a Colônia do Sacramento. Enérgico e explosivo, criou, como governador, atritos entre o povo e autoridades de Buenos Aires, assim como problemas diplomáticos. Sua ação como governador é apontada como a responsável pelo aborto do Tratado de Madri, que dava Os Sete Povos das Missões para Portugal que, em contrapartida, cedia a Colônia do Sacramento. Foi o mais respeitado adversário militar enfrentado pelo Brasil Colonial. Levou muitos prisioneiros da Ilha de Santa Catarina, colocando-os em locais remotos das fronteiras na Patagônia, frente a frente com índios hostis. Com prisioneiros que fez em Rio Grande, em 1763, fundou no Uruguai a atual cidade de São Carlos, para onde transportou portas e outros materiais da igreja de Rio Grande. Para reprimir insurreições, retirava ou afastava os portugueses dos locais conquistados. Sua ação é bem estudada em MONTEIRO, *A Colônia do Sacramento*. P. Alegre, Globo, 1934, 3 v. E estudado na Argentina na seguinte obra: BARBA. Henrique. M. D. *Pedro Ceballos*. La, Plata. Argentina, 1976. 2 ed.

171 - Ver Nota 32

172 - Face à possibilidade do General Cevallos atacar por terra o atual Rio Grande do Sul, a partir de Laguna e, sucessivamente Porto Alegre, Viamão e Rio Grande, Böhn planejou detalhes de uma retirada e resistência a todo o custo, em Rio Grande. Para isto, mandou retirar todo o gado vacum e cavalar interposto entre o invasor e o Exército do Sul, desde Torres até São José do Norte. Gado

que seria atravessado para o sul do Sangradouro. Era uma estratégia específica da região do Prata. Com isto, afetavam seriamente a Logística inimiga (transportes e alimentação) e capacidade de manobra. Böhn, segundo escreveu em suas *Memórias*, não encarava a hipótese de invasão de Ceballos, através de desembarques nas praias, entre Estreito e Rio Grande e entre Estreito e Tramandaí. Para o primeiro caso, julgava que o Regimento de Bragança era suficiente para impedir o desembarque. No segundo, achava que o próprio terreno, numerosas lagoas e banhados combinados com a falta de madeira seriam um desestímulo.

173 - Chamou-se Forte São Diogo das Torres, homenagem ao seu projetista Marechal Diogo Funck. Foi colocado num sítio apertado chamado **Itapeva** ou **Itapeba**. Discordamos de sua inutilidade. Para defender, talvez; mas para retardar uma possível invasão, não. Acreditamos tenha sido uma boa solução. Mas tarde, em 1809, D. Diogo de Souza mandou construir um forte, em Torres, para cobrir a direção Laguna-Porto Alegre, na eventualidade de outro ataque espanhol ao Rio Grande. Saint-Hilaire passou pelo Forte de Torres, em 1821-22, bem como viu soldados de uma guarnição deslocando-se para lá. Dois Diogos, o Funck e o de Souza, ligam-se ao primitivo Forte São Diogo. E uma coincidência! Ver An. Bibi. Nac. v. 99 mss 141 e 330 (145 justificações sobre o forte em Torres).

174 - Ver Notas 32 e 171. Resistindo, ao invés de retirar gados, Cipriano desobedeceu mas acertou. Sua ação desestimulou um desembarque. Ver elogio popular à sua ação em MONTEIRO, *Dominação*, p. 310.

175 - Passou o São Gonçalo e foi para Cerro Pelado, hoje no município de Pedro Osório, e que por longo tempo pertenceu a Canguçu. Aí recebeu estância o então Capitão Manoel Marques de Souza, ajudante-de-ordens de Böhn, avô do futuro Conde de Porto Alegre e padrinho de batismo do Marquês de Tamandaré, seu parente, e primo de Rafael Pinto Bandeira. **Aí estavam os guerrilheiros ou gaudérios**. Ver Notas 29, 35, 38 (Marques de Souza), 50, 54 e 156. Cerro Pelado era um excelente posto de

observação. MONTEIRO, *Dominação*, p. 311, 312, 313, 314, 322, 325, 383 e 384, dá interessantes informações sobre Rafael Pinto Bandeira na Serra dos Tapes, município de Canguçu atual, onde esteve à morte no início de maio de 1777. Em Rio Pardo surgiram críticas a Rafael Pinto Bandeira, chamando-o de **“Coronel de Companhia de Bandoleiros”** que contrastava com o título de **Coronel da Legião da América. Seus gaudérios portugueses e espanhóis queriam era roubar gado, continuar a guerra contra as propriedades dos espanhóis; e, assim agindo, criariam problemas diplomáticos.**

176 - Em Santa Catarina, no continente, era explorada a extração de óleo de baleia operada por escravos. Estes, em função da invasão, fugiram para diversos locais, muitos vindo ter ao Rio Grande.

177 - Böhn faz análise justa das possibilidades táticas de Rafael; ou seja, **realizar arreadas e buscar informações. Mas não a de defrontar-se num combate convencional.** Rafael seguia à risca o próprio Böhn em sua diretriz; ou seja, **ser mais raposa do que leão.** Aliás, regra compatível com guerrilha! Outra tática muito usada por Rafael era tomar cavalos e bois de tropas em marcha. As ações de Santa Bárbara e Tabatingá são típicas. Finalmente, como guerreiro convencional e não guerrilheiro, **Böhn faz justiça “à coragem e à intrepidez” dos rudes gaudérios que foram muitas vezes seus olhos e ouvidos para ver e ouvir o que se passava nos acampamentos adversários.**

178 - Martins Lopes Lobo de Saldanha, brigadeiro. Foi capitão-general e governador da Capitania de São Paulo, em junho de 1775. Casou-se com Anna Maria Bueno, em São Paulo. Sua missão principal era organizar e enviar para o Rio Grande do Sul atual, o mais rápido possível, para integrarem o Exército do Sul ao comando de Böhn, duas unidades — **o Regimento de Infantaria de São Paulo e a Legião de Voluntários Reais de São Paulo**, com apoio em elementos locais e de enquadramento que trouxe do Rio. Assunto que estudo em detalhes em BENTO. “São Paulo e Paraná na reconquista do RGS”. Durante seis meses mobilizou estas tropas que foram enviadas ao Rio Grande, onde pagaram pesado tributo,

em vidas dizimadas por uma epidemia de varíola. Substituiu D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, O Morgado de Mateus, demitido por haver-se desviado do objetivo estratégico principal — socorrer o Rio Grande. Ao contrário, concentrou todo o seu esforço militar na construção da Fortaleza do Iguatemi, verdadeiro cemitério dos paulistas, e de função estratégica contrária a Portugal e beneficiadora de Espanha, por fixar recursos militares no oeste. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 115, 177, (correspondência com Böhn).

179 - A propósito dos paulistas na Restauração do RGS, consultar LINS, Maria e BELLOTO, Heloísa. *Anais da Restauração*, 1979. v. 1 (teses).

180 - Para maiores detalhes ver Nota 10. O acidente foi consequência de uma frustrada tentativa de montar um cavalo selvagem; animais que existiam em abundância na região do Taím e mais ao sul.

181 - Böhn apronta-se para receber um possível ataque de Cevallos vindo de Montevidéu por terra e mar. Seu dispositivo: domínio da entrada da barra com os Fortes do Lagamar (São Pedro) e o São José, da Barra ao sul. O Regimento de Bragança, em São José do Norte, em condições de socorrer o Forte do Lagamar e acolher uma retirada sobre Rio Grande. O Taím e o Albardão com postos avançados com Cavalaria — a guarda do Vice-Rei e um Destacamento de Dragões. Rafael cobrindo na direção de Santa Tecla — Rio Grande e buscando informações para os lados de Montevidéu e **arreando** cavalhadas e boiadas. Em Rio Grande, no Forte do Arroio, os Regimentos de Moura e Estremoz e próximo do Forte São José, o Regimento do Rio de Janeiro.

182 - Sem dúvida, era um problema logístico, abrigar do rigoroso inverno, em Rio Grande e São José do Norte atuais, onde predominam areias, um exército de cerca de 7000 homens, conforme menciona MONTEIRO, *Dominação do RGS* p. 309. 5 RI (Moura, Estremoz, Bragança, Moura e Santos); Dragões de Rio Pardo; Legião Voluntários São Paulo; 2 Cias Infantaria (Santa Catarina e Rio Grande); Tropas Ligeiras do Rio Grande, de Rafael, e Destacamento de Artilharia do Rio (45 homens). Sem dúvida,

Böhn exagerou frio como 100 vezes maior do que o Rio. Era força de expressão, para valorizar o sacrifício da tropa. E outra manha castrense, o exagero! Caxias ia conferir sempre sob o lema “Fui ver, não mandei ver”.

183 - Curioso, os paulistas em sua Cavalaria usarem arcões de ferro que feriam sobremodo os lombos dos cavalos. O Capitão Garcia Leme recebeu outros do arsenal improvisado sob a direção do Capitão Silvano. Com a colonização alemã foi introduzido o serigote, corruptela da palavra alemã *sehr gut* cuja tradução é — é muito bom. Isto, segundo a tradição, resultara da expressão de um correieiro da colônia alemã, ao sugerir aos gaúchos para trocarem seus lombinhos pelos fabricados em São Leopoldo, seguido da palavra, apontando seus produtos *Das Ist Sehr Gut*. A companhia do Capitão Garcia Rodrigues Leme atuou na Serra dos Tapes ao longo de Canguçu atual. Ver do autor, *SP e PR na Restauração do RGS*. Ver Nota 178.

184 - O Forte do Arroio defendia a Vila do Rio Grande por terra sobre as direções estratégicas vindas do Arroio Chuí e de Canguçu, ponto obrigatório de passagem para quem viesse do Rio Camaquã desde Rio Pardo e Santa Tecla. Ali, Bohn resolveu concentrar toda a Infantaria. Ver An. Bibl. Nac. v. 99 mss 128 (planta do forte), 147 (reforma do forte), 206 (forte em 1782).

185 - A Ilha da Pólvora, no meio do Guaíba, e que tem servido como presídio, foi levantada com vistas a fortificá-la, na época, com o nome de Ilha do Governador. De igual forma, o estreito de Itapoã. Visavam à proteção de Porto Alegre e Viamão de um ataque ao longo da Lagoa e Guaíba. A fortificação não foi concretizada porque sobreveio a paz. Com o domínio de Porto Alegre, os farroupilhas fortificaram Itapoã, de onde foram desalojados, em 28 de agosto de 1836, por uma manobra de Greenfeil, conforme nosso ensaio *Estrangeiros e Descendentes, na História Militar do RGS* p. 197. Itapoã era um nome mágico na minha infância. Ali havia passado parte da infância, meu pai, Conrado Ernani Bento, depois de alguns anos na Barra do Rio Grande. Suas aventuras lá eram assuntos prediletos para nós, morando na Serra dos Tapes, sem conhecer o

mar e a Lagoa dos Patos. Como caçador de perdiz na adolescência e mocidade do que tenho grande arrependimento, usava uma arma Calibre 12 que fora comprada por meu avô Gentil Bento, para caçar porcos do mato(javalis ou porcos selvagens).

186 - Tratava-se do peruano natural de Lima e Alferes de Milícias José Peralta (1778-1809). Ele pertencia à guarnição da Fortaleza Santa Tecla. De lá foi mandado a Montevidéu com informações do capitão do RI de Buenos Aires que comandava a fortaleza e a entregou a Rafael Pinto Bandeira. Ramirez era natural de Granada, onde nasceu em 1737. **Peralta, em realidade, era um peralta.** Ele deixou valiosas informações sobre o cerco de Santa Tecla, indicadas por BARRETO, *Bibliografia do RGS*, p.1043 e 1101. Peralta faleceu aos 31 anos, em Montevidéu. A invasão de Vertiz y Salcedo objetivava expulsar da Serra dos Tapes, hoje abrangida pelos municípios de Piratini, Canguçu e Herval que foram tomados pelos portugueses, sob a forma de posições militares e estâncias. Senão,vejamos o que escreveu e que transcrevemos. Segundo TABORDA, Tarcísio *RMB*, janeiro/julho de 1776, p. 64. O General Vertiz saiu de Buenos Aires e se dirigiu a Montevidéu para, conforme traduzi da fonte citada: “A fim de movimentar as tropas que com o correspondente apoio e equipamento lá estavam reunidas e acampadas em Montevidéu, com os seguintes objetivos: Marchar para desalojar os portugueses que se introduziram ultimamente na **Serra dos Tapes** (o grifo é nosso) e ao sul da Vila de Rio Grande (região de Pelotas atual); proporcionar a construção de um pequeno forte para que, com guarda correspondente, contenha os roubos de gado e possa observar os movimentos dos vizinhos portugueses”.

Aqui mais um aspecto da importância da Serra dos Tapes, como base de guerrilhas e de partida das arreadas de Rafael Pinto Bandeira. Aliás, aspecto que temos enfatizado inclusive em *Canguçu, reencontro com a História*.

187 - D. Juan José de Vertiz y Salcedo (1719-1799). Nasceu em Nérída Yacatan, México, em 11 de julho de 1719. Como governador de Buenos Aires, 1770, invadiu o Rio Grande pela

campanha. Em 1774 foi batido em Santa Bárbara e Tabatingaí. Depois, retirou-se através dos atuais municípios de Ganguçu, Encruzilhada e Pedro Osório para a Vila de Rio Grande. Em 1776 preparava-se para invadir o Rio Grande pelo litoral, em combinação com Pedro Cevallos. Fracassado o plano, retornou a Montevídeu. A partir de 27 de outubro de 1777 foi nomeado Vice-Rei. Segundo BARRETO, *Bibliografia RGS*, v. 2 p. 1390-1393, que fornece valiosas indicações sobre documentação por ele produzida sobre o Rio Grande, "Vertiz foi o mais capaz e o mais ativo dos Vice-Reis de Buenos Aires". Vertiz produziu alentada documentação de interesse da dominação espanhola do RGS e dirigiu as providências relativas à restituição de presas e prisioneiros e o fez com correção como se verá. Segundo NEVES, *Vultos*, o nome do passo da Armada, no Rio Camaquã, deve-se à dificuldade que sua Armada ali passou em retirada.

188 - Ver Notas 32, 171 e 174 que completam o perfil desconhecido de um valoroso e intrépido soldado que comandou guerrilhas contra os espanhóis a partir de Encruzilhada do Sul atual. Böhn parece elogiar a desobediência e iniciativa de Cipriano, "**O Salvador de Laguna**".

189 - Böhn não viu com bons olhos os debandados da Ilha de Santa Catarina. Sobre isto escrevi em "Em torno da Fortaleza de São José", p. 347, "Que as tropas sem oficiais foram obrigadas a rumar para Laguna, com armas na mão, com a intenção de romper a guarda de Embaú que se dizia de posse do inimigo, após o convite para unir-se ao Exército do Sul. Que parte do Regimento do Porto preferiu atingir, por terra, o Rio de Janeiro e lá incorporar-se à unidade. Que cerca de 1.000 sargentos e soldados, que abandonaram a ilha com armas na mão, a maioria, após a capitulação, escaparam do destino dos 523 aprisionados com armas e bagagens e enviados para o Prata". Os muitos centos que passaram em Torres, a concluir-se de Böhn, eram "400" e do Regimento do Porto, da Artilharia e da Ilha de Santa Catarina. Não menciona o Regimento dos Henriques. Penso que os retirantes da Ilha de Santa Catarina até hoje sofrem o humilhante e injusto estigma de covardia, deserção e fuga em

presença do inimigo. O que mais era justo esperar-se deles? O Governador Marcelino percebeu isto! Böhn, à distância e alheio aos problemas da Ilha assim não entendeu. Ver An. Bibi. Nac. v. 99, mss 110, 134, 140, 143 (Defesa de Santa Catarina).

190 - Duas companhias de Cavalaria da Legião de São Paulo, a do Capitão Garcia Rodrigues Leme e a do José Joaquim de Macedo, guardando as posições mais avançadas do Exército do Sul, no Albardão e no Taím. Aí uma constatação de como a Cavalaria de São Paulo atuou nos municípios atuais de Canguçu, Pedro Osório, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar. Enquanto isto, Böhn concentrava sua Infantaria no Forte do Arroio. Ver Nota 178 e MONTEIRO, *Dominação*, p. 324 (Nota 175).

191 - Aqui é a visão dos resultados de uma **arreada** procedida pelo Corpo de Tropas Leves de Rafael. Anuncia possibilidades de conseguir melhores resultados e pede e recebe apoio para tal. Além do Cerro Pelado, era a Coxilha do Fogo, ou Encruzilhada do Duro, campos de boas pastagens na até hoje região de pecuária do município de Canguçu, na bacia do Camaquã. Pastagens balizadas, então, pelos nomes de Cerro Partido, (hoje na orla da cidade de Canguçu no orográfico), Coxilha Santo Antonio (dorso da Serra dos Tapes) e Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo). Ai passam a atuar os Auxiliares a Cavalos de Curitiba. Ver "SP e PR na Reconquista do RGS" (do autor).

192 - Era a antiga guarda Velha do Gravataí, depois Aldeia dos Anjos e Gravataí atual. Ali, Marcelino reuniu famílias guaranis entre as que Gomes Freire de Andrade havia retirado das Missões para São Nicolau, próximo a Rio Pardo. Na época, Marcelino desenvolvia grande esforço agrícola em Aldeia dos Anjos, a cargo de seu amigo, há 12 anos, Capitão Pinto Carneiro falecido na madrugada de 1 de junho de 1777, de "dor no peito", de forma repentina. Foi substituído pelo Tenente Felipe dos Santos, natural de Goiás, e do Regimento de São Paulo (ou Santos) há seis anos, na Companhia do Capitão Ignácio Xavier de Moraes Sarmento. Este, possivelmente, irmão do Tenente Antonio José Machado de Moraes Sarmento, (talvez do Regimento de Estremoz), natural de Moncorvo, Portugal, e um

dos organizadores e administradores da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu, que funcionou em Canguçu Velho - Canguçu, RS, de 1783 a 1789 e que estudo em *Canguçu reencontro com a História*.

Em Aldeia dos Anjos, Marcelino fundou o **Colégio das Servas de Maria**, em 1778, segundo CEZAR, *História do RGS*, p. 182, destinada a ministrar trabalhos manuais e instrução primária às meninas guaranis. Esta iniciativa é vista como a introdução do ensino público no Rio Grande; assim como sendo o Governador Marcelino o pioneiro ou o pai do ensino público no Rio Grande do Sul. O Tenente Antonio José Morais Sarmiento administrou Aldeia dos Anjos em 1784, antes de assumir a Feitoria do Linho cânhamo em Canguçu. Ver An. Bibi. Nac. V. 99 mss 235, 238, 295 e 298.

193 - Parecem os primeiros indícios da **Viradeira**, evento com grandes guinadas políticas interna e externas em Portugal. A partir daí, com o Tratado de Santo Ildefonso, de 1º de outubro de 1777, o Exército do Sul passou a ter grandes obstáculos logísticos e administrativos. Talvez a queda do Marquês de Pombal explique, em parte, o futuro próximo de Böhn. Consta que a cidade de Lorena e a calçada de Lorena, onde foi proclamada a Independência, entre São Paulo e Santos, advêm do Governador Lorena de São Paulo, filho natural de D. José 1º.

194 - Böhn manda acampar no Rio Grande o RI de São Paulo. Emite bom conceito dos esforços de seu comandante, o Coronel Manoel Mexias Leite, natural de Elvas, com 40 anos de idade e 25 de serviço, vindo como tenente-coronel do RI do Rio de Janeiro. Ver Notas 177 e 189 e BENTO. "SP e PR na Reconquista do RGS", p. 85 e 95.

195 - Sobre o RI do Rio de Janeiro e sua movimentação e privações nesta campanha desde o Rio, em 6 de dezembro de 1773, o seu cirurgião-mor Francisco Ferreira de Souza deixou importante depoimento publicado nos *Anais da Restauração do RGS*, v. 9, p 231-277. Ele fornece valiosas informações, principalmente, da ação da Marinha, em 19 de fevereiro de 1776. Dentre as informações relevantes registre-se:

- boa cobertura descritiva do ataque naval de 19 de fevereiro de 1776;
- resultado numérico das populações açorianas em torno da Vila do Rio Grande (678 pessoas) que estavam sob domínio espanhol;
- registro da existência, na Vila de Rio Grande reconquistada, de 131 casas; sendo 14 com cobertura de telhas;
- impressões sobre a população mais humilde do Rio Grande, já vivendo em função da pecuária;
- algumas expressões idiomáticas (linguajar típico) entre a população em torno da Vila de Rio Grande;
- código local para designar pelagens de cavalos;
- diversos pousos do RI do Rio de Janeiro, entre Laguna e São José do Norte, com distância e nomes locais. Dados que permitem concluir que o 1º RI do Rio de Janeiro foi de certa forma discriminado na distribuição dos trabalhos mais pesados, além de ser destacado por um ano “em uma praia deserta, em continuada faxina, rotos, nus e descalços na construção dos 3 fortes: o da Barra, o Pontal e o Jorge, em cujo período, desde o mês de junho de 1775, temperam a comida com água salgada, por falta de sal; que se alguém o queria comprava-o por **exorbitantíssimo preço**, à sua custa. Sustentaram-se, por tempo de 3 meses, de carne cozida, com carne assada servindo e suprindo assim a falta de farinha ou pão, sem que nenhum se queixasse. Antes, todos se faziam ver aos superiores, alegres, contentes e satisfeitos. Os que estavam fora desse emprego trabalhavam no mais calamitoso inverno em cortar capim para se cobrir um novo *hospital* que de novo se levantava. Desse serviço saíram uns tão enfermos que morreram. A isso me opus, na qualidade de encarregado da inspeção médica de toda a tropa e o que mais havia, com protestos a tão letífero (letal) serviço. Pois nenhum regimento tem sido mais pensionado (contemplado) com faxinas, mais constrangido a cortes de madeiras e mais trabalhado em outros mais empregos. Por esta razão todo o agradecimento é pouco a tão robusta tropa, tão obediente e tão constante”. (Os grifos são do anotador.) **Ele se refere à Encruzilhada do Duro,**

como **“Encruzilhada do Serro Pelado”**, no caminho que de Montevidéu se passa para o Rio Pardo e Rio Grande. Comandou o 1 RI do Rio de Janeiro, o Coronel Manoel Nunes Teixeira Henrique da Silva. Depois do combate naval de 19 de fevereiro de 1776, nosso cirurgião atendeu 29 dos 30 feridos em combate. Destes, morreram 2. Seu trabalho de cirurgião resumiu-se a 4 amputações de pernas, 2 de braços e 7 reduções de membros e fraturas.

196 - Portugueses de naturalidade açoriana e segundo o recenseamento da nota anterior somavam 678, dos quais: homens 238, sendo 24 com mais de 60 e com mais de 90 anos; mulheres 219, sendo 48 com mais de 40 e 1 com 90 anos; rapazes 60, até 15 anos; moças 50, até 14 anos; meninos 64, até 7 anos; meninas 47, até 7 anos. Totalizavam 701 almas com mais 23 crianças. Distribuíram-se em Povo Novo, Mangueira e Paulistas. Depois, 142 famílias foram deslocadas de Povo Novo e colocadas na Quinta. Elas não gozavam da confiança do Governador Marcelino, que as via como colaboracionistas. Ver MONTEIRO. *Dominação*, p. 380.

197 - Este forte fora estabelecido por Silva Paes, em 1737, conforme concluí em *Síntese Histórica das FT na área da 3ª RM. RMB*, jul./dez 1773, p. 56. Os espanhóis o ampliaram e Böhn o aproveitou bem e o tornou centro de gravidade da defesa do Rio Grande, sob ameaça de Cevallos, protegia a Vila do Rio Grande, por terra. Foi seu comandante sob *o domínio* espanhol, com o nome de S. João Batista da Guarda do Arroio o Tenente Paulo Desfile. O Comandante de Artilharia, em Rio Grande, foi Tenente-Coronel Francisco Bethezebé, ajudado pelo Ten Cel Antônio Monier.

198 - Böhn, determinado a resistir em Rio Grande, possuía o controle Sangradouro, que lhe assegurava o apoio logístico por mar. Resistir em São José do Norte era perder a conquista e o controle de Sangradouro e a possibilidade de apoio logístico a partir do Rio e Santa Catarina, razão da inutilização do Lagamar. Em São José poderia receber apoio via lacustre, de Porto Alegre. **São José do Norte leva o nome do Rei José 1, por ter sido reconquistado em 6 de junho de 1769, aniversário Rei.**

199 - Com a **Viradeira, em Portugal, e a paz**, o Exército do

Sul encontra cada vez mais, dificuldades no Apoio Administrativo e Logístico, a partir do Rio de Janeiro. Faz lembrar o dito popular que Caxias referiu ser feita a Osório, quando este foi convidado pelo Rio de Janeiro para visitá-lo como herói. Recomendou-lhe Caxias que tratasse em detalhes, com: quem o convidara, não só as despesas da ida quanto as de sua permanência e retorno ao Rio Grande. E teria Caxias rematado com este conselho bem humorado a seu velho camarada amigo: — “Cuidado! Fim de baile, músicos a pé!” Isto para fazer uma analogia com os costumes brasileiros; ou seja ser organizado um baile não faltar quem dê, ou pague, condução dos músicos. Mas, ao final eles ficam a pé e todo mundo vai embora. Situação de Böhn se assemelha à de um fim de baile e, principalmente para o Governador Marcelino.

200 - Francisco Bruno Zabala. Nasceu em Buenos Aires em 5 de outubro de 1719, e faleceu em Montevidéu entre maio de 1798 e julho de 1800 Comandava a coluna invasora de Vertiz y Salcedo, que foi batida em Tabatingá, em 14 de janeiro de 1774, localizado em mapa 16, em AMAN *História Militar do Brasil*. V. Redonda, *Gazetilha*, 1979, que contém interessantes mapas sobre a História do Brasil, feitos sob nossa orientação na Comissão de História do Exército do EME, Brasília, em 1971. 1974. Em 1787, ele aparece como destinatário da correspondência sobre a Demarcação, enviada pelo Brigadeiro Veiga Cabral. Em 1773-74, percorreu o Rio Grande do Sul com Vertiz y Salcedo no itinerário aproximado atual. Santa Tecla, Encruzilhada do Sul, Canguçu, Pedro Osório, Povo Novo, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar. Ver combate Tabatingá na Introdução. Passou o Rio Camaquã no Passo da Armada; desde então, por ali Vertiz haver atravessado com sua Real Armada (Exército).

201 - Böhn parece se satisfazer com as explicações do Vice-Rei, sobre suas dificuldades de Apoio Logístico. Infelizmente, não transcreve as explicações recebidas.

202 - Estes índios habitavam as regiões lacustres do Rio Grande do Sul, nos atuais municípios de Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e outros. Debret os retrata em sua monumental obra iconográfica. Hoje o nome da tribo foi romanceado, dentro do

espírito de uma corrente literária que em Porto Alegre teve seus seguidores, segundo se conclui de CÉSAR. *História da Literatura do RGS*. P. Alegre, Globo, 1971.

203 - Ver Nota 38. Foi uma das primeiras espadas do Rio Grande. Dá a impressão que ele havia, como ajudante-de-ordens de Veiga Cabral, guiado o Regimento do Rio de Janeiro, desde o Rio até o Rio Grande, precedendo o General Böhn. Ver *Anais da Restauração do RGS*. V. 3, p. 237.

204 - Este gado foi guardado nos campos do município de Canguçu atual, em torno da Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo) chamada pelo cirugião mor do I RI do Rio de Janeiro de A Encruzilhada do Cerro Pelado, mais próxima esta do Rio Piratini, para distinguir da outra mais próxima ao Camaquã e Encruzilhada do Sul atual. Em carta corográfica de 1789 consta no local da cidade de Canguçu atual e imediações a seguinte inscrição:

“Aqui se alojou o Coronel Rafael Pinto Bandeira com as tropas que comandava ao tempo da guerra (1763-1777) para passar a vizinhança de Montevideu, com o fim de destruir e arrear gados dos castelhanos, o que conseguiu com felicidade, trazendo avultada quantidade de gado vacum e cavalar”. Ver do autor *Canguçu, Reencontro com a História*, no subtítulo Canguçu na cartografia até 1788. Böhn menciona 1746 cavalos e mulas do Exército de Espanha, dos quais 700 bons. O objetivo era atacar o Rincão do Rosário, talvez na cidade argentina de Rosário, para tomar 50.000 cavalos lá concentrados. Depósitos não são atacados por estarem fortemente protegidos. Por aqui se constata a ousadia e intrepidez de Rafael e **seus bravos gaudérios** que Erico Veríssimo imortalizou em *O Tempo e o Vento*. Isto resultou de ordem da Junta Governativa do Rio de Janeiro, de 6 de junho de 1763, que, em última instância, era diretora de guerra de guerrilhas contra o espanhol que invadira o Rio Grande:

“Esta guerra há de ser feita com pequena frações de tropa emboscadas nos matos e passagens difíceis. Desses lugares devem sair ao encontro do inimigo para reduzir-lhe os efetivos e procurar arruinar suas cavalhadas, gados e víveres. Enfim, mantê-

lo em contínuo sobressalto. E tudo isso pode ser executado com pequenas frações. E os passos dos rios são os locais mais próprios para este tipo de ações”.

-----Desse modo, os guerrilheiros, cuja expressão maior foi Rafael Pinto Bandeira, mantiveram bases de operações “nos matos e mais passos”, conforme as circunstâncias, contribuindo para devassar as regiões sul dos Rios Piratini, Camaquã e Jacuí e manter os espanhóis inativos em suas bases. Isto, CESAR, *História do RGS*, p. 180, interpretou de modo muito feliz:

“Avançassem os espanhóis na direção do Jacuí, tomassem Rio Pardo ou Santo Amaro e estariam quebradas as resistências vitais, restando em pé apenas Viamão e Porto Alegre. Mas o Rio Grande já tinha em armas muitos naturais de seu solo, sucessores dos cabos-de-guerra portugueses, os quais, afeiçoados ao clima e ao estilo de vida dos pioneiros, eram homens para quem a terra não apresentava surpresa. Conheciam os caminhos, a soléncia dos índios, manejavam os cavalos como bons gaúchos, indiferentes às intempéries, alimentando-se exclusivamente de carne e mate amargo. Fronteiros audazes, sobre seus ombros caiu a tarefa de fustigar os espanhóis, mediante sortidas galopantes, causando-lhe preocupação e terror. Ao final dessa guerra, fazia cerca de 44 anos que o Rio Grande começava a ser povoado por estancieiros de Laguna, que de muito antes já percorriam seu litoral e as Vacarias da Serra”. Os rio-grandenses já haviam criado uma personalidade própria e uma maneira genuína de guerrear, que tanta admiração causou ao General Böhn. Em nosso trabalho *O Negro na Sociedade de RGS*, Palegre, IEL, 1976, abordamos aspectos dessa guerra de guerrilhas e suas repercussões nos soldados de Espanha. Ver Notas 50 e 54.

205 - Nesta época, Rafael esteve quase à morte em seu acampamento na região de Canguçu atual. Ver nosso *Canguçu Reencontro com a História*. Aqui fica patente o temor e o mal que Pinto Bandeira causava aos inimigos. Sua projeção em Portugal e no Brasil, assinalada pelo Vice-Rei ao mostrar-lhe em todos os lugares do Rio. Rafael iniciou vida militar aos 14 anos no Exército

Demarcador de Gomes Freire, em 1754.

206 - Acentuam-se as dificuldades logísticas que confirmam a expressão **“fim de festa músicos a pé”**. Böhn continua achando ladrões, sob o honesto nome de gaudérios, integrantes das tropas de Rafael. Böhn parece “não ter entendido o espírito da coisa”. E o papel desempenhado pela guerrilha conforme temos abordado nas Notas 50, 54 e 203. São os gaudérios que alimentam o seu exército com o gado arreado numa operação militar estimulada do Rio de Janeiro e de Portugal. Foram as emboscadas no Nordeste que ajudaram a expulsar o invasor holandês. No Rio Grande, a história se repete. Os gaudérios são quem buscam informações que chegam a Encruzilhada do Duro em Canguçu e dali eram levadas a Böhn.

207 - Segundo Böhn, cuja animosidade contra Rafael começa a manifestar-se, Rafael ao saber que uma patrulha espanhola estava a um dia de seu posto em Encruzilhada do Duro, pediu para ir para o Camaquã. Aqui fica evidente que Encruzilhada do Duro era em Canguçu. **Santa Tecla é recuperada pelos espanhóis para conter os gaudérios, agora sem controle, causando problemas diplomáticos.** Böhn acha que Rafael lhe é ingrato e usa uma expressão de sabedoria castrense: **“Sempre o estimei pelas qualidades que tem, sem louvá-lo pelas que não possui”**. **Com Rafael parece ter-se verificado o ditado “fim de festa, músicos a pé”**.

208 - Em Cerro Pelado, próximo ao Rio Piratini, Rafael Pinto Bandeira mantinha um posto. Destinava-se a prevenir infiltrações espanholas ao longo do Canal São Gonçalo, ao sul e ao norte da foz do Rio Piratini. Foi imediatamente ao norte da foz do Piratini que Pinto Bandeira recebeu sesmaria e montou sua estância. Lamentavelmente, as ações das Tropas Leves nesta região estão irremediavelmente comprometidas na memória rio-grandense. Cerro Palado possuía, e possui, ampla dominância de vistas sobre os arredores, local assim ideal para vigilância.

209 - Declaração eloquente de Böhn e muito positiva sobre a não-vinda de dinheiro, cuja falta, numa região como aquela, era

irremediável. **Cobra do Vice-Rei a não-retribuição da confiança que nele a tropa havia depositado; agora, seus “outroira camaradas”**. Na Colônia, estes problemas logísticos foram crônicos e ali mesmo no Rio Grande, em relação aos Dragões.

210 - Malogra a Legião da América, de Pinto Bandeira. Não aparecem recrutas a não ser dois. Ver Notas 50 e 54.

211 - A Infantaria pernambucana com grandes tradições na expulsão dos holandeses se fez presente na defesa da Ilha de Santa Catarina, conforme abordo em *Em torno da fortaleza São José*, p. 344. Era um Regimento de Henriques ou pretos. Foi ele que forneceu os homens que construíram as 13 jangadas usadas por Böhn no assalto a Rio Grande.

212 - Aqui é o desabafo do general que se vê abandonado e desprestigiado pelo Vice-Rei. Autoridade que, segundo ele, dava prioridade em apoiar as tropas derrotadas e capituladas em Santa Catarina e mais tarde em Colônia, em detrimento das que se haviam coberto de glória na reconquista do Rio Grande do Sul. Esta mesma mágoa seria partilhada mais tarde por Marcelino; e, com mais razão, pois no retorno para o Rio, o Vice-Rei mandou parte do pagamento para os expedicionários que foram pagos em Cidreira. E deixou as do Rio Grande “a ver navios”, o que motivou a revolta do Governador Marcelino. E isto aí! **“Fim de baile, músicos a pé” e “Longe dos olhos, longe do coração”**. Possivelmente, as respostas adequadas e mesmo a justificação se encontram na correspondência do Marquês do Lavradio, no Arquivo do Cosme Velho, de Marcos Carneiro de Mendonça. Böhn irrita-se com o ajudante-geral, elogiando a atuação dos oficiais da Ilha de Santa Catarina, na capitulação.

213 - Detalhes dos uniformes que foram reproduzidos por Watsh Rodrigues, em parte, em *Uniformes do Exército Brasileiro*, editado em 1922. Uniformes de tropas de São Paulo; os reproduzi e os ofereci ao IHGSP para publicar no artigo *Participação de SP na Reconquista do RGS*. Gustavo Barroso foi o encarregado dos textos da obra citada *Uniformes do Exército Brasileiro*, no qual história os regimentos vindos de Portugal.

214 - Os gaudérios, fornecendo ao Exército do Sul o gado espanhol que apresaram. Talvez Böhn pensasse: **“Benditos gaudérios ladrões que alimentam a minha tropa, que os malditos e honestos nobres não estavam fazendo”**.

215 - Os sacrifícios da falta de pagamento pesavam mais sobre os oficiais e depois sobre os sargentos e soldados. Aos oficiais, devia-se meio ano. Não recebiam desde julho de 1777, exclusive. As praças, desde outubro de 1777, exclusive. Esta situação se agravaria mais e o sacrifício maior distribuído pelo QG, oficiais e praças e nesta ordem.

216 - A deserção foi uma coisa natural no Rio Grande, talvez devido a um atraso de soldo de 6 meses. Os desertores levam 14 cavalos. Mais tarde e até 1828, esta prática era comum. Desertar era até negócio, pois levava-se junto cavalo e armas. E na primeira necessidade bélica vinha o perdão. Ensaio sobre este aspecto, em estudo que fiz do ponto de vista militar da Batalha do Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827, na revista *A Defesa Nacional*, nº 677 de 1977 e nº 680 de 1978. E em meu livro 2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário. Porto Alegre: Genesis, 2002, disponível no site www.ahimtb.org.br.

217 - O primeiro comandante do Batalhão de Infantaria do Rio Grande sendo contra-indicado para comandar batalhão e proposto para comandar uma fortaleza. Este batalhão aparece distribuído em duas companhias. Uma do Rio Grande e outra de Santa Catarina. Seu perfil é estudado em notas anteriores.

218 - Retorno dos Paulistas. Ver Notas 91, 178 e 190.

219 - O Marquês de Lavradio está de volta; Böhn ainda o encontraria no Rio, onde seria bem recebido por ele. A correspondência do Marquês do Lavradio pertence ao pesquisador Marcos Carneiro de Mendonça.

220 - É desconhecida a extensão dos licenciamentos ocorridos entre as tropas e sua fixação no Rio Grande do Sul. É possível que tenha ocorrido em número significativo. E pelo visto, licenciamentos sem restrições a soldados. Solução inteligente! Atendia à necessidade de colonização e economizava despesas

várias com o regresso da tropa. E uma pesquisa interessante a ser feita, lado a lado, com as sesmarias concedidas.

221 - Era comandado pelo Major José da Nóbrega. Pouco depois, ele seria assassinado por peões dos fornecedores de carne por haver-se ‘enrabichado’ por uma índia horrorosa, mulher de um amante de outros, cujos detalhes Böhn narra. Este mau exemplo, por certo, refletiu-se na disciplina do regimento, criando problemas, em razão do major tratar os oficiais **“com maus modos e de modo indecente”**, levando-os a conspirar contra o comandante Nóbrega, para afastá-lo do comando, o que ocorrerá de modo trágico. (Enrabichar = apaixonar-se. E expressão gaúchesca).

222 - É o célebre jeitinho brasileiro, O Tenente Magalhães “língua um pouco solta” ou o marreta” de hoje e fazendo com isto, inimigos.

223 - Foi marcha através da praia, de São José do Norte até Laguna, do Regimento de São Paulo. Marcha que durou 24 dias e realizada de modo incomum, sem doentes, feridos e retardatários. Voltava assim coberto de glórias o RI de São Paulo. Ver do *autor Sesquicentenário da PMSP*, São Paulo, 1981 e Notas 51, 177 e 189.

224 - Mais uma farpa lançada sobre Rafael Pinto Bandeira, apresentando-o ao Vice-Rei como de má vontade, ou então gozar fama imerecida de nem saber passar rios com suas tropas. Parece que, na época, Rafael não quis arriscar seus cavalos, propriedade de seus soldados. Pediu-os a Böhn e ficou com cavalos de um lado e outro e, assim, com a maior flexibilidade de atender ameaças no Sul ou no Norte. Ver Nota 50.

225 - Da Legião de Voluntários de São Paulo, ficaram 50 homens no Rio Grande; por certo, para seu povoamento. Eles viriam juntar-se a todos os outros paulistas que para cá vinham migrando desde 1737. O exemplo da família paulista de Ana Terra, do romance de Erico Veríssimo, capta muito bem a contribuição paulista ao povoamento de Rio Grande, um novo Eldorado depois da Guerra dos Emboabas, em Minas Gerais - 1710.

226 - A natureza em seus caprichos abre mais uma barra e mais favorável para penetrar no Sangradouro. Havia fechado o Lagamar

e agora restituiu outro acesso. Esta informação, Böhn enviou para animar o Vice-Rei a mandar navios para auxiliar a evacuar as tropas para o Rio. Esta barra foi reconhecida e levantada pelo CT Santos Cassão, documentada e enviada ao Vice-Rei.

227 - O Capitão Silvano opera maravilhas com o seu arsenal. Recupera barracas e carretas. Sem dúvida, realizou um trabalho notável de Apoio Logístico, numa região em que os recursos locais eram precários.

228 - O Major Nóbrega foi atingido por boleadeiras, arma muito comum nas guerras entre os gaúchos, argentinos, uruguaios e brasileiros. Era de origem indígena, usada na guerra e na caça. Sinônimos: bolas, pedras e boleadeiras. Inicialmente, eram três pedras redondas, com um sulco no meio para prendê-las ao couro. Com o tempo, foram sendo aperfeiçoadas e usadas na pecuária. Esta arma vinha sendo usada pelos índios há 3200 anos no Prata.

229 - Dados sobre os que não cumpriram o dever militar, julgados e condenados a desterro; inclusive à morte. Entre eles um paulista, por cuja vida o Bispo de São Paulo intercede. Sobre o assunto *Documentos Interessantes do Arquivo de São Paulo* trazem correspondência trocada para livrar o citado paulista de castigo.

230 - Vicente José de Velasco Molina, brigadeiro (1745). Era tenente-coronel do Regimento do Rio de Janeiro; homem de confiança do Vice-Rei. Fora mandado a Buenos Aires como delegado de Portugal na Comissão de Reparações, criada pelo Tratado de 1777. Comissão que repatriou os prisioneiros portugueses feitos no Rio Grande, Colônia e Santa Catarina. Era ligado ao judiciário. Em 1799 renunciou à Ouvidoria e Correição do Rio. BARRETO *Bibliografia*, p. 941, fornece outras indicações. Atingiu o posto de brigadeiro, em 7 de fevereiro de 1799. O retorno dos prisioneiros portugueses se faz e com correção como se verá. Ver sua comitiva nominalmente (p. 187) e salvo-conduto recebido, O espanhol enviado a Rio Grande, com idêntica missão, era Vicente Ximenes,

231 - Desperta curiosidade a missão do Tenente Palhares: ir de Rio Grande a Laguna buscar 40 contos de réis. Ao longo da História, este problema de transporte de numerário para pagamento de

tropas foi uma coisa comum. Bertoldo Klinger avocou a si a iniciativa, nos anos 20, de usar o Banco do Brasil para evitar transportar dinheiro de Porto Alegre a São Gabriel.

232 - Böhn não entendia a demora do Vice-Rei em ordenar a retirada das tropas do Rio Grande; quando do outro lado, ela se processara há muito. Assim, com o retorno do Vice-Rei Ceballos à Europa, Böhn aproveitou-se para forçar ordem do Rio, de recolher-se para lá com o Exército do Sul.

233 - José Antunes da Porciúncula, Era filho de um dos primeiros estâncieiros nas imediações de São José do Norte atual — João Antunes da Porciúncula e cunhado de Simão Soares (Nota 33.) Ele servia no Regimento de Dragões e foi destacado como guia ao Coronel Velasco, através do Uruguai. Em 1801, com seu cunhado Simão Soares, a partir de Albardão e Taím que guarneciam, invadem os Campos Neutros até o Arroio Chuí, de onde expulsam os espanhóis, conforme escrevi em “Santa Vitória na História Militar” RMB julho/dezembro de 1774, p. 75, e gravura alegórica na p. 73. Em 1812, integrou o Exército Pacificador da Banda Oriental, tendo passado a comandar a Fortaleza de Santa Tereza, então conquistada. Para genealogia ver REINGHANTZ, *Povoamento do RGS*, p. 12 e 20 (1-6). Seu filho, do mesmo nome, tenente de Cavalaria (1797-1846), João Antunes era pentavô de Alice da Porciúncula, madrinha de Pedro Calmon e esposa de Miguel Calmon du Pin Almeida.

234 - Ver Notas 198, 208, 211 e 215. Böhn se referia à falta de notícia oficial sobre Apoio Logístico; pois, há cerca de seis meses estava em progressivo abandono, depois de haver conquistado glória eterna para as armas portuguesas. Ao contrário das tropas da Ilha de Santa Catarina e Colônia, que eram prestigiadas.

235 - Por falta de dinheiro, o Exército do Sul é obrigado, para sobreviver, a reconquistar gado à força. Assim mesmo, gado contra-indicado para o abate. Injustiça a uma tropa que correspondeu às expectativas gerais.

236- O arsenal organizado por Böhn, em Rio Grande, é chamado Sala de Armas e Fábrica. Após excelentes serviços é passado ao comissário José Barbosa, auxiliar de Betâmio. Ver Nota 226.

237 - A ameaça da fome ronda o Exército do Sul. Böhn o dispersa a sua tropa para evitar uma tragédia. Recorre a uma Estância Real de Pecuária, junto à Aldeia dos Anjos e que o governador (Nota 11) quer manter intacta. Sabe que sem dinheiro os civis não vão fornecer nada. E registra o caso da população do Estreito e arredores que se afeiçoara ao Coronel Veiga Cabral. Este, injustiçado por alguns autores, como prepotente. Quanto ao 1º RI do Rio de Janeiro, restava salvar-se da fome, pescando. **Esta grave situação ele comunica laconicamente “A Caixa Militar está sem um real. O gado é tirado das estâncias vizinhas. E nós, às vésperas da fome”**. Ver Notas 234 e 235.

238 - Este desabafo é eloquente. O Exército do Sul está com os vencimentos em atraso; Böhn e seu QG, há 13 meses; os oficiais, há 11 meses e os sargentos e soldados, há 9 meses. Além disso, retido há quase um ano no Sul, em descumprimento ao Tratado e até com “indignidade”. Apesar do brilhante desempenho militar, haviam recebido um par de sapatos em quatro anos. Financiaram a confecção dos uniformes, construíram cabanas, por não terem recebido barracas novas e fizeram presas de guerra, sem nada receberem por isto. A par de todo este descaso, o Exército do Sul recebeu como ofensa, medidas de prestígio e exaltação das tropas mal sucedidas em Colônia e Santa Catarina. Mas, apesar de tudo, Böhn registrou um dado muito importante! “Neste abandono tão *absoluto*, os soldados dão serviços com a mesma regularidade. Sujeitam-se à disciplina como se vivessem, na maior abundância. Nem o menor roubo, nem violência se constata”. E exemplo importante de moral elevado, apresentado por esta tropa, e da liderança e valor de Böhn, tão desprestigiado, depois de haver cumprido a missão recebida — reconquistar o atual Rio Grande do Sul, que 45 anos depois receberia o poderoso impulso colonizador de seus patrícios alemães, que fundaram São Leopoldo, núcleo irradiador da colonização alemã daquele estado. Ver nota anterior.

239 - Cavalos reiúno de castela. Cavalos que são do Rei. Este termo tem hoje a acepção de cavalos pertencentes ao Estado. E extensivo, no Rio Grande do Sul, a outros bens, como estância

reíuna ou que pertencia ao Governo. Cavalos reíunos é igual a cavalos do Exército, hoje.

240 - Tratava-se de 134 prisioneiros feitos por Cevallos, ao conquistar a Ilha de Santa Catarina. Segundo Böhn, eram cerca de 120 militares que pertenciam aos Regimentos dos Henriques, de Pernambuco, da Bahia e do Porto (Portugal). Foram trazidos pelos espanhóis até o Taím, bem alimentados, a cavalo e tratados. Chegavam ao Rio Grande para repartir a miséria existente. Os seus patrícios transportavam-se a pé. A miséria era tanta, que os espanhóis que os conduziram voltaram com as mãos abanando, contrariando tradição. Lamentavelmente, nas *Memórias* de Böhn é omitida a relação nominal dos prisioneiros. Talvez, no Arquivo do Itamarati, na correspondência do Coronel Velasco, a relação seja encontrada. Ver An. Bibi. Nac. v. 99, mss 176.

241 - A ironia fina de Böhn, em relação aos prisioneiros portugueses que entre Rio Grande e Laguna, a pé, suspiraram pelos cavalos, alimentação e bons tratos com que os espanhóis haviam nos cumulado, inclusive em Mendoza e Chile, para onde alguns teriam ido.

242 - Francisco José da Rocha Campos Fontoura e Távora. Governador de Colônia do Sacramento (1775-1777), quando do ataque, de seu arrazamento e de sua passagem definitiva ao domínio de Espanha, depois de quase um século de acirrada disputa militar e diplomática. Havia servido com o Marquês do Lavradio, no Regimento de Cascais, que o trouxe para o Brasil, ao ser nomeado Vice-Rei. Era, então, capitão de Cavalaria e recebeu, de Lavradio, sucessivas missões de confiança e de caráter pessoal, superiores ao seu posto. Era natural de Bragança e fora mandado ao Rio Pardo, em 1771, como sargento-mor (major) dos Dragões do Rio Pardo para observar Marcelino de Figueiredo (ver Nota 11), então comandante do Regimento (1767-1773), depois do frustrado ataque ao Rio Grande, em 1769. Ao final do comando Marcelino, que ele espionava para o Vice-Rei, comandou sucessivamente: a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro; a guarnição da Ilha de Santa Catarina e, em 1775, o governo da Colônia do Sacramento. Ali

foi preso e levado para Buenos Aires. Agora, atravessava o litoral do Rio Grande com “suas próprias cadeiras, mulas, cavalo e uma carreta”. Terminou seus dias degredado em Angola, em caráter perpétuo, por sua ação em Colônia, que é estudada em detalhes por MONTEIRO. *Colônia do Sacramento*. P. Alegre, Globo, 1937.2 V. REIGHANTZ. *Anais da Restauração do RGS*, v. 4, estuda a genealogia dos colonistas que colonizaram o Rio Grande do Sul. Rincão del-Rey era Quinta, ao Sul de Rio Grande, onde estacionava um esquadrão do Capitão Costa.

243 - Capitão de Dragões Carlos José da Costa; havia se distinguido, como herói, na conquista do Forte de Santa Tecla, onde, em parte oficial, o governador se refere a comportamentos heróicos de Dragões “que assim deviam proceder, pois estavam sob as vistas e ordens do Capitão Carlos José, cuja honra e préstimos já são conhecidos”. Em Santa Tecla, dirigiu o ataque dos dois pedreiros (peças pequenas) sobre o portão do forte. MONTEIRO. *Dominação*, pp. 28 1-283. Fora mandado para a Quinta, então chamada, também, Rincão del-Rey, para acomodar as famílias retiradas de Povo Novo.

Da tropa Ligeira de Rafael, Marcelino de Figueiredo, em parte oficial a Böhn, destacou somente o Tenente Jerônimo Xavier de Azambuja e o Alferes Martinho Pedroso com a citação — “são valentes”. O Tenente Jerônimo havia participado com destaque. em São Martinho.

Foi inspetor da Capela Curada de Canguçu, em 1800; o estudo em *Canguçu Reencontro com a História*. NEVES. *Vultos*, a ele refere, pp. 159 (biografia) e 166. O Rincão del-Rey era a Quinta próxima à Vila de Rio Grande; hoje, sobre a BR 471. Jerônimo Xavier Azambuja foi alferes de Dragões, depois capitão em 1778, major em 1788 e tenente-coronel em 1789. Acompanhou Pinto Bandeira, desde novo, bem como Antonio José de Mattos.

244 - O Brigadeiro Roncaly veio pelo caminho terrestre; atual Rio Pardo — Encruzilhada do Sul, Camaquã de Baixo (Vao dos Prestes) — Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo), Canguçu — Morro Redondo — Pedro Osório — Rio Grande. Vinha com o

caminho liberado dos espanhóis.

245 - Talvez esta Oficina de Ferreiros e Serralheiros junto com a Sala das Armas que apoiou tão bem o Exército do Sul seja a raiz histórica da indústria mecânica no Rio Grande do Sul. Ver Nota 236. Nela trabalharam os mestres ferreiros Barnabé Martins, Antonio da Costa e José Teixeira dos Santos e os carpinteiros Manuel da Costa e José Teixeira dos Santos, que chegaram em Rio Grande em 1º de julho de 1776. MONTEIRO, *Dominação*, p. 300.

246 - Dia 21 de novembro de 1778; 13 meses depois da Paz de Santo Ildefonso e 20 meses depois da reconquista da Vila de Rio Grande, Böhn recebeu ordem de retornar ao Rio, com o Exército do Sul, após difícil permanência em Rio Grande, com dificuldades de toda a ordem. Böhn revela-se impaciente para voltar, talvez por pressão da própria tropa.

247 - Era uma fazenda do rei, à retaguarda de São José do Norte, entre Estreito e Mostardas. Lá, Böhn deixara engordando os bois e os cavalos destinados ao retorno do Exército do Sul a Laguna. Fora fundada pelo Brigadeiro Silva Paes. Além dela, havia a estância do Rincão da Torotama, ou Rincão del-Rey, para deixar o gado apreendido no sul, ali reunido. Esta estância abrangia Povo Novo e Quinta atuais. FORTES. *Rio Grande*, p. 67. Torotama significava uma grande quantidade de touros. Foi criatório de mulas de Manoel Marques de Souza. Denominação Histórica da 8ª Brigada de Infantaria motorizada aprovada, em Pelotas e por nossa proposta .

248 - Viajar de carreta, de Rio Grande a Laguna, era, na época, uma mordomia de primeira ordem. Este privilégio, tiveram o coronel comandante do 1º RI do Rio de Janeiro e o Marechal Funck, “o pioneiro do ensino de Engenharia do Brasil”, que deixou, à retaguarda, valiosos serviços ao Rio Grande do Sul. Uma carreta podia levar a metade das barracas dos soldados de um regimento e a metade da bagagem de seus oficiais. Dispor de carretas era coisa rara. Funck descreve como eram essas carretas. Ver nosso trabalho *Estrangeiros e Descendentes*, p. 245.

249 - A Fragata **Belona**, construída em Porto Alegre, fez sua

primeira viagem marítima ao Rio, em dezembro de 78 /janeiro de 79, ao comando do CT Cassão. Ver Notas 2, 20 e 27.

250 - O Estado-Maior de Böhn, na viagem de retorno ao Rio. O Coronel Joaquim José Ribeiro foi uma espécie de ajudante-general do General Böhn. Era um intermediário entre o general e a tropa. Desempenhou várias missões. A ele não se refere Böhn. **Talvez, fosse de Cavalaria; pois, Marcelino, ao oferecer a Böhn um plano de defesa do Rio Grande a um ataque do “General Cevallos”, sugeriu seu nome para comandar toda a Cavalaria.** O Major Teixeira é pouco mencionado. Marques de Souza, ajudante-de-ordens de Böhn, é estudado na Nota 38. José D’Afonseca era o comandante de Rio Grande reconquistado, gozava de bom prestígio junto a Böhn e era homem de sua confiança. Do Coronel Martins Couto não há referências disponíveis, nem do Cirurgião-Mor André da Costa. O Brigadeiro Roncally viera e retornava com Böhn. Coube-lhe comandar os Dragões. Ver Notas 23 e 244. Teve o difícil encargo de tesoureiro da Caixa Militar, Francisco José Vieira. O Capitão Simão Soares que foi até Santa Catarina desempenhou de modo eficiente a função de Comissário de Transporte de Cavalos, a concluir-se pela normalidade do setor. Ele é o tetravô de Alice Porciúncula, madrinha do historiador Pedro Calmon e casada com o Calmon do Pin Almeida, destacado prócer da 1ª República. Ver Notas 36 e 362. Ver, também, Notas 108.

251 - Lisonjeira observação de Böhn sobre o comportamento e gratidão dos rio-grandenses. Acorreram para cumprimentar o general pela boa conduta das tropas, das quais já sentiam antecipadas saudades. E mais do que isto, ninguém reclamou pagamento, concluindo o general alemão: “Isto me tocou vivamente e me deu satisfação”. Era outro testemunho mudo à capacidade de chefia e administrativa de Böhn. Foi, simbolicamente, a despedida do povo rio-grandense ao Exército de Böhn.

252 - Cidreira, hoje local de veraneio, entra para a história logística. Ali Böhn, em 28 de dezembro de 1778, recebeu o dinheiro e atualizou o pagamento das praças até março de 78, inclusive; e dos oficiais, até abril, inclusive. Continuava o atraso

253 - Dispor de cadeira era uma grande mordomia no Rio Grande da época. Era uma condução transportada por escravos e que fazia parte da bagagem do general.

254 - Novamente o Capitão Simão Soares atuando como comissário de transportes e cavalos, para transportar Böhn e suas tropas de Laguna a Ponta de Araçatuba (Garoupaba atual) para, daí, passarem em navios à Ilha de Santa Catarina. Simão Soares participara da Demarcação.

255 - O Brigadeiro Veiga Cabral levara para o Rio Grande, em 1774, o primeiro escalão do Exército do Sul; viagem descrita pelo cirurgião do 1º RI do Rio de Janeiro e publicada em *Anais da Restauração do RGS*, v. 3, pp. 235-271 é uma das mais interessantes fontes primárias sobre o período. Veiga Cabral retornava, agora, ao Rio, na Vanguarda do Exército do Sul, no Comando dos Regimentos de Moura e Rio de Janeiro. Coube a Retaguarda ao Marechal Chichorro, comandante do Regimento de Estremoz, com esta unidade e mais o Regimento de Moura. Ver Nota 40.

256 - O Exército do Sul não pagou todas as suas dívidas e sim “algumas indispensáveis e muito reclamadas na Vila de São Pedro”. O grifo é de Böhn.

257 - Francisco Antônio Veiga Cabral. Brigadeiro. Foi o primeiro governador de Santa Catarina, após ter sido devolvida em 30 de julho de 1788, pela Espanha. Böhn tece-lhe os maiores elogios. Em realidade, o governador havia dado eficiente apoio logístico ao Exército do Sul, em trânsito na sua jurisdição, e também dispensado a Böhn e a seu estado-maior todas as honrarias possíveis.

258 - Böhn e o Governador não se despediram. As relações entre eles não eram boas. Böhn não deve ter recebido com muito agrado os planos de defesa da Vila de Rio Grande contra Cevallos, enviado por Marcelino, em 17 de abril de 1777; que, aliás não foi adotado. Isto deve ter amuado Marcelino (ver MONTEIRO. *Dominação Espanhola*, v. 4, doc. 17, pp. 380-381).

259 - Böhn continua insinuando que muitos debandados da Ilha de Santa Catarina, invadida em fevereiro de 1777, “**jogaram as armas aqui e ali nas matas e fugindo**”. Delas, ele encontrou 400

nos depósitos da Ilha. Penso que aí se incluíram as dos prisioneiros levados ao Prata e as de alguns fugitivos. Estas 400 armas correspondiam a cerca de 20%, das armas dos 1.800 homens que guarneciam a Ilha.

260 - Böhn chegou vitorioso ao Rio de Janeiro, onde havia sido bem acolhido pelo Governo e pelo povo, deixando para atrás uma obra de verdadeiro cabo-de-guerra que perdura até hoje, como fundamental para a definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Adverso fosse o assalto à Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, por ele planejado, preparado, coordenado e comandado, outro teria sido o destino do Rio Grande do Sul. Por essa razão, embora estrangeiro, merece um lugar na galeria dos construtores do Rio Grande do Sul e entre seus heróis militares. Além da destacada projeção militar, contribuiu com suas *Memórias* para o melhor conhecimento da terra e da gente rio-grandense, através de suas preciosas observações de homem culto, inteligente, vivido e viajado. Observação de grande interesse aos estudiosos do Rio Grande.

Quando Böhn deixou o Rio Grande, em torno do Guaíba e seus afluentes, existiam as localidades de Porto Alegre, Viamão e Rio Pardo e se delineavam Santo Antonio da Patrulha, Gravataí, Osório, Caí, Triunfo, Santo Amaro, Cachoeira do Sul (Jacuí) e Encruzilhada do Sul, na Serra do Herval. Na Fronteira do Rio Grande e em torno da Vila de mesmo nome, a localidade de Povo Novo.

AUTORIDADES MILITARES PORTUGUESAS DE TERRA E MAR ATUANDO DIRETA OU INDIETAMENTE NO RIO GRANDE DO SUL QUANDO DE SUA RECONQUISTA PELO EXÉRCITO DO SUL 1775 / 1778

Autoridades de terra

AZAMBUJA, Jerônimo Xavier. Coronel de Auxiliares. *Tenente nos ataques a São Martinho e Santa Tecla*. Nota 243.

BANDEIRA, Rafael Pinto. Brigadeiro. *Comandante da Cavalaria*

Ligeira na Fronteira do Rio Pardo. Notas 31, 50 (Síntese biográfica) 57, 78, 100, 118, 131, 144, 152, 156, 157, 158, 175, 177, 191, 200, 204, 206, 207, 208, 210, 214, 224, 225 e 238.

BETÂMIO, Sebastião Francisco. *Chefe da Junta da Fazenda do Exército do Sul*. Notas 46, 116, 125, 126, 127, 143, 231 e 235.

BÖHN, João Henrique. Tenente General. *Comandante do Exército do Sul*. Notas 11, 17, 43, 57, 61, 67, 69, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 108, 109, 112, 114, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 136, 138, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 154, 155, 162, 166, 172, 173, 177, 181, 182, 184, 185, 188, 189, 198, 199, 206, 210, 211, 212, 214, 224, 226, 234, 235, 237, 240, 241, 246, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 258 e 260.

CABRAL, Francisco Antônio Veiga. Brigadeiro. *Governador de Santa Catarina, após ter sido devolvida em 30 de julho de 1778*. Nota 257.

CÂMARA, Patrício Correia. Tenente-General. *Como major, comandou um destacamento do Regimento de Dragões e o próprio Regimento em 1778*. Notas 100, 101, e 105 (Síntese biográfica) 152, 153. CAMARA, Sebastião Veiga Cabral Xavier da. Brigadeiro. *Comandou o Regimento de Bragança do Exército do Sul*. Notas 44, 94 e 255.

CARNEIRO, Antônio Pinto. Capitão de Dragões. *Comandou a Aldeia dos Anjos (Gravataí) até falecer em 1777*. Nota 192.

CHICHORRO, José Raimundo. Marechal. *Comandou, como brigadeiro e marechal-de-campo, o Regimento de Estremoz do Exército do Sul*. Notas 90, 94, 161 e 255.

COIMBRA, Manoel Soares. General. *Comandou, como major um destacamento de assalto à Vila do Rio Grande, em 1º de abril de 1776*. Nota 48.

COSTA, André. *Cirurgião-Mor do Exército do Sul*. Nota 250.

COSTA, Antônio. *Mestre-ferreiro que trabalhou no Arsenal do Exército do Sul na Vila do Rio Grande (1776-1778)*. Nota 245.

COSTA, Felix. *Soldado de Dragões da Campanhia de Granadeiros dos Dragões do Rio Pardo (pai do fundador da Imprensa Brasileira)*. Nota 108.

COSTA, Manoel. Carpinteiro. *Trabalhou no Arsenal do Exército do Sul na Vila do Rio Grande (1776-1778)*. Nota 245.

COSTA, Carlos José e Silva. *Capitão de Dragões do Regimento do Rio Pardo, que acionou a Artilharia leve contra Santa Tecla*. Nota 243.

COUTO, Martins. Coronel. *Membro do quartel-general do Exército do Sul*. Nota 250

CUNHA, Manoel. Capitão. *Dirigiu reparos de Artilharia no Arsenal do Exército do Sul na Vila de Rio Grande (1776-1778)*. Notas 142 e 147.

FARIA, José Custódio de Sá. Coronel. *Governador do Rio Grande em 1769. Foi levado preso para Buenos Aires, por Cevallos, em 1777*. Notas 10 e 19.

FERNANDES, Luiz Marques. *Auxiliar da Junta de Fazenda do Exército do Sul (irmão de Manoel Marques de Souza)*. Nota 35.

FIGUEIREDO, José Marcelino. Brigadeiro. 1º O governador do Rio Grande e Comandante da Fronteira do Rio Pardo. Notas 11, 62, 145, 146, 152, 154, 158, 172, 173, 181, 182, 192, 198, 242 e 258.

FUNCK, Jacques Diogo. Marechal. *Assessor de Engenharia e Artilharia do Exército do Sul*. Notas 37, 80, 155, 173, 185 e 248.

FONTOURA, José Carneiro. Capitão de Dragões. *Comandou interinamente o Regimento de Dragões, em 1774, e a ação retardadora contra Vertiz y Solcedo, ao sul do Jacuí*. Nota 108.

LAVRADIO, Marquês do. Luiz de Almeida Soares Portugal Alarção Eça e Meio. Vice-Rei do Brasil, que dirigiu e apoiou o Exército do Sul na reconquista do Rio Grande do Sul atual (1774-1778). Notas 135, 162, 192, 199, 206, 209, 212, 214, 219, 232, 234, 235, 237, 238, 240, 241 e 260.

LEITE, Manoel Mexias. Coronel. *Comandante do Regimento de São Paulo (ou Santos) do Exército do Sul (1776-1778)*. Notas 194 e 225.

LEME, Cipriano Cardoso Barros. Capitão de Auxiliares. *Comandou a Campanhia de Cavalaria Ligeira (guerrilhas) do Exército do Sul*. Notas 32, 140, 171, 174, 188 e 200.

LEME, Garcia Rodrigues. *Capitão de Voluntários Reais da Legião*

de São Paulo lo do Exército do Sul. Notas 157e 190.

MACEDO, José Joaquim. *Capitão de Voluntários Reais da Legião de São Paulo do Exército do Sul. Nota 190.*

MARTINS, Barnabé. *Mestre-ferreiro que trabalhou no Arsenal do Exército do Sul na Vila do Rio Grande. Nota 245.*

MENDONÇA, Antônio Carlos Furtado de. *Governador da Ilha de Santa Catarina quando de sua invasão em 1777. Nota 41.*

MOLINA, José Vicente de Velasco. Brigadeiro. *Como coronel representou SILVA, Simão Soares da. Capitão de Milícias Comissário de Transportes e Portugal, em Buenos Aires, na Comissão de Reparações do Tratado de Cavalos do Exército do Sul. Notas 36 e 254. Santo Ildefonso 1777. Nota 230.*

MONTANHA, Alexandre José. *Capitão Auxiliar de Engenharia no Exército do Sul do Marechal Funck (1744-1778). Nota 23.*

NÓBREGA, José. Major. *Comandou o Regimento de Moura do Exército do 220 e 228.*

POMBAL Marquês de. *Primeiro Ministro de Portugal durante a atuação do Exército do Sul na reconquista do Rio Grande do Sul, em 1775. Notas: 152, 153, 154, 162, 193, 199, 206 e 210. Bento Gonçalves da Silva).*

PORCIÚNCULA, João Antunes. *Sesmeiro desde cerca de 1740 próximo à margem norte do Sangramento da Lagoa dos Patos. Notas 36 e 233.*

PORCIÚNCULA José Antunes. *Tenente de Dragões destacado em Rio Grande. Nota 233. Atingiu o posto de coronel de Milícias.*

RIBEIRO, Joaquim José. Coronel. *Ajudante-geral do Exército do Sul do Rio Grande. Notas 11, 92, 93 e 250.*

ROCHA, Manoel Bento. Capitão de Ordenanças. *Principal fornecedor de carne ao Exército do Sul. Notas 65 e 101.*

RÓSCIO, João Francisco. Capitão Engenheiro. *Construtor da ponte flutuante sobre o Rio Araranguá para passar o Exército do Sul na ida ao Rio Grande 1744. Nota 90. (Ver Memórias Böhn p. 9-10)*

RODRIGUES da Costa Roberto. Major. *Comandante do Batalhão do Rio Grande Militar da Vila do Rio Grande depois do retorno do Exército do Sul. Nota 217.*

RONCALI, José Casemiro. Brigadeiro. *Comandante do Regimento de Dragões do Rio Pardo do Exército do Sul (1775-1 778)*. Notas 23, 244 e 250.

SALDANHA, Martins Lopes Lobo. (Morgado de Mateus). Brigadeiro. *Capitão-general e Governador de São Paulo que mobilizou o Regimento de O Exército do Sul no Rio Grande*. Notas 91, 178, 183, 190, 218 e 223.

SANTOS, Felipe Freire dos. *Tenente do RI de São Paulo..* Nota 190. *Aldeia dos Anjos depois de 1777*. Nota 192.

SANTOS, José Teixeira. *Carpinteiro que trabalhou no Arsenal do Exército do Sul na Vila de Rio Grande (1776-1 778)*. Nota 245.

SILVA, Manoel Nunes Teixeira Henriques da. Coronel. *Comandou o 1º Regimento do Rio de Janeiro do Exército do Sul*. Nota 195.

SILVA, Simão Soares da. *Capitão de Milícias. Comissário de Transportes e Cavalos do Exército do Sul*. Notas 36 e 254.

SOUZA, Francisco Ferreira de. *Cirurgião-mor do 1º Regimento do Rio de Janeiro. Deixou valioso diário da expedição Rio-Rio Grande*. Notas 195 e 196.

SOUZA, Manoel Carvalho. Capitão de Dragões. *Levantou a planta da Fortaleza Santa Tecla antes do arrastamento. Depois foi sesmeiro no local onde está a cidade de Pelotas atual*. Nota 153. *(Foi Moreira o padrinho do General Bento Golçalves da Silva)*.

SOUZA, Manoel Marques de. Tenente-General. *Como tenente ajudante-de-ordens do Comandante do Exército do Sul foi guia do ataque principal à Vila do Rio Grande (1º de abril de 1776)*. Notas 33 (Síntese biográfica) 94, 175 e 203. Foi o sesmeiro em Canguçu-RS. Sua biografia a desenvolvi na História da 8ª Bda Inf Mtz. O major Angêlo Pires Moreira primo irmão deste autor escreveu livro focalizando Marques de Souza 1º.

TAVARES, Paulo. *Mestre-ferreiro que trabalhou no Arsenal do Exército do Sul*.

RIBEIRO, Joaquim José. Coronel. *Ajudante-geral do Exército do Sul no Rio em Rio Grande, em 1776*. Nota 245.

TÁVORA, Francisco José da Rocha Campos Fontoura.

Governador de Colônia Sacramento, por ocasião de sua capitulação definitiva em 1777. Nota 242.

TONNELET MENA, Camilo Maria. Capitão. *Comandante da Companhia de Cavalaria do Vice-Rei, do Exército do Sul.* Notas 19 e 180.

VIEIRA, Francisco José. *Tesoureiro do Exército do Sul.* Notas 251, 252 e 256.

Autoridades navais

CASSÃO, Joaquim do Santos. Capitão-Tenente. *Comandante da fragata Belona e último comandante das Forças Navais em Rio Grande (1775-1778).* Notas 164, 167, 226 e 249.

HARDCASTLE, Georges. Capitão-de-Mar-e-Guerra. *Comandante das Forças Navais de Portugal em Rio Grande 1775-1777.* Notas 74, 77, 82, 83, 91, 94 e 103.

KASSENBERG, Frederico. Capitão-Tenente. *Comandante da fragata Graça da Vila do Rio Grande, até 1º de abril de 1776. Foi morto na ação.* Nota 39.

MACDOUALL, Robert. Coronel-de-Alto-Mar. *Organizador e comandante da Esquadra do Vice-Reinado do Brasil em apoio ao Exército do Sul 1774-1777.* Notas 2, 70, 72 (Síntese biográfica) 75, 134, 136, 138 e 163.

MARINS, Pedro. Capitão-Tenente. *Comandante da Fragata Invencível na Esquadra em Rio Grande 1775-77.* Notas 129, 163 e 164.

PEGADO, Antonio José. Capitão-de-Mar-e-Guerra. *Comandante da fragata Glória, ferido à bala no braço junto a axila, no combate de 19 de fevereiro de 1776.* Nota 71.

SILVA Agostinho da. Tenente-do-Mar. *Comandante da Corveta Penha, com edições de capitulação da Vila do Rio Grande, em 1º de abril de 1776. Participou da reconquista de Rio Grande, em 1º de abril de 1776.* Nota 71.

VALE, Antonio Januário. Capitão-de-Alto-Mar. *Reconheceu a barra do Rio Grande, por terra, para o seu forçamento, em 19 de fevereiro de 1776.*

AUTORIDADES MILITARES ESPANHOLAS DE TERRA E MAR ATUANDO NO RIO GRANDE DO SUL QUANDO DE SUA RECONQUISTA PELO EXÉRCITO DO SUL - 1775 / 1778.

Autoridades de Terra

BRUM, José Tomaz. Tenente-Ajudante. *Comunicou ao Comandante do Exército do Sul a evacuação da Vila do Rio Grande pelo Exército de Espanha.* (MONTEIRO, *Dominação*, p. 322).

XIMENES, D. Vicente. *Comissário espanhol em Rio Grande para reparações.*

CALLE, Sebastiam de la. Tenente de Dragões. *Depois do Tratado de Paz, de 1777, comandou uma patrulha até Arroio das Pedras (Canguçu atual), onde acampava o Coronel Rafael Pinto Bandeira.* Nota 104.

CEVALLOS, (Ceballos ou Cevallos. Vice-Rei do Rio Prata, em 1777, invadiu a Ilha de Santa Catarina e conquistou e arrasou definitivamente a Colônia do Sacramento. Notas 170 e 172.

DEFILI Paulo. Tenente. *Comandante do Forte do Arroio, na Vila do Rio Grande, até 1º de abril de 1776.* (MONTEIRO, *Dominação*, p. 250).

DUCLOS, Francisco Betzebé de. Tenente-Coronel. *Comandante da Artilharia da Vila do Rio Grande, até 1º de abril de 1776,* Nota 250.

FABRER, D. Miguel. Tenente-Coronel de Dragões. *Cobertura da Vila de Rio Grande antes de 1º de abril de 1776, no corte do Canal São Gonçalo (Passos do Beca, Liscano etc)*

MOLINA, D. José. Brigadeiro. *Comandante Militar da Vila do Rio Grande na ocupação e reconquista (1763-1 776).* Notas 104 (Síntese biográfica). Nota 129.

MONIER, João Antonio. Tenente-Coronel de Dragões. *Auxiliar imediato do Chefe da Artilharia da Vila de Rio Grande até 1º de abril de 1776.* (MONTEIRO, *Dominação*, p. 250).

PEQUERA, D. Agustim Ramon. Major. *Parlamentário espanhol sobre as condições de capitulação da Vila do Rio Grande até 1º de abril de 1776.* Nota 104. (MONTEIRO, *Dominação*, p. 295).

PERALTA, José. Alferes de Milícias. *Era da guarnição de Santa Tecla donde saiu, antes da capitulação, para aparecer no Taím como espião.* Nota 186.

RAMIREZ, D. Luiz. Capitão de Buenos Aires. *Engenheiro e comandante de Santa Tecla em sua capitulação em 1776.*

SALCEDO, D. Juan José Vertiz y. *General e Governador de Buenos que invadiu o Rio Grande do Sul atual pela Campanha, em 1773-1774, e em 1777 Vice-Rei do Rio da Prata.* Nota 187 (Síntese biográfica).

TEXADA D. Miguel de. Coronel. *Comandante das tropas encarregadas da defesa da Vila do Rio Grande de onde retirou-se, pela praia, em 1º de abril de 1776.* Nota 151.

ZABALA, D. Francisco Bruno. *Comandante da coluna batida em Tabatingai em 14 de janeiro de 1774.* Nota 50.

Autoridades navais

EMPERAMA, D. José. *Comandante da corveta Dolores, em 1º de abril 1776 de que foi perdida, por encalhe, na barra de Rio Grande.* Nota 163.

DIASQUES, D. Francisco. *Comandante do navio de guerra São Francisco, perdido, por encalhe, 1º de abril de 1776, na barra do Rio Grande.* Notas 170 e 172.

LOPES, D. Felipe. *Comandante do navio de guerra Misericórdia que conseguiu sair ileso, barra afora da Vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776.* Nota 163.

MORALES, Francisco Xavier. Tenente-General. *Comandante das forças navais de Espanha no porto da Vila do Rio Grande e do navio capitânia São Tiago, que conseguiu sair barra afora, ileso, em 1º de abril de 1776.*

PANDO, D. Miguel. *Comandante do bergatim Santa Matilde, perdido, por encalhe, em 1 de abril de 1776, na Barra do Rio Grande.*
(As notas referem-se às das Memórias de Böhn).

ANÁLISE MILITAR CRÍTICA DA GUERRA 1763-77 NO RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA ATUAIS, COM O APOIO NA MEMÓRIA DO TENENTE GENERAL HENRIQUE BÖHN, À LUZ DOS FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA E ARTE MILITAR NO CAPÍTULO 4 DOS MEUS LIVROS EDITADOS PELO EME, COMO ESTUDAR E PESQUISAR A HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, edições de 1978 e 1979.

A última está disponível para ser baixada no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

----- Os êxitos estão ligados a uma eficiente coordenação das operações e os insucessos à deficiência de coordenação, como foi o caso da invasão do Rio Grande em 1763 e da Ilha de Santa Catarina em 1777.

----- As restrições à mobilidade se verificaram na invasão espanhola de 1774 no Rio Grande do Sul e de parte dos espanhóis, ao serem privados de cavalos e bois de tração, apreendidos pelos luso-brasileiros no combate de Santa Bárbara. A falta de cavalos impediu a perseguição dos espanhóis expulsos do Rio Grande em 1º de abril de 1776.

----- A falta de informação sobre o inimigo concorreu decisivamente para que fossem mais graves para os luso-brasileiros as consequências da invasão do Rio Grande em 1763 e a de Santa Catarina em 1777.

----- Por outro lado, as informações concorreram decisivamente para a vitória sobre a coluna de D. Vertiz y Salcedo que invadiu o Rio Grande do Sul em 1774 e para a expulsão dos espanhóis do Rio Grande após as vitórias de São Martinho, em 1775, de Santa Tecla e reconquista da Vila de Rio Grande em 1776.

----- As informações colhidas principalmente pelos guerrilheiros ao comando de Rafael Pinto Bandeira, com suas bases em Canguçu, na Serra dos Tapes, ao sul do Rio Camaquã e Cipriano Cardoso Barros Leme, com suas bases em Encruzilhada do Sul, na Serra do Herval, ao norte do Rio Camaquã.

-----Homens dessas guerrilhas incursionavam profundamente até os arredores de Montevideu e Maldonado, na busca de informações para seus superiores, ou em Rio Pardo ou em Rio Grande.

-----A principal manobra realizada é rica em ensinamentos. Foi a da reconquista da Vila de Rio Grande. Foi analisada criticamente na Introdução.

-----A invasão do Rio Grande, em 1763, caracteriza-se com manobra ofensiva, tipo central, modalidade penetração. A reconquista de São José do Norte, idem.

-----A manobra defensiva luso-brasileira da invasão do Rio Grande, pela campanha, pode ser caracterizada como defensiva, tipo de área.

-----A conquista do Forte São Martinho pode ser classificada como ofensiva, tipo ala, modalidade desbordamento. A conquista de Santa Tecla foi o resultado de um cerco prolongado. A defensiva foi empregada para anular o ataque de Vertiz y Salcedo, pela campanha, 1774. Ela pode ser classificada como defesa de área e os ataques de Santa Bárbara e Tabatingá como ações dinâmicas do quadro geral-defensiva da área. Esta operação contém bons ensinamentos. Foi planejada pelo Coronel Marcelino Figueiredo.

-----A campanha, em sua primeira fase, foi decidida em favor dos espanhóis, com a ofensiva. E na segunda, em favor dos luso-brasileiros com ofensiva, do que resultou a reconquista de São Martinho e Santa Tecla, na campanha, e Rio Grande no litoral.

-----Os guerrilheiros, com frequência, usaram operações noturnas. E mesmo o Exército do Sul iniciou o assalto da Vila de Rio Grande às três horas da manhã. O combate de Santa Bárbara foi travado ao amanhecer, bem como o de conquista do Forte São Martinho.

Os luso-brasileiros usaram tropas especiais; ou seja, tropas de aventureiros mescladas com soldados e oficiais do Regimento de Dragões do Rio Pardo, ao comando dos intrépidos Rafael Pinto Bandeira e Cipriano Cardoso Barros Leme. O papel desempenhado por elas foi vital na ofensiva e na defensiva. As manobras foram

coordenadas, no tocante às tropas especiais guerrilheiras, pelo comandante da Fronteira do Rio Pardo, de 1768-1778.

----- As armas até então usadas na campanha do Rio Grande do Sul foram insuficientes para atacar os Fortes de São Martinho e Santa Tecla.

----- Foi necessário criar-se, no Regimento dos Dragões de Rio Pardo, uma Companhia de Granadeiros que utilizava granadas de mão e pequenos canhões. As unidades de Cavalaria predominaram nas ações na Fronteira de Rio Pardo e as de Infantaria em São José do Norte. Houve sistematicamente a infiltração de guerrilheiros, no território inimigo das Missões, Banda Oriental, Corrientes e Entre-Rios. Elas foram parcialmente bloqueadas, em 1774, com a construção dos Fortes espanhóis de Santa Tecla e São Martinho.

----- Mais tarde, os guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira, a partir de bases em Canguçu e ao longo do eixo atual Canguçu - Piratini - Pinheiro Machado - Herval do Sul - Passos N. S. da Conceição do Jaguarão (Centurion) - Mello (na ROU) passaram a infiltrar-se no atual Uruguai, de 1774-1778, entre os Fortes de Santa Tereza e Santa Tecla, em missões de informações e para arrear cavaleiros e vacuns das estâncias espanholas e sobre as possíveis vias de penetração ao Rio Grande.

----- O apoio da população não chegou a ser fundamental. Houve casos de suspeita de colaboracionismo na localidade de Povo Novo, de parte de imigrantes açorianos. Em Mostardas, o povo, ao retirar-se o Exército do Sul, deu uma comovente demonstração de patriotismo que Böhn registrou comovido.

----- Determinou no apoio da população, o desejo de recuperação de territórios perdidos. Os guerrilheiros, em muitos casos, atuaram em função de vantagens que lhes eram concedidas na partilha, entre o Governo e eles, do gado vacum e cavalares que tomavam do inimigo, numa operação militar denominada *arreada*. Esta objetivava retirar das possíveis vias de penetração ao nosso território, os cavalares e vacuns que poderiam ser usados pelo inimigo nas invasões.

As operações de informações foram efetivas de 1766 a 1778

e levadas a efeito por guerrilheiros baseados em Canguçu (Serra dos Tapes) e Encruzilhadas (Serra de Herval) e em destacamentos daquelas bases, particularmente em passos dos rios e arroios, sob as vias de penetração inimigas em nosso território. As informações deram considerável grau de segurança às operações que culminaram com a derrota espanhola, em 1774, de D. Vertiz y Salcedo e na expulsão espanhola em 1776.

Os objetivos marcados pelos luso-brasileiros na expulsão dos espanhóis, em 1775-1776, foram importantes para a manobra. Eles foram, pela ordem: Forte de São Martinho e Santa Tecla, na Fronteira do Rio Pardo, e Rio Grande, na Fronteira do mesmo nome. O objetivo decisivo foi a Vila de Rio Grande. A marcação do objetivo São Martinho visava cobrir a linha de operações na direção Rio Pardo - Santa Tecla, barrando qualquer ataque proveniente dos Sete Povos, sobre Rio Pardo. O objetivo Santa Tecla atendia a diversas finalidades: tirar uma base espanhola em plena campanha; fixar efetivos espanhóis, na campanha, aliviando a frente de Rio Grande; controlar o território, o que vinha sendo feito pelos espanhóis de Santa Tecla; dificultar a ligação Santa Tereza - Sete Povos das Missões.

Na invasão de Vertiz y Salcedo, em 1774, o objetivo decisivo foi a destruição, em Santa Bárbara, de coluna proveniente das Missões, com recursos logísticos essenciais à mobilidade da coluna principal proveniente de Montevideu (vacuns de corte e tração e cavalos).

----- Nas operações de conquista de São Martinho e da Vila de Rio Grande, o ritmo das operações foi o planejado. O mesmo não se pode dizer de Santa Tecla, cujo planejamento previa sua conquista de surpresa. Falhada esta, só terminou por render-se após prolongado sítio.

Os luso-brasileiros foram numericamente superiores na conquista de Santa Tecla e Rio Grande e inferiores na conquista de São Martinho. Nas duas primeiras, para compensar as vantagens proporcionadas aos espanhóis pelo terreno e seus agravamentos. No último caso, a *surpresa* compensou a inferioridade. A qualidade

do combatente guerrilheiro foi importante em São Martinho.

Houve registros de problemas de baixo moral em Santa Tecla, durante o prolongado cerco. Houve uma corrente que procurou minar o moral da tropa e influenciá-la no sentido do levantamento do cerco. Em Rio Grande, um oficial, sem caráter e impostor, tentou intrigar Böhn com o Vice-Rei Marquês do Lavradio.

A vantagem das forças irregulares ou guerrilheiras luso-brasileiras sobre as espanholas adveio do conhecimento profundo que aquelas possuíam do terreno. As forças irregulares conjugaram seus esforços com as regulares, particularmente quanto à obtenção de informações pelas primeiras, em prol das segundas.

-----O apoio de fogo na conquista de Santa Tecla foi insuficiente, em razão do pouco alcance e calibre das peças usadas pelos luso-brasileiros, em relação às da fortaleza sitiada.

-----Os luso-brasileiros usaram ações psicológicas na Campanha e Vila de Rio Grande. Isto ficou bem evidenciado no assalto aos fortes espanhóis em Rio Grande, quando os luso-brasileiros gritavam que "**iam passar todos os espanhóis no fio da espada**", o que era repetido pelos últimos, em fuga. Isto fez o pânico espalhar-se entre os demais defensores espanhóis. O efeito das ações psicológicas levadas a efeito por Rafael Pinto Bandeira refletiu-se, inclusive, em várias fontes históricas dos espanhóis, como a de um comandante de "um horror de negros valientes, que de temor no corrociam" conforme abordado em **Estrangeiros e descendentes**, com apoio em Guilhermino César em sua História do Rio Grande do Sul - colônias.

As operações ofensivas foram decisivas. No entanto, cabe destacar a importância das operações defensivas em 1764-1777, cujo instrumento principal foram as guerrilhas baseadas em Canguçu e Encruzilhada. O quadro geral foi defensivo e os guerrilheiros executaram ações dinâmicas neste quadro, consistentes de incursões no território inimigo para arrear gados, colher informações e colocarem por terra estâncias e fazendas espanholas estabelecidas nos territórios conquistados a Portugal. Podemos caracterizar como contra-ataques, num quadro de defesa de área,

as ações portuguesas traduzidas pelos combates de Santa Bárbara e Tabatingá, em janeiro de 1774, contra as forças de Vertiz y Salcedo, com sua Real Armada, lembrada na toponímia no Passo da Armada, em Canguçu.

----- Os princípios de guerra mais observados pelos luso-brasileiros na expulsão dos espanhóis foram o da surpresa e o da segurança. Esta particularmente pelas informações. A surpresa foi uma característica luso-brasileira em nossas guerras a partir de 1766, escudada em providências efetivas, de avaliar constantemente o valor das forças morais e materiais do adversário, bem como de desgastá-las através de diversas ações de guerrilha na campanha, no período 1766-1777.

----- A coesão na tropa da Fronteira do Rio Pardo existiu e foi desenvolvida com apoio e na fidelidade ao Rei.

----- As tropas de linha tiveram coesão em função da hierarquia e da disciplina. Não possuíam forte motivação patriótica em relação a um interesse colonial de Portugal, no Brasil.

----- Como aspecto fundamental desta guerra registraram-se as operações que culminaram com a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande e que se baseavam na Doutrina Militar do Conde de Lippe, encarregado de reorganizar o Exército de Portugal e o Colonial do Brasil, e que foi representado no Brasil pelo Tenente-General Henrique Böhn, comandante do Exército do Sul, coadjuvado pelo Marechal Jaques Diogo Funck, renomado engenheiro militar.

----- Esta doutrina que precisa ser analisada, para obter-se ensinamentos para o desenvolvimento da doutrina do Exército, está traduzida, parcialmente, nas seguintes obras do Conde de Lippe:

1 - LIPPE, Conde de. **Regulamento para o exército e disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Secretaria de Estado, 1763.

2 - _____. **Direções que não de servir aos coronéis e majores dos regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Secretaria de Estado, 1767.

3. **Novo método para dispor um corpo de Infantaria, de**

sorte que possa combater com a Cavalaria, em campanha rasa, estabelecido por ordem de sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Secretaria de Estado, 1767.

4_____. **Memória sobre os exercícios de meditação militar para distribuição aos senhores chefes dos Regimentos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 31 p.

5. **Instruções gerais relativas a várias partes essenciais do serviço diário para o Exército de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 52 p. Os regulamentos e instruções eram em número de 13.

-----A comparação da performance do Exército do Sul, em 1774-1777, com o desempenho do chefe e soldados brasileiros naquela guerra, acreditamos encerre valiosos ensinamentos para o desenvolvimento da Doutrina do Exército brasileiro.

A contribuição das guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira foram originais e lembram a Guerra de Emboscadas ou Guerra Brasília, tão decisiva para a expulsão dos holandeses no Nordeste e de inspiração nativa; portanto, Doutrina Militar Brasileira.

----- Pouco valor teria a simples leitura da **Memória e** Cartas do Tenente-General Henrique Böhn, se dela não fossem tirados ensinamentos visando ao desenvolvimento da doutrina militar brasileira e a instrução dos quadros e tropa do Exército Brasileiro, com apoio nesta experiência histórica. Rica em ensinamentos militares

----- O caso é particularmente enriquecido pelo depoimento do comandante luso- brasileiro da guerra de reconquista do atual Rio Grande do Sul (1774-1778) e se presta, sobretudo, a um ensaio. o analítico-militar que desenvolveremos a seguir, procurando analisá-los à luz fundamentos a seguir

Operações Militares; Chefia e Liderança Militar; o Homem brasileiro (como soldado); Apoio Administrativo às Operações, Mobilização para a Guerra; Caminhos Históricos de Invasão e Conclusões.

Oferecemos, também, índices sobre autoridades militares

que tomaram parte na campanha e que, acreditamos, terão grande interesse para estudos genealógicos e históricos, em particular, do Rio Grande do Sul.

Operações Militares

Nesta longa guerra foram realizadas as seguintes operações, que assinalamos entre parênteses com as palavras **Êxito** ou **Insucesso**, do ponto de vista luso-brasileiro, e a maior parte referida à Introdução:

a) Invasão Espanhola da Vila do Rio Grande em 1763, pelo litoral. Insucesso.

- Combate de Monte Grande (**Êxito**). 10 de janeiro de 1762.

- Ataque ao Forte Santa Tereza (**Insucesso**). 19 de abril de 1763.

- Conquista da Vila do Rio Grande (**Insucesso**). 24 de abril de 1763. Insucesso.

- Assalto à Vila do Rio Grande (**Insucesso**). 28/29 de maio de 1766.

- Reconquista de São José do Norte (**Êxito**). 06 de abril de 1766.

b) Invasão do Rio Grande, em 1774, pela Campanha (**Êxito**).

- Combate de Santa Bárbara (**Êxito**). 02 de janeiro de 1776.

- Combate do Piquiri (**Insucesso**). 05 de janeiro de 1774.

- Combate de Tabatingá (**Êxito**). 10 de janeiro de 1774.

c) Expulsão dos Espanhóis do Rio Grande do Sul — 1775-1776 (**Êxito**).

- Combate naval de 20 de fevereiro de 1776 (**Insucesso tático**) (**Êxito estratégico**).

- Conquista do Forte São Martinho (**Êxito**). 31 de outubro de 1775.

- Conquista do Forte Santa Tecla (**Êxito**). 25 de maio de 1776.

- Reconquista da Vila de Rio Grande (**Êxito**). 1º de abril de 1776.

d) Invasão espanhola da Ilha de Santa Catarina, em 1777. (**Insucesso**).

- Invasão da Ilha (**Insucesso**). Fevereiro de 1777.
 - Reação ao desembarque no litoral (**Êxito**).
- e) Conquista espanhola da Fortaleza do Iguatemi, na Fronteira oeste (**Insucesso**).

Análise militar crítica - a que produz Sabedoria Militar

Houve emprego combinado das forças de terra e mar na reconquista da vila de Rio Grande em 1º abril 1776. As forças de terra e mar foram bem coordenadas. Contribuiu para o êxito a Surpresa Estratégica, depois de exaustivo trabalho de planejamento e análise militar crítica da operação naval de 20 de fevereiro de 1776, que fracassou taticamente na missão de destruir a Esquadra de Espanha, mas vitoriosa estrategicamente ao unir as Esquadras de Mac Douall e Hardcastle. O emprego combinado de forças de terra e mar na reconquista de Rio Grande podem melhor serem apreciados na Memórias de Böhn. Os êxitos estão a uma eficiente coordenação das operações e os insucessos, a deficiências de coordenação como foi o caso da invasão do Rio Grande do Sul em 1763 e da Ilha de Santa Catarina em 1777.

As restrições à mobilidade se verificaram na invasão espanhola de 1774 do Rio Grande do Sul. Os êxitos estão ligados a uma eficiente coordenação das operações e os insucessos à deficiência de coordenação, como foi o caso da invasão do Rio Grande em 1763 e da Ilha de Santa Catarina em 1777.

As restrições à mobilidade se verificaram na invasão espanhola de 1774 no Rio Grande do Sul e de parte dos espanhóis, ao serem privados de cavalos e bois de tração, apreendidos pelos luso-brasileiros no combate de Santa Bárbara. A falta de cavalos impediu a perseguição dos espanhóis expulsos do Rio Grande em 1º de abril de 1776.

A falta de informação sobre o inimigo concorreu decisivamente para que fossem mais graves para os luso-brasileiros as consequências da invasão do Rio Grande em 1763 e a de Santa

Catarina em 1777.

Por outro lado, as informações concorreram decisivamente para a vitória sobre a coluna de D. Vertiz y Salcedo que invadiu o Rio Grande do Sul em 1774 e para a expulsão dos espanhóis do Rio Grande ,após as vitórias de São Martinho, em 1775, de Santa Tecla em 1776 e reconquista da Vila de Rio Grande em 1776.

As informações colhidas principalmente pelos guerrilheiros ao comando de Rafael Pinto Bandeira, com suas bases em Canguçu, na Serra dos Tapes, ao sul do Rio Camaquã e Cipriano Cardoso Barros Leme, com suas bases em Encruzilhada do Sul, na Serra do Herval, ao norte do Rio Camaquã.

Homens dessas guerrilhas incursionavam profundamente até os arredores de Montevideu e Maldonado, na busca de informações para seus superiores, ou em Rio Pardo ou em Rio Grande.

A principal manobra realizada é rica em ensinamentos. Foi a da reconquista da Vila de Rio Grande. Foi analisada criticamente na Introdução.

A invasão do Rio Grande, em 1763, caracteriza-se com manobra ofensiva, tipo central, modalidade penetração A reconquista de São José do Norte, idem.

A manobra defensiva luso-brasileira da invasão do Rio Grande, pela campanha, pode ser caracterizada como defensiva, tipo de área.

A conquista do Forte São Martinho pode ser classificada como ofensiva, tipo ala, modalidade desbordamento. A conquista de Santa Tecla foi o resultado de um cerco prolongado A defensiva foi empregada para anular o ataque de Vertiz y Salcedo, pela campanha, 1774. Ela pode ser classificada como defesa de área e os ataques de Santa Bárbara e Tabatingá como ações dinâmicas do quadro geral-defensiva da área. Esta operação contém bons ensinamentos. Foi planejada pelo Coronel Marcelino Figueiredo.

A campanha, em sua primeira fase, foi decidida em favor dos espanhóis, com a ofensiva. E na segunda, em favor dos luso-brasileiros com ofensiva, do que resultou a reconquista de São Martinho e Santa Tecla, na campanha, e Rio Grande no litoral.

Os guerrilheiros, com frequência, usaram operações noturnas. E mesmo o Exército do Sul iniciou o assalto da Vila de Rio Grande às três horas da manhã. O combate de Santa Bárbara foi travado ao amanhecer, bem como o de conquista do Forte São Martinho.

Os luso-brasileiros usaram tropas especiais; ou seja, tropas de aventureiros mescladas com soldados e oficiais do Regimento de Dragões do Rio Pardo, ao comando dos intrépidos Rafael Pinto Bandeira e Cipriano Cardoso Barros Leme. O papel desempenhado por elas foi vital na ofensiva e na defensiva. As manobras foram coordenadas, no tocante às tropas especiais guerrilheiras, pelo comandante da Fronteira do Rio Pardo, de 1768-1778.

As armas até então usadas na campanha do Rio Grande do Sul foram insuficientes para atacar os Fortes de São Martinho e Santa Tecla.

Foi necessário criar-se, no Regimento dos Dragões de Rio Pardo, uma Companhia de Granadeiros que utilizava granadas de mão e pequenos canhões. As unidades de Cavalaria predominaram nas ações na Fronteira de Rio Pardo e as de Infantaria em São José do Norte. Houve sistematicamente a infiltração de guerrilheiros, no território inimigo das Missões, Banda Oriental, Corrientes e Entre-Rios. Elas foram parcialmente bloqueadas, em 1774, com a construção dos Fortes espanhóis de Santa Tecla e São Martinho.

Mais tarde, os guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira, a partir de bases em Canguçu e ao longo do eixo atual Canguçu - Piratini - Pinheiro Machado-Herval do Sul- Passos N. S. da Conceição do Jaguarão (Centurion) - Mello (na ROU) passaram a infiltrar-se no atual Uruguai, de 1774-1778, entre os Fortes de Santa Tereza e Santa Tecla, em missões de informações e para arrear cavalares e vacuns das estâncias espanholas e sobre as possíveis vias de penetração ao Rio Grande.

O apoio da população não chegou a ser fundamental. Houve casos de suspeita de colaboracionismo na localidade de Povo Novo, de parte de imigrantes açorianos. Em Mostardas, o povo, ao retirar-se o Exército do Sul, deu uma comovente demonstração de patriotismo que Böhn registrou comovido.

Determinou no apoio da população, o desejo de recuperação de territórios perdidos. Os guerrilheiros, em muitos casos, atuaram em função de vantagens que lhes eram concedidas na partilha, entre o Governo e eles, do gado vacum e cavalariço que tomavam do inimigo, numa operação militar denominada *arreada*. Esta objetivava retirar das possíveis vias de penetração ao nosso território, os cavaleiros e vacuns que poderiam ser usados pelo inimigo nas invasões.

As operações de informações foram efetivas de 1766 a 1778 e levadas a efeito por guerrilheiros baseados em Canguçu (Serra dos Tapes) e Encruzilhadas (Serra de Herval) e em destacamentos daquelas bases, particularmente em passos dos rios e arroios, sob as vias de penetração inimigas em nosso território. As informações deram considerável grau de segurança às operações que culminaram com a derrota espanhola, em 1774, de D. Vertiz y Salcedo e na expulsão espanhola em 1776.

Os objetivos marcados pelos luso-brasileiros na expulsão dos espanhóis, em 1775-1776, foram importantes para a manobra. Eles foram, pela ordem: Forte de São Martinho e Santa Tecla, na Fronteira do Rio Pardo, e Rio Grande, na Fronteira do mesmo nome. O objetivo decisivo foi a Vila de Rio Grande. A marcação do objetivo São Martinho visava cobrir a linha de operações na direção Rio Pardo - Santa Tecla, barrando qualquer ataque proveniente dos Sete Povos, sobre Rio Pardo. O objetivo Santa Tecla atendia a diversas finalidades: tirar uma base espanhola em plena campanha; fixar efetivos espanhóis, na campanha, aliviando a frente de Rio Grande; controlar o território, o que vinha sendo feito pelos espanhóis de Santa Tecla; dificultar a ligação Santa Tereza - Sete Povos das Missões.

Na invasão de Vertiz y Salcedo, em 1774, o objetivo decisivo foi a destruição, em Santa Bárbara, de coluna proveniente das Missões, com recursos logísticos essenciais à mobilidade da coluna principal proveniente de Montevideu (vacuns de corte e tração e cavalos).

Nas operações de conquista de São Martinho e da Vila de Rio Grande, o ritmo das operações foi o planejado. O mesmo não se

pode dizer de Santa Tecla, cujo planejamento previa sua conquista de surpresa. Falhada esta, só terminou por render-se após prolongado sítio.

Os luso-brasileiros foram numericamente superiores na conquista de Santa Tecla e Rio Grande e inferiores na conquista de São Martinho. Nas duas primeiras, para compensar as vantagens proporcionadas aos espanhóis pelo terreno e seus agravamentos. No último caso, a **surpresa** compensou a inferioridade. A qualidade do combatente guerrilheiro foi importante em São Martinho.

Houve registros de problemas de baixo moral em Santa Tecla, durante o prolongado cerco. Houve uma corrente que procurou minar o moral da tropa e influenciá-la no sentido do levantamento do cerco. Em Rio Grande, um oficial, sem caráter e impostor, tentou intrigar Böhn com o Vice-Rei Marquês do Lavradio.

A vantagem das forças irregulares ou guerrilheiras luso-brasileiras sobre as espanholas adveio do conhecimento profundo que aquelas possuíam do terreno. As forças irregulares conjugaram seus esforços com as regulares, particularmente quanto à obtenção de informações pelas primeiras, em prol das segundas.

O apoio de fogo na conquista de Santa Tecla foi insuficiente, em razão do pouco alcance e calibre das peças usadas pelos luso-brasileiros, em relação às da fortaleza sitiada.

Os luso-brasileiros usaram ações psicológicas na Campanha e Vila de Rio Grande. Isto ficou bem evidenciado no assalto aos fortes espanhóis em Rio Grande, quando os luso-brasileiros gritavam que **"iam passar todos os espanhóis no fio da espada"**, o que era repetido pelos últimos, em fuga. Isto fez o pânico se espalhar-se entre os demais defensores espanhóis. O efeito das ações psicológicas levadas a efeito por Rafael Pinto Bandeira refletiu-se, inclusive, em várias fontes históricas dos espanhóis, como a de um comandante de **"um horror de negros valientes, que de temor no corrociam"** conforme abordo em Estrangeiros e descendentes, com apoio em Guilhermino César em sua História do Rio Grande do Sul-colônia.

As operações ofensivas foram decisivas. No entanto, cabe

destacar a importância das operações defensivas em 1764-1777, cujo instrumento principal foram as guerrilhas baseadas em Canguçu e Encruzilhada atuais. O quadro geral foi defensivo e os guerrilheiros executaram ações dinâmicas neste quadro, consistentes de incursões no território inimigo para arrear gados, colher informações e colocarem por terra estâncias e fazendas espanholas estabelecidas nos territórios conquistados a Portugal. Podemos caracterizar como contra-ataques, num quadro de defesa de área, as ações portuguesas traduzidas pelos combates de Santa Bárbara e Tabatingá, em janeiro de 1774, contra as forças de Vertiz y Salcedo, com sua Real Armada, lembrada na toponímia no Passo da Armada, em Canguçu.

Os princípios de guerra mais observados pelos luso-brasileiros na expulsão dos espanhóis foram o **da Surpresa e o da Segurança**. Esta particularmente pelas informações. A surpresa foi uma característica luso-brasileira em nossas guerras a partir de 1766, estudada em providências efetivas, de avaliar constantemente o valor das forças morais e materiais do adversário, bem como de desgastá-las através de diversas ações de guerrilha na campanha, no período 1766-1777.

A coesão na tropa da Fronteira do Rio Pardo existiu e foi desenvolvida com apoio e na fidelidade ao Rei.

As tropas de linha tiveram coesão em função da hierarquia e da disciplina. Não possuíam forte motivação patriótica em relação a um interesse colonial de Portugal, no Brasil.

Como aspecto fundamental desta guerra registraram-se as operações que culminaram com a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande e que se baseavam na Doutrina Militar do Conde de Lippe, encarregado de reorganizar o Exército de Portugal e o Colonial do Brasil, e que foi representado no Brasil pelo Tenente-General Henrique Böhn, comandante do Exército do Sul, coadjuvado pelo Marechal Jaques Diogo Funck, renomado engenheiro militar.

Esta doutrina que precisa ser analisada, para obter-se ensinamentos para o desenvolvimento da doutrina do Exército, está traduzida, parcialmente, nas seguintes obras do Conde de

Lippe:

1 - LIPPE, Conde de. **Regulamento para o exército e disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Secretaria de Estado, 1763.

2 _____. **Direções que não de servir aos coronéis e majores dos regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Secretaria de Estado, 1767.

3. **Novo método para dispor um corpo de Infantaria, de sorte que possa combater com a Cavalaria, em campanha rasa, estabelecido por ordem de sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Secretaria de Estado, 1767.

4 _____. **Memória sobre os exercícios de meditação militar para distribuição aos senhores chefes dos Regimentos de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 31 p.

5. **Instruções gerais relativas a várias partes essenciais do serviço diário para o Exército de Sua Majestade Fidelíssima.** Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 52 p. Os regulamentos e instruções eram em número de 13.

A comparação da performance do Exército do Sul, em 1774-1777, com o desempenho do chefe e soldados brasileiros naquela guerra, acreditamos encerre valiosos ensinamentos para o desenvolvimento da Doutrina do Exército brasileiro.

A contribuição das guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira foram originais e lembram a Guerra de Emboscadas ou Guerra Brasília, tão decisiva para a expulsão dos holandeses no Nordeste e de inspiração nativa; portanto, Doutrina Militar Brasileira.

Chefia e Liderança

As principais autoridades militares de terra e mar luso-brasileiras e espanholas, citadas nas *Memórias* de Böhn, também foram alvo de nossas anotações em diversos dados colhidos na bibliografia e hemerografia, anteriores às anotações todas numeradas.

Elas podem ser recuperadas com o índice alfabético, segundo

as anotações às *Memórias* de Böhn, sob o título: Autoridades Militares Portuguesas e Espanholas de Terra e Mar que atuaram Direta ou Indiretamente no Rio Grande do Sul, quando de sua reconquista pelo Exército do Sul (1775-1778).

Do estudo desta campanha concluiu-se que a esmagadora maioria dos chefes possuíam conhecimentos das missões que desenvolveram. Julgo ter havido conhecimento incompleto das missões, na fase inicial da guerra, de parte dos Coronéis Eloy Madureira e Thomaz Luiz Osório, conforme é analisado sumariamente na Introdução.

O Coronel Eloy era intermediário entre a Junta Governativa, no Rio e o Coronel Osório, na remota Fortaleza de Santa Tereza (ou melhor, uma trincheira ou estacada, e não fortaleza). Posteriormente, as operações passaram a ser calcadas em seguras informações, - particularmente, obtidas na campanha e nas Missões pelos guerrilheiros baseados em Canguçu e Encruzilhada do Sul atuais e que atuaram em função da seguinte diretriz emitida pela Junta Governativa que substituiu o General Gomes Freire, por morte, e integrada pelo famoso Brigadeiro Fernandes Pinto Alpoym, veterano da Guerra Guaranítica, no Rio Grande e o Bispo do Rio de Janeiro — João Alberto Castello Branco:

“A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Desses locais saírem ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e ainda trazer-lhes em contínua persistente inquietação.”

No cumprimento dessas missões surgiu a possibilidade dos guerrilheiros buscarem informações no território adversário.

Os chefes guerrilheiros conheciam profundamente a geografia física da área onde atuaram, as campanhas rio-grandenses e uruguaia. E o conhecimento geográfico produziu os vaqueanos, conhecedores da área de operações, que tiveram largo uso pelos chefes militares no Brasil até 1930 e que até hoje se constituem alternativas muito válidas, complementando cartas topográficas

ou suprindo a ausência delas. Pinto Bandeira possuía o mapa do Rio Grande do Sul impresso no seu cérebro.

Princípios de Chefia

Da análise dos combatentes que atuaram diretamente no Rio Grande do Sul conclui-se sob a observância dos Princípios de Chefia:

General Henrique Böhn: Conhecia a profissão. Dava exemplo. Decidia com discrição, quase sigilo, acerto e oportunidade; amava e assumia a responsabilidade. De igual forma, os chefes que atuaram na fronteira do Rio Pardo: Coronel Marcelino de Figueiredo, Majores Rafael Pinto Bandeira e Patrício Correa Câmara. Como demonstração de amar a responsabilidade e dar exemplo, citamos Rafael Pinto Bandeira, a deslocar-se muito doente, em 1777, numa maca, para cumprir sua missão de vigilância em Canguçu, de qualquer movimento inimigo da direção de Santa Tecla. Marcelino de Figueiredo deu muitos exemplos de superação de seus males físicos (hérnia) em prol do dever e da missão, bem como o Major Patrício Correia Câmara que para acompanhar os movimentos de sua tropa, vez por outra já recorria a uma carreta para enfrentar seus primeiros ataques de gota. O Capitão Tonnelet Mena manteve-se no posto depois de gravemente ferido ao tentar domar um cavalo chucro.

Não temos elementos para concluir da observância dos demais princípios de chefia de parte desses chefes. O relato de Böhn vez por outra registra quedas de canal de comando que o colocaram em situação difícil.

Qualidades de Chefia

Os chefes portugueses demonstraram em elevado grau as seguintes qualidades de chefia: **Coragem, Atividade, Sentimento de Dever, Tenacidade, Espírito de Decisão, Energia e Entusiasmo, Iniciativa, Despreendimento, Senso de Julgamento e Inteligência.** Não se possui elementos para afirmar-se que fossem ou não possuidores das seguintes qualidades: Boa Apresentação,

Modéstia, Bom Humor, Integridade, Senso de Justiça, Simpatia e Tato. Em alguns estudos são feitas restrições a Rafael Pinto Bandeira, quanto ao Desprendimento e Integridade. Foi acusado de enriquecimento ilícito com a guerra. Processado, foi perdoado pela Rainha Maria I que valorizava muito seus serviços. Já quanto a Marcelino de Figueiredo eram feitas restrições ao seu Bom Humor, Senso de Julgamento e Justiça, Simpatia e Tato. Ele viera para o Brasil com nome falso. Seu nome verdadeiro era Antônio Sepulveda. Havia morto em Portugal, em duelo, um oficial inglês. Rafael Pinto Bandeira respondeu a processo de corrupção, por carência de Tato, Senso de Justiça e julgamento de Marcelino de Figueiredo. Seu relacionamento com o Vice-Rei era difícil; particularmente, após a guerra. Destituído do governo do Rio Grande em 1780, invadiu o gabinete do Vice-Rei substituto, vociferante, perdendo com isto a razão. Marcelino era um chefe bravo e dedica do à missão. O General Böhn viu Simpatia, Tato e Bom Humor em Rafael Pinto Bandeira.

Ao Coronel Eloy de Madureira, Governador do Rio Grande em 1763, talvez por doença, faltou-lhe naquele momento grave: Coragem, Atividade, Sentimento do Dever, Tenacidade, Energia e Espírito de Decisão, Iniciativa e Desprendimento para ficar em seu posto e organizar a defesa da margem norte do Sangradouro (São José do Norte atual) e ali acolher seus subordinados em retirada de Santa Teresa e Vila de Rio Grande. O Coronel Luiz Thomaz Osório revelou no momento grave da invasão de Santa Tereza possuir Coragem, Sentimento do Dever, Desprendimento, Integridade, Modéstia e Senso de Justiça. Não conseguimos ver em sua ação demonstração de Espírito de Decisão e Iniciativa.

Böhn, em suas *Memórias*, exalta as qualidades de Pinto Bandeira e de seus homens como admiráveis soldados.

Disciplina da Tropa

Durante a invasão do Rio Grande verificou-se uma indisciplina generalizada das tropas que guarneciam Santa Tereza e particu-

larmente as milicianas. As causas serão analisadas mais adiante. Nas demais operações não se tem notícias de indisciplina. O Governador Marcelino de Figueiredo, em relatório sobre a conquista de Santa Tecla, faz algumas denúncias apontando alguns boateiros, chamados “**murmuradores**”, que minaram o moral das tropas luso-brasileiras durante o sítio.

Os problemas de disciplina e de justiça no Exército do Sul foram bem encaminhados por Conselho de Guerra, que não exigiram um engajamento sério de Böhn. A estrutura específica funcionou a contento.

Ao final da guerra, tropas de aventureiros vindas de São Paulo e sediadas no Vale do Camaquã, causaram problemas disciplinares. Nas demais operações, as fontes disponíveis não deixaram antever indisciplinas coletivas, mesmo nas tropas irregulares, exceto uma manifestação justificável no Regimento de Moura.

O moral dos combatentes luso-brasileiros esteve baixíssimo na Fronteira do Rio Grande, por ocasião da invasão espanhola de 1763. Era reflexo do despreparo militar que vinha desde Portugal, passando pelo Rio de Janeiro. Os soldados de linha estavam desmotivados, com anos de soldo em atraso. Portugal confiava na sua Diplomacia e descurava de sua força militar. Este quadro mudou a partir da contratação do Conde de Lippe para reorganizar o Exército de Portugal e o do Brasil. Os reflexos começaram a se fazer sentir no Rio Grande por volta de 1769.

Nas demais operações, o moral luso-brasileiro se mostrou elevado. As quedas no moral na invasão do Rio Grande e de Santa Catarina deveram-se a imperfeições de Chefia, particularmente no tocante a não manter os subordinados informados. Na capitulação de Santa Catarina, as tropas que conseguiram fugir da ilha foram conduzidas a seus destinos, em boa ordem, por seus graduados, em razão dos oficiais terem ficado presos.

Relacionamento entre Comandante e Comandados

Merece análise o relacionamento entre o Vice-Rei e o Tenente-

General Böhn, evidenciado em suas *Memórias*.

No mais alto nível este relacionamento mostrou imperfeições no início e no final da guerra. O relacionamento entre o Coronel Eloy Madureira e o Coronel Thomaz Luiz Osório foi imperfeito. E a isto se deve, em grande parte, o insucesso maior e a não-convergência oportuna de esforços para uma resistência eficaz na linha do Sangradouro da Lagoa dos Patos. Durante o seu comando, o Tenente-General Henrique Böhn registrou, no final, em relação a Marcelino Figueiredo, imperfeições com reflexos negativos nas operações. Na fase final da guerra acentuou-se também uma desinteligência grave entre o Coronel Marcelino de Figueiredo, Governador do Rio Grande e o Major Rafael Pinto Bandeira, promovido, ao que parece, pelo próprio Vice-Rei, que não estimava Marcelino de Figueiredo. Teve como consequência o Coronel Marcelino prender, processar e enviar para o Rio o então Coronel Rafael Pinto Bandeira. Este foi perdoado e o Coronel Marcelino caiu em desgraça, sendo obrigado a deixar o governo do Rio Grande. O Coronel Marcelino era um chefe de valor, mas de **“estopim curto”** como hoje se define alguém explosivo e sem tato. Mordeu a isca atirada pelo Vice-Rei?

Diversos

Ressalva, nesta guerra, a liderança exercida por Rafael Pinto Bandeira e Cipriano Cardoso; a chefia capaz, corajosa e enérgica do Coronel Marcelino de Figueiredo e a chefia competente e segura do Tenente-General Henrique Böhn. Está ainda para ser julgada pelo Tribunal da História, a ação do Coronel de Dragões Thomaz Luiz Osório, o indigitado combatente da Fortaleza de Santa Tereza, em 1763, e posteriormente condenado à morte e enforcado em Portugal. Foi efetivamente o culpado ou um bode expiatório político para encobrir falhas graves existentes no Rio Grande, Rio de Janeiro e Portugal? A este respeito desenvolvemos trabalho que doamos ao Parque Osório, que acreditamos rico em ensinamentos para os quadros e tropas do Exército Brasileiro. Trabalho que indica outras

fontes capazes de dar resposta a questões que têm interessado vivamente seus parentes, Fernando Luiz Osório, Fernando Osório e Fernando Osório Filho (neto e bisneto) do Marechal Manoel Luiz Osório, Patrono da Arma de Cavalaria. Cuja biografia publiquei em meu livro. General Osório o maior herói e líder popular brasileiro. Resende: FAHIMTB/IHTRGS,2008, no qual justifico sua ação. Mas baseado numa Devassa, antes da Viradeira, ele foi enforcado. E os demais comprometidos nas rendições aos espanhóis em 1777 da Ilha de Santa Catarina a rainha D. Maria I os anistiou.

O processo decisório nesta guerra, particularmente nos momentos graves, era feito em Conselhos de Guerra e por eleição.

Foi usado este processo na rendição de Santa Tereza, no cerco de Santa Tecla, na rendição da Ilha de Santa Catarina e no ataque à Vila de Rio Grande, em 1776. As decisões, na ausência de Böhn de seu QG, deviam ser tomadas em Conselho de Guerra conjunto (terra-mar).

Este processo não conduzia à melhor solução. Na Guerra do Paraguai ele foi usado até o desastre de Curupaiti. Seu uso resultou num processo decisório, lento, inoportuno e inadequado, em que cada membro do Conselho procurava resguardar sua responsabilidade ou ficar em **“cima do muro”**.

Acreditamos que este dado seja útil na formulação da Doutrina do Exército Brasileiro para proscrever-se o processo decisório, em campanha, em Conselho de Guerra, por ferir o princípio de guerra da Unidade de Comando.

Durante estas guerras, o comandante, de um modo geral, conhecia as possibilidades das suas frações. Em Santa Tereza, o Coronel Osório não conhecia e nem teria condições de conhecer as possibilidades de seus milicianos improvisados para o momento e que deram início à fuga da posição. Os comandantes superiores demonstraram conhecer as características de seus oficiais. Os heróis da guerra foram oficiais bem conhecidos de seus superiores, tais como Marcelino de Figueiredo, Patrício Correia Câmara, Francisco e Rafael Pinto Bandeira, Cipriano Cardoso, Manoel Marques de Souza e muitos outros, O Coronel Thomaz Osório havia merecido

toda a confiança de Gomes Freire de Andrade, o que confirma ter sido um oficial de valor, mas vítima de um lance infeliz em Santa Tereza, ou um acidente de trajetória.

Havia uma preocupação constante dos chefes luso-brasileiros em conhecer as reações de seus subordinados. Apenas, não se preocupou com este ponto o Coronel Eloy Madureira, ao decidir fugir de Rio Grande para Viamão, sem consultar seus oficiais, causando com seu gesto grandes prejuízos como a perda da Margem Norte, somente recuperada após 6 meses. Foi acusado de covarde por seus subordinados ao desembarcar em São José do Norte (estava gravemente doente).

O perfil das lideranças militares daquele tempo é bem diferente do desejável hoje. O comportamento dos chefes militares no Rio Grande, durante a invasão espanhola em 1763, fornece excelentes exemplos para ilustrar o que um chefe não deve fazer e como enfrentar os obstáculos surgidos. As *Memórias* e as cartas de Böhn oferecem reflexões de grande atualidade para o comandante operacional do presente e do futuro.

O Homem Brasileiro

O homem brasileiro que atuou nesta guerra era novo na área. Área que possuía somente em 1777, 40 anos. Entre os principais grupos representativos do que genericamente chamaremos de o homem brasileiro nesta guerra registre-se:

a) Imigrantes açorianos e seus jovens filhos nascidos no Rio Grande e com máximo de 13 anos no início da guerra e 26 ao seu final. Eles tinham imigrado com destino certo - povoar os Sete Povos das Missões que havia passado, por Tratado, à jurisdição de Portugal, mas não efetivado na prática. Não possuíam um sentimento patriótico consolidado e arraigado. O grupo colocado depois da guerra, em Povo Novo, foi respeitado e respeitou a Espanha.

b) Migrantes paulistas e seus jovens filhos nascidos no Rio Grande e com o máximo de 30 anos no início da guerra, ou pouco

menos, como Rafael Pinto Bandeira e Manoel Marques de Souza. Migrantes que começaram a se estabelecer, em 1733, em torno de Viamão, provenientes de Laguna. Migrantes que ocuparam as 11 antigas estâncias jesuíticas que se estendiam, antes de 1756, término da Guerra Guaranítica, no enorme quadrilátero formado pelos Rios Quaraí, Uruguai, Ibicuí, Jacuí, Lagoa dos Patos, Rio Camaquã e Rio Negro. Possuíam um sentimento patriótico bem acentuado.

c) Migrantes paulistas, habituados a lutas com índios do oeste e que foram enviados para a Fronteira do Rio Pardo integrando companhias de aventureiros de Infantaria e Cavalaria durante a guerra. Exemplo deles foi o Capitão Cipriano Cardoso Barros Leme. Estes migrantes paulistas, fundamentalmente, foram os primeiros estancieiros do Rio Grande do Sul que nesta guerra desempenharam relevante papel militar na guerra de guerrilhas contra o invasor, na Fronteira do Rio Pardo.

d) Gaúchos, fundamentalmente caboclos meridionais, mescla de brancos portugueses e espanhóis com índias Tapas, Minuanos e Charruas que habitavam a região do Prata. Eles dedicavam-se, principalmente, à caça do gado chimarrão ou alçado existente na área e monopólio espanhol, cujo sebo e couro eram vendidos de contrabando aos luso-brasileiros em Colônia do Sacramento e, a partir de 1737 e 1754, em Rio Grande e Rio Pardo, respectivamente.

e) Ex-militares naturais do Rio de Janeiro, São Paulo e Ilha de Santa Catarina, que após integrarem unidades do Exército Demarcador de Gomes Freire de Andrade, que atuou no Rio Grande de 1754-59, haviam se desligado naturalmente do mesmo, ou por deserção, radicando-se na área.

f) Negros e descendentes, livres ou escravos, entrados no Rio Grande desde o seu reconhecimento e fundação, conforme demonstro , com apoio em fontes primárias, em meu ensaio: *O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, IEL, 1976, p. 76-91.

g) Militares de terra e mar provenientes de Portugal, no final da campanha, integrando os Regimentos de Infantaria de Moura,

Estremoz e Bragança.

h) Militares de terra provenientes de São Paulo e Paraná que atuaram, no final da guerra, em Porto Alegre, Torres e Rio Pardo, integrando o Regimento de Infantaria de São Paulo e Legião de São Paulo, por nós estudados em *Boletim do IHGE Paranaense* 1978.

i) Militares de terra provenientes do Rio de Janeiro; de seus Regimentos de Artilharia e Infantaria (atual Sampaio) e Companhia de Cavalaria do Vice-Rei.

j) Índios que habitavam a região e que, há sete anos, desde a ocupação espanhola e portuguesa dos Sete Povos, haviam se espalhado pelas estâncias como peões, ou tinham sido aldeados na Aldeia dos Anjos — Gravataí atual. Os últimos constituíram uma companhia regular de Infantaria na Fronteira do Rio Pardo.

Obs.: A participação do atual Batalhão Sampaio, do Rio de Janeiro, pode ser estudada na obra:

SOUZA, Francisco Ferreira de. Descrição de Viagem em 1777 ao Rio Grande do 1 Regimento do Rio de Janeiro. *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande*. Rio, IHGB-IGHMB, 1979.

Houve natural diferença entre os grupos egressos das diversas origens. O pessoal proveniente de Portugal e Rio de Janeiro atuou na fronteira do Rio Grande e o proveniente de São Paulo, na Fronteira do Rio Pardo. Era a manifestação de vocações distintas. Uma, paulista, sertaneja; e outra, carioca, marítima ou litorânea.

O perfil do homem brasileiro que atuou nesta guerra poderia, em parte, ser deduzido das atuações dos seguintes militares nascidos ou com grande vivência na área indexados e anotados nas *Memórias* de Böhn: Coronel Thomaz Luiz Osório, Capitão Francisco Pinto Bandeira, Major Patrício Correia Câmara, Major Rafael Pinto Bandeira, Capitão Manoel Marques de Souza, Capitão Cipriano Cardoso e Capitão Simão Soares da Silva e outros.

Apoio Administrativo

----- Nesta guerra, o TO do Rio Grande do Sul possuía uma

Zona de Administração em torno de Porto Alegre. A Zona de Combate dividia-se nas Fronteiras do Rio Pardo, ao sul e oeste do Rio Jacuí, e Fronteira do Rio Grande, ao sul do Forte São Caetano, no Estreito.

As fronteiras do Rio Pardo e do Rio Grande dividem-se, basicamente, pelo Rio Camaquã.

A Zona de Administração ligava-se ao Rio Pardo, basicamente, pelo Rio Jacuí e com a do Rio Grande, pela Lagoa dos Patos; pelo litoral, ao longo das localidades de Estreito e São José do Norte e após a reconquista com o Rio Grande, através do Sangradouro da Lagoa dos Patos.

As sedes das duas fronteiras ligavam-se por terra, desde cerca de 1756, pela estrada balizada pelos seguintes locais atuais: Rio Grande, Povo Novo, Pelotas, Pedro Osório, Morro Redondo, Canguçu, Coxilha do Fogo (Encruzilhada do Duro), Vau dos Prestes (no Rio Camaquã), Encruzilhada do Sul, Pântano Grande, Rio Pardo.

O apoio logístico ao Exército do Sul ficou, parte com o Governador Marcelino de Figueiredo, em Porto Alegre, que acumulou também o comando da Fronteira do Rio Pardo e parte com Böhn, em São José do Norte e depois Vila de Rio Grande (Arsenal, hospital e padaria).

Alimentação

A alimentação foi feita na base da carne, com cerca de 1 libra dia, consumida, na Fronteira do Rio Pardo, sob a forma de churrasco. A carne era barata, abundante e auto transportável. Necessitando-se de carne, era abater os vacuns que eram transportados junto às forças militares. A carne era fornecida por civis contratados, como o rico Manuel Bento Rocha, Capitão-Mor de Viamão.

Na Fronteira do Rio Grande, as tropas estacionadas na margem norte e depois em Rio Grande, consumiam, às vezes, peixes, que eram abundantes no Sangradouro, até o início do século XX.

As tropas provenientes de Portugal, como os Regimentos de Moura, Estremóz e Bragança, determinaram o início do plantio do

trigo no Rio Grande do Sul para complementar-lhes a alimentação. Isto, em torno de Porto Alegre e em povoados na margem norte do Rio Jacuí.

A erva-mate selvagem ou proveniente das Missões complementava a alimentação, bem como o sal. O comércio do Rio colocava em Rio Grande outros itens.

A farinha de mandioca (chamada Farinha de Guerra) era o alimento básico das tropas; era guardada em armazéns e muito menos perecível do que trigo.

De ser comum no Sul, adveio o costume do churrasco com farinha de mandioca.

----- Sempre houve crises no suprimento de sal e de farinhas provenientes de fora do Teatro de Operações. Mesmo a carne nem sempre foi abundante, conforme recorda Böhn. Houve necessidade de arrear gado para alimentar o Exército do Sul e buscá-lo na crise entre os habitantes do Rio Grande do Sul atual.

Manutenção

As munições foram suficientes. Depois da reconquista do Rio Grande, Böhn organizou um arsenal; e com a reunião dos armeiros de todos os RI e artífices, conseguiu fazer reparos navais, na artilharia dos fortes e no armamento leve em geral. Fabricou selas de couro para a Cavalaria voluntária paulista, que chegou usando arcões de ferro que machucavam os cavalos. Foi mais um atestado de grande criatividade de Böhn. O arsenal recuperou diversas barracas.

Transportes

O Exército do Sul teve a assessorá-lo, como Comissário de Transportes e Cavalos, o Capitão Simão Soares da Silva.

Os transportes terrestres eram feitos na base de carretas puxadas por muitas juntas de bois. As carretas eram muito lentas. Deslocavam-se em comboios e seus eixos é que giravam e

quebravam com frequência. **Entre a Ilha de Santa Catarina e Rio Grande quase metade da capacidade de uma carreta era usada para transportar eixos sobressalentes.** Na Fronteira do Rio Pardo eram muito usados cavaleiros e muarens cargueiros ou de dorso. O transporte fluvial, a remo, e o lacustre, à vela, foi muito usado entre Porte Alegre e Rio Pardo e Rio Grande. O apoio do Rio de Janeiro era feito via marítima até a Ilha de Santa Catarina e desta por terra ou mar até Rio Grande. As tropas do Exército do Sul se deslocaram, da Ilha de Santa Catarina até a margem norte, por terra. O grande feito foi a construção, por ordem do General Böhn, de 13 jangadas feitas com madeiras vinda de Pernambuco e por pernambucanos destacados no Sul.

Acampamento

As tropas da Fronteira do Rio Pardo, ao acamparem, faziam barracas com ramos de árvores (ramadas). As da Fronteira de Rio Grande, que integravam o grosso do Exército do Sul, usaram barracas de tecido, inicialmente, e abrigos com ramos de árvores e outros recursos locais, posteriormente.

As tropas de linha de fora do Rio Grande acampavam com muito critério e organização, conforme a iconografia da época, nos *Anais da Restauração*. O Costume do desprezo das barracas começou na Fronteira do Rio Pardo e prolongou-se por todo século XIX, a ponto do General Osório afirmar: **“Nosso Exército só de moderna data usa barracas, e tem feito muitas campanhas no inverno e no verão, dentro e fora do país e elas não resistem e nunca resistiram aos temporais de vento e chuva.”**

As tropas de linha do Rio, São Paulo e Portugal eram bem treinadas em castramentação (arte de acampar). As paulistas legionárias e as Fronteiras de Rio Pardo desenvolveram arte própria, aprendida com os índios da região, e tirando grande proveito das coberturas de couro, que podiam servir também de meio descontínuo de travessia dos rios, transformadas em pelotas.

No Rio Grande, particularmente no inverno, os soldados

improvisaram, com recursos locais, melhores abrigos, o que está claro nos relatos de Böhn.

Saúde

A estrutura de saúde era precária. Havia médicos. A flora medicinal foi bastante usada. O estágio de saúde naquele tempo era atrasado; muitos paulistas morreram, desde São Paulo até Porto Alegre, vítimas de varíola. O recurso usado pelo Governador de São Paulo para combater a epidemia, **“foi fazer gados circularem pela cidade, perfumes nas cozinhas dos hospitais e orar”**.

A estrutura de apoio logístico implantada pelo Coronel Marcelino de Figueiredo, Governador do Rio Grande, atendeu bem às necessidades das tropas que participaram da expulsão dos espanhóis do Rio Grande, dentro do possível na época. Ele foi incansável! Quanto à alimentação, supriu-se as tropas a contento de carne de gado vacum, em grande parte arrebatado às estâncias espanholas pelos guerrilheiros baseados em Canguçu e Encruzilhada. Inclusive, na conquista de Santa Tecla, a tropa amiga recebeu dele boa dotação em vacuns para o abate. Havia fornecedores que compravam gado dos rio-grandenses.

Os comboios de carretas que o Coronel Marcelino formava em Porto Alegre foram os responsáveis pelo transporte de equipamento do Exército do Sul, de Santa Catarina ao Rio Grande. Em Rio Grande, Böhn estabeleceu um arsenal para recuperação do armamento e depósito de pólvora e balas de diversos calibres.

Foi introduzido o trigo no Rio Grande para suprir, particularmente, as tropas provenientes de Portugal.

Em estaleiros, em Porto Alegre, o Coronel Marcelino construiu e armou embarcações que operavam a linha de suprimento Porto Alegre — Margem Norte, pela Lagoa dos Patos. Ficou célebre o barco de guerra **Belona**, construído em Porto Alegre.

Para o assalto à Vila de Rio Grande, Böhn mandou construir 13 grandes jangadas à vela. Marcelino de Figueiredo consagrou-se nesta guerra, não só como um bom combatente, mas também como

um eficiente logístico. Afirmção que poder ser comprovada numa abordagem mais específica e profunda nas fontes produzidas em 4 volumes, em 1776, pelo *Simpósio do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul* editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e citado anteriormente e de onde tiramos vários subsídios ilustrativos da presente pesquisa, assim como no depoimento de Böhn. Na parte de alimentação e acampamento, acreditamos poder-se extrair subsídios para o desenvolvimento de doutrinas específicas de nosso Exército, no Sul. Concluindo, podemos dizer que o apoio logístico foi bem estruturado e bem feito nesta guerra, particularmente ao seu final, quanto à alimentação, transportes, armamento e munições. Cerca de 3.000 homens foram apoiados no Sul pelo sistema implantado pelo Governador do Rio Grande do Sul. A distância de apoio logístico desde Rio de Janeiro era extensa e bem menores as secundárias Porto Alegre e Ilha de Santa Catarina.

Armamento e Munição

O armamento individual e os canhões de posição não encerram lições. A munição era afetada pela umidade. Foram usadas, com êxito, granadas de mão pelas quatro Companhias de Granadeiros que assaltaram os fortes espanhóis da margem sul do Sangradouro, na madrugada de 1º de abril de 1776. O arsenal instalado por Böhn na Vila do Rio Grande, reconquistada.

Artilharia de Costa

Os canhões de grosso calibre do Forte São Pedro da Barra provocaram, indiretamente, a neutralização, por encalhe, de cerca de 50% da esquadilha espanhola na manhã de 1º de abril de 1776, concorrendo assim para o maior brilho da vitória.

Artilharia de Campanha

Não foi usada; a não ser a tentativa, sem resultado, de 2

pequenos canhões de 1" (pedreiros) em Santa Tecla, manejados pela Companhia de Granadeiros dos Dragões do Rio Pardo.

Meios de Transportes

Foram usadas carretas, com eixo móveis, tracionadas por cerca de 6 juntas de bois. Este transporte foi mais efetivo no eixo Laguna—Torres—Porto Alegre—Rio Grande e que abordamos em Transportes, ao tratarmos do Apoio Administrativo. A tração predominante foi a bovina; o General Mallet continuou a usá-la de 1851-1852 e de 1864-1870 e com vantagem. O General Böhn, logo, percebeu esta realidade e dela tirou grande proveito. O Exército Demarcador de Gomes Freire já utilizara largamente a tração bovina, inclusive para a sua Artilharia de Campanha.

As comunicações

As comunicações eram feitas através, de competentes mensageiros, a cavalo, que circulavam em todas as direções. Eles passaram à História com a denominação de vaqueanos, ou tapejaras, conhecedores da região, no primeiro caso, e dos caminhos, no segundo. Ambos conseguiam sobreviver à custa dos recursos locais. Deficiências de comunicação eram supridas por mensagens escritas trocadas intensivamente entre chefes. Muitos índios e gaúchos primitivos mostraram vocação para o mister de mensageiros. Entre Rio Pardo e Porto Alegre as mensagens eram transportadas em canoas rápidas, equipadas com eficientes remadores. Uma tropa em marcha ia despachando mensageiros e recebendo outros. A coordenação das tropas luso-brasileiras em São José do Norte e Vila do Rio Grande, em 1º de abril de 1776, foi feita com meios óticos (foguetes e bandeirolas).

Material de Transposição de Cursos D'água

Qualquer civil ou militar rio-grandense vadeavam rios usando

as pelotas, bóias feitas de couro de boi, para transposição individual, de equipamentos individuais e até mesmo de carretas. Em 1775, o General Böhn, em inspeção a Rio Pardo, assistiu, atento, a demonstração do Regimento de Dragões do Rio Pardo de travessia do Rio Pardo em *pelotas* de couro cru, o que ele citou e detalhou nas *Memórias*. O Sangradouro de Lagoa dos Patos foi atravessado, na madrugada e manhã de 1º de abril de 1776 pelo Exército do Sul, transportado de uma margem para outra, no assalto à Vila, de Rio Grande, usando escaleres dos barcos de guerra e 13 enormes jangadas à vela, construídas especialmente para este fim. Elas se revelaram excelentes para navegar nos baixios da Lagoa dos Patos. E o General Böhn é pródigo em elogiá-las e decantar sua utilidade.

Ao longo do itinerário Laguna - Porto Alegre foram construídas balsas nos rios e, **inclusive, uma ponte flutuante no Rio Imbituba, para possibilitar a passagem do Exército do Sul. Numa travessia, ocorreu um acidente que matou muitos soldados do Regimento de Estremoz, por inabilidade na técnica de usá-la.**

O pessoal da Fronteira do Rio Pardo era muito hábil na travessia dos rios, seja com auxílio do cavalo, de pelotas e mesmo de cabos-guias improvisados com laços, cordas de couro trançado. Böhn detalha, admirado, a técnica desenvolvida no Sul, em Transposição de Cursos D'água. Principalmente a rapidez e simplicidade.

Fardamento e Equipamento

As tropas de fora do Teatro-de-Operações iniciaram a guerra bem fardadas, bem calçadas e equipadas. A obra *Uniformes do Exército Brasileiro* editada na França, em 1922, fornece detalhes sobre os uniformes desta época. Uma característica digna de nota é que cada Unidade possuía uniforme diferente das demais. Data desta época, segundo a tradição, o apelido dos catarinenses de "barrigas verdes", em razão dos soldados do Regimento de Infantaria da Ilha de Santa Catarina usarem um colete verde. Apesar de todas as dificuldades, após a conquista de Rio Grande, alguns regimentos conseguiram fabricar os uniformes de seus homens.

Cavalos

Incluo o aspecto cavalos que por necessidade de alimentá-los e contê-los condicionou, nas guerras seguintes, o estacionamento das tropas em rincões. Ele foi usado em menor escala nesta guerra do que nas seguintes. Para cada homem era necessário mobilizar-se três cavalos. Os cavalos de muda eram conduzidos na frente, flanco e retaguarda das tropas. Após pequeno uso se extenuavam, porque comiam pouca grama. Nos acampamentos, para evitar serem roubados pelo inimigo, ficavam confinados em locais onde as pastagens logo se exauriam. Rafael Pinto Bandeira era um especialista em se apossar das cavalhadas e bovinos das tropas inimigas, como aconteceu em Santa Bárbara, Tabatingá e São Martinho. A estratégia guerrilheira era atuar com arreadas sobre os possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, retirando dali os cavalos e bovinos que pudessem ser aproveitados pelo invasor para alimentação e maior mobilidade e raio de ação.

O segredo do Duque de Caxias, na Revolução Farroupilha, foi impedir que os farroupilhas fizessem a remonta de seus cavalos. Todas as possibilidades neste sentido, o Duque de Caxias canalizou para suas tropas. No início da guerra, o seu Exército estava desmontado e os farroupilhas com ampla liberdade de manobra, por bem montados. No final, a situação estava invertida.

Naquele TO o cavalo significava mobilidade e velocidade e o vacum, alimentação e transporte pesado. Nas *Memórias* de Böhn isto também se confirmou. **As tropas de Pinto Bandeira possuíam cavalos particulares e não “reiúnos” ou do Rei ou, atualmente, da nação.**

Mobilização

O êxito desta guerra se deve a uma bem feita mobilização da opinião pública em Portugal, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a favor da expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul. Influíram neste apoio um desejo de desforra e a manutenção de uma base

mais próxima da Colônia do Sacramento, para melhor apoiá-la e, em consequência, mantê-la.

A mobilização de pessoal no Rio Grande pouco resultou em potencial humano. E este pouco, no início da guerra, foi quase que totalmente neutralizado com as conquistas espanholas de Santa Tereza, São Miguel e Vila de Rio Grande.

Durante o final da guerra foram mobilizados recursos humanos de Portugal (Regimentos de Moura, Bragança e Estremoz), do Rio de Janeiro (Regimento de Infantaria e parte do de Artilharia e Companhia de Cavalaria do Vice-Rei), de São Paulo (Regimento de São Paulo, Legião de São Paulo e várias companhias de aventureiros de Cavalaria e Infantaria mandados com frequência) e de Santa Catarina (Companhia de Infantaria). O Rio Grande entrou, basicamente, com o "Regimento dos Dragões do Rio Pardo" e o Batalhão de Infantaria do Rio Grande, que não atingiu o efetivo previsto. A população de Rio Grande passou, desde então, a habituar-se ao confisco e à requisição. As requisições pesaram sobre os carreteiros para efetuarem transportes entre a Ilha de Santa Catarina, Porto Alegre e Rio Grande.

Terminada a guerra, grande número dos militares voltaram para seus locais de origem e parte foi estabelecer-se em territórios reconquistados e doados como prêmio pelos serviços militares.

A mobilização de recursos econômicos consistiu em destinar-se à guerra no Sul todas as rendas do Rio de Janeiro e São Paulo na época, o subsídio literário de Angola, 200 cruzados por ano e mais o equivalente ao soldo de dois regimentos da Bahia.

No restante do Brasil, várias frações foram mobilizadas e em condições de socorrer o Sul. A mobilização das tropas de São Paulo consistiu em um Regimento de Infantaria e uma Legião. A mobilização foi feita, basicamente, fora de TO, até então pobre em recursos humanos e bélicos; exceto em carne e transportes (em carretas e de dorso). O transporte de dorso foi muito usado na Fronteira do Rio Pardo, inclusive para o transporte, com reparos e munição, de canhões de 1" (pedreiros). O transporte militar de dorso, em muares e cavалares, foi uma constante no Rio Grande,

quando se desejava mobilidade.

A segunda Artilharia de Campanha no Rio Grande do Sul, em 1811-1812 e duas baterias da Legião de São Paulo operaram com grande eficiência, transportadas no dorso de cavalos. O forrageamento dos vacuns, muares e cavalares era feito à base do capim existente. O forrageamento foi crítico em Santa Tecla, pelo fato do rebanho bovino e cavalares sido confinado, durante um mês, para não ser roubado, chegando-se à necessidade de levantamento do cerco. Cada homem, em razão do precário forrageamento, tinha que levar cerca de três cavalos para substituição. O forrageamento precário condicionava a etapa de marcha e a distância máxima a percorrer. O insucesso da invasão de Vertiz y Salcedo residiu no esgotamento de seus cavalos de montaria e vacuns de tração, não substituídos, conforme planejamento prévio, e por Rafael Pinto Bandeira haver tomado a remonta proveniente das Missões, em Santa Bárbara.

Referi-me à segunda Artilharia de Campanha no Rio Grande do Sul, por julgar caber a primazia à Artilharia do Exército Demarcador, dirigido pelo Coronel Fernando Pinto Alpoy, durante a Guerra Guaranítica (1754-1756) que acompanhou os movimentos daquele Exército e era tracionada a bois.

Operações

Vias de Penetração Espanholas

As vias de penetração ou Caminhos Históricos de Invasão usados ou projetados pelos espanhóis para a invasão do Rio Grande foram os seguintes:

Litoral — Balizado pelo eixo atual: Montevideu - Maldonado - Forte de Santa Tereza - Arroio Chuí - Taím - Rio Grande - São José do Norte - Estreito - Porto Alegre.

Foi o efetivamente usado pelo General Pedro Ceballos para invadir o Rio Grande em 1763. Penetrou até São José do Norte.

As linhas de defesa pretendidas foram: o Forte de Santa Tereza

Taím - Albardão - Sangradouro da Lagoa dos Patos - Estreito. A primeira não teve condição. Era desbordável. A linha Taím - Albardão possuía ínfima possibilidade. As duas anteriores, por sua fraqueza, determinaram a transferência da capital para Porto Alegre. A linha do Sangradouro era e é a mais significativa. Foi abandonada, em 1763, pelo Governador do Rio Grande, Coronel Eloy de Madureira.

Em face disso, os espanhóis atravessaram o Sangradouro da Lagoa dos Patos, sem resistência, e estabeleceram uma cabeça de margem em São José do Norte, de onde só foram desalojados, com grandes sacrifícios, em abril de 1766. Durante cerca de 4 anos a expansão foi contida na linha Estreito, com o Forte São Caetano.

Atualmente, a melhor linha de defesa desta Via de Penetração é o Sangradouro e Estreito (estreita faixa de terra entre o Atlântico e a Lagoa dos Patos).

Campanha — Balizada pelo seguinte eixo atual: Montevidéu - Santa Tereza - Mello (antigo Forte Cerro Largo, em 1801) - Ageguá - Bagé - Torquato - Severo - Lavras do Sul - Caçapava do Sul - Encruzilhada do Sul - Rio Pardo. Esta via de penetração foi usada em 1774 pelo Governador Vertiz y Salcedo, para invadir o Rio Grande do Sul, pela campanha.



Como principais linhas de defesa temos os Rio Camaquã e seus afluentes até Caçapava. A partir daí o Rio Jacuí e seus diversos afluentes. Sobre esta via de penetração é que os guerrilheiros baseados em Canguçu e Encruzilhada do Sul atuaram, inclusive, como cobertura do Rio Grande e Rio Pardo. O Forte de Taquari aprofundava a defesa na linha Rio Pardo - Porto Alegre.

Missões — Balizada pelo seguinte eixo atual: São Tomé (Argentina) - São Borja - São Miguel - São Martinho - Santa Marta. Deste ponto se ramificava para São Gabriel - Bagé ou São Sepé - Rio Pardo ou Cachoeira do Sul - Rio Pardo.

Por esta direção é que os espanhóis fizeram o esforço secundário na invasão de 1763, quando foram derrotados em Monte Grande (proximidades de Santa Maria atual) pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira, pai do guerrilheiro Rafael Pinto Bandeira. Este, em 1774, bateria coluna proveniente da mesma direção em auxílio à coluna de Vertiz y Salcedo, em Santa Bárbara. Esta via de penetração, em sentido contrário, foi a usada pelos portugueses e espanhóis, em 1754, para penetrarem nas Missões.

A melhor linha de defesa era em São Martinho, passagem estreita na Serra de São Martinho, razão porque os espanhóis fizeram erguer ali, em 1774, o Forte de São Martinho, conquistado em 1775. Já na descida da Serra de São Martinho, o ponto de defesa foi a atual cidade de Santa Maria, chamada de Boca do Monte, por bloquear a saída, ou boca da mata da picada desde São Martinho. Monte em espanhol significa mato e não elevação. O Monte do nome em Santa Maria tem o sentido de mato e não de elevação.

A partir de Santa Maria, ou boca picada de São Martinho, várias vias de acesso incidiram sobre Rio Pardo. Esta praça teve que manter diversas patrulhas nos passos dos principais afluentes do Rio Jacuí, para impedir ser atacada de surpresa. A cidade de Cachoeira do Sul tem suas origens num local da patrulha dessa via de penetração — o Passo do Fandango.

Próximo da cidade de Cachoeira existe o Passo de São Lourenço, importante ponto de passagem obrigatória, no passado, entre o norte e o sul do Rio Jacuí, na via de penetração mencionada.

Ali foi o acampamento do Exército Demarcador de Gomes Freire, em 1754, a caminho das Missões, a partir de Rio Pardo. Ali, também se concentrou o Exército do Sul, ao comando de Barbacena, após a Batalha de Passo do Rosário. Finalmente, no Passo São Lourenço foi o então Marquês de Caxias assumir o Comando do Exército, na Revolução Farroupilha. Este passo precisa ser melhor estudado, do ponto de vista de Geo-história. Não acreditamos que seja coincidência. Este passo foi usado pelos jesuítas dos Sete Povos das Missões para atingirem suas estâncias no enorme quadrilátero formado pelos Rios Ibicuí, Jacuí, Lagoa dos Patos, Rios Camaquã, Quaraí e Uruguai. Neste quadrilátero existiram antes de 1756, 11 estâncias jesuíticas.

Ilha de Santa Catarina — Balizada pela seguinte direção: Ilha de Santa Catarina - Canal entre a Ilha e o Continente - Garoupaba - Laguna - Torres - Tramandaí. Deste ponto, podia infletir ou para Porto Alegre ou para o Rio Grande. Esta via de penetração continua muito atual, em combinação com outra que, a partir das Missões, na Argentina, atravessasse o Estado de Santa Catarina e operasse junção, sobre a BR 101 ou BR 116. Ou mesmo combinado com BR 281 - São Borja - Lagoa Vermelha. Ela conseguiria isolar o Rio Grande por terra e prejudicar o apoio naval com a perda da Ilha de Santa Catarina.

Via de Articulação das Vias de Penetração (1- Litoral - 2- Campanha - 3- Missões) A articulação dessas vias de penetração era feita através do seguinte eixo: Rio Grande - Pelotas - Pedro Osório - Morro Redondo - Canguçu - Coxilha do Fogo - Passo do Camaquã de Baixo (atual Vao dos Prestes) - Encruzilhada do Sul - Pântano Grande - Rio Pardo - Santa Maria - São Martinho - São Miguel.

Vertiz y Salcedo, após perder a impulsão frente ao Rio Pardo, a usou para atingir a Vila de Rio Grande, sob domínio espanhol, parte desta via de articulação no trecho: Pântano Grande - Encruzilhada do Sul - Passo Rio Camaquã (da Armada) - Coxilha do Fogo - Canguçu - Pedro Osório - Pelotas - Rio Grande: Obs.: A via de acesso, 4-Ilha Santa Catarina, foi projetada e utilizada em 1777, por D. Pedro

Ceballos, após a invasão da Ilha de Santa Catarina.

A principal linha de defesa situava-se em Torres - RS onde existe uma passagem estreita entre a serra e o oceano, chamada Itapeva. Ali, em 1777, foi erigido o Forte de São Diogo das Torres para barrar aquela via de penetração. Posteriormente, em 1801, a ilha foi governada pelo Coronel Francisco Xavier Curado e bastante reforçada de tropas. Em 1809, antes da Campanha do Exército Pacificador foi erigido em Torres outro forte. Por ocasião da Independência este forte ainda existia. Os farroupilhas também fortificaram este ponto.

O apoio logístico ao Rio Grande era muito dependente desta via de penetração. Em 1777, o avanço espanhol sobre o Continente, a partir da Ilha de Santa Catarina, foi contido com o apoio em guerrilhas levadas a efeito sobre os espanhóis, sob a liderança do Capitão Cipriano Cardoso, enviado da Fronteira do Rio Pardo.

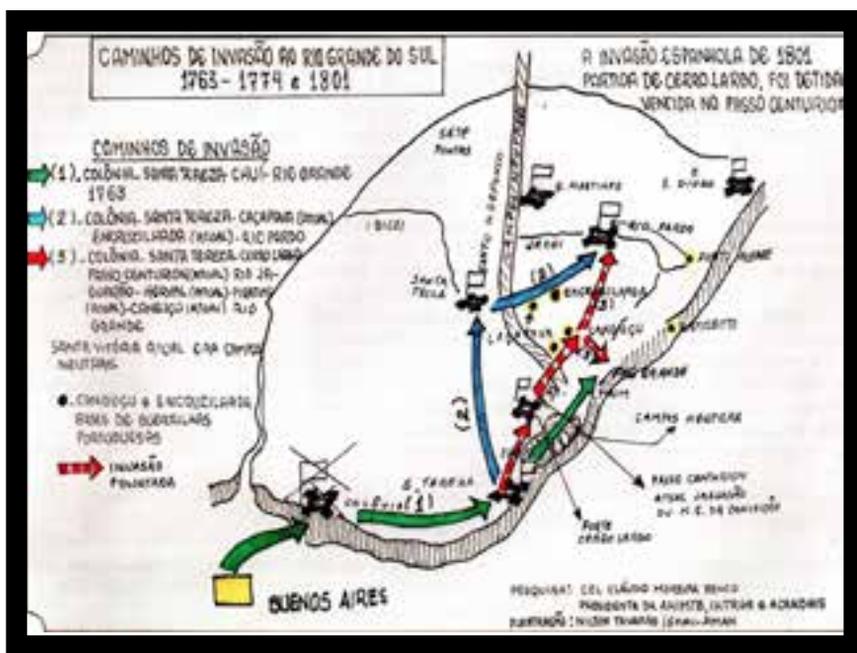
Vias de Penetração Luso-Brasileiras

Litoral — Ilha Santa Catarina - Laguna - Torres - Tramandaí - Estreito - Rio Grande - Santa Tereza - Maldonado - Montevidéu - Colônia do Sacramento.

Esta via foi usada pelos luso-brasileiros para penetrar no território conquistado aos espanhóis, paulatinamente, com base em Laguna - Santa Catarina. Nesta guerra foi usada a partir do Rio Grande até Castilho Grande onde foi fundada a Fortaleza de Santa Tecla.

Esta via de penetração foi contida pelos espanhóis, de 1763-1776, na Vila de Rio Grande, apoiada no grande obstáculo representado pelo Sangradouro da Lagoa dos Patos. Expulsos os espanhóis, a contenção luso-brasileira passou a ser feita em Santa Tereza.

Levantamos mais um caminho de invasão que seria usado na Guerra de 1801, mas foi contida na altura do Passo Centurion no rio Jaguarão. Ele procurava atingir Canguçu atual sobre o caminho histórico de ligação por terra das bases militares portuguesas de



Rio Grande e Rio Pardo. Este caminho de invasão era o que Rafael Pinto Bandeira usava para penetrar no atual Uruguai, na época em que sua atuação era barrada no litoral pela Fortaleza de Santa Tereza e pela Campanha pela Fortaleza de Santa Tecla. Caminho de invasão balizado por Melo no Uruguai-Passo Centurião no rio Jaguarão-Herval do Sul – Pinheiro Machado – Piratini-Canguçu. Local onde a planejada 3ª invasão espanhola poderia partir para conquistar sobre Canguçu pela 2ª vez Rio Grande, ou pela 1ª vez Rio Pardo. Canguçu, Caçapava do Sul e Encruzilhada do Sul foram criados para barrarem os caminhos de invasão pela Campanha e o que incidia Canguçu, conforme o esquema acima e no seguinte onde o caminho de invasão projeta para invadir o Rio Grande do Sul em 1801.



Obs: O Passo da Armada, no Rio Camaquã, e o Distrito de Armada, no município de Canguçu, lembram a passagem do Governador de Buenos Aires D. Vertiz y Salcedo com sua Real Armada ou Exército. Dai o nome Passo da Real Armada.

Na guerra de 1820, contra Artigas, ela foi usada em toda a sua extensão pela Divisão de Voluntários Reais que conquistou Montevidéu, após fixadas as tropas de Artigas nas fronteiras sobre os Rios Quaraí e Uruguai.

Durante a guerra, os guerrilheiros não conseguiram infiltrar-se por ela, pois eram barrados no Chuí, São Miguel e Santa Tereza.

Campanha — Rio Pardo - Encruzilhada do Sul - Caçapava do Sul - Santa Tecla - Aceguã.

Esta via de penetração foi usada intensamente nesta guerra, como linha de penetração das guerrilhas luso-brasileiras, com suas bases em Encruzilhada do Sul e Canguçu, no território da República do Uruguai atual, até as cercanias de Maldonado, Montevidéu, Colônia do Sacramento. Ela não possuía linha de defesa contra a ação dos guerrilheiros. Esta somente foi estabelecida em 1774, com a construção da Fortaleza de Santa Tecla.

Missões — Rio Pardo - Santa Maria - São Martinho - São Miguel. Esta via de penetração foi usada nesta guerra como via de infiltração, nas Missões, das guerrilhas com suas bases em Encruzilhada do Sul. Ela não possuía linhas concretas para conter as infiltrações guerrilheiras nos Sete Povos das Missões. Passaram a ser comidas, a partir de 1774, pelo Forte São Martinho que seria conquistado no ano seguinte.

Serra dos Tapes — Canguçu - Piratini - Pinheiro Machado - Herval do Sul - Passo N. 5. da Conceição do Jaguarão - Meilo (ROU) - Santa Tereza. Esta via de penetração passou a ser usada pelos guerrilheiros luso-brasileiros, com suas bases em Canguçu atual, após os espanhóis bloquearem as infiltrações que até então eram feitas pela via de penetração 2 - Campanha.

Na guerra seguinte os espanhóis bloquearam esta via de penetração com a construção do Forte de Cerro Largo (Meio atual na ROU). Nas guerras seguintes, de 1801 e 1812, a Banda Oriental foi invadida, usando-se esta via de penetração que possui no Rio Jaguarão passagem a vau. (Centurion). A decisão da Guerra de 1801 e a Cisplatina, 1825-1828, tiveram lugar sobre esta via de acesso. Em 1801, o grosso do Exército do Sul estava concentrado no Acampamento N. S. da Conceição do Jaguarão e o espanhol em Cerro Largo, ao comando do Marquês de Sabremonte, Governador de Buenos Aires. Em 1828 quando o grosso brasileiro, ao comando de Lecor, concentrava-se nesta região, o argentino, ao comando de Alvear, concentrava-se em Cerro Largo.

As atuais cidades de Canguçu, Piratini, Pinheiro Machado e Herval do Sul, foram criadas antes de 1801 como linhas de resistência a uma invasão proveniente do Uruguai. No Rio Jaguarão era condicionada por um passo que dava vau.

Acreditamos que é a primeira vez que esta via de penetração é considerada num estudo ao nível de Estado-Maior. Ela havia desaparecido,

por acreditar-se que o local de transposição era a atual cidade de Jaguarão e não um passo do rio, bem a montante.

O Duque de Caxias, no combate à Revolução Farroupilha, usou parte desta via de penetração em sentido contrário. Estacionou, em certa época, em Coxilha do Fogo, em Canguçu, ponto de convergência de diversos eixos provenientes do Camaquã, para atuar sobre os farroupilhas provenientes do norte do Rio Camaquã.

O ponto citado, conhecido na guerra (1767-1777), como Encruzilhada do Duro, foi base de guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira.

Revolucionários de 1893 e 1923 atuaram muito nesta histórica via de penetração entre Herval do Sul e Canguçu.

Obs.: As vias de penetração luso-brasileiras de nº 2 a 4 funcionaram nesta guerra como vias de penetração de guerrilheiros luso-brasileiros com os seguintes pontos de estrangulamento: Santa Tecla na nº 2. São Martinho na nº 3 e Passo N. S. da Conceição do Jaguarão na nº 4. A via de penetração nº 4 possuía uma variante que tinha por ponto inicial o Passo do Acampamento, no Rio Piratini, em Canguçu atual e ia encontrar a via de penetração nº 4, em Piratini. Este passo foi uma base de guerrilhas luso-brasileiras. Existe as ruínas de prédio da época, na região, que abordo em *Canguçu reencontro com a História*. P. Alegre, IEL, 1984.

Conclusões

Acreditamos, particularmente com apoio nas *Memórias* de Böhn, sobre a guerra ocorrida há 247 anos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou na área do Comando Militar do Sul, que ela encerre ensinamentos para o desenvolvimento da Doutrina do Exército, com expressivos e graduais índices de nacionalização. Sonho expresso pela primeira vez em 1861 pelo Duque de Caxias, ao adotar para o nosso Exército as *Ordenanças de Infantaria* do Exército de Portugal, até que pudéssemos desenvolver uma “tática genuína brasileira” em acordo com as nossas realidades. Sonho reafirmado em 1893 pelo Marechal Floriano Peixoto, como Presidente da República, ao mandar escrever sobre as campanhas do Paraguai, para despertar as aptidões dos alunos de nossas escolas militares a desenvolverem uma tática e uma estratégia brasileira condizentes com

nossas realidades. Sonhos que o Estado-Maior do Exército perseguia em 1980 com determinação, com as pesquisas históricas que procedeu em nossas escolas de formação, aperfeiçoamento e altos estudos militares, com o concurso de seus instrutores e alunos.

Ensinaamentos para desenvolvimento da Doutrina Militar do Exército nos seguintes pontos.

- Operações
- O homem brasileiro
- Chefia e liderança

As operações luso-brasileiras de guerrilhas contra os espanhóis, acreditamos, encerram valiosas e atuais lições, bem como as vias de penetração (ou infiltração) usadas pelos contedores nesta guerra.

Acreditamos que os itens Apoio Administrativo, Mobilização e Material, bem como os já apontados, contêm valiosos subsídios nacionais que atendem aos seguintes objetivos do Estado-Maior do Exército em sua Portaria 061, de setembro de 1777:

- Contribuir para o desenvolvimento da Doutrina do Exército
- Contribuir para a formação dos quadros e da tropa
- Preservar e divulgar o patrimônio Histórico e Cultural do Exército.

Planos de Defesa da Vila de Rio Grande em 1777 contra o General D. Pedro Cevallos

Depois de D. Pedro Ceballos haver, como Vice-Rei do Rio da Prata, conquistado a Ilha de Santa Catarina, em fevereiro de 1777, o próximo objetivo era reconquistar a Vila de Rio Grande que voltara para Portugal, depois de memorável assalto que sofreu, em 1º de abril de 1776, pelo Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Böhn.

Para esta eventualidade surgiram dois planos de defesa. O primeiro, de autoria do Coronel José Marcelino de Figueiredo, Governador do Rio Grande e Comandante Militar de Rio Pardo e Porto Alegre. O segundo, e o que foi executado, foi o do Tenente-General Böhn.

Para exploração didática em nossas escolas militares, apresentamos síntese dos dois planos.

Plano do Coronel José Marcelino de Figueiredo

Marcelino de Figueiredo, oficial de Cavalaria que havia planejado e executado modelar ação retardadora contra Vertiz y Salcedo, em 1774, na Fronteira do Rio Pardo, apresentou a Böhn um plano para defender o Rio Grande de um ataque, ao longo do litoral, pelo General Ceballos. Com apoio em documento em MONTEIRO, *Dominação...* In: *Anais do Simpósio*, v. 4, p 380-381, sintetizo e interpreto o plano:

Concentrar em São José do Norte e ali entrincheirar toda a Infantaria (5 RI), toda a Cavalaria (60 homens da Cia do Vice-Rei e 340 Voluntários de São Paulo), Artilharia e Cia dos Granadeiros do Regimento de Dragões do Rio Pardo.

1- Concentrar as forças navais na Lagoa dos Patos, no Saco de Estreito.

2- Reconstruir fortaleza em Estreito, com 30 peças de grosso calibre.

3- Estabelecer Área de Apoio Logístico, atrás do Forte do Estreito.

4 - Concentrar mais a retarguarda, entre a fazenda Bojuru e Campo do Meio, os civis com seus gados e carros.

5- Reforçar Rio Pardo, além do Regimento de Dragões (no Taím), menos a Companhia de Granadeiros em Rio Grande, como Regimento de Infantaria do Rio Grande (em Rio Grande) e o Corpo de Cavalaria de Pinto Bandeira e Artilhana e debandados de Santa Catarina.

6- Ativar as tropas de Auxiliares e Ordenanças para a defesa local, guardar armazéns, etc.

7- Arrear gados e plantar muito trigo, com auxílio de soldados lavradores.

8- Mudar de Povo Novo para o Forte do Arroio os colonos portugueses, por serem açorianos rebelados, que quiseram ficar com os espanhóis na invasão de 1763.

A Cavalaria de Rio Pardo (Dragões e Cavalaria Ligeira de Pinto Bandeira) deveria iniciar a guerra bem longe do Rio Pardo. E, assim, vir cansando o inimigo e atuando sobre as guardas e cavalhadas deles, “como , com feliz sucesso se fez na campanha passada”.

Substituir os Dragões em serviço no Taím e Albardão, “onde não estão contentes e não podem fugir em caso de ataque”. Substituição por

um inferior e quatro soldados, para avisar qualquer coluna que por ali passasse.

Fabricar dinheiro autenticado pela Junta da Fazenda, com selo Real e em nome do Rei, para circular como dinheiro vivo, até ser substituído por dinheiro verdadeiro enviado ao Rio Grande.

Comentário: Marcelino abdica, sem luta, da Vila do Rio Grande e do acesso do Sangradouro reconquistado a duras penas. Abdica, igualmente, duma ação retardadora, a partir da linha Taím-Albardão, até o Canal da Lagoa.

Deixa, como castigo, ao abandono, no Forte do Arroio, a população açoriana portuguesa, sob a acusação de colaboração dela com o inimigo, durante a dominação.

Plano do Tenente-General Böhn

Böhn agiu ao contrário depois de sua análise mais realista. Particularmente, quanto a da possibilidade de um desembarque de força nas praias ao norte e sul do Sangradouro da Lagoa do Patos.

Para fazer face a um ataque pelo norte e pelo sul, a Rio Grande, ao longo do litoral, com fraca possibilidade de desembarque de tropas no litoral, Böhn cobriu-se, face as duas direções e com prioridade, para o sul, da seguinte maneira: Concentrou 4 RI entre Rio Grande e a Barra, com centro de gravidade da concentração e no Forte do Arroio, por onde podia receber suprimentos, apoiar melhor as tropas do sul e retrain. Avançou a cobertura dessa posição para o Taím e Albardão, com a Cavalaria do Vice-Rei e Regimento dos Dragões do Rio Pardo. Deixou em São José do Norte, para defender a posição no caso do um desembarque do inimigo na praia, ou mesmo para acolhê-lo, o Regimento de Bragança. E, também, para reforçar o Forte Lagamar caso fosse atacado por um desembarque. Vigiou o litoral com a Cavalaria Leve de Rafael Pinto Bandeira que deixou 2 cavalos/homens, de um lado e outro do Sangradouro, conforme a necessidade de ter de atuar na Fronteira do Rio Pardo.

Finalmente, bloqueou a entrada “da Barra do Rio Grande” com os Fortes São Pedro do Lagamar e São José. Böhn decidiu realizar ali a defesa a todo o custo. Viver ou morrer e não entregar nada! A sua retarguarda, em Torres, fora feito um pequeno forte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1____. BENTO, Cláudio Moreira. Fontes de Cultura do Duque de Caxias em Arte da Guerra, *RÍHGB*: nº 328, 1980 e *Revista do Exército Brasileiro*, v. 120, 1983.

2____. Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História. *Correio Brasiliense*, 21 de abril de 1972. (Síntese Histórica dos Dragões da Independência).

3____. Santa Vitória do Palmar na História Militar. *Revista Militar Brasileira* nº 3 e 4, julho/dezembro de 1974, pp. 63-86.

4____. Contribuição aos festejos do centenário de Dom Pedrito. *A Defesa Nacional*, nº 647, janeiro/fevereiro de 1973, pp. 115-121.

5____. Bicentenário da conquista do Forte de São Martinho. *Correio do Povo*, 23 de novembro de 1975. *A Defesa Nacional*, setembro/outubro de 1975, pp. 19-26. *Correio Brasiliense*, outubro de 1975. *Revista Militar brasileira*, julho/dezembro de 1975, p. 7-10. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, outubro de 1975. *Diário Popular*, Pelotas, 7 de setembro de 1975.

6____. Uma efeméride de grande significação geopolítica e militar. *Diário Popular*, Pelotas, 7 de setembro de 1992.

7____. Bicentenário da conquista de Santa Tecla. *Diário Popular*, Pelotas, 28 de março de 1976. *Letras em Marcha*, nº 54, 1976. *Correio do Sul*, Bagé-RS, 24 e 25 de março de 1976. *Correio Brasiliense*, abril de 1976. *Correio do Povo*, Porto Alegre, abril de 1976.

8____. Bicentenário da reconquista da Vila de Rio Grande. *Revista Militar Brasileira*, IV trimestre de 1975 e 1º trimestre de 1976. *Diário Popular*, Pelotas, 4 de abril de 1976 e *Rio Grande*, 2 de abril de 1976.

9____. *O negro e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul* - FORTES, João (General). *O Rio Grande de São Pedro*. Rio, BIBLIEX, Sul, Porto Alegre, IEL, 1976. 1941. História do Exército Brasileiro. Rio, Estado-Maior do Exército, 1972,

10____. *Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, IEL, 1976. 29 – MONTEIRO, Jônathas do Rego (Coronel). *Dominação espanhola do Rio*

11____. *As charqueadas em Pelotas – Influência no povoamento do*

sul Grande do Sul. – Projeção econômica e Social. Como foram vistas por Saint-Hilaire, Debret e Herbert Smith. *Diário Popular*, Pelotas, 1 e 8 de março de 1970.

12____. Em Canguçu Velho Canguçu-RS A sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu.1783/1789.Resende RJ: FAHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS,2009.

13____. As 11 estâncias jesuíticas no Rio Grande do Sul. *Diário Popular*,

14____. Muares, contribuição ao desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

15____. SÃO LEOPOLDO, Visconde de. *Anais da província de São Pedro*. Rio, A Razão. Santa Maria, 23 de julho de 1970. INL, 1946.

16____. São Paulo e Paraná na Reconquista do Rio Grande do Sul. Boletim do IHGPR, Paraná.

17____. General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro. Resende, RJ: AHIMTB/IHTRGS, 2008. Disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br Abordo a condenação a morte do Cel Thomaz Osório.

18____. Canguçu reencontro com a História. Resende, RJ: AHIMTB/CANDHIS, 2007, 2 ed, disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br

19____. História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes. Porto Alegre: 3ªRM/SENAI,1994.

20____. História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada :Porto Alegre: Gráfica Pallotti/GBOEx, 2005, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br

21____. O negro na Sociedade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IEL,1976.

22____. Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. In: História do Comando Militar do Sul 1953/2018. Porto Alegre: CMS/FAHIMTB, 2018, p. 38/49,

23____. Escolas Militares do Rio Pardo 1859-1911, Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS/Gênesis, 2005 em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br

24____. Como estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro. Brasília: EME, 1999 2ed, Disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br

25____. A guerra de reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis. In: Brasil lutas contra invasões, ameaças e pressões externa Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2014, p. 116/126.

26 CÉSAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul – Período Colonial*.

27____. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970

28____. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul – 1605 a 1801*.

29____. CIDADE, F. de Paula (General). Síntese de três séculos de literatura militar brasileira. Rio, BIBLIEX, 1959.

30____. Segundo centenário de expulsão dos espanhóis do Rio Grande.

31____. Lutas no sul contra os espanhóis e seus descendentes. Rio de Janeiro: de BIBLIEX, 1948.

32 CRUZ, Alcides. *Vida de Rafael Pinto Bandeira*. Porto Alegre, 1906.

33____. Fortificações do canal e cidade do Rio Grande. in: *Anais do 2 Congresso de História e Geografia Sul-Grandense*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1937, v. 2, p. 243-264.

34____. Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul. Revista Militar Brasileira.

35____. OSÓRIO, Fernando Luiz. *Sangue e alma do Rio Grande*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1937.

36____. Revista do Instituto Geográfico Brasileiro. Quadro das Forças de mar e terra existentes nas Capitânicas do Rio de Janeiro e Minas Gerais e Colônia do Sacramento para a defesa da fronteira Sul. 21, 181, 185, 18, 59.

37____. SILVA, Riograndino da Costa e Silva *Apontamentos da História da 3ªRM*. Porto Alegre, 3 RM, 1971, 2ª edição.

38____. Segundo centenário de expulsão dos espanhóis do Rio Grande. Palestra em 3 de abril de 1976 no IHGRGS.

**FORTIFICAÇÕES E
BASES DE GUERRILHAS**

FUNDAÇÃO DO RIO GRANDE

- 1 - FORTE JESUS MARIA JOSÉ-1737-COJE TRUÍDO POR SILVA PAIS SUBSTITUI FORTIM QUADRADO COM 4 PEQUEROS CANOES COASTRUÍDOS SUMARIAMENTE POR CRISTÓVÃO PEREIRA DE ABBEU
- 2 - FORTALEZA N.S. DE SANTANA DO ESTREITO-1737-CONSTRUÍDA POR SILVA PAIS
- 3 - FORTE DE SÃO MIGUEL-1737 - CONS TRUÍDO POR SILVA PAIS

GUERRA GUARANÍTICA 1754-56

- 4 - FORTE DE SAITO AMARO-1754-MANDADO CONSTRUIR POR GOMES FREIRE DE ANDRADE
- 5 - FORTE JESUS MARIA JOSÉ DO RIO PARDO-1754-1820-MANDADO CONSTRUIR POR GOMES FREIRE
- 6 - FORTE SÃO GONÇALO-1755-1763-MANDADO CONSTRUIR POR GOMES FREIRE
- 7 - FORTIM DO PASSO SÃO LOURENÇO 1756-61

GUERRA 1763-1777

- 8 - FORTE SÃO CAETANO DO ESTREITO-1764-77-MANDADO CONSTRUIR POR MARCELINO DE FIGUEIREDO
- 9 - FORTE DO TERIQUARI-1764(TAQUARI) 1764-77 MANDADO CONSTRUIR POR MARCELINO DE FIGUEIREDO
- 10 - FORTE SÃO DIOGO DAS TORRES-1777-MANDADO CONSTRUIR POR MARCELINO DE FIGUEIREDO
- 11 - FORTIM DA BOCA DO MONTE-1764-ARRAZADO PELO CAP FRANCISCO PINTO BANDEIRA
- 12 - FORTALEZA SANTA TECLA-1773-78-ARRAZADO POR RAFAEL PINTO BANDEIRA E PATRÍCIO CORREIA CÂMARA
- 13 - FORTIM DO VACAÇAÍ-1774-ARRAZADO POR RAFAEL PINTO BANDEIRA APÓS O COMBATE DE SANTA BÉRGARA EM 2 JAN 1774
- 14 - FORTE DE SÃO MARTINHO-1773-75-ARRAZADO POR RAFAEL PINTO BANDEIRA E CYPRIANO CARDOSO
- 15 - FORTE SÃO JOSÉ DA BARRA 1763-76(INCENDIADO E EXPLOIDDO PELOS ESPANHÓIS EM 19 ABR 1776)
- 16 - FORTE DO MOSQUITO OU SANTA BÉRBA RA-1763-76 (19 BALUARTE CONQUISTADO PELOS PORTUGUESES EM 17 ABR 1776)
- 17 - FORTE DO TRIUNFO OU SOVO-1776-RESISTIU ATÉ O FIM O ASSÉDIO PORTUGUÊS EM 19 ABR 1776)

- 18 - FORTE DA TRINDADE-1773-76(29 81 LUARTE CONQUISTADO PELOS PORTUGUESES EM 19 ABR 1776)
- 19 - FORTE DA MANGUEIRA-1763-76 (10 BALUARTE CONQUISTADO PELOS PORTUGUESES EM 19 ABR 1776)
- 20 - FORTE DO LADINO-1763-76 (LANCEIADO PELOS ESPANHÓIS EM 19 ABR 1776)
- 21 - FORTE DA VILA-1763-77
- 22 - FORTE DO ARKOIO-1763-77
- 23 - FORTE DE SÃO PEDRO DO LAGAR NA BARRA (1768-77)
- 24 - FORTE DOS DRACÕES-1768-77
- 25 - FORTE DO POSTAL-1768-77
- 26 - FORTE DO PATRÃO MOR-1768-77
- 27 - FORTE DA GUARDA DO NORTE -1768-77

EXÉRCITO OBSERVADOR DA BANDA ORIENTAL 1809-11

- 28 - FORTE DAS TORRES-1809-1820
- 29 - REVOLUÇÃO FARROUPILHA-1835-45
- 30 - FORTE CAXIAS-1842-45-CONSTRUÍDO POR CAXIAS EM SÃO GABRIEL
- 31 - FORTE DO JACUARÃO-1842-45 (CONS TRUÍDO POR CAXIAS EM JAGUARÃO)
- 32 - FORTE DO ITAPUÁ

GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS 1851-1852

- 33 - FORTE DE CAÇAPAVA

GUERRA CONTRA AGUIRRE 1864-65

- 34 - FORTE D. PEDRO II 1864-70
- 35 - FORTE DUQUE DE SAXE 1864-70
- 36 - FORTE CONDE D'EU 1864-70
- 37 - FORTE DUQUE DE CAXIAS-1864-70
- 38 - FORTINS DE ITAQUI 1864-70

REVOLUÇÃO FARROUPILHA

- 39 - TRINCHEIRAS DE RIO GRANDE-1839-1845 (DELIMITADAS PELO MAJOR ENÉLIO LUIZ HALLET)
- 40 - TRINCHEIRAS DE PORTO ALLEGRE-1839-45
- 41 - TRINCHEIRAS DE BAGÉ - 1839-45
- 42 - TRINCHEIRAS DE ALGRETE-1839-45
- 43 - TRINCHEIRAS DE CANGUÇU -1842-45 CONSTRUIDAS PELO TC CHICO, PEDRO DE ABBEU

GUERRA 1763-77

- 44 - BASE DE GUERRILHAS DE RAFAEL PINTO BANDEIRA
- 45 - BASE DE GUERRILHAS DE RAFAEL PINTO BANDEIRA
- 46 - BASE DE GUERRILHAS DE RAFAEL PINTO BANDEIRA 1766-73 E APÓS, DO CAP CYPRIANO CARDOSO-1773-78

NOTA: FORAM CONSTRUIDOS NESTE PERÍODO DIVERSOS FORTINS NO RIO GRANDE DO SUL NÃO CONSIDERADOS NA CATEGORIA DE FORTES E FORTALEZAS. NA GUERRA DE 1801, NA BARRA SUL DO SANGRADOURO DA LAGOA DOS PATOS, EXISTIA UM FORTE ERIGIDO DAS RUÍNAS DO FORTE ESPANHOL S. JOSÉ DA BARRA - 1776.

*PESQUISA, TEXTO E ORIENTAÇÃO:
Maj Claudio Moreira Bento*

FINALIZAÇÃO DO PRESENTE TRABALHO

Como finalização do presente trabalho, tão relevante para a História do Rio Grande do Sul, registro na página anterior a localização das fortificações e bases de guerrilhas portuguesas no Rio Grande do Sul e na presente página as denominações das referidas fortificações e bases de guerrilhas correspondentes ao número de cada fortificação.

E nesta finalização a minha homenagem a todos os que nas diversas guerras contribuíram com seu suor, sacrifícios, sangue e vidas para nos legarem um Rio Grande do Sul Brasileiro e com eles alicerçarem o seu presente.

Creio que esta guerra era em seus detalhes desconhecida dos gaúchos. Ela me propiciou resgatar parte importante da perdida ou esquecida história do meu amado rincão natal Canguçu-RS cuja História comecei a resgatar em 1957 em seu centenário. E esta procura de fontes, explica o meu hoje de historiador brasileiro em especial do Exército Brasileiro, do Rio Grande do Sul e de Canguçu. Votos de que surjam outros historiadores empenhados em desenvolver a História, contrariando a observação do renomado historiador Timothy Snider professor de História na Universidade de Yale, “de que o mundo está descartando sua História no momento em que dela mais precisa”.

É preocupante para o Brasil !

Cel Claudio Moreira Bento

POSFÁCIO



Juarez Nunes da Silva – Cap R2

Presidente do IHTRGS

Acadêmico e Delegado da Delegacia “Morivalde Calvet Fagundes” da AHIMTB – Caxias do Sul/RS

Tradicionalista integrante da Equipe Técnica do Movimento Tradicionalista Gaúcho

Presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos – Caxias do Sul/RS

Membro da Liga de Defesa Nacional – Seção Caxias do Sul/RS

Membro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – Seção Caxias do Sul/RS

Há muito que carecíamos de uma abordagem clara e rica em detalhes dos movimentos de reconquista do Rio Grande do Sul, que, por treze anos, foi domínio de Espanha. E a riqueza de detalhes a que me refiro é uma qualidade do nosso incansável e prolífico pensador e historiador militar Cel. Cláudio Moreira Bento, Presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, que nos traz nesta magnífica obra, a Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul, comandada pelo Tenente-General João Henrique Böhn – Comandante do Exército do Sul.

O tema central do livro são as Memórias de Böhn, que relatam a sua expedição ao Rio Grande de 1774 a 1779, contendo 51 cartas escritas ao Marquês de Lavradio, Vice-rei do Brasil. Trata-se da contra ofensiva que permitiu a reconquista da cidade de Rio Grande em 1º de Abril de 1776 e a consolidação dessa posição, livrando os rio-

grandenses da ocupação espanhola.

Para o historiador que busca entender os desfechos dos acontecimentos, nesta obra encontrará uma percuciente descrição do cenário onde se desenvolveu a aventura humana de repelir o invasor espanhol do território rio-grandense, no momento histórico denominado de Guerras do Sul, com a natureza ditando as suas regras para tipos humanos diferentes entre si, oriundos de outras regiões menos inóspitas. Participaram direta ou indiretamente desta grande missão militar com tropas e recursos: Portugal e Angola, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina e Paraná. Homens que tiveram que se adaptar a um regime espartano de alimentação, com carne de gado e farinha de guerra (mandioca) e quando não havia, consumiam carne de peixe salgada; com a água do mar. As acomodações eram precárias, com abrigos improvisados com ramos de árvores, palhas e barracas com tecidos apodrecidos. Além de aprenderem a montar e se acostumarem ao lombo dos cavalos e mulas, esses soldados tiveram que se adaptar aos costumes locais para se tornarem guerreiros nas coxilhas, agregando-se aos estancieiros-militares rio-grandenses, acostumados às peleias no vaivém das fronteiras, que tinham nas suas invernadas os índios, negros e caboclos meridionais - mescla de brancos portugueses e espanhóis com índias charruas e minuanos. Acrescente-se também o nada disciplinado gaudério, com o seu modo solto de viver, que só obedecia a elementos da tropa de Rafael Pinto Bandeira. No entanto, estes gaudérios receberam elogios de Böhn, por serem corajosos e intrépidos, trazendo informações do que se passava nos acampamentos adversários, além de alimentar as tropas com o gado espanhol apresado, compromisso que os “malditos e honestos” nobres não estavam fazendo. Com hábitos diferentes, esses homens que vieram do centro do país, nordeste e de Portugal, não conheciam o ambiente onde vieram lutar – terra ainda por desbravar e que contava com apenas 26 anos de povoamento. Para entender o tipo humano que aqui lutou, basta entender a definição de Böhn: “O melhor soldado desta tropa não poderia servir em nenhuma tropa regular. Mas, também, o melhor cavaleiro da Europa não valeria nada para o Serviço de Campanha aqui”.

Esta obra é de nímia importância para a ciência e arte da guerra. Para os militares que apreciam estudar os movimentos das tropas, táticas e técnicas de luta, vão encontrar nesta obra raro descritivo de uma “verdadeira missão militar”, com a missão de manter a paz, se possível, ou “... atacar sem descanso, até não existir um castelhano no Rio Grande”. Do estudo do terreno, que era um território com uma topografia de difícil ocultação e carente de recursos para a cavalaria e gado, com pastagens ruins e pouca aguada, Böhn decidiu pela ofensiva. No verão, sofreram com a seca e no inverno, o tempo inclemente com chuvas intermináveis, faziam os arroios e rios saírem da caixa, impedindo o movimento das tropas. Também conheceram o “General Vento”, que atrapalhava as operações, deitava os fortes em terra, destruía barracas e provocava efeitos semelhantes a tempestades de areia. A artilharia era puxada por tração bovina, onde as flechas das carretas eram substituídas por cambões e cangas falquejadas por hábeis carpinteiros, com madeiras retiradas dos matos. A marcha, ao estilo tártaro, exigia uma quantidade grande de animais. E os cavalos disponíveis eram muito ruins, até porque não havia pastagens suficientes na região. E o ideal eram 3 animais para cada soldado, para fazer as mudas, pois os terrenos eram de difícil acesso e a cavalaria estropiava com facilidade. Houve tempos que, por falta de capim, a cavalaria teve que alimentar-se de ervas e raízes. A travessia do Rio Mampituba com animais cavalares e vacuns, inclusive puxando carretas é uma descrição interessante. As fortalezas, na verdade, não eram fortins e sim baterias muito mal construídas, mal guarnecidas, arruinadas e desprotegidas na retaguarda – eram fortificações precárias feitas de taipas.

O Exército Colonial do Brasil não tinha uma doutrina militar padrão. A influência militar de Böhn, presente em nosso território por 16 anos, foi muito importante para a doutrina militar do país, perdurando por 30 anos após a sua morte, até ser substituída pela doutrina de Beresford e Duque de Elvas. Para enfrentar o poderoso exército espanhol, optou-se pela adoção da guerra de guerrilhas, aproveitando o máximo do terreno rio-grandense fazendo surpresas ao inimigo, partindo de matos, passos de rios e arroios, causando baixas, arruinando cavalhadas, gados e suprimentos, além da inquietação

– atividade que perdurou por 10 anos. Estas patrulhas tinham como líderes os Pinto Bandeira, pai e filho – com destaque para Rafael Pinto Bandeira, a “espada continentina”, o tormento e flagelo dos espanhóis - o rio-grandense cuja cabeça era o verdadeiro mapa do Rio Grande. Esta técnica de combate mais tarde foi utilizada com sucesso pelo “quero-quero farroupilha” David Canabarro, na Guerra dos Farrapos, que fez uso da guerra de guerrilhas por 16 meses, caracterizando estes movimentos como a “guerra à gaúcha”. A disciplina das tropas foi bem encaminhada pelo Conselho de Guerra, ocorrendo indisciplina somente no final da guerra, por tropas de aventureiros vindos de São Paulo. O moral dos combatentes abalou-se muito pelo despreparo militar dos portugueses, passando pelo Rio de Janeiro, além do atraso dos soldos. A qualidade dos homens era questionável, pois houve uma leva de 400 a 500 homens vindos de Lisboa que eram criminosos e desertores tirados das prisões, muitos já velhos e doentes. Pelo tipo de gente recrutada, atrasos nos soldos, houve muitas deserções, o que era um bom negócio, pois se levava junto o cavalo e armas. E o perdão era garantido, se fossem reconvocados. Inteligente foi a improvisação de Rafael Pinto Bandeira em construir “pelotas” com couros de bois carneados nas margens de um rio profundo, para atravessar as bagagens de uma margem a outra, conduzidas por um homem assentado sobre elas e outro, despojado das roupas, nadando a frente e puxando a pelota por um tento de couro. A cidade de Pelotas/RS, onde o cearense José Pinto Martins fundou a primeira charqueada no sul, em 1780, recebeu este nome em razão das “pelotas” que atravessavam as cargas de charque de um lado a outro do rio. O Rio Pelotas, que divide o Rio Grande e Santa Catarina, também recebeu este nome em razão das “pelotas” de couro que ali atravessavam no ciclo do tropeirismo. As atividades da marinha de guerra também têm o seu ponto alto nesta guerra de reconquista. Destaque para a construção de jangadas pelos pernambucanos, que facilitavam a travessia das tropas em águas rasas. As fortificações junto ao litoral, por sua vez, infelizmente sofriam com os fortes ventos e a fúria do mar. A pólvora se perdia com a intensa umidade e tinha que ser racionada. As cargas de canhão tiveram seus cartuchos diminuídos a um terço. Interessante também é a solicitação

de uma tropa de caçadores ao Governador Marcelino para exterminar os tigres que atacavam a cavallhada e o gado.

Uma lição aos militares de hoje são os valores praticados pelo Cabo de Guerra Böhn, como exímio planejador, coordenador e líder de combate, que aproveitava os conhecimentos de cada comandante de tropa e as nuances da capitania. Sabia influenciar, importante característica do líder, sabendo conduzir as operações com o silêncio necessário para as surpresas e agilidade nos desembarques de tropas com os barcos. Destacam-se as manobras de assalto estabelecendo as cabeças-de-praia na margem sul; a surpresa nos ataques; a massa e segurança; ataques noturnos com sabres; manobras rápidas e simples no deslocamento das tropas de uma margem a outra. Ações psicológicas tiveram lugar na campanha e na Vila de Rio Grande no assalto aos fortes espanhóis quando os luso-brasileiros gritavam que “iam passar todos os espanhóis ao fio da espada”. Cabe um destaque as marchas do Major Patrício Correa da Câmara na conquista e expulsão dos espanhóis do Forte Santa Tecla, liderando os Dragões do Rio Grande (Rio Pardo). Mais tarde, em 1801, expulsou pela segunda vez os espanhóis do Forte Santa Tecla e participou da conquista dos Sete Povos das Missões. A portaria Ministerial nº 327, de 19mai92 concedeu à 3ª BdaCMec o estandarte e a denominação histórica de “Brigada Patrício Corrêa da Câmara”.

Para os tradicionalistas, esta obra é uma fonte rica de informações sobre o nosso gaúcho dos primeiros tempos. Os peões-soldados do Regimento de Dragões eram “gente muito bem feita, esportiva e ágil”, sendo comparados aos árabes. Aliás, em “Gaúchos e Beduínos”, de Manoelito de Ornellas, há uma alusão da nossa descendência árabe, porque a Península Ibérica ficou dominada pelos sarracenos por mais de 900 anos. Então, portugueses e espanhóis absorveram estes costumes e nos legaram em nossas origens. Oportunidade para recordar os primeiros passos do tropeirismo com o Coronel Cristóvão Pereira de Abreu, movimento este que alavancou a economia do sul na condução de tropas de gado e muares até Sorocaba/SP e, ao semear os pousos das tropas, lançou as sementes de grandes cidades na região sul. Pesquisa rica que sinaliza o incentivo da criação das primeiras estâncias,

em 1733, em torno de Viamão, com o precursor João de Magalhães e depois os Pinto Bandeira. Muito importante para os gaúchos é a definição de “gaudério”, termo erroneamente e comumente utilizado para designar os gaúchos nos seus usos e costumes que envergam uma pilcha histórica (botas, bombachas, chapéu, guaiaca e lenço no pescoço). O termo designa o vagabundo, o parasita, o andejo da pampa, sem rei e sem fé, que se aproveita de outros para ter uma vida de facilidades. Expressões gauchescas de importância como o “conhecedor de caminhos”, o tapejara ou vaqueano, a quem tivemos como figura representativa Rafael Pinto Bandeira. Surgem termos pouco conhecidos como as razzias, ou roubo de gado; as arreadas, que eram ações de requisição de gado e cavalaria nos territórios de ocupação inimiga para o emprego militar. As boleadeiras figuram nas narrativas, quando o Major Nóbrega é atingido, um instrumento indígena que com o tempo foi se aperfeiçoando e foi muito utilizado na pecuária e na caça de avestruzes e nandús (emas). Também surgem termos como cavalo reiúno (do rei) e os campos neutrais (onde nem português ou espanhol tinham posse).

A restauração do Rio Grande do Sul foi uma verdadeira missão militar conduzida pelo Tenente-General Böhn, que manteve a integridade do Rio Grande à pátria brasileira. No entanto, foram anos de sofrimento e abandono pela autoridade do vice-reinado. O vice-rei relutou em retirar as tropas do Rio Grande e a fome começou a rondar o Exército do Sul, obrigando Böhn a dispersar a tropa para evitar uma tragédia. Tratados com indignidade, não foram reconhecidos pelo seu desempenho militar. Abandonados, a tropa recebeu um único par de sapatos em quatro anos; ainda tiveram que financiar seus próprios uniformes e construir suas cabanas improvisadas por não receberem barracas. Mesmo assim, Böhn relata que os soldados executavam os serviços com a mesma regularidade, como se estivessem vivendo em abundância, sem roubar ou cometer violência. Böhn cumpre a sua missão com mérito, numa obra importante para o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, fazendo jus de ocupar a galeria dos construtores do Rio Grande.

Portanto, eis uma obra de conteúdo minudente sobre a formação

de nosso território, importante contribuição para o desenvolvimento da doutrina militar brasileira e preservação do patrimônio histórico, cultural e das tradições gaúchas do nosso povo. Leitura cativante pela riqueza de detalhes das manobras, dos tipos humanos destituídos de coberturas heroicas, falando dos seus erros e acertos, dos usos e costumes daquele tempo, que fazem parte do patrimônio histórico e tradicional do povo gaúcho, cultuado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Agradeço a honra que me foi dada para preparar o posfácio desta edição e cumprimento o nosso expoente-mor da história militar do Brasil, Coronel Bento, por apresentar esta obra, um luzeiro que vem iluminar e decifrar os dias em que nosso território esteve nas mãos dos espanhóis, matéria desconhecida dos bancos escolares, de pesquisadores e historiadores em geral.



***Autor e suas obras
Currículo Militar e Cultural do
Cel Claudio Moreira Bento***

CLAUDIO MOREIRA BENTO é historiador militar, jornalista, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), fundada em 10 de março de 1996, em Resende-RJ, a qual tem sua sede na Academia Militar das Agulhas Negras. Fundador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), fundado em 10 de setembro de 1986 em Pelotas e com sua sede hoje em Caxias do Sul. Fundador da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), fundada em 13 Set 1988, a qual tem sua sede própria em Canguçu-RS. É membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). É acadêmico da Academia Brasileira de História, na qual é titular da Cadeira 12 - General Augusto Tasso Fragoso; é acadêmico correspondente da Academia Portuguesa de História, e sócio correspondente da Real Academia de História de Espanha, da Academia Argentina de História, dos institutos de História do Uruguai e Paraguai e de entidades congêneres no Brasil dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e das cidades do Rio de Janeiro, Pelotas, São Leopoldo, São Luiz Gonzaga, Itajubá-MG, Sorocaba-SP, Resende, Itatiaia, Barra Mansa e

Volta Redonda, RJ. Integra, no Rio de Janeiro, a Sociedade Geográfica Brasileira e também os Institutos Bolivariano, dos Centenários, Histórico do Brasil - Peru - Marechal Ramon Castilla e o Instituto de Estudos Vale-paraibanos. Integra, em Porto Alegre, o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL). É correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul, da Paraíba e da Raul Leoni em Petrópolis. Possui o curso de Pesquisadores das Forças Terrestres Brasileiras pelo Estado-Maior do Exército. Coordenou em 1970/71, como missão militar, o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, coordenou as operações de pesquisa histórica do Projeto Rondon nos Guararapes e o Projeto Rondon - Arquivos 1. Integrou a Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército (CHEB/EME1971/74) como adjunto de sua Presidência, a qual teve entre outras missões, e a seu cargo, o projeto, coordenação e edição da História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo, que é uma contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência, cabendo-lhe, também, como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército Gen Ex Alfredo Souto Malan, redigir o capítulo relativo às Guerras Holandesas. Presidiu comissão da Revista do Exército evocativa do bicentenário do Forte de Coimbra e a que estudou a criação do Museu do Exército no Forte de Copacabana. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, 1978/80, quando teve editado pelo Estado-Maior do Exército, em 1978, sob a forma de manual, o seu livro Como estudar e pesquisar a História do Exército, obra reeditada pelo Estado-Maior do Exército em 1999 e distribuída às escolas AMAN, EsAO e ECEME. No EME, Integrou na AMAN, as comissões evocativas dos centenários de falecimento do Marechal Osório em 1979 e a Duque de Caxias em 1980 e também a elaboração dos livros textos História Militar do Brasil, patrocinados pelo EME e História da Doutrina Militar da Antiguidade a 2ª Guerra Mundial, os quais coordenou e enriqueceu, como historiador militar já consagrado, premiado e membro de instituições de História nacionais, estaduais e municipais.

Foi premiado em concursos literários com os seguintes trabalhos:
- O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira (1974), pela Associação Rio-grandense de Imprensa e pela Assembleia Legislativa do RGS;

- O Negro na Sociedade do RGS e - Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (1975 - 76), pelo Estado do Rio Grande do Sul; A produção de Informações Estimadas (1975), pela EsNI; - O Exército Brasileiro no Desenvolvimento (1988), pela Military Review do Exército dos EUA; - O Exército e a Abolição (1988) e - O Exército na Proclamação da República (1989), pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército (DACED), publicado pelo SENAI-RJ, lançado na ECEME e distribuído na AMAN. E autor do livro Amazônia Brasileira - Conquista, Consolidação. Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003, ora em reedição ampliada. E autor do livro A Revolta do Contestado 1912/16 nas memórias e ensinamentos de seu Pacificador.

É autor de cerca de mais de 107 obras, entre livros, plaquetas e álbuns, além de centenas de artigos sobre a História Militar do Brasil e de suas Forças Armadas e, em especial, a do Exército Brasileiro, em periódicos civis e militares, nacionais e estrangeiros. No conjunto de seus trabalhos publicados, registram-se, entre outros, As Batalhas de Guararapes (Recife: UFPE, 1971, 2v); A grande festa dos lanceiros (Recife: UFPE, 1971); Símbolos do RGS (Recife: UFPE, 1971); Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (P. Alegre: IEL, 1975); O Negro na Sociedade do RGS (P. Alegre: IEL, 1975); Como estudar e pesquisar a História do Exército (Brasília: EME-EGCCF, 1978); Canguçu - reencontro com a História (P. Alegre: IEL, 1983, reeditado ampliado em 2007); A História do Brasil através de seus fortes (P. Alegre: GBOEx, 1982); Álbum Escolas de formação de oficiais das FFAA (Rio: FHE-POUPEX, 1988); Álbum A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República (Rio: FHE-POUPEX, 1980); Amor Febril - memória da canção militar brasileira (Porto. Alegre: GBOEx, 1990). E as plaquetas Centenário do término da Guerra do Paraguai (Maceió: Trib. Contas, 1972); Tradição e Disciplina (Fortaleza: UFCE, 1971); A Conquista da Amazônia (Rio: DNF, 1972); O Libertador do Acre (Belém: SUDAM, 1973); Sesquicentenário da PMSP (São Paulo: PMSP, 1981); O mineiro cérebro da Revolução Farroupilha (Itajubá: EFEI, 1981); Síntese Histórica do 4º BECmb (Itajubá: 4º BECmb, 1981); Sesquicentenário do combate de Rio Pardo (Rio: MONASA, 1981); Centenário de Conrado Ernani Bento (Canguçu: 1988); Porto Alegre - Memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias (Brasília: ECGCF, 1989); O Exército Farrapo e os seus chefes (Rio: BIBLIEX,

1992, 2v.); A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende (Rio: SENAI, 1992) e O Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras; Álbum Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil (Rio de Janeiro: FHE/POUPEX, 1988); A Participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na II GM (Resende: 1995); Canguçu - síntese histórica (1991); Real Feitoria do Linho-cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89 (Canguçu: Prefeitura, 1992, Administração prefeito Nelson Edi Grigolleti); Os Puris do Vale do Paraíba (Volta Redonda: Gazetilha, 1995); Os 68 sargentos heróis da FEB mortos em Operações de Guerra (Resende: FAHIMTB, 2011) publicado em 2011 e lançado na Escola de Sargentos das Armas no centenário do Sargento Max Wolf e Marinha Mercante na II GM (1995), pela ANVFEB, por iniciativa do Dr. Joaquim Xavier da Silveira, veterano da FEB, além de inúmeras pesquisas básicas de História Militar nas revistas A Defesa Nacional, Revista do Exército, Revista do Clube Militar, Revistas dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil, Histórico e Geográfico Brasileiro, Histórico e Geográfico de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, etc.

Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário da entidade, em 1977. Nos centenários da República e da Bandeira Nacional integrou comissões do Exército e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorativas do evento, tendo publicado várias matérias e tendo coordenado a publicação da obra alusiva ao tema: Cadernos da Comissão do Exército para as comemorações dos centenários da República e da Bandeira (Rio: BIBLIEx - SENAI, 1991).

Natural de Canguçu-RS, nascido em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 1930 e 1932. Coronel Reformado de Engenharia, Turma Asp Mega, 15 Fev 1955. Foi diretor do Arquivo Histórico do Exército em 1985-1990. E irmão da Santa Casa do Rio de Janeiro e detentor da Comenda João Simões Lopes Neto, conferida por Lei pela cidade de Pelotas-RS, além de outras distinções como cidadão honorário das cidades de Itajubá-MG, Resende e Itatiaia-RJ e transcrições de artigos de sua autoria na Câmara Federal, Assembleias Legislativas de Minas Gerais e Goiás e na Câmara de Vereadores de Recife.

Fez seus estudos no Colégio Nossa Sra. Aparecida, em Canguçu, 1938/44; em Pelotas, no Ginásio Gonzaga e Pelotense, 1945/50. Praça

do Exército em 27 Jan 1950, na 3ª Cia de Comunicações em Pelotas. Foi Aluno da EPPA - Porto Alegre, 1951/52; Cadete na AMAN 1953/55 - Turma Asp Mega, 15 Fev 1955; 6ª Cia de Comunicações, São Leopoldo, 1955/57; 1º Batalhão Ferroviário, Bento Gonçalves, 1957/59 e 1961/66; 3ª Cia Comunicações e 3º BE Combate, Cachoeira do Sul, 1959/61; EsAO, 1964; ECEME, 1967/69; EM/CMNE, 1970/71; EME, 1971/74; DEC, 1974; EsNI, 1975; EM/CMSE, 1976/77; AMAN, 1978/80; Comandante do 4º BE Cmb, Itajubá, 1981/82; EM/1ª RM, 1983/84; Diretor do Arquivo Histórico do Exército, 1985/90.

Transferido para a Reserva com 40 anos de efetivo serviço, fixou residência em Resende/Itatiaia-RJ, onde fundou e presidiu as Academias Resendense e Itatiaense de História em 1992. Em Resende foi diretor cultural da Sociedade Resendense de Amigos da AMAN (SORAMAN).

Sua biografia parcial consta das seguintes obras: - Dicionário bibliográfico de historiadores brasileiros. Rio: IHGB, 1981, v.I e Dicionário bibliográfico gaúcho (P. Alegre: EST/Edigall991,p.31).

Possui muitos artigos de interesse da História da 3ª RM e do CMS na Imprensa do Rio Grande do Sul: Diário Popular - Pelotas; Correio do Povo, Zero Hora e O Tradição, de Porto Alegre, O Liberal de Canguçu, Santa Vitória e São Gabriel; A Platéia e Folha Popular em Sant'Ana do Livramento; O Correio do Sul em Bagé; Folha de São Borja; Rio Grande de Rio Grande; O Timoneiro em Canoas e nas revistas do IHGRGS, Academia Rio-Grandense de Letras, Instituto de Filosofia da UFRGS, etc.

A BIBLIEx publicou seu livro A guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1874-76, abordagem pioneira de grande interesse para a História Geral do Rio Grande do Sul e hoje disponível no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br), bem como os trabalhos de sua autoria Medalhas de Honra do Brasil (condecorações civis e militares do Brasil), e também o álbum esgotado A História do Brasil através de seus fortes, patrocinado pelo GBOEx, ou seja, a citada História do Brasil através de seus fortes com o título Fortaleza Brasil. E também no site o álbum Os patronos nas Forças Armadas do Brasil.

Dentre suas condecorações se destacam: Comendador do Mérito Militar; Medalha de Platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Cavaleiro do Mérito das Forças Armadas; Medalha do

Pacificador, de Honra da Inconfidência, por méritos cívicos, e Medalha de Santos Dumont, por Minas Gerais; Medalha de Mérito Tamandaré, pela Marinha; Medalha Presidente Coruja, pela Associação Sul-Riograndense; Medalha do Sesquicentenário da Polícia Militar de São Paulo; e por Resende, a Comenda Conde de Resende, além de inúmeras comemorativas de eventos históricos.

Desenvolveu, como vice-presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos e, como coordenador científico, o XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba em Jul 1996, tendo por tema O vale do Paraíba na História Militar, trabalho cujo exemplar guarda na sede da FAHIMTB. Evento em cuja preparação foi fundada a hoje FAHIMTB que completa, em 20 de março de 2019, 23 anos de profícuos serviços, em especial à História do Exército Brasileiro e, em particular, a sua História Militar Crítica, a serviço da instrução e ensino dos quadros e da tropa e do desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro. Sua grande e pioneira contribuição à História do Exército no Rio Grande do Sul foi a conclusão do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constituído de 21 livros: História do CMS, 1995, ora atualizado e reeditado em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; A História da 3ª Região Militar em três volumes sendo que o 2º volume foi reeditado. A História da 3ª e 6ª Divisões de Exército; a História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, da 6ª Brigada de Infantaria Motorizada e a História da 1ª, 2ª e 3ª Brigadas de Cavalaria Mecanizadas; a História da 3ª e 6ª Artilharias Divisionárias; a História do Casarão da Várzea; das Escolas Militares de Rio Pardo e as biografias dos líderes de batalha e de combate que atuaram na área: Duque de Caxias, Marques do Erval, Conde de Porto Alegre e Brigadeiro Antônio de Sampaio, este O Bravo dos bravos de Tuiuti. E também a História de Hipólito da Costa, filho de militar, sobrinho do Capelão Militar de Colônia do Sacramento, pai de um marinheiro brasileiro e pai e avô de oficiais do Exército Inglês.

Obras para qual concorreram como parceiros o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, na maioria delas e, em uma obra, o Cel Mário José de Menezes. Outros, o Cel Ernesto Caruso, Major Andrei Clauhs, Subtenente Osório Santana Figueiredo, Sargento Ref Carlos Fonttes e o Dr. Eduardo Cunha Miller. Projetos nos quais foi relevante a contribuição do acadêmico benemérito, Professor Flávio Camargo

como editor, em especial do nosso livro Caxias e a Unidade Nacional e também no projeto, regulamento e adoção da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, a do Mérito Farroupilha, e a Medalha do Cerro da Liberdade da Academia Canguçuense de História. E também a contribuição de meu filho Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento na elaboração das capas da maioria dos livros do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul.

